Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Elisabete Mónica Moreira Faria

Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história.

Aprender fazendo com/para/na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas

Tese apresentada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
para obtenção do grau de Doutor em Educação Artística

Orientadores
Professor Doutor José Carlos de Paiva, FBAUP
Professora Doutora Natércia Pacheco, FPCEUP

A to das

a s m ães

t erra e

p ai s

se me n t e

q ue na

natureza

se re

vêem.

Resumo

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas fica no Município de Salgueiro, sendo o segundo distrito desse município, no Estado de Pernambuco, cuja capital é Recife. Neste espaço geográfico, os moradores vivem contando as suas histórias de geração em geração, as mudanças que foram acontecendo ao longo da sua estadia nesse seu território. Histórias de lutas e de conquistas, de aventureiros que partiam, de viajantes que chegavam, histórias com a idade de 200 anos que ensinam sentidos de vida diversificada, com os outros e com o meio envolvente. Esses ensinamentos fortificam o habitante deste mundo a ser questionador, guerreiro, presente e é através da educação que os quilombolas dedicam o seu tempo a fortalecer a comunidade de amanhã. Conscientes da terra, da identidade, do outro, da política, da organização, da saúde, educam-se mutuamente atentos e activos nas mudanças que promovem o ciclo da renovação.

Por se tratar de uma investigação que une duas áreas riquíssimas porque dotadas de uma inquietação constante na sua relação com o mundo e com o ser – a educação e a arte - a proposta que aqui se defende é a de que é necessário questionar o olhar, principalmente o olhar de quem olha, não propriamente de quem observa mas de quem assimila. Dessa forma, propõe à própria prática investigativa questionar a sua relação com a aprendizagem. Para aprender fazendo com/para/na comunidade foi necessário viver e apreender a vida quotidiana na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Todo o diálogo aconteceu entre pertencer à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e às escolas e associações da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

“Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história” encontra na dança do trancelim - prática artística, simbólica, identitária - a essência da educação enquanto processo infinito, nesse método a pesquisa assume todo o seu carácter expositivo e reflexivo.

Abstract

"Quilombo" community of Conceição das Crioulas is the second district of Salgueiro municipality in the state of Pernambuco, whose capital is Recife. In this geographical area, residents live telling their stories generation to generation, the changes that were happening throughout their stay in its territory. Stories of struggles and achievements of adventurers who journeyed, travelers who arrived, stories with 200 years teaching senses of diverse life, with others and with the environment. These teachings fortify the inhabitant of this world to be questing, warrior, and it is through education that the "quilombolas" devote their time to strengthen the community of tomorrow. Aware of the land, identity, of the other, politics, organization, health, they educate themselves mutually aware and active in the changes that promote the renewal cycle.

Because it is an investigation that brings together two extremely rich areas because endowed with a constant concern in their relationship with the world and with the being - education and art - the proposal here is that it is necessary to question the view, especially the view of the viewer, not exactly of the beholder but who assimilates. Thus, it proposes to own investigative practice question their relationship with learning. To learn by doing with/for/in the community was necessary to live and learn everyday life in the Quilombo community of Conceição das Crioulas. All dialogue happened between belonging to the Faculty of Fine Arts in Porto University and schools and associations of the "Quilombo" community of Conceição das Crioulas.

"Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história" finds in the "trancelim" dance - artistic practice, symbolic, identity - the essence of education as an infinite process, in this method the research assumes all its expository and reflective character.

Agradecimentos

Agradeço à inevitabilidade do encontro e às dádivas que com ele se transporta.
Agradeço a todo o corpo docente e auxiliares que faz da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto a instituição que é. Saber que são 16 anos de relação, mesmo com algumas interrupções, faz-me reviver na memória toda a gente que contribuiu e participou no meu entendimento de mundo, resta-me agradecer aos que já cá não estão, aos de sempre e aos recentes. Ao Professor Doutor José Paiva e à Professora Doutora Natércia Pacheco. Aos *amigos de escola* que ainda hoje são compinchas de desabafos e desafios. Nestes últimos anos de relações, o agradecimento alarga-se ao corpo docente da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto pela parceria realizada a partir do Mestrado em Artes Visuais. Ao i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade e ao Núcleo de Educação Artística. A Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto ocupa, por isso, a minha viagem ao outro lado do espelho.
Agradeço à Fundação para a Ciência e Tecnologia, que financiou este trabalho através da Bolsa de Investigação SFRH/BD/81983/2011, no âmbito do QREN - POPH/FSE, comparticipado pelo Fundo Social Europeu e fundos nacionais do MCTES.
A todas as minhas famílias, aquelas que não estão apenas previstas na constituição civil, com quem criei laços de comunidade, de partilha e de amor. Elas são na sua totalidade a força com que hoje ainda acredito na luta pelo questionamento das condições humanas que enfrentamos enquanto sociedade. Elas compõem, juntas, o lugar que hoje chamo casa. Que contribuíram em todas as medidas com a vontade de lutar pelos desejos que partilhamos e pelos sonhos que construímos. De todas elas, a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas é, irreversivelmente, o lugar simbólico que atribuo ao sentimento invulgar de me sentir intimamente longe. Obrigada por todas as aprendizagens.
À minha família genealógica que me sustem nas horas de grandes ventanias e de grandes calmarias, sem ela não conheceria a incondicionalidade de amar e de lutar por um mundo mais justo. Ao meu pai Augusto e à minha mãe Deolinda, ao meu irmão Ismael, à Nancy e ao Gabriel. Ao tio António, o construtor da minha primeira casa de madeira e ao tio Abílio.
Agradeço às instituições que me apoiaram nos momentos mais decisivos, à Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, à Escola José Néu de Carvalho, à Escola Bevenuto Simão de Oliveira, à Escola Professor José Mendes, à Escola Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes, à oficina Ana Antunes, à oficina Bai d'Roda, Casa da Imagem, Livraria Manuel Ferreira, Clube de Desenho, Itálico, Foge Major, EstúdioUm, à oficina Joana Paradinha, OSMOPE.
Aos amigos e amigas que ficaram e que (re)encontrei pelas idas e vindas aos Brasis, Célia Albuquerque, Cecília Chrispim, Chico e Suelena Dantas, Cybele Dantas, Felipe Calheiros e Milenna Gomes, Maria Alice Amorim. Marta Antunes, André Araripe, Érika, Synara, Nilton Pereira, Renata Gameiro. Pedro Américo de Farias, Lídio Parente, Caroline Leal, Renato Santana, Juana, Sebastian e Yolanda, e no intermeio, à amiga Miye Tom e Peter Lownds.
Às amigas e amigos que me acompanharam ativamente na espera, Natacha Antão, Vítor Martins, Joana Paradinha. Adriana Oliveira, Maria João Carona, Tatiana Santos, Diana Ferraz, Claudia Lopes, Mariana Ferreira, João Guimarães, Joana Mateus. Inês Azevedo, Lucas, Irene. Luís Pinto, Mariana Gomes, Luísa Quintela, Manel Cruz, Susana Fernando, Carla Cruz, Marta Ribeiro.
Pelos quatro anos de aventura em conjunto, e por alargar os horizontes de tudo o que meu significa e porque só agora começou, Obrigada Manuel dos Reis!
A todas as pessoas que habitam o meu universo, tem sido bonita a festa pá!

Escrevi o poema 'As Marias da minha Terra',
na aula de Português da Professora Márcia Nascimento
na Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes.
Este tema: 'As Marias da minha Terra', foi a proposta feita à turma do Normal Médio,
para escrever sobre o seu lugar a partir da literatura de cordel.
Também participei, penso que não tive oportunidade de o ler para toda a turma.
Ficou aqui, nesta tese, como abertura.

Minha terra fica longe
Do outro lado do mar
Passo aqui muitos dias
A pensar em lá voltar
Estou aqui há ano e meio
Com vontade de ficar

Um lugar de aprendizado
A gente não esquece não!
Conceição das Crioulas é
Meu lugar de eleição
Para quem quer conviver
Com o quente do sertão

Lá longe fica meu Porto
Minha casa e meu luar
Levo comigo a terra
Que cativou meu olhar
Quem sabe se um dia volto
De novo a este lugar?

Índice

15 **Génese e Introdução**

49 **Intertexto**

65 **A Arte do Encontro**
68 O início
77 Numa conversa há sempre interrupções
85 De encontro à terra
95 Os próximos capítulo
99 Particular interessante ou Otorrinolaringologista

105 **Intertexto**

117 **Historiando**
121 Quem fabrica o passado?
123 Dia da Consciência Negra
125 Porque será tão difícil contar a história da Conceição das Crioulas?
132 Quilombo de Conceição das Crioulas

141 **Intertexto**

153 **A escola no Quilombo de Conceição das Crioulas**
160 Escola Municipal José Néu de Carvalho
165 Escola Municipal Professor José Mendes
169 Escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira escolas
172 Escolas
176 Da escola Professor José Mendes para a Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes
182 Gestão Diferenciada
186 Formação de Professores e Professoras versus Encontro de Pesquisadoras e Pesquisadores

191 **Intertexto**

209 **Educação em Território Quilombola**
212 Trancelim
214 Era uma vez um umbuzeiro
219 Na sala de aula
221 Produzir para a XVI Fenearte
222 Sabão da Terra
223 O mundo hoje é a Copa do Mundo
226 Amarelo é o milho e a terra!
227 A terra é da Aroeira
240 Desenho o que sei ou o que me contam/Desenho como me dizem ou como vejo?
242 Recolhendo plantas
247 E o Posto de Saúde ficou com o nome de Mãe Magá
248 O barro
251 As aulas de História
253 Vamos pintar os muros da escola
254 "Histórias contadas pelas pessoas mais velhas"
256 Nós criamos
258 Nós comemos
261 O Milho e o S. João
263 Desenhos do Território Quilombola
264 Nós plantamos
267 Como se desenha uma estrela
268 Viagem

270 **Intertexto**

289 **Vou-me embora mas levo-te comigo. Até já.**

293 **Bibliografia**

301 **Adenda**

Anexos (2016). Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história. Aprender fazendo com/para/na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

GÊNESE E INTRODUÇÃO

Génese e Introdução

> "Entonces, ¿qué es un pueblo?, un pueblo es el proyecto de ser una historia. Cuando la historia que tejía colectivamente, como el tramado de un tapiz donde los hilos diseñan figuras, a veces acercándose y convergiendo, a veces distanciándose y en oposición, es interceptada, interrumpida por fuerza de una intervención externa, este sujeto colectivo pretenderá retomar los hilos, hacer pequeños nudos, suturar la memoria, y continuar. En ese caso, deberá ocurrir lo que podríamos llamar de una devolución de la historia, restituir la capacidad de tramar su propio camino histórico, reanudando el trazado de las figuras interrumpidas, tejiéndolas hasta el presente de la urdimbre, proyectándolas hacia el futuro[1]." (Segato,2011,25)

A lei 10.639 de 2003 define a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira, em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. O conteúdo programático incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade brasileira, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, económica e política pertinentes à História do Brasil.[2]

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas conhece bem esta lei, aliás lutou por ela e conquistou-a, mas para isso, precisou de ir atrás da história de um povo que foi interrompida, por outro povo. Quebrar a barreira do analfabetismo, ter acesso à escolarização, para mim, e para a comunidade quilombola significa isso mesmo, poder ter acesso à história para haver "uma devolução da história, restituir a capacidade de tecer o seu próprio caminho histórico", juntando os fios soltos, interrompidos, poder reconstituir essa mesma história. Não tolerar a imagem projetado de um povo sobre um outro povo, não mais a presença de um povo negro nulo, escravo, dependente. Para que essa mudança se opere, é preciso investigar, e a escolarização permite ter acesso à informação, à mesma informação isso significa ocupar o mesmo lugar, e por sua vez dessa forma reconstituir o caminho que ficou apagado, esquecido enriquecendo o conhecimento de todos os povos.

Por outro lado, existe a história particular do povo quilombola da comunidade de Conceição das Crioulas que precisa ser anunciada. Uma história que sobrevive

1. "Então, o que é um povo?, um povo é o projeto de ser uma história. Quando a história que tecia coletivamente, como a trama de um tapete onde os fios desenham figuras, às vezes aproximando- se e convergindo, às vezes distanciando-se e em oposição, é interceptada, interrompida por força de uma intervenção externa, este sujeito coletivo pretenderá retomar os fios, fazer pequenos nós, suturar a memória, e continuar. Nesse caso, deverá ocorrer o que poderíamos chamar de uma devolução da história, restituir a capacidade de traçar o seu próprio caminho histórico, recomeçando o traçado das figuras interrompidas, tecendo-as até ao presente da malha, projetando-as para o futuro." Tradução livre.

2. Anexo XXI (Adenda)

pela oralidade, que passa de geração em geração, pode agora ser espalhada, não precisa de continuar a estar escondida, camuflada, pode ter o direito de existir, de ser referida e de se tornar referência. A coragem, a força, o poder da fala que existe neste povo está presente nos jovens de hoje, e que vem desde os seus ancestrais, esses são os conhecimentos que foram repassados pela educação quilombola, da qual nunca abdicaram e não querem abdicar. São conhecimentos estruturais, e ao mesmo tempo subtis, existem no estar, no ser, no fazer parte, essa é a história que sobreviveu até aos dias de hoje e que se procura escrever. Para isso, a comunidade procura construir o Projeto Político Pedagógico Quilombola (PPP_Q) nesse equilíbrio entre a educação quilombola e a escolarização nacional. A escola quilombola é, por isso, um processo político fundamental, uma ferramenta da qual não pode abdicar para poder dialogar com outras comunidades, outros lugares, outros povos.

Hoje, olhando um pouquinho para trás, para este passado recente, posso reparar com alguma facilidade, na simplicidade com que todas as produções de sucesso na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, a partir da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), dentro ou fora das escolas quilombolas, foram e são conquistados através de linguagens variadas mas todas elas facilitadoras da reconstituição histórica. Veremos ao longo desta tese que, quer seja a formação do grupo de documentaristas, o Crioulas Vídeo, à dança, ao grupo Baobá, à música, ao teatro de sombras, às pinturas murais, às bonecas, à cerâmica, aos seminários, aos discursos públicos ou às conversas de terreiro, a educação quilombola tem toda a sua força no acto de contar, de pesquisar a partir do local para contribuir para um projeto nacional.

Márcia[3] explica que "O Projeto Político Pedagógico das escolas do território de Conceição das Crioulas, ele teve início da sua construção em 2003 com diagnóstico, com as lideranças, os jovens, pessoas mais velhas, onde a gente tentou ver a opinião deles em relação à escola que eles queriam e querem para a comunidade". E Kêca[4] afirma "Música é educação, em Conceição das Crioulas o pífano faz a festa mas também ensina. As crianças da comunidade quilombola adoram e aprendem brincando que a banda é parte importante da cultura local". A arte do encontro, no encontro da história, na Conceição das Crioulas tudo que se aprende, aprende-se no fazer, no praticar, no agir, no aprender, no contar, no falar, no cantar e por sua vez, no refazer, no repraticar, no reagir, no reaprender, no refalar, no recontar, no reaprender.

3. Márcia Jucilene do Nascimento, quilombola, educadora, é diretora na Escola Professor José Mendes. Nasceu em 1974. Frequenta o Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Tradicionais, dentro da linha de pesquisa, Educação Intercultural para a Sustentabilidade, na Universidade de Brasília.

4. Kêca Oliveira, quilombola, educadora na Escola Municipal Professor José Mendes.

Serve esta *Génese e Introdução* para contar como conheci a Conceição das Crioulas e porque é que se trata de uma pesquisa realizada na comunidade

quilombola de Conceição das Crioulas focada no fazer-aprender diferenciado. Essa possibilidade só se realiza porque a própria pesquisa se assume artística, na medida em que aprende fazendo e faz-se contando no encontro com a comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Este interesse em realizar uma pesquisa na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas surgiu a partir do meu envolvimento com o movimento intercultural IDENTIDADES (ID). Nesta *Génese e Introdução* apresento a par e passo como todo o ID se apaixonou e se comprometeu com esta singular comunidade.
A organização do texto apresenta-se de forma cronológica para permitir acompanhar a evolução do envolvimento pessoal e colectivo, assim como o evoluir de assuntos e de interesses em comum. Para melhor facilitar a colocação no tempo dos acontecimentos apresento um quadro cronológico dos encontros realizados com a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas no Brasil, Portugal e Cabo Verde, que pode ser acompanhado em simultâneo na secção dos Anexos[5].

5. Anexo I – Quadro cronológico dos encontros realizados no Brasil, Portugal e Cabo Verde a partir do movimento intercultural IDENTIDADES.

A secção *Anexos* cria uma relação com a *Génese e Introdução* quase directa, os textos que ali se encontram, por serem independentes, colectivos, produzidos noutro tempo, relevantes, contextualizados, precisavam de um lugar próprio e de fácil acesso a quem procura. Os *Anexos* transformam-se assim numa leitura complementar à *Génese e Introdução*.

Educação Artística Diferenciada é o fazer quilombola de Conceição das Crioulas. Foi isto que acabei por aprender, perceber, encontrar. Foi isto que lá fui encontrar, porque antes Educação Artística Diferenciada era para mim algo que pertencia apenas ao mundo das ideias, e agora é algo palpável, visível, vivo. O fazer quilombola de Conceição das Crioulas é o contar a história, ou seja, o seu fazer é o seu contar. Para contar é preciso ouvir. Para ouvir é preciso estar, fazer parte da ação, pertencer ao movimento entre o falar e o ouvir. É assim que existe a história, no encontro entre quem conta e quem ouve, para que quem ouve possa recontar a história com quem se encontra para a ouvir, para que ao ouvi-la possa a quem encontra contá-la...
O meu conto *para a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas* acontece no *aprender* fazendo a contar a história que contribua para o PPP_Q na *comunidade quilombola de Conceição das Crioulas*. Esse aprender fazendo com a *comunidade quilombola de Conceição das Crioulas* é a pesquisa que se intitula como Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história.

Entre o Movimento Intercultural IDENTIDADES

Quando entrei para a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), em 1999, para começar a licenciatura em Artes Plásticas-Escultura ouvi falar no projeto que a FBAUP promovia juntamente com a Cooperativa Cultural GESTO (GESTO) e comecei a participar das reuniões. As reuniões aconteciam semanalmente à quarta-feira e centrava-se na discussão da participação dos artistas na sociedade. Como é o papel dos artistas no meio em que se inserem, como participam enquanto cidadãos, como interagem com o mundo enquanto intervenientes no pensar político, como se posicionam os artistas enquanto professores numa instituição escolar na formação de jovens futuros artistas, no impulsionar outras leituras possíveis e questionadoras da realidade que se consome, que se denuncia, que se questiona. Para isso observávamos, pesquisávamos, trabalhos realizados por outras pessoas sobre o tema de arte pública ou intervenções em espaços públicos, estudávamos sobre artistas que trabalhavam com comunidades, questionávamos os resultados, focávamos detalhes e processos, e aplicávamos na prática a partir de intercâmbios que o ID realizava, organizava, promovia a partir da cidade do Porto com a FBAUP e com a GESTO, com parceiros da Escola Nacional de Artes Visuais em Maputo (ENAV), Moçambique, com parceiros do Atelier Mar, Cabo Verde e com parceiros de várias instâncias no Brasil, artistas, professores, estudantes, jornalistas.

Foi a partir destas relações, que em 2003 a convite do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF)[6] fomos à comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. O ID foi representado por mim e pela Iva[7], ambas da FBAUP e Rogério Manjate, escritor, jornalista, ator e realizador moçambicano. Não me canso de repetir com as mesmas palavras aquele primeiro encontro, passado 13 anos ainda é assim que o recordo. Conhecer a comunidade nesta condição exige uma (des)confiança carregada de uma expectativa determinante para o início de qualquer relação. Ao segundo dia já estava apaixonada – soube-o depois – o que naquele momento reconhecia era a presença de uma energia contagiante, de uma identificação ou de uma contradição inquietante, que denunciava uma vontade enorme de dar e de receber tudo o que fosse possível nos poucos dias que sabíamos ir lá estar, para aproveitar este encontro. Ganhava relevância o processo e o progresso que se sentia partilhado desde a manhã até ao final de um dia de trabalho, feito de experiências empenhadas, de descobertas, ainda que muitas delas efémeras. Dia após dia acontecia este registo[8].

6. Uma organização não governamental (ONG) de direitos humanos, sediada em Olinda, Pernambuco, Brasil, "que surge em 1972, a partir de um grupo que buscava a restauração da democracia, através de atividades culturais e projetos de desenvolvimento comunitário, durante o período autoritário da Ditadura Militar brasileira. O CCLF participou do processo de redemocratização e também contribuiu para o movimento de reordenamento político-institucional do País, e no fortalecimento das organizações populares e comunitárias". (http://cclf.org.br/sobre/)

7. Iva Viana, escultora, http://ivavianaescultura.com/pt/

8. Anexo VII – Mugunzá ou Cachupa: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica.

A viagem à comunidade quilombola de Conceição das Crioulas acontecia no mês de Agosto, depois da minha chegada de estudos em Coventry, Inglaterra, realizada a partir da experiência de Erasmus[9], que aconteceu entre dezembro de 2002 e Abril de 2003, na companhia de Inês Azevedo[10], colega da mesma turma de artes plásticas-escultura da FBAUP e membro do ID. Em Coventry apercebemo-nos da importância histórica que o local carrega sobre os seus habitantes. Coventry, uma cidade industrial que foi bombardeada na II Grande Guerra, tem como seu símbolo a Lady Godiva[11]. Entre algumas lendas que se criaram a partir da personagem de Lady Godiva, o que é de salientar é que viveu no séc.XI, casou com o Conde de Mércia, Leofric, e foi a primeira mulher a ser proprietária de terras em Inglaterra[12]. Estes eram elementos da história ainda muito frescos na minha memória e, talvez por isso, quando estava na comunidade apercebia-me da importância histórica que o local carrega sobre os seus habitantes. Conceição das Crioulas, zona rural, quilombola, indígena tem como símbolo as seis negras que ali chegaram e que com a plantação de algodão, a fiação e a venda do algodão na cidade de Flores compraram a terra. Terra que depois os fazendeiros cobiçaram, acabando por a retirar

9. http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Reconhecimento/Mobilidade/Erasmus/. Última consulta a 31 de Janeiro de 2016.

10. Inês Azevedo, artista, educadora, coordenadora do projeto Casa da Imagem. http://www.casa.fmleao.pt/

11. http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_fi.php?MediaId=161. Última consulta a 31 de Janeiro de 2016.

12. K.S.B. Keats-Rohan. Domesday People: A prosopography of persons occurring in English documents 1066-1166, vol.1: Domesday (Boydell Press: Woodbridge, Suffolk 1999), p.218.

aos seus habitantes, aproveitando-se da seca e da fome para construir cercas que impediam a comunidade de continuar a sua luta pela sua subsistência alimentar e cultural. Seis negras proprietárias de terra no início do séc.XIX. Este é o símbolo que determina a força, a coragem e a persistência da comunidade para reaver a terra, preservar a sua educação e edificar a sua cultura.

Foto: Nilton Pereira, 2014

Para falar da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas ao grupo ID no Porto, eu e a Iva mostramos fotografias, contamos histórias, narramos o desenrolar das actividades, lembramo-nos do que nos encantou, demos a conhecer a comunidade e como fomos conhecidos por ela. Tratava-se do primeiro encontro, por isso o muito parecia pouco, o pouco parecia muito.

Nas reuniões de quarta-feira do ID, já tínhamos começado a conversar sobre a metodologia de trabalho com comunidades, como se construíam elas, como se estabeleciam e como se fortificavam. As experiências que retirávamos dos intercâmbios com a ENAV, com o AtelierMar e com os amigos do Brasil levando intervenções para lá das instituições de cada lugar no espaço público permitiram ponderar uma base de actuação.

> "O nosso método, elaborado gradualmente ao longo de muitas discussões e de análises das diversas experiências vividas, que apelidamos de 'múltiplos cês' (conhecimento, confiança, cumplicidade, comunidade/construção, crítica, conhecimento), mostra-se adequado, permitindo já antever o seu sucesso."
> (Paiva,2009,148)

Com base nesta metodologia, podíamos procurar estabelecer a confiança uns com os outros. Para isso mantivemos o nosso contacto com a comunidade procurando inseri-la no projeto Deslocações, projeto que o ID realizava com as outras comunidades, no Porto, Moçambique e Cabo Verde sobre arte pública ou intervenções em espaço público com comunidades e também para entendermos que comum poderia existir entre nós ID e Conceição das Crioulas de forma que, em 2005, voltávamos à comunidade para dar início a uma relação que se mostrou frutuosa até hoje[13].

Durante a estadia em Coventry apercebemo-nos, eu e a Inês, de alguns interesses comuns, como arte e educação e que gostávamos de participar mais ativamente numa pesquisa na junção das áreas de educação e da arte, o ID possibilitava-nos esta reflexão também, mas precisávamos de o entender a partir da e na "nossa" comunidade. Por isso, entre setembro de 2003 e Abril de 2005, começamos a ponderar uma experiência no Lugar de Brito, S. Félix da Marinha, Vila Nova de Gaia, onde moram os meus pais. Foi assim que iniciamos, com mais dois amigos, Nuno Guedes e Helena Reis[14], o laboratório de educação artistica - *fiiu*[15], que teve a duração de dois anos[16].
Desde então, a partir do laboratório de educação artística - *fiiu*, a Inês, o Nuno, a Helena e eu começamos a querer saber que escolas existiam em Portugal e como trabalhavam elas as disciplinas das expressões artísticas. Foi assim que conhecemos o projeto educativo da escola da Ponte[17], o da escola Tangerina – Educação e Ensino[18] e participamos na Conferência "Perspectivas da educação artística no ensino básico, os andamentos da arte e os caminhos da educação", 24/25/26 Fevereiro de 2005, ESE Jean Piaget, Viseu[19], que nos permitiu instigar novos modos de encarar o futuro da educação artística.

Abril de 2005, de volta a Conceição, entre comunicações do ID com o CCLF e a AQCC[20] conseguimo-nos organizar para o segundo encontro, a partir da metodologia dos *'múltiplos cês'* e dentro da experiência do *Deslocações*, ficava assim definido o segundo encontro como o 'momento um'. Previa-se, com o passar do tempo e no desenho das programações encontros no Brasil, Portugal, Moçambique e Cabo Verde com todas as pessoas envolvidas no ID

13. Anexo VI – A ouvir é que a gente se entende.

14. Helena Reis, artista performer https://www.facebook.com/Living-Statue-Performance-Helena-Reis-251798561608268/

15. Anexo V – A Instituição que Há em Mim.

16. Nesse ano estávamos todos activos no ID, e éramos todos estudantes da FBAUP a frequentar o curso de escultura, à excepção da Helena que frequentava o curso de pintura.

17. A Escola Básica da Ponte ou Escola da Ponte – Escola Básica Integrada de Aves/São Tomé de Negrelos, popularmente apenas referida como Escola da Ponte, é uma instituição pública de ensino, localizada em Vila das Aves e S. Tomé de Negrelos, em Santo Tirso, Porto, Portugal. A escola proporciona aprendizagens a alunos entre os 6 e os 15 anos.

18. http://www.tangerinaeducacao.pt/projeto.html. Última consulta a 31 de Janeiro de 2016.

19. Na realidade, este interesse já me acompanha há muito tempo, tanto que em Março de 2001 participei no 2o Congresso Regional de Educação Artística: Testemunhos, organizado pela Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual e que se realizou na Escola Secundária de Alves Martins em Viseu.

20. A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) foi criada em 17 de julho de 2000 com a missão de promover o desenvolvimento de Conceição das Crioulas. Sediada em Conceição das Crioulas, Salgueiro, Pernambuco, Brasil, entre seus objetivos estão a luta pela terra, a garantia de educação e saúde diferenciadas, o fomento ao desenvolvimento sustentável e a preservação dos costumes, tradições e história da comunidade.

e no projeto Deslocações, infelizmente o futuro mostrou-se menos aberto a essas experiências e, com bastante esforço, realizamos alguns encontros que revelaram-se momentos únicos nas partilhas[21]. Neste caso, para além de pensar numa programação que desse continuidade às oficinas de artes plásticas acrescentamos, a pedido da comunidade, como explica o Tiago[22], uma

> "Oficina de Vídeo da qual viria a surgir o grupo Crioulas Vídeo (http://crioulasvideo.org). Com apenas oito dias de oficina para jovens que estavam a ter os primeiros contactos com estas tecnologias, não fazíamos ideia do resultado a esperar. Achámos por bem deixar o equipamento (Apple Imac G4, câmara de vídeo Sony "Digital 8", tripé e microfone) de modo a estes jovens poderem dar continuidade ao projeto, pondo em prática os conhecimentos adquiridos. Um ano depois voltámos a Conceição das Crioulas e fomos surpreendidos com a produção de mais de 20 vídeos, executados de forma autónoma e profissional. Entre eles, "Serra das Princesas" tinha passado na Televisão Universitária do Recife e viria a ser exibido em diversos festivais."
> (Assis,2011,47-48)

21. Anexo VIII – Education and the Right to Difference: Across Lands, Between Knowledges and Among Peoples.

22. Tiago Assis, professor de Multimédia na FBAUP.

Levamos connosco a segunda exposição em que apresentávamos o grupo ID à comunidade. A primeira, na viagem de 2003, intitulada "Pano para mangas" foi exposta nos corredores da Escola Professor José Mendes. "Pano para mangas" centrava-se numa apresentação pessoal a partir de uma imagem gráfica ou visual. A segunda, intitulada de "B.I." foi recebida na sala de aula da Escola Professor José Mendes, hoje a sala passou a ser a biblioteca da escola. "B.I." era uma proposta que desafiava a apresentação do retrato a partir da fotografia. Estas exposições eram a forma mais rápida de apresentar a dimensão do grupo ao qual fazíamos parte.

Para a oficina de artes plásticas, que para além da Iva e eu contava também com a participação da Helena e da Tatiana[23], com crianças ponderamos que, a pensar no ritmo e no resultado da experiência da oficina realizada anteriormente, partiríamos da rua para uma sala de construção, para isso o projeto consistia

23. Tatiana Santos, artista plástica e educadora, desenvolve hoje o projeto Bai D'Roda https://www.facebook.com/baidroda/?fref=ts

em construir uma maquete da praça. Ao mesmo tempo, programamos uma oficina de técnicas de impressão para jovens e adultos. Voltamos a utilizar as instalações da AQCC para realizar as oficinas, de manhã com as crianças, à tarde com os jovens e adultos.

Sobre o Outro

A viagem de 2005 levantou-me uma série de questões como por exemplo, que estava eu ali a fazer? Quem eram aqueles corpos, aquelas pessoas? E por estar aqui e ali, quem era eu? Durante a tese de relatório do Mestrado, ainda mantinha estas divagações na minha cabeça e procurava situar-me perante a problemática do fazer investigação e da preocupação do vir a fazer de professora, e tudo o que consegui foi questionar a relação presente (2010) com a relação do meu passado incidindo fortemente na fase pré-escolar (1979-1984)[24].

Apercebo-me de que o que me prendia cada vez mais àquela comunidade era o facto de eu me ter que recolocar constantemente, e com isso reaprender-me. Ali o confronto maior que existia era o Outro que descobria em Mim. O Outro para mim hoje é, na realidade, o que confere a minha existência, sem o Outro quem eu sou?

24. Anexo VII – Eu não sou Um nem sou o Outro

> "E quando o educador lhe disse: - "Admitamos, absurdamente, que todos os homens do mundo morressem, mas ficasse as árvores, os pássaros, os animais, os rios, o mar, as estrelas, não seria tudo isto mundo?
> "Não!" respondeu enfático, "faltaria quem dissesse: Isto é mundo". O camponês quis dizer, exatamente, que faltaria a consciência do mundo que, necessariamente, implica o mundo da consciência."
> (Freire,1987,41)

Paulo Freire começava a ganhar bastante relevância nas minhas leituras. A visita à escola da Ponte já tinha suscitado o interesse, mas na Conceição das Crioulas conhecia-o principalmente pelo seu método de Alfabetização de Adultos, pela sua Pedagogia ao Oprimido, pela Pedagogia da Esperança, pela Pedagogia da Autonomia. Ao mesmo tempo que tentava a todo o custo estudar o Outro, encontrava nas aprendizagens de Paulo Freire a consciência do Eu e identificava-me na Pedagogia da Libertação, mas não foi uma descoberta imediata, começou aqui e ainda hoje me acompanha.

Por muito que na agenda a preocupação de tornar os encontros mais próximos no tempo se fizesse sentir, a verdade é que os encontros acabavam por acontecer na festa de Nossa Senhora de Assunção em Conceição das Crioulas, e assim foi em 2006. *Aquele Querido Mes de Agosto*[25] sem eu saber, passaria a ser marcado pelo regresso à Conceição das Crioulas nos próximos anos.
Mantinha-se a oficina com o já formado grupo de videoastas, Crioulas Vídeo, e para além dos documentários pensados e planeados durante a oficina, a visualização dos vídeos realizados entre Abril de 2005 e Agosto de 2006 garantia a qualidade e o enriquecimento da visibilidade da luta quilombola quer para o exterior, participando em diversos festivais, quer para o interior da comunidade enquanto material pedagógico utilizado nas escolas mas também visualizados nos tempos de lazer da comunidade. Nós, contagiados pela dinâmica do Crioulas Vídeo e pelas suas aprendizagens, sonhávamos fazer filmes de ficção, mesmo com cariz de documentário, como algo que retratasse essa maravilha do mês de Agosto, de romances entre quilombos e índios debaixo de um pé de umbu na Serra das Crioulas, de mulheres dirigindo moto pela estrada de terra cruzando uma onça, enfim, filmes que fossem resultado dos nossos encontrtos, reencontros ou desencontros, nesse misto de realidade e onírico.
Em simultâneo mantinha-se também, a oficina de artes plásticas que desta vez, seria composta por duas partes. A primeira parte seria realizada com as educadoras e uma segunda parte com as educadoras e as crianças, dessa

25. Referência ao filme português "Aquele Querido Mês de Agosto" do realizador Miguel Gomes. É uma docuficção por se tratar de um filme que é tanto documentário como ficção. Dessa forma o cinema toca conteúdos antropológicos e de etnoficção. Em Portugal estreou-se a 21 de Agosto de 2008. Como podemos ler na sinopse "No coração de Portugal, serrano, o mês de Agosto multiplica os populares e as actividades. Regressam à terra, lançam foguetes, controlam fogos, cantam Karaoke, atiram-se da ponte, caçam javalis, bebem cerveja, fazem filhos." (https://www.youtube.com/watch?v=XHBjSY_2e44, última consulta a 5 de Fevereiro de 2016).

forma acreditamos nós (tendo em conta a experiência do ano anterior com a maquete) que a experiência diária que as crianças transportavam para casa se mantivesse ao mesmo tempo que as educadoras mostrar-nos-iam os seus modos de atuar e de demonstrar os seus métodos de trabalho, para além de consolidar os conhecimentos para a sala de aula nas escolas quilombolas. Para além das outras actividades que partilhamos umas com as outras dentro de uma sala na escola Municipal Professor José Mendes, também produzimos um livro só de imagens com as experiências que fizemos[26].

Trabalhar com as educadoras mostrou-se um frenesim tal como trabalhar com as crianças, o que muitas vezes pensei em relação a ser necessário formação para que as educadoras possam ensinar nas expressões artísticas mantém-se, mas acima de tudo mais do que formação o importante é manter uma certa vontade de continuar a aprender. No dia de repassar para as crianças o que tinham aprendido, as educadoras misturavam-se com as crianças dando-lhes espaço e participando, vendo e fazendo e observando e admirando.

Ao relembrar o encontro de 2003 e o impacto que a visita do ator Moçambicano Rogério Manjate provocou na comunidade com a oficina de teatro e que com a sua presença (significado profundo de África em terras quilombolas)

26. Anexo XI – Livro 2006

27. Andrelino Mendes, quilombola, educador, ceramista. Diretor na Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes.

28. D. Dina, liderança quilombola, ceramista e agricultora. É a cara que está representada no logótipo da Conceição das Crioulas.

29. Valdeci, liderança quilombola, diretora da AQCC.

possibilitou conversas sobre mitos e a realidades africanas, alargando leituras e olhares para o mundo, numa tentativa de retomar e continuar essa experiência programamos uma oficina de dança, desta vez com o bailarino cabo-verdiano António Tavares, que reconheceu a cachupa no mugunzá.

> "Toni é cabo-verdiano e estava pela primeira vez em Conceição das Crioulas. Uma vez, a almoçar mugunzá, Toni, reconhecendo as semelhanças com a cachupa do seu País comentou:
> "As pessoas pensam que os povos se distinguem pela cor da pele, pela raça ou seja lá o que for... Os povos distinguem-se pela comida e este povo é Cabo-Verdiano e não sabe."
> Não era cachupa, mas o que poderia faltar para ser cachupa estava num terreno de ninguém. Não interessava esmiuçar as diferenças pois, indeléveis, seria difícil dissipá-las num 'terroir' de qualquer produto tão genuíno que só existiria na sua terra de origem.
> Era cachupa africana rebatizada de mugunzá, alterada, pelas pessoas, terra e clima do nordeste pernambucano."
> (Assis,2011,48)

Para além das oficinas que realizávamos dentro de paredes, ou até mesmo na rua, visitamos a casa que é o mesmo que dizer atelier, oficina de alguns importantes artistas e ceramistas da comunidade. Andrelino[27], Vila Centro, que aprendeu a usar o torno, para além de nos receber e contar algumas histórias sobre o ritual da comunidade sobre o trabalho do barro, demonstrou como construía uma tigela com a técnica do torno e D. Dina[28] de Vila União, demonstrou como levanta a tigela na mão ao mesmo tempo que nos incentivava a fazer o mesmo, a beber um café e a contar as técnicas para queimar as peças no forno.

Entre actividades programadas, visitas espontâneas ou combinadas, também vivíamos intensamente a rua e os espaços de encontro da comunidade, o mercado, palco para danças improvisadas e pinturas surpresa, onde estava o bar da Valdeci[29] que nos alimentava, que nos recebia sempre preocupada com o nosso bem estar.

Mais um ano se passou, e estávamos novamente a celebrar com a novena e o trancelim a festa de Nossa Senhora da Assunção, a 15 de Agosto de 2007. O recesso[30] da escola, como sempre acontecia nos primeiros quinze dias de Agosto o que era propicio para nos encontrarmos e termos tempo para fazer coisas em conjunto, como por exemplo, oficinas.

30. Recesso significa Suspensão ou interrupção de actividades ou de trabalhos. "recesso", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, http://www.priberam.pt/dlpo/recesso [consultado em 05-02-2016].

Na impossibilidade da participação de um elemento de Moçambique ou de Cabo Verde, fizemo-nos acompanhar da, hoje cabo-verdiana, Rita[31], para trabalhar com o Tiago na oficina de vídeo. Durante a nossa estadia, o Crioulas Vídeo realizou um documentário, onde regista o que acontece neste encontro, com o título "Procurando um Roteiro" (https://www.youtube.com/watch?v=bwXFkjwWEPc).

A novidade para todos nós era a oficina de cerâmica, que a Cátia Pereira Fernandes orientou, inspirada nas fotografias que viu preparou uma oficina onde podia partilhar os seus conhecimentos enquanto artista, escultora e ceramista, assim para além dos objetos que a Conceição das Crioulas já produzia realizaram-se figuras mostrando potencialidades e interesses para o barro que se mostrava de difícil cative para os jovens da comunidade.

31. Rita Rainho, artista, educadora, doutoranda no curso doutural Educação Artística na FBAUP.

> "É neste ambiente que se dá o processo de 'deslocar-me física e intelectualmente' para esta intrínseca e fascinante experiência. Leva-me a um exercício de diálogo motorizado pela inquietação e frustração do envolvente. Este diálogo promove um pensamento crítico, mas plural, político, mas comum. Capaz de um entendimento mais amplo, no confronto intercultural e incoincidente, o terreno da Arte parece aqui ganhar sentido de existência na deslocação.
>
> Nas minhas rotinas de construção do ser, a Arte e a Cultura são a especificidade que me determina. Costumo até dizer, ainda que de modo descontente, que este meu umbigo ocidental é um olhar bombasticamente formatado. A deslocação parece permitir a abertura e consciência da geometria de outros pontos de vista do mundo, sua manera, mas também seu lugar específico e global no contexto político, económico e social. Parece também desencadear

frustrações capazes de abrir os olhos à urgente revisão da Arte e das culturas imponentes e impositivas. Construir outras, já agora com outros (que não sempre os mesmos)."
(Rainho,2011,40)

Na oficina de artes plásticas, desta vez proposta apenas para as educadoras e educadores, editamos um livro feito à mão, com uma tiragem de 15 exemplares, sobre a comunidade com o título "Conceição 12 anos de história[32]". Todos os dias da duração da oficina, as mães e educadoras desdobravam-se a escrever as histórias, a ilustrar com técnicas que já vínhamos praticando desde o nosso primeiro encontro, a dar entrevistas para o Crioulas Vídeo, a cuidar dos filhos da comunidade, a preparar a casa e a comida para receber toda a gente que chegava e que partia, tendo em conta a afluência de pessoas que vêm para a festa.

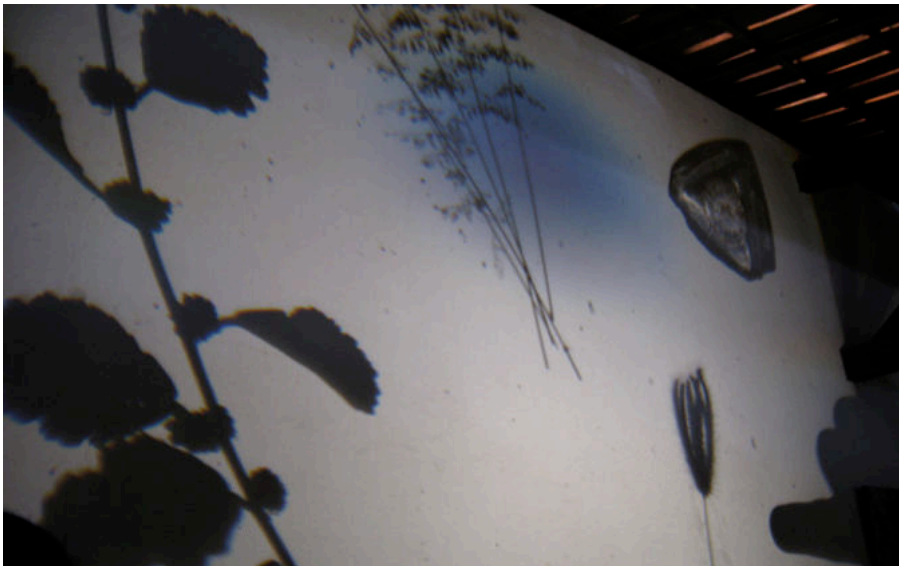
32. Anexo XIV – Livro 2007

De setembro de 2007 a julho de 2008, mantivemos contacto por e-mail ou muito pontualmente por telefone e, aos poucos, desenhávamos um novo encontro para o que acabaria por ser, mais uma festa de Agosto, aproveitando o recesso, fazendo a festa e as oficinas, que costumava servir para aprimorar dúvidas que ficavam para trás, ou para começar algo novo.

O Crioulas Vídeo continuava a encantar com os seus trabalhos de registos documentais importantes para a comunidade e realizados com a comunidade. O material que se criava, passava a ser usado como conteúdos pedagógicos nas escolas quilombolas, nos encontros com outras comunidades, transformando-se numa ferramenta útil para a divulgação e conquista da luta e da causa quilombola no Brasil, chegando assim a vários pontos do mundo.

A oficina de artes plásticas decorria apenas com os educadores e as educadoras quilombolas. No entanto, as atividades da rua, da casa, da AQCC continuavam a prolongar-se com as aprendizagens e os saberes que aconteciam nas salas de encontro, de reuniões, de oficinas, de maneira que no segundo dia da oficina as crianças começaram a aparecer e foram ficando, contribuindo, voltando, assistindo à oficina de artes plásticas que se transformava numa oficina sobre construção de um teatro de sombras. Este ano a oficina aconteceu nas instalações do Centro de Produção Artesanal (CPA)[33], assim como no ano anterior aquando da edição do livro e oficina de cerâmica, que aconteceu na sala exterior do CPA.

33. O Centro de Produção Artesanal Casa Comunitária Francisca Ferreira (em homenagem às primeiras seis negras a chegar à região) foi inaugurado no dia 01 de Novembro de 2006, uma espaço reformado para "abrigar salas de beneficiamento de matérias-primas, produção, estoque e comercialização do artesanato local"(http://www.koinonia.org.br/oq/noticias-detalhes.asp? cod=6688). Para mais ver, http://ppdlesnacional.blogspot.pt/2006/10/associao-quilombola- conceio-das.html



A partir de um retroprojetor que a escola tinha, a Carla[34] (que incide o seu trabalho sobre arte pública em comunidades e arte feminista) colocou a hipótese de se realizar um teatro de sombras com a comunidade e para ela mesmo. A ideia foi absorvida pela oficina de artes plásticas e, por isso, os dias seguintes foram passados a construir a história (de dois grupos, saíram duas histórias principais, mas nos pequenos experimentos, saíram umas quantas), a procurar ilustrar a história, a experimentar e a representar com as sombras a narrativa que se encontrava.

34. Carla Cruz, artista http://carlacruz.net/

Das duas histórias principais que foram construídas na oficina com os títulos: "15 anos da escola Professor José Mendes" e a "Chegada das Crioulas ao Território", foi feita uma apresentação para toda a comunidade, a tela de projeção foi preparada pela liderança quilombola e bordadeira Otília.

Pela primeira vez participamos num *casa a casa*. Actividade que consiste em ir de casa em casa convidar a família para comparecer no P.E.T.I.[35] para assistir ao teatro de sombras, uma espécie de cinema mudo em que a ação acontece em tempo real.

Para além disso divulgamos a programação com cartazes feitos à mão e colados nas paredes, dos principais locais de encontro, mercado, posto de correio, AQCC, P.E.T.I., escolas municipais Professor José Mendes e José Néu de Carvalho, Biblioteca Afro-indígena, CPA.

Apareceu toda a gente. O *casa a casa* funciona mesmo, foi o que pensei. Nunca tinha visto tanta gente reunida naquele espaço, não havia mesmo espaço nenhum que não tivesse sido ocupado por gente interessada em ver o teatro de sombras, ou pela umbuzada que era servida e que é mesmo muito gostosa! Com tanta gente, foi mágico assistir, do lado de dentro da tela, ao silêncio que se fez sentir após o início da projeção seguida pelo apagar total das luzes. E a risada total quando uma ou outra cena provocava o riso.

35. P.E.T.I. - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil que dá o nome à infraestrutura construída para receber as crianças e adolescentes que faziam parte desse programa. Hoje em dia o Programa já não é aplicado na comunidade, no entanto ainda utilizam as siglas P.E.T.I. para referir a infraestrutura que ainda é usada para encontros realizados pela comunidade, pelas escolas, para apresentações, reuniões, mostra de cinema e de dança, composto por uma sala de apoio, mais uma cozinha, duas casas de banho, um palco.

O Crioulas Vídeo registou tudo como material para ser utilizado e reproduzido nas escolas. E o ID de tão emocionado com o sucesso da oficina, contagiado pela emoção e pelo prazer acabou por fazer um filme com o teatro de sombras para presentear a comunidade e o Crioulas Vídeo.
Neste tempo fomos, como de costume, almoçar a casa da família de D.Dina na Vila União. Durante o almoço surgiu a ideia de realizar o projeto 'Intervenção artística em Vila União', este projeto moveu-nos nos anos seguintes sendo que acabamos por abrir mão dele, face as dificuldades em conseguir apoio do material.
Tornou-se uma prática constante a reunião com as lideranças da comunidade à chegada para reorganizar o programa, saber das lutas da AQCC e a vida da Conceição, e antes da partida, na reunião, fazíamos o balanço do encontro e já alinhavávamos o próximo encontro. 5 anos de relacionamento já nos permitia avançar para outro c, dentro da metodologia dos *múltiplos cês*, desta vez compromisso. Um dos passos a dar em relação às oficinas de artes plásticas, seria arranjar uma estratégia para que as oficinas pudessem chegar, no fundo seria uma forma de a tornar acessível a outros pontos da comunidade. Mesmo sendo no recesso das aulas que os nossos encontros aconteciam, ficava difícil as educadoras deslocarem-se e participarem das oficinas que se realizavam, de maneira que quem participava eram sempre os moradores da Vila Centro.

O meu regresso à cidade do Porto em 2008, foi marcado pelo início de uma outra viagem. Começava em setembro a dar os primeiros passos na área da investigação ao frequentar o Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (MEAV), na Universidade do Porto. A FBAUP juntava-se à Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação (FPCEUP) especificando os estudos da prática artística dentro de um campo vasto como é o da educação. Como se pratica a educação artística nas escolas? Quem o faz e como é feito? A partir daí, eu encarava a investigação de Mestrado ao mesmo nível que enfrentava o projeto 'expressões artísticas nas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas' como o desafio a debater durante os próximos tempos que se avizinhavam.

Sendo o Paiva[36] coordenador do ID e professor no Mestrado, apoiou-me desde o início da minha experiência no campo da investigação. Por isso, em Maio de 2009 visitamos a comunidade, para junto do CCLF, da AQCC e da Prefeitura de Salgueiro fosse estabelecido um acordo que permitisse o reconhecimento e o apoio da formação para professores(as) em expressões artísticas a realizar nas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas, o objetivo seria depois das formações, as professoras quilombolas estarem aptas para dar formações noutras escolas do Município de Salgueiro. Como o documento[37] denuncia, em

36. Professor Doutor José Paiva, fundador e coordenador do ID, diretor de curso MEAV, diretor do curso doutoral Educação Artística e actual Diretor de FBAUP.

37. Anexo XV – IDENTIDADES movimento intercultural maio em Conceição das Crioulas. relatório.

junho de 2009 o encontro aconteceu na cidade do Porto, num intercâmbio que juntou os membros do ID de Moçambique, Cabo Verde e Brasil, da Conceição das Crioulas vieram três membros, Lourdinha, Lena e Tico[38].

Em Agosto encontramo-nos na Conceição das Crioulas para iniciar a formação com todas(os) as(os) professoras(es) com o apoio da Prefeitura na alimentação e transporte[39], dessa forma apareceram, neste recesso escolar, todas as pessoas que trabalham na escola, só faltava o frenesim da entrada e saída das crianças, ainda assim apareciam algumas que não conseguiam resistir a entrar. O início do projeto 'expressões artísticas nas escolas quilombolas da comunidade de Conceição das Crioulas' começava e tendo em conta o apoio da Prefeitura, as professoras da outra escola quilombola do território, a escola municipal Bevenuto Simão de Oliveira que fica a 6km de distância da Vila Centro, também participou. Na escola municipal Professor José Mendes o desafio era outro, como trabalhar um programa escolar interdisciplinar, onde todas as áreas se suportam, se relacionam, se influenciam? Neste ano, focamos a formação principalmente com as linguagens corporais, visuais e sonoras, e o projeto a pedido dos professores que participaram e os que não participaram nos anos anteriores nas oficinas de arte quiseram trabalhar, praticar e ganhar autonomia no teatro de sombras.

> "Uma amiga minha colecciona solo de diferentes terras. Em 2005 esqueci-me de trazer um punhado de solo arenoso de Conceição das Crioulas. Primeiro esquecimento esse que se fez continuado agora, anos após a tímida presença nesse chão. Volto a esquecer--me de trazer um pedaço de chão comigo para a minha amiga. Posso interpretar isso como um repto inconsciente à problemática da propriedade, de não sacar de terra alheia. Ou, porque da mesma maneira que me despreocupo em tirar fotos (para que as imagens do vivido se cravem mais duramente na carne), me recuso a ter coisas físicas que me tornam refém e espectador delas. Prefiro trazer essas muitas coisas comigo, que não pagam taxa em avião e que nos transformam mesmo quando não queremos."
> (Alves, anexo XVI)

38. Anexo VIII – Education and The Right to Difference: Across Lands, Between Knowledges and Among Peoples.

39. Anexo XIII – Gestão Escolar Diferenciada.

O André[40] voltava à comunidade e encontrava uma outra comunidade, sendo a mesma ela se transformava. A Carla dedicava-se mais ao levantamento casa a casa com o arquitecto José, mais conhecido por nós como o arquitecto Zé Alentejano, para o projeto 'Pintar a União'.

O ritmo estava lançado, dois encontros por ano, no início do ano, durante as férias antes das aulas começarem para fazer o balanço do ano anterior e desenhar o ano que vinha, e outro encontro a meio do ano, durante o recesso para redesenhar o programa que decorrendo precisava ser repensado.

Dessa forma, em fevereiro de 2010, o Paiva e eu voltamos à comunidade para continuar com a programação estabelecida. Tudo corria conforme planeado, ou melhor ainda, a comunidade dava vida às ideias e ao programa que íamos discutindo.

No Sítio Paula, um local dentro do território quilombola, que fica a 6km da Vila Centro existe a escola municipal Bevenuto Simão de Oliveira, que depois da formação de Agosto adoptou para a escola o projeto educativo com o tema "Brinquedos e Brincadeiras" onde aplicava e acrescentava as propostas ensaiadas em Agosto originando o envolvimento de toda a comunidade, promovendo uma interação mais amigável entre todas as pessoas que frequentavam a escola[41]. A escola municipal José Néu de Carvalho mostrava todas as produções que tinham realizado no segundo semestre do ano anterior. De maneira que dividimos o grupo em duas partes para organizar o projeto educativo para cada escola de acordo com as necessidades de cada escola. Já a escola municipal Professor José Mendes chamava todos os professores e professoras de todas as áreas, procurando um desenho mais próximo à realidade quilombola, onde todas as matérias se interligam, se entrecruzam ao invés de colocar cada professor na 'sua' caixinha.

40. André Alves, artista http://www.theandrealves.com/

41. Anexo VII – Mugunzá ou Cachupa: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica.

Em julho de 2010 terminava o Mestrado e em setembro começava o primeiro ano curricular do doutoramento na FBAUP, ao mesmo tempo candidatava-me à bolsa de investigador da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), que só viria a começar, para mim, efectivamente em Julho de 2012. Dos relatórios que escrevi durante o estágio do MEAV, existia uma forte referência que continuava a ecoar nas minhas memórias, sobre a burocratização da educação apresentadas com o olhar inquieto de Paulo Freire:

> "VII Relatório
> 14 de dezembro de 2009
> **Para que dizer aquilo que ja foi dito?**
> Paulo Freire, Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo, páginas 18 e 19:

"Parece-me que este é um dos problemas que uma sociedade revolucionária deve se por no campo da educação enquanto ato de conhecimento. O do papel criador e recriador, o da re--invenção que o ato de conhecer demanda de seus sujeitos. O da curiosidade diante do objeto, qualquer que seja o momento do ciclo gnosiológico em que estejam, o em que se busca conhecer o conhecimento existente ou o em que se procura criar o novo conhecimento. Momentos, de resto, indicotomizáveis. A separação entre esses momentos reduz, de modo geral, o ato de conhecer o conhecimento existente à sua pura transferência "burocrática". A escola, não importa o seu nível, se transforma em "mercadoria de saber"; o professor, num especialista sofisticado, que vende e distribui compra e "come" este conhecimento.

Se o educador , pelo contrário, não é levado a "burocratizar--se" neste processo, mas a manter viva a sua curiosidade, re--desvela o objecto no desvelamento que dele vão fazendo os educandos e, assim, não raro, percebe nele dimensões até então despercebidas. É de fato indispensável que educadores-educandos e educandos-educadores se exercitem constantemente na recusa à "burocratização" que, aniquilando a criatividade, os transforma em repetidores de clichés. Quanto mais "burocratizados" tanto mais tendem a ficar alienadamente "aderidos" à quotidianeidade, de que já não "tomam distancia" para compreender a sua razão de ser. A coerência entre a opção político-revolucionária do educador e sua prática lhe é indispensável para que evite sua "burocratização". Quanto mais vigilante na sua vivencia desta coerência tanto mais autenticamente militante se faz, recusando assim, também, o papel de técnico ou de especialista neutro, neste ou naquele campo."
4ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978[41]."

42. Anexos do mestrado.

Em Agosto, com a pausa do projeto 'Pintar a União', eu e a Joana[42] fomos à comunidade.

43. Joana Mateus, artista, educadora e coordenadora do projeto Casa da Imagem. http://www.casa.fmleao.pt/

"Comi uma vez o Mugunzá, em casa da Valdeci. É servido numa grande panela e pareceu-me um cozinhado semelhante à Cachupa de Cabo Verde, que tinha comido em Portugal. No entanto, tinha um molho espesso e uma cor mais parecidos com o da feijoada de feijão manteiga à moda de Trás-os-Montes. É uma mistura de canjica de milho e de um feijão, que não é o preto. As carnes que leva são salgadas. Como a feijoada, é muito bom com arroz

> branco. Quando me servi, procedi como faço com a feijoada: gosto de servir o arroz primeiro, para ficar por baixo e absorver o molho, mas nunca envolvo o feijão, deito-o por cima mas sem cobrir totalmente o arroz para poder ir saboreando ora a mistura, ora cada um por si, arroz e feijão. É um prato que vou comendo e comendo, e acompanho-o com uma bebida alcoólica, como a cerveja que bebemos dessa vez. Demoro a terminar a refeição porque repito várias vezes, apenas por gula. O mugunzá, tal como a feijoada de domingo, é uma refeição que se come quando há tempo para a digerir e serve bem de ocasião para conversar com quem come: a conversa estica o empo para continuar comendo e a vontade de continuar a comer prolonga o tempo de conversa."
> (Mateus,2011,65)

A primeira vez na comunidade é sempre uma surpresa, com alguma admiração tomei consciência que já fazia algumas leituras como um dado adquirido. Cumpria o programa que tínhamos proposto, pensava a partir dos encontros, refletia dentro do PPP_Q e dentro da minha formação do MEAV, mas penso que o novo olhar da Joana foi uma pequena chamada para outras formas de encontrar o que procurávamos, a presença do artista dentro das escolas. Existia essa discussão dentro do ID, no MEAV, do qual a Joana também fazia parte, e era problematizado também no projeto da formação de professoras na Conceição das Crioulas.

Havia uma mudança que era notória para mim, que me deslocava pela primeira vez à escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira onde, pela primeira vez a formação acontecia ali naquela escola, e que por isso, repetíamos as atividades que o ID tinha feito nos primeiros encontros na AQCC e na escola Municipal Professor José Mendes, no CPA mas que as professoras do Sítio Paula, tendo em conta a distância não tinham participado. A mudança, do meu ponto de vista, era a especificidade de cada lugar, a escola municipal José Néu de Carvalho, escola quilombola, situa-se na Vila Centro, tem a educação infantil e o 1º ciclo do Ensino Básico, assim como a escola municipal Bevenuto Simão de Oliveira, que se situa no Sítio Paula, com Educação Infantil e também o 1ociclo do ensino básico. No entanto a escola municipal Bevenuto Simão de Oliveira é uma escola multiseriada, que recebe maioritariamente as crianças no entorno do Sítio Paula, com duas salas de aula, uma cozinha, duas casas de banho individuais, uma sala da diretoria, já a escola municipal José Néu de Carvalho sendo mais central, recebe as crianças de todo o território e por isso as salas organizam-se por faixa etária, compreende cinco salas de aula, uma sala de biblioteca e de reuniões, uma sala de direção, uma cozinha, e duas casas de banho múltiplas. Mesmo sendo dentro do território quilombola, 6km de distância faz muita

diferença no dia a dia, na receptividade, no envolvimento, na auto-estima, na relação das crianças com o meio envolvente e com a escola, por isso os desafios são diferentes, as conquistas têm outros ritmos, os métodos alteram-se.

Nesse ano também inscrevemo-nos no I Encontro Internacional sobre Educação Artística (EIEA)[44], com uma comunicação escrita por mim, pela Joana e pela Márcia. Por isso, depois da formação em cada uma das escolas, viajamos para Cabo Verde, para o encontro EIEA e a Márcia foi connosco[45]. Assim como a nossa presença, de Portugal, como a presença do Rogério, de Moçambique, e do António, de Cabo Verde, na comunidade mostrou-se como uma mais valia à identidade quilombola, também a deslocação de quilombolas a outros países como a visita da Lena, do Tico e da Loudinha, ao Porto e da Márcia a Cabo Verde permitiu entender outras realidades, assim como conhecer outras comunidades.

Foi uma ótima experiência ver Cabo Verde com a Márcia, que chamava a atenção para os manequins das montras das lojas de roupa serem negros, visto que raramente se observa nas publicidades, bonecas, ilustrações, a referência de negros. O artesanato da Conceição das Crioulas, desde 2000 que vem homenageando as mulheres quilombolas da comunidade com a criação de bonecas negras, feitas com a fibra de caruá. E conversamos, mais uma vez, do impacto que essas bonecas, para além de contar a história da comunidade e da liderança feminina na comunidade, também alterava a projeção e os sonhos que as crianças, nomeadamente as meninas, visualizavam para o seu futuro. Nas bonecas temos representadas variadas expressões que as mulheres ocuparam na sociedade desde artesãs, parteiras, professoras, fundadoras da comunidade, guerreiras na conquista pelos direitos humanos, entre outras, hoje são onze mulheres representadas, mas não quer dizer que termine aqui.

A Márcia lembrou, que recorrentemente quando queremos explicar alguma coisa a alguém dizemos 'para tornar claro o assunto vou-te explicar desta maneira', porém sendo na escrita o fundo branco e as letras pretas ao tornar claras as palavras estamos constantemente a apagar os assuntos, não a resolver, nem a evidenciar mas apenas fingimos que eles não existem, porque tornando claro, eles desaparecem no fundo branco. No entanto, **o que faz falta aos assuntos escritos**, é negritar as palavras, dessa forma o assunto ganha realce, destaca-se, possibilitando uma chamada de atenção, e com isso, uma abertura para a discussão desse problema, falando sobre ele, sobre o assunto negritado resolviam-se os problemas em vez de os fazer desaparecer.

44. Em 2010, nos dias 30, 31 de Agosto, 1, 2, 3, 4 Setembro, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, o Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE), em estreita colaboração com a M_EIA (MINDELO_Escola Internacional de Arte), organizaram, no Mindelo (Cabo Verde/África), o I Encontro Internacional sobre Educação Artística. Para a realização do 2EI_EA, nos dias 2, 3, e 4 de Abril de 2012, foi constituída uma comissão científica e uma comissão organizadora que juntas assumiram a responsabilidade O evento teve lugar na cidade do Porto/Portugal, sede das instituições promotoras e do recém-criado i2ADS (Instituto de Investigação em Arte Design e Sociedade — FBAUP) e do ID_CAI (ID_ Colectivo de Acção e Investigação — grupo informal de investigadores sediados na GESTO Cooperativa Cultural).
Nos dias 05, 06 e 07 de maio de 2014 a Região do Cariri cearense, acolheu na cidade de Juazeiro do Norte o 3EI_EA e isso só foi possível pelos avanços ocorridos nos últimos 6 anos desde a criação do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC, do Centro/Faculdade de Artes e dos Cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri – URCA e, mais recentemente, do Programa de Doutorado Interinstitucional em Artes – DINTER entre a URCA e a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. http://eiea.nea.fba.up.pt/apresentacao

45. Anexo XIX – Expressões Artísticas nas Escolas da Comunidade do Quilombo de Conceição das Crioulas.

> "Acidente com vítimas fatais na BR 116
> Na manhã de hoje (Quarta 10), por volta das 08:30hs, uma D-20 de cor branca, placa LXR 5045 da cidade de Brejo Santo no Ceará, capotou na descida da Serra do Boi Morto, entre Salgueiro e o Posto Vila Bela no Muricí. Três mulheres morreram na hora do acidente. Outros sete passageiros que vinham no veículo, foram encaminhados ao Hospital Regional de Salgueiro. As vítimas eram do Distrito de Conceição das Crioulas e vinham a cidade de Salgueiro participar de um evento. Das três vítimas fatais, duas já foram indentificadas. Rosa Doralina, professora, e Luíza Ana, artesã. No momento da chegada da nossa equipe de reportagem, encontramos os corpos ainda no local. As polícias Militar, Civil e Rodoviária Federal já estavam no local. As causas do acidente ainda não foram identificadas. Populares comentavam que as causas do acidente poderiam ser a derrapagem do veículo na brita do asfalto ou uma tentativa de ultrapassagem. Nada ainda foi confirmado[46]."

46. Anexo XVII – Correspondência de Felipe sobre o Acidente com vítimas fatais na BR116.

Em novembro de 2010 toda a comunidade acabou por sofrer com o acidente que acabou por vitimar 4 lideranças da comunidade, para além dos danos causados física e psicologicamente em outros habitantes de Conceição. Este acidente acabou por gerar uma onda de solidariedade entre todos os simpatizantes da AQCC.

> "Nossa solidariedade se mostra também na forma de denuncia. Esse triste acidente não pode ser tratado como um mero acaso. Ele é consequência do descaso dos governos Estadual e Municipais em relação às populações do campo, que vivem muitas vezes isoladas, sem acesso à transporte público de qualidade e dependentes de transporte alternativo, a maioria sem condições mínimas de segurança.
> Aliado a isso, a falta de escolas e de atendimento à saúde obriga as comunidades rurais, inclusive nossas crianças, a um deslocamento diário, colocando-as sob risco constante de "acidentes" como esse. "Acidentes" como esse não podem mais ser admitidos. Por isso nos unimos a todos os companheiros e companheiras de Conceição das Crioulas na sua dor e também na sua luta, que é também a nossa luta: a luta contra o latifúndio, contra a exploração, contra o preconceito, e por uma vida digna a todos os povos do campo.
> Sabemos que a melhor forma de honrar a memória das companheiras vitimadas por esse "acidente" é mantermos firmes nessa luta, que era também a luta delas[47].

47. Anexo XVIII – Nota da Direção Estadual do MST em Pernambuco em Solidariedade à comunidade de Conceição das Crioulas.

A 14 de março de 2010, o Crioulas Vídeo fez o documentário 'Nós na Estrada' que documenta as condições com que os estudantes de Conceição das Crioulas se deparam todos os dias para poderem tirar o ensino superior no Município de Salgueiro. O ônibus que nessa noite transportava, como de costume, os estudantes para a escola em Salgueiro quebrou, como de costume. Os estudantes referem que nunca sabem se chegam à escola nessa noite, se passam a noite na estrada, se voltam a pé durante a noite, para casa ou para Salgueiro, é uma situação difícil enfrentar a estrada para ir estudar[48]. É a partir do estudo que os habitantes de Conceição das Crioulas se empoderam,

> "eu costumo dizer que a educação pr'a Conceição das Crioulas é a base fundamental para o desenvolvimento dessa comunidade, visto que as pessoas... é... mais conhecedoras dos seus direito, da sua história, elas tendem a se organizar mais, a exigir mais, a cobrar mais e com isso as melhoria pr'a Conceição, a tendência é vir. Como a gente já pode provar que muitas coisas em Conceição mudou e a gente percebe que essas mudanças surgiram a partir da educação, do fortalecimento da educação em Conceição das Crioulas[49]"
> Maria Diva[50].

Há muito tempo que a Conceição das Crioulas enfrenta este problema das condições da estrada para se deslocar, o documentário foi mais uma tentativa de denúncia. Em novembro de 2010, o acidente ficou como um marco profundo de uma situação sempre referida e sempre adiada ou ignorada pelas autoridades de gestão pública.

Em 2016, podemos ver o anúncio feito pela Prefeitura de Salgueiro, publicada na sua página de facebook, a anunciar que a "solicitação foi atendida e Conceição vai ter o seu acesso asfaltado[51]", contudo muitas promessas antecedem esta, muitos prazos foram agendados e nenhum foi cumprido.

De maneira que o encontro de formação de professoras agendado para janeiro/fevereiro de 2011 aconteceu entre protestos para melhor apoio às vítimas do acidente que ainda aguardavam as cirurgias (o caso mais evidente na altura, era o constante adiamento da operação da Valdeci[52], que fragilizava cada vez mais a sua situação, hoje Valdeci é cadeirante) dos vitimados pelo acidente, abraços a familiares e amigos, conversas sobre o que aconteceu que abalou toda a gente e objetivos a visualizar no futuro. Os primeiros dias da viagem dividi-os com a Carla, os outros dias dividi-os com a comunidade e com os amigos do Recife, parceiros da AQCC e do ID.

48. https://www.youtube.com/watch?v=w0TOAadRCJQ (Crioulas Vídeo (realização). Nós na Estrada,Parte2,2:00) última consulta a 12.02.2016.

49. https://www.youtube.com/watch?v=XvpKOG2Guxo (Crioulas Vídeo (realização). Nós na Estrada,Parte1,0:52) última consulta a 12.02.2016.

50. Maria Diva da Silva Rodrigues, quilombola, educadora, é diretora na Escola José Néu de Carvalho. Nasceu em 1969. Frequenta o Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Tradicionais, dentro da linha de pesquisa, Educação Intercultural para a Sustentabilidade, na Universidade de Brasília.

51. https://www.facebook.com/prefeituradesalgueiro/photo

52. Valdeci, liderança quilombola, é atualmente a Presidente na Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). Nasceu em 1964. Frequenta ensino médio.

Este episódio coincidiu com a falta de financiamento para continuar a formação. Com a crise económica vivida na Europa, os cortes nos fundos de apoio à cultura, o ID precisou de diminuir as suas ações, sendo que começou a ser necessário reformular o plano de ação com a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Entre fevereiro de 2011, depois de voltar da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas e julho de 2012, quando começou a bolsa da FCT para a investigação do doutoramento comecei a fazer revisões sobre os métodos, os interesses e objetivos da investigação e, aos poucos fui reconstituindo os passos que tinha dado até à data. Sobressaía o facto de nunca ter trabalhado sozinha, de me ter implicado e participado activamente com o sujeito da investigação, de questionar constantemente o papel em que eu mesma me revia, o de aluna, o de professora, o de artista, as aprendizagens que aconteciam na instituição e as que aprendia fora dela.

Até então acompanhava-me a experiência com o ID desde 2000, e durante mais ou menos dois anos (2008-2010), a experiência da investigação de Mestrado com o ID. Esta começava a precisar de ser renovada, tendo em conta que o próprio formato apresentava-se de índole diferente.

No final do primeiro ano curricular do curso doutoral, após defender o projeto--tese 'Par ti tu ra: início de uma tentativa de apresentar um todo a uma só voz. As artes na escola e na sociedade: estudo de caso nas escolas da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas' em julho de 2011, que ainda estava muito preso ao que tinha desenvolvido até à data, centrado no projeto 'expressões artísticas nas escolas da comunidade da Conceição das Crioulas', na formação de professoras, na investigação-ação, no investigador colectivo, nessa relação pessoal triangular de artista, investigadora, aluna/professora, comecei a sentir de maneira cada vez mais presente que não conseguia agarrar muito bem o sentido daquelas pequenas viagens dentro de um projeto bem maior: a construção do Projeto Político Pedagógico Quilombola da Conceição das Crioulas. Desconfiava, e nisso partilhava a desconfiança com outros elementos envolvidos no projeto ID, que principalmente tinha alguma influência o pensar, o programar as ações e o agir sobre o PPP_Q com toda esta distância, temporal e espacial. Aos poucos, começávamos a encontrar a solução, que significava dar o próximo passo e ir viver na comunidade e criar com ela.

À minha orientação anterior feita por José Paiva juntava-se a co-orientação da Professora Doutora Natércia Pacheco[53], que conheci durante o Mestrado, juntos planeamos a experiência que se tornou num risco e num desafio, porque por um lado, assumíamos o processo da investigação como sendo a própria ação, por outro porque existia uma forte tendência para reformular e renovar todo o projeto-tese.

53. Professora Doutora Natércia Pacheco, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

> "Esta investigação pretende reflectir e analisar dentro do campo da educação o desenrolar das intervenções de aprendizagens artísticas, tendo em conta as características próprias e singulares do contexto específico, escolar e comunitário. Observar como se cria um currículo diferenciado, ajustada intensamente ao local e às demandas educacionais da comunidade, e como este se articula com o currículo formal. Analisar a sua implicação na actualidade e no global. Estudar como se desencobrem os saberes inertes e empíricos e o desenvolvimento do conhecimento que se efectiva a partir da relação interpessoal. Compreender como se elabora esse currículo diferenciado a partir da noção de comunidade, de reforço político, de valorização cultural."
> (Faria,2010/2011,5)

A parte teórica, que precisei para a investigação pensava maioritariamente na investigação-ação, no investigador coletivo, espaços interculturais, contexto, currículo diferenciado, quilombola, formação de professores, investigação em arte/educação das expressões artísticas, comunidade, memória e território, de onde parti para definir a metodologia com que iniciei a investigação.
Para o trabalho de campo mantinha comigo as orientações:

— Construção e presença constante de um diário de campo, onde se analisa, se sublinham e se apontam as observações, partindo do princípio: "eu não sei, mas quero saber". Serve de apoio ao diário de campo a recolha de conversas, entrevistas, fotografias, vídeo, relatórios de actividades.

— Transporte da reflexão do diário de campo para o grupo, partindo da premissa: "o saber constrói-se em confronto com o colectivo". Isolando e identificando os passos a enfatizar, a discussão é transportada para o grupo que os discute e estabelece uma relação com o pensamento e a linha de acção com que pretende ver acompanhado o processo.

— Retoma da acção. Após a discussão colectiva, acima referenciada repensa-se o caminho de acção/investigação.

No tempo de distância com a comunidade, procurei a partir destes focos centrar a minha investigação no contexto português até que, apresentei o artigo na Califórnia[54], onde, pela primeira vez, me via como autora da história que contava e, onde, pela primeira vez, entendia esse meu papel de artista no campo da educação e da investigação, aquele que cria, que investiga com todos os sentidos, com o corpo todo. A partir daí procurei desfocar essa visão triangular de artista, investigadora, aluna/professora porque ela começava a não fazer sentido na prática, a verdade é que me sentia comprometida e implicada na causa quilombola, como elemento externo e distante ainda desconhecia em pleno este meu envolvimento, e cercavam-me imensas dúvidas

54. Anexo VI – A ouvir é que a gente se entende.

sobre o currículo diferenciado quilombola, muitas perguntas eram levantadas por outros e por mim sobre a pesquisa, sobre a sua importância, sobre a minha participação no coletivo de pessoas que trabalham na construção do PPP_Q, de maneira que os três meses que passei na Conceição logo a seguir permitiram-me partir destas questões e começar a focar a pesquisa na própria desconstrução do que tinha já como dado adquirido.

De setembro a dezembro de 2012, comecei, aos poucos, a viver na comunidade e a ver de dentro, mais próximo da comunidade, mais afastada do contexto português, como era trabalhado diariamente o PPP_Q, e a primeira coisa que fiz e que nunca tinha feito antes foi aceitar qualquer convite para viajar dentro do território quilombola até aos seus limites e para além disso. Descobri que é uma área realmente extensa e com uma paisagem diversa. Aceitava almoçar com quem me convidava e conversar com quem comigo conversasse, onde fosse possível. Entre muitas coisas que percebi nestas companhias, aquela que me despertou a atenção nesse momento, foi perceber, sentindo, qual a importância que a voz das lideranças têm na construção do PPP_Q e o porquê da urgência de ser esse o foco da minha pesquisa. A pessoa que estava à minha frente, aquela que pensava, que agia, que contava tinha uma voz que se tornava cada vez mais importante do que qualquer lei, qualquer ordem, qualquer outra voz que viesse de fora da comunidade para dizer o que fazer ali, quem é aquele povo, como são e o que precisam. Aquela curiosidade que senti em 2003, ao ver os grupos reunidos a discutir 'que escola queremos nós' e a frase que retive 'queremos ser nós a contar a nossa própria história, queremos autonomia e contar o que sabemos[55]', começava agora a encontrar um possível caminho para se saciar, e entre muitas dúvidas a certeza de que viver ali e ouvir o PPP do dia a dia era o que a pesquisa precisava.

No meu diário de campo, recolhia momentos, um desenho aqui, uma folha de árvore ali, uma frase que ouvi, um pensamento que se revelou. Quando parava para ver o conjunto recolhido, para levar a discussão ao grupo, percebia que tinha narrativas, restava-me mostrá-las para a partir dali obter novas, para mim, ou outras narrativas.

55. Anexo VI – A ouvir é que a gente se entende.

Voltei em janeiro à Universidade onde apresentei os resultados, das entrevistas e dos esquemas que a pesquisa procurava. Ela já não se encontrava no mesmo ponto de partida e ameaçava seguir noutra direção mas ainda não sabia bem qual. Pairava a dúvida, sigo a pesquisa ou a pesquisa segue-me a mim?

Em fevereiro de 2013, no I Encontro de Práticas de Investigação em Educação Artística organizado pelo Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ads) da FBAUP procurava encontrar essa nova direção e

dar-lhe uma forma, para isso desenhei gráficos, uma tentativa de 'como explicar a minha tese à Joana[56]'. Foi, dessa forma, que a leitura visual do que pode ser uma Partitura se transformava em estrelas, constelações, tramas, ramificações. Foi neste encontro que o meu orientador José Paiva chamou a atenção para a minha pesquisa ser mais próxima do trancelim do que de um conjunto de linhas paralelas. Acho que foi assim que comecei, aos poucos a desfocar o gráfico esquemático e hierárquico de temas organizados por conceitos e por interesses provocados em leituras e passei a focar a minha total atenção nesse ritmo, nessa trama, o trancelim.

> "Enquanto for possível distinguir a arte da vida, é porque tudo vai mal. É porque a arte é um trabalho e a vida uma sobrevivência. Mas nem a arte se dá bem como trabalho nem a vida como sobrevivência..."
> (Martins,2011,5-7)

Com a bolsa da FCT pude viver na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas a partir de setembro de 2013 até dezembro de 2014. Ali comecei a desenvolver a pesquisa em educação artística com a comunidade, beber do processo da investigação, e foi assim que percebi que era urgente e necessário que me afastasse de mim, que embora seja importante todos os autores ocidentais que edificaram o pensamento e a minha cultura, precisava rever e evidenciar a história que não foi contada, mostrar essa realidade, essa voz que foi silenciada por muito tempo e que tem muito para contar. Sem os moldes com que me fui formando, esquecer ou colocar de lado a minha organização. Com isso tentar ser capaz de desenvolver uma nova visão das coisas, como elas são, livres, humanas, capazes, edificadoras de uma sociedade consciente, diversa, autónoma, plural. Essa é a proposta do PPP_Q na prática do dia a dia, que eu pude constatar, refletir e participar. É o que projeta o currículo diferenciado e é dessa matéria que esta tese se compõe.

Falei do início do projeto de Par Ti Tu Ra, para contextualizar o caminho e apresentar a evolução que a pesquisa atravessou, de início marcada pelos processos das ciências educativas, até encontrar-se em processos artísticos e nele ser pautado até ao fim. Por isso, a tese intitulada "*Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história. Aprender fazendo com/para/na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas*" vive mais do artístico que do reflexivo, reconhece no artístico a alma da educação artística diferenciada mesmo se não esquece a necessidade do reflexivo para a organização e a luta em que a comunidade está empenhada. Neste sentido poderá aceitar-se dizer que a tese é mais prática do que teórica, negritando que cada fazer é diferente de um outro fazer, e também que é mais plural que pessoal, mostrando que

56. Anexo XX – Par ti tu ra: início de uma tentativa de apresentar o todo a uma só voz. As artes na escola e na sociedade: estudo de caso nas escolas da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

cada voz é diferente de outra voz. Que parte pois, de um conhecimento que habita no dia a dia, nas histórias, na oralidade, no conto, no sopro, no sonho, no vento, na erudição do saber fazer tido como comum e é no aprender fazer onde vários conhecimentos podem perfeitamente viver em comunhão. Esta tese afasta-se conscientemente de um discurso tido como erudito para eruditar o discurso tido como comum. Esse dia a dia da invenção do mundo.

Aceitei o convite de ir à Reserva Biológica de Serra Negra em Floresta, Pernambuco, para o encontro dos índios Pipipã para o ritual 'Aricuri'. Quando cheguei lá apresentei-me e contextualizei a minha presença na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Uma das lideranças indígenas presentes referiu imediatamente que conhecia bem a comunidade quilombola e que 'Conceição é caso único, onde tem os índios Atikum e os negros e que por isso tinha ambos os currículos escolares, o indígena e o quilombola', foi mais ou menos assim a fala dele, tendo em conta que registei mais tarde aquela conversa com palavras minhas. Lembro-me de que fiquei surpreendida com aquela informação, a de que na Conceição das Crioulas também existe o currículo indígena e eu nem me tinha apercebido.
Um ano mais tarde, quando encontrei a antropóloga indigenista Caroline Leal contei-lhe esta história, e ela acrescentou, então precisas de viajar um pouco mais, porque a Conceição das Crioulas não é caso único, a Tiririca dos Crioulos que fica na Serra do Arapuá, bem pertinho da Conceição das Crioulas, também é uma comunidade pluriétnica.
Não viajei para a Serra do Arapuá porque estava na hora de voltar para casa. Na mala trazia uma leitura obrigatória, a tese de doutoramento 'Insurgência Política e Desobediência Epistêmica: movimento descolonial de índigenas e quilombolas na Serra do Arapuá' de Caroline Leal Mendonça. Num tempo feito novamente de distância e de escrita, confirmei que o processo que a Conceição conhece e me ensinou é o do movimento descolonial e que essa viagem só foi possível porque nos abrimos ao diálogo.

A tese está organizada em cinco capítulos.
A Arte do Encontro discorre sobre a metodologia aplicada para a realização deste trabalho. O objetivo é, a partir da escrita experimentar outras formas, mais próximas dos processos quilombolas, de expor a própria metodologia num exercício prático, ou seja, dentro do campo da escrita, *aprender a escrever trancelim*, levando o ouvinte, neste caso o leitor a percorrer os passos da narrativa. Daí que a ilusão de que os assuntos se encerram numa frase, numa citação, numa história não é mais do que o exercício do confronto com as

palavras, neste caso, escritas. A arte do encontro pode ser também o acto do desencontro, exigindo a procura, o questionar, a preparação para entrar num universo singular, o do currículo diferenciado que está presente ao longo do trabalho. É por isso um convite a desaprender o que se tem como dado adquirido e uma abertura para novas aprendizagens. Os assuntos seguem esse ritmo próprio do trancelim, saltitam à nossa frente, são constantemente recuperados, referidos e analisados, num vai e vem, passando uns pelos outros. "E o trancelim é uma coisa que vai passando um pelo outro, dá várias voltas assim, vai lá e vem cá, os adultos como os jovens, as crianças também pegaram o mesmo ritmo. Antigamente só as mulheres dançavam, hoje as crianças e os jovens." como explica Generosa Ana da Conceição, liderança quilombola.
Aqui, também existe, um retomar de algumas questões que a *Génese e a introdução* não aprofundou e um novo entrar na comunidade, nos assuntos que considerei importantes aprofundar, mas que necessitava de um novo espaço para existirem. Por isso, *A Arte do Encontro*, está próximo da *Génese e introdução*, podendo até ser um sub-capítulo, ou é uma outra forma de introduzir à tese.

Historiando é uma possível lição escolar sobre a História do Brasil e sobre a História da Educação Brasileira. É um capítulo importante na medida em que permite contextualizar a comunidade no sistema nacional. Por isso, passei mais tempo à procura de informações que estavam fora da comunidade. Acredito que poderia ter referido outros dados, porque a História do Brasil é grande, é extensa, bastante estudada, mas tendo em conta a necessidade de obter alguns dados mais gerais sobre o assunto para entender melhor alguns dados particulares sobre a pesquisa aqui apresentada, retive e demonstrei a partir do que vem nos livros as informações que considerei pertinentes para entender o papel da história na nossa vida, nas nossas escolas, num currículo diferenciado povoado de histórias.

Como o nome indica, *A escola no Quilombo de Conceição das Crioula*s traz--nos de novo à comunidade, para contextualizar geográfica e culturalmente a Conceição das Crioulas e a sua estrutura organizacional. Neste capítulo o foco é dado a cada uma das escolas quilombolas dentro do território, procurando entender e analisar os seus surgimentos, as pressões, as conquistas, o envolvimento político da comunidade nas lutas pelos seus direitos: educação, território e saúde.

Educação em Território Quilombola, é o exercício de construir o currículo diferenciado no PPP_Q com/para/na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, em vez de produzir um conhecimento sobre a comunidade ou

sobre o currículo diferenciado no PPP_Q. Aplica a metodologia do trancelim em todo o decorrer do capítulo mas é-lhe atribuída uma nova dimensão, diferente do capítulo *A Arte do Encontro*, a dimensão plástica e a visual para além da narrativa escrita. É uma tentativa de estar ligada ao currículo, à vida e à arte da comunidade. Sendo que na Conceição, a escola quilombola não se separa das aprendizagens do dia a dia, porque aprende-se em casa, no mercado, assim como na AQCC, no açude, em todo e qualquer lugar, nas coisas mais pequeninas e também nas coisas mais visíveis, este capítulo percorre a pesquisa feita coletivamente, que é a única forma de experimentar fazer o currículo diferenciado quilombola. É como refere Eduardo Galeano quando diz que acredita que "o mundo deve estar feito de histórias porque são as histórias que a gente conta, que a gente escuta, recria, multiplica, as histórias são as que permitem transformar, o passado em presente. E que, também, permitem transformar o distante em próximo, o que está distante em algo próximo, possível e visível.[57]"

Educação em Território Quilombola desenvolve-se no campo do sensível, na busca do sentido, do aprender fazendo num contexto específico, com toda a comunidade. Por isso, é o conjunto que reflete, apresenta e absorve, as aprendizagens e o currículo, é a presença da Conceição na Tese. Gostaria de poder afirmar "é aqui que a comunidade fala", sentindo que todo o meu percurso, mesmo quando isso me era ainda inconsciente, foi orientado pelo desejo de chegar a poder escrever tal afirmação. Sinto que tentei apagar-me o mais possível, de modo a que através de mim fosse a fala da comunidade que pudesse ser ouvida. Sei que não posso fugir à condição de intérprete, mas gostaria que o leitor criasse em si a disponibilidade, o mais completa possível, para esta afirmação: É aqui que a comunidade fala!

57. Programa Sangue Latino, do Canal Brasil, gravado em 2009, https://www.youtube.com/watch? v=w8rOUoc_xKc

Intertexto

Espedita Silva
(esta conversa/entrevista aconteceu no quintal da casa de Valdeci que é também a casa da Espedita. São irmãs. Ao fundo ouvimos os barulhos de perús e galinhas. 2012.)

Eu sou Espedita Maria da Silva, tenho 34 anos, nasci no ano de '78. Sou professora há seis anos, especializada na área de línguas, pós-graduada e estou autorizando todas as falas. As imagens não porque as lágrimas desceram.

...é assim, aqui na comunidade eu estou há oito anos, terminei o meu normal médio em dois mil e quatro, e desde o dia vinte e dois de dezembro de dois mil e quatro eu estou aqui em Conceição. Sou naturalmente do Sítio Poço da Pedra mas a maioria morei muito tempo em Salgueiro, também morei em Petrolina, morei em Grabatã, e outros lugares mas a maior parte do tempo foi em salgueiro. Foi lá que eu estudei. Terminei o ensino médio em noventa e nove. Aí depois fui fazer o normal médio. Depois fui fazer a Faculdade mas aí quando eu comecei a Faculdade eu já estava morando aqui, né? Enfrentamos muitas dificuldades, a questão do transporte, as estradas que não são tão boas, assim. Mas foi com muita luta que a gente conseguiu vencer essa batalha, que a vida continua né? Não tem como parar, a gente não consegue mesmo ficar parado. É muito ruim a necessidade do ser humano mesmo, de estar em atividade.
– Fizeste parte também desta luta do projecto político pedagógico da educação quilombola? Como é que a vives?
– Não, agora assim, é um processo que eu acompanhei. Só que eu trabalhei nas duas escolas. Então, eu iniciei na José Mendes em dois mil e seis, e dois mil e sete eu continuei lá ainda. Então aqui na José Néu eu trabalhei dois mil e oito, o ano todo, e dois mil e nove até a metade. Então foi apenas um ano e meio aqui nesta escola. Na época com a direcção de Márcia, tinha o apoio também de Zélia, enfim. Mas é um processo que eu também acompanhei, né? Foram um período mais curto que os demais, né? Então, esse projecto da educação é, ele traz coisas super importantes, né? A questão de que é interessante saber, conhecer culturas de outros lugares, até de outros países mesmo, mas que temos que começar da base. E a base é conhecer primeiramente a realidade do aluno, a vida do aluno, e a luta também é pela, para que nós tenhamos, aqui na comunidade, professores da própria comunidade. Que saibam realmente reconhecer a importância da luta, do povo quilombola, e conhecer mesmo de fato a realidade de um povo, de uma comunidade, né? A gente já viu pessoas que vieram e não dá mais para contar quantos já estiveram. Alguns estiveram, outros apenas passaram. Uns professores passavam um ano, dois anos. Outros passavam um mês, uma semana. Até um dia mesmo, né? Ou seja, estar nessa luta tem que ser alguém que resista. Enfrentar os desafios. A questão das aulas vagas, era um problema sério aqui, a gente tem conseguido reduzir bastante, porque os professores serem da comunidade isso facilita muito, né? Por exemplo, se um professor tiver que trabalhar à tarde, e tiver um problema de saúde pela manhã, rapidamente já dá pra avisar na escola e os demais se organizarem. Aqui não há já, essa questão da aula vaga, o que prejudica bastante o aluno e atrasa também os trabalhos escolares. Essa questão dessa diferenciação, eu acho que é realmente importante nesse sentido.
Conceição das Crioulas hoje é referência, não apenas no Brasil mas como você mesmo é testemunha,

muitas vezes a gente sabe que pessoas de Salgueiro nunca estiveram aqui mas vem Portugal, vem a Itália, vem a França, Alemanha, pessoas do outro lado do mundo, que a gente diz, se interessam pela nossa história e vem aqui conferir de perto. Pra ver que tem realmente de importante, que são muitas coisas, a questão do artesanato, a questão da educação mesmo, aqui no território.

– Sempre te identificaste quilombola? Nasceste ali no Poço da Pedra, né? Podes falar-me do teu percurso, do teu caminho? Com que idade começaste a estudar, onde, se foi fácil se foi difícil e como chegaste a esta luta também. De certeza que foram várias conquistas que tiveste ao longo da vida, não é?

– É verdade. Eu quero te falar, eu acho que me perdi antes e que tu falou aí, que era bem interessante... Espera aí tá? ... Ah, lembrei. A questão da identidade mesmo. Embora tenha nascido no Sítio Poço da Pedra eu morei muito tempo em Salgueiro né? Então lá em Salgueiro eu não tinha a identidade assim, definida e nem tinha o argumento para defender, mesmo, né? Então, a vida inteira eu aceitei ser chamada de moreninha, de escurinha, qualquer coisa desse tipo, sabe? Mas só a partir dos 16 anos é que pude conhecer de perto minha comunidade, e de estar aqui alguns dias, e ver a luta de Givânea, né? Pela conquista do respeito para um povo, que foi a primeira pessoa negra que terminou um curso na Faculdade, então isso realmente abriu caminhos para que muitas pessoas da nossa comunidade hoje, muitos jovens da nossa comunidade, já estão na Faculdade, né? E outros foram até mais além, mas foi uma luta constante porque realmente não era fácil.

Aqui, a escola só ía até quarta série, depois de quarta série você tinha que voltar de novo, ou então tentar alguma coisa em Salgueiro, trabalhar na casa de alguém para poder dar continuidade. Então essa foi uma das conquistas que realmente eu me orgulho, de tê-la como espelho na identificação mesmo, de se assumir como negra, negra sim com muito orgulho! e de saber que a questão da educação teve esse marco importante de alguém que acreditou na nossa comunidade, de buscar, lutar de uma forma constante para que hoje a gente pudesse ter escola que atendesse os nossos alunos sem ter que a gente ir pra cidade. E a questão da pós-graduação foi uma conquista também que não foi fácil. Como você pode observar, acredito que todas as pessoas que você entrevistou têm uma história de vida para contar e são muitas as lutas, são muitas as dificuldades. Então, quando eu terminei o curso de Letras surgiu a ideia da gente fazer a pós-graduação, então a turma que eu estudava alguns seguiram na pós, outros fizeram faculdade de outras coisas, outros não fizeram mais nada até hoje e eu achei necessário seguir, né? As aulas... foi uma dificuldade enorme pra formar essa turma, já vinha se arrastando há anos, à procura de alunos interessados, enfim. A turma de psico-pedagogia, eles conseguiram mais de sessenta alunos, enquanto a nossa turma de línguas apenas vinte e seis, o que no final terminou com dezanove, alguns desistiram também. Então, o que é que acontece? As aulas aconteciam nos finais de semana, de quinze em quinze dias, a maioria dos professores eram de Garanhões. Tivemos a felicidade enorme de começar com a melhor professora que tinha no curso, né? Então a gente imaginou, a primeira desse jeito, os outros devem ser muito melhores. Na nossa cabeça, foi realmente um incentivo grande para a gente.

– Como é que ela se chamava?

– Maria Perpétua. Inclusive ontem, liguei pra ela, que tinha feito a apresentação da monografia, e ela ficou muito feliz com saudade da turma, enfim, uma pessoa que tem realmente uma capacidade muito grande, uma super profissional, ser humano muito humilde.

Então hoje estou aqui pós-graduada, muito feliz, a ficha ainda não caiu (risos). Todos os dias eu

acordo e aí fico pensando, será que aconteceu mesmo ou que eu sonhei apenas.
– Muitas das vezes, a mudança que acontece, não acontece de fora para dentro, entendes? Fiquei a pensar, enquanto te ouvia. És só professora de Inglês?
– Assim, a minha formação, a especialidade mesmo, em línguas. Quando eu me formei, quando eu terminei o magistério normal médio, a série para ensinar de 1ª à 4ª, certo? Só que é assim, eu fui mais além, na faculdade. E na faculdade eu fiz letras. Letras é o que te dá especialização em Português, Inglês, Literatura, certo? Então quando eu iniciei a maioria das disciplinas que eu tinha mesmo era Inglês. Iniciei em dois mil e seis, com doze turmas de Inglês, não era poder total porque tinha catorze turmas, aí tinha uma professora, que ela pegava duas. Quando foi em dois mil e sete, eu peguei também doze turmas, né? E agora, em dois mil e doze, eu estou com todas as turmas de Inglês na escola, ou seja, eu estou me achando (risos) eu digo assim prós meninos 'quem manda sou eu, no Inglês, agora quem manda prender e manda soltar sou eu' (risos) 'quem mete o martelo sou eu' (risos) só que é assim, é uma disciplina que eu acho importante, eu acho. É importante, é uma necessidade, claro que no dia a dia a gente não lida todo o dia falando só Inglês, mas eu explico para eles a importância da disciplina no mercado de trabalho, em situações que você enfrenta. Muitas vezes você vê uma blusa bonita, aí tá lá umas frases em Inglês, você não sabe nem o que é que quer dizer, pode estar te escolhabando mas você acha a blusa bonita você compra. Se você tiver noção, você vai olhar assim 'que blusa bonita', e vai olhar lá, se você souber o significado de algumas palavras 'iii, não é bonita mais não' (risos), né? Mercado de trabalho, se você vai atender um estrangeiro, e não conseguir entender a língua dele já tem muitas pessoas de olho na na sua vaga, pra ganhar menos que você até. Então, é concorrido o mercado de trabalho, então há essa necessidade de saber mais do que uma língua. Então, eu explico pra eles assim, desde o mais básico até o que é alto gabarito, na questão do trabalho mesmo. Então este ano além de treze turmas de Inglês, que é o Inglês da escola pública, eu me acho na José Mendes e Lena se acha na Rosa Doralina (risos).
É, eu ainda tenho uma turma de Português, que eu adoro Português, tá entendendo? E tenho uma turma de Religião, que aí, eu gosto de Religião também. Porque é assim, muito embora neste momento eu esteja sem religião nenhuma, porque eu fui Católica e já passei um tempo sendo Evangélica, no momento eu acho que eu não tou sendo nem uma nem outra. Mas assim, independente de religião, a gente trabalha a questão dos valores, Mónica, né? Então, se um Católico mata, alguém vai comentar 'olha fulano matou', 'e foi?', 'foi.', 'ah tá', se alguém que é Evangélico mata será que é a mesma coisa? É não. 'ah, fulano matou. E é porque é crente!', ou seja, coloca muita pressão na questão da religião, no que é Católico, no que é crente, no que é num sei o quê, então eu procuro desfocalizar isso. Eu digo pra eles que é importante, que respeite e seja respeitado. Se você é católico, se você é evangélico, se você é budista, se você é do candomblé, não importa de onde você é, respeito é a palavra de ordem. Respeitar todas as diferenças, não dá pra ter o povo, todo o mundo igual, torcendo pelo mesmo time, né? Todo o mundo é parte do A, todo o mundo... enfim. Religião, Política e Futebol são coisas que as pessoas têm direito à escolha e a partir dessas escolhas os demais têm que respeitar, podem não concordar mas têm que respeitar. Então a gente trabalha religião dessa forma.
Eu trabalho com eles produção de texto, a gente faz um debate sobre esses valores todos, respeito, solidariedade, amizade, fraternidade, enfim, montes de coisa, e eles assimilam bem, colocam no papel, produzem texto. Na oralidade, também eles sabem o que estão dizendo, cê tá entendendo?

Construí realmente uma relação de amizade com eles porque nessa turma são apenas dez alunos, dez. Eu tenho Português com eles, é Segunda e Terça. Aí eu tenho com eles: Segunda, Português; Terça, Português e Religião e Quarta, Inglês. Aí, eu terminei Inglês, né? Eu peguei o horário de Inglês pra colocar Português, então a gente se encontra três dias por semana para trabalharmos Português. E é uma maravilha porque aí eu descubro tudo o que eles já sabem e o que eles não sabem. Então, eu fico levando atividades que eles dizem assim ' professora, eu não tou conseguindo, eu não tou sabendo isso daqui' eu digo 'glória' esse é o momento que eu mais adoro trazer atividade, gosto de desafiar, certo? Eu digo ' se eu trouxer sempre coisas que vocês já sabem não vai ter graça' que eu preciso de ensinar o que eles não sabem. O que eles já sabem, sabem. Não decoraram, aprenderam, pronto. Então é assim, você se encontrar três dias por semana com uma mesma turma, se não for relação de amizade, de muito respeito, você não aguenta não, porque não tem como aguentar mesmo. As nossas três aulas de Português passam assim voando, quando a gente pensa que não, já está na hora de lanchar eu digo 'gente. É lanchar? Mas já?', 'Já.', 'eita, como passou rápido.' Tá entendendo? Como é gratificante ouvir isso. Como seria horroroso se eu tivesse que ficar olhando no relógio, e eles também, reclamando, dizendo coisas, não sei quê, seria triste. Aí então, foi graças à desistência de Fabiana, que é assim, eu não queria que ela desistisse, mas essas turmas de Português e de Religião eu peguei porque Fabiana desistiu. Ela trabalhou até final de março, acho que até inícios de abril e ela desistiu então, as aulas dela foram espalhadas, distribuídas pelos professores que tinham alguma brecha no horário. Então, quando lembraram que para além de Inglês eu gosto de Português, não me deixaram fora dessa. Aí assim, eu já ensinei também em dois mil e nove, eu ensinava aqui na Néu, dois mil e nove. Aí houve uma selecção e colocaram as estagiárias e as professoras ficaram, um pouquinho assim, com a cara pra cima, desempregadas, só um pouquinho, eu fiquei só um pouquinho (risos). Aí conseguiram umas aulas pra mim lá. Umas aulas de Ciências.

– Na José Mendes?

– Sim, e eu fui pra lá. Umas de Ciências, umas de Português. Ou seja, aos poucos eu ando experimentando outras disciplinas, muito embora a minha paixão é Inglês e Português, são essas as minhas paixões. Mas a gente não tem que ter medo dos desafios. Eu costumo dizer que se for para ensinar Química, Física, Matemática eu acho que eu digo que eu não aguento isso não. Mas sabe o que é que é, porque são as disciplinas que eu não tenho afinidade, mas se um dia surgir a necessidade eu vou ter que arranjar tempo pra me preparar, não sou de dispensar trabalho não. Se precisar de trabalho, tá entendendo? Já vi que na roça eu não presto. Plantei algodão e até agora não nasceu (risos).

– Mais alguma coisa que queiras contar?

– Dizer que é uma satisfação enorme ter você aqui, no meu humilde quintal. Dizer que vocês portugueses são sempre citados nas minhas aulas. Tou falando de vocês portugueses, dessa geração nova, não do início... do início, eu digo 'deixo claro que eles não tem culpa de nada, viu gente!' 'é verdade que a professora hospedava os portugueses lá em casa da professora?' 'sim, era um grupo grande, era mais ou menos uns sete no início, sabe? Eles vinham assim à comunidade umas duas vezes ao ano' e, assim, o que eu acho muito interessante de vocês, vocês também são muito citados nas minhas aulas, eles ficam fazendo muitas perguntas sobre vocês.Eu digo assim 'olha, eles acordavam muito cedo, e ficavam aquele grupo grande assim ao redor da mesa pra tomar o

café, enfim. E eles conversando assim, naquela alegria toda e, se você estava de fora, você não entendia muita coisa, porque ali já era a forma deles, o ritmo deles conversarem, agora quando eles vão falar com você, eles já falam mais pausadamente para que você compreenda de fato que eles estão dizendo. E o mesmo caso é a gente, se a gente falar muito rápido, eles também não conseguem compreender tudo, sabe gente.' Então eles ficavam assim 'ah!' babando, assim, e eu falando assim as coisas como, questão da linguagem mesmo, a forma de comunicação aqui e dos portugueses. Do carinho que a gente tem por vocês, é recíproco, né? E falei que Lena, Tico e Lourdinhas estiveram lá e como foram bem recebidos, enfim. E eles ficam, assim, encantados. Eu digo, é impressionante, como quem é que a gente acorda cedinho da manhã com tanta energia, com tanto bom humor, essas coisas todas. Dizer pra você que realmente, eu sinto falta do grupo grandão. Sabe? Era um sonho meu se um dia tivesse a possibilidade de reunir todo o mundo, de vir aqui de novo porque foi muito interessante. A gente aprontou muito. Muito bom, muito bom mesmo. Às vezes vem você, tem vezes que vem o Paiva, enfim, qualquer um que venha a gente tem o mesmo carinho. Se vier o Paiva a gente pergunta por você e pelos outros, se vier você a gente pergunta pelo Paiva e pelos outros. É um laço que a gente construiu que não há tesoura que corte. Aí, quando eu digo, Mónica que a casa é sua, que é para ficar à vontade é porque a casa é sua, sabe? A gente a considera de casa. Quando tinha aquele grupo bem grande era aquela alegria toda. As meninas perguntavam assim 'Maiinha, os meninos não vêm almoçar, não?' aí maiinha 'que meninos?' 'os meninos daqui de casa', tá entendendo? A gente adoptou vocês pra ser de casa mesmo. E quando você vier aqui outra vez, a gente quer que você esteja de novo em casa. Foi muito bom ter feito essa retomada. O Felipe perguntou 'e a Mônica como é que está aí? Tá dando muito trabalho?' eu disse 'tá não, Felipe. A Mónica é uma fofa. A gente conseguiu fazer a retomada da Mónica.' Mas é assim, é pra você ter a certeza, que você chegando nessa comunidade, você está em casa. Nunca vai acontecer de você, ou qualquer um dos outros, chegarem na comunidade e dizer 'não tem onde ficar.'. Nunca vai acontecer porque vocês souberam conquistar. Souberam conquistar e a gente vê, interessante, né?

Que a gente tem esse orgulho, de ter sua presença aqui e que outras pessoas também têm o mesmo desejo de te acolher, de te levar pra casa, de você ficar à vontade, eu tenho a certeza que você estava à vontade lá. A gente fez essa retomada pelas circunstâncias. Eu não sei quem foi a ideia. Mas quem falou pra mim foi Márcia 'Espedita, tem como vocês receberem a Mónica lá?' Eu falei 'como assim, Márcia?', 'olha, porque ela está lá com Zélia, mas às vezes Zélia fica internada e a gente fica preocupada porque ela fica sozinha lá, não tem como acolher?' 'Ó Márcia, depois que Mónica entrar dentro de casa ela fica à vontade, não tem problema' depois falei aqui com as meninas, elas adoraram a ideia e agora ficam a dizer 'fizemos a retomada da Mónica. A Mónica é nossa de novo'. Ali assim, eu até achei bonitinho, quando você chegou se sentou ali na cadeira, a Zélia já se prontificou a ir lá fazer o arroz lá, a trazer o café, e a gente fazer o peixe, de eu fazer o peixe e a gente foi lá deixar, enfim, é o momento que a gente vê, que vocês são pessoas muito queridas. E a gente fica morrendo de saudade. Quando vai embora, deixa aquele vazio assim, enorme, sabe? E a confiança que a gente tem a você, dando essas entrevistas, e fazer as imagens de muitas coisas da comunidade, a gente sabe da responsabilidade de vocês. Que jamais vão dizer coisas que a gente não disse. Então, porque você também sabe que não tem só gente boa no mundo, tem gente ruim também. Tem gente que entrevista as pessoas e distorce tudo, tá entendendo? Que realmente mancha uma

imagem de uma pessoa, de uma comunidade, senão mesmo de um país, digamos assim. Porque as pessoas precisam serem ouvidas, e o que for publicado tem que ser realmente original, você tem que ser fiel aquele texto. Pode até substituir palavras, sinónimos mas nunca o antónimo. De você dizer nas suas escrituras que, todas as vitórias que a gente teve aqui foram fáceis, não foram, não foram. Dizer que todos os entrevistados disseram que, sala de aula não tem aluno que não seja teimoso e que não tiram nota baixa, tem sim. Tem sempre os que querem e também tem os que querem também, só atrapalhar. Eu acho que isso vai ser sempre em todos os lugares e em todas as áreas do conhecimento. Então a gente deseja que você faça um óptimo trabalho, que dê pra comunidade um retorno que a gente deseja.

Então é isso, você veio aqui a gente tem uma vida muito corrida. Então a gente fica sempre se sentido em falta. A gente gostaria que você viesse assim, tipo assim, vamos colocar assim, uma semana. Uma semana, assim, sem ser para trabalho, sem ser para nada, ser só para gente se divertir, só para conversar, seria maravilhoso, mas enquanto esse dia não chega…

– Sim. Mas eu sinto que foi o que eu fiz desta vez. Vocês foram correndo mas eu fui ficando, sentei-me aqui a conversar com não sei quem, depois fui ali naquele Sítio conversei com não sei quem… esta foi a minha história desta vez. Tivemos formação de professores, desta vez?

– Pois é, não tivemos. É um ponto que eu sempre falo na sala de aula, o pessoal vem aqui fazer trabalho com as crianças, com os professores e tudo mais, mas porque foi que a gente não teve, você soube? Problema de agenda?

– Não. Em novembro foi o mês da consciência negra, muita coisa a acontecer e era importante fazer o que não fiz das outras vezes, como viajar, nunca viagem antes, fui até ao cortume…

– Eu lembro um ano em que você veio, e a gente não tinha feito o serviço direito, você ficou brava pra caramba. Aí no outro ano, todo o mundo começou a fazer as coisas rápidas. Deus me livre de a Mónica vir de novo e querer ir embora de jumento. Sabe, ali foi uma injecção que você deu assim de, sabe? Colocou pressão mesmo, e o povo fez porque sabiam que tinham competência pra fazer, não fizeram se acomodaram um pouquinho mas a competência não morreu, só estava só dormindo um soninho, depois acordou com força.

E agora, quando é que você volta?

– Em Março.

– Março desse ano? Ó mulher não vá não, fique logo.

– Eu vou pra poder voltar.

– É verdade, se você não for não pode voltar.

Roda de conversa, no P.E.T.I. em Abril de 2014

(esta roda de conversa aconteceu a partir do intercâmbio com o movimento intercultural IDENTIDADES, em abril de 2014 na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, para a realização do filme 'Arte das escolas de Conceição das Crioulas' apresentado no III Encontro Internacional sobre Educação Artística (http://dea.nea.fba.up.pt/node/57)

Célcia – *Então com relação à questão do protagonismo que tem o currículo. É… na quarta-feira… quarta-feira, quinta… Quinta-feira, a gente.. é… as professoras da José Néu, elas tinham um*

trabalho bem interessante que era uma produção de um livro... Inicialmente a gente, na questão do material específico e diferenciado que a gente produz e tudo... E aí quando chega na hora de produzir é um choque né... Então nós fizemos um texto com várias páginas e a gente tinha o compromisso de ilustrar esse livro e a gente começou a produzir... um dizia que não sabia desenhar e outra não sabia.... Enfim, e a gente foi fazendo e no final do livro, a gente... eita agora a gente vai até vai brigar, os editores agora que se cuidem, que a gente vai.... Então a gente já ficou com o compromisso de tar fazendo um outro livro... Que pode ser usado mais tarde na escola, enfim... Então a actividade que a gente também sai com o compromisso de fazer, na escola, com os alunos... e que é bem interessante, né... Não só a gente lê o que tá escrito nos livros mas a gente também poder produzir o material.... Incluindo a história das atividades do Sitio Paula, as pesquisas que foram feitas com as crianças, os espaço educativo.... Onde a criança também pode estar aprendendo... E foi bem interessante essa questão.

Com relação à questão das atividades, a gente já sabe que existe, não só nas escolas de Conceição, como no Brasil todo... Diversas né, questões financeiras, enfim... Eu não estudei na Escola José Mendes, né....Fui uma das pessoas que, como se disse no início, teve de sair para estudar... Mas, eu estou na José Mendes, eu digo estou, porque eu estou na José Mendes mesmo. Tou na José Mendes desde dois mil e dois, quando eu cheguei a gente também enfrentava essas dificuldades e as vezes as pessoas não atenta, porque também era novo né, enfim... De não acreditar, às vezes dizia, não mas professoras é tudo daqui, será que elas vão dar conta... Enfim, então a gente enfrentou algumas dessas dificuldades e hoje a gente se sente feliz né, das pessoas poderem acreditar do trabalho da gente... Das pesquisas, das crianças poderem estar aprendendo e é uma coisa que, deixa a gente bastante, né, com compromisso de melhorar cada vez mais... Ainda não estamos no perfil que a gente precisa estar mas eu acredito que a gente faz um trabalho e contribuí muito com as pessoas da comunidade. Hoje eu estou diretora adjunta na Escola Professora Rosa Doralinda, e a gente sabe que é um compromisso muito grande, a primeira escola de ensino médio, escola quilombola de ensino médio do Brasil, na prática, ela... ele é tratada pelos gestores estaduais como outra escola qualquer. E, apesar de ter um recurso que é específico mas o diferencial a gente tenta fazer na prática infelizmente a gente ta..é...Não dá conta da questão, não temos ainda documentos específicos que trata as questões especificas, na rede estadual...Mas o que... o que é também, não adianta você ter documentos que garantam quando não acontece na prática como a gente sabe que tem aí, a lei dez mil seiscentos e trinta e nove... Que é lei, que as escolas precisam trabalhar.... Mas infelizmente é a escola que ainda, que a gente independente da lei, a gente, faz o nosso trabalho...Eu acho que é isso, né... A gente pode sim fazer diferença, a gente acredita nas pessoas que estão na escola... Ainda hoje, tenho acho que, umas quatro ou cinco pessoas que foram meus alunos e minhas alunas no ensino médio... e a gente, eu acredito que fazem um bom trabalho, né... É preciso melhorar algumas coisas ainda, mas estamos aí para fazer o que for melhor para a comunidade...

Diva – *Eu lembro quando a gente começou a discutir, essa questão do diferente, a gente já fazia diferente mas assim....Quando a gente começou a falar, desse jeito de fazer, de procurar ocupar os espaços, para divulgar...a necessidade que a gente tinha que trabalhar diferente, é, a gente foi realizar um seminário na faculdade. Convidou a pessoa do Centro Luiz Freire, para vir, ser a palestrante nesse seminário. E...as professoras da faculdade, na época, assim... Teve uma que*

depois disso, a gente tinha passado a noite sem dormir, o que era que na Conceição das Crioulas estávamos fazendo com as directrizes nacionais. A gente tava, assim, acabando... Como é que fica as directrizes, vamos parar as directrizes se vocês estão desse jeito... Ta tirando da cabeça de vocês as coisas e fazendo, vocês esquecem que estão em Conceição mas tudo isso é Brasil, e que o Brasil tem umas directrizes que é preciso serem seguidas.... Assim, foi um impacto muito grande. E assim, historicamente a gente tem se deparado, hoje o discurso já está mais, enfraquecido, a prática ainda é cruel com a gente mas assim, a gente já, a gente já consegue a falar desse fazer nosso, porque a gente não só fala a gente mostra o que faz. A gente já consegue falar sem tanta rebelião como foi no começo. Mas no começo, era assim, era de um... era como que se fosse um choque, uma ofensa, às ordens da sociedade brasileira que a gente estava fazendo que a gente estava desrespeitando, tava sendo desrespeitoso porque as directrizes nacionais diziam... E a gente tentava dizer. Aí outros diziam, vocês só vão estudar Conceição como é que vocês vão ficar, estão criando gueto.... Como é que vocês pensam de educar o pessoal de Conceição, estudando só a história de Conceição e não é isso. A gente quer, também estudar a Conceição mas a gente quer, e muito, ter outros conhecimentos. Agora, a gente quer ter outros conhecimentos não achando que aqui é inferior. A gente precisar conhecer a nossa realidade, o nosso local, a nossa história, o que era tão importante quanto as outras, para nós ela é mais importante. Então assim, esse jeito de dizer, esse jeito de fazer, quando a gente começou a dizer foi bastante impactante e a gente encontrou muita resistência. Nas palavras mesmo, das pessoas.

Rozeane – *Mas isso que Diva coloca ainda... infelizmente ainda é muito real, hoje... é muito real, quando, Diva coloca dessas falas, de pessoas que se preocupa com a forma como a gente trata a educação de Conceição, trazendo para o seu diferencial... E aí, eu digo isso... Por ser um exemplo vivo e aí, a maioria que.. aliás, todas nós somos. Meninas, é, Márcia exemplo diretora, Diva diretora, Célcia é hoje diretora também e as outras que já concluíram o ensino superior e que estão hoje atuando dentro da comunidade, são provas vivas de que há ainda uma resistência de todo o público lá fora em relação à educação de Conceição. Isso a gente vivencia, dia-a-dia, na faculdade. E a faculdade, hoje a Faculdade de Ciências Humanas do Sector Central, nós temos o direito e, já é uma lei, de que a educação diferenciada seja aplicada também no ensino superior. E elas já tentam, fazer isso mas de maneira muito tímida e às vezes até desrespeitosas mesmo. Às vezes a gente escuta algumas coisas na faculdade que machuca. A exemplo, por exemplo que o aluno adulto de Conceição, principalmente nós que estamos mais envolvidas na luta, a gente quando concorda com uma coisa a gente fala mas quando discorda a gente também fala e coloca o porque da discordância. E aí, na faculdade isso hoje para a gente ainda é muito ruim. Assim, se vê como – ah ela sabe tudo, – é... – quer saber mais que todo o mundo... – ou – isso, tá errado! Isso aqui é vivenciado lá não faz parte do nosso mundo. E aí não é isso que a gente quer mostrar, né... A gente quer mostrar que a educação de Conceição é uma educação diferenciada que a gente quer viver ela nos outros quilombos, de acordo com a sua realidade. Mas quer também que os outros nos respeitem. E que, a educação quilombola seja uma educação como as outras são, com direitos e deveres, né. E aí, eu acho que Conceição está hoje de parabéns porque... se a gente pegar todos esses elementos que já foram colocados e, a gente, analisar, Conceição tá a anos luzes de diferença e a gente pode visualizar isso no nosso dia-a-dia. A maioria do nosso quadro técnico hoje é de Conceição das Crioulas. Desde a auxiliar de serviços*

gerais que hoje não é mais auxiliar, né Diva?
Diva – *Hm hm... é*
Rozeane – *Tem outro nome.... É técnico....*
Márcia – *Técnico de infraestrutura e meio ambiente...*
Marinalva – *e de alimentação escolar...*
Rozeane – *À direção da escola, professores e todo o mundo, todo o quadro, hoje, é local. Se contam as pessoas que não é de Conceição... Ou nós nem temos mais... Acho que nós só temos hoje na área da saúde. Profissionais que não é de Conceição.*
Penha – *Mas hoje, na faculdade, já tem uma disciplina que é "Educação em Comunidades Quilombola". Mas quando eu tava, lá na minha sala, quem dava aula era eu, Jeane...*
Márcia – *Que bom, né? (risos)*
Penha – *A professora sentava, sentava e ficava... – Cadê as mininas de Conceição? Cadê as mininas de Conceição? – e a gente demorava para ir para a sala, porque a gente sabia que ela ía precisar da gente, né... E quando a gente entrava, – Chegou as minina de Conceição!*
Márcia – *Para dar a aula hoje, lógico...*
Penha – *E nós cansou de dar a aula no lugar da professora mas o salário era dela....*
(risos) ... (várias pessoas que a falam em simultâneo)
Marinalva – *Na minha sala, mesmo caso de Penha continuando, eu cheguei a discutir mesmo com a professora porque, ela trouxe uma apostilha e passou só eram que, aproximadamente vinte aulas, num semestre. Não chegava a isso não. E ela trouxe uma apostilha que falava da África, da história da África, dos elefantes, do rio Nilo. E passou umas quatro aula nisso, eu disse, oh professora quando é que vai chegar em Conceição. (risos) não é... Vai chegar, não vai dar tempo que tá na Africa e quando... Não ia chegar, né... Quando é que vai chegar à Conceição, porque eu estou agoniada... a letra é bem pequenininha nessa apostilha? Aí, assim, aí a partir daí eu tive a iniciativa mesmo de tar levando... Levei banners, levei materiais, fiz exposição... na sala, houve seminários também puxado pela... a gente. Mas era todas as aulas, a professora já com bem cem ano, (risos) cinquenta de serviço, cem de idade... (risos) e assim, ela já estava cansada mesmo e aí, a gente entendeu que tinham colocado ela também porque ela era preta também, era negra né, a professora. Com essas características eu disse, era negra... Aí, respondeu, porque é que ela tava nessa, com essa disciplina? Pronto e a partir desse momento, a gente começou a, a levar mesmo material. Levei... presenteei ela com aquele livrosinho, que toda a gente conhece, de orientações... Das orientações... Dei de presente para ela. Ela começou a tirar cópia do livro para levar. Fez a exposição, outro momento com os banners e Olhares Cruzados... Que é esse projeto que a gente está desenvolvendo hoje, aqui. Pronto e outras coisas que a gente sempre ia levando. Porque era pouco tempo e eu tava vendo que, minhas colega, não ia, saber da história... (risos)*
(pessoas a falar em simultâneo)
Diva – *Tem um montão de gente que começou, mas só que a minha fala é bem rapidinho, aqui na questão que Marinalva colocou. Eu tenho a mania de pensar e de dizer as coisas eu ficava só dizendo. Essa professora ela tá, tem essa disciplina porque ela é preta. Só por isso... Que nada impede, de ser preto ou branco, tem que saber... Mas o pior é que ela nem quer, nem sabe nem quer saber... As directrizes ela chama, aquela coisa lá de Conceição... As diretrizes que são nacionais, aí ela*

chama – fala aquele negocio que aprovaram lá, aquela coisa de Conceição. – Quer dizer, ela não tem preparo nenhum e aí eu ficava só dizendo isso, em todo o canto eu falava isso. Quando um belo dia me chamaram para um seminário não é que chegaram lá e que disseram que foi por isso mesmo. Naquele, seminário que foi. Aí quando eu vou para algum seminário lá, eu faço questão de dizer, do sofrimento que eu vivi na faculdade. Na faculdade e tal... e aí elas terminaram dizendo, tudo o que vivia dizendo fora, elas confirmaram. Que ela tá lá só porque, nada mais justo do que ser uma professora preta para ensinar... (risos)

Marinalva – *As disciplinas, os conteúdos das disciplinas em todas as disciplinas da faculdade, quando eu cursei os quatro anos lá. Eu nunca peguei um tema específico. Porque os específicos para negro era Marinalva. Eu digo, eu não, eu quero outro, educação especial ou me dê qualquer coisa, só não quero esse daí... É porque para falar em relação étnico, do preconceito, do racismo é Marinalva. Aí eu digo, eu não...*

(várias pessoas falam em simultâneo)

Marinalva – *Os outros iam pesquisar, iam apresentar do jeito deles aí, na hora de socializar eu fazia as intervenções. Mas a pesquisa, nunca participei...*

Rozeane – *Mas é isso mesmo prá quando vai se falar de educação diferenciada, prá o... de religiões de matriz africana ou... de alguma coisa que se remeta à preto, à negro, eles escolhem a dedo, alguém de Conceição. Se não tiver... Eu fico imaginando como é nas salas que não tem ninguém de Conceição... Então eu acho que o nosso passa em branco. E aí, uma outra coisa que eu ia colocar era que... É interessante a gente ressaltar que, Conceição hoje, tá nesse nível a partir de, principalmente da existência da escola José Mendes, de noventa e cinco e, também veio reforçar mais ainda a partir da... fundação da AQCC, em dois mil e com a criação das comissões temáticas. Que, veio, à comissão de educação. Puxando toda essa, discussão sobre, a história da educação diferenciada. Que junto com a coordenação estadual produziu à... eu ia dizer a cartilha (risos). A carta de princípios, e aí que deu, fundamento às diretrizes, à nossa inclusão, nas diretrizes nacionais... e eu acho que, de certa forma, Conceição tem puxado à discussão da educação diferenciada em todo o Brasil. É uma discussão nacional mas que quem puxa é Conceição.*

Fabiana – *O que poderia eu dizer, depois de tudo isso... (risos) Prá casa dormir... (risos)... Não, brincadeira...*

Márcia – *Não, tu vai falar, mas eu queria só... reforçar?*

Fabiana – *Não porque, Roze falou das comissões temáticas, e o que eu queria falar tem um tiquinho a ver com o que Roze tava falando... Mas para isso eu tenho que volta lá, lá do inicio. Tenho de fazer um brevezinho histórico... É, Diva começou a fala dela, lá ela dizendo assim, que já se fazia educação quilombola só que não com um termo e nem com os termos, intercultural ou diferenciado, especifico. Mas quando eu estudei lá de primeira à quarta série com Diva – eu consigo fazer esse paralelo porque eu estudei, primeira à quarta série com Diva, de quinta à oitava na escola da cidade, com Diva aqui na zona rural, aqui em Conceição... de quinta a oitava na cidade... Primeiro ano e o segundo ano também na cidade e o terceiro ano novamente aqui. Que aspectos, é, foram relevantes? De primeira à quarta série, eu consigo, até hoje lembrar, várias coisas, vários aspectos que tornavam essa educação já diferenciada, essa educação já com aspectos quilombolas que hoje a gente encontra nas diretrizes. E aí, em outros momentos eu disse à Diva. Diva, naquele tempo, tu já*

fazia educação diferenciada, tu já fazia educação quilombola. Só não se usava esses termos de hoje que a gente estudou e que a gente viu que tem que se dar nome às coisas... Quando eu estudei na escola da cidade e aí, é onde tem muito contraste, muita diferença... Porque o estudo é... Eu defino de forma mecanizada. Aquele estudo que, você pega um livro ou que alguém repassa e só repassa. Não tem um intercâmbio, não tem aquele questão do aprendizado, não tem aquela questão de o professor vir repassar, e você poder repassar também, o que, você sabe. Porque a gente sabe que, ninguém é um papel em branco o, o estudante, quando ele chega em sala de aula, ele já vem com alguma coisa consigo. E aí, a diferença que eu vejo nessa questão é que, com Diva a gente podia criar, a gente podia dar opinião, a gente inventava, a gente transformava, a gente... revirava a sala de aula. Aí a gente viajava, a gente fazia intercâmbio. Já fazia intercâmbios, sim, porque a gente fazia intercâmbios com as outras escolas de lá, fazia um intercâmbio aqui em Conceição ainda ia para a cidade. E naqueles espaços era muito limitado a gente não... Não tinha esses espaços de criação, esses espaços de enfim, sair do quadrado da sala de aula. É, e aí... voltando novamente prá Conceição que foi, dois mil e cinco, dois mil e seis que aí foi quando eu casei, vim fazer o ensino médio aqui, o terceiro concluí aqui. Me deparei novamente com esse universo. Na escola Professor José Mendes, já tinha esse processo de ter professores da comunidade e outros não, acho que a maioria ainda era... ainda era de fora. Ou menos a minha turma, dos que eu me lembro, a maioria ainda era de fora... Tinhamos Célcia que já era professora aqui na comunidade, tínhamos Andrelino mas os outros, que eu me lembre ainda eram professoras de fora.... e aí...

Márcia – *Eu dava aula na Mendes.*

Fabiana – *Oi? Mas na minha turma, eu só tinha....*

Márcia – *Não...na escola José Mendes.*

Fabiana – *Eu tou falando na minha turma... Eu só tinha, enquanto professoras da comunidade, tinha Célcia e Andrelino e... Gilson Santos que trabalhava aqui connosco mas não era da comunidade. Então, só tinha esses dois mesmo. E aí eu me encontro novamente com esse universo, não só de repasso mas de troca. Mais de a gente poder falar, da gente poder se expressar, da gente poder ouvir e ser ouvido também... e aí eu lembro que nesse tempo, já por influência da AQCC, e as comissões, eles falavam. E lembro... de Célcia que falavam muito da gente também participar das reuniões da associação. O que é incentivado até hoje e reforçado. E a gente traz os estudantes a participar dos seminários que a AQCC promove. E aí, nesses convites que às vezes, a gente diz as coisas na sala de aula e pensa que o aluno, o estudante não está prestando atenção e aí, eu comecei a participar de uma das comissões da AQCC. Naquele tempo da comissão juventude. E aí, eles não sabiam o que tavam fazendo, naquele tempo. (risos) Porque, eles começaram a incentivar a gente à participar, (risos) das actividades. A gente começou a participar e, no meu caso eu gostei de participar, eu gostava de participar e aí, começou às discussões.*

Naquele tempo, a comissão da juventude ela era uma comissão forte e que a gente para as reuniões para debater sobre todas, todas as temáticas e aí a gente debatia sobre tudo, território, educação, à questão de género e... na questão da educação, a gente uma vez teve um embate muito forte eu acho que... algumas das mininas até aqui ainda lembra... Porque que... À questão de trabalhar com as coisas da comunidade que, já era feito e aí.... Eu lembro até que teve uma pessoa que disse, – talvez um dia você vai estar em sala de aula... e aí, eu quero ver, o que você vai fazer referente a isso... – E eu

nunca me esqueci dessa frase porque, quando a liderança falou e aí... a gente questionava a questão de trabalhar com vídeos que era, produzido pelos Crioulas e todos os aspectos da comunidade que já era feito e aí, nas nossas discussões a gente também cobrava isso, na questão educacional. E aí, passando essa fase... cá estou eu, em sala de aula hoje. E aí, esse relato eu conto, muito forte, quanto à participação das mininas, todos aqui, inclusive o pessoal de Portugal, foram meus professores e professoras porque, na escola também, (Paiva nem Mónica, quem é de Portugal não sabe não), aí, na escola também, com a história dos indígenas e dos Portugueses e dos Africanos... Eu aprendi a ter aversão aos Portugueses e Paiva é de Portugal, é um português, (risos)...
Não é Paiva, mas eu não conseguia entender como era que pessoas, eram capazes de fazer o que eles faziam com outras pessoas, que eram seres humanos igualmente, e porque é que eram tratados tão diferenciados e a questão da escravidão. Da escravidão indígena, da escravidão do povo africano e aí a gente também aprende a ter aversão a essas coisas. A essas pessoas também... A gente não é ensinado a isso mas da forma que a gente, é... levado, aí, o ser humano é composto de emoções e aí cada um entende da forma, cada um interpreta da forma que é... óbvio que, com todas as discussões políticas eu aprendi que aquela época passou, que há novas reconstruções, as coisas mudam-se, se modificam e que o fato de eu também tratar as pessoas da forma... Ou pensava tratar os portugueses, com os meninos de Portugal, deveriam ser tratados de forma diferente por esse fato anterior, eu taria também cometendo o mesmo erro, seria igual, só não teria a questão da escravidão. Mas o mesmo sentimento e aí, consegui mudar. E aí, não é com vocês não... (risos)
Lourdinha – *Foi outro tempo....*
Fabiana – *E aí, nessa, em todas essa questão de, Diva dizer o que é que estão fazendo com a LDB, como é o povo de Conceição quer mudar a LDB. E aí, eu já na faculdade, eu ouvi muita coisa. Na faculdade a gente aprende muita coisa e aprende, inclusive, que o povo de Conceição quer ter mais direito que as outras pessoas... Que o povo de Conceição se acha no direito de querer mais do que outros. Mas ninguém disse que o povo de Conceição, em um determinado tempo, andava de cabeça baixa por não ter nenhum direito. Por ter seus direitos negados, por não ter direito à educação, por não ter direito à saúde, por não ter direito ao território... Porque, o território também foi tirado dos nossos antepassados, dos nossos ancestrais. Ninguém lembrou disso, só lembra que a gente é muito cheio de direito. E aí nessa questão, é, a gente ouve muito forte isso e... quando a gente vai pros embates, eles... A gente sente novamente a questão da discriminação. E aí ninguém lembra que existe a lei dez seiscento trinta e nove, ninguém lembra que existe... Ninguém lembra lei nenhuma. Só lembra essa lei, de que é como se o negro, o preto, não tivesse também o direito de cobrar os seus direitos. Como se a gente não tivesse o direito de cobrar os nosso direitos. E aí, quando Diva fala da LDB, da LDB que a gente está desfazendo, tentando... Não, o que a gente entende, aí eu lembro uma frase, muito interessante para essa questão.* A lei, ela não nos define, nós é que definimos a lei. *Essa frase eu aprendi numa formação aqui com os advogados e eu nunca mais esqueci essa frase. Porque quando a gente tem uma lei que ela não vem, que ela não faz o que deveria ser feito de direito. A gente pode ir contra ela que o caso da lei. E aí, a gente... talvez a gente nem tivesse ido contra ela, mas foi a forma que eles acharam para justificar. E aí, a minha fala é muito no sentido de que, na faculdade a gente ouve também, não só na faculdade, em outros espaços... que, para que é mesmo essa educação? Dá resultado a educação quilombola? Qual é o resultado disso? Essa briga, por brigar mais... eu sempre tive a resposta para isso. Mas, uma das coisas que eu vejo como*

resposta, é que, se não fosse a briga, a luta das mininas e de todo o mundo, aqui de Conceição, hoje eu não estaria ocupando um espaço na sala de aula. Enquanto professora que já fui estudante, e concluí o ensino médio na escola Professor José Mendes, hoje eu não estaria. Digo sem sombra de dúvida, sem medo de errar. Porque ainda continuariam as escolas, com as pessoas, com os professores que vinham de fora e com os professores que eu também estudei. E quando a gente luta por isso e aí, quando eu digo a gente, porque eu já me insiro nessa luta, é porque.... É importante essa questão, é importante de a gente compreender e reconhecer isso. Porque se não fosse essa luta ainda seriam, todas as outras pessoas de fora e quando a gente defende essa ideia não é dizendo que as outras pessoas não devem, não podem vir para cá, mas se a gente tem pessoas, se a gente tem uma juventude que precisa de ter alguma esperança de continuar na comunidade. Porque é que a gente vai tar incentivando uma coisa, incentivando a vinda de pessoas quando na verdade a gente pode criar pessoas, formar pessoas, para que elas ocupem esses espaços? Então, com isso eu digo que há educação, há educação quilombola, há educação diferenciada ela dá resultado, ela tem resultado, ela dá frutos, não sou só eu. Fruto de toda essa luta das meninas e de todo o povo de Conceição. Mas temos, uma vasta, temos várias outras pessoas, da juventude, inclusive daquela comissão da juventude, a qual me despertou para a luta, para consciência política e aí, eu... Eu concluo o meu depoimento dizendo que, a gente é, o presente hoje é fruto do passado e se a gente não valorizar esse passado, a gente nem tem um presente bem feito e muito menos um futuro porque o futuro depende, também passa pelo conhecimento de todas essas histórias. Hoje eu, eu tava analisando o que estava acontecendo aqui, o Olhares Cruzados aqui no P.E.T.I., e o seminário do ENA que é repasso do ENA, Nordeste, ali no CPA. Aí eu analisava e via, alunos da Rosa Doralina, alunos da José Mendes, alunos da Néu e eu dizia, menina, é impossível você conviver aqui, você vê essa realidade, dizer que não existe a educação quilombola em Conceição das Crioulas que não existe educação diferenciada em Conceição das Crioulas porque, o público dessas duas oficinas era os estudantes das escolas quilombolas aqui do território. Era alunos da Paula também, que eu esqueci, mas era, público das escolas nossas e o que é que nós estamos fazendo?! Aprendendo que a educação não se constrói, não se consolida, apenas naquele quadrado onde, quando eu estudava em Salgueiro eu me sentia totalmente limitada. Porque eu imagino que o papel do professor, do educador principalmente, é dar possibilidades, é criar possibilidades para os nossos educandos.

E, só para fechar, só para concluir, uma fala de uma visão de uma pessoa de fora. Eu, a semana passada, convidei uma colaboradora nossa, uma parceira nossa para ir na sala, na qual eu tava trabalhando para dar uma palestra sobre, juntamente com uma liderança aqui da comunidade, que é Maria, para falar sobre ervas medicinais, que era conhecimento técnico com conhecimento popular, e aí, quando ela começou a perguntar as plantas medicinas para os alunos, para os estudantes, eles começaram e todos sem exceção disseram uma e aí, repetiram mais uma e o quadro encheu e ela não ficou sem espaço, ela... Eu não sabia, eu pensei que eu ia sair daqui sem resposta, referente a isso. Porque, eu tenho certeza, se eu fosse realizar esse trabalho, esse mesmo trabalho, em uma escola da cidade eu não ia ter a mesma resposta que eu tive aqui e aí foi quando eu disse a ela, tudo isso aí não é por acaso não, é a vivencia dos aprendizados que a gente tem dentro e fora da sala de aula, dentro das quatro paredes. E aí, ela... e a gente conversou sobre isso, foi muito interessante e é muito interessante. Por isso é que é apaixonante trabalhar em Conceição e viver em Conceição das Crioulas, espero que eu não saia nunca daqui.

A Arte do Encontro

É dia de festa. Muita gente na praça que circunda a Igreja. Em frente a esta as pessoas organizam-se em duas filas, uma em frente à outra, à porta uma banda de pífanos composta por quatro elementos, duas zabumbas, dois pífanos, começam a tocar. As pessoas que compõem as filas movem-se e começam a dança, rodopiando sobre si próprios e cruzando-se com os outros, sempre em frente, até à ponta. Já não são duas filas, mas são sim duas direções que, aparentemente opostas complementam-se formando um todo. Misturadas cada uma mantém a sua direção. Já não sei onde começa e onde termina cada uma delas. Não saem daquele lugar, cada uma das direções segue em frente e volta para trás, sempre em movimento contínuo.
Convidam-me para dançar, rápido, tens que te entrelaçar. Ganho coragem, observo o movimento, faço cálculos, analiso o que conheço, vou! Deixei de pensar, só vejo pessoas, sempre em linha serpenteante avanço, cruzo-me com a primeira pessoa, vou para a direita; com a segunda pessoa, vou para a esquerda; com a terceira, direita outra vez; a quarta, esquerda e assim sempre deixo de contar deixo de ver de analisar, sigo o embalo amparada pelo ritmo, pelas pessoas que sorriem brincam saltam dançam. E de repente, ninguém à minha frente, vira-te para trás. Virei! E de novo sigo, já estou outra vez prá direita, esquerda, direita, esquerda, pessoas, sempre em frente, em roda, com os outros, comigo. Vira. Em frente, brinca dança salta com os outros e contigo. É o trancelim. É festa! É história! É povo, ó gente!

O método que me acompanha é o método trancelim e é nos detalhes (nos detalhes sentimos a presença das pessoas, como diz o Paiva) que construímos a trama. É no entrançado que sentimos os detalhes. É no entrelaçar que detalhadamente somos trama.
Esta tese organiza-se em duas partes, como duas filas se organizam, uma em frente à outra, até a real dança começar.
A primeira refere-se ao contexto teórico que permite contextualizar a pesquisa com o trabalho realizado na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.
A segunda parte apresenta e denuncia o ritmo da vida da comunidade, em nada separada do saber e do fazer escolar. No discorrer da ação, dançando (como no trancelim) misturam-se as partes, cruzam-se, entrelaçam-se. A escola da Conceição das Crioulas é a comunidade.

O início

Esta pesquisa teve o seu início em 2003, altura em que a comunidade iniciava a sua pesquisa para a definição do Projeto Político Pedagógico Quilombola (PPP_Q) na Conceição das Crioulas. Lembro-me sempre desse meu primeiro encontro com a Conceição. O mês era agosto. A festa, a da Nossa Senhora de Assunção, e no mercado tanta gente empenhada, envolvida numa discussão viva a refletir sobre educação, em vários grupos, num grupo só... uma dinâmica tão boa e eu sem entender quase nada. Ali no meio do sertão toda a gente tinha opinião. Foi um tempo que passou rápido, mas tão lento o suficiente para ficar marcada para sempre, num ir e voltar e pensar e repensar naquele encontro tão fugaz e tão contínuo[1].

Desde essa altura até hoje aconteceram muitos encerramentos e muitas aberturas. Acompanharam-me as dúvidas e as certezas durante a pesquisa para o mestrado sobre essa ideia de educação que vi na Conceição e, que não sei bem o que foi. Talvez não saiba, talvez nunca venha a saber porque o pensamento de educação e de ensino que ali vi e vejo e continuo a ver é contínuo, vai e volta a rodopiar sobre si próprio e com as outras ideias de educação e de ensino.

1. Anexo VII – Mugunzá ou Cachupa: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica.

A aldeia onde cresci não é mais aldeia. As casas onde me escondi habitada de nomes conhecidos, caíram. Os cantos e recantos que conheciam todos os meus nomes foram abertos. Hoje nem sei se é vila, cidade, lugar. Existe na minha memória e acompanha-me independentemente das escolas onde fui abrigada, das regras com que fui regada.

As artes

Quando decidi seguir a universidade escolhi as belas artes, entrei no curso de Escultura. Mais tarde, optei pela vertente da educação.

Quando me inscrevi para fazer o MEAV fazia intenções de aprender a ser professora de artes, o meu objetivo era conseguir dar aulas em qualquer faixa etária e hoje percebo que o que aprendi foram questões que a escola prende a si própria, receitas ou possibilidades de actuação, para conseguir integrar-me nas instituições de ensino do sistema de educação português. Tudo bem até aqui. Aprendi também que se ensina o que se aprende, o que se sabe. Tenho a ligeira sensação que nas formações de professores poderia ensinar as regras e as receitas que me ensinaram, poderiam ser bem úteis às instituições de ensino, incluir em si própria a sua própria contestação. Mas que instituições são essas? Para além de que ao ser uma aluna de sucesso, quando começasse a minha carreira docente, saberia os passos que teria que dar para poder sobreviver dentro do sistema de educação, desde o momento das colocações, ao momento em que entro dentro de uma escola, ou seja, para além de eu

mesma estar pronta para acatar as ordens, como por exemplo respeitar uma hierarquia instituída há séculos e inquestionável como se fosse uma ordem natural do mundo, estaria pronta para educar outras pessoas a cumprir as ordens, de um sistema organizado, de um poder civilizado, onde gestores, pais e alunos não se envolvem na ordem natural dos elementos que se relacionam, ao invés cumprem a sua função na sociedade, ensinam, aprendem, repetem a mesma história todos os dias, porque, aparentemente, todas as instituições cumprem com a mesma função, a de educar crianças, adolescentes, adultos para uma vida melhor e mais completa. Existem excepções, essas também foram referidas durante o mestrado, mas são vistos como casos isolados, de persistência e de resistência ao sistema que os afastam, que não os reconhece, que não os assimila, portanto é normal o argumento de que é importante aprender as regras que estão instituídas, respeitar a estrutura, cumprir com um determinado sistema, ser normal, e não falar de qualquer coisa assim de ânimo leve porque para argumentares convenientemente 'tens de conhecer a História, só assim a poderás questionar e, caso consideres, só assim a poderás desconstruir, mesmo que para isso te transformes num caso isolado'. É um exercício curioso que serve a várias áreas da educação, e neste caso, refiro-me às disciplinas que compõem o currículo escolar. Também aprendi essa mesma base, por exemplo, na licenciatura em artes plásticas – escultura, 'tens que aprender as regras para desconstruir', aplicada ao ensino do desenho, da escultura, da teoria em estética, história de arte, sociologia, psicologia, composição. Existe então uma base que se repete, a de aprender as regras. Tudo bem até aqui, mesmo que se inquiete.

Mas preciso refletir essa ordem das coisas, onde me incluo procurando entender onde as aprendizagens deixam de ser um elemento meramente receituário (nesta tese) e como aceitando esta ordem das coisas, posso aceitar a existência de espaços em que a desconstrução é um acto contínuo, é a regra com que se comunica dentro de um sistema.
Mas pensando na hierarquia das formas, começo por procurar alguns elementos que denunciam o seu surgimento e como se mantêm até aos dias de hoje. Encontro em Holanda (1979,51-52) essa proximidade, que já dizia isto em 1936:

> "Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como

> pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.
> (...)
> O gosto artístico, a destreza, o cunho pessoal, que são virtudes cardeais na economia do artesanato, passam assim a plano secundário."

Parto do princípio que numa estrutura assente nos ideais de colonização, aquela onde "o poder externo que priva o homem da liberdade de comunicar os seus pensamentos publicamente priva-o ao mesmo tempo da liberdade de pensar" (Immanuel Kant in Scott, 2013,171), os que detêm o poder sempre souberam que é a partir do conhecimento e da visibilidade do conhecimento que a ascensão social, política e económica de um povo acontece. Ao organizar determinada estrutura, ao definir as leis para o melhor desempenho de funcionamento da mesma, colocar o 'outro' omisso, não reconhecido, desconsiderado é uma forma de impedir, independentemente do método utilizado, o acesso de 'outros' povos ao conhecimento considerado 'integrador' da sociedade de poder. Assim como alimentar a ideia de que alguns conhecimentos são inferiores, outros conhecimentos que não aqueles selecionados para representar a estrutura de poder, permite preservar uma relação de colonizado e colonizador. De forma curiosa podemos observar que determinados conhecimentos ficam categorizados como pertencentes a um determinado povo e que é por isso, isolado, descriminado, colocado na margem, mesmo que o poder que determina o extermínio desses conhecimentos, desses povos, ao mesmo tempo que que o desvaloriza absorve-o. Essa relação de colonizado e colonizador está bastante presente na história da escravatura, onde os negros foram o povo que mais viu os seus valores seguem descontinuados, mas os ideias de colonização atravessam a própria sociedade que coloniza, essa relação assistimos associada ao sistema da pobreza e da riqueza, ao mundo dos ricos, a minoria, e a dos pobres, a maioria. Por isso, na relação com a colónia brasileira, o Império Português impedia também os brasileiros, enquanto habitantes livres, de acederem ao ensino superior, dessa forma Portugal mantinha numa relação de dependência e de controlo perante todos os povos do Império. Assim sendo, as primeiras universidades surgem tardiamente e são apenas de Cursos Jurídicos, uma em S. Paulo outra em Recife.

Podemos observar que a escola sempre foi privilégio dos que possuem "autênticos brasões de nobreza" como refere Holanda na citação acima, fazendo com que os valores coloniais permanecessem inalteráveis, mesmo que mais camuflados, até aos dias de hoje.

O acesso ao 'conhecimento', e para que o 'conhecimento' se mantenha sob domínio de poucos, é necessário pensar em estratégias eficazes no sentido de controlar a educação de outros povos ou de outras classes. Determina-se o tipo de educação, a partir do controle dos conteúdos e da forma onde encaixam esses conteúdos para determinado grupo de pessoas. Criam-se escolas para melhor dominar e entender processos de acesso educativo.

Por isso, engana-se quem pensa que estamos noutro tempo, não estamos. Somos colonizados e colonizadores ao mesmo tempo, ou porque somos pobres, ou negros, ou índios, ou ciganos, ou de todo o lado, ou de lado nenhum. Embora cada um carregue a seu termo um processo distinto de colonização, de catalogação, de caixinha, somos ainda hoje pressionados a ocupar um desses lugares que nos oferecem. Dessa forma a luta pela liberdade torna-se todos os dias urgente.
Com isto podemos afirmar que vivemos o momento pós-colonização, e é mesmo verdade, no entanto, este momento pós-colonização comprova que os instrumentos foram afiados, que conhecemos melhor o terreno, aquele que a História mostra e que aprendemos a camuflar. Leia o que ler, a colonização existe ao mesmo nível do que leio nas histórias de antigamente, e os métodos educativos não mudaram, seguem os mesmo princípios.
Daí que concluo que o sistema quer ser questionado de determinada forma, ele indica-nos como olhar o outro, quem devemos observar e a quem seguir, e faz isso porque dessa forma, ficamos cada vez mais colonizados e isso significa que cada vez mais somos colonizadores.

Sendo assim esta pesquisa coloca-se perante, e pelo menos, dois dilemas, o de pesquisar com uma comunidade quilombola, com um peso histórico assente num processo colonizador, em que a base da sua existência é remetida à de escravo e o de se situar numa área cientifica que nem é tanto compreendida como tal, as artes, colonizada também, que na sua forma é catalogada como um trabalho servil, à qual o sentido que ainda se reconhece é a sua função utilitária. A única salvação será então, a junção da área de educação, que como vimos servirá para amansar as artes e os negros. Francílio, professor na escola Municipal Professor José Mendes questionava-me um dia na escola 'Mónica, diga aí, porque é que quando um menino está fazendo asneira a gente diz, *esse menino tá fazendo arte*, curioso né?' Para mim, era apenas um indício que afastava qualquer interesse em ser artista e fazer arte. Melhor será ser artesão e fazer artesanato, fazer coisas bonitas, úteis que toda a gente precisa.
Com o peso da história da educação escolar podemos partir em segurança, os mecanismos com que fui e fomos formados permite sem muita margem de manobra educar a própria pesquisa a manter-se dentro das regras, a

questionar o questionável e o aceitável. Frantz Fanon (s/d,249), convida a fazer essa reflexão:

> "Pergunto-me às vezes se os inspectores do ensino e os chefes de serviço estarão conscientes do seu papel nas colónias. Durante vinte anos, obstinam-se em fazer, pelos seus programas, do preto um Branco. No fim abandonam-no e dizem-lhe: tendes incontestavelmente um complexo de dependência perante o Branco."

Dessa forma assistimos, dentro das artes a uma separação por títulos, e é assim que a arte contemporânea vem reclamar o seu espaço, aquele digno de títulos e bacharéis, provando que 'o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres' (Holanda, 1979,51), ora a arte está livre, pode então ser vista como digna de poder e de reconhecimento, para isso, e sendo que tudo o que é feito com 'o gosto artístico, a destreza, o cunho pessoal', ou seja, qualidades que ocupam os braços é tido como inferior, é menor, remeteremos todas as outras expressões artísticas como sendo artesanato. Muito bem até aqui, que é o mesmo que dizer, podemos aceitar que tenha sido assim que nos ensinaram, mas também poderemos ter que contestar.

Tendo em conta que nesta tese questionamos alguns assuntos que são tidos como dados adquiridos e por isso, impossíveis de revisão, decidimos que durante a pesquisa não será lida a palavra artesão ou artesanato, embora se remeta muitas vezes esse carácter às peças que se promovem e que são produzidas na comunidade. Para mim artesanato foi a palavra à qual se acomodaram as pessoas, mas um novo olhar é aqui proposto. Aos olhos de um artista, aos meus olhos, na medida em que ao viver na Conceição pude confirmar que o que existe é constantemente um ato criador, de autor perante os meios, as ideias, os recursos, as técnicas, a repetição. De artista para artista (aqui poderia escrever, de artesã para artesão) as conversas decorrem numa transformação de ideias, de partilha de técnicas, do encontro entre olhares e gestos, quer as conversas em que faço parte, quer as que eu observo entre os moradores artistas de Conceição das Crioulas. Nenhuma obra é igual a outra por muito que se assemelhe, os seus autores são artistas, por isso todos os que trabalham com a força dos seus braços, com as suas mãos para representar o pensamento, as vivências, os costumes, são artistas, isto vem a propósito porque muitas pessoas referem-se às artistas da comunidade como artesãos.
Na escola quilombola de Conceição das Crioulas, nem todos os educadores são artistas, por isso procuram os artistas para trabalhar os conteúdos de arte, pode

ser trazendo os artistas à escola, ou a escola à casa, que é o mesmo que oficina, ou o mesmo que atelier do artista, que no fundo ir a casa ou à escola na comunidade é a mesma coisa porque se educa em qualquer lugar. E está bem assim, que é o mesmo que dizer que podemos contestar, desconstruir as caixinhas.

Da mesma forma em que na comunidade não existem professores existem educadoras, aqueles que educam. Esses podem ser os que são professores no sentido institucional como os que são educadores nas suas casas, na roça, nas igrejas, nos terreiros porque nenhum deles professa, antes pelo contrário, todos assumem o papel insubstituível de educar, educando-se mutuamente. Por isso, durante a tese abandonámos a palavra professor e aluno. O processo educativo e pedagógico acontece simultaneamente entre aqueles que estudam, educadores e educandas.

A desobediência

No meio destas regras, e da minha aprendizagem, não aprendi a desobedecer, desobedecia de qualquer maneira, tendo em conta que me atraía a desordem, o acaso, o erro, a espontaneidade. Deslocada, embora não fosse a única, não entendia como podia ser tão difícil cumprir as regras, a ordem, o progresso assente num futuro estável e pragmático. Fazes assim, obténs determinado resultado, Como assim? Está tudo programado!

Não tenho mais ninguém à minha frente, olho para trás, e sigo sempre em frente.

A volta

Encontrava de alguma forma um lugar que desobedecia, e estava tudo bem. O acaso era uma regra, o erro, parte da regra, a espontaneidade existia dessa forma, estável e pragmática. Tinha que aprender a desobedecer.
Aprendi, nessa medida, na dificuldade e na inevitabilidade em desobedecer, que sou ocidental. Assim, simples como isso, e que dentro da minha ocidentalidade, sou menos ainda porque faço parte de uma classe operária, *trabalhadeira* que nem essa formiguinha que trabalha para acumular para o inverno, 'vejam só que bem que ela é ao seguir o carreirinho'. Tudo bem até aqui, que é o mesmo que dizer que posso até pertencer a duas classes, como refere Richard Hoggart (1973,21) "Sou oriundo das classes proletárias e, mesmo hoje, sinto-me a um tempo próximo e afastado delas. Dentro de mais alguns anos é possível, suponho, que esta dupla relação não seja, para mim, tão evidente; mas é sempre susceptível de afectar o que eu disser".

A educação é política

Sempre me disseram, mas na Conceição das Crioulas entendi que 'outra' educação é possível, 'outra' política é possível. E é possível a partir de si própria, ou seja, ela construiu-se na margem de um sistema, consciente dele mas autónoma, diferente, com uma organização própria. Por isso, seria possível, neste caso, entender esta educação e esta política sem uma comparação com o sistema de ensino, sem uma análise a partir das normas gerais de educação do Brasil. No entanto, podemos observar que a Conceição das Crioulas mantém, ao longo do tempo, relações comerciais com o seu exterior, desde a sua fundação (que implica a compra das terras com a venda de algodão na cidade de Flores em 1803, como vamos observar nos próximos capítulos), não se constrói isolada do resto do país, no entanto é o país que não a reconhece, e que por isso, a isola. A história da comunidade constrói-se então num processo de colonização, onde "o poder externo que priva o homem da liberdade de comunicar os seus pensamentos publicamente priva-o ao mesmo tempo da liberdade de pensar" (Immanuel Kant in Scott, 2013,171), por isso, para os olhos de quem vem de fora, aquele lugar é uma morada para o colonizado, ou um refúgio, para quem foge do colonizador, ou uma possibilidade de manter e resgatar um cultura que foi interrompida, ou até talvez, uma possibilidade de exploração dos seus habitantes (como acontece no século XX com a usurpação das terras por parte dos fazendeiros).

Mas a Conceição das Crioulas não é a única comunidade quilombola no Brasil, e por isso podemos atravessar a história, voltando ao século XVI para entender uma semelhança na formação de comunidades quilombolas no Brasil, independentemente da leitura que se apresente, qualquer história irá referir a deslocação forçada dos negros de África para aquelas terras, sem especificar que parte de África, que língua, que cultura transportavam aqueles povos arrancados da sua terra. Uma vez chegados ao Brasil, os que sobreviviam eram desenraizados, remetidos para 'são todos iguais, são africanos', e distribuídos para trabalhos forçados, para escravos. Neste processo podemos sempre contar com a resistência, a fuga, a tentativa de preservar valores, a aprendizagem de desobedecer a uma nova imposição, de várias formas, de todas as formas possíveis. Seja como for, as comunidades quilombolas resistem desde então, adaptando-se às novas regras, que mudaram desde que saíram da sua terra natal. A semelhança que encontro em todas as histórias de resistência negra são técnicas de desobediência, gerindo a forma como são olhados e não vistos e dominando essa nova linguagem, subvertê-la na invisibilidade, essa transformação mostrou-se como o único caminho que permite manter e remanter, desenvolver, trabalhar as relações com as raízes, pois todos os povos africanos tinham uma mesma condição, 'serem forçados a estar aqui, impedidos de ir ali', passam a ter isso integrado na vida, ganhando

novas condições que o desdobrar permite ”porque, se essa experiência fez de ti, vítima original flutuando sobre os abismos do mar, uma exceção, ela tornou-se comum para fazer de nós, os descendentes, um povo entre outros. Os povos não vivem da exceção. A Relação não é feita de estranheza, mas de conhecimento partilhado.” (Glissant, 2011,20)[2].

A colonização é um processo que ocorre em todo o mundo, mas aqui a história é contextualizada, a colonização fez do povo negro escravo. E compete ao escravo descolonizar-se, ou seja, desobedecer, resistir, construir uma história própria, sua. Esse processo é pedagógico, é político.

Política é comunidade

> “Falar uma língua, é assumir um mundo, uma cultura.”
> (Fanon, Peles Negras Máscaras Brancas,68)

Pego na atitude sonora de comunicar. A língua, e sabemos como ela é importante para nos inserirmos, para nos encontrarmos, para nos identificarmos e como seres comunicantes, para dialogarmos. Um discurso político é falar do Outro, como se não existisse uma relação entre o Eu e o Outro. Ou falar do Eu compreendendo o Outro. Ou falar do Eu como se o Outro não existisse.
A descolonização faz-se coletivamente, é uma ação coletiva, perante a condição de já ter acontecido dentro de cada um de nós.

Comunidade é organização

Um coletivo descolonizado sabe que existem processos aos quais pode e deve desobedecer. Organizando-se, superando limites impostos.

Limites

No mundo compartimentado em que cresci, aprendi a colocar qualquer coisa que aparecia em gavetas, a separar, a catalogar, a acumular.
A partilha é algo que já nasce connosco contudo cresci a saber que nem tudo seria partilhado comigo, por ser menina, ou mulher, por ser pobre, por ser no meio dos brancos morena, por ser portuguesa, por falar português, por não saber que podia falar mirandês, por não conhecer a história dos meus bisavós. Cresci entre os que são pobres e os que são ricos. Os que são do bairro e os que não são. Os que são do litoral e os que são do interior. Os que imigram, os turistas e os estrangeiros. Entre os que são donos e patrões e os que são empregados e serventes. Entre colonizados e colonizadores.

2. Ainda sobre a raíz e o desenraizamento, Édouard Glissant (2011,26) após fazer uma análise ao exílio e à errância a ele associado, ao sedentarismo e ao nomadismo refere que:
“Este movimento (entre outros, noutras regiões do mundo, que serão igualmente decisivos) levou, assim do nomadismo primordial à sedentarização das nações ocidentais e depois à Descoberta e à Conquista que se cumpriram, até aos limites do místico, na Viagem.
Neste percurso, a identidade, pelo menos no que toca a esses viajantes ocidentais que forneceram a massa dos descobridores e dos conquistadores, reforça-se antes de mais de modo implícito (“a minha raíz é a mais forte”), e em seguida é exportada explicitamente como valor (“o ser vale pela sua raíz” - isto é, essencialmente pela língua, como já dissemos.), obrigando os povos visitados ou conquistados à longa e dolorosa busca de uma identidade que deverá sobretudo opor-se às desnaturações provocadas pelo conquistador.”.
Reforçando o que foi apresentado neste parágrafo, numa tentativa de negritar a questão, continuo a citação de Glissant:
“Durante um período histórico de mais de dois séculos, a identidade afirmada dos povos terá que ser conquistada contra os processos de identificação ou de aniquilamento desencadeados por esses invasores. Se no Ocidente a nação é antes de mais um “contrário” (a ideia de civilização manterá juntos estes contrários: o universal generalizante será o princípio da sua ação no mundo, que realizará os conflitos de interesse numa conceção finalista da História), para os povos colonizados a identidade será, em primeiro lugar, um “oposto a”, isto é, em princípio, uma limitação. O verdadeiro trabalho da descolonização terá sido superar esse limite.”

Posso eu escrever um texto sem a palavra quilombo, europeu, português, índio? À partida diria que não posso. Preciso de separar, de contextualizar costumes e culturas para então, ao definir o outro, dar-lhe um nome. Mas no meu mundo ideal, pessoas são todas. Pessoa, nada a acrescentar. Pessoa apenas.
Será possível realizar uma investigação descolonizando-me, sem comparar o outro seja com qual mecanismo queremos.

A formação de professores/as | educadoras/es

O bom de tudo isto, para a pesquisa, é que a formação de professores podia ser construída a aprender e a ensinar. Substituindo essa conotação do nome de professora para educadora todo o método vê-se alterado, eu sou apenas mais uma que estuda. Assim como a formação de professores/as passa a estar remetido para uma relação formal e institucional entre o interior e o exterior. Ao longo da tese o abandono da expressão formação de professores/as é consciente, porque todas as pessoas que estão presentes na formação são estudantes, então na prática encontramo-nos para estudar, pesquisar. Formação fica então atribuída aos encontro de pesquisadoras. Nestes encontros, onde cada um ouve e conta sobre o que sabe e no fim do encontro parte para um outro encontro, cada uma leva consigo apenas uma certeza, a de que o seu mundo se alargou. Para que lado, não importa, sempre em frente e na volta, de novo sempre em frente.
Num espaço onde a desobediência é a regra, eu podia não saber nada de regras, apenas ouvir e pensar em hipóteses, hipóteses que surgiam na conversa, no meio onde estávamos inseridos, aproveitando os viajantes internos e externos, hipóteses que observadas poderiam encontrar o seu sentido, ser útil para a causa, para a luta, para cada um e para toda a gente. Hipóteses que se construiram para seguir em frente, libertando-nos das amarras de acumulação e por isso renovando-se para um novo olhar sobre o antigo. Na Conceição das Crioulas não se é escravo, é-se dono do seu saber, na medida em que se superou limites, em que o desconhecido- absoluto se tornou conhecimento, em que a identidade-raiz é "ratificada pela pretensão à legitimidade, que permite a uma comunidade proclamar o seu direito à posse de uma terra, que se torna assim território" (Glissant,2011,139).
Foi assim que aconteceram os encontros de pesquisadoras nas escolas da comunidade de Conceição das Crioulas.

Esta pesquisa poderá ser vista como uma investigação diferenciada, na medida em que propõe, a quem ela acede, o exercício de se descolonizar. E isso é sempre uma ação violenta.
Tudo o que queria aprender na Conceição era sobre a prática das expressões artísticas quilombolas, oferecida pelos artistas, que nesta circunstância passam

a ser ‘vistos’ como artistas educadores, mesmo nas suas próprias casas.
Na Conceição não pensei nos limites, mas deparei-me com os meus próprios limites. Desobedeci às minhas próprias regras, ou aquelas regras que tornavam o meu mundo confortável com o jeito de olhar o outro, o novo, de o analisar, o outro olhar, de o catalogar de novo, de o definir para esquecê-lo novamente. É preciso e urgente contar. Dancei o tempo todo o trancelim.
Quando estás no sul és sul. Agora que estou no norte sou norte, mas no ir e no voltar transporto o respirar dos cruzamentos que faço.

No entanto, esta é a minha pesquisa, na sua verdade revela detalhes que fazem parte de uma trama maior, aquela que a comunidade deseja para si própria. A que eu participo é o direito à terra que cria, que cresce, que renova nos seus ciclos constantes ou inconstantes, para estruturar um currículo diferente, diferenciado mesmo. Que significa, Olha para aqui, vive! Sê, estando aqui.

Numa primeira ida – 1ª Parte

Um breve contexto histórico que tenta a partir de uma seleção apresentar-nos. Permite entender de onde viemos, como estamos, onde estamos. É um apanhado da interpretação histórica possível dos relatos que encontramos, não é uma verdade absoluta é apenas a verdade que nos contaram e que pode e deve ser contrariada.

Numa segunda ida – 2ª Parte

O dia a dia, os encontros, os contos ou as conversas. Como é a aprendizagem na Conceição, sem dilemas, na minha interpretação dos corpos que encontrei, não é um arquivo total, é a minha interpretação dos arquivos com que me cruzei, muitos ficaram lá, sem o meu olhar, sem a minha participação e, por isso não são aqui narrados. As histórias que conto foram as histórias oferecidas à minha presença naquele lugar, não se trata de uma mera recolha, é sim o dia a dia de um tempo determinado pela pesquisa no doutoramento.

Numa terceira ida - conclusão

Dos corpos recolhidos, das observações, das criações apresento uma análise pessoal, na representação de um coletivo que pesquisa, que fica na sua luta diária.

Numa conversa há sempre interrupções

Para chegar ao topo da fila tens que avançar com os outros. Quando lá chegares, olha para trás e percorre novamente o caminho. Ir não é voltar. Voltar é lembrar a ida, dançando caminhando correndo brincando. Nem num nem noutro vais sozinho.

E eis que começa a banda a tocar. Durante dez dias, tive que correr para aprender. Foi assim mesmo que aconteceu da primeira vez. Aprendi com as crianças, que me mostravam como era a comunidade, enquanto decorria a oficina de artes plásticas, dentro das instalações da AQCC, no ano de 2003. Ali percepcionei essa educação, eles vão e voltam e entram na discussão, participam e aprendem e saem e entram e ensinam e envolvem-se. Todos os dias saíram objetos bonitos para a rua, que foram construídos por eles, para eles e com eles. Guardei um álbum pequeno de fotos, o resto: rostos, gestos, falas, abraços, beijos, afagos, guardei na memória do corpo.

Nessa memória preparava a próxima ida, para o que começava a desconfiar que seria mais uma aprendizagem, mais um desafio para mim. Cheia de curiosidade, aí vou eu. A oficina seria novamente com crianças, tudo podia acontecer, estaria pronta? Revejo-me nos preparativos a desconfiar que eles vão sofrer grandes alterações porque já estou a contar com as interrupções.

Estas caras são novas

Na segunda volta à comunidade não podia prever a força que este encontro preparava. Foi assim que fiquei ainda mais inquieta para aprender novas coisas, e era ali que tinha de as ver. O que me prendeu à Conceição das Crioulas, também foi o "I Encontro dos Povos Indígenas e Quilombolas Xukuru e Conceição das Crioulas: Experiências de etno-educação escolar"[3] em abril de 2005, na Vila de Conceição das Crioulas, juntos pela luta do direito à terra, à educação e à saúde[4]. Essa foi a minha primeira imagem marcante da presença e da existência de diferentes etnias unidas na luta do mesmo ideal. O direito de decidir o melhor para o seu povo. Era novo para mim, que não entendia muito sobre o Brasil e sobre a sua construção enquanto País. Sabia vagamente sobre a existência de índios e de escravos africanos levados para o Brasil pelos portugueses, mas não conhecia a história de cada um contada pelos próprios, o que sabia era a história que chegava até mim a partir das histórias que outros contavam, principalmente relatos do colonizador ou simpatizantes.

Senti, neste encontro, que sou portuguesa, tendo em conta a referência aos portugueses colonizadores, os principais usurpadores da sua cultura e da ocupação das suas terras, quer dos índios, quer dos quilombolas. Percebi, principalmente, que a História de Portugal que chegava aos ouvidos dos índios Xucuru e quilombolas também é a que vem nos livros. Melhor seria dizer, que a história que conhecem é outra história e que eu desconheço. Não desconheço, tenho uma ideia sobre essa história, mas falha-me qualquer coisa. Falha-me a narrativa dessa história, do ponto de vista da presença dos portugueses contada pelos índios Xucuru e pelos quilombolas. Eles vivenciaram esses encontros passados ou será que ainda vivenciam?

3. http://www.midiaindependente.org/pt/red/2005/03/311034.shtml

4. Os índios Xucuru situam-se no Estado de Pernambuco, Município de Pesqueira, na Serra do Ororubá.
"Ao longo do tempo, a terra onde viviam os indígenas foi sendo ocupada por arrendatários, que expulsavam os índios. Em 1850, após a promulgação da Lei de Terras, as autoridades locais pediram ao governo da Província o fim do aldeamento, alegando que os índios já eram caboclos. Em 1879, o aldeamento foi extinto oficialmente. Os indígenas se dispersaram, buscando outros ex-aldeamentos, a periferia das cidades ou refugiaram-se em locais de difícil acesso. Alguns ainda permaneceram em suas primitivas terras, trabalhando para os fazendeiros que detiveram a posse. Apesar do fim do aldeamento, os índios Xucuru mantiveram a prática de seus cultos religiosos ainda que proibidos. Após a promulgação da Constituição de 1988, que reconheceu aos índios o direito ao usufruto da terra tradicionalmente ocupada por estes povos, os xucurus liderados pelo cacique Chicão, reorganizaram-se em torno da reconquista da terra. Porém provavelmente a mando de fazendeiros descontentes com a luta para a demarcação de terras. Um homem não identificado, assassinou o cacique Chicão no dia 20 de maio de 1998. Hoje, na Serra do Ororubá os índios Xukuru vivem, em 24 aldeias, com uma população de 9.000 índios, segundo dados da Fundação Nacional de Saúde de 2006. A terra indígena, homologada em 2001, ocupa uma área de 27.555 hectares, dos quais 103.162 estão no município de Pesqueira e 21.118 estão no município de Poção (Pernambuco)." http://www.unicap.br/observatorio2/?page_id=226

A luta tem de ser organizada para ganhar força, assim unidos encontram o sentido para, na e com a comunidade. As oficinas com crianças revelava-se importante para a comunidade, mas não era suficiente para a organização de uma educação diferenciada. A construção do Projeto Político Pedagógico Quilombola parecia que começava em 2003, mas na realidade ele já estava presente no fazer e no dizer da comunidade desde a sua fundação, porém necessitava de estar escrito no papel, para ser lido em qualquer parte do país, do mundo. Para compreender o fazer diferenciado é preciso estar presente, participar, ir até à comunidade.

Numa sociedade repleta de regras intransponíveis, inquestionáveis, a burocracia serve para eliminar ou colocar de parte minorias que por viver segundo outras regras, não colaborando com determinados itens de comportamento, são silenciadas, esquecidas, inferiorizadas. Ninguém tem tempo para viver, estar presente, participar num outro mundo. Tendo em conta o aperfeiçoamento das técnicas de observação e avaliação, a distância transformou-se num mecanismo rápido para entender o próprio meio e o dos outros. Constrói-se a sociedade do distanciamento, assente em relatórios, pareceres, leituras escritas de letras. Sempre foi no fazer que a diferença se denunciava. Numa sociedade sem arquivo o importante é o encontro, mas na construção de um currículo diferenciado é preciso escrever. Escrever significa ganhar voz nas hierarquias do poder, estar distanciado de si próprio, do outro. Criar mecanismos de observar, absorver, avaliar.
Escrever é também, de alguma forma, apresentar algo orgânico num momento estanque. Existe o medo de esquecer os pormenores que a prática assume. Como funciona esse mecanismo? Como apresentar uma escrita, uma leitura para quem está de fora entender a diferença do fazer interior?

Hoje escrevo, amanhã ao rever os escritos de ontem existe qualquer coisa que fica por dizer. Refaço os papéis de ontem. O que acontece é que perdi--me no tempo, perdi o momento. Perdi o ontem e o hoje. Perdi os detalhes do momento.
Escrevo sempre em frente como quem dança o trancelim. Ao chegar ao fim do dia, viro a página. Na volta revejo outros pormenores, reconto a aprendizagem. Ao chegar ao topo da fila. Olho para trás e volto. Reconto novas aprendizagens, sem ter certeza do que foi dito, redito, com novas formas no dizer digo o mesmo. Sem medo da repetição, porque ela mostra outras dinâmicas, outros momentos, outras voltas.

Esse envolvimento com a história é político, é pedagógico, é educativo. Cheguei ao topo da fila, olho para trás. Preparo-me para me lançar na volta.

Na volta, as oficinas seriam realizadas com as professoras. As professoras que são mães, estudantes, comprometidas com o movimento político da AQCC sabiam a melhor maneira de transformar o fazer diário no fazer escrito. Esse era o próximo desafio, escrever o caminho percorrido e o que está para percorrer.

2006

Lembro-me de que trabalhar com as professoras foi tão efervescente como trabalhar com as crianças. Aprendi que essa é a dinâmica da sociedade. Aliás as crianças estavam lá o tempo todo, desta vez nas instalações da escola Municipal Professor José Mendes. Fizemos revisão das várias atividades que tinham sido realizadas apenas nas oficinas com crianças através de uma gincana de artes plásticas. Para mim era uma revisão, para o grupo que ali estava nem tanto, para as crianças era novo, assumiam o papel de ensinar às professoras o que já tinham feito e que ali se repetia. Para mim voltou a ser novo, na observação do que ali se passava. E tudo era recebido de forma natural. E por isso, desconstruiu a minha idealização do que previa ser uma possível formação de professores. Precisava de me questionar. Foi organizada uma atividade de xilogravura, na possibilidade de ser uma novidade. Entendia em todas as vivências que era urgente descobrir-me, desconstruir-me mas esse é o processo mais violento que existe.

Antes da despedida, foi realizada uma atividade no P.E.T.I. para toda a comunidade. As escolas organizaram-se, um tapete de papel foi colocado no chão e as professoras repassaram nesse papel, convidando todos os seus estudantes a participar, o que tinham aprendido na gincana: decalques, texturas, mistura de tintas, carimbos, digitinta, entre outros. Ainda fizeram um livro, com a atividade de xilogravura, só de imagens. Toda a gente participou, a comunidade estava toda ali.

No ano seguinte, aconteceria outra dinâmica a partir do caminho realizado anteriormente. Escrever um livro e editá-lo. Aqui outra verdade é revelada. Para escrever é preciso estar parada. A banda pára de tocar. Estamos no topo da fila. As crianças foram, aos poucos, convidadas a recolher. As oficinas decorrem apenas com as professoras. O livro foi editado 'Conceição 12 anos de história'. Festa na comunidade. A banda começa a tocar. Duas filas, *entra no trancelamento!*, o movimento recomeça.

A história contada por quem a vive

A comunidade de Conceição das Crioulas, autora da sua história, já se revia nos documentários realizados pelo CrioulasVídeo, pelas edições que começavam a surgir em parceria com o CCLF, pelo Jornal Crioulas[5] .

As educadoras contaram-nos sobre o *casa a casa* que consistia em ir a cada casa convidar pessoalmente, cada casa, a assistir ao evento no P.E.T.I.,

5. Jornal Crioulas: a voz da resistência, fundado em 2003

embora existissem cartazes a convidar e a falar do evento, a conversa tornava-se primordial.

Na oficina de artes com as educadoras realizamos um teatro de sombras com o material disponível na escola: tesouras, papel, retroprojetor. As professoras contaram as histórias, foram duas histórias. Desenhamos e recortamos as personagens, os objetos, a flora e a fauna. Com o retroprojetor, os elementos recortados e com os actores, brincamos às sombras, preparamos um ecrã com um lençol no P.E.T.I. E realizamos um cinema mudo. Nesse ano o que mais me marcou foi o *casa a casa*. Lá fomos nós conhecer todas as famílias da Vila Centro e da Vila União.

Na aldeia onde cresci eu fugia para a casa de outros. Sem hora marcada, sem convite, sem cerimónias. A porta estava sempre aberta e nem por isso tinha sempre alguém pronta para me receber. Porta fechada só podia significar 'partimos talvez alguém saiba a hora em que voltamos'. Na casa da Tia Almerinda havia um papagaio que falava e não era muito simpático, se lá ía era para armar confusão. Eu ía lá muitas vezes.

Para participar na construção do PPP_Q, a pensar no currículo diferenciado para as artes, o ID com a AQCC assumia um novo compromisso junto à Prefeitura de Salgueiro. Realizar uma formação em artes para as escolas de Conceição das Crioulas. O título da formação: 'expressões artísticas para as escolas quilombolas de Conceição das Crioulas', com duração de dois anos. No final seria editado um Material Didático Específico (MDE_Q) para servir de orientação a outros professores que viriam.

2009

A primeira formação oficial aconteceu nas instalações da escola Municipal José Néu de Carvalho, com o apoio da Prefeitura todas as professoras do território tinham garantido transporte e alimentação nos dias da formação, que de outra forma, como presenciamos nos anos anteriores, não seria possível porque o território é grande, o calor é muito e os meios de deslocação escassos. Foi assim que conheci as professoras da escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira. Existia uma escola no território que aplicava a educação quilombola dentro do território e que eu nunca tinha visitado, ficava a 6 km da Vila Centro. Nesse ano o programa de trabalho da formação "expressões artísticas para as escolas quilombolas de Conceição das Crioulas" consistia em utilizar os recursos naturais existentes na comunidade. Recolhemos cipó, barro, jogos e brincadeiras, dinâmicas, paus, material reciclável, entre outros. Fizemos várias propostas, inventamos e reinventamos, com os pés ao vento, as mãos bem

assentes no chão, desenhamos no ar constelações na terra. Éramos um grupo de quarenta pessoas, aproximadamente. Foi tanta informação que cheguei a ficar com a sensação de que era uma tarefa demasiado grande para mim. Por momentos não acreditei que ía dar certo mas fui interrompida por uma certeza tinha que confiar, melhor do que a minha opinião era a experiência que as pessoas envolvidas na luta quilombola tinham, e que por isso saberiam como e o que utilizar para a sua prática pedagógica.
Uma regra nova para aprender, a vontade de saber é o primeiro passo para a compreensão do conhecimento, questionar o mundo com o acaso, com o que surge sem previsão transforma o saber em consciência, é nesse ritmo que se avança, sem o controle do passo seguinte, de olhos abertos movimentos soltos, nos cruzamentos que nos indicam o passo seguinte. Pensei que tinha chegado ao topo da fila, mas estava sempre alguém a surgir à minha frente, reage, direita, esquerda, direita esquerda. Lembrava-me vagamente que o percurso era mais curto, e era mesmo, mas a boa nova é que mais gente se juntava à dança. Muito bem, vamos juntos.

Eu iniciava o estágio de mestrado. Concluído o primeiro ano de Mestrado na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação no Porto preparava-me para estagiar na escola Aurélia de Sousa na cidade do Porto, ali estava previsto frequentar disciplinas do ensino secundário, tentei com algum sucesso frequentar a disciplina de Educação Visual do 3º ciclo. Não satisfeita propus à faculdade uma outra escola, a escola do Viso, a professora que me acolheu trabalhava com o 3º ciclo, assim encontrava três realidades distintas para entender como funciona o currículo escolar, a didática, a pedagogia escolar, a gestão escolar. Remeti a experiência que realizava nas escolas quilombolas para o contexto de Mestrado.

> "Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar--lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos." (Rancière,2002,20)

Ler Rancière 'O Mestre Ignorante cinco lições sobre emancipação intelectual' servia as medidas. Queria eu também viver uma aventura intelectual a exemplo de Jacotot, queria eu também ser um mestre ignorante que se emancipa a ponto de emancipar o outro. Sabia que as inteligências são iguais e que toda a pessoa tem igual inteligência – vivo com essa certeza desde que entrei na escola aos 5 anos de idade só porque à entrada já a professora determinava

quem sabia e quem não sabia[6] – mas como prová-lo? Digo provar com a boca, sentir-lhe o sabor. Como trabalhar nesta construção com o método do acaso, aquele 'pelo qual cada um aprende e pelo qual cada um descobre a medida de sua capacidade' (2002,29)?

6. Anexo II – Apontamentos de Um Dia (des)apontamentos de Um Diário

Três encontros em 2010

Foi na procura de me tornar em Mestre emancipado que obtive a clareza do método do acaso. Para dar seguimento ao estabelecido no calendário com a Prefeitura, ponderamos três encontros no ano de 2010. Um no início do ano letivo, fevereiro; outro no recesso escolar, agosto e outro perto do fim do ano letivo, novembro.

Novo ir

Para organizar os conteúdos trabalhados pelas professoras durante o período de tempo da primeira formação até a segunda com seis meses de distância, decidimos trabalhar com as escolas de instrução primária, a saber: a escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira e a escola Municipal José Néu de Carvalho, que vai desde a educação infantil até ao 4º ano, num grupo; no outro grupo, a escola Municipal Professor José Mendes, que vai do 5º ano até 12º ano. O encontro aconteceu nas instalações do CPA.

Da escola Municipal de Bevenuto Simão de Oliveira, não só tinham aplicado o que foi experimentado na formação mas tinham atribuído um sentido específico ao conteúdo. De todas as experiências a recolha das dinâmicas, dos jogos e das brincadeiras foi utilizado para aproximar as crianças umas das outras. O que antes acontecia apenas com porrada e com agressividade, passou a existir de forma natural[7]. Prepararam o projeto a partir do tema 'Brinquedos e Brincadeiras'. Enquanto que as outras escolas trabalhavam com outros conteúdos, com outras formas, com outras necessidades, com outros resultados, a escola Municipal José Néu de Carvalho apresentava os registos de todas as atividades, num arquivo em forma de desenho.

7. Anexo VII – Mugunzá ou Cachupa: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica.

A escola Municipal Professor José Mendes tinha outro desafio, a partir daqui havia uma separação de disciplina e de professor por disciplina. Na realidade a aprendizagem que se pratica na comunidade não é fragmentada mas antes acontece em simultâneo. Como enfrentar esta diferença?

De novo voltar a ir

Em agosto partimos para a próxima volta, o final de semestre foi marcado pela celebração dos 10 anos da AQCC e os 15 anos da escola Municipal Professor José Mendes com uma feira de artes. A AQCC organizava um encontro com todas as escolas envolvidas na política quilombola, na luta pelo território, pela educação, pela saúde.

Cada atividade de formação aconteceu em cada uma das escolas, dessa forma fui pela primeira vez a Sítio Paula conhecer a escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira. Para além de partilharmos o que tinha sido feito, repetimos a gincana realizada anos antes, a pedido da escola que não tinha estado presente tendo em conta a distância.

Cada encontro é singular. Cada conversa é ininterruptamente interrompida. O próximo encontro estava previsto para meados de novembro.

O terceiro encontro foi interrompido por um trágico acidente. Um carro que se despistou na estrada transportava vários líderes que se dirigiam para um encontro de educação e desporto que decorria em Salgueiro. Três mulheres tiveram morte imediata. Hoje a escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes homenageia uma das mulheres que tanto deu à comunidade, enquanto educadora, enquanto artista, enquanto guerreira e a Casa das Juventudes Girlene Rosa homenageia outra das jovens lideranças que o acidente vitimou. A comunidade ficou sem Luísa, que ocupava um papel de liderança na produção, divulgação e distribuição das peças de arte quilombolas. Em janeiro de 2011 a comunidade despedia-se de Cem, uma liderança atuante na AQCC.

Ir para de novo voltar

Voltei à comunidade em janeiro de 2011 como estava previsto no calendário das formações acordados entre a AQCC e a Prefeitura. A comunidade era a mesma e era outra ao mesmo tempo. A banda tocava em memória e na memória dos que dela compõem. O tempo era de luto, um luto do mais profundo, do mais interno e do mais vivo que alguma vez pude entender. As formações eram encontros alegres que se transformavam em histórias do antes do acidente, do momento do acidente, do agora, após o acidente. E assim ficou, tudo bem. A comunidade reorganiza-se. Ali confirmou-se, e confirma-se até hoje, que o Material Didático Específico é trabalhado todos os dias nas escolas, as educadoras registam todos os anos as suas atividades, os registos são dos mais variados, desde vídeos com visitas aos locais históricos, a desenhos, peças de teatro fotografadas, músicas gravadas, histórias escritas. Nos anos seguintes, se necessário for, convidam os que se envolveram nas atividades anteriores para repassarem o seu conhecimento. Em vez de um livro, que represente o Material Didático Específico, temos dezenas deles a serem apresentados todos os anos nas escolas. Em vez de dezenas de livros temos as pessoas, que são livros abertos para contarem e recontarem as suas histórias, como sempre fizeram. A comunidade e a escola nunca se separaram, estão cada vez mais unidas pela mesma luta, o direito de decidir o que é melhor para o seu povo.

Quem dança o trancelim?

Para dançar o trancelim organizamos duas filas, de um lado Kêka, Allyson, Ashley, Jairo, Rubin, Amando, Patricia, Dandara, Thais, Daniel, Daniela, Leticia, Lorena, João, Daiane, Lúcia, Diva, Gil, Penha, do outro Adriana, Adalmir, Márcia, Zélia, Cícero, Fátima, Espedita, Adriana, Martinho, Reginaldo, Tico, Lena, Célcia, Clécia, Marinalva, Meire, Ícaro, Maria do Carmo, Catarina, Otília, Dina, Lourdes, Lourdinha, Tuta, Andrelino, Zé Alfredo, Dêza, Josélia, Lívia, João Viola. A banda começa a tocar, dança o trancelim quem entra na fila, Iva, Rogério, Paiva, André, Tiago, Helena, Tatiana, José, Carla, António, Rita, Cátia, Joana, Manuel, Adriana. Trancelei com muitas voltas, Aparecida, Rosany, Francílio, Neane, Valdeci, Givânia, Cem, a ir, Fabiana, Generosa, Cecília, João Alfredo, Gracinha, Izabel, Yuri, Roseanne, António, Guilherme, José Aquim, Móises e a voltar a ir, com muitas pessoas que conheci enquanto brincava na dança Marta, Nilton, Caroline, André, Erika, Felipe, Carla, Angela. Sempre a ir, Vitória, e a voltar a ir, Neta, e a voltar a ir, Mizraim, e a voltar...

Doutoramento

Ao embarcar no doutoramento sabia que para pesquisar na comunidade precisava de me envolver nessa dinâmica diferente, para mim nova, completamente nova. Estar lá, de perto. Absorver o ritmo do encontro. Encontrar o respirar do fazer. Fazer sem medo do esquecimento, da acumulação, do refazer para ser outra, de outra forma de ser.
Assumi o doutoramento para fazer esta pesquisa diferenciada, que por sua vez foi assumida pelo curso doutoral de Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. E foi assim que parti para viver na comunidade, com a Conceição das Crioulas, para ler o que não vem nos livros.

Partia com uma certeza, que uma pesquisa em educação artística é uma forma de arte, assim como uma pesquisa em arte, é provável que seja educação artística, tendo em conta que a arte educa o artista, educa toda a gente. A pesquisa em educação artística acontece quando as mãos pensam, o olfacto assimila, os olhos mastigam, a língua compara, a cabeça sente e os ouvidos recolhem, com todos e para todos os que se envolvem. Que se aprende assim educando todos os sentidos.

De encontro à terra

Há dois anos que não chove e o açude vai secando. Por isso a terra dorme até as próximas águas.

O autocarro chega cheio de passageiros. É dia de escola e, por isso, a Vila Centro é uma agitação. Cada autocarro dirige-se à 'sua' escola e a escola enche-se de estudantes.

Alguém toca a campainha, início das aulas, cada um se dirige para a sua sala de aula. Algum silêncio volta a surgir. De novo a campainha, que alguém toca. Todos saem da sala, é hora do lanche. Uma fila é composta. Hoje não vai haver lanche, liberam-se os alunos mais cedo. Campainha, todos para a sala de aula. Toca a campainha, os autocarros recolhem os estudantes de volta a casa. Hora de almoço, ninguém na escola. Assim acontece o turno da manhã.

Um escola normal, foi assim que aprendemos que se organiza uma escola, é assim que praticamos na escola.

Entro na escola para falar com a direção, ali está ela. Diretora, coordenadora, secretária na sala da diretoria. Qualquer dúvida é ali esclarecida, mesmo durante a hora de almoço.

Eis que chega novamente o autocarro cheio de estudantes. Toca a campainha, para a sala de aula, toca a campainha, hora do lanche. A comida chegou, as merendeiras prepararam a refeição, arroz de feijão com carne. Toca a campainha, para a sala de aula. Toca a campainha, os autocarros recolhem os estudantes. Hora de jantar, silêncio na escola.

Foi o turno da tarde. O guarda nocturno já chegou. Por esta altura é possível encontrar a sala de diretoria no ativo. Qualquer dúvida pode ser tirada, ou ficar agendada para o dia seguinte.

Chega o autocarro, o mesmo ciclo. Foi o turno da noite. Apagam-se as luzes, fecha-se o portão da escola Professor José Mendes. Amanhã voltamos ao trabalho, bem cedo.

Ser educador quilombola

Chega o fim de semana. No sábado, às vezes no domingo, há reuniões sobre educação, sobre gestão da AQCC, sobre geração de renda, sobre território, sobre as mulheres, sobre a cesta básica, sobre desporto, sobre saúde e meio ambiente, sobre juventude. A AQCC é tranquila sempre a trabalhar. Nas reuniões

sobre educação lá estão as diretorias de cada escola quilombola de dentro do território, mais os sócios da AQCC e a equipe da AQCC.
Se for preciso preenchem-se papéis, mas normalmente estão lá para decidir que passos foram dados e que passos vão dar sobre a escola que querem na comunidade tendo em conta os avanços que são dados nas outras áreas. As conquistas realizadas, como a entrega das fazendas à comunidade (hoje só falta entregar uma fazenda) as lutas a travar, como por exemplo melhorar as estradas de acesso à comunidade. Que passos dar com as parcerias que surgem, como actuar na Prefeitura, como agir em função das agendas que chegam de Brasília. Que roda dá o mundo? Que outras pedagogias existem? Como vai a escola organizar-se para a formação consciente nos jovens do meio onde crescem, nas lutas que a comunidade trava, no envolvimento político da sua comunidade?
Uma grande mudança aconteceu na comunidade, desde 1995. A educação passou a estar atribuída à escola Professor José Mendes[8]. O que antes acontecia sem hora marcada, em casa, com a família e com os amigos, passou a ter um tempo definido e a responsabilidade da educadora dentro da sala de aula substitui de alguma forma a responsabilidade da família dentro de casa. Como não perder essa ligação e essa relação que a escola exige? A resposta surge sem muito pensar, mantendo os nossos costumes! Trazendo a casa para a sala de aula, levando a sala de aula para a casa. Responsabilizar a educadora de sala de aula com a causa pedagógica da comunidade, ou seja, com a família. Reunir os fazeres e os saberes num constante ir e voltar, entre a escola, a casa até ao ponto em que não se define mais, se estou em casa ou na escola. Para isso o educador quilombola é aquele que se compromete com a comunidade, com a AQCC, com a escola, é aquele que sabe que está a aprender com quem vem à escola assim como ensina quando está em casa.

8. Anexo XIII – Gestão Escolar Quilombola

Nos apontamentos que faço uma pergunta se repete: 'não sei mas quero saber'. Qualquer dúvida, na resposta, levanta outra pergunta: sei um pouco mais, mas ainda não sei o mais, e quero saber. Por isso não sei.
Um direito da escola quilombola é que o professor seja quilombola. Só assim ele saberá que o seu papel é ser educador, mesmo que no papel salarial diga professor, ele é educador quilombola. Isso é motivo de orgulho. Ter este direito é lutar por ele. É mobilizarmo-nos para ter esse direito, por isso a comunidade se organiza para adquirir esse direito. Principalmente que a gestão da escola seja atribuída a quem é quilombola, para que a orgânica se mantenha, que a escola se organize com a AQCC, com a comunidade, com os agricultores, com os artistas, com as crianças. Só assim compreenderá que não é diretor ou coordenador, mas sim parte de uma equipe maior que o título lhe propõe, e dessa forma junto com a comunidade decidir o que é melhor para a escola.

Não é tão simples como ser e morar na comunidade, é ser parte ativa dela, ser disponível para ela, aprender com ela, constantemente. É ser pesquisador nos seus fazeres, na preservação da sua metodologia, da sua cultura, repassando os seus valores[9].

9. Vai ser mais desenvolvido no próximo capítulo.

Esta pesquisa, por se situar no campo da educação artística e na causa quilombola, não poderia ser diferente. Precisava ser uma ação: política, pedagógica, comprometida, disponível a não saber mas querer saber. É uma pesquisa quilombola. Cheia de histórias, de diversas linguagens: escrita, gestual, visual, trancelim, som, cheiros, texturas.
Isto que fique negritado, esta pesquisa é uma ação política, e de forma organizada transforma-se numa ação político-pedagógica.
Parte do trabalho realizado na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, de onde ainda tenho muito a aprender.

Metodologia quilombola

Quando comecei a minha estadia prolongada na Conceição percebi que não existia outra metodologia mais útil que a do trancelim. A criação de tal movimento, de tal envolvimento, de tal ritmo reclama para si a resistência, o infinito, o estar ali, o abstrato. Ir e voltar, nunca sozinho. Na sua gênese propõe uma virada na história, algo que confunde o princípio com o fim, respeitando o ponto de vista de cada um apresenta a continuidade da terra, o seu ciclo, esse vórtice incandescente.

O escravo é dono do seu saber?

Não. Não é. Só se é escravo se o seu saber tiver um dono, que não tu próprio.

A palavra escravo remete-nos para uma situação histórica em que determinado povo impossibilita outro povo de evoluir culturalmente, economicamente, politicamente, socialmente. Fazendo dele escravo, não apenas de uma situação de submissão, de imposição de valores e ideais, mas também escravo de uma outra história, escravo de uma narrativa que não lhe pertence. Sendo obrigado a participar, de forma involuntária, numa outra narrativa, tudo o que lhe é permitido é edificar a história desse outro povo, ao qual fica submetido, sempre na consciência – na constante lembrança – de que dele não faz parte.
Essa é a narrativa que acompanha o povo quilombola e indígena do Brasil, do qual a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas faz parte.
Quando utilizamos a palavra escravo – sem esquecer que as palavras carregam significados que alimentam o pensamento – e procuramos representar essa imagem de escravo – sem esquecer que os nossos pensamentos estão carregados de códigos visuais do que é o escravo – a palavra e as suas

representações, mostram o escravo como um ser mais incapaz, de pensar por si só, menos evoluído em termos de linguagens, de códigos, em suma, um ser inferior. E, se desconfiarmos, se colocarmos um ponto de interrogação nestas imagens que nos povoam, nestas palavras com os seus formatos fixos, se invertermos estes conceitos. Proponho esta observação porque na relação com o povo quilombola e indígena sentimos algum descompasso no que é dito como verdade e no que se vê como real. Essa narrativa está muito gasta, a do escravo que não tem história, cultura, pensamento, organização, que não faz parte do movimento histórico nacional e mundial dos dias de hoje. No entanto a busca pelo entendimento dessa história, que coloca o quilombola e o indígena fora e as denúncias das características que identificam, de certa forma um povo, estimula uma aprendizagem diferente, uma mudança no envolvimento que as palavras remetem para o contexto atual e que dessa forma liberta-nos desse preconceito estabelecido.

Por um lado, a obrigatoriedade de participar numa história significa que se faz parte dela, que se contribui para essa história existir, mesmo que sem querer, no entanto não é dado o espaço para reclamar essa pertença, porque essa obrigatoriedade é acompanhada com estímulos de possessão e propriedade, paralelamente a posições hierárquicas de poder que permitem a anulação e invisibilidade.

Por outro lado, se "aquele que é senhor não pode ser livre" (J.-J. Rousseau in Scott, 2013,83), então a história não nos conta que a necessidade de preservar essa posição de poder, de anulação do outro, de alimentar sentimentos de possessão e de propriedade faz de nós escravos, ao mesmo tempo que nos aprisiona em conceitos que nos impedem de ver no outro a construção que ele faz na sua condição de prisioneiro, o de ser dono do seu saber.

Dessa forma, os papéis invertem-se, o escravo que ocultamente constrói a sua cultura preservando os seus valores é dono do seu saber por isso não é mais escravo. Enquanto que o senhor, julgando-se dono de tudo, e do outro, dirige o seu olhar para o controlo de tudo e para o medo de tudo perder, deixou de ser dono do seu saber, por isso transforma-se no escravo.

É preciso questionar as palavras e o formato delas.

Por isso, é relativamente fácil compreender algumas reações que surgem quando digo que vou para uma comunidade quilombola ou indígena. Uma das primeiras leituras com essas palavras será: vou encontrar um grupo de pessoas nuas ou semi despidas, cujos trajes são construídos com elementos da natureza, penas de aves na cabeça, palha a fazer de saia, cocos como copos de água, remetendo essa sua condição de pessoa a par da natureza. Uma certa imagem circunda o imaginário: essa é a condição de ser gente, que bonito esse contacto com a natureza, como gostava de viver essa experiência. Como gostava de ser livre.

Também é fácil compreender quando, após a visita, na descrição de tal experiência, esse povo traja roupas compradas na cidade, casas de tijolos, televisão em casa, internet, computador, nesse caso a imagem que se projeta é de descrença, essas comunidades não são quilombolas, nem tão pouco indígenas, a experiência de tal visita não é uma real experiência. Eles já são senhores, com sentimentos de propriedade. Melhor seria não os deixar entrar em contacto com a civilização.

O que a Conceição das Crioulas conta, assume, diz, mostra – e que é difícil ouvir – é que mesmo nesse processo de inferiorização, nesse estado de escravidão, sempre foram donos do seu saber. Sempre se organizaram em grupo para, de alguma forma, não de qualquer forma, fazer prevalecer os seus costumes, as suas formas de reagir às contrariedades. A narrativa que não foi contada é a de que só se é escravo de si próprio, das imagens com que amarramos o nosso conceito de mundo, dos sentimentos com os quais alimentamos o nosso coração, onde o saber está preso a preconceitos e conceitos e preconceitos. A história que não foi contada é que nessa medida a comunidade quilombola não é escrava de si própria porque é dona do seu saber, porque se construiu nesse jogo de aprender a desaprender. Esta história tem dois séculos de existência, e este é o tempo de se fazer entender. Esta é a luta que provoca o movimento, do ir e voltar ficando com a terra, com a vontade, com a história, com o conhecimento.
A realidade porém, que custa a ser assumida pelo colonizador – aquele que luta pela submissão, que defende a ordem que se proclama como, os negros que fiquem no lugar deles - é a de que esses povos sempre foram donos do seu saber, e por isso, capazes de tomar as suas próprias decisões. E hoje são prova disso, cresceram e desenvolveram-se em contacto com a civilização, fizeram sempre parte dela, edificaram-na e na condição aparente de escravos, serventes, pobres – chamemos o que quisermos – souberam ser livres e conquistar a sua liberdade preservando o que dos seus costumes era fundamental, organizando-se para a revolução cultural que se avizinha e adquirindo o que seria o melhor para o seu povo.

> "Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento. Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importa os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená- los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros."
> (Freire,1970,43)

Colonizadores são colonizados

Por isso, colonizamo-nos a nós próprios.
Os processos de colonização do outro são sempre tão variados quanto agressivos, mas não é menos grave quando nos colonizamos a nós próprios. E colonizamo-nos quando não nos permitimos ver para além do que nos mostram porque somos incapazes de vermos pelos nossos próprios olhos. Quando nos impomos determinada ordem sem a inquietação da pergunta, da dúvida. Quando por via do medo não procuramos sair das imposições em que estamos presos, com medo principalmente da liberdade, ocupamo-nos a acreditar que a nossa liberdade é aquela que nos oferecem.
Esta é sempre uma opção individual – colonizar/estar colonizado – enquanto que a referida anteriormente é uma opção coletiva – ser colonizador ou ser colonizado – o que leva muitas vezes à condição de imposição, não-opção. É dessa forma que o colonizador sabe agir, colonizando o outro. Ou seja, um povo que é visto como escravo não tem propriamente opção porque se trata de uma imposição coletiva, de fazer parte de determinado grupo. Um povo que é visto como o senhor também é uma não-opção porque é uma imposição colectiva, de fazer parte de determinado grupo. Quero com isto dizer que nem todos os senhores são escravos, nem todos os escravos são livres, isso é uma opção que começa individualmente, em cada pessoa. Essa é a opção descolonial, é o desafio de questionar o outro e a si próprio, até esse movimento se transformar num movimento coletivo.
Daí a situação Sou Portuguesa, logo sou Colonizadora, ou Sou Negro, logo sou Colonizado, mas isso não é uma opção individual?
Por isso, compete ao escravo – aquele que não é dono de seu saber – descolonizar-se, só assim saberá dizer ao outro, Vê por ti! ao invés de alimentar a velha retórica, Não precisas de ver, eu mostro-te como é. E é assim!

Nessa medida entendi uma parte de mim colonizada, aquela que aceitava a condição que lhe ditaram – pobre, o bem e o mal – e, por isso transformava-me em colonizadora, aquela que reproduz a condição em que foi ditada – ocidental, o bem e o mal. Mas a partir do momento, em que tenho consciência dessa condição em mim e nos outros, inicio a procura de a questionar, em que não me satisfaço com conotações de pobre, de ocidental, ou de outra qualquer conotação de bem e de mal, então só me resta partir em busca de olhar o mundo com os meus olhos. Em busca da liberdade. A opção é individual, a busca, no entanto, esse movimento é com os outros.
Só uma mente livre liberta outras mentes.

A história universal pode contar que os africanos sempre foram escravos, e hoje pode-se provar que essa condição de escravo não é de todo o africano.

A história universal pode afirmar que o português é o colonizador, mas hoje podemos provar que essa condição de colonizador não é todo o português.

O acaso, o erro, a espontaneidade

Por acaso, a espontaneidade será um elemento a ter em conta num processo de aprendizagem? Ou, pelo contrário, trata-se de um erro que devemos evitar?

Habitualmente, recorremos a uma base em que assenta a organização pedagógica, no modo de agir e no modo de pensar os conteúdos que vão ser trabalhados. Determina-se um tema, desenha-se um projeto. Planeiam-se estratégias e objetivos. Prevê-se o espaço físico e temporal para a realização da ação. Avança- se para a prática que se projetou.

No desenvolver abrimo-nos à aprendizagem em conjunto com todos os que se envolvem no projeto: pais, lideranças, crianças, jovens, clima. Desde o início do projeto até ao fim, muitas mudanças acontecem, os acasos surgem, a pausa mesmo que instantânea surge. Com tempo, pensam-se, repensam-se, dependendo do impacto que provocam altera-se o trajecto, sem perder a visão dos objetivos previstos, dos desafios que se definem. Aquilo que parece um erro ganha a dimensão de conhecimento, e erra-se muitas vezes, se entendermos que isso é não seguir sem os imprevistos do dia a dia. Previa-se determinada reação, temos outra, previa-se um resultado que demoraria mais tempo a chegar mas rapidamente encontrou-se a solução, serve de aprendizagem para o passo seguinte, se pelo contrário, o resultado demora a chegar, aplica--se outra dinâmica, outros exercícios, outras motivações. Oferece-se espaço para cada um se sentir no todo. Questiona- se, interrompe-se, reformula-se, reouve-se, redefine-se, respeita-se. Sempre a partir do desenvolvimento do plano proposto, pensado, com a experiência da intuição, com a sensibilidade da razão que existe no ato espontâneo que é seriamente aplicado.

O resultado que não falha nunca é a aprendizagem. Não se aprende o controlo, em vez disso observa-se de corpo cheio, semi cheio, vazio até o diálogo que existe nesse mesmo corpo, no outro corpo, em todo ele. Não separando a mente da mão, os pés do coração, os ouvidos do estômago, não separando o nariz dos cotovelos, os joelhos dos intestinos, os olhos dos rins,...

Por isso, e sabendo disso, no encontro de pesquisadoras/es avançávamos para a ação sem medo, o medo que impede de ver coisas novas, de sentir as regras como fixas, de ser surpreendida no meu saber. Na escola, na sala de aula, na aula fora da sala de aula muitas situações não previstas e até mesmo as previstas acontecem e são, todas elas, assimiladas.

É esse o cunho pessoal de quem participa no processo, essa é a contribuição que cada um, cada uma, que se envolve pode oferecer: a sua espontaneidade, o seu acaso, o seu erro.

Eu, que tinha aprendido que estes são elementos a evitar, e a leitura que me explicaram que devia fazer quando estes elementos aparecem nos processos é escondê-los, camuflá-los, torná-los invisíveis salientando os aspectos considerados positivos do processo. Queria este resultado e obtive, passo a passo, sempre no controlo da situação.
Fazer o contrário é desobedecer à ordem das coisas. Aprendi a fazer minhas as palavras de Jorge Amado, quando na página 14 do seu livro 'O País do Carnaval' confessa orgulhoso 'Os defeitos deste livro são a minha maior honra', mas aprendi a assumir esses defeitos na Conceição que me ensina que a desobediência afinal já não é o que eu achava que era, como já vimos atrás.
Nesse caso então, a desobediência é a regra. Sendo que a regra é sempre questionada, a obediência a este princípio é a desregra contínua.
Continuamente desobedecemos e, por isso, continuamente estamos abertos ao diálogo, à aprendizagem, ao processo, ao método, à questão, à experiência pessoal e coletiva. Uma única coisa é certa: o compromisso de levar um plano até ao fim, em modo trancelim.

Esta organização aproximou-me do método que as artes utilizam. Por exemplo, na construção de uma escultura. Fazemos o projeto, sabemos os passos que queremos dar. Temos tudo controlado, temos também a experiência que nos permite até anteceder o que pode correr mal no processo. Escolhemos os materiais com que vamos construir a obra e avançamos. Quando o processo de construção começa, começa também o diálogo com a obra que aos poucos começa a surgir, ela já deixa de ser projeto para se mostrar aos poucos, obra. No envolvimento da execução da mesma, podemos perder a lucidez de quem é que comunica, se a obra ou se o autor. D. Dina, liderança quilombola e ceramista, explica o processo de trabalhar o barro, e refere que o barro negro depois de cozido fica branco branquinho, "na hora de trabalhar é cheio de frescura, não pode ser quando a gente quer não, se ele não quiser ele quebra, não levanta, então temos que dar tempo"[10]. Esse é o ato criador, aquele que a partir do cunho pessoal entra no processo. É a impressão digital que determina a natureza da identidade da obra, esta realidade também acontece quando são muitas pessoas a fazer a mesma obra, essas identidades entram em diálogo e a obra surge. Não é uma visão romântica, os olhos com que apresento esta realidade, é a partir da análise objetiva e científica que observo. Casos como a descoberta da penicilina, na área da saúde, ou como a descoberta da gravidade, na área da física. É o que vê Samuel Beckett quando diz 'tenta outra vez, erra outra vez, erra melhor'.

10. Para melhor ilustrar o que se procura aqui dizer, gostaria de relembrar a história que se conta, habitualmente do Picasso quando questionado sobre o processo da criação "se você sabe exatamente o que vai fazer, porque é que o faz?", temos também outro exemplo, o do diálogo entre o pedagogo João dos Santos e João de Sousa Monteiro em que a frase vira título de um livro "Se não sabe porque é que pergunta?".

Criar é deixar o mundo intervir, é dar espaço para ele entrar, é deixar, permitir que ele comunique. E se o mundo, esse universo imenso, que está dentro de nós precisa do acaso, da espontaneidade, do erro, e tudo o que nos disseram sobre o dominar, o controlar, o acumular não se tratar apenas de mera ilusão? Então é urgente desobedecer-me, descolonizar-me.

O criador está comprometido. É tudo o que é pedido, o envolvimento, esse movimento em busca. É preciso constantemente questionar a ordem das coisas, acompanhar o ir e voltar do mundo, essa repetição que nunca é igual mesmo que pareça. É urgente buscar essa originalidade mundana, ocupar o mundo com esse olhar crítico, de artista.

Por isso, aprendi que na Conceição das Crioulas os artesãos são artistas que desobedecem, olham o mundo deixando portas e janelas escancaradas, sem medo de serem surpreendidos. Porque todos os que trabalham com as suas mãos para representar o pensamento, a vivência, os costumes são criadores de mundos. Mundos que vivem nos sonhos que tecem.

No encontro com a terra

No dia seguinte não entrei na escola. Sentei-me à porta de casa da D. Otília enquanto ela bordava uma saia com a história da comunidade. Dali podia ver o mercado público, o P.E.T.I., o CPA, a escola Professor José Mendes, podia conversar, aprender um pouco mais sobre a pessoa que acolhe tanta gente com um bom café.

Os autocarros chegaram cheios de passageiros, que encheram o ar de pó. Já não chove há três anos e a terra dorme à espera da água das nuvens, esse refresco no espírito das gentes.

Os passageiros passaram a ser estudantes que entraram no portão, enchendo a escola. Aproveitando alguns minutos para ir pedir a benção aos líderes que por ali se encontravam, ou ir buscar um picolé à mercearia de Andrelino e correndo de volta à escola.

Passado pouco tempo, ouvi o silêncio que surge após o toque da campainha que alguém toca. Devem estar todos na sala de aula. Foi quando vi um grupo de estudantes com a sua professora sair da escola e dirigir-se para o P.E.T.I.; outra turma que se dirige para a Biblioteca Afro-Indígena que fica na praça; outra ainda que vai para o CPA; mais uma para o açude; outra ainda para o mercado, têm uma entrevista marcada aos vendedores.

Que engraçado, todos para a sala de aula! Diz a campainha que toca. Preciso de esquecer o que ouço, preciso verificar a perspectiva do olhar.

Os próximos capítulos

O desenvolvimento da tese compreende duas secções: a primeira, Historiando, surge da pesquisa que se realiza mais assente na herança escrita, saber-história, na falta dela, busca informações na herança oral, fazer-história; a segunda, o fazer- pedagógico, o fazer-artístico, o fazer-investigação está entrelaçada. Esta é a vida que a pesquisa ganha.

O reflexo desta ação-tese

> "Ele queria dizer que a independência que mais vale é aquela que está dentro de nós. O que lhe apetecia celebrar era o vivermos por nosso mando e gosto."
> (Couto,2002,66)

A ideia de educação que vi na Conceição era de alguma forma o oposto da ideia de educação onde fui abrigada, a da minha aldeia. Aliás, preciso ser corrigida, a ideia de educação poderia não ser assim tão diferente, no entanto, a ideia de escolarização sim, era notoriamente diferente. A licenciatura e o mestrado permitiu- me entender alguns destes mecanismos das instituições escolares, experiência obtida e transportada para a investigação em Educação Artística Diferenciada.

Dessa forma concluí que educação é um processo sem data de finalização, nem tampouco com data de começo, enquanto que a escolarização é datada, tem um início e um fim. O fazer pedagógico, o fazer artístico, o fazer investigativo não tem propriamente um início – está intrínseco à existência humana, todos estes elementos acompanham a consciência do ser humano desde que se conhece enquanto homem, e que o difere da natureza – por isso, não terá nunca um fim. Pelo contrário é um processo rotativo, com ciclos, vai e volta, numa relação com o que se sabe, passado, com o que se vive, presente, com o sonho, futuro. Existe num processo de constante mudança também, e o que aprendi ao viver na Conceição é que o processo educativo não chega a um fim, tem os seus resultados pontuais, em vista ao desenvolvimento humano que busca melhores condições de vida, pelo qual a mudança é um factor estável e favorável. Ela acontece, na luta, podendo o medo das alterações que o desenvolvimento humano provoca ser observado, questionado, dialogado na procura do bem estar para todas as gentes e com todas as pessoas.
Desta forma, fui à Conceição das Crioulas e percebi uma coisa: a escola e

a comunidade não precisa de separar-se. Estar lá veio confirmar algumas questões que se levantavam, que de modo geral a escola não precisa separar--se da comunidade, mas normalmente ela separa-se, sendo possível um trabalho em conjunto, uma instituição não é maior que a comunidade já instituída, por um lado. Por outro, que existem diversos mecanismos ativos para compreender cada comunidade, cada currículo, cada escola nesta trama global. E que todas as convenções se alteram, nesse processo de re olhar o passado, re viver o presente, re sonhar o futuro.

O futuro, poder-se-ía afirmar hoje, é assumir o diferenciado para todas as instituições escolares, o diverso para todas as escolas, esse intercultural global. Pude constatar no relatório de mestrado onde utilizei três contextos específicos, como experiência para pensar o currículo diferenciado: a escola Aurélia de Sousa, a escola EB2/3 Viso e as escolas da comunidade de Conceição das Crioulas, que – as suspeitas que o mestrado levantou pude transportar para o doutoramento colocando em evidência esses elementos a partir do encontro de pesquisadoras/es – o professor é eternamente estagiário, artista e político. Porém, no doutoramento confrontei-me com a identidade do professor enquanto identidade histórica. Essa identidade de pertencer a determinado grupo, de estar conotado a uma história cheia de conceitos e preconceitos, e a da necessidade da opção individual, a responsabilidade de aprender a desaprender, o processo da opção descolonial.

O presente, vive-se. É por essas confirmações que a investigação vem confirmar que a exposição da investigação ganhe esta forma, diferenciada, questionando os próprios parâmetros dos métodos de investigação. E foi durante o trabalho realizado que surgiram novas dúvidas, é possível repensar a investigação? Os seus métodos? A pergunta e a pesquisa? Principalmente, é possível que a pesquisa denuncie algo novo aos pesquisadores? Que o pesquisador ou pesquisadora aprenda algo novo, de si, no processo de busca, de procura, e arrisque essa mudança?

Na Conceição das Crioulas é no processo da construção do Projeto Político Pedagógico que a comunidade encontra, porque procura, a possibilidade de garantir que a educação, o território, a história da comunidade, a identidade, os saberes e o conhecimento, as relações de gênero, a interculturalidade e a organização social sejam a base que sustenta e direciona a pedagogia crioula vivenciada pelas/nas/com escolas da comunidade. São oito pilares que sustentam a consciência política que a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas organiza e gere o território. Esta organização, esta construção do PPP é realizada pelos moradores do território enquanto pesquisadores, factor íntimo de aprender na busca, condição existencial de ser, estar no mundo.

Educamos-me

A escola da minha aldeia alimentava aquela velha relação do professor vertical, aquele que em cima de um pedestal sabe, que mais ninguém sabe nada mais do que ele sabe. Ainda assim, se alguém sabe alguma coisa é sabido, entre os que abaixo dele se encontram, que uns sabem mais do que outros. Esse saber que se alimenta entre os estudantes é aquele que cada um transporta de casa para a escola, do conhecimento que é transmitido dos seus familiares, portanto um filho de agricultor sabe alguma coisa de agricultura, um filho de médico saberá de medicina logo, um sabe mais do que outro. O saber é sempre medido do mais para o menos, nessa relação vertical infinita. Alguém sabe sempre mais, alguém sabe sempre menos, em linha recta, ascendente ou descendente.

Nas escolas do quilombo da Conceição das Crioulas alimenta-se aquela nova relação horizontal, do professor para os alunos, e de uns com os outros, a relação educando-educador: pesquisar-saber-fazer-pesquisaber-sabefazer-pesquifazer-fazsaber. O saber, seja ele qual for, é valorizado por toda a gente, com todas as pessoas, para toda a comunidade. Sendo infinito também, passa de pessoa para pessoa, alterando-se, adquirindo várias formas e feitios, autonomizando-se enriquece-se a relação do todo com o saber.

Foi assim que tomei consciência que a escolarização é um ato político. Sendo assim, a ação que se desenrola dentro da instituição escola deve ser sempre um ato político. Esta pesquisa não foi diferente, É uma pesquisa que ao questionar os meios em que se situa transforma-se ela própria num saber fazer político pedagógico, e neste caso quilombola, diferenciado mesmo. Embora ainda haja muito para fazer, esta tese é apenas uma parcela do que acontece na comunidade. É a minha visão enquanto pesquisadora baseada na experiência do método pesquisadora quilombola, na área da educação artística, com/nas/para as expressões artísticas nas escolas quilombolas do território de Conceição das Crioulas desde a educação infantil até ao ensino médio (no sistema português, desde a educação de infância até ao ensino secundário).

Outra política é possível

A da liberdade. Neste estudo aprendi muito sobre a organização política no sentido em que Amílcar Cabral defende enquanto líder político e revolucionário ‘Posso ter muitas ideias de como organizar um partido, mas importante é o que quer o meu povo’. O que a Conceição vem acrescentar a esta ideia de política organizada é que só é possível fazer a revolução sem ter medo de ‘mexer’ no passado, de aprender o hoje para construir um novo amanhecer.

Outra educação é possível

A da liberdade. Emancipando o outro, fazendo com que cada um encontre a sua explicação do mundo. É possível educarmo-nos todos ao mesmo tempo. A vontade de mudança é o que nos espera, sem ela tudo passa.

Esperança na organização

> "Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-
> -me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero."
> (Freire,1987,47)

A arte diz: violaremos as normas!
A educação oferece ao grito: obedientemente desobedecemos!

Encontro na educação

Assim aconteceu todos os dias o trabalho realizado na comunidade. Assim acontece ainda hoje para quem vive na Conceição das Crioulas. Tudo é feito com o prazer de encontrar alguém e alguma coisa inédita. Porque o encontro é um momento que não se volta a repetir. Mesmo um encontro no mesmo local com o mesmo ser, é sempre único. E, por ser assim, dessa natureza transforma-
-se numa oportunidade de aprendizagem.
Os encontros são as formações, as aulas, as reuniões de hora marcada. O encontro para tirar dúvidas, firmar certezas, avançar com tarefas inacabadas do dia seguinte, só porque ainda falta dizer mais qualquer coisa sobre o assunto, ou para partilhar algo novo. Na ida e na vinda, o encontro com o vizinho, com o familiar, com o amigo, o encontro com uma escola a tempo inteiro, onde se respira. Com regras: a urgência de aprender a crescer desobedecendo.
Esse é o encontro do dia a dia. Esse encontro, não tem hora marcada, não tem assunto agendado, nem tempo contabilizado.
Ainda sobre o encontro e o que nele existe de arte... ele acontece em todo o seu esplendor com a força desse encontro particular. O momento de parar acontece exatamente dessa forma. A força que existe no início se esgota, ou encontra outra força, que impele a saída, deixando ficar algo e levando consigo um outro algo. Para novamente ter a força de um outro encontro, um novo encontro.
A arte do encontro é também a arte de contar histórias, que por sua vez é a arte de comunicar, ininterruptamente interrompido.

Saberes e conhecimentos próprios

A Conceição das Crioulas reclama para si o seu próprio conhecimento. Poder falar com as suas linguagens, a sua dança, os seus gestos, as suas imagens.

Outra História é possível

Nas conversas/entrevistas realizadas em 2012, a principal pergunta era sobre o sonho. E todas as respostas falavam de estudar, de conhecer, de contar porque contar aos outros é contar a si mesmo. Contar histórias dos outros aos outros é contar os outros. Contar-se é conhecer-se, recontar-se é reconhecer-se em vários sentidos.

Organização social

A organização social quilombola também é pensada para a gestão das escolas. Só é possível educar quilombolamente se todos os intervenientes escolares e familiares tiverem consciência da pedagogia crioula.

Particular interessante ou Otorrinolaringologista

Esta experiência deve ter acontecido algures entre os meus 10/11 anos de idade, e, por isso devia frequentar o 5º/6º ano escolar. Lembro-me vagamente de estar frio, e de estar em casa com a minha mãe, o meu pai e o meu irmão a discutir sobre umas direções para algum lugar e todos procurávamos visualizar as indicações que os outros davam.

- ...então depois, sobes uma rampa e fica mesmo ao lado direito...
- Sim, está bem. Mas vais virar à direita.

Acabei de dizer esta frase e senti que alguma coisa estava estranhamente mal situada, senti repentinamente calor e uma vergonha instalou-se no meu rosto, enquanto os três desatavam-se a rir. Vais Virar, que chique! Diz lá outra bez! É Vais Virar?

Na escola para escrever corretamente português aprendia e obrigava-me a aplicar corretamente as letras, as pronuncias e, como é do conhecimento de muita gente, no Norte é característico a troca do V pelo B, na oralidade, mas eu aprendia que se dissesse bem o V daria menos erros de ortografia e, por isso, corrigia-me a mim própria na hora de falar. Mas outra coisa foi-me revelada naquele instante. Essa correção a mim mesma criava uma distância com a pessoa que eu era, separava- me de alguma forma da minha família, eu que nunca esquecesse que sou uma mulher do norte. Hoje estás a dizer V, amanhã não sabes andar com os pés descalços metidos na terra. Mas é como se deve dizer. A minha professora mostrou bem a diferença entre o dizer o V e o dizer o B, para mim é mais fácil corrigir a minha oralidade e acertar na escrita do que o contrário. Essa mudança escolhia eu, para mim, naquele momento. Estava decidido, saberia andar com os pés descalços metidos na terra e dizer que sentia o Vento na Benta.

Chegar a outro canto do mundo é deparar-me com essas diferenças no falar, as sonoridades, os acertos nas palavras ditas, os sotaques, os calões e ficar a observar essas características locais. Eu corrijo várias vezes a minha mãe quando ela diz purmões na hora de dizer pulmões, ela aborrecesse comigo e lá se corrige mas sempre pergunta, Se entendes o que quero dizer, qual a necessidade da correção? Para mim os purmões são importantes para respirar, para ti são os pulmões e respiramos as duas, portanto está tudo bem.
E, realmente está tudo bem, num ou noutro recado ela lá brinca escrevendo para eu não me esquecer de respirar com os meus pulmões. Ela conhece essa diferença na escrita, ela frequentou a escola até à 4ª classe e lê regularmente, mas não quer por algum motivo abdicar de dizer purmões, talvez, suponho eu, porque já não pode andar com os pés descalços metidos na terra. A saúde já não é o que era.

De maneira que na Conceição das Crioulas apercebi-me desses pormenores e, com a aprendizagem da minha mãe tenho alguns problemas em abandonar essas observações, na escrita o português é correcto, sem erros ortográficos, desde 1995 com a conquista da escola Professor José Mendes toda a gente frequenta a escola até ao ensino médio melhorando cada dia essas dificuldades de linguagem. Essa foi uma grande conquista para a comunidade e, ainda hoje é relembrada e celebrada diariamente. Os mais velhos, que no seu tempo só conseguiram frequentar a escola até à 4ª classe, voltam à escola com a Educação de Jovens e Adultos e retomam a escrita, a leitura, as aprendizagens úteis da escola. Mas não significa que a oralidade se mude ao mesmo ritmo. No meu caso optei por abandonar essa oralidade que os meus pais praticam, acredito que a geração que me dá continuidade a ela não volte porque eu não vou ensinar por exemplo, purmões em vez de pulmões, nem sei se alguma vez isso será novamente uma questão para alguém. Mas sei de uma coisa, é sempre uma opção o uso das palavras porque elas estão vivas e viver a língua é aprender a usá-la aceitando as suas alterações.

Existe, portanto essa diferença na oralidade que continua separada da escrita, por isso nas transcrições das entrevistas tento ser sincera nessa escrita auditiva. Uma particularidade que me custa abandonar (não fazer a tradução oral para escrita) é o uso constante do singular com o plural, por exemplo, Meire diz ‘somos parceiro em tudo’ (página 172), e são mesmo. Cada um é o todo da comunidade, eu sou nós, nós somos eu, eu somos. Cada um se torna parceiro de todos e todos é cada um.

> "Eu me interessei pelo instituto porque, tendo convivido muito com os índios, sofria vendo que muitos povos estão ameaçados de desaparecimento e quase nenhum tem sido bem estudado linguisticamente ou tem sua língua bem escrita. Facilitei o ingresso do instituto no Brasil, a fim de que realizassem seu trabalho. A primeira linguista que veio, eu a mandei para salvar a língua dos Ofaié, um grupo de dez índios que iria desaparecer em breve. Ela conseguiu um dicionário de 5 mil palavras e algumas horas de texto. A língua Ofaié está salva (...) Meu objetivo era salvar para os linguistas do futuro, que provavelmente saberão estudá-las, as línguas como cristalizações do espírito humano, para aprendermos mais sobre os homens."
> (Ribeiro,2012,221)

A língua muda, só não muda quando se fixa, quando acaba, quando o ser que a pratica desaparece. Ficando apenas dicionários que podemos consultar para interesses de estudo linguístico. Na minha observação não se trata de salvar a língua quilombola, trata-se de a entender como viva, resultado dos encontros que teve ao longo dos séculos, e que particularmente se alterou. Essas alterações continuam a existir, para mim e para quem pratica a língua, mas o interesse não é entender o correto com que se fala, mas a cultura que as expressões transportam, o seu significado, o seu uso. A escrita altera também a cultura, a língua. O que fica por dizer ou por escrever é uma opção de cada um, de cada grupo, o importante contudo é saber mais sobre os homens e mulheres que vivem e lutam pela vida.

Quando em conversa com algumas lideranças na comunidade, mais velhas, algumas palavras como *pra riba* (página 248) surgem com muita naturalidade, e eu acabo por reconhecê-las com bastante facilidade. Outras como culminância fazem-me lembrar palavras que na minha língua ficaram em desuso. Estas referências transportam-me a um passado com o qual me identifico, um que ainda sou capaz de reconhecer em Portugal.

Os Atikuns, de etnia indígena, vizinhos da comunidade quilombola e também moradores no território quilombola falam a mesma língua e todos, quilombolas e indígenas, conhecem palavras como cocar, maraca, oca, peteca, mutirão. Numa visita rápida ao significado de palavras para mim desconhecidas, pude perceber as suas origens: maraca do tupi, oca do tupi-guarani, mutirão do tupi (motyrõ), cocoar do francês (cocarde).

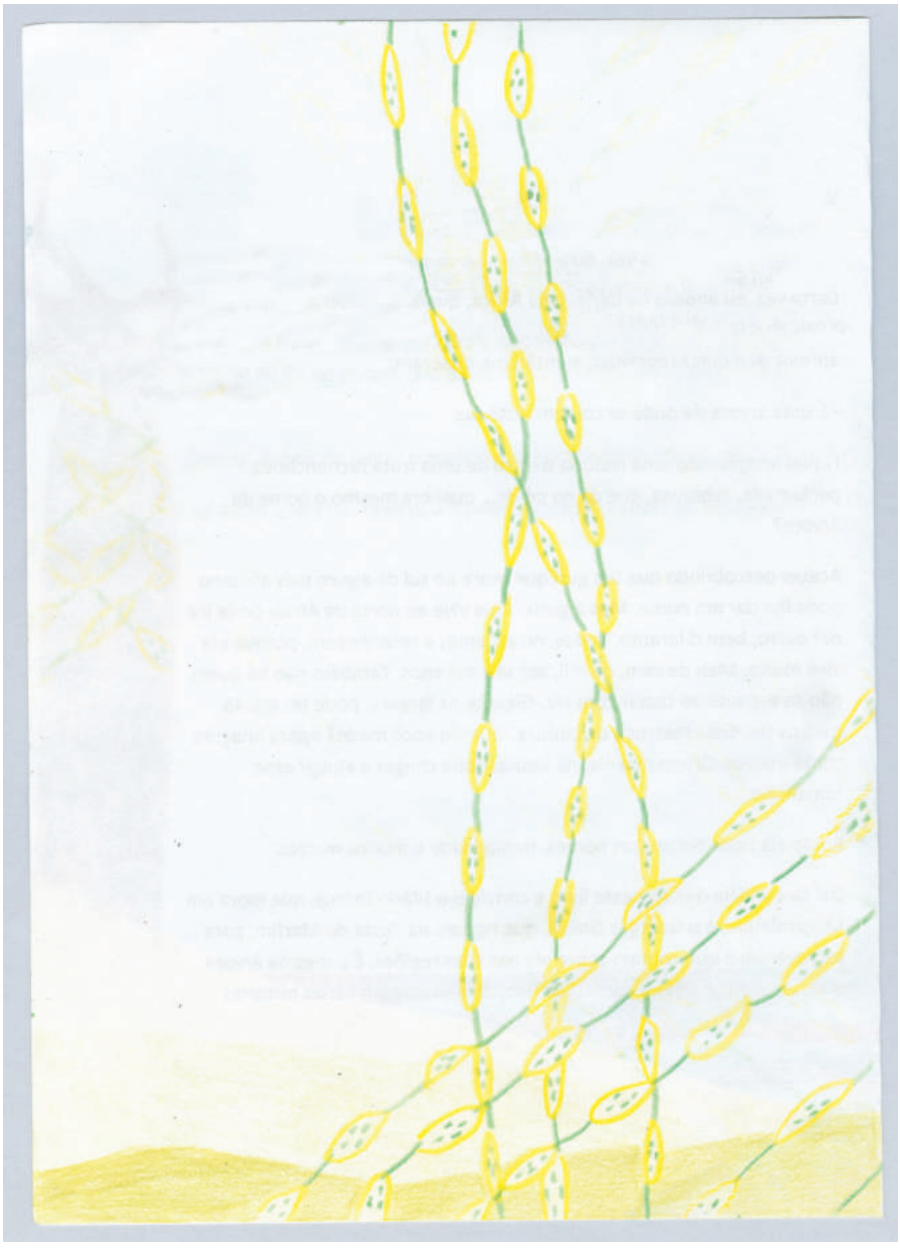
Nas conversas/entrevistas é uma opção que faço em escrever 'mal' o português que ouço, por exemplo menina e minina (página 173), é claro que na escrita nunca usaria minina, assim como na escrita quilombola também não se utilizaria minina mas sim menina. Mas como transportar os leitores para um

universo com uma riqueza sonora tão vasta se remeter toda a escrita para um correto português? Optei conscientemente por esses 'erros' que traduzo de forma literal com o que ouço, mantive algumas expressões como 'né', algumas repetições como 'gente', porque o meu foco não fica pela linguística, alarga-se ao sentido sonoro da convivência.
Na semana indígena na escola Professor José Mendes podíamos ler nas paredes da escola:

> "Ser índio
>
> Ser índio não é ter cabelos lisos, é ter história.
> Não é ter pele avermelhada, é ter determinação para lutar pelos seus direitos.
> Não é ter olhos pequenos, é ter força bastante para não deixar sua cultura morrer.
> Não é andar nu, é vestir-se de coragem para defender seus semelhantes.
> Não é morar na mata, é ter consciência de que dela depende a sua vida."
> (8º B, 2014)

Nas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas a educação intercultural é praticada, é consciente, mas a vida na Conceição é mais do que isso, é mesmo intra-cultural nos modos de falar, de dançar, de ouvir, de brincar, de tocar, de ser sério.
Marinalva, em conversa, referia que em tempos existia preconceitos com os sotaques, de Sítio para Sítio, até mesmo com a utilização de determinadas palavras que eram utilizadas nuns cantos e noutros não, mas preconceito é aquele conceito que se não for questionado se estagna, se fixa, não evoluí e as pessoas querem evoluir. Para isso é necessário atacar esse preconceito, cortá-lo mesmo, separá-lo, e questioná-lo, a evolução do ser humano é rever-se, reolhar-se, refazer-se, esse é um papel importante que a educação escolar deve ocupar.

Existiu nos tempos passados uma ruptura na evolução da cultura de alguns povos, nomeadamente aos quilombolas, no processo de colonização observamos que essa ruptura impôs um outro destino, outras realidades com as quais o decorrer natural do desenvolvimento desses povos ficou interrompida. É no presente que se firmam, que se questionam e que decidem como construir a história que se vai seguir. O passado vem me sussurrar ao ouvido, O hoje faz-se assim, libertando a pessoa.



Intertexto

Aparecida Mendes
(Esta conversa/entrevista aconteceu debaixo da latada de Valdeci. Atrás decorria a festa da consciência negra, começava o show forró-pé-de-serra. Cida viajava, de volta para S.Paulo no dia seguinte. 2012)

Maria Aparecida Mendes, a minha idade é 41 anos e eu autorizo sim que você utilize as minhas falas, mas eu também faço a reivindicação porque eu também estou estudando, às vezes o que a gente fala, a gente não escreve, né? Então eu preciso desse material para eu ler, para saber o que é que eu estou dizendo, pra ver se eu concordo comigo mesma (risos). Vai que eu não concordo e aí quero fazer auto-crítica.
(vou pedir um favor a você, pra levar pra lá... mais à Carla, nas pessoas que trabalharam com a gente, que trabalham com a gente, eu quero assim pedir mil desculpas, porque eu assumi um compromisso aqui mas infelizmente eu não consegui dar conta, não consegui dar conta de fazer a minha parte, essa parte foi muito ruim, assim, mas eu fiquei muito mal com as coisas que aconteceram aqui, foi sobrecarga demais, foi uma carga emocional muito forte então, assim, precisei sair mas eu quero poder contribuir de alguma forma com os trabalhos, quero que a nossa parceria com essa comunidade, com vocês, enfim, que as adversidades não façam com que elas se acabem. Precisei sair para ficar mais forte para poder voltar.)

– Então, sobre essa história que tu contaste, a respeito do sentimento que tens. Que sentes com as pessoas que partilhas este crescer, quer coletivo quer pessoal. A respeito da conquista.
– Eu tenho um sentimento de muita gratidão porque pra pessoa que eu fui, pro tipo de pessoa que eu fui. Eu considero que fui oprimida desde criança, meus pais não faziam por mal, eles não faziam por mal mas eu era oprimida, assim como muita gente nesta comunidade, era oprimida. Quando você não pode brincar com as outras crianças, você não pode estudar, você não pode ser uma criança normal, igual às outras e você tem que assumir a responsabilidade de pessoa adulta, que era isso que a gente fazia. Tinha que trabalhar, tinha que fazer um monte de coisa. Muitas vezes o meu pai dizia 'vocês não vão estudar porque eu nunca estudei e tou criando vocês, então vocês não precisam de estudar pra viver' ele disse isso inúmeras vezes. Então, hoje eu acho que as minhas realizações pessoais, elas estão em curso, porque eu ainda tenho muito, ainda quero muito pra mim. Eu acho que mereço muito ainda, aí eu tou lutando pra isso. Mas eu me considero hoje uma pessoa vitoriosa, eu considero que eu já conquistei tanto, Mônica, o fato do meu pai que tanto nos oprimiu, que tanto nos impediu de estudar, que tanto foi contra. O fato do meu pai ir pra escola, eu considero que foi uma revolução assim, foi uma revolução tão grande na nossa vida, na nossa família. Porque o meu pai, ele, chegou o momento, nós fomo tão insistente que chegou o momento, em que o meu pai decidiu ir estudar também. Começou na 1ª série, eu fui a madrinha de conclusão de 8ª série dele. Então foi assim, aquele momento... eu não sei qual o sentimento das outras pessoas, mas o meu sentimento naquele momento era de uma pessoa realizada. Porque a gente conseguiu mudar a história dessa comunidade, aconteceu uma revolução, e aí foi com meu pai, foi com todo o mundo. Então eu considero vitória pessoal minha, que eu revolucionei a minha vida.
Hoje eu posso tar conversando com você, eu não fazia isso Mônica, eu não falava, eu chorava não falava. Hoje eu consigo falar com você, hoje se for preciso representar, falar perante qualquer

público eu falo. Hoje continuo insistindo com o meu sonho de estudar, tou lá na universidade passando por um monte de dificuldade, mas tou. Consegui dialogar com a minha filha. O que eu não consegui pra mim no tempo certo, consegui pra minha filha. Minha filha com vinte e dois anos tava formada num curso superior. Com vinte e cinco anos eu tava indo pra escola fazer a 5ª série. Então, tudo isso pra mim são vitórias que merecem um belo de um agradecimento. Sou muito feliz por isso. Sou muito feliz por isso, não sou conformada porque eu acho que já conquistei muito mas ainda tenho muito a conquistar. Então, este é um misto de sentimentos pessoal mas também meus sentimentos familiar, sabe?

O meu sentimento voltada pra o coletivo é quando a gente vê na comunidade, também pensando nas pessoas da comunidade, quando eu vejo as crianças se olhando no espelho e podendo conversar com as pessoas, com a cabeça erguida, se achando, se sentindo mininos e mininas bonitas sem medo de falar. Sem medo de, pra mim é um resultado assim, fantástico! É um negócio assim que, pessoalmente a gente não tá ganhando nada com isso, mas essa é uma coisa que dá muita força, sabe? Dá muita força pra continuar, dá muita força pra continuar buscando.

Então, as vitórias, ver a comunidade hoje com a escola. Uma escola que até '95 a gente tinha o ensino de 5ª, de 1ª à 4ª série, hoje nós tem ensino médio na comunidade! Isso não é pouca coisa não! Uma comunidade que dependia única e exclusivamente das parteiras, das mezinheiras, que são as curandeiras pra cuidar da nossa comunidade, hoje nós temos equipe de PSF (Programa Saúde da Família) na comunidade, né? Então hoje há áreas que a gente não tinha o direito de entrar, não tinha o direito de colocar o pé, hoje a gente tá comemorando, a gente tá celebrando frutos dessas lutas que é o início da regularização latifundiária. Claro que tem muito, muito, muito, muito pra se fazer. Tem muito! Mas muito já foi feito e esse é um sentimento, sentimento muito bom. Sentimento de você saber que tá lutando por uma comunidade, você saber que seus problemas se tornaram minúsculo diante de tudo o que tem pra fazer pela comunidade. Quando você vê os frutos, você vê que vale a pena, vale a pena! o risco que se corre. Quando você defende o que você faz é em defesa de um coletivo, em defesa de um povo, mesmo que esse povo não reconheça mas, é fantástico assim, é um sentimento muito bom, muito bom.

– Dá-te vontade de continuar.

– Dá vontade de continuar. Até porque eu sempre criei, com João Alfredo e com Andrelino eu aprendi, a dinâmica de olhar muito pros nossos ancestrais. Me espelho muito nesse povo. Penso muito em tia Agustinha, penso muito nas outras pessoas que vieram antes de nós. Elas não tinham decreto. Elas não tinham a Constituição Federal. Elas não tinham parceria. Elas não tinham ninguém. O que elas tinham do lado delas era a força da luta de capoeira, e esse povo tinha nessa comunidade, e tinha que enfrentar com a valentia mesmo. Não tinha outra saída e eles não abriram mão, não foram, eles não se entregaram, eles sofreram, foram oprimidos, foram escravizados enfim, passaram por um monte de situação mas eles não aceitaram, né?

Hoje nós temos parcerias, podemos contar com inúmeras parcerias. Existem uma queda de braços entre a bancada ruralista, entre os defensores do capitalismo, do fortalecimento do capitalismo e aqueles que defendem a população, que defendem o menos favorecido. Existe essa dificuldade mas nós temos instrumentos legais. Hoje nós participamos de formação, temos informação pra dar continuidade à luta em defesa do nosso povo. Então eu penso que não continuar a luta hoje,

hoje a gente não fazer a nossa parte é uma covardia com aqueles que começaram antes da gente. Porque se não fossem eles a gente não tinha nada hoje. Nós não estariamos aqui. Então eu acho que é uma dívida. Nós também temos uma dívida com a gente mesmo e com as futuras gerações e um compromisso com os que vieram antes de nós.

– Sobre o sistema de cotas. Qual a tua opinião sobre o que tu saibas sobre o sistema de cotas na entrada da faculdade porque é bastante polémico. Para a população negra, onde também estão incluídos os indígenas.

– Então, sistema de cotas. Nós quilombolas até hoje, eu acho que foram poucos de nós que conseguiram ocupar o espaço académico através do sistema de cotas. Eu, é a minha terceira vez que faço o vestibular, começo por estudar mas eu nunca fui beneficiada. Nunca fui beneficiária do sistema de cota.

Entretanto, por conta da história, por conta de tudo o que se viveu nesse país, por conta da história desse país, eu não tenho condições de ser contra o sistema de cotas, muito embora saiba. O que é que eu acho que tem que acontecer, de verdade. O que é que eu acho que tem que acontecer? É uma melhoria na educação e é, quando eu tou falando da melhoria na educação, eu não tou falando de melhoria no prédio nem tou falando da formação do professor, que vai fazer com que o professor melhore a sua grade curricular, o seu jeito, enfim, não é o conteúdo, a questão não é essa.

O que eu acho que tem que acontecer, é uma forma que eu não sei como se fazer isso, não sei como chegar nesse ponto. Mas o que tem que acontecer é uma mudança de atitude dos profissionais em educação pra que leve em consideração a realidade, a especificidade de cada povo e leve em conta também a questão do povo negro, a questão dos quilombolas, a questão dos indígenas, a questão de todo o mundo, desde os primeiros anos escolares.

Porque o resultado, porque é que as crianças negras não estão no ensino superior? Elas não chegam. Muitas delas não chegam nem ao ensino médio e ao superior muito menos, porquê? Elas se sentem obrigadas a sair da sala de aula, elas são obrigadas, são levadas a se evadir da escola, porquê? Elas não se vêem ali, elas se sentem mal, elas se sentem maltratadas, elas não se encontram naquele espaço. É como se aquele espaço não fosse pra elas, então elas saem. Essa é uma das situações que faz, que eu acho que faz, o quê? A educação não seja de qualidade. Quando tá falando de educação de qualidade não tá se referindo à merenda, não tá se referindo só ao conteúdo, não é só isso. É a atitude. É a forma de se dirigir a essas crianças, é a forma de tratar. Então isso, pra dizer que é o que eu acho que tem que acontecer, na verdade. Que é pra gente não precisar, chegar um dia que a gente não precise, do sistema de cota. Mas enquanto isso não acontece e vendo as dificuldades que se tem pra se inserir nos espaços científicos, eu defendo que tem o sistema de cota. Porque eu já li também, Mônica, que a população negra, ela foi proibida de estudar. Até bem recente, até ao século dezoito, a população negra era proibida, por decreto, a população negra era proibida de estudar. Quando se abre espaço legal pra a população negra estudar, a população dependia da vontade dos professores. Imagina, nós estamos no século vinte e um, e de vez em quando a gente percebe atitudes de profissionais na educação que ainda não quer que a população negra se insira no espaço escolar, imagine naquele tempo, né? Então, por conta disso, a gente ficou sem estudar, quando a população branca brasileira, pra ela ter o curso superior, dependia, o que contava não era o vestibular, não era a qualidade desses meninos mas era a quantidade de boi que tinha no curral do pai. Teve isso. A cota do gado. Dependia da quantidade de gado no curral para poder as

crianças estudarem. A população negra era escrava, a população negra era proibida de estudar. Então graças a isso, essa população tá, até hoje, com esse défice absurdo na educação. Se você pega os números do IBGE, os números de pesquisa, você vai perceber que existe uma disparidade entre as crianças que moram na cidade e as crianças que moram no campo. As crianças na cidade elas têm muito mais tempo de escolaridade, elas conseguem estudar muito mais tempo, conseguem atingir um nível bem maior, de escolaridade. As crianças do Sul e as crianças do Nordeste. As crianças da região Sul, Sudeste, daquelas regiões elas conseguem ter muito mais tempo na escola, ter um grau maior de escolaridade do que as do Nordeste. E mesmo as do Nordeste, quando você vai para a comparação entre a população branca pobre e a população negra pobre, é a maioria que está fora da sala de aula são as crianças negras pobre. Então se não houver esses estímulos, se não houver tudo isso, nunca vai haver, nunca vai chegar próximo da igualdade, então pra chegar nesse processo, se faz necessário ter esse processo de aceleramento. Tem que ter e são as cotas. E aí as cotas elas são pra negro, elas são muito polémicas. Então a gente fica pensando assim, 'nada contra, nada contra que os outros estude. Não se pediu para alguém parar, nunca se pediu isso.' Alguém tem que parar pró outro acompanhar, é tipo: dois atletas correndo na mesma velocidade quando um começa bem na frente do outro, não vai acompanhar se não houver um processo de aceleramento. E aí se critica demais as cotas pra população negra, mas existem cotas pra população indígena, que também é crítica mas não são tantas. Existem cotas pras pessoas com deficiência, tanto nas escolas quanto nos trabalhos. Nada contra, eu acho que tem que ter mesmo, tem que ter mesmo! mas a critica não é tanta. Tem as outras ações de política, tem as outras ações afirmativas também, para incluir a população negra, tem crítica mas a crítica maior é quando se trata da educação. E aí a gente fica aqui imaginando, 'mas por que será? Que se critica tanto quando se trata das cotas.' Justamente das cotas que tá tratando da educação, que a gente sabe que é por meio da educação que a gente vai chegar perto de um patamar de igualdade, chega a ser estranho. Aí existem as pessoas que dizem, 'ah, porque vocês querem guetizar, vocês querem as coisas só pra vocês'. E não é bem assim, quando se trata das cotas principalmente. O que a gente quer é exatamente tar lá, junto com todo o mundo. Pra mim guetização é quando eu quero uma coisa separada, só pra mim, e no caso a gente tá brigando pra ser incluído. Não tá brigando pra ser excluso, pra dizer que eu não acho que as cotas devem existir para sempre mas enquanto não se aproximar elas são necessárias.
Como elas são necessárias eu defendo, eu sou a favor do sistema de cota, muito embora nem eu nem muita gente das comunidades quilombolas foram beneficiadas ainda, né?

Valdeci
(Esta conversa/entrevista aconteceu na entrada da casa de Valdeci, onde ela coloca o mostruário do artesanato de Conceição.2012)

Meu nome é Valdeci, sou quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro, Pernambuco, Brasil.
Eu autorizo essa minha fala pra ser passado aonde você quiser porque eu acredito também que estou passando esse meu sonho pra pessoas que têm capacidade, responsabilidade. Tudo o que eu falei que seja também de exemplo pra outras pessoas, pra outros grupos, que outras pessoas vejam e se inspirem porque tive muitas dificuldades mas eu não perdi a vontade e não perdi o sonho. Então

eu acho que isso é importante e que possa passar pra outras pessoas seja aonde for, como for, que possa alguém tirar proveito pra alguma coisa boa, que possa ajudar as pessoas em alguma coisa boa, principalmente na mulher. Que é o público do meu trabalho e que eu acredito que possa fazer mudança no mundo.

– O que é o sonho pra ti. Qual é o teu sonho ou qual o sonho coletivo, que vês para o teu povo.
– Eu acredito que tenho um sonho que é a cultura, a história, o jeito de viver da comunidade, ele seja repassado para o nosso povo. Porque eu acho que se a pessoa não tiver sonho e não saber quem é a sua raiz, quem foi o seu povo, lá na frente ela vai ficar uma pessoa muito solta. Por isso, Conceição das Crioulas há algum tempo tem se preocupado com isso: com a história, com a cultura, com o modo de viver, o jeito de falar e tem muitas coisas que hoje a gente tem perdido muito. Eu me preocupo que muito da nossa cultura, muito do nosso jeito se perdeu muito. Perdeu, eu acredito, que se perdeu há algum tempo por conta da gente não conhecer, ou de ser bastante descriminada, não é? Então, a gente não queria se aceitar, não queria algumas coisas porque era imposto ao contrário, e isso que não desse prazer na vida pra gente.
A outra coisa que me preocupa, que a gente tem perdido, é com os novos jeitos de viver, com a nova sociedade, com a nova globalização, então isso são coisas que tem perdido. O nosso ritmo de viver, o nosso jeito de ter, a nossa convivência, isso tem sido... tá ficando muito, muito difícil pra se viver, pra ser trabalhado. Algumas coisas da tecnologia hoje, eu acho muito importante, melhorou muito, são coisas muito importante. O caso das novas tecnologias, o jeito de a gente não se comunicar mais hoje como se comunicava antes, por carta. Pessoas que levavam bilhete e passava dois anos, semanas, meses para chegar uma notícia e hoje chega tudo muito rápido, é num segundo, é num piscar de olhos. Toda essa comunicação está perto. Eu acho isso bom, de certa forma tem o seu lado bom. Mas tem o seu lado cultural também, que a gente perdeu. A gente não se comunica mais com os nossos familiares, com nossas pessoas mais tão de perto, mais com esse carinho de você expressar o seu desejo, a sua vontade no papel. Hoje se escreve muito pouco por conta do telefone, por conta das tecnologias, do computador, e aí nós quilombola perdemos esse, muito, esse jeito. A televisão também tira muito. O momento em que a gente estava junto da nossa família nos terreiro, noite de lua clara, contando história, ouvindo as histórias dos nossos pais, dos nossos avós. Hoje essa situação tá bem difícil. A gente não tem mais tempo pra sentar, pra tar conversando, pra tar passando toda a nossa cultura, todo o nosso saber. Isso me preocupa, não é? Porque na televisão ela não tem essas informações que é tão ótima pra o povo. Isso são saberes que tem, quem tem é o nosso povo, quem tem é as pessoas onde elas moram, seu jeito de viver, de estar passando. Essa é uma preocupação. Eu me sinto preocupada com isso, a gente se perder das famílias. Por isso a gente trabalha muito isso. A gente quer trabalhar esse diferencial na comunidade, nas reuniões da comunidade, reunião de formação, na escola. Como era nossa brincadeira antes? Porque eu acho que isso era um respeito que a gente plantava muito no nosso povo. Amanheceu o dia, tomar benção ao pai e à mãe, aos padinho, aos tios, essa era uma convivência muito perto. Com a televisão isso acaba, não é? Porque a gente não tem mais tempo de estar conversando. A gente tem mais tempo de ficar silencioso. Silêncio pra ver direitinho o que se passa na TV. Então a gente não tem esse ritmo, esse tempo, de estar falando sobre nós. E aí o tempo corre, o tempo passa, o tempo voa, é muito

rápido. As coisas são muito rápido, acontece tudo muito rápido. Hoje o que tá na moda é uma coisa, daqui isso já não é mais, já é outra coisa, não é? Então, qual é o momento que eu vou contar pra os meus filho, prás minha filha, pró meu neto como era nossa alimentação, né? Contar as histórias de Barnabé, contar as histórias que se passavam na comunidade, as histórias de papai, de João Virgulino, as histórias vivenciada, de como ele era uma pessoa muito repreendida pelos fazendeiro. Como foi a nossa criação? De ele ter aquela preocupação de estar cuidando, de estar trabalhando diretamente pra dizer assim, 'hoje eu estou aqui mas eu sei de onde eu vim. Eu sei o que foi o que meu pai sofreu. Eu sei o que meu pai sofreu! o que minha mãe passou, as dificuldades que ela teve pra gente tar aqui, não é?'. Então, essas são as coisas que a gente perde. O nosso jeito de viver, as nossas vidas, os nossos alimentos. O que era a nossa alimentação. E aí, tudo isso muda! tudo isso corre, tudo isso muda muito rápido, é uma mudança das tecnologia, é uma mudança do tempo, não é? O meio ambiente mudou. Hoje não se chove mais como antes. A gente não tem mais como cultivar os alimentos que a gente plantava. Hoje tudo no mundo, se a gente quiser, vai ser comprado, e comprado com bastante químicos. Aonde tá matando o nosso povo. A gente tá se intoxicando cada vez mais, porque a gente deixou de comer as comidas saudável. O arroz que a gente produzia na roça. O feijão que a gente tinha da roça. A galinha que tinha no quintal. Então hoje a gente come muita coisa enlatada, muita coisa, que depois a gente procura 'porque é que a gente tá com tantas essas doenças, que a gente não consegue entender? Que tipo de doença são essas?' Então, tem alguns tipos de doença que a gente sempre ouviu falar coisa muito distante, hoje é muito forte na nossa mente. E a gente sabe que muita dessas coisas são causadas pela alimentação. Sabe que são mau alimentação, são produtos cheios de químicos e aí a gente, só está fortalecendo esse povo, não é? A gente tá fortalecendo as grandes empresas que é quem tem muito. Porque se não for com veneno a plantação não sai, então a gente esqueceu do nosso jeito de trabalhar, do nosso jeito de vida. E aí, o tempo também contribui pra isso. Então, assim 'o que é que a gente pode fazer?'. Se cada pessoa se preocupasse um pouquinho com o nosso planeta e plantasse algumas plantas, quem sabe essa seca melhorava um pouco e tinha mais planta. Se não tivesse tanto desmatamento como tem, você dá pra falar que o desmatamento é longe. Não. Ele acontece no nosso quintal, ele acontece aonde a gente está. No momento em que se corta uma planta, a gente corta também um pedaço da nossa vida. Essas coisas, são tudo coisa que preocupa as pessoas. Preocupa o meio onde a gente vive. Se a gente não fizer assim, parece que num é certo. A gente tem que acompanhar tudo quanto não presta, porque o mundo depende disso. Então são coisas que a gente se pergunta 'e aí, pra onde nós vamos? Como será nosso futuro?'

Claro, Conceição tem um trabalho que se preocupa muito com tudo isso. Que se preocupa com as pessoas que saem da comunidade pra ganhar sua vida fora, que se preocupa com as pessoas que estão, que tenha uma qualidade de vida e que as pessoas que estão lá fora que são da comunidade, que voltem. A gente tem toda essa preocupação. Se preocupa de estar passando os nossos saberes, mas é tudo complicado. É tudo muito difícil, não é? E a gente assim, dá graças a Deus quando a gente consegue um avanço porque por pequeno que seja, o pouco que seja, mas a gente conseguiu avançar alguma coisa. E Conceição com todas as dificuldades, muitas vezes, nós somos referência pra outros grupos, pra outras comunidade, pra outros povos, no Estado, fora, onde a gente estiver com o nosso meio de organização, com nosso sistema de pensar. Ainda a gente é referência, uma

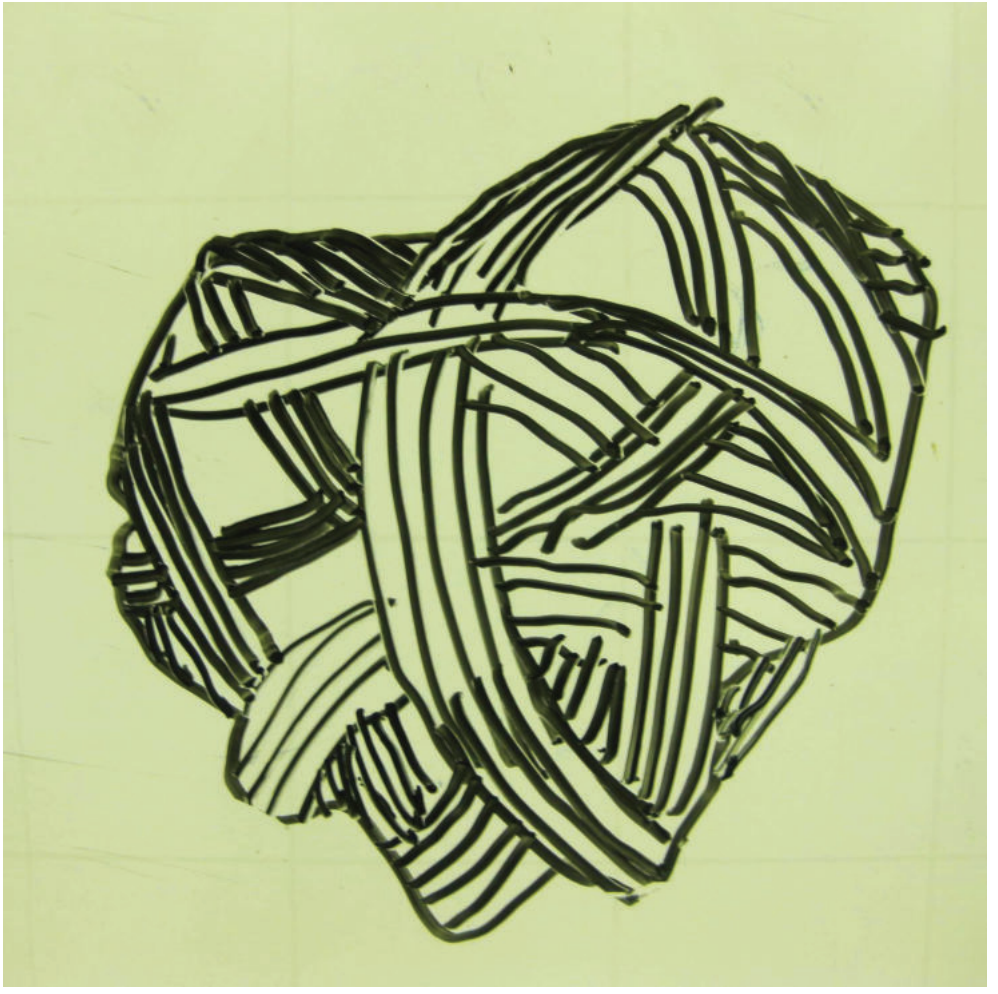
referência boa pra outros grupos, pra outros povos, não é? Então, o sonho é que a gente consiga ter dias melhores, e o nosso conhecimento, a nossa vida a gente possa também tar passando isso, de forma que as pessoas consiga entender, botar na prática, tanto pra nossos futuros filhos, netos que vem pela frente como pra outros grupos, pra outras comunidades.

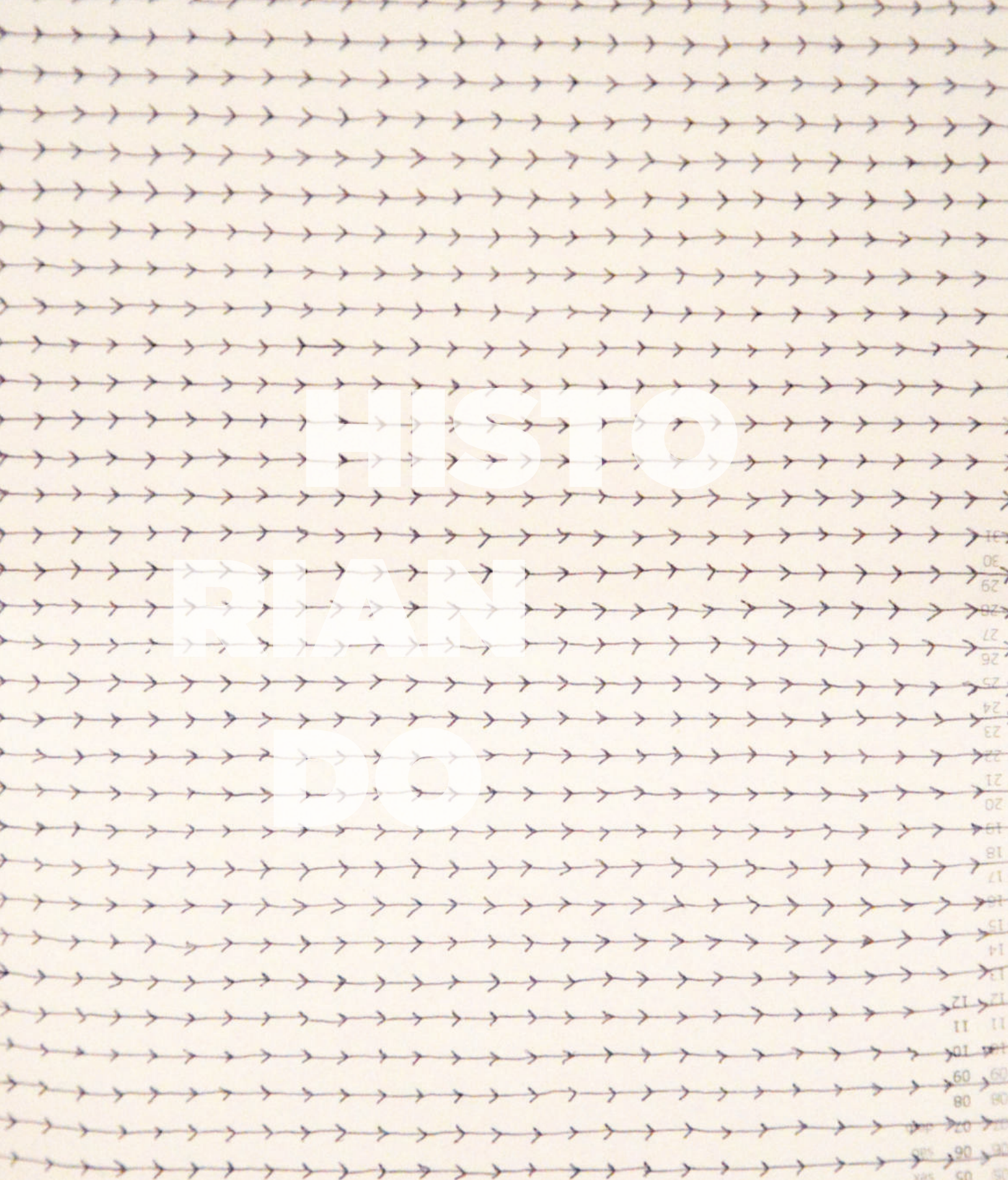
– Como vês a organização para o futuro. O que eu senti na tua fala foi, ouve coisas boas e houve coisas más, como achas que a comunidade se organiza...

– Eu acredito que a gente não tem uma receita pronta, uma coisa de ditar, 'é isso! Tem que todo o mundo seguir isso!'. Não é dessa forma, eu acho que não é por aí. Mas, como eu disse que Conceição com toda essa mudança de tempo, Conceição ainda é referência pra outros grupos, eu acho que a gente tem que lutar cada vez mais. Não é porque a gente diz, e porque o povo fala, que nós somos referência que a gente vai achar que tá tudo bem, porque não está. Não está. Eu acho que uma das coisas que tem se feito na comunidade e tem que continuar, seja na escola, ou seja pela comunidade mesmo, pela associação, pelas pessoas é a gente trabalhar muito forte, essa diferença, pra ser aplicada dentro do currículo escolar. É trabalhar esse valores, não é? Porque eu acredito muito que isso seja um valor imperdível, você não pode perder esses valores que a gente tem, que é o saber do nosso povo. Como a gente tem trabalho na comunidade, que a gente tem uma escola diferencial que é um povo que fale, que pense. A gente precisa de aprofundar sempre cada vez mais, e sabendo 'nós era assim, tivemos mudanças e vamo viver nessa mudança.' Tem mudança hoje que ninguém se vive sem ela, que nós vivemos muito bem. Nós vivia sem energia e nós vivia! Vivia com o candeeiro dentro de casa, nós vivia sem o gás de cozinha e nós vivia! Hoje se falta o gás num dá paz pra gente ficar, se falta energia a gente num sabe o que fazer, a gente num se acha mais dentro de casa, quando falta energia de uma, duas horas, uma noite de sono, ninguém consegue viver sem energia. Essa é uma coisa boa, não é? Mas essa energia também tirou a nossa cultura, tirou o nosso meio da gente ir pró uma festa, num salão que a gente botava uns candeeiro numa terra, e dançava com uma zabumba, com uma sanfona, com um triângulo, que a gente se animava e era a melhor festa, não é? Que a gente sentava no terreiro pra ver as estrela, pra ver o céu, pra admirar toda a natureza, todo o brizo da noite e hoje a gente não tem mais isso. No momento em que a energia traz uma coisa muito boa, ela tira esses valores, esses momento. Eu acho que a gente tem um caminho, um andado que é sentir justamente isso. Porque tem muitas pessoas que tá vivendo que num sente, que num percebe! 'Eu nem parei nem pra pensar como é', e a gente de Conceição pára pra pensar essas história.

Na minha casa, nós juntava, hoje a gente vai dormir na casa de comadre Comadre, né? Irmão ou tio, e sentava todo o mundo, as criança, juventude, moças e rapazes pra brincar, pra brincar de gainho di amor, pra brincar de carupouso, pra brincar de roda, pra brincar disso, pra brincar daquilo. Enquanto os outros tavam conversando, no momento em que a gente tava brincando eles conversava, os mais velhos, depois a gente parava todo o mundo. Ía ouvir como era o trabalho, como era... então eu acho que sou uma pessoa muito vitoriosa, porque o meu pai, ele me ensinou a trabalhar desde pequenininha, que é outra coisa hoje que se tem no avanço do tempo hoje, que é criança não trabalhar. E aí tem umas coisas que eu discordo. Eu acho que a criança tem um trabalho, tem um programa, de Programa de Irradicação Infantil, que a lei diz que a criança não pode trabalhar. Tem umas coisas que eu concordo e tem outras coisas que eu discordo. Se é uma criança que tá trabalhando pra sustentar a família, trabalhando pesado, eu acho que isso não deve

acontecer. Tirou a criança do horário da escola pra ir trabalhar, eu não acho que isso tá certo, não pode ser assim. A criança tem que ter o horário de trabalhar e a criança não pode pegar um peso além do peso que ela pesa, além do peso dela, não pode. Mas se tem uma criança que ele começa a não trabalhar de cedo, não começa a acompanhar o pai, a mãe mais cedo pra ver como era. Eu tou comendo hoje o feijão, ele vem de onde? Como foi que eu consegui o milho. A criança hoje, a juventude de hoje não sabe onde é a roça. E aí, eu não acho que esse trabalho seja uma coisa que a criança não possa fazer, que a criança, juventude não possa fazer. Se não está no horário da escola ela tem que saber onde é que o pai trabalha. De onde é que eu como todo o dia? Ele tá indo pra roça. Como era o meu pai? Meu pai trabalhava, meu pai nunca me ensinou, num sei o que meu pai fazia. Porque se é uma criança, um adolescente que não trabalha, ele sabe lá o que o pai faz, ele viu falar que o pai vai na roça, mas ele não viu o pai lá na roça, ele não viu o pai trabalhando, e aí nós temos uma briga pelo território! Se nós tira toda a nossa juventude da roça e nós mais velhos tamos brigando pelo território temos que ter a terra, temos que viver aqui, será que daqui a dez, vinte anos nós vamos morrer e a juventude não sabe o que é a roça? Qual foi a nossa sustentabilidade que a gente preparou pra esse filho, daqui pra frente? Porque, não me diga que a pessoa com dezoito anos ainda vai ter esse encanto. Essa vontade de tar na roça, de tar plantando, de tar cuidando dos animais, de tar cuidando das galinhas. Se ele nunca viveu isso durante dezoito ano. Então eu acho que tem coisas que a gente precisa pensar. Não dá pra se padronizar uma coisa pra todo o mundo. Não dá pra ter um Programa de Erradicação Infantil pra o Brasil inteiro. Porque eu sei que tem situações que é de extrema invasão do direito, a violação do direito da criança e tem que ter, acho que tem, mas a preocupação com outros grupos... temos que receber o que tá imposto mas de uma forma que eu possa também equilibrar a minha vida com a globalização, com a sociedade que vem imposta, todo esse padrão de vida pra todo o mundo. Eu acho que Conceição tem justamente esse diferencial, porque o povo vê isso. Porque se nós não tivesse, tudo o que tivesse sendo feito, era tudo, tudo, tudo muito bem, mas Conceição tem essa preocupação de dizer assim, 'nós fomos calado muito tempo, aceitando tudo o que nos era imposto' e hoje a gente também quer tar discutindo as coisas, quer que as coisas cheguem, mas cheguem de uma forma que também a gente possa fazer parte, para poder ter parte, do que tá sendo colocado. É possível a gente conviver mas saber diferenciar esses dois lados. E saber tirar proveitos bons desses dois lados, que é o lado da cultura oral do nosso povo, da nossa comunidade, da nossa terra, do nossos direito, dos nossos valores mas também o mundo que hoje teve um avanço estrondoso, muito rápido. Não dá pra ficar calado e dizer que agora está tudo, tudo muito bem. Tem os seus ganhos e tudo, tem os ganhos mas tem as perda, e se a gente não conseguir ter todos os ganhos vamos fazer por onde não ter todas as perda! Que eu posso ter umas coisa e outra, se isso me ajudar e não me influenciar e não saber mais de onde eu vim, como foi, porque é que eu estou aqui.





Historiando

Vamos ao longo destas próximas páginas observar, acompanhar e refletir sobre o que nos conta a História do Brasil sobre o território brasileiro e sobre a escola brasileira para no capítulo seguinte contextualizar com a História do território da Conceição das Crioulas e sobre a História da escola quilombola.
Para que seja analisada a importância do conhecimento de vários povos como um todo e comprometido com essa sua diversidade, esta apresentação tornou-se obrigatória, de forma a tornar mais acessível a compreensão do contexto específico, diferenciado e histórico da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, num panorama geral do país Brasil.
Neste capítulo acompanharemos um pouco[1] do progresso e dos retrocessos que a História da Educação do Brasil denuncia para que seja possível analisar mecanismos de resistência e oposição da comunidade quilombola. Nessa relação podemos acompanhar a luta pela construção de um Projeto Político Pedagógico assente no encontro entre pesquisadoras/es, na educação intercultural, educação diferenciada e específica e na sistematização de conteúdos presente no currículo diferenciado das expressões artísticas.

1. Não se trata de uma análise pormenorizada, antes pelo contrário, focamos alguns pontos que consideramos relevantes para nos transportar até à situação atual.

> "Apesar da lei 10.639/03 instituir a inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar do ensino médio e fundamental, parece que as aulas de história do Brasil ainda padecem de sérias omissões. Seja na cidade ou no campo, as comunidades quilombolas são desconhecidas para muitos brasileiros e o termo "quilombo" soa estranho à maioria da população, que costuma vinculá-lo estritamente ao caso de Palmares e ao passado escravista. Dentro de boa parte das próprias comunidades já certificadas, essa ainda é uma denominação recente e que tem inquietado quilombolas, pesquisadores e agentes públicos."
> (Calheiros,2009,23)

Ao longo dos tempos, a história é o veículo que nos transporta ao passado capaz de nos revelar como, quando e porque é que hoje o mundo é como o vemos. Como é que surgem e porque é que temos escolas, como e porque é que temos divisões entre países e lugares, como é que se elabora a ideia e o conceito de mundo. Os dados com os quais interpretamos alteram-se, sofrem alterações consoante novas descobertas ou outras descobertas são anunciadas, consoante novas ou outras fontes são reveladas. A maior parte das vezes, essa história, ou histórias, do passado chega até nós através da escrita,

ou são os documentos escritos aqueles que ganham maior relevância científica. Encontrar um documento com uma data antiga é uma relíquia, cruzar dados e informações sobre os nossos antepassados com a comparação entre documentos é o que motiva muitos arqueólogos, historiadores, investigadores, de forma a entendermos cada vez mais e melhor a origem das coisas da natureza, dos objetos, dos seres vivos, dos seres humanos. Também é possível construir o presente a partir de análises feitas a objetos encontrados, ou à observação do solo ou por uma busca incessante ao espaço... Enfim, é possível construir e reconstruir o presente a partir do passado, ao mesmo tempo que é possível reconstruir e reanalisar a história do passado, pela observação cuidada e pela análise atenta de todos e quaisquer elementos que temos à nossa volta, dos quais vivemos rodeados. Cruzando saberes que nos chegam a partir do conhecimento empírico com saberes do conhecimento científico, muitos segredos são revelados.

> "...uma fala de uma visão de uma pessoa de fora. Eu, a semana passada, convidei uma colaboradora nossa, uma parceira nossa para ir na sala, na qual eu tava trabalhando para dar uma palestra sobre, juntamente com uma liderança aqui da comunidade, que é Maria, para falar sobre ervas medicinais, que era conhecimento técnico com conhecimento popular, e aí, quando ela começou a perguntar as plantas medicinas para os alunos, para os estudantes, eles começaram e todos sem exceção disseram uma e aí, repetiram mais uma e o quadro encheu e ela não ficou sem espaço, ela... Eu não sabia, eu pensei que eu ia sair daqui sem resposta, referente a isso. Porque, eu tenho certeza, se eu fosse realizar esse trabalho, esse mesmo trabalho, em uma escola da cidade eu não ia ter a mesma resposta que eu tive aqui e aí foi quando eu disse a ela, tudo isso aí não é por acaso não, é a vivencia dos aprendizados que a gente tem dentro e fora da sala de aula, dentro das quatro paredes. E aí, ela... e a gente conversou sobre isso, foi muito interessante e é muito interessante. Por isso é que é apaixonante trabalhar em Conceição e viver em Conceição das Crioulas, espero que eu não saia nunca daqui."
> (Fabiana,roda de conversa,2014)

A motivação daquele que procura (historiador, arqueólogo,...) reflete um comprometimento a nível pessoal, da busca pela verdade, sem anular o compromisso com o coletivo, seja ele local ou global, de maior ou menor dimensão. As relações que são efetuadas, os dados que são acrescentados afetam, na maior parte das vezes, sociedades. Esse comprometimento

com a participação, a divulgação e com a procura de mais dados não está ausente do político, por isso a crítica e a reflexão corre o risco de ser parcial, embora o importante seja a luta pela verdade e a história respeite a verdade, as interpretações que se assumem correm o risco de apresentar uma versão parcial do que a verdade demonstra. Nesse caso, pode acontecer que algumas críticas sustentadas pela verdade dos factos presentes, por vezes, tendem a ser refutadas, anuladas, ou censuradas de acordo com o pensamento regente de determinada época.

> "O presente não existe sem o passado, e estamos a fabricar o passado todos os dias. Ele é um elemento de nossa memória, é graças a ele que sabemos quem fomos e como somos"
> (Manoel de Oliveira in Aranha,2006,29)

Quem fabrica o passado?

O Brasil hoje tem 27 unidades federativas. O Estado de Pernambuco fica a nordeste do Brasil e faz fronteiras com: o Estado da Paraíba e o Estado do Ceará, a norte; com o Estado do Piauí, a oeste, no interior; com o Estado da Bahia e de Alagoas, a sul e com o Oceano Atlântico, a leste. A capital do Estado de Pernambuco é o Recife, e fica na zona litoral[2].

2. A divisão que aqui apresento trata-se da divisão administrativa e pode ser consultada num mapa geográfico do Brasil de 2016.

Planisfério cantino, 1502

A elite brasileira, que se compôs pelos europeus desde a chegada à América do Sul no século XVI, ao mesmo tempo que organizando o território a seu belo prazer, dividiu-o, sem ter em conta os habitantes que encontraram, também determinaram a educação, orientaram a divisão dos conhecimentos e relacionaram todas as atividades, inclusive a de educar a partir da escolarização, sem ter em conta os conhecimentos e os métodos educativos dos habitantes que encontraram. Num processo cronológico podemos acompanhar avanços e retrocessos que a história (escrita e organizada) nos conta e onde apresenta as decisões que foram feitas ao longo do tempo e do espaço levando-nos à compreensão dos passos que são dados até aos dias de hoje. A partir da leitura do seu passado podemos entender algumas das decisões de políticas públicas e educativas que hoje acontecem.

Luís Teixeira, 1586

Para eu chegar à Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas preciso ir até Salgueiro, Município central da região do sertão do Estado de Pernambuco. Partindo de Recife são, aproximadamente, 500 km pela BR-232 até Salgueiro, apanhar a BR-116 até à entrada da estrada de terra que nos leva à comunidade, o que faz mais 43 km de Salgueiro até Conceição das Crioulas. Conceição é assim o 2º Distrito de Salgueiro e faz fronteira com: o Município de Carnaubeira da Penha; Município de Mirandiba e com o Município de Belém do São Francisco.

"Americae Pars Meridionalis". Mapa antigo da América do Sul de 1636 elaborado por Johannes Janssonius gravado por seu parceiro de negócios Henricus Hondius.

Para a comunidade de Conceição das Crioulas é importante conhecer a sua história, quer local, quer quilombola, quer indígena, assim como é importante conhecer as histórias de outros povos, quer povos distantes, quer povos vizinhos. Mas a história da comunidade – quilombola - ainda não está escrita, anda de boca em boca. Tendo em conta que se conhece uma parte da história e tendo em conta que a escrita é primordial, a única coisa que a comunidade de Conceição das Crioulas não quer é que os outros povos desconheçam que existem outras histórias, neste caso, nomeadamente, a história quilombola, assim como também existe a história indígena, ou as várias histórias produzidas por cada uma das comunidades quilombolas e indígenas, já que não são todas iguais e todas têm as suas especificidades. Por tudo isso torna-se fundamental que a história quilombola e indígena seja contada também pela escrita. A proposta desta alteração[3] – introduzir a história dos negros no currículo da escola pública – ao ser aplicada, afeta e corrige a história sobre a formação do país Brasil (assim como afeta também os países vizinhos) na medida em que apresenta novas interpretações dos documentos analisados. Tendo em conta que esta alteração compreende e aceita a participação ativa de todos os povos nesta construção histórica, esta alteração não é facilmente realizada nem promovida, porque altera e interfere nas posições de poder[4] tidas como inabaláveis e assentes numa estrutura histórica nunca questionada – mesmo quando questionada e equacionada uma possibilidade de mudança, facilmente seria ocultada ou anulada, porque a partir do momento em que se reconhecem outros povos que não a elite que formou o Brasil como conhecemos hoje, enquanto fundadores do país Brasil, jamais se poderá preservar incondicionalmente a visão de poder atribuído a um só grupo ditando as suas leis e as suas tradições.

A partir do momento em que se abre a oportunidade de várias vozes apresentarem e contarem a sua versão da mesma história, permite-se uma mudança para todos os povos, no entanto não anula o que já foi contado. Com a escolarização já instituída como um valor da educação primordial de qualquer sociedade, elemento agregador de conhecimentos basilares capazes de permitir um entendimento da própria sociedade em que se insere assim como entre todas as sociedades que a rodeiam, então a escolarização é um instrumento fundamental para possibilitar a alteração ou provocar uma mudança numa sociedade que lhe atribui um papel preponderante na educação. Porém não é fácil. O direito ao acesso ao ensino superior para negros e índios é uma discussão acessa, por um lado alimenta a necessidade da mudança para uma sociedade mais justa, mais diversa, mais rica, mais igual, por outro provoca uma série de críticas sustentadas no medo da perda do poder tendo em conta que os narradores tendem a ser alterados. Por isso, torna-se primordial esta discussão, esta possibilidade, esta conquista, mudando os narradores, muda-se a história nos seus detalhes, existe uma maior procura pela verdade, embora

3. Resultado de uma série de lutas anti-racista promovida, não só mas especialmente articuladas pelo Movimento Negro (www.africaeafricanidades.com.br/documentos/16-17_01.pdf página4)

4. Chimamanda Adichie define o poder como "a capacidade de contar a história de outra pessoa, tornando-a na história definitiva dessa pessoa". https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt#t- 600304

muitos não queiram abrir mão do mundo que criaram para si próprios. Quem fabrica o passado são os narradores que repetem as histórias, ou que recriam as histórias, por isso Chimamanda Adichie[5] alertou-nos para "O perigo da história única", num mundo onde existem várias histórias consoante os vários pontos de vista, ela apresenta esta imagem de que "as histórias também se definem pelo princípio do 'nkali'[6]. Como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes do poder"[7].

5. Chimamanda Adichie, escritora nigeriana. Apresentou no programa TED em Julho de 2009 'O perigo da história única' que pode ser visto na integra no site (consultado a 10 de Janeiro de 2016): https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt#t-17728

6. Idem, nkali, substantivo que pode ser traduzido como 'ser maior que outro', 00:09:50

7. Idem, 00:10:00.

Dia da Consciência Negra

> "E muitas dessas noite a gente às vezes escutava um assobio muito forte, chega arrepiar... aí, papai naquele tempo dizia que era zumbi. Dava um medo, ficava todo o mundo com medo daquele assobiado. E na mesma época, nesse mesmo tempo, havia uma garrafa de água sanitária que o nome era zumbi e tinha uma figura muito diferente, uns lábios muito grosso vermelho (isso marcou muito a minha mente, assim), com as argola grande, os olhos arregalados assim e o nome era zumbi. E então esse assobiado que assustava, que a gente ficava com medo, eu associava a essa figura que eu via na garrafa.
>
> Então zumbi, pra mim, era um negócio de assombrar, era algo ruim que assombrava, que a figura que estava na garrafa não era bonita e o assobiado que a gente escutava também, também causava medo, era um negócio tão forte e a gente acreditava nisso! Fazia uma leitura, assim..."
>
> (Maria Diva,entrevista,2012)

Embora, como refere Calheiros (2009:23), o nome quilombo quando reconhecido é remetido para o caso de Palmares, sendo de resto desconhecido ainda pela maior parte dos brasileiros, é porque esse quilombo é um marco na história. Infelizmente, a história que confirma a existência deste quilombo — pelos documentos escritos - é feita mais por quem combateu com o intuito de o destruir do que propriamente por quem o viveu e sobreviveu para contar como era o dia a dia dentro do quilombo. Conta a história que se tratava de "A República de Palmares", tendo em conta a força de organização da comunidade, que subsistiu durante o século XVII. Do quilombo de Palmares — de onde fica a imagem do homenageado guerreiro Zumbi dos Palmares — os relatos feitos, referem diversos mocambos, que começam entre 1602 e 1608, com o ajuntamento de negros fugidos da escravatura. Durante todo o século vários ataques foram feitos, e nenhum bem sucedido tendo em conta o espírito guerreiro, organizativo e estratégico que a comunidade possuía.

Livres embora recolhidos com uma mata densa, que lhes fornecia para além da alimentação, material suficiente para a construção das suas habitações e de utensílios, reúnem--se numa área de cerca de sessenta léguas e presume--se que chegaram a viver ali entre 20 mil a 30 mil habitantes. Conseguiram negociar com os senhores que possuíam terras nas redondezas, tal era a sua capacidade de negociação e de independência, chegando mesmo a negociar com o governo de Pernambuco, uma trégua que daria bem-estar e liberdade ao quilombo, mas essa negociação comprometia a ordem colonial e por isso tinha que ser destruído (Clóvis,1992).

O ataque final aconteceu em fevereiro de 1694, por um exército comandado por Domingos Jorge Velho, Zumbi sobrinho de Ganga-Zumba – rei anterior a Zumbi – morre a 20 de novembro de 1695.[8]

8. Carta de Caetano de Melo e Castro, governador de S.Paulo, ao Rei, a 14/3/1696 declara " Determinei que pusessem sua cabeça em um poste no lugar mais público desta praça, para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que entendessem que esta empresa acabava de todo com os Palmares".

> "Fazia uma leitura, assim... - como é interessante, como os cara são esperto, né? Pra distorcer as coisas - ... a vontade de criar, que eu não sei quem criou essa história do assobio ser zumbi, e agora? cria um produto que está em toda casa, que toda a casa utiliza água sanitária, com a figura do zumbi e aí a gente associava uma coisa a outra, a uma coisa ruim.
>
> Só que o Zumbi sumiu, a gente não escuta mais, hoje já não. Hoje Zumbi pra gente é outra história, né? não nos causa medo, pelo contrário, muita coragem, pela história que teve Zumbi, pelo o que ele fez, pelo que representou, pelo que defendeu.
>
> Quando a gente tinha muito medo de Zumbi porque foi esse imaginário construído na gente."
>
> (Maria Diva,entrevista,2012)

A ideia de que a Abolição da escravatura acontece em 1888, com a Lei Áurea, alimenta a tese de que não houve espaço nem tempo para encontrar negros livres antes desta data, mesmo quando a partir de 1850 alguns esforços tenham sido feitos para terminar com o comércio escravo. Na realidade, seria possível a formação de sociedades, e a vida sob circunstâncias atrozes, reunida por escravos livres desde o início da chegada de negros escravos ao Brasil, como comprovado na República dos Palmares, embora todas as tentativas e acontecimentos fossem travados por incessantes perseguições e quando descobertos o resultado tenha sido a morte, quando não eram remetidos a escravos.

Outra revolta, não muito comentada mas conhecida é a "Revolução dos Búzios", ou a "Revolução dos Alfaiates", referindo alguns dos participantes da revolução, como escravos livres, nos finais do séc. XVIII, ainda na Colónia. Portanto podemos concluir que a acompanhar a história escrita, construída principalmente pelo

conhecimento e domínio dos brancos colonizadores, existem factos omitidos de negros livres, a viverem em liberdade ou fugidos, com forte consciência de organização social, económica e política acompanhou a história que lemos nos livros ou em documentos escritos, narração maioritariamente empreendida pelo poder de quem conta a história.

> "Estudar a educação e suas teorias no contexto histórico em que surgiram, para observar a concomitância entre as suas crises e as do sistema social, não significa, porém, que essa sincronia deva ser entendida como simples paralelismo entre fatos da educação e fatos políticos e sociais. Na verdade, as questões de educação são engendradas nas relações que se estabelecem entre as pessoas nos diversos segmentos da comunidade. A educação não é, portanto, um fenômeno neutro, mas sofre os efeitos do jogo do poder, por estar de fato envolvida na política."
> (Aranha,2006,24)

Porque será tão difícil contar a história da Conceição das Crioulas?

Este velho vício, o de contar a mesma história repetidamente, o de omitir e ocultar as outras visões da mesma história, acompanha-nos desde o séc. XVI.

Se a chegada das caravelas data de 1500[9], a chegada dos Jesuítas ao Brasil data de 1549. De maneira que, no Brasil, a partir de 1549, as 'primeiras escolas' na colónia foram entregues aos professores da Igreja, homens e padres, que tinham como principal objetivo evangelizar os índios e formar sacerdotes. Os Jesuítas tinham como base da sua educação os ideais do humanismo renascentista e assim será durante 200 anos até que Marquês de Pombal, em 1759, 'expulsa' os Jesuítas e implanta o ensino público oficial.

Sem professores a Coroa assume a responsabilidade de nomear professores, e com isso a instituição do subsídio literário. A língua falada e escrita passa a ser decretada e impõe obrigatoriamente o português, proibindo o uso de qualquer outra língua. Com os Jesuítas mantinha-se, nas aldeias, o hábito de deixar a língua 'fluir', os seus ensinos permitiam, de certa forma, uma transposição de línguas. Na época pombalina será uma proibição absoluta, o anulamento é geral. Mesmo com a expulsão dos Jesuítas continua, na prática de outras igrejas, essa fusão linguística, tanto que no século XX, Darcy Ribeiro (2012,221) lembra-se de apoiar a Igreja para "recolher" nas aldeias um ideário linguístico que de outra forma ficariam perdidas para sempre.

Com a Proclamação da Independência do Brasil, em 1822, a Colónia passa a Império. E independentemente das mudanças que D. Pedro I, o Imperador, considera que é necessária para a instrução pública, entre outras medidas[10],

9. O Tratado de Tordesilhas ratificado por Portugal a 5 de setembro de 1494 (Couto,1997,125-135) define que o território 'descoberto' pertence ao Reino de Portugal

10. Como por exemplo, uma legislação especial sobre a instrução pública, de forma que em 1823 é constituída a Comissão de Instrução Pública da Assembleia Geral Constituinte. A proposta apresenta uma estrutura para a instrução pública dividida em três graus – ensino elementar, ensino secundário, ensino superior. Aqui também se desenha a necessidade de construir universidades no País mas D. Pedro I dissolve a Assembleia Constituinte e Legislativa nesse mesmo ano e nenhum dos projetos avança.

propõe a instrução primária gratuita para todos os cidadãos. Podemos ler na primeira Constituição do Império de 1824, que ela refere que a instrução primária é gratuita a todos os cidadãos e, embora muitas outras propostas não sejam aplicadas, prevalece o princípio de liberdade de ensino sem restrições de forma a fornecer formação primária gratuita, pois todo o cidadão devia saber ler e escrever. A acompanhar no 2º Ato Oficial: Lei Complementar à Constituição de 1824 "... pela legislação do império os negros não podiam frequentar escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas". Podemos observar que esta lei e esta escola é apenas para brancos, mantendo-se o ensino elitista e propedêutico.

Em relação ao ensino superior este tinha que ser realizado em Portugal.
A discussão volta em 1826, com a reabertura do Parlamento, e a partir da lei de 1827, criam-se as 'Escolas de Primeiras Letras' ou escolas de alfabetização em todos os lugares, cidades e vilas. Com a Lei das Escolas de Primeiras Letras, o método de ensino colocado em prática é o "ensino mútuo".

Em 1834, a responsabilidade do ensino secundário e da formação de professores é atribuído às Províncias (hoje conhecidas como Estados), mas por falta de infraestruturas nas zonas rurais, principalmente, estas todas Cidades e Vilas torna o acesso à formação primária gratuita muito reduzido, sendo que este acesso é pensado apenas para quem é considerado como habitantes "livres". Ao mesmo tempo que o governo central desobrigou-se de cuidar das escolas primárias e secundárias transferindo essa incumbência para os governos provinciais, a Coroa funda o colégio D. Pedro II assumindo a responsabilidade por todas as atividades que nele se desenvolve e determina que toda a prática inserida no Colégio seja o modelo de ensino, como a organização, a gestão e os conteúdos (inclusive os livros didáticos) tenham que ser seguidos por todas as escolas, o que acaba por contrariar essa responsabilidade.

> "Na ausência de uma burguesia urbana independente, os candidatos às funções novamente criadas recrutam-se, por força, entre indivíduos da mesma massa dos antigos senhores rurais, portadores de mentalidade e tendência características dessa classe. Toda a ordem administrativa do país, durante o Império e mesmo depois, já no regime republicano, há de comportar, por isso, elementos estreitamente vinculados ao velho sistema senhorial." (Holanda,1979,57)

Com a "Reforma Couto Ferraz" de 1853, a adoção do princípio da obrigatoriedade do ensino é reforçada. Também é sublinhado o acesso às escolas para os "habitantes "livres", pois os escravos estavam (...) entre aqueles que não serão admitidos à matricula, nem poderão frequentar escolas" (Saviani,2013,132). Quanto à formação de professores, Couto Ferraz, cético em relação à Escola Normal, manda fechar a de Niterói (que é reaberta em 1856), sustentado na opinião, da fraca qualidade da formação e do reduzido número que ali se formavam, optando por adotar a solução do "Regulamento de 1854: a substituição das Escolas Normais pelos professores adjuntos. Daí um capítulo inteiro, o de número II, do Título II, dedicado aos professores adjuntos" (Saviani,2013,133). Na prática a substituição da Escola Normal por professores adjuntos nunca aconteceu, mas serviu de referência para a regulamentação da instrução pública em muitas províncias, ao mesmo tempo que provocou um esforço das províncias em criar Escolas Normais. Por todas as medidas tomadas por esta reforma, existe um corte com o sistema de ensino mútuo de 1827, de caráter pedagógico, cuja relevância situava-se constantemente na quantidade e no baixo custo.

Em 1860, iniciam-se alguns debates, e neles estão presentes os ideais liberais, influenciados pelas escolas liberais dos estados Unidos da América. Estes passos questionam a presença da Igreja e do Estado nas políticas educacionais, no entanto como refere Saviani, Liberato Barroso[11] inaugura a fase final do Império, posiciona-se contra os liberais e contra os católicos retrógados, pretende conciliar obrigatoriedade escolar com ensino livre, dessa forma antecede a problemática central, relativa ao ensino livre, referenciado na Reforma de Leôncio de Carvalho. As ideias defendidas por Liberato Barroso não tiveram consequência imediata mas servirá de apoio, mais tarde, aos ideais da Escola Nova.

11. "A instrução pública no Brasil", publicado em 1867, reúne as intervenções e reflexões de Liberato Barroso.

Em 1879, com a Reforma de Leôncio de Carvalho, a proposta apresenta a referência da matrícula de escravos nas escolas, mas nem por isso anulou o 2º Ato Oficial da Lei Complementar à Constituição de 1824. Juridicamente esse decreto agiu até 1888 com a proclamação da República, se bem que analisando os dados de acesso ao ensino depois da Proclamação da República, os negros continuaram ainda a ser descriminados até aos dias de hoje. Nesta reforma o que ganha relevância é o método do ensino intuitivo ou lições de coisas,

> "o ensino deve partir de uma percepção sensível. O princípio da intuição exige o oferecimento de dados sensíveis à observação e à percepção do aluno. Desenvolvem-se, então, todos os processos de ilustração com objetos, animais ou as suas figuras"
> (Reis Filho *in* Saviani,2013,140).

Este procedimento pedagógico acentua o poder do conhecimento do professor na sala de aula, assim como a hierarquização do próprio conhecimento.

> "Toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para se compreenderem exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje. (...) É efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação européia: as cidades são virtualmente, se não de fato, simples dependências delas. Com pouco exagero pode dizer-se que tal situação não se modificou essencialmente até à Abolição. 1888 representa o marco divisório entre duas épocas; em nossa evolução nacional, essa data assume significado singular e incomparável."
> (Holanda,1979,41)

No início do século XX assistimos a várias tentativas de mudar sistemas de ensino tanto pedagógicos como administrativos. Em 1924, surge a Associação Brasileira de educação (ABE). Anísio Teixeira, enquanto diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal, cria o Instituto de educação e transforma a Escola Normal em escola de professores, e participa ativamente no "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" de 1932. Este manifesto é marcado por: laicidade, impedindo o ambiente escolar perturbado por crenças e disputas religiosas; gratuidade, para acesso a todos à escola; obrigatoriedade até aos 18 anos, impedindo que crianças e jovens sejam impedidos de ir à escola por pais ou responsáveis; coeducação, juntando alunos homens e mulheres pela escola única, o Estado deve organizar a escola e torná-la acessível, em todos os seus graus, a todos os cidadãos, independentemente de suas condições económicas e sociais. Em 1962 entra em vigor a primeira LDB, a instalação do Conselho Federal de educação (CFE) e o Plano Nacional de Educação (PNE). Nesta época intensificam-se os movimentos populares, na educação assistimos ao Movimento de educação de Base (MEB) e o Movimento Paulo Freire de Educação de Adultos.

Se foram efectuados alguns passos e movimentos de avanço à liberdade e à democracia, em 1964 com a ditadura militar, assistimos a retrocessos concretos, onde a educação passa por uma crítica e dura imposição. Não é em vão que as escolas sempre quiseram controlar o pensamento, por ser um método de controle. De maneira que durante a ditadura, uma das regras mais preponderante foi o controlo aos estudantes, com a Lei 477, em 1969, onde é proibida qualquer manifestação pública.

Em 1985, com o fim da ditadura militar no Brasil, a Constituição Brasileira sofre alterações, e assim chegamos à Constituição Federal de 1988, onde estão previstos os direitos de indígenas, quilombos, brasileiros.

> "A emoção é completamente negra como a razão é grega"
> (Leopold Senghor *in* Goody,13)

Não é apenas a história da Conceição das Crioulas que é difícil ser contada, é a história de um povo negro, diversificado, e de um povo indígena, diversificado. A história que é contada por quem está de fora, repetindo incessantemente os primeiros relatos, a partir dos documentos que confirmam esses relatos sem a curiosidade da possibilidade da dúvida; essa história contada por quem está de fora que repete a história dos livros dos quais se tem acesso sem questioná--la; quem está fora aceitando imperativamente e repetindo apenas um lado da história confirma a imagem criada durante séculos, a mesma imagem que alimentou e ainda alimenta o ocultamento, a aniquilação, a omissão de povos diversificados e contribuir de forma ativa para uma mesma nacionalidade.
A história que é contada por quem está de dentro, por quem vive, assimila e sente o "caminho que se faz caminhando" reconta, reorganiza actualiza a própria história, aquela que não está escrita, que é relatada, repassada de geração em geração, essa que é a história viva. Portanto, a pergunta que se coloca é: quem ouve?
A história local deve ser contada pelos habitantes que estão inseridos nela - mesmo que quem não habite o local possa contar a sua leitura de determinada localidade, isso apenas não deve ser alimentado como único e fiel e verdadeiro - esses habitantes devem ser reconhecidos como detentores dessa sua verdade histórica e identitária. Essa é a marca que esperamos ver mudar no século XXI. Estamos todos os dias a fazer a história, quando revisitamos o passado e enquanto agentes sociais participando activamente na sociedade e questionando-a. Os primeiros passos estão a ser dados e a luta tem de continuar porque muitas são as tentativas de travar os avanços para nos tornar cada vez mais parceiros, longe das velhas imagens 'nkali'. Pessoa nenhuma é detentora da verdade, pelo contrário, todas as pessoas são essa parcela da verdade. Por isso esta tese defende que os habitantes locais devem ter o direito de optarem por serem os investigadores, os historiadores, os professores e devem poder usufruir do direito de acesso de confrontar as suas descobertas com outros investigadores de várias áreas, de outras etnias, num diálogo aberto e gerador de alterações, e para que a definição do saber seja fundada na busca pela verdade e não seja baseada na destruição e na anulação. Alguns passos começam a ser dados nessa direção, a Tese de Mestrado de Givânia Silva (2012), liderança quilombola, pode ser relacionada com os factos já documentados

pela história. Podemos constatar que a escrita do povo quilombola começa a pertencer às pesquisas de investigação realizadas pelos próprios quilombolas, o que enriquece o campo científico.

Acredito que o acesso ao conhecimento é realizado a passos lentos pois foram séculos de imposição, de proibição e de discriminação. Quando se aprovaram as leis com propostas de integração, pela igualdade e pelo respeito a todas as etnias, formas mais discretas de preconceito foram mantidas para que na prática lhes fosse impedido uma aprendizagem igual, quer em termos de quantidade, quer em termos de qualidade em relação àquela que a escola obrigatória defendia. Começamos, na causa quilombola, dentro das academias, nas ruas, a dar os primeiros passos nesse sentido, não serve apenas referir nas leis a possibilidade de matrícula de escravos nas escolas, e nem tão pouco decretar a escola obrigatória. Para que cada povo possa contar a sua história, para que a história não se transforme numa história única, para termos acesso a outras visões sobre o mesmo mundo que habitamos precisamos de nos encontrar aproveitando o lugar que já foi construído para esse efeito, a escola. É por isso que defendo que todos devem usufruir do direito de aceder ao ensino superior, só assim teremos voz diversificada, investigações alargadas, num cruzamento plural, que permite a cada um e a cada uma colocar-se na posição quer de ouvinte quer de falante. Uma situação possível para nos ouvirmos uns aos outros.

> "Art.68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos."
> (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias,1988)

A Constituição de 1988, por ser mais democrática, fornece dados que permite uma análise da história e estudos mais favoráveis à integração de todos os povos com todos os seus direitos. Mesmo quando previstas nas leis os direitos dos povos até então discriminados continuam a ser esquecidos na prática, por isso podemos perceber que a mudança ainda precisa de acontecer. Ideias de seres superiores, de discriminação, de ausência de informação é continuamente alimentada no dia a dia. Ainda não existe muita vontade de contar apenas a história quilombola sem referir e, muitas vezes, homenagear nomes que contribuíram para o constante aniquilamento destas comunidades como referências primordiais históricas. Para que a história quilombola seja contada será preciso começar por referir nomes que foram esquecidos, que não foram evidenciados, que não são usados como referências que contribuíram de facto para que a história se mantenha viva, nomes que são marcos fundamentais para provar um povo com forte adaptação, resistência e sobrevivência

perante as mais duras imposições de anulação. Essas presenças existem fora dos documentos escritos, ou mesmo quando presentes são 'lidos' como participantes passivos no desenrolar das ações. Ao repetirmos esta orientação na interpretação dos acontecimentos todo o esforço é aplicado para que o poder se mantenha de um lado apenas e a história perpetue do ponto de vista de um poder branco[12].

12. Ao longo desta tese, poder branco ou escolas dos brancos ou brancos como é referida constantemente em conversas serve, apenas, para definir uma herança cultural tradicional, tacanha, não evolutiva, ou seja, não é definido nem remetido para a cor da pele.

Podemos ver também, ao longo dos relatos históricos, que para resistir a esse aniquilamento, os quilombos ou as aldeias indígenas, resistiam por tratos de união, familiar, político e de força física, unidos no combate aos brancos, e muitas vezes abertos a negociações com os próprios brancos[13]. Não podemos, segundo qualquer argumento, desconsiderar esse facto, assim como não podemos fingir que evidenciar guerras entre quilombos e índios não passa de uma estratégia para que o poder branco possa renovar a sua força dividindo as famílias com os seus direitos de povos pluriétnicos.

13. O poder branco, hoje maioritariamente atribuído ao poder do capital, financeiro e económico, era na realidade assim que já se definia no início da colonização. Tudo era comercializável, incluindo os seres considerados inferiores e incapazes. Caso não servissem para 'fazer dinheiro' eram facilmente descartados. O poder branco hoje não é simplesmente atribuído à cor da pele, mas sim à posição em que um ser humano se coloca relativamente a outro ser humano, ao que essa pessoa defende e sobre o que ela luta. Houve ainda uma altura em que o poder branco ficava atribuído ao coronel, factor que ainda hoje prevalece no sertão.

Consideramos importante determo-nos nesse aspecto territorial, como um direito e uma ferramenta de luta da comunidade 'remanescente de quilombo' oposta à noção de 'território desocupado'. Hoje, observando e analisando documentos, histórias do passado podemos entender que a ideia de 'territórios desocupados' são na realidade territórios retirados ao índios, a esse respeito Mendonça comenta:

> "Como poderá ser observado abaixo, o intento de consolidar a extinção do território indígena centrou em assuntos jurisdicionais e administrativos e na negação da presença e da identidade desses povos. (...) que as terras do sítio da Penha, território dos Umã, passassem para o patrimônio da Câmara sob o argumento de um suposto "desaparecimento" do grupo indígena."
> (Mendonça,2013,anexos)

Territórios desocupados, terras de ninguém, são nomes que hoje carregam simbolicamente vários tipos de homicídios e genocídios provocados com o objetivo de ficar com a terra 'sem dono'. Para isso, acusavam os índios de actos selvagens, de actos animalescos - o oposto de civilização - de tantos outros tipos de histórias descontextualizadas de maneira a justificar e a tornar válido o extermínio ou a expulsão para deslegitimar o direito do território, as formas de organização social desses povos e, assim, possuir o espaço geográfico que os índios ocupavam antes (Mendonça,2013,66).

Quilombo de Conceição das Crioulas

> "Dentre as comunidades quilombolas de Pernambuco, Conceição das Crioulas é pioneira na organização, mobilização e articulação das lutas quilombolas, tornando-se uma referência tanto no âmbito regional, como nacional."
> (CCLF,2008,21)

A história da chegada das crioulas à Conceição - que ainda não era conhecido por esse nome - tem cerca de 200 anos de existência.
Ainda não existem dados concretos que confirmem a viagem que realizaram até chegar aqui, apenas se sabe que escravas não eram mais. Existe uma pequena referência a um presumível 'guia' negro, o capitão Antônio de Sá, uma referência a Panelas ou Panelas d'Água como um local de onde partiram e uma suposta subida pelo Rio São Francisco indica a opção de, uma vez chegadas à margem, se embrenhar nas matas (Souza,2002,123).
Chegaram assim seis mulheres negras e livres, que arrendaram uma área de três léguas em quadra, que segundo Antônio Andrelino, uma das lideranças da comunidade,elas começaram por arrendar na época do 'período do rei'. (CCLF,2008,20) Nessa área plantaram algodão, fiaram o algodão e venderam a sua produção em Flores[14]. Com o seu esforço e com o dinheiro que ganharam da venda do algodão conseguiram pagar essa terra. Antônio Andrelino, refere

14. Cidade de Flores, situa-se a, aproximadamente, 200Km da Conceição das Crioulas.

que seu pai contava que as crioulas receberam e registaram essas terras em 1802. Mas, hoje, fruto de trapaças e golpes e usurpações ficaram sem o comprovativo da compra das terras, ele refere que sem a "escritura de posse de suas terras, concretizada em um cartório da localidade referenciada como Torre, com dezasseis selos, feita por José Delgado" (CCLF,2008,21), a maioria não tem título das terras e apresenta o pagamento do imposto rural ao INCRA[15] como documento que legitima sua ocupação.

15. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. É uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional. www.incra.gov.br

Açude,2010.

As lutas neste Quilombo foram eclodindo ao longo dos tempos, Antônio Andrelino conta que por ter uma gleba estratégica na posse da família, impediu o escoamento da água do açude para o fazendeiro Chicola que pretendia dirigir a água para a sua fazenda de maneira a garantir a sua produção animal e vegetal. O açude foi construído na década de 1960, pela comunidade, em mutirão, e para uso de toda a comunidade, sendo que ele subsiste nos tempos em que a chuva é abundante mas nas épocas secas, épocas em que as chuvas falham por mais de dois anos seguidos, nem o açude socorre a comunidade da presença da água (como podemos ver nas imagens das páginas 132 e 133, referente a 2010, passado dois anos, na imagem abaixo referente a 2012, e da imagem na página seguinte, referente a 2014).

Açude,2012. Foto: Marta Antunes

A relação com a plantação de algodão e a venda em Flores perdurou até cerca de 1987, como principal subsistência da comunidade - inclusive o mercado em Conceição teve uma vida muito ativa até essa altura - quando um bicho de nome 'barbeiro', destruiu toda a plantação.

Açude,2014. Foto: Adriana Oliveira

Contam os mais velhos, que no século passado fazendeiros começaram a usar de várias estratégias para invadir as terras[16]. Aos poucos iam chegando e pedindo para colocar o seu gado ali, e colocar curral para o gado não sair, e já íam marcando as terras e vendendo a outros. Outras eram resolvidas com luta, como o exemplo da Guerra contra os Urias, Januário Simão, foi uma das muitas lideranças que lutou pela posse da terra. Conta a historiadora da comunidade Generosa Ana, uma das filhas de Januário: 'Uma das estratégias de Januário Simão era subir em um pé de árvore durante a luta para se defender dos inimigos e não ser visto por eles'. Ele faleceu em 1957[17]. Outras roças eram trocadas, para matar a fome, por um pedaço de carne, de feijão em altura de seca que chegou a atingir várias vezes aquela região. Sem ter água para alimentar a terra e sem dinheiro para 'aguentar' até a vinda da chuva de forma a sobreviver, acabavam cedendo espaço nas roças em troca de alimentos.

É em 1987, quando o 'barbeiro' começa a destruir toda a plantação de algodão e a subsistência da comunidade começa a ser posta em causa como vimos anteriormente, que começa o processo de mobilização da comunidade com o trabalho desenvolvido numa missão de freiras carmelitas que se estavam instalando na cidade de Salgueiro.

16. AQCC, Jornal Crioulas, 2007

17. AQCC, Jornal Crioulas, 2005, página 7

> "... com o passar dos tempos, a gente nos movimentos, na igreja, nas pastorais, a gente foi estudando, foi percebendo e foi vendo que, se a gente conseguisse superar a barreira do analfabetismo, do desconhecimento, a gente ía poder conseguir outras coisas, a gente ía ter mais informação, estando mais informado a gente ía ter mais força. E tendo mais força a gente ía conseguir chegar a determinados objetivos que a gente queria.
> (...) eu coloco muito a história de Givânia nesse contexto. Ela sempre disse à gente que ela ía conseguir ajudar a família, a comunidade, não trabalhando na roça. Mas ela ía encontrar uma forma, de outra forma, de outras formas ela ía ajudar. E isso ela conseguiu fazer, então, é a prova mais palpável que a gente tem de que o sonho é possível, é nessa situação que Givânia fez com que acontecesse com ela e com a comunidade."
> (Maria Diva,entrevista,2012)

Givânia conta que foram anos de muita efervescência porque quando começaram a estudar os textos bíblicos perceberam que todos os povos presentes nos textos falavam de sua história, de sua origem, e eles constataram que nada sabiam sobre si mesmos. No entanto, e como os mais velhos sabiam sobre a sua própria história, isso fez com que um pequeno grupo de jovens interessados começassem a pesquisar e a registar as suas pesquisas com os membros mais velhos e foi assim que reconstituíram parte da sua história, que desde então tem sido registada e escrita.

Sem esquecer que esta é uma mudança recente ainda não fortemente enraizada na maioria das comunidades quilombolas, muitas são as dificuldades que quilombos e índios se deparam para poder investigar, conhecer e contar a sua história e dessa forma contribuir para uma sociedade brasileira mais rica, mais diversificada, na procura da verdade e do bem estar de todos os povos.
É necessário relembrar que muitas comunidades quilombolas, e muitas outras comunidades indígenas foram fortificadas em laços de união entre índios e quilombolas, união familiar, político e de força física, unidos no combate aos brancos, e muitas vezes abertos a negociações com os próprios brancos. Precisamos ouvir suas histórias, contadas por quem as vive, pois Conceição das Crioulas é também exemplo disso. Dividindo índios e quilombolas, procurando incessantemente colocar o problema na sua existência e não no exterior da sua existência estamos a manter processos intrínsecos à colonização, preservando costumes e tradições sustentando os dados históricos e os relatos encontrados, naqueles pontos de vista que preconiza, mantém apenas um lado das personagens da história.

Assim como as escolas não existiram sempre[18] mas antes foram instituídas como uma forma de controlar o saber e os direitos entre os seres humanos, a educação sempre foi utilizada de maneira empírica de forma a preservar a presença humana neste mundo com a natureza, a conservar a cultura e a fortalecer as relações entre as pessoas. Em todos os povos podemos observar que existem métodos próprios de repassar conhecimentos necessários quer para dar continuidade aos costumes desse mesmo povo, quer para garantir[19] a sua sobrevivência no habitat que ocupa. Esses métodos garantiam a cada povo uma educação que aproximava o fazer e o pensar ao contexto real da vida, no tempo, no espaço.

Com a instituição escolar colocada como um valor de educação primordial de qualquer sociedade e enquanto cidadãos brasileiros, quilombolas e indígenas, questionam-se essas relações de educação. Como a escolarização se relaciona com essa aproximação ao real e ao necessário de cada habitat? Alguma vez assistimos a essa preocupação?

Esta história, a de que índios e quilombolas podem questionar a educação atribuída à escola, é muito recente, estamos hoje a assistir a esta mudança. Por isso, assistimos também a uma movimentação forte no sentido inverso. Lutas acérrimas questionam o papel da escola e dos professores – quem são eles e que formação têm, que escolas são essas e para que servem – lutas que podemos observar nas ruas, nas manifestações, nos jornais, nos media. Por um lado, temos mais acesso a questionar a história que nos contam, por outro querem obrigar a revisão dessa leitura para o mesmo sentido a que era atribuído anteriormente.

A reflexão de um Projeto Político Pedagógico[20] e a aplicação do mesmo nas escolas não é uma novidade, todas as escolas organizam-se a partir dessa base. A maior parte das vezes a dificuldade na construção e na aplicação de um Projeto Político Pedagógico diferenciado, específico e intercultural nas escolas, vem da falta de diálogo com as instituições públicas, principalmente quando a análise crítica favorável baseia-se na ordem que os órgãos públicos avaliadores do processo, exteriores ao processo específico e diferenciado, proclamam a sua inviabilidade e aplicabilidade curricular segundo determinadas regras. Ora, se determinado Projeto Político Pedagógico se considera diferenciado e específico, então a própria avaliação e análise deve reger-se com esse principio, o de primeiramente entender onde reside a diferença e qual a sua especificidade. Nesse sentido, podemos dizer que o direito à construção de um currículo diferenciado, exige essa perspectiva critica, sem ela o processo de integração e de aceitação só pode ser facilitado quando o PPP cumpre com os ideais que o poder branco atribui - por se tratar de uma construção

18. Observamos anteriormente, que as 'primeiras escolas' do Brasil começaram com os Jesuítas no século XVI com o objetivo de evangelizar os índios e formar padres, assim como já constatamos que todos os métodos de educação que as comunidades já possuíam foram ignoradas e rapidamente desvalorizadas.

19. Garantir a sobrevivência no habitat que ocupa, pode significar e inclui sociedades nómadas, que a partir do momento em que são impedidos de se moverem, os métodos que usavam e a educação que recebiam para sobreviver corria o risco de ser reformulada ou na impossibilidade da readaptação desaparecia mais uma sociedade. Também incluo sociedades que reformulando os seus métodos se escondiam, refugiavam-se nas matas mais densas, de onde ficavam de igual forma impossibilitados de sair.

20. Anexo XXI – Directrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações.

histórica, como constatamos anteriormente - o contrário implica construir o PPP específico e diferenciado na luta.
A escola sempre omitiu a cultura africana – assim como a indígena – como sendo parte, uma grande parte, da cultura brasileira. Nas escolas quilombolas e indígenas aprende-se a história da cultura ocidental enquanto que o contrário não acontece. Mesmo com os avanços feitos na área da educação, da integração e da inclusão ao longos dos séculos nas escolas, foi acompanhada pela tentativa fingida de que todos são iguais nos direitos mesmo que diferentes entre si.

A lei permite criar condições de superação, assim como permite criar condições de condicionamentos mas só é assim porque as pessoas unem-se para criar as leis. Elas, as leis, são reformuladas consoante o conjunto de pessoas que se reúnem e que ditam e que colocam em execução as regras que consideram primordiais para o bom funcionamento da sociedade. (Fala da Fabiana) Por isso, se o grupo se altera, então alteram-se as condições e estruturam-se ou adaptam-se ou criam-se novas leis, novas regras. E aqui que reside a superação ou o condicionamento de uma sociedade, na forma com que se olha e como se define. Não entender esta base da organização política e social, é procurar viver uma sociedade isolada, uma outra estrutura porque nada anda separado, tudo está de mãos dadas: a família, o individual, o coletivo, hábitos, leis, natureza, o outro, o mesmo...
Mas a educação não passa apenas pela escola, nunca foi só assim. A instituição escolar surgiu por um conjunto de leis e de regras e age até aos dias de hoje dentro das regras ditadas pela lei... enquanto que a educação passa primeiramente pela família, família vista enquanto comunidade, enquanto sociedade, enquanto um conjunto de pessoas, um grupo que age de acordo com hábitos e costumes, conhecimentos e descobertas, de si própria, do meio em que vive, enquanto ser individual e coletivo.

Podemos tentar pensar e organizar cada coisa de cada vez, por exemplo, podemos tentar organizar a escola separada da comunidade em que ela se insere, podemos tentar organizar a família separada da escola ou até mesmo da comunidade em que ela se insere, podemos compartimentar o mundo até onde o podemos ver, mas esta tese procura defender e situar-se num sistema orgânico entrelaçado da vida em todos os lugares. Sendo assim, não é possível separar a vida da escola, assim como não se pode separar a vida da organização política e social. Se assim é, da mesma forma que para preservar um poder 'branco', aquele que define as condições que toda a gente vive, se dominam as ferramentas do conhecimento, usando-o ou anulando-o, manuseando e seleccionando o que cada um pode ou deve aprender, também as sociedades já existentes e que não foram previstas nas primeiras leis de organização

social, criaram métodos de superação e de resistência perante a natureza e de continuidade da sua cultura e dos seus conhecimentos históricos perante a lei, normalmente transmitidos oralmente ou através dos sentidos, da observação e dos rituais, ou seja, através da educação com o seu jeito de educar, mesmo que o fizessem secretamente ou ocultamente.

> "O problema com as categorias é que elas estão enraizadas em uma divisão nós/eles que é tanto binária quanto etnocêntrica, cada um desses elementos sendo limitantes de sua própria maneira." (Goody,2012,13)

Se hoje aceitamos a escola como uma instituição que sempre existiu, e não foi sempre assim, na comunidade de Conceição das Crioulas também não era assim. Chegamos finalmente à Conceição das Crioulas, vamos ver o que andam a fazer por lá.

Intertexto

Maria da Penha Silva
(esta conversa/entrevista aconteceu na sala de professores da escola Municipal José Néu de Carvalho, Vila Centro. 2012)

Meu nome completo é Maria da Penha Silva, tenho 35 anos e sou educadora quilombola, trabalho aqui na escola José Neu de Carvalho... Também estou na Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, onde sou sócia, também faço parte da Comissão de Educação e Comunicação. E autorizo Mónica Faria a usar a minha fala, por onde ela passar!

– O que é para ti, o sonho?
– Ahh sonhar é bom demais, né... Não. É... Primeiro, para mim mesma, enquanto pessoa, o sonho é fazer o concurso e, passar de novo, né. Porque eu fiz agora, o concurso. Fui aprovada, só que por conta de não ter terminado o curso de Pedagogia. Então eu não entrei. Fui chamada mas não pude assumir o compromisso. E aí, eu continuo com ele. Quero realizar ele agora, novamente, mas sabendo que vou conseguir ser chamada e vou conseguir assumir por conta de ter terminado o meu curso.
E assim, em relação à comunidade, a gente tem vários sonhos, a gente sonha muito.... E eu acredito que, o sonho, é que os professores sejam realmente da comunidade que estejam engajados na luta. Uma vontade nossa, que tenham um compromisso de tar na comunidade porque estão fazendo aquilo que gostam. Acho que é uma coisa que, a gente tem defendido muito. Porque a maioria dos professores, hoje, eles são da comunidade, e aí, eles não têm esse compromisso de participar das reuniões da comunidade, de tar inserido na discussão, de educação que a gente tanto sonha. O fato dos professores serem da comunidade, é uma coisa boa mas só que, a gente não tem essa participação deles. A participação que a gente tem nessas discussões são as pessoas da Comissão de Educação. E as pessoas da Comissão de Educação, quem são elas? É Márcia, Penha, Diva, Lourdinha, Fabiana e Zélia. Então, são essas pessoas da Comissão de Educação que tão sempre nas reuniões, e aí, infelizmente, as outras pessoas, não têm esse compromisso, de estar. Então isso aí é uma coisa que a gente ainda sonha, um dia, ver essas pessoas também engajadas na luta. De tar representando a comunidade, nas discussões lá fora.
– Hoje, quantos professores da comunidade é que já estão na escola? Eu sei que no início, em 2003 não havia muitos.
– Não, em 2003 não tinha não. Hoje, acho que se você perguntar, quantos professores são, de fora. Acho que é mais fácil, né. Porque, aqui mesmo, nessa escola aqui, quem não é de dentro do território. Nós temos... Dentro da José Néu, nós temos... tou fazendo a conta... Não, é... pertencem ao segundo distrito que é Conceição das Crioulas mas não estão dentro do território, entendeu? A gente tem mais ou menos, aproximadamente, sete professores. Eu acredito que sim. Mas isso não quer dizer que... Porque é assim: o fato de você ser fora do território, não quer dizer que você não possa tar trabalhando dentro de uma escola que tá dentro do território, a exemplo da José Néu. Porquê? Quem tá fora, desempenha o papel bem. Vai dar as suas aulas que tem um compromisso. Não tem aquele, assim, de tar que a gente tanto deseja, de tar na discussão, com a gente, no final de semana. De deixar a família, de vir. Não tem esse... não tá nessa caminhada, né. Mas tem o compromisso. A maioria deles tá no compromisso de estar junto. De tar junto, de tar na discussão nas coisas da

escola, né. Que é importante também, né. Mas o que a gente defende mesmo não chegou ainda não. Aqui na escola nós somos... a equipe gestora que é composta de três pessoas. Eu, Penha, Diva que é a directora, eu sou a secretária, Gil que é coordenadora e um agente administrativo.

– Vocês as quatro são da comunidade?

– É, somos. Aí do lado de cá, quem tá com as professoras também, tem Lúcia que é uma professora que tá readaptada por conta que não pode estar na sala de aula, né, ela tem problema de saúde, depois do acidente, ela aparentou muitos problemas. Então ela foi readaptada, e ela também cuida das professoras, tá sempre acompanhando as professoras. E Lourdinha... a Lourdinha também é uma das que fica acompanhando as professoras. Pronto, aí, dentro da sala de aula, nós temos, de manhã são cinco salas de aula, duas dessas cinco de manhã, têm suporte, duas não, quatro. Então, no caso são nove. Dessas nove apenas Kêka que tá sempre nas discussões, que tá sempre acompanhando as quetões das formações na comunidade. Nove professoras de manhã e à tarde são seis. Dessas seis, a gente tem Célcia que tá sempre inserida nos movimentos da comunidade. E à noite são, uma. Tem uma à noite né. Então juntando tudo são dezasseis professoras, em sala de aula. Aí, junta com... da uma equipe grande né...

Agora assim, se a gente for fazer uma avaliação. Todas elas estão dentro, de realizar as suas atividades, se tiver um momento grande, para todo o mundo, a maioria tá lá. A maioria participa. As atividades são desenvolvidas dentro da sala de aula. Elas não são, assim, as pessoas para tarem na caminhada mesmo. Acho que eu tava até relembrando, assim, a pesquisa que foi feita em 2003. Onde as lideranças, o perfil do educador e da educadora que eles querem, sonham, almejam, para a comunidade, né?

– Na José Mendes, a dificuldade também é a mesma? E na Rosa também?

– E na Rosa também... Mas na Rosa Doralina até que não é.... Os professores até que estão inserido no processo. É porque os professores de lá, é, quem é que são eles? É Lena que é dos CrioulasVídeo que tá sempre nas reuniões, é António João que é da AQCC que tá sempre... Lá a quantidade de professores é bem menos do que aqui, mas a maioria, juntando tudo com a equipe de lá, tem mais participação do que aqui, aqui tem mais... mais professores. Acho que a vantagem lá, é mais, aqui a gente tem...

É, agora mesmo, na...na... Na culminância do projeto, a gente, acho que quem tava lá percebeu que algumas professoras, não desempenharam bem não, não estudaram não, se é que estudaram né?! Porque quem tá trabalhando em uma escola que tá dentro de um território quilombola, a escola é quilombola, todo o mundo que está dentro da escola é quilombola? Não é, a gente sabe que não é, né... Mas assim, se você tiver, aquele cuidado, de aquela, eu acho que... é, eu sei lá, não sei nem... de pegar o material, a gente teve o tempo todo, ó gente!

É... Eu mesmo, disse, disse sempre, a quem tem mais dificuldade de estar, de trabalhar a questão mesmo da história, de todo o território, né. "ó, nós estamo aqui, eu, Lourdinhas, a gente faz parte do GT, se precisarem de alguma coisa, nós estamos aqui para ajudar, para dar certo para todo o mundo." Só que assim, infelizmente, no dia mesmo, na quinta feira, a gente viu que não foi muito bom não. É, porque eu acho que, a gente dá conta um trabalho, quando a gente estuda, pára para estudar ele. Porque se você trabalha numa escola, tem três anos que você trabalha numa escola. Se, em três ano você não aprendeu tudo, mas é igual que você tenha aprendido muita coisa. Nem,

nem que a gente não aprende tudo, né, mas... cê foi estudando, prestando atenção, no que a gente, vai realmente fala pos alunos, explicar, a gente dá conta. Agora assim, eu me fiquei chocada, lá, nalgumas apresentações, né. Não, tem coisa que a gente nem... nem... faço questão de nem lembrar, né... O que foi o sofrimento das pessoas, e aí a gente vê, uma professora que está dentro das escolas, a um bom tempo... Apresentar aquilo ali, como se fosse... Eu mesmo fiquei... absurdada... infelizmente a gente ainda tem pessoas assim... Você pensa que, "não, estou estudando, estou estudando, tou pesquisando, tou pesquisando..." Só que, na hora, o trabalho não foi muito bom. E isso é muito ruim para a gente. A gente conta a história de um jeito, e aí, ela é apresentada de outra forma e, isso é ruim...

– Sem qualquer reflexão, né...

– Pois é... É, agora isso é, né, porque é assim... é... a gente, já passou por momentos ruins né, aqui na comunidade. Os professores, não tinham compromisso nenhum, agora não tinham era de jeito nenhum, nem com os alunos, né, porque deixavam de todo o jeito aí. Os alunos vinham.... hoje não, hoje a gente já tem aquela... Os professores já é mais responsável, né, tem, o compromisso de tá a precisar sair da escola, de deixar uma pessoa, uma substituição, né, para os alunos chegar e não ficar a toa. Hoje a gente já tem mais esse... A escola tá aí, tá. Tem merenda todo o dia, de manhã, de tarde. Quando falta a gente procura correr atrás, para não deixar sem merenda. O transporte escolar, não é dos melhores, mas todo o dia tem, transporte escolar para os alunos do Sítio. Hoje, a família é mais presente na escola, né? A gente só tem, a nossa dificuldade, assim, no que tem muita dificuldade é na questão da estrutura da escola, não é boa, a gente sabe que não é bom. Mas o trabalho dentro da escola, a gente faz, para mim.... que tá a superar, né... é.... A questão da aprendizagem, a gente tem... A gente não tem, um resultado muito bom, na escola mas a gente espera que no próximo ano, a gente dê conta, faça com que o resultado seja melhor, né. Então, são coisas que vai acontecer... O que não foi bom esse ano, que não foi possível fazer esse ano, a gente tem que planejar para dar certo no próximo ano, para que as coisas aconteçam, de fato, mas... O que as professoras têm feito nessas escolas, assim... A gente fica se perguntando.... Que foi, "que foi que faltou né?" Porque, se disser assim, faltou material pedagógico? Não, faltou, nessa escola! As professoras tão todo o dia na escola. Nós estamos, nós grupo, estamo todo o dia na escola. E aí, assim, não andou muito na questão da aprendizagem mas pelo menos por relação a dizer assim. Hoje não tem aula, porque a professora não veio. Amanhã não tem aula porque a professora não veio, nem mandou dizer a satisfação. A gente tem alguns casos, né... mas graças a deus, a gente pode dizer que, a maioria das professoras tem o compromisso de estar na sala de aula com os seus alunos.... E lembrar que a gente existe, né, para dizer, se for pra faltar... Eu dizer, porque vou faltar e a quem eu vou deixar, né...

– Achas que isso, essa melhoria, tem a ver com o facto de serem professoras do distrito. Achas que tem a ver com isso?

– Ah sim... O fato de, de ter aulas todo o dia. Tem muito a ver... É uma vantagem muito grande nossa... É que as professoras, sejam... Todas, não estão dentro do território mas tão dentro do distrito. E isso, isso é bom de mais. Isso foi uma luta, muito grande, né, e foi... É uma conquista. Não, é.... Eu acho que, eu digo sempre às minina que, da comissão de educação, assim, eu não sou de tar, falando, tar na plenária, tar e tal... Mas assim, sempre que tem as reuniões eu tou lá, no que tá precisando de caminhar, eu tou lá, no que tá precisando e tal, essas corras assim. Eu tou sempre

presente nas reuniões, mas assim, quando diz assim, é uma conquista nossa enquanto comissão de educação, as lideranças da comunidade. Isso para é gente é muito bom, assim, poruqe você perceber que hoje os professores que estão dentro da escola, que a gente tanto lutou, tanto brigou e conquistamos. Que todos são do distrito e estão compromissado com a escola. Para a gente é uma mais... Eu mesmo fico muito feliz, assim, em ver que as professoras tão aqui todo o dia que chegam. Uma coisa que a gente lutou para que isso viesse a acontecer. E hoje nós tamos aqui, todo o mundo. A gente sabe que, tem a minoria, mas a maioria das professoras, são daqui. Tão todo o dia. A gente vê. Quando a gente tem um negócio, a gente liga, a gente fica sempre se.... Isso é muito bom. Isso é ave maria, um orgulho para mim.

Tem horas que, a gente... Eu mesmo, fico assim, me perguntando. Porque assim, meu pai, ele mora na área indígena. Minha família é toda de lá, da área indígena. Minha primeira sala de aula foi lá. No Poço da Pedra, na Escola de Santa Luzia. E aí, quando foi de mim vir pra aqui é, foi... Givânia foi quem propôs para mim. Que tinha uma minina, que trabalhava aqui, que era de lá. Só que ela tava com um problema de saúde e queria trabalhar mais perto de casa. E aí, Givânia falou comigo, depois Márcia. E aí, assim, eu fiquei pensando. Meu Deus, não sei se vai ser bom e tal mas aí assim eu fui pensar, né, que hoje era ela, amanha podia ser eu que tivesse precisando, né, então a gente, foi uma conversa e aí eu resolvi... Vim para cá, né. Hoje, as pessoas me vê de outra forma. Eu, me auto-identifico enquanto quilombola. Sou sócia da AQCC. Tou sempre nas reuniões, a minha família todinha, é de lá. Se auto-identificam enquanto indígena. E aí assim, eu fico assim, meu deus... Tem horas em que as pessoas olham para mim, quando eu vou para lá mesmo e me olham de um jeito, assim, como se tivessem dizendo, que será que ela está pensando, não sei o que... Mas assim, o fato de você ter a sua família, olha para você de outro jeito. Mas você saber que você resolveu mesmo estar, do lado de cá, assim, do lado defendendo e chegar a um grande conquista que teve fruto, aquela luta, e a gente foi para um reunião e a reunião teve um grande avanço, foi ouvido às questões públicas, tudo o que a gente... Só o fato de saber que você vai estar de um lado, que a sua família, a maioria não quer estar do lado de cá.

Quando teve o concurso agora. Eu cheguei lá em casa um dia, e aí a gente, começou uma conversa. Eu, meu pai... Ele tava lá e aí eu tava até dizendo assim para ele, assim que... Por exemplo, quem é daqui, não pode, de forma alguma, porque eles não permitem, lá, você fazer uma seleção para lá. Mas quem é de lá, quando tem seleção, quando tem o concurso, todo o mundo faz para cá. E aí a gente fica questionando, eu até disse assim, "não, porque o concurso, é para professores e professoras quilombola. Então se eu auto-identifico enquanto indígena, toda a área indígena, eu não devo fazer, né". Tiveram pessoas que fizeram, né, que são indígena que fizeram, né... E aí, ele dizia assim "mas o concurso não é do município?", Aí eu falava para ele, "não, o concurso foi a prefeitura foi quem abriu o concurso, o edital e tal e tudo, só que, teve aquela partezinha específica, para professor quilombola, então assim, eu tando dentro do município e eu morando na área quilombola então eu não, vou fazer não. Porque, eu não estou dentro daquela categoria, né.", e aí foi discussão e ele disse que achava errado aquilo ali e o certo é todo o mundo fazer porque todo o mundo é do município de Salgueiro, todo o mundo é do segundo distrito, e eu digo, "não papai, não é assim... É a mesma coisa de eu tar lá e abrir o concurso para professores indígenas, eu não posso fazer, né", Mas aí foi coisa, minina, a gente discutiu foi muito, duscutiu

conversou né? A gente brigou assim, na conversa, né... É porque, eu dizendo a ele que achava errado, e ele achando que é certo porque o concurso faz parte de Salgueiro e o concurso era... Aí eu disse, não mas assim, se é, o concurso era específico para aquela categoria, professor quilombola, eu não me auto-identifico enquanto quilombola, então, teve vagas para Salgueiro, então eu, se fosse eu, eu faria para Salgueiro, né. Porque eu tou dentro daquela categoria. Mas ele, "não minina, não é assim", mas foi... mas ele não entende não, essas coisa assim não... Eles acham, que eles tando lá, ele têm de vir para cá... Agora a gente tá aqui, não pode ir para lá não... E eu que sou de lá. Ave Maria, se houver uma seleção para lá, meu deus, eu vou escutar poucas e boas... Porque, eles acham que é errado, né? Consideram errado a gente fazer. Porque aqui que é de lá, tem eu, tem Lourdinha, tem Célcia, tem Cida ali que é irmã.... Ou não, Cida já mora lá, né... Tem eu, Célcia, tem Marcelinha, tem Nina, tem Lourdinha que é tudo de lá.... Mas ninguém nem pensa em fazer nada para lá...

– Mas eles lá também têm escola, também é do município?

– Exatamente. Lá é do município. Só que lá é Estadualizada. O estado é quem gere em si as escola de lá, né. Mas....

– E lá, também quando tu concorres, tem que ser indígena?

– É, tem que ser indígena.

– Da mesma forma que aqui tem que ser quilombola.

– É, aqui tem que ser quilombola. Só que para eles não, para eles no município de Salgueiro, é para todo o mundo...

Para mim é muito complicado, só você de repente. Sua família toda para lá. Minha irmã, é a presidente da associação, de lá. Merendeira, aqui na José Mendes.

Mas, assim, não há aquela coisa de dizer que, só porque eu sou isso, eu tou dentro dessa escola, que eu não vou fazer o meu trabalho. Ela tem feito o seu trabalho, na medida do possível, né. Eu acho que é a convivência mesmo, dentro da comunidade, a discussão aberta, pra todo mundo, então você fazer parte daquela discussão, você... acho que você foi criando laços. Eu sempre falo assim, para o povo, eu sou as duas coisas, né? Porque, eu nasci aqui, mas morei aqui muito tempo, nasci, me criei, até certa idade com a minha mãe. A gente morava ali nas cancela, a gente morou muito tempo ali. Meu pai era morador de João Pompilho. Muito tempo meu pai morou aí.... Era vaqueiro dele. E aí assim, hoje, acho que... sei lá...

– Cresceste ali... a ver as coisas...

– Vou percebendo, vou entrando na discussão... Acho que a abertura é melhor. Também assim, não tem brecha para mim lá não. A brecha para mim é em casa do meu pai. Assim, não tem aquele negócio de "não, hoje tem uma festa, não você não vai..." Não. Eu tou sempre participando das atividades lá. As meninas tão sempre dizer, "ó tem tal atividade", quando é possível, eu vou. São João, e essas coisas... Porque lá, tudo é família mas, para dizer, você vai trabalhar numa escola lá... para mim, não tem brecha não. As portas tão fechadas. Aí eu acho que, é o fato de você... As pessoas foram perdendo o respeito... sei lá... Não sei é o respeito.... O reconhecimento. Pelas pessoas... Pelo fato de trabalhar aqui, porque eu vim para aqui em 2003. E aí foi quando teve todo aquele processo de as escolas serem todas indígenas, a gente ser contra essa estadualização. A gente era contra porque é dentro do território? Né... e aí, a briga era que as pessoas se unisse, os indígena-quilombola, só que em alguns momentos a gente escutou, as pessoas dizer que, de lá, que os quilombola era os inimigos

dos indígena. Não é verdade isso. A gente sabe que não é verdade, né. E aí, está na fala de algumas pessoas, saírem esses comentários que, não foi legal. Acho que foi perdendo... Terminou que, eu tou aqui. Tou na luta, tou envolvida, inserida. Tenho uma reunião, deixo os meninos, se der para levar eu levo, se não der para levar eles ficam. E vou me embora, não é?
É difícil Mônica, eu dizer assim, assim que... Eu, sei lá, é a família da pessoa né, família é a família...
E aí, a identidade é dos dois lados, só que, para muita gente não. É só um, e pronto. Aqui não existe, não tem o índio o puro, aqui, que diz assim... Eu só sou Indio... Não. É a mistura, do negro com o índio, do índio com o branco, com... e assim vai, né. Mas aí não tem, não querem essa mistura não...
– Eles não querem, teoricamente falando. Porque na prática ela existe, não dá como não...
– É ela existe. Aí eu tou aqui. Tou feliz aqui na escola. Na comunidade... Em todo o canto que eu passo, pelo menos, as pessoas, me vêm, me olham, né... Acho que é a abertura que é maior também. A pessoa tem abertura...
Quando eu vim para aqui em 2003, eu já vim pra trabalhar enquanto secretária da escola, ainda hoje tou aí assim. Passei dois anos na sala de aula, depois voltei de novo. E aí eu acho que as pessoas vêm assim não é, que... não, ela já faz parte da gestão da escola, pô, já cresce os olhos, né, assim... Porque você, trabalhar numa gestão de uma escola, é cê trabalhar mais e ganhar menos, né? E não quer dizer que você vá ser inimiga das pessoas porque você tá dentro, nasceu num canto e tá em outro... Eu não me vejo assim não. Eu tento ser parceira das pessoas, sempre que possível. Com as pessoas de lá, eu vou para casa e tal, mas tem coisas –eu percebo – tem coisas que parece que quando a gente chega, eles se calam, né? Eu sinto, mas eu não vou questionar porque. Mas, a associação lá, sempre chama o pessoal do Crioulas para fazer filmagens lá... Não tem esse negócio, de ter o povo lá não, de lá.

Maria Diva
(esta conversa/entrevista aconteceu em casa da Diva, na latada, ao lado do Umbuzeiro, no Sítio Mulungu, pela tarde. 2012)

– O que é para ti a ideia de sonho? Pessoal, coletivo.
– Eu penso, que o meu conceito de sonho, ele vai totalmente, ele é totalmente diferente do sonho que é ensinado à gente. Que é dormir e acontecer alguma coisa na sua vida enquanto você dorme. Quando acordou, passou, nada aconteceu, você tá no mesmo local, mesmo lugar e a realidade é a mesma. Esse é o conceito de sonho que a gente foi ensinada. A vida da gente, e o jeito de viver, o jeito de falar, o jeito de sentir as coisas foi nos mostrando que há outra forma de sonhar. Que é você ter alguma coisa, colocar alguma coisa na sua mente, tipo um obstáculo ou um desafio, e você começar a buscar elementos, pessoas, situações, condições, pra que aquele obstáculo seja superado ou aquele objetivo seja alcançado.
E com essa ideia de esse sonho, que é o sonho de transformar algo aparentemente ou que naquele momento, naquele contexto, dificulta ou impede alguma coisa, a gente tem alguns exemplos de sonhos que já foram realizados outros estão realizando, né? Quando se falava em educação em

Conceição, eu ficava, era mais aquele sonho, do sonho que está dormindo, e acordar e continuava as coisas do mesmo jeito. Com o passar do tempo a gente tem nos movimentos, na igreja, nas pastorais... a gente foi estudando, foi percebendo e foi vendo que se a gente conseguisse superar a barreira do analfabetismo, do desconhecimento, a gente ia poder conseguir outras coisas. A gente ia ter mais informação, estando mais informado, a gente ia ter mais força e, tendo mais força, a gente ia conseguir chegar a determinados objectivos que a gente queria. E... foi nesse sonho, é nesse sonho que eu pretendo e... pretendo e procuro acreditar, nesse sonho que a gente sonha acordado. Tem coisas assim, a gente tem pensado muito mais no sonho coletivo e, que é a história da discussão, do que é a prioridade pra comunidade, naquele momento. O que é que o contexto nos manda, nos direcciona a agir e de que forma nos direcciona a agir. E aí é assim, uma das coisas que eu sempre coloco como um sonho, como o sonho é possível, realizar sonho é possível. Eu coloco muito a história de Givânia nesse contexto, ela sempre disse à gente que ela ia conseguir ajudar a família, a comunidade, não trabalhando na roça mas ela ia encontrar uma forma, de outra forma, de outras formas ela iria ajudar. E isso, ela conseguiu fazer. Então, é a prova mais palpável que a gente tem de que o sonho é possível, é nessa, nessa situação que aconteceu com Givânia, o que Givânia fez acontecer com ela, não foi o que aconteceu com Givânia, ela fez com que acontecesse com ela e com a comunidade. E, depois desse que foi o sonho de lutar por uma escola em Conceição, de se formar, de mostrar pra gente que era possível mesmo com dificuldades em se formar e superar algumas dificuldades vivenciadas, a gente tem conseguido muitos outros sonhos, não um sonho, o sonho individual, não sou muito, não tenho muito sonho individual não. Meu sonho maior é viver aqui mesmo, eu não me imagino morando em nenhum outro local, me imagino viver morando aqui, mas com condições, digna pra viver, ao lado da minha família, mas sonho colectivo eu sonho muito. Eu sonho com Conceição desenvolvida, respeitada, que a educação seja de qualidade, que as pessoas não sejam mais manipuladas, que tenham ideia própria, que defendam suas ideias, estando onde quer que estejam. Que elas possam expor suas ideias, e viverem, conviverem com os outros, e se respeitando e sendo respeitado também. Esse é um sonho que a gente já tem conseguido parte dele. A gente ainda tem muitas coisas pra serem superadas mas a gente já consegue enxergar que ele é possível, ainda vai... Pra gente dizer "não, agora concretizou, talvez não seja eu que veja, outras gerações venham ver" mas eu consigo, já consigo perceber que a gente está no caminho certo, está no caminho de conseguir essa autonomia. Tem muitas vezes que a gente planeja alguma coisa no coletivo da comunidade e, por estarmos num, viver num país que se diz democrático mas democracia é uma democracia que às vezes é, hora é pra um, ora não é pra todo o mundo. O que a gente planeja no coletivo interno da comunidade, no momento de socializar ou de oficializar pra outro, prós meios externo muitas vezes a gente escuta um não, que isso não vai dar certo porque, vai de encontro a tal lei, vai de encontro a... uma série de coisas, então a gente também convive com isso. Mas pode não ser um sonho de Maria Diva, mas o sonho de muita gente termino que se esse ano não dá certo da forma que a gente fez no próximo ano já vai dar, se hoje não deu amanhã vai dar, e a gente nunca desiste assim, porque a gente acredita que... quando é uma pessoa dizendo uma coisa, é uma voz, é de uma forma, quando mais gente tá dizendo, então alguém um dia vai escutar! E a gente acredita muito na realização dos sonhos através dessa persistência, de dizer, dizer fazer, do exercício mesmo, do acreditar fazendo e... aprender fazendo. Todas as nossas acções a gente sempre

tem esse direccionamento de que o fazer é a forma mais concreta da gente chegar a concretizar à realização de alguns sonhos que são muitos que a gente tem, dentro da comunidade, e fora dela. Uma coisa que é assim bem marcante, bem marcante pra minha vida e pra essa história de sonhar, sonhar buscando é, principalmente é a questão, na questão do coletivo é a questão do salto, da ampliação e porque não dizer qualificação da questão da educação escolar em Conceição das Crioulas. Essa ampliação, que educação escolar era coisa de pouquinhos, hoje é pra todos, e todas, né? E a gente também pode dizer que precisa melhorar muito mas ganhou muita qualidade, isso comparando à quinze anos atrás a gente hoje, a gente percebe que a qualidade é uma outra. Por conta disso, no coletivo o que mais é percebido, pelo menos por quem está dentro mesmo no viver, no fazer é a questão da auto-confiança. A gente não fala mais de educação se eu pudesse, quando acontecer. A gente fala da educação, da formação como uma coisa possível: vai ser, vai acontecer, vamos ter. É muito assim, muito, mudou a forma do verbo como a gente usa, (risos) a gente não tem mais não é? no pretérito imperfeito não sei o quê do subjuntivo não, a gente fala de uma coisa que é possível... que é possível. Em '95 quando começou, quando surgiu a escola José Mendes, que a gente muito, muito mas muito mesmo dos nossos dizia que não era possível, que não ia acontecer, aconteceu! E aí, as pessoas foram ganhando confiança, acreditando, procurando a escola, querendo, cobrando que fosse melhor, que tivesse mais espaço, que atendesse mais gente e fomos conquistando gradativamente, foi saindo daquilo que era restrita. Não que não tivesse matrícula mas não tinha o transporte escolar, era só mais ao povo de próximo, daí não... agora quer que todo o mundo e vão botando carro e vamos, querer botando o transporte escolar e... daqui a pouco não, agora a gente já estudou, agora a gente não quer mais que seja o povo de fora que venha ensinar nós não, agora nós mesmo queremos ser os educadores do povo de Conceição das Crioulas, aos pouco isso tá sendo quase que uma realidade. Na Rosa Doralina a gente tem uma professora que é de fora, no ensino médio, na José Mendes nós temos uma, e na José Néu nós temos duas que são de comunidades próxima, que poderiam serem consideradas da comunidade, porém não se enquadram no conceito que a gente tem do que é comunidade, ser da comunidade, as outras todas são da comunidade. Então isso é um dado tão positivo, mas tão positivo pra gente, que a gente passou a acreditar que a gente pode sim! Então, acho que o maior ganho disso tudo foi a gente ganhar essa, ter essa auto-confiança! Então, tem um professor, temos, mas agora a gente acha que a gente é possível ter um advogado... da própria comunidade, ter médico, ter as diversas profissões que antes a gente só achava que era possível nos outros locais, nas outras comunidades, nos outros lugares distantes da gente... A gente teria que receber esse serviço, hoje nós acreditamos que somos possível sim de exercer esse serviço, muito serviço ainda não assumimos mas acreditamos que sem demorar muito a gente vai ter outros serviços realizados por pessoas da comunidade. Então não tenho outra palavra pra definir o que é isso, a realização desse sonho causou em nós a não ser a auto-confiança.

Foto: Adriana Oliveira,2014

A ESCOLA NO COMBATE À PRECARIEDADE DAS CRECHES

A escola no quilombo de Conceição das Crioulas

Hoje existe por todo o Brasil escolas Federativas, Estaduais e Municipais. Situando essa relação institucional com o trabalho que aqui se desenvolve, gostaria de apresentar as instituições parceiras que colaboraram, participando e/ou facultando e acompanhando, o acesso às suas instalações e aos dados históricos necessários para sustentar esta tese, e ao mesmo tempo situar cada uma na rede pública escolar brasileira.

A gestão das escolas Federativas, são da responsabilidade da Federação, constituída após a República, representada em Brasília, é o equivalente ao ensino superior, este estudo teve o apoio da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A gestão das escolas Estaduais são da responsabilidade do Estado, é o equivalente ao ensino médio (secundário) ou escolas profissionalizantes, o que aqui se representa foi realizado com a primeira escola estadual quilombola do Brasil, a Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes.

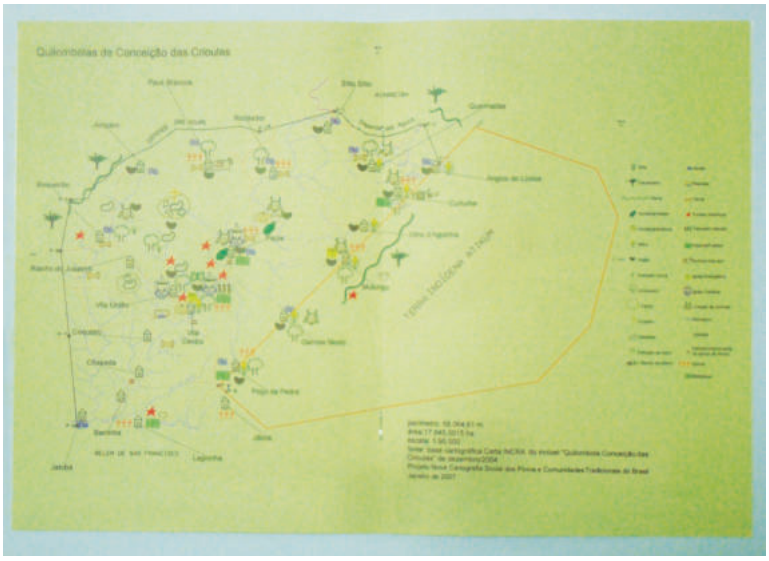
A gestão das escolas Municipais são da responsabilidade do Município, que equivale ao ensino fundamental, 1º e 2º ciclo, esta pesquisa foi realizada em cooperação com três escolas municipais: do 1º ciclo, a Escola Municipal José Néu de Carvalho e a Escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira; do 2º ciclo, a Escola Municipal Professor José Mendes.

Todas as escolas do País seguem as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). E as leis que orientam a(s) escola(s) é a Lei de Bases (LDB).

As escolas municipais e estaduais, onde foi realizada esta pesquisa, têm o direito a uma gestão diferenciada e de um corpo docente específico.

> "Para ilustrar a história de educação de Conceição das Crioulas, trago como símbolo a figura do professor José Mendes, homem quilombola, educador, que sem qualquer vínculo com as instituições do Estado, reconhecido apenas pelos "seus", teve suas práticas educativas validadas também pelo e para o seu povo, comprometido com a educação como prática de libertação, que ia para além de seus limites formais. Assim, o domínio da ação de educar era controlado pelos próprios moradores(as), não havendo "permissão" das estruturas dos sistemas de ensino vigentes."
> (Silva,2012,69)

Conceição das Crioulas é o 2º Distrito de Salgueiro e faz fronteira com: o município de Carnaubeira da Penha; Mirandiba e Belém do São Francisco. Os territórios vizinhos seriam assim dos índios Atikum, negros e índios partilhando um espaço vizinho, inclusive, (Souza,2002,122) menciona que "No trecho das terras próximo à serra do Umã, algumas famílias de Conceição têm os seus roçados dentro da terra indígena aticum. Elas mantêm relações com a população e o posto indígenas já há muito tempo, sem nenhum tipo de conflito."



> "Apesar de sempre se referirem ao documento que julgam legitimar sua posse das terras, os limites territoriais são apontados com segurança. São eles: serra da Princesa, Jatobá, os limites da terra indígena aticum, serra Redonda, serra do Urubu, chegando novamente à serra da Princesa."
> (Souza,2002,118)

A escolarização no território da Conceição das Crioulas foi sempre um processo muito lento.

Ao confrontarmo-nos com a história da educação brasileira facilmente observamos que nunca esteve presente uma preocupação em integrar todas as pessoas como detentoras dos mesmos direitos, mesmo que diferenciados, tais como: escola, casa, saúde, alimentação. A lei refere várias vezes a relação que se deseja manter com os escravos e com a escola e, mais tarde, com os negros e a escola.

Após a abolição da escravatura, estes ficaram confinados a uma liberdade

ausente de apoio social e logístico, colocados ao 'abandono' - no sistema escravocrata, o escravo era propriedade do seu senhor, e como tal, havia interesse em criar as condições mínimas para que fosse capaz de produzir, deixando de ser escravo, e com a imigração europeia, tornaram-se mão-de-obra barata ou substituível – são impedidos de ter acesso à escolarização, isso impede a possibilidade de ocupar cargos de direção, ou uma outra função que permitisse um reconhecimento social e uma valorização pessoal. Anulando, dessa forma, a possibilidade de ascensão, mesmo económica, restava ocupar os cargos impregnados por valores simbólicos de trabalho não digno para gente do bem, trabalhos 'pesados' e 'sujos', mantendo a relação, entre quem detém o poder manda, e quem não tem, obedece. Esta relação passa para gerações futuras, que ao viverem num mundo com esta realidade resignam-se a sobreviver aceitando uma troca monetária por trabalho onde os requisitos necessários baseiam-se na submissão, precariedade, fidelidade, dependência e exploração. Ou seja, novas formas de discriminação são utilizadas, desta vez mais camufladas, mais fingidas.

Criando novos sistemas de racismo torna-se possível manter distante da própria vontade pessoal o desejo a qualquer tipo de ascensão na qualidade de vida, para si e para o seu povo. Durante um século, podemos observar que os povos colocados 'à margem' vivem numa constante anulação – ainda hoje acontecem genocídios em troca do progresso e da tecnologia – vivem numa construção da invisibilidade, do esconderijo, da camuflagem, numa fuga de si próprio.

> "Na fase propriamente imperial, que se iniciou no final da década de 1860, as discussões desenrolaram-se sobre um pano de fundo comum: o problema da substituição da mão de obra escrava pelo trabalho livre, atribuindo-se à educação a tarefa de formar o novo tipo de trabalhador para assegurar que a passagem se desse de forma gradual e segura, evitando-se eventuais prejuízos aos proprietários de terras e de escravos que dominavam a economia do país."
> (Saviani,2013,159)

A discriminação era e continua a ser o instrumento mais eficaz para impedir os direitos dos negros e indígenas. Mas esse mecanismo precisou de revisão nos métodos que utilizava, uma vez que as leis proíbem e até punem atos 'racistas', a educação continuou a ter um papel muito importante no uso dos símbolos, alguns criados de novo, outros mantidos.

Existe de fato uma diferença entre o universo das leis, do direito e da educação do dia a dia, aquela que recebemos em casa, na rua e até mesmo na escola, onde cada pessoa na relação com outra pessoa assume uma posição de

julgamento, de hierarquia, de superioridade sentindo-se mais no direito do que a outra, só de se olharem. Entregue à responsabilidade pessoal e projetando o indivíduo através de mecanismos competitivos, individuais, responsabilizando cada pessoa pela leitura que tem do outro, o único esforço é, de forma subtil, manter ideias concebidas das características dos povos, e ocultar exemplos de superação e de respeito que as comunidades têm entre si e com os outros.

> "Hoje a lei obriga que a partir dos seis anos tem que estar na escola, né? Na minha infância não. Os pais eram quem escolhia o tempo adequado e as condições de botar os filhos pra estudar, já que não era o município que assumia. Eram os pais que pagavam alguém que soubesse ler na comunidade pra ensinar, e aqui na comunidade tinha uma prima nossa, Rosa, que papai pagava a ela pra ela ensinar os filhos a ler..."
> (Maria Diva,entrevista,2012)

Analisando a vida na Conceição das Crioulas, podemos referir que criam-se as leis mas não se altera o dia a dia. E as comunidades, não sendo as únicas, representam essa minoria lembradas no papel e esquecidas na prática. Mas, aparentemente esta história está a mudar, estamos precisamente em cima desse acontecimento agora.

Conta a história oral que a comunidade de Conceição das Crioulas refere a sua chegada àquele território nos finais do séc. XVIII, tendo como referência a data de 1802 como a entrega da posse da terra. E desde então, os conhecimentos de persistência, negociação e sobrevivência, as aprendizagens do jeito de viver pessoalmente e coletivamente foram sempre repassados oralmente. A escola quando surgiu, servia para aprender a ler e a escrever, com o objetivo de votar aos dezoito anos, e esta era a principal razão para aprender a ler e a escrever, de maneira que as primeiras escolas que surgiram no II Distrito foram, maioritariamente, construídas por fazendeiros.

> "Aí tinha uma preocupação dos parlamentares que o importante era saber fazer o nome. Saber fazer o seu nome já dava pra tirar o título. E a preocupação da gente, até ter dezoito anos, e ter o título pra votar no Prefeito, no Vereador que o meu pai votava, e que meu avô votava, e que vinha de descendente em descendente. Sem nenhum programa, ou uma proposta de trabalho. O que era que esse parlamentar ía fazer durante aquele ano de mandato. Era só porque era um fazendeiro que a gente tinha que obedecer e votar nele. Foi assim até aos meus dezoito ano. Eu votei o meu primeiro voto no candidato que o meu pai votava porque era ele o candidato

> da família, e a gente via esse candidato de quatro em quatro ano. Com dezoito ano, que eu ía e voltava da 4ª série, quando eu tirei o título, eu comecei que votei tudo bonitinho como meu pai queria. Depois eu fiquei pensando, comecei imaginar porque votar? Qual é a importância de votar? Porque eu não estuda mais?"
> (Valdeci,entrevista,2012)

Na luta pelos seus direitos, o povo de Conceição percebeu muito cedo que a educação deveria estar a par da escolarização, que esse era um dos caminhos que levaria à conquista desses direitos, foi por este e outros motivos que muitas famílias mesmo com dificuldades económicas pagavam um mestre da comunidade para ensinar a seus filhos e filhas a, pelo menos, assinar seu nome, ao mesmo tempo repassavam os seus mitos, as suas crenças, as suas ideias e conhecimentos, ou seja as histórias que não eram do interesse do governo ensinar.

Márcia fala sobre as lideranças na Conceição, "Assim, uma conquista é uma coisa que você luta para acontecer aquilo, né? Mas a liderança não é assim, não vai conquistar ser liderança, as coisas que vai fazendo no dia a dia, elas é que vão tornar você em liderança." (Márcia,entrevista,2012), pois os mestres eram, e ainda são, as lideranças mais velhas da comunidade que se colocavam à disposição para ensinar na casa das pessoas que tinham interesse pelos estudos, pois assim, além de ensinar a ler e a escrever, repassavam seus conhecimentos para os mais jovens e isso resultaria na valorização e fortalecimento da história de luta e resistência do povo quilombola de Conceição das Crioulas, e até 1949 a aprendizagem funcionava dessa forma. Não quer dizer que depois de 1949 esse método de ensino não continuasse, mas ao ser construída a primeira escola do Estado na comunidade, a escola começou a ficar mais instituída e o ensino passou a ser atribuído à professora colocada na escola pelo município.

A escola José Néu de Carvalho

Foto: Adriana Oliveira,2014

A primeira escola a ser construída pelo Estado dentro do território quilombola – embora ainda não reconhecido enquanto tal – foi a escola denominada de Escola Típica Rural, da 1ª à 4ª série, por volta de 1950. As professoras vinham de Recife, Rio de Janeiro, vinham de fora e de longe, e por isso, não permaneciam durante muito tempo. Em 1970, a escola passou a ser chamada de Escola Municipal Mínima José Néu de Carvalho, nome sugerido pela professora da época enquanto homenagem ao sogro. Esta homenagem só fazia sentido porque nesta época a alfabetização ficava a cargo da elite branca, porque esta homenagem é a antítese da educação quilombola, José Néu de Carvalho era um fazendeiro e invasor do território que nunca contribuiu para o respeito e a valorização da identidade quilombola. Hoje é conhecida como Escola Municipal José Néu de Carvalho.

> "Estava, também, em consonância com o espírito da época a adoção do "ensino mútuo", com o qual se esperava acelerar a difusão do ensino atingindo rapidamente e a baixo custo grande número de alunos. Assim, pela Lei das Escolas de Primeiras Letras, esse método de ensino, que já vinha sendo divulgado no

> Brasil desde 1808, tornou-se oficial em 1827, ensaiando-se a sua generalização para todo o país."
> (Saviani,2013,128)

Podemos observar na evolução da história da educação brasileira que as medidas tomadas para levar a educação a todos os habitantes chega à Conceição um século depois.
Em 1834, a responsabilidade do ensino secundário e da formação de professores é atribuído às Províncias (hoje conhecidas como Estados), mas por falta de infraestruturas nas zonas rurais, principalmente, estas todas Cidades e Vilas torna o acesso à formação primária gratuita muito reduzido, sendo que este acesso é pensado apenas para quem é considerado como habitantes "livres" (Saviani,2013,132). Relembremos que, ao mesmo tempo que o governo central desobrigou-se de cuidar das escolas primárias e secundárias transferindo esse incumbência para os governos provinciais, a Coroa funda o colégio D. Pedro II assumindo a responsabilidade por todas as atividades que nele se desenvolve e determina que toda a prática inserida no Colégio seja o modelo de ensino, como a organização, a gestão e os conteúdos (inclusive os livros didáticos) tenham que ser seguidos por todas as escolas, o que acaba por contrariar essa responsabilidade.
Podemos ver que a escola sempre foi privilégio da "nobreza", fazendo com que os valores coloniais permanecessem inalteráveis.
O acesso ao 'conhecimento', e para que o conhecimento se mantenha sob domínio de poucos, é necessário pensar em estratégias eficazes no sentido de controlar a educação de outros povos, de outras classes. Determina-se o tipo de educação, a partir do controle dos conteúdos e da forma onde encaixa esses conteúdos para determinado grupo de pessoas. Criam-se escolas para melhor dominar e entender processos de acesso educativo.

Aqui apenas se constata que as conquistas não acontecem de um dia para o outro, pelo contrário, é lento. Até à abolição da escravatura de 1888, foram dados passos graduais e seguros, assim em 1850 podemos assistir à proibição do tráfico de escravos, que se seguiu pela Lei do Ventre Livre, em 1871, a Lei dos Sexagenários, em 1885, e em 1888 foi decretada a abolição da escravatura. A Proclamação da República acontece em 1889, a 15 de Novembro e a presença dos negros na escola passa a ser uma preocupação para adquirir votos.

> "Eu era pequena e eu comecei a estudar, a minha mãe pagou a uma tia minha que mora, ali na Vila União, para a gente estudar. Eu estudava particular! (risos) A minha tia, a bichinha, D. Auxiliadora, (eu chamo ela D. Auxiliadora que aqui a gente tem essa coisa de

respeitar), se juntava com outras pessoas e fazia uma vaquinha, pra dar um dinheirinho a ela, pra ela ensinar a gente a estudar, porque mãe sabia que eu tinha esse desejo.

Eu pegava um livro, assim, onde tinha figuras e eu lia as figuras como parecia que eu tava lendo. Sempre tive essa vontade. Aí mãe toda cheia de vontade, porque ela também não estudou, ela teve esse interesse, né? Quando eu fui para a escola, eu comecei a estudar com oito anos. Porque eu morava na roça, era muito difícil pra vir aqui, mãe não queria largar a gente sozinha nas estrada. Mais de quase 4km de distância, né? Pra cá... nós éramos muito pequeno. (...)

Aí, comecei a estudar, aprendi, fui alfabetizada, e com oito anos mãe matriculou a gente na escola, aqui na José Néu."

(Aparecida Mendes[1],entrevista,2012)

1. Aparecida Mendes, liderança quilombola. Nasceu em 1971. Hoje vive em S.Paulo e terminou em 2016 a graduação para Assistente Social.

O método utilizado nesta escola era a 'palmatória' e o importante continuava a ser aprender a cartilha: ler, escrever e fazer as contas básicas. Com o passar dos anos, devido às diversas lutas travadas pela comunidade por uma educação de qualidade que estivesse voltada para a especificidade quilombola, a escola começa a ter sentido para a vida das pessoas dessa comunidade, principalmente no que se refere à metodologia de ensino e os seus conteúdos pedagógicos, assentes na certeza de que as crianças brincando também aprendem. A dinâmica de trabalho utilizada é aplicado a partir de um contexto real e significativo, na tentativa de que os conhecimentos sirvam de instrumentos de uma transformação para uma comunidade vísivel e mais autónoma.

Na ausência de uma aprendizagem contextualizada e significativa, Adalmir[2] conta que quando estudou na escola Professor José Mendes – foi das primeiras turmas assim que a escola abriu - foi quando se deparou com o desafio de aprender e ensinar mesmo sem condições nenhumas,

2. Adalmir, liderança quilombola. Nasceu em 1978, tocador do pífano, educador, membro da equipe do CrioulasVídeo.

"Primeiro eu estudei na Escola José Néu, que não tinha nenhum estímulo da questão diferencial, ela simplesmente era naquela perspetiva de que primeiro, você estava lá, você aprendia se você quisesse, se você não quisesse, também, as professoras pouco importava né... as professoras e a secretaria da educação, na época, não tinha esse interesse todo com a gente."

(Adalmir,roda de conversa,2014)

A escola hoje recebe a maioria das crianças que habitam no quilombo e alguns Sítios vizinhos, funciona com o turno da manhã, tarde e ainda tem à noite o turno da EJA – Ciclo I e Ciclo II. O Ciclo III e o Ciclo IV da EJA acontece no turno da noite na escola Professor José Mendes.

Durante muito tempo, devido à falta de escolas para dar continuidade ao ensino fundamental, algumas famílias mandavam suas filhas para trabalhar em casas de pessoas ricas na cidade de Salgueiro, dessa forma poderiam continuar os estudos e ao mesmo tempo, conseguir dinheiro para mandar para as mães e pais que ficavam na comunidade. Nesse contexto sofriam vários tipos de discriminação, sendo que muitas eram proibidas pelos patrões e patroas de estudar e algumas até foram exploradas sexualmente e tiveram filhos dos seus patrões.

Tem uma inspiração que durante o encontro de pesquisadoras utilizamos. Na sala das educadoras da escola tem, entre outros materiais didáticos, uma pequena biblioteca. Um dos livros chamou-me a atenção, 'A semente que veio de África'. "Você já colheu uma história?" foi a pergunta que Heloísa Pires Lima faz para explicar a vontade de ir atrás de uma árvore chamada por muitos nomes. Ela lembrou-se então de convidar dois autores, Mário Lemos que mora em Moçambique e Georges Gneka que nasceu na Costa do Marfim, ora não existe melhor forma de aprender sobre os outros lugares senão ouvir as histórias que os habitantes conhecem.

"njingiritane, nome de um passarinho muito pequeno e esperto que faz ninhos e fica a brincar nos embondeiros. No tempo seco eles emigram em busca de água e plantas verdes. Nas histórias, era nessa viagem aos novos lugares que levavam as sementinhas do embondeiro no bico, largando-as pelos sítios de seus caminhos. Gostavam tanto da árvore que tinham a esperança de fazê-la existir por toda parte onde andassem"
(Lemos *in* Lima,2005,28)

A Escola Professor José Mendes

Foto: Adriana Oliveira,2014

As conquistas relacionadas à educação em Conceição das Crioulas se intensificaram em 1995, com a construção da escola Professor José Mendes. Foi implantado o ensino fundamental II no quilombo, trazendo com ele a necessidade de professores/as, diretores/as e algumas lideranças a praticar uma pedagogia que enfatizasse a cultura local dentro das escolas, principalmente nas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia. Essa necessidade foi percebida porque os estudantes demonstravam pouco interesse pelas histórias dos livros e, ao mesmo tempo, a ausência de referenciais que os aproximassem do mundo escrito, pois as escolas ofereciam ao seu público um pacote "pronto e acabado", construído por outras pessoas com realidades tão distantes, que pouco ou nada contribuíam com a formação pretendida pelo povo, no sentido de se ter uma melhor qualidade de vida no território e uma melhor utilização das coisas que nele tem.

A primeira grande conquista na comunidade foi a construção da escola, com uma equipe de profissionais abertos ao diálogo, ao entendimento de mundo, à vontade de reconstruir o significado de escola. A escola não serviria apenas para ler e escrever para poder votar, serviria sim para a partir da localidade contar a universalidade, e isso só é possível "por causa da quantidade de sonho

que tem ali. E o sonho humano é o mesmo em todo o mundo" como afirma Ariano Suassuna, em "O Sertão Mundo de Suassuna[3]". A segunda conquista foi a do calendário escolar. No primeiro ano de funcionamento da escola, que abriu com o turno da tarde e da noite, isso permitiu que no turno da noite a maior parte das lideranças se inscrevessem e voltassem a estudar. Nesse ano, chegada a época das festas e dos recessos começaram os embates culturais e políticos. Primeira questão, a festa de junho, a comunidade sempre festejava durante os dois dias 23 e 24 de junho, enquanto que no Município só o dia 24 de junho era considerado de festejo, sendo esse o dia de feriado. Segunda questão, em julho, o calendário municipal que regia todas as escolas, incluindo as escolas do quilombo até 1995, previa um recesso escolar de quinze dias, sendo que no quilombo o recesso eram os primeiros quinze dias de agosto tendo em conta o grande festejo da Nossa Senhora de Assunção. Festa essa famosa em toda a região.

Se antigamente isso não era um problema era porque os quilombolas não tinham o direito de estudar, nem de ensinar nas escolas, sendo apenas até à 4ª série, e isso acabava por não comprometer muito os festejos, mas agora, com o direito de estudar até à 8ª série, onde as lideranças frequentavam o turno da noite, alguma coisa precisava ser discutida, dialogada, alterada, e era o calendário escolar. O direito de alterar esse calendário cumprindo o tempo letivo obrigatório para a escola, oferecendo autonomia à gestão da escola implicava uma mudança apenas na escolha dos dias de recesso. Essa discussão aconteceu com a gestão escolar e as lideranças da comunidade, a proposta foi apresentada ao Município que aceitou a alteração.

De maneira que em 1996, acontecia pela primeira vez na escola quilombola - com o turno da tarde e da noite – o acesso escolar para todos e todas, onde a maioria das lideranças conseguiam finalmente estudar. Ao mesmo tempo que se cumpria e se respeitava o contexto identitário e cultural da comunidade dentro do Município, a partir da construção de um calendário que cumprindo o horário obrigatório do calendário escolar municipal, cumpria também o horário obrigatório que a comunidade tem há muitas gerações de forma a preservar os seus costumes e os seus valores comunitários. Surgia assim o resultado obtido de uma luta assente no diálogo e permitindo a segunda conquista: o calendário específico.

No fim de 1996, ano de eleições e o Município ganha um novo governo e começam alguns retrocessos. No início de 1997, e no 2º Distrito de Salgueiro é retirada a gestão quilombola e os/as professores/as quilombolas ou professores/as simpatizantes do movimento que era propício à mudança: são afastados da mudança que consistia em pensar a escola, no local e no global; de reconstruir relações entre os povos, baseados no diálogo e no entendimento; de destruir as barreiras do racismo e da abertura de que é na diferença que nos

3. www.youtube.com/watch?v=Xgfu4eDuzE0 (41:43).

respeitamos e desenvolvemos os laços dos direitos para todos e todas. Então este é o primeiro retrocesso.
Na escola quilombola são colocados professores do Município que cumprem, mesmo sendo obrigados, as ordens que o Município manda. O segundo retrocesso que o novo governo assume é o de anular o turno da noite - dessa forma, as lideranças não poderiam estudar e não teriam espaço para novas conquistas - sob a desculpa de que se tratava de uma zona muito agressiva e era muito violento dar aulas e estudar à noite nas escolas quilombolas. De referir que os professores/as deslocavam-se diariamente para a Conceição, e nos tempos da chuva faltavam regularmente.

> "Eu tava com vinte e cinco anos. Quando comecei a estudar de novo. Era na José Mendes. Quando foi construído a José Mendes. Aí pronto, consegui fazer 5ª e 6ª série. Quando chega a 6ª série, que é que acontece? Entra uma diretoria na escola que não quer manter o horário da noite. Mas as pessoas mais velha, aí já tinha um grupo bom estudando à noite, e essas pessoas só podiam estudar à noite, e eu era uma delas, fizeram monte de campanha. Conseguiram fechar o horário da noite."
> (Aparecida Mendes,entrevista,2012)

Não foi uma luta fácil, como podemos constatar, mas a vontade de estudar e de lutar por todos os direitos manteve-se e a semente de que seria possível mudar ficou a germinar durante este mandato. Por isso, durante o ano de 1997 lutou-se por preservar a conquista do calendário específico. Apenas duas professoras, Márcia do Nascimento, quilombola, e Silvanete Maria da Silva, professora do Município, simpatizante do movimento, contra as ordens do governo mantiveram a escola aberta durante o recesso de julho, que acabou por ser fechada à força durante esse período. Em agosto, independentemente da presença dos/as professores/as nenhum aluno compareceu. O resultado foi a prática do calendário específico em 1998, mas os conteúdos pedagógicos específicos e diferenciados não foram praticados. Parecendo um período de muito sofrimento com algumas pequenas, mas significantes, conquistas, a necessidade de estudar e conversar sobre a Lei da Constituição Brasileira tornou evidentemente a luta quilombola para um patamar mais consciente, mais preparado, mais unido, mais forte.

Neste vai-e-vem a conquista é grande, embora lenta acontece com muita força, pela união e pela vontade do povo, e pela construção da escola Professor José Mendes, a discussão do diferenciado começa a crescer e não irá mais parar.

A comunidade não se organiza e não defende apenas a escola, mas sim todo o território. E enquanto a escola permanece intocável, em 2000 inaugura-se a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, a AQCC, e nela constitui-se a Comissão de Educação, entre outras comissões importantes dentro da comunidade, para discutir educação específica e diferenciada.
Em 2001, muda o governo, este mais aberto ao diálogo e ao pensamento da igualdade e da diferença é então quando a escola Professor José Mendes e a escola José Néu de Carvalho retomam as conversas sobre um calendário sócio-cultural da comunidade e currículo diferenciado, resultado dos encontros que continuaram a existir sobre educação específica e diferenciada voltada para a comunidade.

Alguns momentos dos encontros de pesquisadores/as durante o trabalho realizado na comunidade coincidia com o horário estabelecido no calendário escolar. Então, à noite fui à escola. Nessa noite o encontro foi realizado com estudantes pesquisadores da Turma EJA, Ciclo IV, a convite da educadora Jocicleide (Kêca). Dessa forma, na aula de História, contei alguns dos costumes da minha cidade, o Porto! E como estavamos em junho, nada melhor do que falar do S. João.
Conversamos com um mapa mundo à nossa frente, falamos sobre religião, sobre o encontro/desencontro entre culturas, sobre desenho, sobre comida, sobre a casa, a escola, a dança, a fala... e fizemos tudo isso enquanto desenhamos :)

Marcamos outros encontros para estudarmos juntos!

A Escola Bevenuto Simão de Oliveira

Foto: Adriana Oliveira,2014

O território quilombola compreende uma relação de cooperação entre vários Sítios. Chegando à Vila Centro, podemos pegar outra estrada de terra que, também ela, liga a Salgueiro. Nesse caminho passamos pela Vila União, Igrejinha, Lagoinha, Sítio Paula, Paus Brancos.

A 6 km da Vila Centro, fica situado o Sítio Paula, a escola que tinha aí era também conhecida como escola rural, hoje é conhecida como Escola Bevenuto Simão de Oliveira, em homenagem a uma liderança da comunidade que doou o terreno para a construção da escola.

Em 2007, tinha apenas três divisões: duas salas de aula e uma sala para reuniões, como não era protegida acabava por ser ocupada pelos animais quando não estava a ter aulas. Isso fazia com que as pessoas se desleixassem em relação ao espaço, em vez de cuidarem, caso se partisse um vidro, ficava assim mesmo. Era conhecida pelo Município como escola isolada e aplicava um projeto político pedagógico igual a todas as escolas isoladas do município. Tinha duas professoras da comunidade que cumpriam as diretrizes que o município mandava para todas as escolas do campo que eram multi-seriadas.

O planeamento era feito a partir de uma coordenadora que vinha de Salgueiro, embora muitas vezes essa coordenação falhava a marcação e atrasava o

Foto: Adriana Oliveira,2014

planeamento deixando as professoras sem programa. Na realidade, não tinha planeamento para aquela escola, até porque aplicavam o mesmo planeamento para qualquer escola que fosse considerada 'isolada', rural e multi-seriada.
Marinalva - hoje é a coordenadora da escola, mas também é gestora e secretária - conta que Givânia foi quem a indicou para dar aulas na escola Bevenuto Simão de Oliveira, nessa altura ela estava a dar aulas no Sítio Tordilho,

> "Só que uma vez eu tava em casa e... meu marido disse "eh Givânia disse que é pra tu ir lá". Aí ela chegou "Não, seu lugar é lá na Paula, você tem que ir fazer a mudança lá, porque... a escola não tá funcionando bem por isso e isso." Aí eu terminei vindo, como professora pra uma turma que tava com muita dificuldade, no quinto ano. E fiquei seis meses... no quinto ano. Como a escola aqui não tinha coordenação... o currículo não era dessa escola... Eu digo que não era dessa escola porque era de todas. Não é? A proposta não era daqui. E aí eu já vinha num processo mais de, de conhecer mesmo essa educação diferenciada."
> (Marinalva[4],entrevista,2012)

A chegada de Marinalva enquanto professora começa por alterar o planejamento[5]. Tendo em conta que quem fazia o planejamento era uma coordenadora de Salgueiro, ela junto com as outras professoras começam aos poucos a pensar o tema, a planejar passo a passo as atividades e os conteúdos a ser trabalhado e como serão trabalhados.

4. Marinalva, quilombola, educadora, nasceu em 1978. Gestora na Escola Bevenuto Simão de Oliveira.

5. Embora em português de Portugal o termo usado seja planeamento, no português do Brasil é planejamento, por isso quando remeto a ação num ambiente de comunidade da Conceição das Crioulas utilize o termo planejamento para referir planeamento. É normal ver os dois termos a ser utilizado.

Em 2008, é já denominada de coordenadora e começa a ir em busca de melhores condições a nível de infraestrutura para a escola. Mas não é Marinalva sozinha, é com a ajuda da Associação dos Produtores Rurais do Sítio Paula e com o apoio da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas que a escola Bevenuto Simão de Oliveira se estrutura a partir da comunidade para o Município.

A educação na Conceição das Crioulas é familiar, nas rodas de conversa, nos terreiros, nas danças, nos jogos, nas brincadeiras, nas novenas, na roça, nas igrejas, nas festas, nas feiras, habituados a ver a escola longe de todos estes costumes e conhecimentos - conhecimentos estes desvalorizados - ao fim de muitos anos, com o exemplo da escola que ali se encontrava, as pessoas não confiavam numa Direção quilombola, nem tampouco nos/nas professores/as quilombolas, e essa foi também uma grande conquista: levar as pessoas a confiar na sua própria educação, a valorizar o seu conhecimento, os seus costumes - a escola na Conceição das Crioulas é na invisibilidade, por ser da zona rural, por ser negro – a ocupar o lugar de falantes dentro da escola.

> "Na escola, por exemplo. Nessa escola há seis anos atrás, a gente tava fazendo a reflexão de que... as famílias... não acreditavam nos educadores da comunidade. E aí, é como se um sonho fosse realizando, não é? Porque hoje já ninguém fala em... ninguém da comunidade aceita professores virem pra cá. Então professor só prestava se viessem de Salgueiro. Isso não tem muito tempo, tem seis anos. E aí, eu tenho um relatório que emprestei a uma professora e ela não me devolveu mais, que era muito importante pra gente, que eram as metas que a gente tinha de cinco anos. Teve meta que a gente conseguiu antes dos três. Que era... tipo... provar pra comunidade que a gente fazia isso. Agora noutras palavras, né? E aí, hoje a gente já tem confiança na comunidade, não é? Já tem, quando eu digo... cada professora vai fazer sua despedida com sua e seus alunos, então as mães, elas se organizam. Aquele bolo ali foi cada mãe que contribuiu. Com ovo, com massa com... cada mãe comprou seu presente pra seu filho trazer. Então quer dizer, já é uma confiança. A gente já sente que é... Não é? Já confia. Já disse "Ah..." Nenhuma mãe não vem aqui saber porque é que o menino vai... vai por um riacho, vai por um pau, não é? Porque a gente já botou essa diferença que tem que as crianças aprendem. Porque quando elas vêm de lá, elas vão produzir um texto de coisas que elas viram, que elas pegaram, não é?"
> (Marinalva,entrevista,2012)

Mas essa relação não é apenas diferente entre as professoras e as famílias, essa diferença acontece dentro da própria escola, entre os educadores, e entre os educadores e estudantes, num encontro de pesquisadores/as na escola realizada em Abril de 2014, a educadora Meire[6] sublinha:

> "É assim, aqui enquanto escola Bevenuto que as pessoas não acreditavam muito, não é? É o que, das experiências, que orienta e que recebe mais pessoas aqui... E desde que.. Marinalva entrou aqui, as coisas vêm mudando pra melhor. E uma das qualidades daqui, o que eu sei eu digo, que é qualidade, é ponto positivo que... qualquer formação que ela vai, a Conceição ou Salgueiro, ela chega e repassa pra gente. Tem escola que não tem, né? Não socializa não. E aqui sempre, qualquer formação que ela vai, que não acontece ainda, ela tá informando que não vai tar na escola, vai participar em qualquer coisa, e a gente tá contente. E ela vai, e ela vem e... repassa. E tudo o que a gente faz também aqui que é... somos parceiro em tudo. A gente planeja juntas, vai às comemorações juntas, em tudo a gente tá junto. E esse livro aqui também, que pois é com crianças de quatro, cinco, seis anos, no tempo não queria que as crianças fizessem porque eles não tinham capacidade de fazer o trabalho deles."
> (Meire,entrevista coletiva, 2014)

6. Josimeire, educadora quilombola na escola Bevenuto Simão de Oliveira, graduada em Educação.

Escolas

Foto: Adriana Oliveira,2014

Em vários sítios na comunidade quilombola existem escolas e embora o Estado limite o território, para quem vive ali, a identidade não é uma fronteira geográfica, o território dessa forma é um 'território expandido', diz Márcia, professora quilombola, que nasceu em 1974, e conta

> "Então, assim, eu saí de casa pra Salgueiro com doze anos, né? Minha mãe foi minha professora, foi quem me alfabetizou e eu repeti três anos a mesma série, porque não tinha de quinta em diante. Só tinha até à quarta. Então fiquei repetindo, repetindo. No Cruzeiro do Sul."
> (Márcia,entrevista,2012)

O Cruzeiro do Sul fica fora do território definido pelo Estado como sendo território quilombola, o que foi comprado pelas crioulas fundadoras, mas isso não impede a pertença da identidade quilombola tendo em conta que quem vive ali é negro também. Hoje as crianças do Cruzeiro do Sul frequentam as escolas quilombolas do Centro da Vila, e a escola que existia no Cruzeiro do Sul foi desativada, a exemplo de outros Sítios onde não se justificava ter escola aberta.

> "Eu mesmo, fico assim, me perguntando. Porque assim, meu pai, ele mora na área indígena. Minha família é toda de lá, da área indígena. Eu trago, minha primeira sala de aula foi lá, no Poço da Pedra, na Escola de Santa Luzia. E aí quando foi de me vir para aqui é, foi... Givânia foi quem propôs para mim. Que tinha uma minina[7], que trabalhava aqui, que era de lá. Só que ela tava com um problema de saúde e queria trabalhar mais perto de casa."
> (Penha[8],entrevista,2012)

7. O reforço em manter na escrita alguns elementos orais enfatiza alguma semelhança ao crioulo que várias vezes ouvi como por exemplo: piquinim, arrozim...

8. Maria da Penha, quilombola, educadora, hoje trabalha na equipe gestora da escola José Néu de Carvalho e terminou a graduação em pedagogia na FACHUSC. Faz parte da comissão de educação e comunicação da AQCC. Nasceu em 1977.

Mesmo dentro do território definido pelo Estado como sendo quilombola existem escolas indígenas e uma escola no Assentamento, que funciona com o Projeto Político Pedagógico do Município que se destina às escolas do campo ou zona rural.

No capítulo anterior acompanhamos os passos que foram dados para a escola se institucionalizar e como ela foi construída e vivida, fizemos um pequeno 'apanhado' dos métodos e da gestão e das leis que mudaram e fizeram com que hoje existam 'regras' bem definidas para estudar, para atingir determinados patamares reconhecidos pelo Estado.

Adalmir refere que quando entrou na faculdade, num dos seminários a professora explicava que ali iam estudar as várias educações: as educações do campo, a educação indígena, entre as outras. Adalmir (roda de conversa,2014) questiona se vão estudar a educação quilombola, e a resposta imediata é que

tal educação não existe, " Como assim professora? Se eu estudei na escola, se a gente faz educação diferenciada, dentro da comunidade, e você vem dizer que não existe... - Não, isso não existe não, isso é coisa de você". Este é um dos exemplos onde a prática existe, porém o reconhecimento nos documentos do Estado de que tal prática acontece, está omisso. Essa educação quilombola, ela existe sim na prática, lado a lado com as outras educações. Sabemos que esse reconhecimento só pode existir a partir de uma mudança da lei.

> "quando a gente volta em 2001... todas as escolas do território faziam, vivenciavam o mesmo projeto, a formação era coletiva, todo o mundo... quem coordenava a formação no específico era o Centro Luiz Freire então, muitas atividades esses projetos que a gente, o PPP hoje, que hoje se restringe à escola Bevenuto, Doralina, Mendes e Néu eram as escolas de todo o território, todas elas eram o mesmo, foi começado por todas essas... Foi quando as coisas foram acontecendo e foram criando aldeia, quando foi campo e estadualizando e hoje só tem as quatro."
> (Maria Diva,entrevista,2012)

Mas na comunidade, é difícil separar escola e educação por isso aprender não acontece somente nas 'quatro paredes' da sala de aula, ou dentro dos muros, ela estende-se para todos os lugares, por isso não é de estranhar que se chame escola a vários pontos geográficos na comunidade.

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC – foi fundada no dia 17 de julho de 2000. Na altura da sua fundação a comunidade tinha 3.800 habitantes e foi formada pelas lideranças das dez associações de agricultores e agricultoras da comunidade. Inspirada na Associação do Poço da Pedra, a AQCC passa a ser a detentora do título da posse do território de Conceição (16.865 hectares). Em 2002, com a conquista do I Prémio Banco Mundial de Cidadania no Encontro Nacional de Experiências Sociais Inovadoras realizado em Brasília, fazem da casa localizada na Rua do Campo, na Vila Centro, a sua sede.

Para além da regularização fundiária as lutas da AQCC travam-se no campo da educação específica e diferenciada e no desenvolvimento sustentável a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspetiva do fortalecimento da identidade quilombola.

Nela se constituem várias comissões temáticas, nomeadamente, a de educação, cultura e esportes[9], saúde e meio ambiente, geração de renda e comunicação.

9. Esporte é o termo utilizado para definir desporto. Optei por utilizar o português do Brasil.

> "É, já por influência da AQCC, e as comissões, eles falavam. E eles... de Célcia que falavam muito da gente, também para participar das linhas da associação, o que incentivava até hoje é reforçado. E a gente traz dos estudantes a participar dos seminários que a AQCC promove. E aí nesses convites, (que às vezes, a gente diz as coisas na sala de aula e pensa que o aluno, o estudante não está prestando atenção) e aí, eu comecei a participar de uma das comissões da AQCC. Naquele tempo da comissão da juventude. Eles não sabiam o que tavam fazendo, naquele tempo. (risos) Porque, eles começaram a incentivar a gente a participar das atividades. A gente começou a participar e, no meu caso, eu gostei de participar, eu gostava de participar e aí, começou as discussões. Naquele tempo, a comissão da juventude ela era uma comissão forte e a gente ía para as reuniões para debater sobre todas, todas as temáticas e a gente debatia sobre tudo, território, educação, a questão de género e... na questão da educação, a gente uma vez teve um embate muito forte eu acho que... algumas das mininas aqui até ainda lembra... na questão de trabalhar com as coisas da comunidade, do que já era feito... Eu lembro até que teve uma pessoa que disse, – talvez um dia você vai estar em sala de aula... e aí, eu quero ver, o que você vai fazer ferente a isso... – E eu nunca me esqueci dessa frase porque, quando a liderança falou, a gente questionava a questão de trabalhar com vídeos que era produzido pelos Crioulas e todos os aspectos da comunidade que já era feito e nas nossas discussões a gente também cobrava isso, na questão educacional. E aí, passando essa fase... cá estou eu, em sala de aula hoje."
> (Fabiana,roda de conversa organizada pelo intercâmbio IDENTIDADES/CrioulasVídeo,2014)

Em 2003 Givânia ocupava o cargo de vereadora no Município de Salgueiro e atuava para a melhoria da comunidade, tendo em conta que a festa da padroeira da comunidade – Nossa Senhora de Assunção – é celebrada nos primeiros 15 dias de Agosto, e a escola já praticava o calendário segundo os costumes da comunidade, neste ano a AQCC organizou com os parceiros um conjunto de oficinas a acontecer durante a festa, então durante duas semanas cada pessoa inscreveu-se nas oficinas que queria e podia consoante o horário; as opções foram: contação de estórias, teatro, história africana, artes plásticas e dança africana. Nessa programação o CCLF apresentou à comunidade o seu parceiro ID, que participava na festa com a oficina de artes plásticas e a oficina de teatro.

Podemos dizer que é em 2003 que esta pesquisa dava os seus primeiros passos, integrando-se numa investigação com vários focos, este é um dos resultados, podemos ao fim de 12 anos de encontros e parceria ter acesso a outras leituras apresentadas por outros autores que integram o projeto. Quer nos Trabalhos Conclusão de Curso (TCC) quer nas teses de Mestrado e Doutoramento da Universidade do Porto. Não porque esse fosse um objetivo traçado nesse instante, mas porque dos encontros marcados ano após ano, da partilha que surgia em todos os encontros, da vontade de continuar a aprender a ver, a ouvir e a viver Conceição ganhou um papel insubstituível na vida do movimento intercultural IDENTIDADES.

Do comprometimento que devagar foi surgindo, aprendi que para desenvolver a pesquisa nas escolas da Conceição das Crioulas, era necessário desagarrar[10] das aprendizagens que a escola que frequentei me permitiram aprender para viver na escola diária da Conceição das Crioulas. Lembrando esse primeiro momento na comunidade, nessa festa, nesse calendário específico, nessas escolas feitas nas salas de aula, nos pátios da escola, na rua, nas instalações da AQCC, na igreja, na praça, no mercado, nas instalações do P.E.T.I., durante o recesso escolar de Agosto, passei uma temporada de setembro a dezembro de 2012 na comunidade e mudei-me para a casa da Márcia de setembro de 2013 a dezembro de 2014.

10. Termo utilizado, e que eu peço emprestado a Marinalva quando ela explica de que forma é que as professoras quilombolas conseguiram construir e planejar o seu calendário e didática específicas. Foi desagarrando dos hábitos que a escola já tinha.

Da escola Professor José Mendes para a escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes

Foto: Adriana Oliveira,2014

Tendo em conta que para concluir o ensino médio e tendo em conta as condições de acesso para a viagem diária para a escola, normalmente à noite, foi criada uma extensão com a escola Carlos Pena Filho, Salgueiro, na escola Professor José Mendes que se manteve até 2012. Começava mais um passo para que todo o fundamental, o médio e magistério acontecesse dentro do território quilombola. Poderia ser construída uma escola de ensino médio na comunidade, mas isso já não era suficiente, era preciso construir a primeira escola quilombola de ensino médio, e essa foi a luta vencida em 2011, com a inauguração da Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina. A partir de 2012 o ensino médio e o magistério passa a funcionar em sua plenitude na escola Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes.

As conquistas que se realizam na Conceição das Crioulas é uma batalha diária, como podemos ver, e mesmo quando um passo é dado a atenção precisa ser redobrada tendo em conta que na comunidade a prática de um currículo diferenciado sempre existiu, embora não reconhecido pelo Estado. A necessidade de se dialogar com o Estado sobre o currículo que se pratica, torna muitas vezes a teoria dessa prática reformulada correr o risco de se perder. Por um lado a tradução da prática para a teoria (dentro dos parâmetros já estabelecidos e pouco orgânicos) já implica a perda de vários detalhes riquissímos que a sistematização de um acto produz. Uma espécie de estilização de determinado conteúdo. Por outro lado, se a teoria (escrita) é mais valorizada que a prática (oral, gestual,...) então a tradução da teoria realizada para a prática precisa ser feita por alguém que já possui um conhecimento empírico sobre o que lê.

As ordens que o Estado se mune para que a partir dos argumentos da interpretação de que as leis estão acima de qualquer outra vontade social e coletiva onde, na escola os argumentos são fundamentados são fundamentados no estudo e na aplicação de métodos pedagógicos e programáticos que coloca a obrigatoridade da educação quilombola na Constituição das Leis. Sendo que as leis são criadas pelas pessoas para pensar a sociedade e a sociedade é o conjunto das pessoas que estabelecem as leis, a demanda hoje é que a Lei permita uma relação harmoniosa entre todos e todas. No entanto quando o poder é hegemónico, como foi durante muitos séculos, a Lei não prevê esses espaços específicos, esse encontro entre povos num sistema social único. O desafio hoje é que a Lei represente todos os povos, essa variedade rica e diversa que existe no mundo. Essa harmonia é equilibrada quando existe diálogo e é no diálogo que se estabelece uma relação de aproximação de interesses, primeiramente quem deve dizer o que é educação diferenciada – sendo que se coloca em questão a educação dita normal – são os praticantes dessa educação, quem está de dentro porque existem sempre espaços comuns e espaços diferentes para cada um. Essa realidade deve partir sempre do contexto e da busca de sentido de cada povo para uma melhoria nacional, global.

> "O nome dela ter sido escolhido para aquela escola não foi simplesmente porque ela morreu há pouco tempo e a gente tava, a escola, já em discussão para qual era o nome. Porque ela também tava em reunião, que a gente tava discutindo qual era o nome que a gente botava. Ela participou ainda de reunião. Qual será o nome que a gente dá a essa escola? A gente poderia dar o nome de uma mulher porque a gente já deu o nome, já tem o nome de homens nessas escolas, na comunidade, só tem nome de homem. Então a gente poderia dar um nome, aí ficou que tinha morrido uma pessoa que era aluna, era Auxiliadora. Tinha morrido, e tinha outro que a gente tava em discussão. Era Auxiliadora e Totô, que é pai de Andrelino. A gente ainda não tinha fechado, tava discutindo qual era o nome que a gente colocava nessa escola. Então, assim, foi unânime, quando Rosa morreu pessoa disse, o nome de Rosa agora. A gente bota o nome dela, que é assim, era uma professora e tem tudo a ver. Tudo a ver pra botar o nome dela."
> (Lourdinha[11],entrevista,2012)

11. Lourdinha, liderança quilombola, artista e educadora.

Rosa Doralina Mendes enquanto liderança quilombola foi educadora e artista e uma mulher de luta e coragem, a exemplo de muitas mulheres quilombolas. A Conceição das Crioulas é também um marco na dinâmica feminina que pratica. Toda a história conta que os primeiros passos dados na comunidade foi feita pelas mulheres, e que mais tarde vinham os homens e lutavam ao seu lado. Mas os nomes das escolas da comunidade não refletiam essa realidade. A primeira escola quilombola do Brasil veio, também, marcar essa diferença.

> "A boneca de caroá? 2001 a gente começou com o artesanato diferenciado aqui. Que a gente já tinha a história de Conceição. Tem tudo a ver com artesanato, com a história de Conceição, desde o início que tem a ver. As mulheres plantavam o algodão e faziam os novelos e vendiam nas casas de Flores. Aí desde 2001 a gente começou a fazer o trabalho com caroá, com um rapaz que é de Salgueiro, que mora em Recife. O curso dele pediu na finalização, do curso dele, para desenvolver uma atividade numa comunidade e aí ele escolheu a Conceição. E aí veio trabalhar a gente com caroá. Pediu para a gente levar tudo, algo que a gente soubesse fazer. Aí a gente levou. As pessoas levaram uma bolsa de caroá, um negócio assim totalmente diferente. Então, a gente começou com artesanato em 2001.
> Em 2002 a gente começou a fazer umas bonequinha, até esse rapaz disse assim, (que eu gosto muito de fazer uns penteados

> assim, uns cocozinhos, umas bolinhas, e aí eu tava assim. Sempre quando eu faço tem aqui e acolá uma pessoa que diz 'parece uma bonequinha a Lourdinha'), aí ele foi e disse 'a gente pode fazer boneca de caroá também'. 'Vamos fazer boneca de caroá?' - aí a gente começou a fazer as bonequinha e depois surgiu a ideia das bonecas a gente dar nomes. 'A gente vai dar nomes às bonecas!'.
> E foi daí, desse estudo dele, que a gente começou a fazer essas bonequinhas. Aí eu fui uma das premiadas também. Eu assumo. Eu digo que sinto muito orgulho em ter sido homenageada, mas não é só a minha pessoa que foi homenageada porque é assim, a gente foi homenageada por categorias. Eu represento as professoras, eu fui homenageada enquanto professora. Nome é como se a gente dissesse assim 'saúdo a mesa em nome de tal', e assim, eu ali estou saudada em nome de todas as professoras. Aqui tem também várias mulheres que são parteiras. Teve uma boneca que foi uma parteira homenageada. Pessoas que trabalham com barro, várias pessoas que trabalham com barro, aí uma foi homenageada. Francisca, uma das mulheres que chegaram à comunidade que deram nome à Conceição das Crioulas, eram seis mulheres que chegaram aqui em Conceição, uma era Francisca Ferreira né? Então foi homenageada em nome das outras mulheres. Eram seis mulheres e Francisca Ferreira foi homenageada, então, ela foi a mulher mais velha da comunidade a ser homenageada. Hoje temos viva, Lourdinha, que sou eu, tem Generosa uma das mulheres que foi homenageada, Madrinha Lourdes, Leosa, Josefa e Anabela. Já morreu Tia Toinha, Júlia, Francisca Ferreira. Três mulheres que morreram e sete viva. Hoje nós somos essas mulheres que fomos homenageadas, isso é mais, muito bom.
> (Lourdinha,entrevista,2012)

Nas obras de arte podemos observar o significado, a simbologia e o testemunho dessa representação. A partir das bonecas muitas mulheres já estavam sendo homenageadas, e continuaram, por fazerem parte da história da identidade, da perseverança, da resistência, da fundação e da edificação da comunidade de Conceição das Crioulas. São retratos históricos, são registos da pertença da comunidade na história de arte.

E porque a história e as contribuições para que os traços culturais sejam elementos orgânicos, hoje temos uma nova boneca, a boneca Valdeci, liderança quilombola. Hoje Valdeci é a Presidente da AQCC. A sua homenagem surge da força e coragem que ela enfrenta diariamente, desde muito cedo.

Viúva, cuidou de três filhas, da sua família, num mundo onde o machismo

impera, garantiu a sua sobrevivência familiar mantendo o bar que tinha com o marido, cuidando da terra e dos animais, essa foi a forma durante muito tempo que encontrou para repassar os seus conhecimentos, a sua relação com a terra e com as pessoas.

Após um acidente de viação, em novembro de 2010, viu os seus movimentos confinados a uma cadeira de rodas, ainda assim hoje é um testemunho de luta porque a sua voz continuou a ouvir-se, o seu sorriso a encher lugares, a sua generosidade a percorrer serras. Assim mesmo transformou novas limitações à luta, para criar condições de vida na comunidade que inclua cadeirantes, nas condições das casas públicas, da casa privada, na rua, na quadra, na biblioteca, para criar relações na comunidade com os agentes de saúde, na área da fisioterapia, embora seja uma luta lenta ela vai acontecendo assim mesmo lentamente – para a sua recuperação, que necessita obrigatoriamente de acompanhamento diário de fisioterapia, Valdeci vê-se obrigada a deslocar-se até ao Recife ou Rio de Janeiro. Na luta por essa nova consciência, que as condições de vida podem mudar, mantêm a relação com a antiga consciência, de que existem enquanto comunidade, enquanto coletivo. É assim que Valdeci

continua a estudar, a lutar pelo sonho de ter o seu próprio restaurante, com o apoio e a colaboração da comunidade, dos familiares, dos parceiros que estão distantes, e, dessa forma, todos os dias podemos ver a conquista e a força feminina e negra de superação, resistência e perseverança.

> "Ela dizia, assim que, teve um ano de 2009 ou foi 2010 mesmo. 2009, a escola José Mendes chamou ela para ir, fazer, dar oficina. Aí ela foi, ficou tão alegre que tinha ido, ela disse 'até que enfim a escola viu que era interessante, tinha tanto medo de morrer e as pessoas não aprender a fazer o que eu sei fazer'. Aí é assim, era uma coisa que ela, e foi dar oficina a mulheres que estava trabalhando com artesanato noutras localidades. Era uma coisa assim muito boa que ela... um orgulho que ela tinha de morrer e as pessoas não aprendessem o que ela sabia. Então, isso é muito forte. Ela não tá viva mais, a carne, mas espiritualmente, nas lembranças e o querer dela, a vontade dela, conta muito, né. (...)
> Que a questão de arte, de valorizar arte, eu acho que ela... não, se por acaso fosse uma coisa que pudesse, que a gente não bota o nome de uma escola, nome de uma rua, de uma pessoa viva... aí, se fosse o caso, para dizer assim, enquanto Rosa estava viva botasse o nome de Rosa naquela escola eu tenho a certeza que ela ía querer que aquela escola tivesse coisas de arte."
> (Lourdinha,entrevista,2012)

Rosa Doralina, a escola procura ao aplicar o currículo diferenciado quilombola, trabalhar os seus conhecimentos na sala de aula e, aos poucos, preparar o espaço para receber as obras de arte da comunidade feitas com barro, com a fibra caroá, para decorar o espaço. Mantendo os espaços abertos com terra, plantar dentro da escola as plantas nativas, as resistentes e as que dão a sombra necessária, permitindo que o encontro dos intervalos, as reuniões, os intercâmbios, as recepções das visitas aconteçam debaixo das árvores, como sempre aconteceu. É assim para quem frequenta diariamente as instalações escolares mas também recebe e acolhe quem visita a escola, e assim mesmo não conheça apenas uma escola mais aprenda mais e melhor sobre a arte, a natureza e a vida que se respira em toda a comunidade.

Hoje, quem passa na rua já não fica indiferente, logo à entrada podemos ver símbolos pintados no muro da escola que contam a história da Conceição.

Gestão Diferenciada

Foto: Adriana Oliveira,2014

> "O município de Salgueiro, nesse momento, sofria alterações importantes na estrutura administrativa, elegendo como gestora municipal uma mulher, professora e ligada aos movimentos sociais e pastorais, quebrando uma sequência de cerca de 30 anos de administração municipal de partidos mais conservadores e comprometidos com outros interesses, principalmente com o grupo que ocupava ilegalmente o território de Conceição das Crioulas. Esses fatos também contribuíram com as mudanças em Conceição das Crioulas – a relação da gestão do território com a gestão do município/estado se configurou em aspectos extremamente relevantes para que se tivessem avanços ou retrocessos. Nesse caso, a mudança na gestão municipal trouxe novas possibilidades e alianças, que, de forma dialogada, contribuíram com um pensar diferente em relação à comunidade quilombola de Conceição das Crioulas."
> (Silva,2012,72)

Ao observarmos, principalmente, a história da primeira grande conquista no campo da escolarização dentro do território quilombola, a escola Professor José Mendes, rapidamente aprendemos a questionar a responsabilidade da equipa de gestão das escolas. Se o foco se baseia na aprendizagem dos estudantes, formando-os conscientes para o meio que o rodeia e para os outros, o importante é entender esses mecanismos de ação e de diálogo entre o interior das infraestruturas escolares e o exterior delas. Dessa forma também podemos ver que uma escola que mantenha uma relação mais próxima da realidade da comunidade, não só os estudantes como também os agentes de educação apreendem com mais propriedade das matérias de ensino que são trabalhadas. Assim a educação de cada pessoa é acompanhada de forma mais completa, juntando o conhecimento da criança, do adolescente, do adulto aos conhecimentos da escola.

> "Mas também, o olhar a partir dali já começou a diferenciar em relação a gente, nem que fosse para dizer que a gente só queria ser... E é tanto, que Fabiana coloca essa questão, de... da escola não, não ensinar. Não compensa em relação somente o que tem em sala de aula mas que a gente possa, é, trazer as coisas que a associação quilombola, outras coisas que a gente vive na prática. Isso faz com que fortaleça essa discussão, né? Essa nossa luta por uma educação diferenciada."
> (Adalmir,roda de conversa,2014)

Nas escolas da Conceição das Crioulas existe uma prática para a qual a equipe gestora e o corpo docente deve estar preparado, exige trabalho, compromisso e um horário alargado, Diva explica o processo,

> "Então o tema é o mesmo. Então o ano passado foi educação, dos povos indígena, educação quilombola. Esse ano, território. Território, essa questão da luta, a questão da terra para os povos indígenas e território, Conceição das Crioulas, esse é o tema e isso não é a gente que diz. A gente no coletivo, a gente chama as lideranças, as pessoas, e eles, nesse momento pega isso, é melhor trabalhar isso. E a escola tem a missão de trabalhar. Porque território esse ano, né? Já está muito evidente, porque território... O ano que aconteceu, a primeira entrega de terra, da primeira fazenda em Conceição das Crioulas... então tinha todo o motivo para, para chamar a gente, trabalhar."
> (Maria Diva,entrevista,2012)

Foto: Adriana Oliveira,2014

No início de cada ano, as quatro escolas reúnem-se para discutir, definir e encaminhar o plano de ação. A partir dessa reunião, cada escola dentro das suas especificidades, de acordo com o nível de aprendizagem de seus estudantes, trabalha o plano de ação adaptando os conteúdos ao tema decidido coletivamente. Essa prática exige da equipe gestora e dos educadores disponibilidade para o diálogo e para o tempo que precisa até aplicar os conhecimentos na sala de aula. Para além do planejamento realizado na comunidade, também tem as reuniões e os planejamentos do município que não ficam colocados de parte. Para que o ano termine com aproveitamento e com bons resultados nos exames nacionais a adaptação ao calendário específico - conquista realizada com a escola Professor José Mendes – exige muita concentração, porque nenhuma reunião, nenhum encontro é tido como prioridade, todos são. Os do município e os da comunidade, o fazer da comunidade e as propostas pedagógicas do município, as metodologias quilombolas com as metodologias propostas pelo município. A participação de formação de professores do município e da AQCC.

Por isso a afirmação de que não pode haver currículo diferenciado sem uma gestão diferenciada é válida. Não para trabalhar o isolamento, mas sim para facultar o desenvolvimento integral da formação de cidadãos abertos ao diálogo, a si próprio e ao outro.

Se observarmos as leis são feitas pelas pessoas, e partindo desse princípio se as pessoas que decidem as leis não forem uma representação da diversidade da sociedade então as leis nunca contemplarão toda essa diversidade. Para quem pensa a escolarização como uma parte importante e estrutural da educação de uma sociedade deve ter em conta a quem fica entregue essa mesma gestão, quem coordena, quem cria a comunicação e as condições de trabalho.

E a escola quilombola não trabalha, não pensa e não vive apenas com quilombolas. Ela mantém-se aberta a todos os habitantes que nela queiram aprender e ensinar. Nas escolas quilombolas as/os educadoras/es, as/os estudantes, as/os merendeiras/os, as/os guarda-noturnos são quilombolas, indígenas e brancos e é nessa realidade que se assenta a discussão, a discussão de uma educação intercultural.

> "A gente tem vindo nessa política de formação, mesmo. Até porque a gente compreende que, é o processo, né? E também por conta dessa questão da, dessa continuidade dos mesmo professores. Não tem... Os professores são contratado esse ano, aí pro ano já é o medo... a seleção, já outro é selecionado e essas mudanças... A gente tem dedicado muito esforço nessa questão da formação. Para não dizer, não, não vou trabalhar porque não sei ou nem tive oportunidade de aprender... Então a oportunidade, a gente tem tentado fazer

na medida do possível para fazer, para investir nessa questão da formação. Aí tem uns certos... três anos já, que a gente vem, definindo uns projeto, o mesmo tema que a gente trabalha, o mês dos povos indígena, a gente trabalha o mês da consciência negra."
(Maria Diva,entrevista,2012)

Foto: Adriana Oliveira,2014

Formação de Professoras e Professores versus Encontro de Pesquisadoras e Pesquisadores

Quando a equipe gestora compreende a importância da escola na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, prepara-se e organiza-se para criar condições de trabalho entre todos os intervenientes da educação quilombola e a escolarização. Gestores e gestoras conscientes da especificidade da comunidade, planificam conteúdos, aplicam metodologias diferenciadas, procuram estratégias coletivas, em busca de sentido para todas e todos. Primeiramente preocupam-se na preparação de professores e professoras capazes de se envolver com a causa quilombola, comprometendo-se na sua integração e desenvolvendo as competências específicas e diferenciadas de cada um e de cada uma.

Por isso é que é importante que a gestão da escola acredite e confie a educação das suas crianças, dos seus jovens e dos seus adultos a educadores que formados dentro dos parâmetros e dos métodos da comunidade valorizem a educação quilombola, coletiva, de aprender a aprender a desaprender, que acontece fora das escolas e que continua a acontecer dentro das mesmas.
Para além das demandas internas da comunidade, o facto de desacreditarem durante séculos sobre a importância da gestão das escolas quilombolas entregues a educadores quilombolas, a relação entre a comunidade e os parceiros empobrecia. Sendo que a AQCC desenvolve atividades com parceiros de várias e diferentes áreas, as escolas para usufruirem das atividades que os parceiros propõem precisam estar sensibilizados para gerir o trabalho que os parceiros fazem e quando é o melhor momento para a equipa da escola.

Foto: Manuel dos Reis,2014

Intertexto

Jocilena Valdeci de Oliveira
(esta conversa/entrevista aconteceu na latada de casa da Valdeci, mãe de Lena. 2012)

Sou Jocilena Valdeci de Oliveira, moro no campo Conceição das Crioulas, tenho vinte e quatro anos e trabalho nas escolas Professor José Mendes e Escola Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes e autorizo o que eu falei a ser usado por Mônica.

– Costumas sonhar muito?
– Sim, se bem que nos meus sonhos... eu me lembro muito, quando eu tou sonhando. Às vezes até sonho que eu tou sonhando. Mas quando eu acordo, assim que eu tou acordada e tento lembrar, são poucas as coisas que consigo falar, quando eu tou sonhando. Eu tou sonhando que eu sonho que tou sonhando, tem uma história tão... é uma história tão formada. Acho meio interessante. Quando eu acordo... eu não consigo lembrar o meio, não consigo lembrar o final, sempre tem algum taquinho que desapareceu na minha mente. Há outra coisa que acho engraçado é que às vezes quando é um sonho que eu gosto, e acordo assim repetidamente, eu tento voltar ao sonho, então começo a pensar, pensar naquilo mesmo pra ver se eu consigo retomar. Às vezes dá certo. Outras vezes nem tanto...
– Qual a natureza dos sonhos que te lembras?
– Tem muito da minha família. E principalmente... nos últimos dias eu costumo sonhar muito com mainha, mainha vai voltar a andar... e que é pouca coisa, às vezes a gente fica achando que é tão real. É tão real mainha saindo... Eu costumo sonhar muito com ela, na cozinha fazendo comida, que é o que ela sempre fala, acho que fica... a gente dorme com aquilo né? Aí... E outras vezes eu costumo sonhar com Clécia... que morreu em dois mil e dez. Dois mil e nove, há três anos atrás, ela morreu. Acho que vai fazer, vai fazer três anos agora... dia... dia treze. Dia catorze de dezembro. Vai fazer três anos que ela faleceu. Aí eu costumo me lembrar muito dela. Eu acho muito bom quando eu tou sonhando com ela. Que aí é como se a saudade e a gente... ela tá com a gente então... mata um pouquinho a saudade. Eu gosto muito quando deus me deu essa oportunidade de sonhar com ela. É como estar com ela outra vez. Mesmo que seja apenas sonhando. É. E outras vezes eu costumo sonhar do meu futuro, que é... o povo perguntando, "como é que você vai ser quando crescer, qual é o seu sonho?" Eu não sei ainda, o que é que vou ser quando eu crescer... (risos) Que eu sei que crescer não vou crescer mais, mas... Mas não sei que é que eu vou ser quando crescer mais...
– Não vais crescer mais?
– Altura (risos) A minha tá... (risos) Já tá... (risos) Na Conceição se costuma dizer "qué que tu vai ser quando crescer?" As criançinha, né "mas, eu não vou crescer mais!" Mas ainda num sei... Cê me perguntou isso relacionado à profissão, né? E até hoje eu não sei. Estou em sala de aula... Mas não sei se é isso que eu quero... pro resto da minha vida. Da forma que é tenho a certeza que não. Sem ter tempo pra fazer outras coisas a não ser sala de aula. Que ultimamente é a minha vida, manhã, tarde e noite. Até fico brincando com o povo aqui de casa, as roupas que eu sujo só são fardas. Eu não sujo outras roupas. É de manhã, tarde e noite, é na escola. Então assim, de certeza que dessa forma eu não quero. E pode ser que eu queira ficar em sala de aula. Tento me interessar por outras coisas só que acho que sou tipo meio fogo de palha. Que é uma chama rápida mas apaga rapidinho também. Eu tento me envolver, eu gosto do vídeo... só que eu num sei se... Eu não sou de me entusiasmar por

muito tempo. Acho que é isso. Por nada, ainda. Tive uma vontade de dedicação assim pra que seja pro resto da minha vida. Aí até hoje eu tento, eu penso em fazer outras coisas pra ver se eu acho o que é que eu quero ser quando eu crescer. Mas às vezes eu acho que sou mole demais, não tenho coragem de enfrentar a vida, enfrentar outras coisas, sair daqui... pra ver o que é que realmente eu quero.

– E tu costumas sonhar com isso, com esses teus... desejos do que é que podes ser?

– Eu acho que toda a criança, né, sonha em ser alguma coisa bem grandioso... Eu já cheguei a sonhar que queria ser astronauta (risos) Mas assim... isso de astronauta passou rapidinho, mas o que sempre me fixou a mente era que eu queria ser bióloga. Bióloga e trabalhar no projeto Tamar, que é um projeto de Fernando Noronha, que trabalha com tartarugas marinhas. Aí assim eu me encantei com o projeto Tamar, só que aí eu acho que não corri atrás pra me profissionalizar. Até tentei fazer o curso de biologia pela faculdade aqui mais perto da gente. Só que é um curso que só habilita as pessoas mesmo até a sala de aula, de ensinar disciplina de biologia.

Eu acho que eu queria executar, colocar em prática mesmo, botar a mão na massa. O que é ser bióloga, trabalhar com os animais mesmo a sério. Esse também poderia ser o primeiro passo... mas na primeira barreira já mudei logo pra outro curso. Quando eu fui fazer faculdade, Biologia e Matemática eram os cursos que tavam começando, cursos novos na faculdade. Eram os cursos que, nesse ano só tavam acontecendo durante a manhã. E eu jurava que ía ter à noite, que era quando o transporte podia ir daqui da comunidade pra Salgueiro. Como num tinha pensamento de morar na cidade pra poder fazer o curso, acabei desistindo e fui caçar outro curso que eu pudesse estar indo todo o dia durante a noite. Aí foi isso que aconteceu. Fui fazer Letras. De última hora, na hora em que eu tava me inscrevendo, "Quero fazer Biologia" a mulher, "Biologia só tem no curso da manhã, no turno da manhã", aí eu digo "só de manhã?" ela "só de manhã que tem. Primeiro ano..." Aí eu digo "Então... faço Letras." Aí (risos) fui fazer Letras à noite mesmo.

Mas ainda penso em trabalhar no projeto Tamar. Só que acho que é falta de coragem mesmo, tar enfrentando a vida, enfrentando o mundo. Acho que as pessoas falam que me vêm muita coragem, porque tem coragem de fazer tudo. Mas acho que não tenho coragem nada... Já disse a Paiva, Paiva quero fazer mestrado lá em Portugal, e Paiva me dá a maior força. Mas eu fico pensando, será que vou ter coragem mesmo? Acho que para fazer um curso como eu penso pra trabalhar no projeto Tamar, que nem é tão distante, Recife. Aí eu num sei se tenho coragem de ir pa Recife. Me afastar daqui. Sei lá, acho que sou muito medrosa.

Aí eu me contento com o que a comunidade pode me oferecer aqui, que me oferece muito, mas acho que eu poderia ir mais longe. E vejo que estou envelhecendo, porque era sonhos que eu tinha... doutorado, eu pensava em tar terminando doutorado, nem sabia de que curso, mas eu queria ter um doutorado antes dos trinta anos, eu dizia isso. O que é que eu tou envelhecendo, eu não sei se eu vou ter coragem mais pa pensar isso, pra pensar, imaginar, imaginava muito. Mas acho que até isso, não sei se ainda tenho tanto ano.

– Tu tás com quantos anos?

– Vinte e quatro (risos). Acabei de fazer vinte e quatro anos. Num sei, acho que tou ficando velha demais.

– Pra pensar em doutorado? Primeiro tens que fazer mestrado, né?

– É. Primeiro fazer mestrado. E desisti da pós-graduação... por enquanto desse ano, essas coisas é só por enquanto. Ano que vem, quando formar turma, vou concluir. Defender minha monografia.

– Tu agora estás a fazer pós-graduação em quê?

– Língua Portuguesa. Tranquei a disciplina por enquanto, enquanto formam outra turma. Mas já terminei todas as cadeiras presenciais. Parei na monografia. Não consegui me organizar porque eu também sou muito desorganizada em questão de tempo. Não sei organizar meu tempo. Aí era muita coisa, era muita prioridade, eu não sabia que prioridade dar. Aí optei por nesse momento não fazer a monografia. Mas eu tenho fé em Deus que vai formar outra turma, que foi uma turma que foi demorada. Foi a primeira turma daqui de Salgueiro, porque as pessoas que queriam fazer Língua Portuguesa tinham que ir pra Petrolina ou para outros lugares, mais distantes. E acho que foi a primeira que o curso veio praí, pra Salgueiro. Ela, sabe, que pra formar outras achava que podia ser complicado. Mas eu tou torcendo que... forme. Tem muita gente que terminou já Língua portuguesa, outros cursos também. E tão se interessando em fazer uma nova etapa da graduação, penso em me juntar a essas pessoas, pra terminar a minha.

– Quando tu sonhas com isso, tu consegues ir até ao fim do teu sonho de... realizá-lo, consegues-te ver lá a trabalhar... É um sonho acordado ou é um sonho mesmo que acontece de noite...

– Esse é um sonho acordado. Sonho em ser bióloga, tipo uma profissão que eu quero seguir. Acho que à noite nunca sonhei em ser bióloga. Mas outras vezes eu penso, eu quero ter uma outra formação. Mas eu quero tar atuando no meio da minha comunidade. Aí fico imaginando, "Eu sou bióloga. E quero ser, me especializar em bióloga marinha, né? Biologia marinha. Mas aqui, como é que eu vou atuar aqui dentro da minha comunidade, o sertão?" (risos)

Aí eu tenho tanto medo memo de me afastar da minha comunidade... acho que pode ser isso que me assusta. Me afastar... tem que fincar raízes em outro lugar... que eu quero que minhas raízes estejam aqui mesmo. Ás vezes tenho muito medo de conseguir realizar o meu sonho, acho que é isso. Tenho medo de conseguir realizar os meus sonhos.

– E que isso te separe de um coletivo que é tar aqui na comunidade.

– É. Contribuindo pra minha comunidade. Que foi aqui onde eu... se a gente não tivesse vindo pra cá, acho que a minha vida iria ser totalmente diferente, a minha vida e da minha família, totalmente diferente. Mesmo sendo na cidade onde a gente tava, mas aqui a gente encontrou laços, a gente teve apoio pra tudo... amizades. Eu agradeço muito essa comunidade, agradeço muito mainha ter trazido a gente de volta pra cá. Porque mainha era daqui, mas foi morar em Salgueiro. Teve nós três lá em Salgueiro. Criou Titia lá em Salgueiro também. E a gente tentou em vários lugares. Se adaptar. Fomos pa Petrolina, mas não, não deu certo.

Desde dois mil a gente tá aqui e agradeço muito à mainha por ter trazido a gente pra perto da nossa família, pra nossa base. Que acho que se a gente num tivesse aqui eu não sei se eu teria uma formação educacional do jeito que eu tenho, a formação que eu tenho. A gente vê aqui, que é sonho, as pessoas... quer dizer, acho que isso foi sonho que realizou, isso é bom. Né? Nunca as pessoas iam imaginar que Conceição das Crioulas ia ter pessoas formadas. Se tivesse, se calhar acho que nem o ensino fundamental, oitava séria, acho que era um sonho que era inalcançável para as pessoas daqui da comunidade. E a gente vê pessoas... Tia Giva mestrada, que ela é o nosso espelho mesmo. A gente quer se refletir nela mesmo, quer ter ela como exemplo. Nossa primeira pessoa a sair daqui da nossa comunidade, enfrentar todas as dificuldades que enfrentou, pra mostrar pra gente que se ela pode a comunidade pode. E é isso que acho que a comunidade tava fazendo. Mostrando a ela que muita gente aqui é capaz.

Então, acho que foi um sonho... Alguma coisa que se tornou realidade. Acho que esse não era um sonho dormido. Mas acho que também tem sua grande importância sonho acordado... que se tornou realidade. Ver pessoas da comunidade aqui, de mente aberta, com formação educacional do superior pra lá, lutando pelo seu território, isso são sonhos que se tornaram realidade pra gente... concreta.
– Qual é a sensação?
– Acredito que foi muito bom porque a gente, a gente se sente mais ainda porque fez parte dele de alguma forma, nem que seja a mesma forma, mas contribuiu. Contribuiu para que estivessemos na luta... Só que num sei até que ponto que a gente tá se afastando novamente... de tudo isso. Mas acho que também é não saber lidar com o desconhecido. A gente lutava muito pra ter nossas terras de volta, né? De retomar nossas terras. Mas acho que era um sonho tão inalcancável dentro das pessoas, né? Será memo que vamo conseguir expulsar... ter de volta as nossas terras que os fazendeiros tomou? Acho que era o sonho, como é que pode um bando de negro, de negras ganhar de um fazendeiro, que sou branca, rica? Acho que pra gente mesmo era um sonho isso. E a gente agora... aí. Nós conseguimos, tamos conseguindo! Acho que ainda não sabemos lidar ainda com isso, que é novo pra gente. Acho que as negras, essas negras que chegaram aqui deviam estar aqui com a gente pra nos ensinar "ó, esse território a gente comprou pra vocês. Com o dinheiro, como a gente comprou." A gente, as pessoas aqui elas só sabem lidar com os pedacinho de terra que ficaram em cima dos serrotes, cheio de pedra. E agora toda a parte onde as negras plantaram tudo, eles ainda não sabem lidar. Não sabem o que fazer. E acho que nós ainda não tamos sabendo conversar.

Sobre a vida escolar mesmo... O povo costuma dizer que nós aqui de casa somos bem inteligentes. Aí, mãe me colocou acho que, no máximo, três anos na creche, uma creche que fica lá em Salgueiro. Na periferia da cidade. Na creche chamada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Aí passei três anos nessa creche, fiz minha formatura de ABC, até acho que sumiu minhas fotos, mas eu tenho as foto. Da minha formatura de ABC e depois de terminar né, acho que alfabetização é pra primeira série. Aí antes da primeira, fiz a formatura. Com um vestidinho branco, pequenininho, uma beca e a batinha, que ainda tenho até hoje. Aí nessa época pai era vivo, tinha as fotos que tava eu com painho e mainha e com Clécia e titia.
Saindo da creche Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, eu fui estudar no Edmundo Bezerra, na escola que fica mais ao centro na cidade de Salgueiro, que era onde a gente morava. Salgueiro, lá eu fiz até à quarta série. Depois de lá eu tinha um sonho de terminando a quarta série, eu queria estudar no Urbano Gomes que era a escola do auge, né? A escola famosa, da moda. Era Urbano Gomes. E eu toda a hora dizia a titia, queria ir pa Urbano Gomes, queria ir pa Urbano Gomes. Titia como sempre, que criou a gente que... a gente costuma dizer que mainha só teve tempo de botar-nos no mundo. Mas quem criou a gente, cuidou educou junto com mainha foi titia Esperdita. Ela era nossa mãe, a gente tem muito respeito por ela... por conta disso também. Aí ela se esforçou só que não tinha, todo o mundo também queria Urbano Gomes. Aí a escola que eu fui matriculada foi o Maria Bernardete Marins de Brito. Escola que fica também um pouco ao centro da cidade e lá eu fiz a quinta série.
Aí... maeinha tava passando por dificuldades, várias dificuldades financeiras mesmo. E ela foi pra Petrolina tentar ver se a gente conseguia ficar lá a morar lá. Foi antes, conseguiu uma casa e carregou todos nós para lá. Aí fomos morar lá em Petrolina, só que quando a gente chegou lá a

gente viu que era muito, muito complicado mesmo. Lá, eu nem me lembro mais do nome da escola. Foi pouco tempo, mais ou menos seis meses. Não deu pra se apegar a muita coisa em Petrolina, principalmente que eu acho que eu num tenho facilidade em fazer amizades e ser comunicativa.
Aí eu me lembro de pouca coisa em Petrolina mesmo. Só da casa memo onde a gente morava. E vim pra Conceição em dois mil ainda. E é onde a gente tá até hoje. Terminei a sexta série na escola José Mendes. Tinha o sonho de estudar aqui na Néu, essa escola é perto de casa. Que era uma alegria as crianças aí, só que quando eu cheguei aqui já tava mais avançada então fui pra Mendes, né? Kêca e Clécia ainda ficaram aqui na Néu. Que eu apesar de ser a do meio mas eu tava dois anos na frente de Kêca. Kêca é que perdeu os dois anos numa época que foi difícil pra ela, era a mais apegada com pai. E quando pai morreu ela sentiu muita falta e não conseguiu dar continuidade nos estudos nessa época. Aí ela não conseguiu concluir. Aí eu passei dois anos na frente dela.
Aí lá na Mendes terminei a oitava série. Fico muito feliz de estudar na Mendes porque... como tinha dito a gente tem fama de ser estudioso aqui em casa. Fui considerada aluna laureada da turma. De todas as oitavas séries eu fui a laureada, homenageada. Que é homenagem pra aluna que, uma pessoa que teve a melhor frequência, as melhores notas, o melhor comportamento. Aí eu fui aluna laureada. E fiz o meu ensino médio também aqui em Conceição, né? Graças a Deus foi uma luta da comunidade por conta que, terminando a minha oitava série aqui, que a escola José Mendes ela foi inaugurada em noventa e cinco. Então quando as pessoas terminavam a quarta série, a quinta, sexta, sétima e oitava, tinha que ir pra Salgueiro. Péssimas condições de estrada, de veículos. Graças a Deus, quando eu terminei a minha oitava série, com a luta da comunidade a gente conseguiu que uma extensão de uma escola lá de Salgueiro ficasse aqui. Em dois mil e dois a gente trouxe a extensão do Carlos Pena pra cá, pra Conceição e eu fiz parte da primeira turma de ensino médio formada aqui dentro de Conceição. Queria também fazer parte da primeira turma normal médio, formação pra professores. Só que tia Diva não deixou, que disse que... uma pessoa só não podia ter matrícula na mesma escola, duas matrículas numa mesma escola... Porque era eu terminando, no ano que eu terminei o ensino médio que foi em dois mil e cinco, tava entrando o normal médio. Aí eu queria ao mesmo tempo terminar uma e começar outra.
Só que aí ia ter duas matrículas numa escola só. Ela disse que não podia. Aí eu disse, tudo bem. Tudo bem, terminei o ensino médio em dois mil e cinco. Em dois mil e seis como eu tava na ideia de não fazer formação pra professores, que era a única coisa que tinha na cidade, na faculdade, de ensino superior... aí digo, não eu quero fazer vestibular... Aí nessa época era onde eu tava com mais ânsia de sair. Estudar fora pra profissionalizar e depois trazer o que eu tinha aprendido, na comunidade. Aí queria ser bióloga, agrónoma, um bocado de coisa. Aí eu não consegui. Me frustrei, achei que era mais fácil. Tentei umas universidade, umas extensões que tinha perto do, Serra Talhada... Mas não consegui, aí eu acabei, tomei meio que desistir da ideia, de sair da comunidade, e fui fazer em dois mil e seis o normal médio. Mesmo já tendo terminado o ensino médio, um ano antes, fui fazer normal médio. Aí fiz o normal médio, dois mil e seis, todinho o normal médio, primeiro ano. Dois mil e sete, como eu imaginei que eu não ia conseguir mesmo, ir pra outro lugar pra fazer vestibular, aí fiz pra faculdade em FACHUSC, que é a faculdade de Salgueiro aí. Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central. Que é a formação pra professores. Aí fiz, como eu tinha dito, né? Pensando fazer biologia só que na hora... Mudou de ideias, fui fazer letras. Daí sessenta colocações, eu passei na

décima... e concluí minha faculdade em dois mil e dez. Foi muito difícil o que aconteceu no final. Que dois mil e nove Clécia tinha falecido. Aí... eu fiquei meia assim. Mas no ano seguinte eu disse que eu ia continuar mesmo, com toda a coragem, toda a força. Que eu tenho a certeza que ela não ia querer que a gente esmorecesse nem uma hora. E em dois mil e dez eu tava preparada pra formar e fazer a coroação. Que é momento de festa, terminando, faz as festas, os comes e bebes, bota roupa de gala e tudo o mais. Eu digo, eu vou fazer. Toda a minha família ajudou, me apoiou. Só que dois mil e dez foi o ano que aconteceu a tragédia aqui na comunidade. E eu tinha escolhido pra ser minha madrinha, entrar junto comigo, colocar o anel da formatura, era mainha. Aí no momento mãe não ia estar... Aí eu não vou substituir ela. Foi ela quem no momento que eu disse que eu ia desistir ela disse "Não." Deu bronca mesmo. Bronca boa... não vou colar grau mesmo, não tem mais... Aí não colei grau, terminei a faculdade. Fui assinar a ata outros dias depois, e terminei o curso de letras. Já tinha dito à mãe, depois a gente não vai mais colar grau, porque já tava memo quase tudo pronto. A festa, a roupa, o anel. Mas não deu certo...

Mas foi muito sacrifício também. O acidente foi em novembro, a nossa apresentação ia ser em dezembro, acho que nas primeiras semanas. Ia ser nossa apresentação. E eu tava com o meu material, tava no acidente também. Tava com o meu material no computador, eu tava andando pra Salgueiro. Não saía pra lugar nenhum sem o meu computador, meu netbook. Foi um sufoco pra conseguir comprar ele, mas eu tinha comprado, eu tava muito orgulhosa de mim. Eu tava trabalhando e consegui comprar um netbook pra mim. Aí nesse acidente ele se espatifou todo, não ligou mais. Tinha medo de ter perdido meu material. Mas até foi até melhor, que era um projeto que eu não tava muito me identificando com ele. Falei com a minha professora orientadora ela disse que se eu tivesse como organizar um que me identificasse a tempo de defender a monografia eu podia, ela me apoiou nisso. Aí tá bom, então eu vou tentar.

Escolhi como tema da minha monografia, como era curso de letras tem que ser alguma coisa ligada à literatura portuguesa, a línguas. Aí escolhi como tema a participação e contribuição da mulher negra na literatura brasileira. Foi disso que eu falei, tentei encaixar algumas personalidades da nossa comunidade lá também. Saber que as mulheres também aqui de Conceição fazem história, né? A gente não colocou de forma escrita ainda, mas a oralidade a gente conhece muito a partir da boca de mulheres. Então foi isso que eu defendi. Fui defender, no momento da minha apresentação dediquei ela pra mainha, que ela não tava lá no momento comigo, tava em Recife, se recuperando. Eu dediquei pra ela, eu com o bracinho engessado, no gesso. E apresentei. Gravei pra depois mostrar a mainha e ela ficou muito feliz. Aí esse, eu não comprei meu anel. Ela botou no meu dedo. Não naquela, na festa, né? Mas eu comprei o anel e ela colocou no meu dedo e estou formada, tenho o meu anelzinho de formatura (risos) É... eu sou formada em letras. Aí como a minha ideia era num parar nem um ano. Já pensando em ter meu doutorado antes dos trinta. Terminando a graduação, de letras, abriu vaga pra língua portuguesa e pós-graduação, me inscrevo na hora. Aí começamos o ano passado, em agosto de dois mil e dez, dois mil e onze, acho que até agosto desse ano. A gente tava em curso, presencial. Aí, a partir daí era só mais a defesa da monografia, se preparar pra monografia. Foi nesse tempo que eu não consegui mais me organizar o meu tempo, com as duas escolas que eu tou trabalhando no momento, a José Mendes e a Rosa Doralina. Eu gosto muito do que eu faço. Gosto de estar com os meus alunos. Acho que eles gostam, às vezes, uns se enjoam da

minha cara porque é muito tempo, muitos dias que eu passo com eles. Mas eu acho que eles têm um carinho por mim como eu tenho por eles. Mas não consegui mesmo me organizar, optei por não dar prioridade à monografia. Como já tinha terminado os cursos presenciais. Fiquei de essa outra parte, tentar concluir com a próxima turma que se Deus quiser, vai-se formar. Aí é isso, a minha vida. Paiva tá me esperando lá em Portugal. Pra eu fazer o mestrado lá. Uma universidade muito bonita por sinal.

– Qual é?

Aquela que a gente visitou, a de Ciências da Educação. Eu quero ir pra lá, só quero é arranjar coragem também. Mas eu quero. E é isso a minha vida.

Acho a minha vida muito me dediquei aos estudos. Acho que, não é que eu num... Eu acho que não sei se eu optaria por outra vida, mas acho que eu dediquei demais meu tempo à escola. Acho que eu não vivi minhas etapas da minha vida. As fases da minha vida. São fases na escola.

– Quais são as fases da tua vida?

Não, assim. Que o povo aqui de casa às vezes dizem que eu sou muito, a certinha. Não sei, não tive um momento de cometer as loucura, de ser a rebelde (risos) Sei lá!

– Mas isso é mau?

Porque eu fico pensando assim, quando eu... quando eu ficar mais velha ou envelhecer mesmo, que é que eu vou contar da minha vida?

– Isso, o que acabaste de contar e não é bonito?

– *Que eu só estudei, estudei, estudei!*

– E não te dedicaste à tua família? Não deste apoio à mainha, à Clécia? Não dás esse apoio?

Dou. O que eu podia fazer por elas, eu fiz. Assim um momento da vida muito difícil foi... em dois mil e nove Clécia tava com leucemia e eu tava com ela em agosto. Eu acho que tu lembra... veio pra cá em agosto. E como mainha tava meia assim cabisbaixa, por conta que ela tava afastada da vida dela. Que a vida dela é tar com multidão. É tar no restaurante, fazendo comida pro povo, vendendo as bebida dela. E ela tava desanimada. Tava assim, 'não mainha'. Na principal festa da comunidade, mãe sempre tinha o espaço dela pra estar com as pessoas e ela parecia que não ia ficar. A gente deu força a ela pra que ela organizasse o espaço dela. Vender a bebida, a comida dela. E foi. E eu fiquei com Clécia em Recife.

Foi interessante por causa que, a médica dizendo que Clécia tava de alta, não precisava de ficar internada no hospital. Mas ela tinha uns dois dias de descanso, depois ela tinha que voltar e fazer esse internamento. Aí nesses dois dias a gente disse "Não, então deixa a gente ir pra casa, nem que seja só pra ir lá e voltar." Aí foi o que a gente fez, chegamos aqui já quase no dia quinze de madrugada, mas só pra ter a sensação de estar na comunidade. Eu vim com ela pra cá. E depois de um tempo, mainha já tava meio com problema de saúde, tava com um mioma no útero. Além dela tar com esse mioma no útero que vai fazer com que ela ficasse muito fraca, ainda tinha uns cuidados que ela tinha que ter com Clécia, tem que se mostrar forte e estar forte pra poder cuidar de Clécia. Aí ela tava muito abatida. Aí a última vez, a última pessoa que foi ficar com Clécia a Recife, fui eu. E eu fiquei com medo. Porque Clécia tinha muita confiança em mainha, tinha confiança na gente. Só que ela queria ficar perto de mainha. E é como se ela tivesse percebido alguma coisa que não tava bem com ela. Ela dizia a todo o momento, a última vez que ela veio aqui em casa ela chorou muito.

Porque a pessoa que era pra ir com ela, ela queria que fosse mainha. Mainha tava muito debilitada pra ir com ela. Ela olhava pra mim e dizia "Lena, não é que eu não confie em tu não, viu, não é não. Eu quero que fique comigo. Mas nesse momento eu queria que mainha fosse comigo." E ela ficou assim repetindo isso. E mãe não conseguiu caçar nenhum momento pra ir... Aí eu fui com ela.
Ela chorou tanto, nesse tanto nesse dia. E ela dizia que achava que a doença tinha voltado, que ela tava até melhor, diziam que ela tava com muita chance de recuperar, e ela dizia que estava sentindo alguma coisa diferente, que a leucemia tinha voltado. Quando foram fazer os exames, perceberam que tinha voltado mesmo... e mainha muito debilitada em Recife e mandaram pra lá, pra ficar com Clécia. E teve um momento muito, muito ruim, que foi quando tava com ela... Aí era assim, a gente chegava e a outra tinha que sair logo. E mãe não queria sair de perto dela. Teve uma hora que mainha saiu e ela tava tão mal que ela vomitou glóbulos de sangue. E eu fiquei endoidando. Eu dizia "Mainha, comé que pode, comé que mainha tá vomitando sangue, mainha?" A gente encheu um copão assim desse tamanho de um copo descartável. E ela vomitando, vomitando glóbulos de sangue... Ela começou a ficar mais fraca ainda. E mãe precisou vir pra mãe poder se cuidar também. E eu fiquei com ela. Passou mal ao ponto de ela ter que ir pra UTI. Aí quando a paciente sai pra UTI perde o direito ao leito na sala.
Aí o acompanhante que se vire e eu não sabia o que fazer. Clécia tava na UTI e eu não queria sair de perto dela. E no entanto como era Clécia que tava ocupando a maca no quarto, ela não tava mais lá, então, outras pessoas precisavam se internar. Eu fiquei sem saber o que fazer. Tinha momentos que eles nos deixavam ficar lá... até deixavam ficar tempo até demais, até gostava de ficar lá com ela. E ela já não tava mais consciente, eu percebi que ela não estava mais consciente. Na alta ela dizia ver coisas que não tinha... ela mostrava cachorrinho que não tava. Não tinha nenhum cachorrinho debaixo das cama... Dizia que Kêca tava perto dela. E Kêca tava com Conceição. E eu me agoniei tanto... que às vezes eu saía lá de perto dela. Dizia que era praeu ir almoçar, só que eu não conseguia comer nada. Ficava... encontrei um parquinho lá... bem escondido e ficava chorando.
Eu sozinha lá... e as médicas não me dava mais esperança, disse que no máximo três dias... ela tinha pra ter alguma reação, se nesse tempo ela não tivesse reação... e pedia pra ligar pra mainha só que ela não sabia... eu não tinha essa coragem de dizer isso a mainha... Eu chorei tanto porque eu não sabia o que dizer a mainha nesse dia. Liguei pra André, mais Erika. Erika chegou lá no hospital e ficou comigo um tempão ainda. E só de perto de mim, dormiu lá mais eu. Acho que foi a gente até... ficamos até num banco lá do hospital que, não dormimos. Mas foi até Erika memo que ligou pra mainha pra dizer que a médica tinha dito que tinha pedido pra ela ir lá, mãe muito debilitada aqui não aguentou ir só. Teve que chamar a prima dela pra ir com ela... Imediatamente mãe conseguiu chegar lá... pouco tempo depois chegou... mãe pra entrar na sala teve que ir se apoiando em alguém, pra entrar na UTI onde Clécia tava... E Clécia já não... praticamente não tava mais com a gente. Tinham botado vários equipamentos nela... Ela tava com sonda, com uma mangueira pra levar ar pro pulmão dela. A boca dela sangrando, machucando a boca dela o cano grosso passava, pra mandar ar. Ela tava... só viveu por conta dos aparelhos. Quando tiraram mainha de lá da sala... que a gente foi lá pa um quarto, mais mainha... Erika chega lá dizendo, Clécia já não tava mais com a gente. Eu acho que eu fiquei tão... não tive lágrima pra chorar. Precisava alguém da família pra assinar um documento lá pra retirar o corpo. Mãe não teve condições de ir... então tive de ficar lá mais Erika.

Na hora de trazer praqui, foi de madrugada, já de noite. Na funerária... eu queria ficar um tempo mais com a minha irmã, mesmo estando só o corpo dela. Na hora de trocar ela para perto... A todo o momento, todo o momento enquanto ela falou... palavras dela foram sempre de animação.
Mesmo... "Eu tou bem", ela nunca... ela nunca se reclamou da condição que ela tava, nunca se rebelou com Deus por ela estar naquela situação. E as pessoas chegavam perto dela achando que ela tava fraca e ela animava as pessoas, "Eu tou bem, eu tou bem" ela "tou sorrindo, eu tou bem, eu vou ficar bem. Eu vou ficar bem." Então assim, eu admiro muito minha irmã que nos piores momentos dela, ela teve persistência, perseverou até ao fim. Então quando ela vem pa me visitar em sonhos... eu gosto demais. Tento ficar o máximo abraçada com ela.

Marinalva Bezerra
(esta conversa/entrevista aconteceu na sala de professores da escola Bevenuto Simão de Oliveira. 2012)

Eu sou Marinalva Rita da Silva Bezerra. Autorizo a entrevista cedida à Mónica, tenho trinta e quatro anos, moro no Território Quilombola, Conceição das Crioulas, Sítio Paula, localizado em Salgueiro e sou educadora daqui do Território Quilombola.

- O que é para ti o sonho? A ideia de conceito de sonho, um sonho que tu tenhas, um sonho que tenha o teu povo, a tua comunidade.
-É, primeiro um sonho, de todo o mundo se educar, né? Se educar e se educar com o consciência, né? Formadoras de opiniões. Críticos. Um dos principais responsáveis é a escola, né? E eu acredito, a gente já vem fazendo esse trabalho há algum tempo na escola, e eu acredito que a escola tem esse poder, de construir cidadões críticos e donos de suas ideias à ponto de defender.
Em relação às família, um sonho principalmente nosso aqui é que as famílias elas entendam, não é? Porque muitos ainda não entendem essa educação diferenciada nas famílias. E a gente vê que é um dos problemas, é as família não entenderem ainda. Porquê? Porque eu já venho de outra cultura. E como as coisas vão mudando a cada dia mais, e a gente enquanto educador vem vendo que essa mudança é necessária, porquê? Porque a gente acredita. Então um dos sonhos assim, tou falando enquanto escola, é que as famílias se sensibilizem mais, que contribuem mais pra gente avançar, porque um dos pontos negativos é isso, né? Que a gente entende. E outro é das pessoas mesmo... entenderem isso, não é? Primeiro eu acho que é as famílias, depois as pessoas entenderem.
As pessoas que eu digo são as pessoas do governo, por exemplo. Os visitantes, nossos colegas de trabalho. Não é? Muita gente às vezes não confia, sei lá, não acredita. Tem um colega de trabalho que não é dessa área, não é quilombola, então muitas eles ignora. Porquê? Porque ele não tem conhecimento das leis. Ele não se apropria daquilo. E a gente tem que, de certa forma, já caminhamos um pouco, como é promovido um seminário, uma culminância, quando se convida alguém para ver. As pessoas até acham bonito, mas aí não entendem. Não entendem. Num quer contribuir. Tá ali naquele momento, mas depois é como se tivesse ali só pra prestigiar aquele momento. Não é? Porque eu passo por várias coisa... por exemplo na faculdade, no mês da consciência negra, aí todo o mundo chega "Oi, Marinalva, isso é com tu, isso é pra tu... Tem esse panfleto que é sobre educação diferenciada, cadé Marinalva? Pega, Marinalva!", Ou a professora "Vamos fazer um trabalho com

vários temas", aí quando é deficiência, comé... Não, não é, o professor não diz diretamente, "não é pra você!" É como se dissesse "O teu é esse, que tá falando do negro." Né? Que aí, eu enquanto educadora diferenciada, eu nunca pego esse tema. Esse que eu já tenho uma certa propriedade eu não pego. Na minha sala eu já fiz isso. Então, o interessante era que todo o mundo já começasse a estudar, né? Essa coisa pra ver se um dia a gente muda. Quando eu falo de não pegar mais esse tema, é porque o meu objetivo é que outras pessoas estudem. Percebe?

Aí eu vou defender outra coisa, eu quero estudar, aprender, por exemplo, sobre educação na cidade, ou sobre deficiência. As deficiências físicas, estudar algum tipo de diferença em relação a isso. E aí esse tema das etnias, não quero esse tema. Não é? Então, outra pessoa vai ter que... É, a professora já sabe, aí disse "Quem vai querer esse tema de Marinalva?" Outra coisa que eu também já cortei, eu digo "Esse tema não é meu! Esse tema é de todo o mundo! Não é meu." Então, o sonho é assim mesmo, não é? Que as pessoas entendam que é diferente. E é diferente e a gente acredita que dá certo porque a gente vê as mudança acontecendo na comunidade. Não é?

Na escola, por exemplo. Nessa escola há seis anos atrás, a gente tava fazendo a reflexão de que as famílias não acreditavam nos educadores da comunidade. E aí é como se um sonho fosse realizando aí, não é? Porque hoje já ninguém da comunidade aceita professores virem pra cá. Então professor só prestava se viesse de Salgueiro. Isso não tem muito tempo, tem seis anos. E aí eu tenho um relatório que emprestei a uma professora e ela não me devolveu mais, que era muito importante pra gente, que eram as metas que a gente tinha de cinco anos. E teve meta que a gente conseguiu antes dos três. Que era, tipo, provar pra comunidade que a gente fazia isso. Agora noutras palavras, né? E aí, hoje a gente já tem confiança na comunidade, não é? Já tem, quando eu digo... cada professora vai fazer sua despedida com seus aluno, então as mães, elas se organizam. Aquele bolo ali foi cada mãe que contribuiu. Com ovo, com massa com... cada mãe comprou seu presente pra seu filho trazer. Então quer dizer, já é uma confiança. A gente já sente que é... Já confia. Já disse "Ah..." Nenhuma mãe não vem aqui saber porque é que o menino vai por um riacho, vai por um pau, não é? Porque a gente já botou desde então essa diferença que as crianças aprende. Porque quando elas vêm de lá, elas vão produzir um texto de coisas que elas viram, que elas pegaram, não é? O percurso que elas fizeram pra ir até lá... Que paisagem elas viram. Não é? Que não só vão lá lanchar. Elas vão e os professores já tão com o planejamento pronto. Que tipo de árvore elas viram? Tinha pedra? As pedras eram grandes? Viram pássaros? Viram outros bichos? E aí também não limitar, porque quando ele diz "Ah, eu vi uma onça." (risos) Também não vai dizer que era mentira, né? Tem que saber que bicho era esse que eles viram que poderia ser uma onça, então... Esse é um sonho, é que a gente continue nessa estrada aí. Porque foi em pouco tempo e a gente já teve bastante resultado. E que os governos, principalmente os governos, eles ajudem mais. Não é? Construindo escolas, espaços. Dando a formação pra gente, não só pra gente como pra todas as pessoas que trabalham na área da educação e na saúde e em outras, né? Quando a gente fala sobre outros é porque geralmente aparecem outras pessoas de outras secretarias que não têm o menor entendimento... Cê sabe? Não têm entendimento do que é que a gente tá falando, né?

Quando um dentista veio aqui dar uma palestra, aí ele chegou, aí trazia lanche pro menino. Aí quando a gente foi ver o lanche, aí era um sorvete com recheio por cima. Eu digo "Não, a gente não dá esse lanche aqui aos menino." Aí ele ficou "ó xente, vocês não dão? Porquê?", digo "Porque a

gente já tá abolindo esse tipo de alimentação na escola. Não é? E você tinha perguntado primeiro pra gente o que era que você trazia." Né? Mas mesmo assim ele ainda deu nesse dia, mas ele já ficou sabendo. Mas se ele pelo menos conhecesse o currículo um pouco, a proposta pedagógica, ele já ia ficar mais, ele disse "A proposta daqui não é a prefeitura que faz?" Não, eu digo "Não, nossa não." Então é um sonho mesmo é que as pessoas entendam mais em relação à educação, que as pessoas tenham mais conhecimento, tenham mais propriedade. E principalmente aceitar. Porque quando a gente faz um seminário grande, geralmente só é pros daqui que era pra falar. Né? Os outros não... Porque no seminário a gente não tá, num é só pra ensinar, é pra aprender também, né? E em relação à comunidade e a vontade da gente que aconteçam o desentrosamento, né? Pra gente é mais um passo dado pra, certamente, a gente vai mudar um pouco o currículo... o projeto político e assim vamo colocando mais coisas nesse projeto político com a função, com o objetivo de melhorar dentro da escola, não é? Então tou falando só enquanto escola, né?

Porque a escola, a gente sabe que muda muito, muda o conceito de muita gente. E não é uma coisa que pode ser feita hoje e amanhã já tá aí. Quando fazia uma reunião aqui na escola, não vinha um pai. Há seis anos. Isso aí é uma coisa que nunca sai da minha cabeça. No dia dos pais, 2008 aqui, só veio um pai. E ficou essa panela cheia de comida. E aí as meninas se agoniavam "ó marinalva, não vamos fazer não", digo "Vamo." Porque é um dos sonho é que as familia tivesse aqui dentro da escola. E hoje pode fazer, que você vê as fotos aí, as culminâncias. Tem pai, todas as mães vêm, eles participam de brincadeira, na escola. Aquelas foto ali onde aparecem os pais, ali é os pais brincando, à noite, no jantar que a gente fez nenhum pai faltou. Então, isso é um sonho que se realizou, da família tar dentro da escola.

Agora o outro sonho é que eles participem pedagogicamente mesmo, nos Para Casa... que já contribui, né? Se mandar uma entrevista, é mais fácil eles responder a uma entrevista do que pegar uma atividade da criança e ajudar fazer, não é? Quando a gente manda pesquisar sobre um remédio caseiro, dificilmente vem sem fazer. Não é? Mas quando a gente manda uma atividade pra casa é mais difícil. Então a gente acredita que nesse caminho aí é mais fácil a gente chegar. De tar valorizando o saber que eles têm. Não é? Porque é como se diz, eu sempre digo aqui. É assim, "Eu te dou, mas alguém tem que me dar de volta.", né? Então ele não tá tendo a boa vontade de tar dando a entrevista, tá falando da terra, e o menino não tá produzindo ao mesmo tempo? Então o caminho é esse, não é? Então o sonho também é que a gente adapte mais essa proposta. É tipo enxugar mais a proposta pedagógica proposta pelos governo, que de certa forma vem de lá já, também, né? Das provas das avaliações externas. As avaliações externas, elas já vêm com a proposta pronta, né? Os indicadores que vamos trabalhar. Então, a gente tiver mais oportunidade também de tar junto nas construção das proposta pedagógica, dos indicadores que vamos trabalhar na escola. Que aí eu faço essa avaliação que a gente adapita a proposta. Não é como você fazer a proposta. Não é? A gente adapita. Vem uma receita de brigadeiro. A gente chega aqui, trabalha a receita agora desse bolo ali. Não é?

Então o sonho é esse, não é? Que as pessoas se sensibilizem mais, mesmo. E que todo o mundo fique sabendo e, e estude um pouco, né? Estudar lei não é fácil, não é? Todo mundo, eu acho que a maioria tem essa dificuldade, mesmo tem muita dificuldade de estudar sobre leis e que a gente também continue com parceiros, né, nas escola. É, porque contribui muito, ajuda muito. Esses

cinco anos, acho que a gente pode dizer que quarenta a cinquenta por cento a gente melhorou por conta dos parceiros, né, que chega nas escola. E que a gente tem que saber também quando colocar, quando receber, até que ponto vai... Não é? E chegou vários parceiros para dar proposta diferente, programa diferente, e a escola tem que viver, né? Também não fazer de conta. Começar e fazer viver, o projeto... Não é? E os educadores também têm que dar a sua parcela, não é? De contribuição. É isso.

– É isso. Tu já falaste de algumas conquistas que aconteceram na escola, tens outro exemplo de uma conquista que te tenha marcado? Um exemplo de fora da escola. Não é? De vizinhos, dessa relação com a comunidade, com os vizinhos, lá em casa, assim... O exemplo que deste dos pais foi dentro da escola, não é? O facto dos pais não virem e de repente começarem a vir para dentro da escola. Mas há alguma coisa se calhar que tenha acontecido... se é que aconteceu, não sei. Podes dizer "Olha, acho que não. Tudo o que eu sei é dentro da escola". De qualquer coisa que tu tenhas observado, mas fora da escola.

– *Aqui na comunidade, né?*

– Sim. Aqui, no sítio Paula, não é?

– *Aqui na comunidade uma coisa que faz muita mudança é os movimentos sociais, né? Talvez seja através da associação dos produtores rurais. Porque antes, eu acho que há dez anos atrás, a associação é bem mais velha do que o tempo que a gente chegou aqui na escola. Há dez, quinze anos atrás, não tinha movimento social aqui. Então as coisas vinham pra prefeitura ou pro governo, um dia quando eles queriam vir. E aí quando foi criada a associação, fundada por José Tomás da Silva, que faleceu, hoje ele é quem, quem traz o nome da associação. Foi homenageado, né? Então, uma das conquistas é... aliás, uma não, a maioria vem através do movimento social. Não é? Foi fundado, Givânia foi quem fundou a associação junto com a comunidade, quem teve a primeira iniciativa. E aí através da associação, é aonde veio todos os benefícios aqui. Não é? As casa eram todas de alvenarias. Não tinham banheiro, não tinha água, nesse período de seca, por exemplo, ninguém tinha o que beber. Não tinha açude. E os açudes foram construído através de movimentos sociais. As casa, que esse processo que terminou há pouco tempo, a primeira fase de cisternas... aí tamo entrando noutra fase de cisterna. Os banheiros, que tão sendo construído, entregue agora. Cada família ganhou um banheiro. E os empréstimos que, através da associação eles têm a oportunidade de fazer empréstimos no banco pra comprar animais, construir açudes. Então é através da associação, só pode fazer através da associação. Certo? Porque uma pessoa individual não tem como fazer. Os empréstimos, por exemplo. Os empréstimos, cada por exemplo, você faz de seis mil, eu faço de cinco. Mas é no nome da associação. Aí vem na conta da associação. Aí na associação eles dividem, diz "Olhe, eu vou comprar tantas... tanto boi, tantas cabra." E aí é a associação quem passa o cheque, recibo e paga com dinheiro do povo mas que tá no nome da associação. Porque a associação é regularizada, tem CNPJ, paga imposto... não é?*

E é importante esse movimento social por isso. Não é? Por, a organização. As reuniões são no terceiro domingo de cada mês, não precisa mais mandar convite, e também tem as reuniões extraordinárias, que é quando é necessário, né? Agora, quarta e quinta, naquele dia que cê veio aqui, tava tendo uma reunião extraordinária, lá. Precisou, foi necessário haver essa reunião fora do terceiro domingo do mês. A associação mobiliza os governos, as pessoas que têm conhecimento de alguma atividade que

eles não dominam, que eles não sabem. Tipo dar uma palestra sobre como criar um animal, ou como cultivar um determinado tipo de planta. Aí a pessoa vem dar capacitação, mas é enviado em nome da associação. Dos produtores rurais. E só funciona porque a associação é regularizada. Porque se não for, tem um bloqueio. Então, essa associação daqui já é uma associação que ela já tá servindo de referência pra outras, porque tem coisa que quem mora ali na Vila União já não pode porque a associação de lá tem alguma documentação que não tá em dias. Então vem pra essa. Não é?
Percebe, então a associação daí ela é um movimento social e que vive regularizada e participa de todas as reuniões extra, que não são da comunidade. Tipo, tem uma reunião na AQCC, então vai uma pessoa daqui. Tem reunião no sindicato. Vai uma pessoa daqui. Tem uma reunião do conselho. Vai uma pessoa daqui. No conselho escola daqui da escola tem representante de lá. Não é?
Então o movimeto social que não fica só nos produtores dentro da associação tem representante do movimento de mulheres, do sindicato. E aí, todo o mundo fica informado. Porque tem um representante lá. Não é? Tem um encarregado da firma, já é da comunidade, que seja sócio da associação, que seja morador e que seja sócio, pra tar olhando o banheiro, vendo se tá certo, se a firma fez isso, pra confirmar... Então, uma coisa que mudou muito aqui, que fez a mudança, foi os movimento movimento social. Através dele, né? Que serve como referência, de certa forma contribui. Todo o mundo é sócio, não é? Da comunidade. E aí serve de, de estímulo pros outros. Percebe?
Porque aqui na escola a gente formou um grémio estudantil, onde o presidente, o tesoureiro eram os meninos pequenos, não é? Tem ata aqui na escola, tem... foi feito tudo. E aí eles tiveram facilidade porque eles têm acesso lá. No dia da reunião eles tão lá com os pais. Então eles já sabem o que é a ata, eles já sabem o que é um conselho. Porque eles diz "Ah, minha avó é presidente da associação, eu quero ser presidente do grémio da escola." Isso aí foi minha menina que disse, né? Tem a avó que é. Aí o outro disse "Ah eu quero ser tesoureira, porque minha mãe é tesoureira da associação." Então foi bem fácil formar o grémio aqui da escola que foi formado o presidente tinha onze anos, a secretária, oito, os conselheiros fiscal, um tinha quatro, outro tinha cinco, outro tinha seis anos, não é? Mas aí eles fazem reunião lá. Pra discutir pequenas coisas, tipo "A merenda agora é só arroz? Vamo ver lá ver o que é, vamos fazer uma reunião." Tem umas ata aí que eles escreveram pedindo, por exemplo, pra merendeira da tarde ser substituída por a da manhã. Não é? Do jeito deles! Mas eles... O caminho é esse, né? É criar essas crianças, educar elas para ser críticos, mesmo. Pra defender já o que eles querem. Então, eu tou dando esse exemplo da associação e tou dizendo que isso influencia muito porque influenciou dentro da escola, devido a gente tar entrevistando a presidente ali, ela dando uma entrevista pra escola... Não é? A presidente no processo da associação, ajuda na comunidade, porquê? Porque quando um aluno que é lá da, da outra escola, ele vê uma secretária que é da comunidade escrevendo uma ata, lendo com coerência, pontuando, dominando o assunto todo da reunião, quem não participa de nada já acha bonito, já quer, já vê que é possível também de fazer isso. Então, aí os alunos... moradores... que a gente tem muitos moradores aqui que estuda, porque vê as pessoas daqui se destacaram de alguma forma. Não é? Ou numa associação ou numa escola... não é? Todo o mundo, quando a gente chegou aqui, que não tinha professor daqui da escola, era pouca gente da comunidade que estudava. Hoje a maioria estuda, já pensando que pode ser um professor também. Pode ser uma agente de saúde, pode ser um presidente da associação. Então, o

movimento social, a gente costuma dizer que é a segunda coisa, depois da escola, importante na comunidade. Que mudou muito a vida do povo. E vem mudando, né? Porque tem projetos que ainda vai sair daqui a cinco anos. Esse da casa, projeto de dez anos. Esse do banheiro, projeto de dez anos, que foi mandado o ofício. E de vez em quando tá se fazendo uma reunião, e tá mandando pra outro setor, e tá mandando pra outro governo, e pra outro deputado. Então é coisa que não é de um dia pro outro, né? Então é isso.

– Pronto. Podes contar-me a tua história? Onde é que estudaste, como é que foi mais ou menos isso...

– É, eu nasci aqui, naquela casa. Onde você teve lá, né? Aqui próximo na escola. A minha mãe teve vinte e seis filhos. Só que ficou muito difícil criar os filhos aqui. E aí quando eu fui embora daqui eu tinha quatro anos. Nesse tempo ainda não podia matricular, né? Só podia matricular com sete anos. Mas mesmo assim eu já frequentava a escola. A escola funcionava numa residência, numa casinha de taipa que ainda hoje ela tá ali, né? E os alunos sentavam no banco, os que eram matriculados. Quem não era sentava no chão. Então, eu sentava no chão. E aí, como eu só tinha quatro ano, eu sempre gostava muito de ir. Já gostava de escola e a minha mãe foi pra Salgueiro, comprou uma cartinha de ABC pra mim, sabe o que é?

– Que tem o ABC... as letras.

– Que tem ABC... Que era o livro da época, né? Ela comprou pra mim aí eu fui pra escola o primeiro dia com essa carta de ABC. Ía muito empolgada. Só que quando eu cheguei lá, os aluno... sempre criticavam os alunos que eram encostado. Eles fizeram uma música pra mim dizendo que eu não era matriculada, "nem é matriculada, nem é matriculada", eu vim, corri, vim embora. Aí, peguei essa carta de ABC e pendurei no pé de pereira ali, e ficou muito tempo. O povo procurando, e só que eu sabia onde tava mas não dizia a ninguém, né? Então esse foi o meu primeiro contacto com a escola. Depois eu voltei, fiquei aí encostada, assim mesmo. Aí no ano seguinte fui pra Salgueiro e minha trajetória escolar toda foi em Salgueiro. Me matriculei com cinco anos, fiz primeira série, fiz a segunda, terceira, quarta.... numa escola de Salgueiro, só que lá só tinha até à quarta série. Quando eu concluí a quarta fui pra outra escola. Na outra escola eu fiz de quinta à oitava. E só tinha de quinta à oitava, também. Aí quando terminei a oitava fui pra outra escola... aí nessa escola eu fiz magistério e em outra fiz científico, no mesmo ano. Estudava de manhã e à noite. Terminei o magistério em dois mil, em oitenta e nove, aliás, só que eu já comecei a estagiar. Não é? Quando eu tava no terceiro normal comecei a estagiar... obrigatoriamente, como professora presencial, né?

– Lá em Salgueiro, também?

– Em Salgueiro. Terceiro normal. Só que quando eu fui pra sala estagiar, a minha professora que ia me avaliar ela precisou de se afastar por seis meses, e aí ela viu que eu tinha condição de assumir a turma. E ela "Não, Marinalva fica, porque ela já tá estagiando." E aí eu fiquei meia assim, né? Sem acreditar muito. Disse, "Sei lá se vou dar conta." Aí fiquei seis meses nessa turma, quando a professora voltou, aí outra precisou tirar, ela disse "Não, Marinalva ficou, deu conta. Peça a ela pra ficar." E eu fiquei. Isso no segundo ano de magistério. No terceiro eu fui estagiar, já estagiei numa sala mesmo, dando aula mesmo. Sendo remunerada. Pronto, no ano que eu me formei eu vim trabalhar, já aqui. Num Sítio, chamado Sítio Tordilho. Ensinei três anos. Era uma escola que vivia assim fechada, professor vinha pouco, não dava aula direito. E a Secretária da Educação na época tinha sido minha professora do magistério todinha, ela foi minha professora três anos. E por

coincidência ela tava sendo Secretária da Educação. Ela "Marinalva, tu... não queres tar tal escola? Que tu leva jeito pra trabalhar assim, gosta de ver as coisa mudar." Eu vim assim mesmo, pra passar um ano, terminei passei três anos lá. Só que uma vez eu tava em casa e... meu marido disse "Givânia disse que é pra tu ir lá". Aí ela chegou "Não, seu lugar é lá na Paula, você tem que ir fazer a mudança lá, porque a escola não tá funcionando bem por isso e isso." Aí eu terminei vindo, como professora pra uma turma que tava com muito dificuldade, no quinto ano. E fiquei seis meses no quinto ano. Como a escola aqui não tinha coordenação, o currículo não era dessa escola. Eu digo que não era dessa escola porque era de todas! A proposta não era daqui. E aí eu já vinha num processo mais de conhecer mesmo essa educação diferenciada. Quando eu cheguei aqui eu fiquei preocupada, digo "Como é que pode uma escola não ter planejamento, não tem currículo, não tem proposta?" Aí eu mesma fazia a minha só. Fazia o meu planejamento, diário. Quando o pessoal da secretaria vinha pra cá fazer o planejamento, eu já tinha feito o meu. Certo? "Marinalva, tu já fez?", eu digo "Já.", "Ah, ficou ótimo, muito bem." Assim, eu comecei eu mesmo, tirava foto, fazia o mural, que as paredes não tinham nada. A minha sala era essa primeira, sempre era a que tinha painel da produção dos menino. Ninguém via produção de menino aqui nas paredes. Aí ela disse "Não... vamo convidar a Marinalva pra ser a coordenadora da escola." E eu também já criticava muito. "E como é que pode uma coordenadora vinda de Salgueiro planejar aqui? E hoje não tem aula, porque é planejamento. A professora chega as dez horas. Menino em casa e a gente aqui esperando." Não é? Quando era no próximo planejamento, às nove, dez, onze, "Não, ela não vem mais não, vamo pra casa." Quando era no próximo "Não, não vai dar pra mim não." Aí outro dia disse, "Ora vamo planejar? Tu sabe?", eu digo "Sei. Do mesmo jeito que ela faz aí, a gente faz melhor." A gente fez o planejamento, vivemos o planejamento. Não é? Foi quando a Secretária veio aqui, aí disse "Não... vamo convidar Marinalva pra tar na coordenação da escola." Aí já foi outra briga. Porque aí era briga de mudança mesmo, né? Não era só de ter um coordenador, era uma briga pra ter nossa própria, nosso currículo. A gente tá participando nas reuniões, tá dando reuniões aqui com as família, que a gente é quem conhece dificuldade, não é? Então pronto, e aí até hoje eu tou aqui, né?

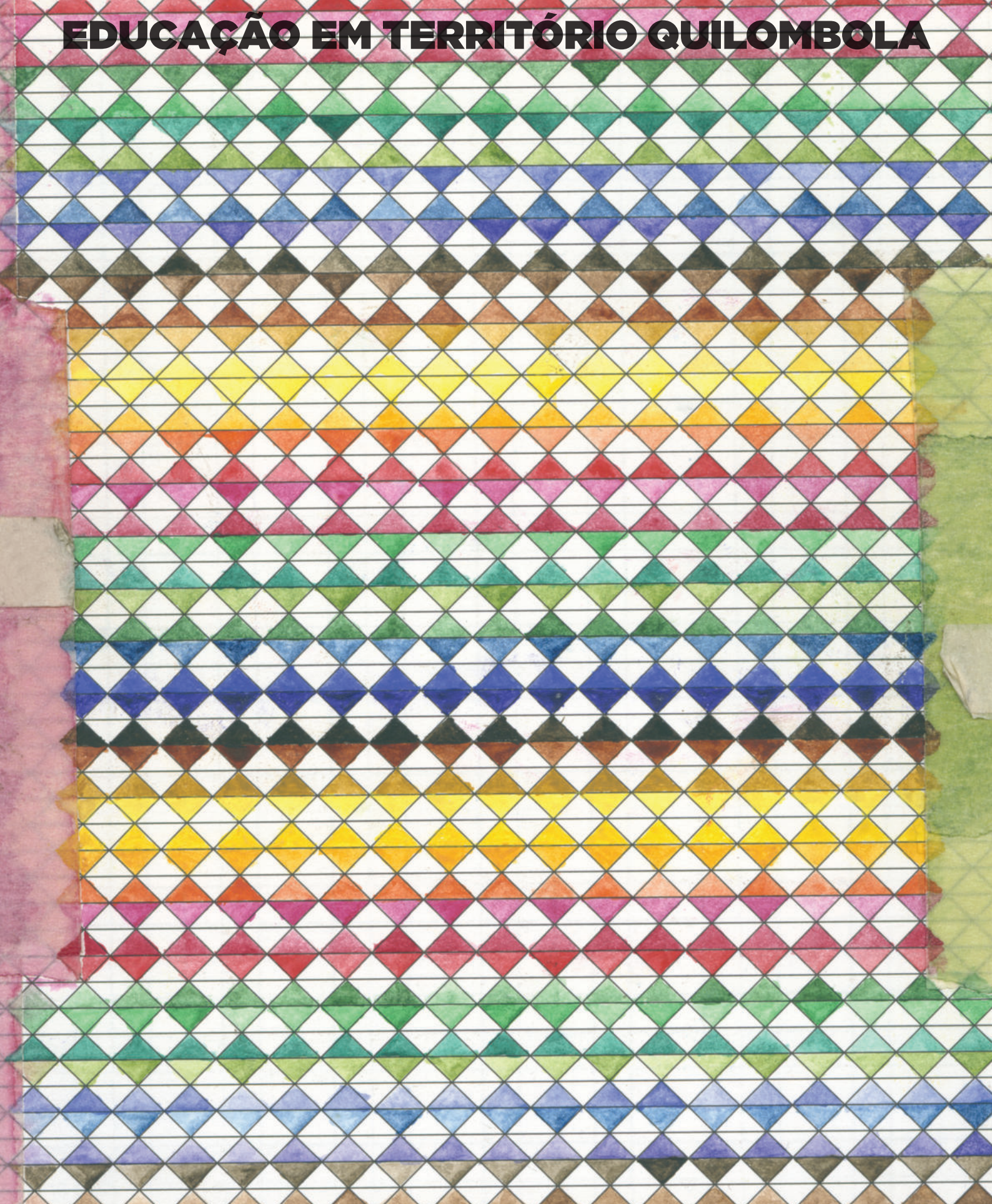
– Mas entretanto já fizeste a tua graduação...

– Tou concluindo agora este ano, não é? Comecei na faculdade, agora tem quatro anos que eu tou terminando agora na faculdade de pedagogia, que era o que eu queria fazer. Fiz o primeiro vestibular, em dois mil e oito, pra letras. Aí ainda fiz dois períodos. Só que eu tinha vontade mesmo era de fazer pedagogia. E quando surgiu pedagogia, aí eu fiz outro vestibular. Aí tou concluindo agora. Pedagogia, é o curso oferece tudo o que a gente precisa saber, embora os professores não explorem muito, né?

E praticamente lá na sala, quem dá aula sou eu, né? Dos conteúdos. Porque são conteúdos que eu vejo que é importante e os professores não exploram muito, e a gente termina cobrando mais, perguntando, dando depoimento, exemplos dessa escola, dessa comunidade. Que as pessoas ficam muito... não é? Não cavam muito a coisa, como diz a história. São conteúdos que a gente precisa aprender na escola, não é? Mas só que a gente não vê no jeito que é pra ver, né? É uma coisa mais pesquisada, e vai lá e lê um papel, pronto.

E aí quando eu terminar... o curso, pretendo continuar estudando, né? Ainda não sei o quê mas dentro dessa área.

EDUCAÇÃO EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA



Educação em Território Quilombola

> "É, queremos uma escola comum, mas que tem suas especificidades que precisa de ser respeitada. E especificidade não se dá no dizer não, tem que ser no fazer."
> (Maria Diva,entrevista,2012)

Para fazer esta pesquisa partimos para o trabalho realizado na comunidade. O fazer o currículo diferenciado das expressões artísticas desde a educação infantil ao ensino médio nas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas é ouvir, falar, sentir, observar, pensar. Para escrever o resultado da pesquisa de trabalho realizado, só mesmo partilhando o que a comunidade partilha diariamente no seu território.

Aguarela feita com tinta de aroeira

TRANCELIM

Era uma vez um umbuzeiro. Vamos aprender sobre umbuzeiros?

Uma árvore é uma árvore. Cada árvore é uma vida inteira. Várias árvores são gerações de vidas.

história

Existe uma história que não me canso de ouvir e por isso vou contá-la aqui escrita, claro que não é a mesma coisa que ouvir, à sombra de um umbuzeiro num dia de sol quente, pela voz de quem a sabe contar, mas na falta de melhor aqui vai ela escrita, podes lê-la e contar aos outros, com certeza será bem acolhida.

Dividir o umbuzeiro

Diva tem uma árvore ao lado da sua casa, mas não é uma árvore qualquer. Olhando com atenção vemos rapidamente que se trata de um umbuzeiro. Ele é a sua casa, e ele fica no Sítio Mulungu.

geografia

Um dia chegou a polícia, um dia que era dia de dividir. Às vezes dividir é uma coisa boa, outras vezes pode não ser tão boa. Esta divisão não trazia bem a ninguém, fazia parte de uma estratégia de derrube, derrubar esperanças na união entre os povos. Era o dia de delimitar o território, não para elevar o respeito de reconhecimento pela história e pela luta de quem empreende a sua vida a alimentar e crescer frutos benéficos à saúde. Era dia de delimitar a consciência, de a formatar à condição de prisão os sonhos e os pensamentos.

matemática

A árvore estava nesse dito 'limite' de território. E o limite era ali mesmo, no meio da árvore. A ordem foi determinante, é preciso derrubar o umbuzeiro. Pronto, não havia outra solução, deitar abaixo séculos de união e de história.

Algumas soluções eram procuradas mas nenhuma era acatada. Diva, sentindo-se impotente fechou-se em casa a chorar sem saber o que fazer, não aceitava que a história terminasse assim.

Que ordem era essa? Que autoridade determinava que não existia outra solução para o umbuzeiro? Para si e para o seu povo? Que solução existia para além de ficar ali a ver a árvore ser derrubada? Não, não iria ficar ali imóvel a ver cair a sua casa. Protegida dessa imagem restava dentro de casa chorar, recordar e contar a história de tempos em que o umbuzeiro era de todos sem limites, talvez dessa forma todos soubessem que uma árvore derrubada continuava viva no coração das pessoas e, assim, a reunião fosse um sonho possível, para além do sonho.árvore ser derrubada? Não, não iria ficar ali imóvel a ver cair a sua casa. Protegida dessa imagem restava dentro de casa chorar, recordar e contar a história de tempos em que o umbuzeiro era de todos sem limites, talvez dessa forma todos soubessem que uma árvore derrubada continuava viva no coração das pessoas e, assim, a reunião fosse um sonho possível, para além do sonho.

Ir à escola

escola

Era preciso aprender, pensava a menina. Aprender as coisas do mundo, afirmava. Apreender o mundo para crescer em consciência. O mundo feito de tanta coisa. E olhava pela janela para a serra ainda cheia de cor. Para isso,

diziam, é preciso ir à escola. Mas não havia nenhuma escola perto de casa. Havia, no entanto, uma professora que ensinava na sua casa, ali pertinho, lá podia aprender.
Sempre que a irmã podia trazia-lhe uma cartilha para ela aprender a ler o mundo e as coisas que nele existe. Aprender a ler é uma atividade lenta, mas esta menina aprendia muito rápido. Passou o tempo devagar e chegou a sua vez de ir a casa da professora aprender as coisas do mundo. Já crescida mais rápido aprendia, e nessa rapidez passava o tempo da escola a fazer as tarefas domésticas, até os outros meninos aprenderem o que ela sabia. Ela já sabia ler e escrever, assinava o nome direitinho e bonitinho. Já estava feita mulher.

O Mundo nas palmas da minha mão

mundo

E as coisas do mundo que estava ali mesmo aos pés dela, era essa a consciência que precisava.
Os dias passavam e tudo crescia, e comiam-se os frutos, depois tudo secava, novamente reflorescia, colhiam-se os frutos entre sonhos e vontades, a natureza voltava sempre para dizer-lhe, é o mundo!

festa

Em Agosto chegava a altura da festa! Que boa festa! Chegava também a época de apanhar o algodão. Apanhar algodão com chuva não dava. E era preciso apanhar o algodão, para comprar roupa, para ir para a festa dançar. E algo mágico acontecia, o pai botava fumo no tronco, a chuva passava e o algodão era apanhado, a roupa era comprada e a festa acontecia.

Santa Clara

E o mundo girava ao som de um forró!

chuva

Nos tempos de seca, a serra que enquadrava o umbuzeiro mudava de cor, fingia que dormia ali deitado ao sol enquanto esperava a chuva. A menina ficava também à espera da briga da casa de Zé Albino, numas casas mais acima. Esperava o difícil roubo de S. José, ora se isso acontecesse e se o roubo fosse identificado, a Dona da casa saía brigando 'Hei, carregaram meu S. José!', da briga surgia a chuva e em dias de chuva festa na comunidade, é que não há 'Coisa mais linda do Mundo!'
Uma coisa é certa, a dona da casa tem que brigar mesmo, teve um ano que se o roubo aconteceu ninguém ficou sabendo. Não teve chuva, não houve festa. Só a serra seca e o umbuzeiro pra sombra.

Dona das Caça

O pai que era caçador contava ao chegar a casa que sempre que chegava no mato, acendia um fumo para a Dona das Caça, era a forma de ela deixar a caça acontecer. Se ele deixava o fuminho em casa, aí era uma confusão, os cachorros não arredavam pé, nem se aventuravam com medo de represália. Era uma coisa incrível de se ouvir, se os cachorros se afastavam para procurar a caça, parecia que alguém batia neles e passado um pouco lá apareciam de rabo entre as pernas cheios de medo. Essas coisas que aconteciam no mato ficavam lá mesmo.

Rodamoinho

Já em tempos de seca, com caça ou sem caça era normal um rodamoinho levar tudo pelos ares, se o avistássemos a tempo, corríamos ao terreiro e em alta voz 'Aqui tem Maria!' e o rodamoinho mudava de direção afastando-se daquele caminho.
E os dias iam passando assim, de seca em seca, de festa em festa, de fruto em fruto, a menina casou e teve filhos.

Voltar à escola

A 1ª escola

Um dia chegou a notícia que a escola existia à distância. 'Pode ser que eu aprenda o mundo que está distante', e assim foi. Mas não foi sozinha. Juntaram-se quatro amigos e como era muita coisa para aprender em tão pouco tempo decidiram organizar-se. Cada um lia uma matéria durante a semana, e todos os sábados debaixo do umbuzeiro, cada um ensinava o que tinha aprendido. Às vezes a ensinar temos dúvidas, e juntos tiravam as dúvidas ensinando mais um bocadinho. No final do semestre íam à cidade fazer os exames. E completaram o ensino médio. Tantas coisas que se lia no mundo debaixo do umbuzeiro, a minha primeira escola.

Não tardou e o mundo bateu-lhe à porta!

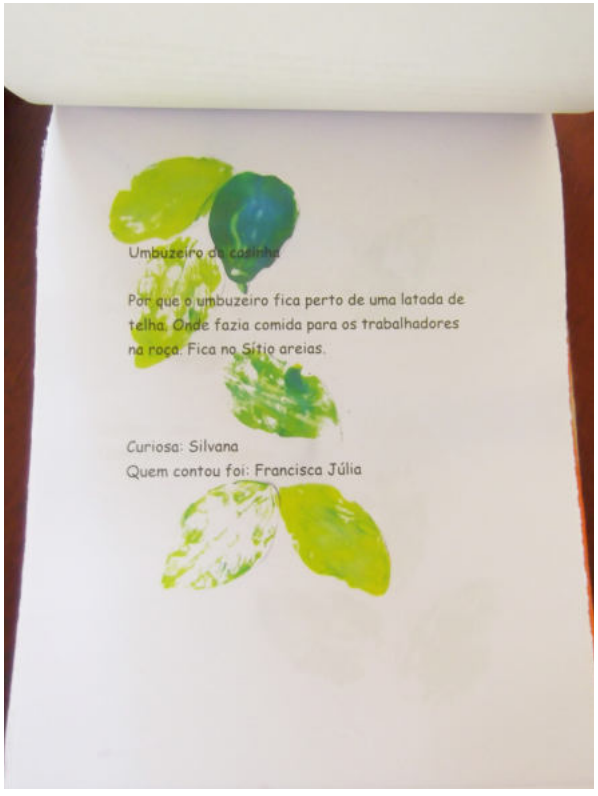
Semana Santa

Na semana santa todos os dias a gente vai comer na casa de alguém e termina no Sábado de Aleluia. Nesse sábado, a menina que chora pelo umbuzeiro, canta. Sempre canta, dizem que passa o ano todo a guardar a voz para esse momento. Aprende o canto com os pássaros que lhe cantam o mundo e repassa-o para as gentes que querem cantar o mundo. Mas só se quiserem.
O umbuzeiro que no seu ciclo seca e refloresce e dá seus frutos e seus ramos para refrescar, também ele se renova nesse dia que se prolonga pela noite e pelo canto, e por essa voz, e pelas vozes,e pela festa, e pela história.

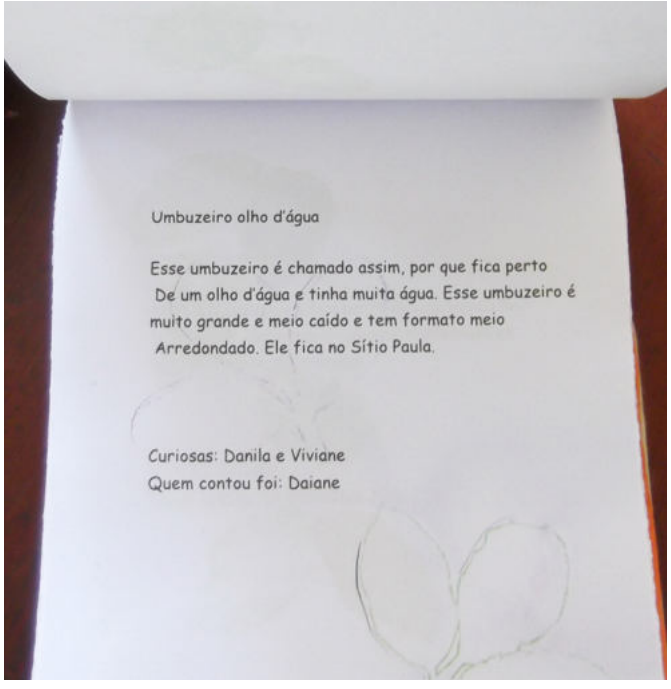
Dividir pode ser somar

O umbuzeiro que ía ser derrubado naquele dia pelos polícias foi apenas cortado na vertical, separando o território indígena atikum do território quilombola.
Nessa noite, Diva adormeceu e sonhou com o dia sem limites, sem fronteiras, sem separações, com aquele mundo que ela conhecia e do qual se despedia, sabendo que as mudanças sempre acontecem. Ainda na consciência do sonho ela acordou com uma certeza: 'existe mundo para além de mim, e eu faço parte dele'.
Eu acredito que o umbuzeiro lembra-se desse sonho, porque com o seu choro, ele mesmo pediu que a história fosse contada, e para além de se deixar viver, estendeu os seus ramos para abraçar os ventos e estender-se pelo ar rompendo essa barreira que foi imposta. Nessa resistência, ali está ele a abraçar toda a gente que queira a sua sombra. Venham, vamo-nos refrescar e celebrar a vida e a comunidade!

Umbuzeiro bordado por Jocicleide. Capa do livro,2014



Umbuzeiro bordado por Jocicleide,2014



Na sala de aula

Quando chegamos ao território é normal ver-se vários umbuzeiros, acontece que cada um tem a sua especificidade, principalmente nos laços que carregam entre as pessoas, então é normal ouvir a história que determinado umbuzeiro transporta na memória de cada um. Essas histórias são ricas, para além do seu significado como uma permanência entre os dias anteriores aos dias de hoje.
No currículo escolar os umbuzeiros ocupam um espaço importante, por ser símbolo e por ser significado na vida de cada um e do coletivo, o estudo do "território que temos" valoriza a aprendizagem passada de gerações em gerações, por via oral, que agora se transforma em transmissão escrita e em imagem, bordada, desenhada, pintada.
Na sala de aula cada estudante passou a ser pesquisador, entrevistando as pessoas que sabiam a história de cada um dos umbuzeiros e saindo ao mato para observar e recolher informações com os próprios umbuzeiros.

Nas aulas de História e Geografia, educadores/as coordenam conteúdos pedagógicos que chegam na grade curricular nacional e observando os recursos naturais que o meio lhes oferece planejam o dia a dia escolar. Após organizarem-se com os estudantes e já na sala de aula, projetam as visitas que precisam ser realizadas. Os estudantes junto com os educadores/as entrevistam as pessoas, nas suas casas ou numa sombra que encontram mais perto do local de encontro, de preferência debaixo de uma latada ou de uma árvore. Fazem o levantamento geográfico dos locais onde ainda hoje os umbuzeiros persistem e a característica de cada umbuzeiro (sendo todos iguais, são particulares, uns têm os frutos mais azedos, outros mais doces, uns são mais rasteiros, outros mais elevados, com a folha mais ou menos oval).
Prestando atenção aos narradores e sintetizando as histórias, em 2014 aconteceu o primeiro levantamento nas escolas da comunidade, fazendo parte de uma das matérias a oferecer para material didático para ser aplicado nas escolas com os próximos estudantes.
No final cada turma mostra o resultado da sua pesquisa e os educadores/as reúnem-se e observando o que foi feito partilham ideias para que no próximo ano a proposta possa ser aplicada de forma diferente.

Os/As entrevistados/as e os/as curiosos/as

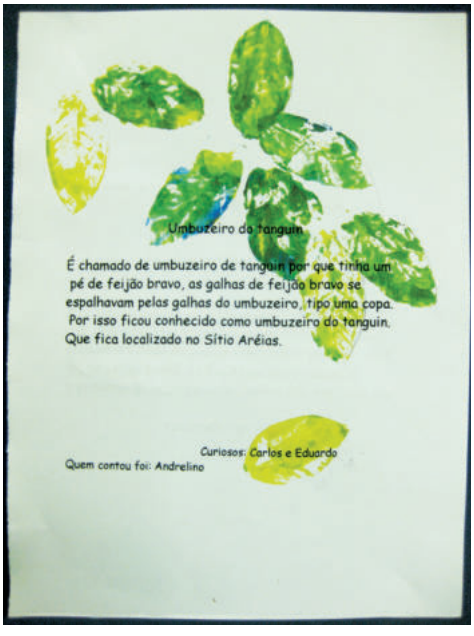
Dandara, é estudante na escola Professor José Mendes, e ela conta que tem um umbuzeiro no seu quintal, lá na Vila Centro, ao lado da AQCC, que é uma das espécies de umbuzeiro, e dá-se pelo nome de umbu-cajá.

Lourdinha, é educadora da disciplina de Artes e de Produção Agrícola, num intercâmbio entre a escola Professor José Mendes e a escola Bevenuto Simão de Oliveira conta a história do **umbuzeiro da Porta**, que fica lá no Pé da Serra. Nesse local, onde se chama 'umbuzeiro da porta', hoje só tem um pé de umbuzeiro, mas antigamente tinha a casa onde a mãe de Lourdinha casou e morou, essa casa era uma casa de taipa. Em dezembro de 1979 saíram de lá, a casa caiu, e todas as outras casas que tinha ali caíram também. O umbuzeiro da Porta, ficava de frente da porta da casa, como uma extensão dela, entravas primeiro no umbuzeiro e depois em casa. A casa caiu e só ficou a Porta, o umbuzeiro.
Na escola Bevenuto Simão de Oliveira, Maria do Carmo conta que chegando no Sítio dos Paus Brancos, tem o umbuzeiro do descanso. 'Hoje a modernidade é tão grande que até para morrer a gente é chique, vai de carro até ao cemitério, mas antes andava nas costas, colocava numa rede, colocava nas costas e a gente levava nas costas, e quando passava lá, a gente ía cansada, então colocava o pau no umbuzeiro e descansava'.

No Sítio Paula, Daiane contou para Danila e Viviane na entrevista que lá tem o **umbuzeiro olho d'água**, que por estar perto de um olho d'água tinha muita água.

Já o **umbuzeiro da casinha** fica no Sítio Areias, Francisca Júlia conta a Silvana, em entrevista, que o umbuzeiro fica perto de uma latada de telha onde faziam comida para os trabalhadores da roça.

página do livro umbuzeiros,2014



De que cor é a folha de árvore?

Fazenda Velha

Saímos para o mato para desenhar um umbuzeiro, o escolhido foi o que fica na Fazenda Velha, fazenda entregue à comunidade em 2010. Lá fizemos desenhos, sentimos o umbuzeiro, olhámos para ele, conversamos, recolhemos folhas e raminhos que levamos para a sala de aula. O dia estava quente, por isso fizemos tudo lentamente, sem pressas, sem correrias.

Na aula seguinte, ficamos na sala com a recolha que fizemos, imprimimos as folhas com tinta, azul e amarela. Falamos da cor. Contornamos com lápis as folhas, os ramos mais pequenos. Desenhamos livremente e também desenhamos só olhando para os pequenos pedaços do umbuzeiro sem olhar para a folha de registo. Ficamos com muitas memórias do umbuzeiro da Fazenda Velha, que serviu de referência para ilustrar todas as histórias recolhidas para 'O livro dos umbuzeiros'.

Fenearte, Olinda, estande 115 Conceição das Crioulas, 2015

Produzir para XVI Fenearte

A AQCC promove formação para professores/as e desenvolve projetos de geração de renda. Uma das suas ações fortes decorre do trabalho de design e comércio a partir das obras de arte, com o parceiro Ticiano Arraes. Na Casa de Produção Artesanal Francisca Ferreira (CPA) os mestres e artistas preparam os novos produtos para vender na Fenearte em Olinda, em 2015. Para isso decidem pesquisar e chamam a comunidade para participar.

Entre os produtos que já faziam, as bonecas de caroá, a louça de barro, o jogo americano, as blusas, colares, bolsas de caroá e de palha catolé, pesquisam-se novas histórias que se transformam em novos objetos que ao embelezarem a mesa, a parede ou o chão de cada casa também transportam a força, os símbolos da resistência de um povo.

Juntos, no CPA, as pessoas renovam as histórias e as obras já existentes, recontam encontros e contos, acrescentam pormenores lembrados, relembram e criam e recriam, numa junção do que era o antes e do que é o agora.
E é neste ponto que a comunidade se destaca no fazer diferenciado. A escola entra no CPA, os artistas vão à escola, mas não é por uma iniciativa pessoal, é por um fazer coletivo da qual a comunidade não abre mão, demore o tempo que demorar a AQCC cumpre a função aglutinadora de encontros e fazeres, repassando a importância de determinada ação existir em conjunto com outras frentes, neste caso a importância da escola e o CPA se encontrarem todos os dias. São as gestoras da escola enquanto membros ativos da AQCC que tornam possível transportar rapidamente os conhecimentos que existe na comunidade para ser trabalhado no currículo da escola e vice versa. Toda a gente a partir daí se mobiliza.

Sabão da Terra

Como era antigamente para lavar a roupa? Será que está tudo igual aos dias de hoje?
Na procura de recursos naturais para utilizar como material didático e pedagógico para as escolas da comunidade, alguém fala do sabão na reunião de planejamento da coordenação na escola Professor José Mendes. Podíamos a partir de uma barra de sabão fazer trabalhos tridimensionais, ou experimentar a técnica da xilogravura. Uma das preocupações era a quantidade de sabão que seria necessário para trabalhar na sala de aula. Então a primeira parte do trabalho era pesquisar se ainda havia alguém que sabia como se fazia o sabão antigamente e se ainda sabia fazer esse sabão nos dias de hoje. Vamos pesquisar?

Encontramos D. Olinda, de 61 anos, que mora em Várzea da Onça e faz sabão caseiro todo o mês. No mês de junho de 2014, ela mostrou passo a passo como se faz o Sabão da Terra. Contou também que antigamente na falta dos produtos que hoje podemos aceder na cidade e nos supermercados usavam a cinza, o sebo do bode e o cheiro da mamona. Hoje, ainda utiliza o sebo do boi, mas também já utiliza o óleo que foi utilizado nos assados, assim acrescenta perfume quando não tem o óleo da mamona. Na turma da EJA na escola Professor José Mendes lançamos a proposta e rapidamente muitas pessoas sabiam fazer sabão da terra e prontificaram-se a trazer sabão na aula seguinte com a receita.

Percebemos que ninguém faz um sabão igual ao outro e, por isso, alguns deles não serviam tão bem para o exercício, porque para brincar de xilogravura o sabão tem que ser algo duro e alguns sabões eram moles, para além de derreterem nas mãos também não ficavam com a forma que lhes era dado.
Assim como a tinta, que sendo muito líquida, precisa de revisão nas próximas experiências.

Este é um trabalho contínuo, de principalmente aprender a perguntar, aprender a ver, aprender a experimentar onde existe lugar para o erro como tentativa de melhorar cada vez mais. O incentivo que na sala de aula se repete é o de continuar, a partir do lugar em que te encontras, com os meios que a natureza te oferece, em diálogo uns com os outros, tentando e conseguindo, tentando e *reconseguindo* e tentando de novo.

Em jeito de brincadeira, gravamos um som.
diálogo (enquanto se ouve o som a partir do link ao lado)
- Oi Márcia, tá lavando roupa?
- Sim Mónica. Veja só, o sabão comum o que é que faz? Cheio de manchas, não sai! (-tá entendendo?) Agora o sabão da terra, esse sim, esse deixa branquinho, com cheirinho de... limpeza!

soundcloud.com/conceicao-das-crioulas/sabao-da-terra

Hoje vamos à mercearia e compramos um sabão, um sabonete, um detergente para a roupa, com muito cheirinho e muita gente acaba por esquecer como se faz o sabão da terra. Aprender a fazer o sabão da terra é lembrar cultura, não impede de utilizar outro sabão no dia a dia.
Mas a criança que aprende a fazer o sabão da terra, não fica com uma receita para fazer sabão, mais do que isso, ela adquire uma sabedoria que vem dos seus ancestrais e que fortalece a cultura da comunidade. Para o currículo quilombola essa é a diferença, é dessa forma que o currículo diferenciado significa a formação de um estudante mais completo, e por isso mais sábio.

Experiência de carimbo com sabão, Janailson, 2014

Experiência de xilogravura com sabão, EJA, Sebastião, 2014

O mundo hoje é a Copa do Mundo
E os meninos do mato, sabe o que é isso?
Na escola Bevenuto Simão de Oliveira, durante o intercâmbio da escola Professor José Mendes, Marinalva explica que tem uma diferença, em relação à Copa do Mundo, da cidade para a zona rural e é nessa diferença que a escola

tem que procurar fazer as crianças interagir ao máximo. Primeiramente, no Sítio Paula não tem ainda internet, nem tv a cabo, e nem tampouco existe televisão em todas as casas, então as educadoras e educadores têm que ser ativos, são elas que fazem as pesquisas na internet, que planejam atividades com as informações referentes ao decorrer das ocorrências do acontecimento, tais como: o horário dos jogos, as datas, as cidades onde o jogo vai decorrer, os países e as suas bandeiras, as cores, os equipamentos, os nomes dos jogadores. Embora hoje qualquer criança já saiba o que é um computador, porque a escola adquiriu computadores e procuram usar diariamente em atividades pedagógicas e escolares, mesmo sem internet aprendem a ligar e desligar, a abrir ficheiros, ver fotografias tiradas pelos próprios ou de pesquisas que as educadoras realizam para falar de outras realidades, de outros mundos, de outras formas de viver e de ser, sobre a fauna e sobre a flora interna e externa, escrever, imprimir (sempre que é possível), a guardar documentos, a fazer cálculos matemáticos e usam propostas interativas que alguns materiais didáticos, propostos pelo Estado, facultam. Em segundo a responsabilidade fica entregue às professoras, que têm de inserir os estudantes dentro do contexto do mundo e no que diz respeito a este tema, um acontecimento que acontece no País e com visibilidade internacional, as professoras têm que estudar para saberem contar e contextualizar os estudantes sobre a origem da copa, porque é que esse ano é no Brasil, qual o processo económico e social que a copa movimenta, porque é que foi o tatu bola o símbolo escolhido para representar a copa do Brasil e não a onça pintada ou jacaré.
No intercâmbio com a escola Rosa Doralina Mendes, os estudantes tinham várias perguntas para fazer em relação à Copa, e teve uma pergunta que apanhou os estudantes desprevenidos, qual o nome dos três goleiros da seleção? Ninguém sabia, só sabiam da existência de um goleiro, isso deixou toda a gente intrigada. Em casa, as crianças foram logo tentar aprender quem eram esses outros dois goleiros da seleção, as professoras também foram pesquisar. Os intercâmbios entre as escolas, de níveis diferentes são muito importantes para a aprendizagem de toda a gente e, na escola Bevenuto Simão de Oliveira, a conversa decorre embaixo de um pé de cola.
Tudo isso porque se a escola não fizer essa contribuição, as famílias também não sabem fazer e, inevitavelmente, são os estudantes que contribuem com a sua formação em casa captando a atenção das suas famílias também para as coisas do mundo.

Para quem tem televisão em casa, a formação escolar sobre este, ou outro, tema é de extrema importância, porque muitas abordagens que chegam pela televisão nem sempre correspondem à verdade. Nem tudo o que se passa ali, naquele ecrã, tem que ser necessariamente verdade e se a escola não tiver consciência disso e não trabalhar esses questionamentos com os seus estudantes (educadores e auxiliares de educação) as mudanças que se operam na comunidade podem ser deturpadas.

E como vê o exterior a participação da Copa do Mundo na zona rural?

Num ou noutro fim de semana lá vamos nós até ao Cruzeiro do Sul e passamos os dias com a família de Márcia. Como a água da transposição do Rio S. Francisco já chega nessa localidade, aproveitamos para lavar a roupa da semana. E enquanto se lava a roupa, vamos conversando sobre a vida, a escola, as histórias, a comunidade.

Há quatro anos atrás, um homem queria fazer uma reportagem sobre como assistiam à copa do mundo os quilombolas e entraram em contacto com a comunidade de Conceição das Crioulas, mas o que ele queria na verdade era um lugar onde tivesse uma televisãozinha onde toda a comunidade ficava ali assistindo o jogo. Essa é a imagem que toda a gente quer manter sobre ser de uma comunidade quilombola. Pois bem, na comunidade já não é mais assim. Teve um programa do governo que era Luz para Todos, e assim a luz chegou em todo o canto. [- Quando eu digo tem luz em todo o canto não é bem como nas nossas ruas do Porto, lá tem luz em quase todo o canto, mas por comparação com o que era antigamente está bem mais iluminado e, por isso, parece que tem luz em todo o canto.] Com a chegada da luz, chegou também a parabólica e a televisão.

Passou uma reportagem no formato da Copa que eles passaram, e foi sobre os indígenas. Lá no Estado do Amapá, na região norte, mostravam como era ali. Via- se a oca e eles lá. Alguns já sabem o que é uma bola, e tudo lá sem luz ainda. Os Yanomami, o maior povo, a maior população que aqui tem no Brasil, é no centro da mata.

Nos anos setenta, antigamente, ainda era assim na comunidade. Não tinha luz, a gente andava de candeeiro (Márcia, conversa comigo) – *aconteceu quando a luz chegou, que a minha avó e o meu outro irmão ficava sentado na sala, de luz acesa e cada um com o seu candeeiro ao lado, só de rir* – e uma televisão era coisa de outro mundo. Quando passava a novela, ou um jogo, ou outro programa que todo o mundo queria assistir, então a gente se juntava nessa casa e ficava ali a assistir. Mas hoje já não é assim não.

Ao saber dessa mudança e dessa realidade, o repórter da TV Brasil, SBT, acabou por não querer filmar a realidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Mais tarde, na televisão passou um programa do povo Kalunga, ali em Goiás. O povo Kalunga é enorme envolve três municípios, tem muita serra, uma região de muito difícil acesso, eles também não tinham energia, para chegar lá tinha de ser de cavalo, montando, uma comunidade que ficava muito distante, na reportagem o repórter mostrava e perguntava *essa aqui, que camisa é essa?* E eles não sabiam de nada, nem sabiam que existia a Copa do Mundo, nem sabiam que existia a seleção brasileira. A gente desconfia de uma história dessa. Mas pode até ser verdade.

Amarelo é o milho e a terra!

Júlia Francisca de Oliveira nasceu em
Setembro na comunidade de Conceição.
Com vinte anos por um rapaz se apaixonou
O nome era Francisco, homem de criação
Criaram oito filhos e vários netos
Isso é sinónimo de União.

Júlia, mulher forte que
gostava de trabalhar
Acordava muito cedo
Para arrancar o caruá
Tira os espinhos, batia
E transformava em borná

Mulher agricultora e artesã
Sempre foi uma guerreira
Fazia peça de caroá para
Ajudar a comprar feira
Essa mulher tem uma história
De esposa, mãe e companheira

Júlia mulher guerreira
Que com sua sabedoria
Trabalhava com garra e amor
Para conseguir o Pão de cada dia
Fez mudanças significativas
Com seu artesanato e com sua história fazia

Com o passar dos tempos
Essa prática se modernizou
Começaram a fazer lindas bolsas
Novas características criou
Aumentou a procura
E o artesanato logo avançou
(Alynne, Cassia e Gleyciele, escola Professor José Mendes,2014)

A terra é da aroeira!

Ar

em
ral
de
a
de
ia,
ta
a
de
io,
ca
as,
so
ca

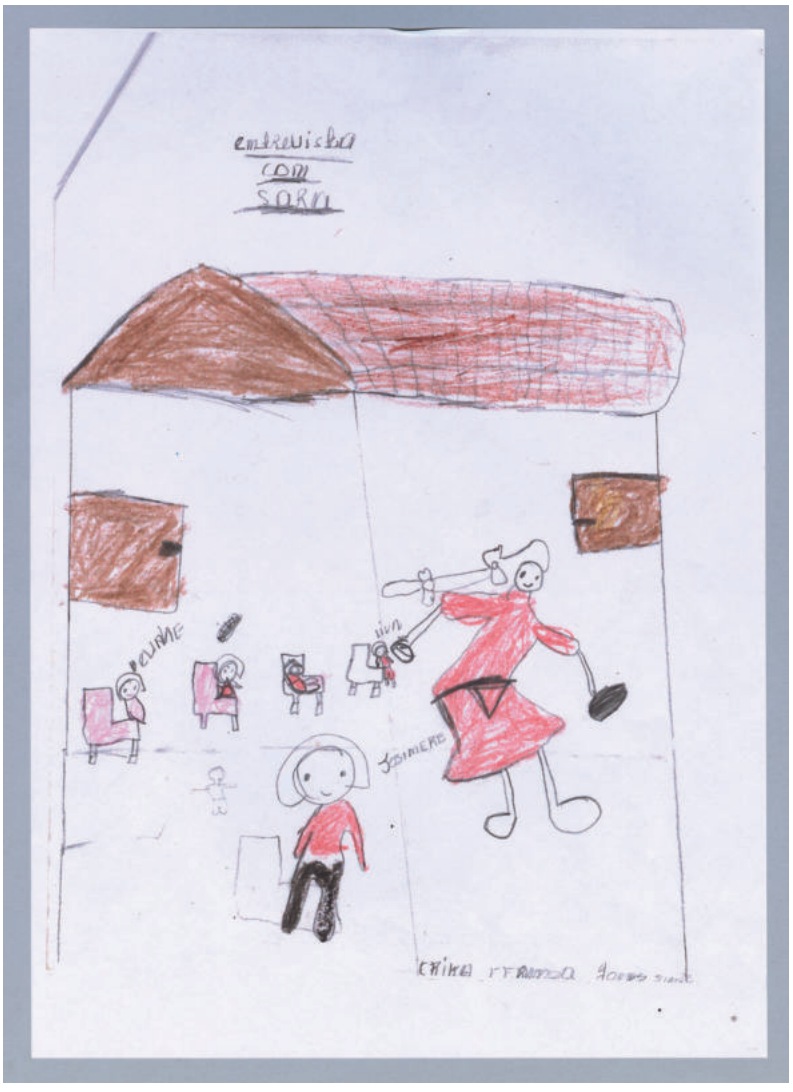
em
ral
de
r a

de
ia,
ita
a
de
io,
ca
as,
so
ca

em
ral
de
r a

de
ia,
ita
a
de
io,
ca
as,
so
ca

em
ral
de
a
de
ia,
ita
a
de
io,
ca
as,
so
ca



Desenho o que sei ou o que me contam?
Desenho como me dizem ou como vejo?

O Seu Luís já tem 80 anos e tem dois filhos, Leno e Zé, eles vivem no mato sem socializar com ninguém. Ele tem pouco entendimento do mundo de hoje, mas o de antigamente ele tem muito.

Para falar sobre o Projeto Sentimentos na escola, foi feito um levantamento na sala de aula, junto com as crianças, para identificar quem, na comunidade, era: alegre, agressivo, carinhoso, solidário, enfim, os vários sentimentos que se lembravam e quem seria a pessoa que correspondia a esse sentimento. Seu Luís foi eleito como solitário e foi organizada uma visita a casa dele. Ele era casado com Maria Grande que andava para todo o canto, conversava com toda a gente, tratava de tudo na rua, e ele ficava sempre em casa, mas desde que ela morreu que ele vai a Salgueiro uma vez por mês e lá ele compra 1 saco de

milho, 1 saco de puim (farinha de milho) e milarina. O milho, que depois ele mói, e o puim é comida para os porcos e a milarina para os cachorros.

Depois da visita à casa de Seu Luís as crianças perceberam que Seu Luís encontrava a sua companhia nos animais, só falava de porco. Ele não era solitário em relação aos animais, era solitário em relação às outras pessoas. Passava os dias com os porcos. Sabia tudo sobre o porco. Uma das crianças, da educação infantil, no regresso à sala de aula fez um desenho de um homem com cabeça de porco para representar a visita. O que aquela criança viu foi que ele não era apenas um homem, era um homem e também era um porco, era assim que se conhecia, falar sobre ele era falar sobre os porcos. Por ser uma pessoa isolada, muitas pessoas acham que ele é ignorante, mas não é ruim. Uma pessoa que é ruim ela faz mal aos outros, seu Luís apenas quer cuidar dos seus porcos.

A representação de um homem com cabeça de porco é uma ligação entre o ser humano e o ser animal, que muito tem de próximo.

Quando ele fez anos, fizemos um bolo para ele, e eu fui lá entregar e ele se emocionou. Posso mostrar este desenho ou escondo-o?

Mameleiro: lavar a louça, é bom para o alívio da azia

Algaroba: alimenta os animais

Aroeira: cicatriza e é bom para a dor de barriga

Jurema Preta: serve para banhos de limpeza e cicatriza, faz tinta preta

Algodão seda: veneno, em contacto com os olhos cega

Baraúna: faz tinta preta

Aroeira

E o Posto de Saúde ficou com o nome de Mãe Magá.

Margarida da Silva nasceu em 1926 na Conceição das Crioulas, tinha muito conhecimento sobre remédios caseiros, esses conhecimentos fizeram dela uma liderança muito importante na comunidade, enquanto parteira fez nascer muitas pessoas por isso ela é lembrada como Mãe Magá. Hoje ela é uma lenda assim como a Serra das Princesas. Segundo a pesquisa realizada por Vítor e Ícaro, quando ela, Mãe Magá, se perdeu na Serra das Princesas durante três dias, contam ainda hoje que quando viu os caçadores ela se envoltou ou se encantou porque ela sabia umas orações de se envoltar, e os caçadores não a encontraram. Contam que na Serra das Princesas há um príncipe e uma princesa e uma bola de ouro entre eles, são vistos de Vila União mas não em todo o tempo, acredita-se que à época em que somem, o que toda a gente sabe e pode confirmar é que se trata de um canto mágico, cheio de mitos, de coisas lindas, de belezas naturais e incomparáveis, quem conta a lenda logo acrescenta, ainda acontece pessoas se perderem lá. Pedro Damião, um dia destes sumiu, passou na estradinha, sumiu, foi parar lá na Serra das Princesas, passou no boqueirão foi parar lá. A Serra das Princesas fica a 13 km da Vila Centro da comunidade e lá fica um dos marcos do território quilombola de Conceição das Crioulas.

Hoje também podemos ver as árvores que Mãe Magá ajudou a crescer, essas árvores são muito características porque cresciam em trança, ela entrançava os troncos. Ela continua a ser uma inspiração de força e persistência na comunidade. Hoje foi homenageada, também, no Posto de Saúde da comunidade.

Foto: Adriana Oliveira,2014

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

O barro

Para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas é preciso conhecer a terra. Para conhecer a terra é preciso aprender a esperar. Aprender a esperar é ter tempo para conhecer as pessoas da comunidade de Conceição das Crioulas.

De geração em geração.

Bernardina Firmiana de Oliveira, nasceu em 20 maio de 1941, perto da Vila União, para dentro daquele mato, perto de onde fica agora o açude, ela e seus irmãos se geraram ali mesmo, mas quando construíram o açude, tiveram que mudar mais pra *riba*. Passado um tempo mudaram-se para as Areias, lá no pé do Serrote. Os seus avós eram de lá, do pé de Serrote e a mãe foi morar junto com os pais.

A mãe, Ana Belo, fazia pote para vender, e para manter a água fresquinha lá em casa, mas não fazia só pote, fazia aribé que hoje em dia o povo não sabe o que é aribé, mas nesse tempo era preparar o comer, colocar aquela comida para ir para a roça, botar na cabeça aquilo ali, bezão... tinha a chaleira de fazer café, de barro, todo o dia fazia café naquela chaleira de barro. Nesse tempo o barro era tirado por uma pessoa mais velha, essa pessoa tirava o barro com muito amor, com muito carinho, ia caçar ele mesmo bem embaixo mesmo, que era quando ele estava bem curtido.

Bernardina, hoje conhecida por Mãe Dina ou Dona Dina ou Dina, da mesma forma que aprendeu a caminhar, aprendeu os primeiros passos de trabalhar o barro com a mãe, ali ao lado dela, todo o conhecimento que ganhou foi desenvolvido com ela. Da mesma forma que aprendeu a falar, aprendeu a

linguagem da terra, aprendeu a ouvir as vontades do barro.
Na hora em que a mãe ia fazer cerâmica, lá estava ela a ajudar a pisar, a ir ver no mato, mas nunca a assumir de conta, o barro precisava da ajuda dela, para se deleitar na água até ficar bem molhadinho, para se levantar vaidoso e até para assar naquele foguinho bem branquinho. Isso é certo, ele gostava da ajuda de Dina, não prescindia dela, sabia talvez que ainda havia muita coisa reservada para ela, ainda. Ainda não tinha chegado a hora. A hora de tomar conta do barro pertencia à mãe, como se a sua presença revelasse uma força primordial. Veio o dia em que Ana Belo não dava mais conta de tomar conta da cerâmica. O barro esquecia-se de tomar banho, espreguiçava-se infinitas mil vezes para se levantar, atrasava-se para se encontrar com o forno. Resolveu ir morar lá na Vila Centro cuidando dos filhos, dos netos, dos bisnetos, dos trinetos, contando histórias, fazendo a novena, a comida para todos na semana santa, agradecendo e abençoando o chão que sempre esteve ao lado dela.

O barro é a casa

Voltamos ao ano de 1993, e a esta distância podemos confirmar que algumas coisas apresentam sinais de mudança. A Vila União das Crioulas, tem a sua história. Quem sai da Vila Centro em direcção ao Sítio Paula, passa pela Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes (que às vezes nem sei se pertence à Vila Centro ou à Vila União), depois antes mesmo da saída para o Boqueirão, entra num corredor de casas, uma fileira de janelas e portas, com a estrada ao centro. Contam a quem passar que em 1993, as casas eram de taipa e que o insecto de nome barbeiro se instalou nelas e começou a matar pessoas. Logo, os agentes de saúde se reuniram para arranjar a melhor solução para exterminar com esse bicho. Com os moradores chegaram à conclusão que o melhor seria substituir as instalações por uma construção de alvenaria, para isso a Prefeitura apoiava com o valor do material e os moradores com a mão de obra. Fez-se o levantamento das casas e era preciso construir 25 casas. Mas na hora de começar a obra, os homens suspeitaram que aquilo ali não era dinheiro para as obras porque não dava para pagar a ninguém, era mais um dinheiro

para passar a seca. As mulheres ouvindo isso, arregaçaram as mangas e logo começaram a bater tijolo, a bater barro. A obra que estava prevista terminar em três meses demorou oito meses, porque foi maioritariamente feita com a força das mulheres. No fim já estava todo mundo junto ajudando, que os homens viram que afinal ia dar certo e juntaram-se à construção das casas.

O barro vermelho fica vermelho, do mesmo jeitim.

Dizem que quem trabalha o barro não pisa o chão, pelo contrário sente o seu próprio peso.

Andrelino Vicente Dionizio, nasce em 1978. Dizem que quando a gente nasce em família que trabalha com barro é como se estivesse no sangue da gente aquela vontade assim, de trabalhar com barro. Tinha vontade, era tudo o que sabia, e por isso, assim que podia lá ia ele para a beirada do açude brincar com o barro. A mãe vendo isso pensou que o melhor seria ela começar a tentar ensinar a ciência do barro.

A avó de Andrelino era quem conhecia o barro, o seu trabalho, as suas manhas, as suas frescuras, e a mãe embora tivesse visto a mãe dela a trabalhar, não conseguia repassar esse conhecimento porque ela não tinha aprendido. Ainda assim vai procurando fazer, saber, conhecer... até que em 1993 para 1994 começa o resgate cultural. Um bocado de gente veio aprimorar os conhecimentos a partir daí, a Prefeitura decidiu apoiar uma oficina para crianças sobre o barro, mas terminou que ficou apenas Andrelino enquanto criança, na oficina. Com 15 anos Andrelino encontrava-se com outra geração, Sabina, Madrinha Lourdes e Júlia, a finada Luísa, D. Dina.

Assim conta a história que pela primeira vez se reuniam as gerações para recontarem o repasse dos saberes a outras pessoas que não eram seus descendentes de casa.

O barro negro faz a cerâmica da semana santa

Com a vinda de Ticiano, nascido em Salgueiro, morador de Recife, a partir de 2000 faz-se um resgate comercial, o que leva o trabalho do barro, com os seus costumes e conhecimentos, além do cultural. Tem muita gente nesse mundo fora que aprecia as peças de barro que a comunidade utiliza no seu dia a dia, mais ainda, tem muitas outras comunidades, sejam elas mais locais ou menos globais, que querem a impressão digital da comunidade nas peças de barro que levam para sua casa. O que faz com que a peça a ser trabalhada é aquela comercial (que as pessoas apreciam pela beleza da peça associada a alguma utilidade) e não a tradicional (para uso cotidiano) embora as peças que são as procuradas são as que têm essa força impressa nela, essa vida, esse elemento primordial, aquela peça que é levantada na mão. Com esses pensamentos e conhecimentos trabalhados, muitas peças já não são feitas mais. A exemplo: a chaleira de barro, que era feita para fazer chá, remédios; a couscouseira, foi feita mas mais a título ilustrativo do que utilitário; a frigideira de barro, já não se

cozinha no fogo; as caqueiras, trempe onde coloca o caldo; o pote, deixou de ser feito não por questão de oficina mas pela questão da prática e da higiene e o aribé, que era usado e que hoje mais ninguém sabe para que serve.

O barro branco aquece-se com o pereiro e faveleira

Dina, só depois de 2000 quando a mãe deixou de fazer o barro, e com a oficina que a Prefeitura apoiou foi quando começou a deitar a mão na massa e assar por conta. Nessa altura da oficina, para Dina entender a arte do barro, Madrinha de Lourdes veio e ficou na sua casa para ensinar o diálogo que o barro tem com o fogo. Pois bem, para assar o barro requer um tipo de madeira, uma qualidade de fogo, e como se aconchegava tudo direitinho, só assim é que Dina pode tomar conta de todo o fazer, do fazer do *nosso* jeito, do barro e "faço tudo".

A luz bem vermelha não pode cozer o barro branco, por isso ele precisa se aquecer com o pau de pereiro e faveleira, que é uma luz bem branquinha. Já o barro vermelho aceita qualquer pau, pode ser jurema, pode ser angico porque ele quer saber só de quentura.

Mas tem outras recomendações que foram importantes de aprender. No barreiro não podia estar criança não, tem qualquer coisa ver com ventos. O barro tem uma relação muito íntima com a lua, nova, crescente, cheia, minguante. Essa relação também se associa à mulher e os seus ciclos.

O barro tem seu jeito de educar, de contar, de esperar, de cantar, eu aprendi isso com muita persistência. Quando cheguei à comunidade encomendei barro em novembro e só o recebi em maio.

O barro tem muita ciência.

As aulas de História

Nos manuais para a disciplina de História, a proposta abre com a apresentação da importância da atividade dos arqueólogos e na participação que estes têm no entendimento que temos a respeito dos povos que cá andavam antes de nós, como viviam, o que comiam, sobre as suas casas, sobre as suas roupas, costumes, hábitos.

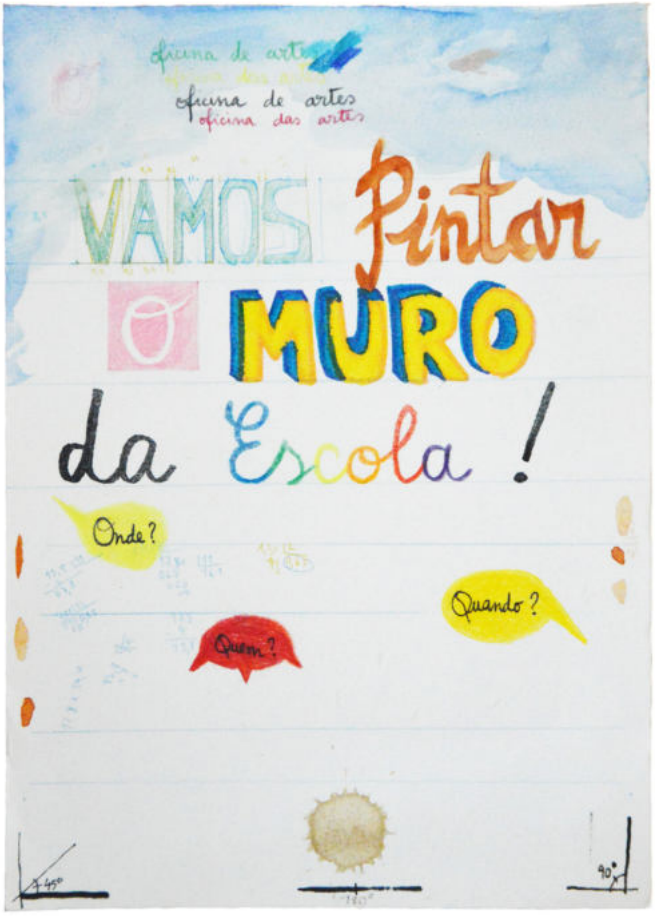
> "Esse novo jeito de ensinar também é norteado por um planejamento prévio. Definem-se objectivos, o local, a data, o horário da saída e do retorno e pactuam todo o processo. Há também o envolvimento das famílias, confirmado através organização dos lanches que as crianças levam ou mesmo quando se integram ao grupo. Para ilustrar essa prática, podemos usar como referencia os estudos/ visitas que acontecem na Pedra Preta.
>
> A Pedra Preta é um dos pontos históricos da comunidade, e também turísticos para quem visita o território quilombola de Conceição das Crioulas e que a seu respeito as pessoas mais velhas da comunidade nos contam muito. Segundo elas, na Pedra Preta há muitos sinais: o rastro do pé de Deus quando era criança e também

quando já adulto, o rastro do pé de um gigante, etc.
Durante a realização das actividades planejadas para esse locais, os/as estudantes assumem o papel de guias turísticos. Aqueles/as que já sabem algumas coisas sobre o lugar, mostram e falam sobre as belezas e curiosidades que nele existem para todo o grupo inclusive para as/os educadoras/es organizadoras/es da atividade. É impressionante o quanto as crianças sabem sobre a Pedra Preta e como elas acreditam nos significados que tem algumas marcas existentes na referida Pedra!"
(Texto escrito pelas educadoras da escola José Néu,2013)

A EJA é uma turma muito recorrida quando queremos contar as histórias do tempo de antigamente. Desta vez, o programa planejou o turno da noite da EJA encontrar- se com o turno do dia do 5º ano, a partir da elaboração do programa, dos conteúdos pedagógicos e na preparação dos materiais didáticos.
Para isso, a turma da EJA começa por moldar os objetos, elementos, que constituíam o dia a dia de antigamente e que hoje já não há, ou começa a estar em desuso.

Ao lado da escola, num terreno baldio, fazem-se os preparativos para a abertura da aula de História do 5º ano, no próximo ano letivo. Durante as férias enterram--se lá os objetos e os estudantes serão os arqueólogos, aprenderão a 'escavar', dos objetos que encontrarem partirão em busca das histórias que completam os objetos enchendo-os de viva, de significado, de conteúdo, relembrando a memória de um povo, o que utilizou esses elementos encontrados.
Após a fase de encontro e atribuição de sentido aos objetos encontrados, começamos a aprender e analisar as histórias dos povos do mundo, acreditamos que desta forma os estudantes entendem como acontece o processo de resgate histórico e respeitando a sua história respeite a dos outros povos.

O CPA também se organiza para o novo ano escolar. Os preparativos para recolher o barro, para construir o forno, para motivar o tempo da escola ao conhecimento que o barro quer que tenham sobre ele exige um planejamento diferente.
Podemos observar pelos relatos anteriores que a maior parte das vezes os conhecimentos adquiridos na arte do barro era repassado pela família, isso também se deve ao facto de cada artista ter a sua oficina em casa, e várias vezes misturar os afazeres diários com a preparação, manutenção e execução das peças de cerâmica. Tornando a relação tempo espaço muito diferente daquela que a escola pode oferecer. Foi a pensar nisso que a gestão escolar, a AQCC, o CPA vem já há algum tempo lutando por em espaço comum para a prática da cerâmica, não de forma a alterar os costumes, mas sim permitir um espaço onde artistas, educadores e estudantes se encontrem dentro ou fora do horário escolar, e partilhem livremente os seus conhecimentos com todos aqueles que queiram aprender.



Vamos pintar os muros da escola?

A escola José Néu de Carvalho tem um muro muito alto, quase nem se percebe que é uma escola. A escola Professor José Mendes tem um muro altíssimo, será mesmo uma escola que está por detrás desses muros? A escola Rosa Doralina Mendes, tem arame e tem alguns muros, o desenho da escola é igual a outras escolas estaduais do Estado. No início a escola Bevenuto Simão de Oliveira não tinha muros, mas entrava todo o tipo de animal e era difícil manter a escola limpa e arrumada. Os muros da escola foram construídos para proteger a escola dos bodes e cabras e jumentos, também para guardar o material da escola e mantê-los preservados. Hoje as crianças dizem que os muros da escola também servem, e principalmente servem, para pintar. Dessa forma, podemos nos muros da escola contar a nossa história.

A partir do momento em que a escola começou a ter muros, que a gestão começou a planear uma forma de utilizar a grande 'tela' em branco como uma ferramenta de identificação da própria escola e da identificação do que a escola significa para a comunidade onde está inserida. Surgiu a vontade de fazer um projeto que se chamou 'Arte em Toda Parte', esse projeto surgiu com a equipe do GT, Grupo de Trabalho do Território, em que as crianças foram convidadas

a identificar o 'Território que temos.' e o 'Território que queremos.' E toda a apresentação das suas reflexões foram apresentadas em forma de desenho, a pesquisa foi realizada a partir de conversas, a oralidade ainda continua a ser a ferramenta mais eficaz de recolhas da história, do conhecimento, da preservação da cultura, e também foram realizados passeios com todas as crianças aos vários Sítios que compõem todo o território quilombola.
Os desenhos foram realizados em papel, apresentados e guardados pela escola. Depois disso planearam um projeto para pintar algumas dessas histórias no muro da escola e já planeraram um outro projeto, um que pensasse a beleza negra, então toda a escola se organizou e seleccionou histórias recolhidas em livros e filmes, histórias que íam para além do conhecimento oral e local. Organizaram um concurso em que cada criança escolhia uma personagem dessas histórias. No fim fizeram uma votação e ganhou 'A menina bonita do laço de fita'.
Convidaram um artista na comunidade para reproduzir a história no muro.

Quando os jovens têm que migrar

> "Bom, eu enquanto quilombola, aqui de Conceição das Crioulas, afirmo e reafirmo que acredito que nós, enquanto educadoras, sociais ou de sala de aula que acaba sendo todo o mundo educador social, eu acredito que nós estamos no caminho certo. E aí, é uma pena que, infelizmente a gente se depara com a realidade de que a nossa juventude tem que se fazer aqui e ir para o mercado externo. Enquanto que a gente gostaria que a juventude se fizesse aqui, se formasse aqui e aqui conseguisse transmitir seus conhecimentos, trabalhar em harmonia com a comunidade e sobreviver. Mas infelizmente ainda tem muito o êxodo da nossa juventude. Por falta de políticas que garantam a nossa sobrevivência na comunidade."
> (Rozeane,roda de conversa,2014)

Existe uma luta que a comunidade continua a enfrentar, a da migração dos seus jovens para as cidades, sempre foi assim. Mesmo que saibam que sempre foi assim, hoje pretendem inverter essas condições na história, reconhecendo as qualidades que os seus jovens possuem, valorizando os conhecimentos que têm, criando condições de vida, lutando para que eles permaneçam na sua comunidade.

"Histórias contadas pelas pessoas mais velhas"

A maior parte das histórias que contam sobre o passado são contadas pelas pessoas mais velhas, e tem outras mais novas que recontam as histórias que lhes contaram os mais velhos, contam sempre para os mais novos. Um dia os mais novos serão mais velhos e contarão essas histórias, que os mais novos recontarão para os ainda mais novos.
Nessa prática, a escola Bevenuto Simão de Oliveira partiu para a ação escolar

pensando o projeto político pedagógico inserida nesta realidade e decidiu, em conjunto com as outras escolas quilombolas do território, que a próxima parte da extensão do projeto 'Arte em Toda Parte', o 'Território que temos. Território que queremos.' e 'expressões artísticas na escolas quilombolas de Conceição das Crioulas' seria planear a pintura no muro refletindo esse saber da comunidade desta vez em forma de desenho pelos mais novos.

Os estudantes da escola transformam-se assim nos artistas pintores de contos nos muros, como o njingiritane, e ano após ano, deixariam a sua semente no muro da escola para os que vierem a seguir, ou até mesmo para os que já estão a ir, observarem a sua fala desenhada. Como a mão pintada na Pedra da Mão.

Nós criamos

Somos artistas. Com o algodão, com o mucunã, com a fibra caroá, com a palha catolé, com os paus de pereiro que caem no chão, com a casca da aroeira, com a jurema. Também recriamos. Também sonhamos. Também dançamos.

É meu e nunca me pertenceu.

beijinhos para a Joana

Joanita,
este desdobramento foi feito a pensar em ti e a pensar em mim.

E foi feito a experimentar a investigação.

Foi feito em viagem, com o material que encontrei no caminho.

Foi sempre a repetir e a repetir.
Coloquei tinta numa folha e dobrei.

Calquei – Rocher, eu sei mas faz de conta que eu não sei
Quando abri a folha, simetria. Uma imagem só.

Peguei noutra folha.
Calquei – simetria da simetria
O gosto, o prazer da repetição.

beijinhos da Mónica

Retirei a folha de cima da imagem original. Coloquei-a de lado. Ao lado.
Peguei noutra folha. Calquei – Padrão

Movimento padronizado.
Mas veio o vento...

Molhei o desenho original com água.
Pintura. Continuei até a imagem se cansar.

Cansou-se. Ficou suspensa.

A repetição da repetição precisa de tinta.
Se eu insistir na imagem original ela desaparece. Quero-a intacta. A verdadeira imagem

E todas as outras são originais?
Não consigo escolher.
Vou deixar esta tarefa para outro.
(Já não me pertence.)

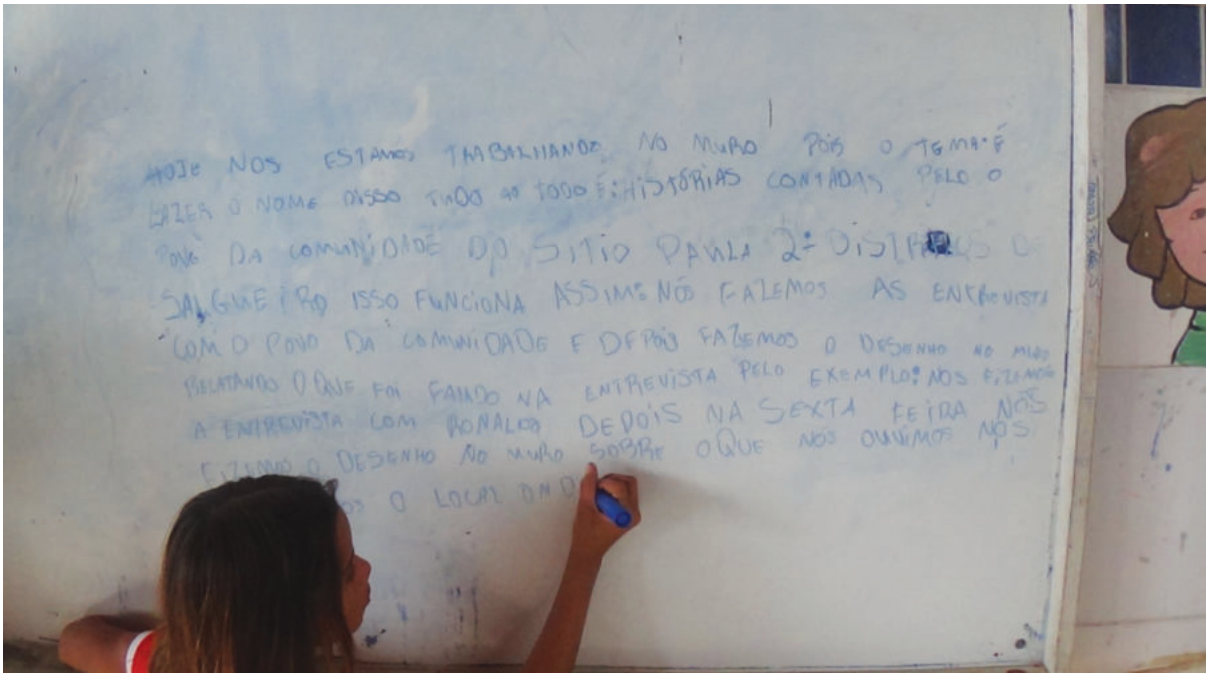
Nós comemos

Maria de Aldenora, moradora do Sítio Paula, conta como era a comida antigamente, para além do milho que servia para muitos tipos de comida e que hoje ainda é a base da alimentação da comunidade, mais antigamente quando não havia muita variedade de comida porque não havia arroz nem macarrão, também comiam mucunã e xique-xique.

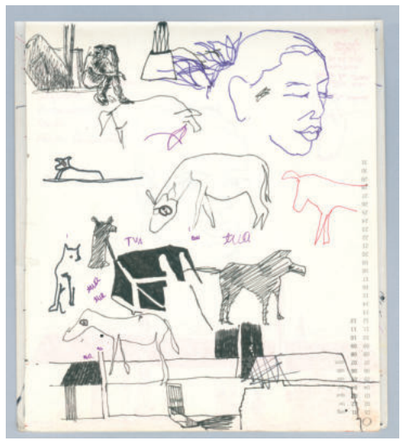
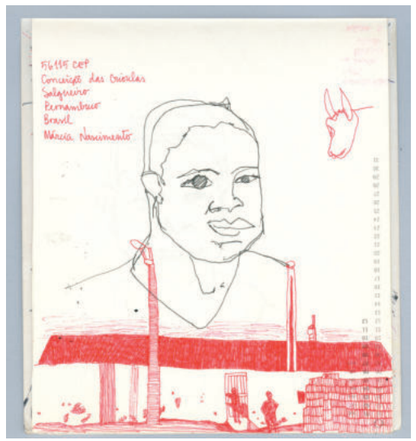
O mucunã precisava ser torrado, depois quebrado. Era então que botava no pilão, pisava-se o mucunã para peneirar. Na fonte tinha que ser lavado com nove águas. Tem que ser com nove águas, se passar as nove águas é veneno, e se diminuir também é veneno.

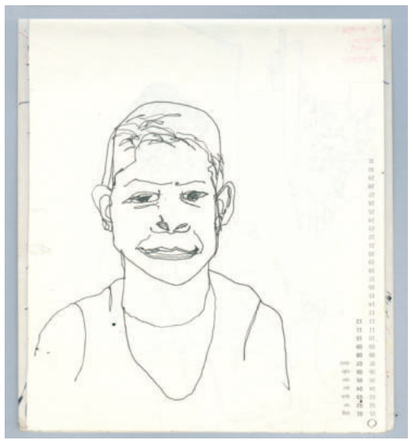
A macambira Maria só se lembra de comer já cozinhada. Do xique-xique, mãe ía para o mato, tirava o xique xique, e ao comê-lo ela lembra-se: era bom! era o mesmo que comer macaxeira. Hoje só lamenta o veneno que se coloca em tudo o que vai ser comido, até o mandacarú leva veneno e por isso antigamente a comida era melhor porque era tratada sem agrotóxico, então comiam mais saudável.

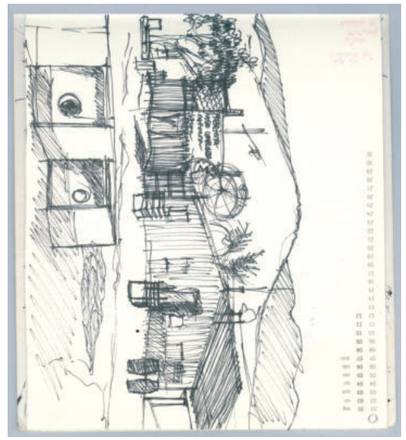
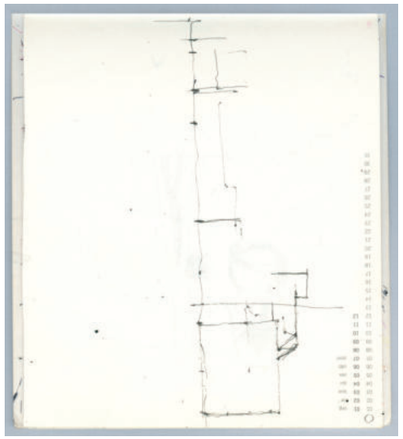
Todas as crianças, de todas as salas fazem entrevistas, dividem-se em temas, desenham o que aprenderam com as entrevistas, primeiro em papel na sala de aula, depois na aula seguinte, com a escola organizada para o evento, passam os desenhos para o muro. Sofre sempre algumas alterações, pela escala, pelo pincel, pelas cores, e aos poucos, todo o muro fala, respira e inspira quem entra e se perde naquelas narrativas. Todo o mundo se revê naquelas pinturas. Toda a comunidade se orgulha. Todos querem saber como é na minha terra. Também contam histórias nos muros? Queremos ouvi-las.



O Milho e o S. João!



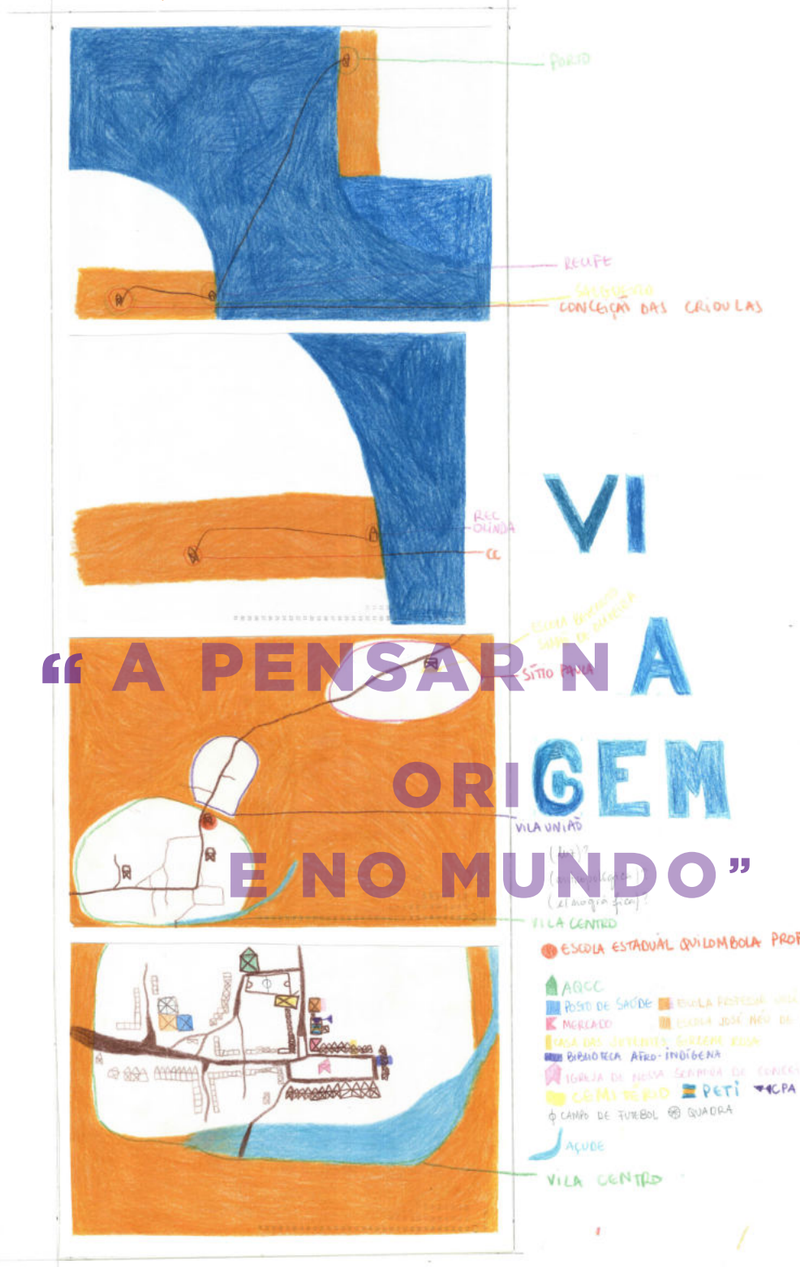
DESENHOS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA

LIVRO REALIZADO NA NOSSA OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE LIVROS NA BIBLIOTECA AFRO-INDÍGENA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Nós plantamos

Como se desenha uma estrela?

Para mim, o Brasil é do tamanho da CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS



VI

“A PENSAR NA ORIGEM E NO MUNDO”

HISTÓRIA

LUTA

DEVAGAR

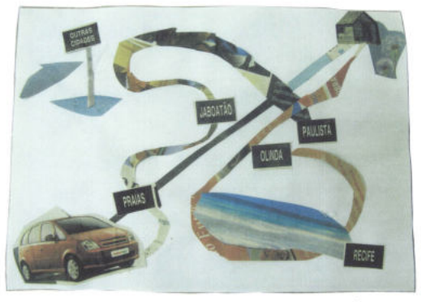
QUAIS AS POSSIBILIDADES ?

SONHO

VOU DE CARRO

PENSAR

O MAR



VOLTAR

IR

RÁPIDO

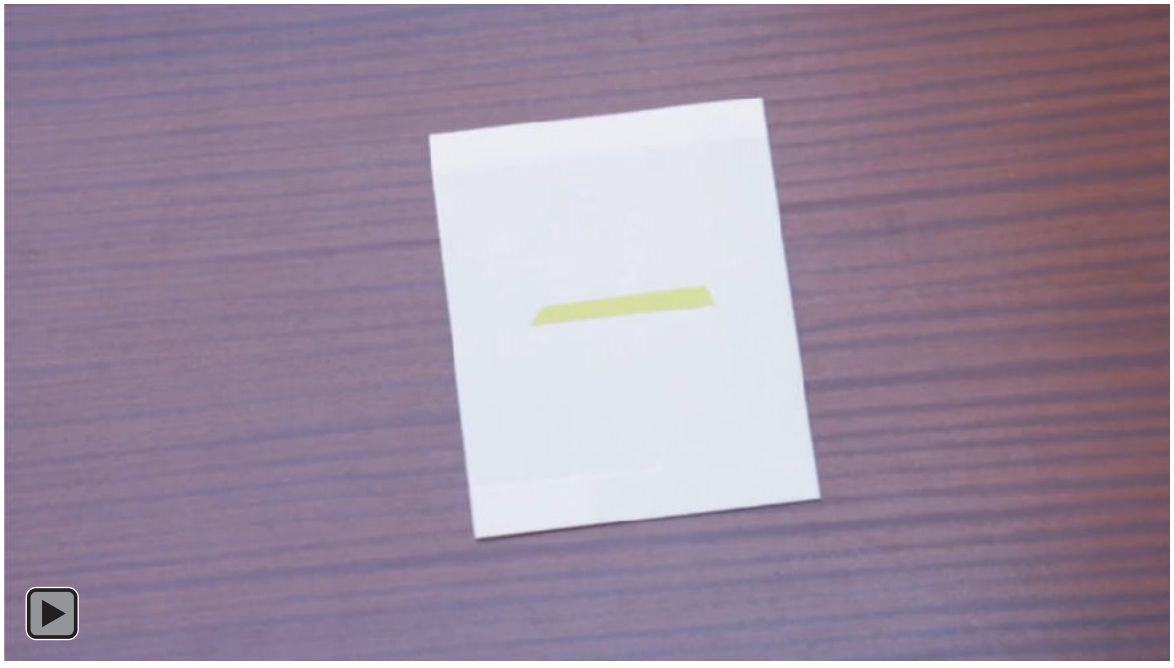
VOU DE MOTO

CONHECER

SABER

CONQUISTA

COM 6 SOMOS 8



Intertexto

Lourdinha
(esta conversa/entrevista aconteceu na cozinha da casa de Valdeci enquanto Espedita cozinhava um peixe para jantarmos. Ao fundo ouvimos os barulhos da cozinha.2012.)

O meu nome é Maria de Lourdes da Silva "Lourdinha". 45 anos. Hoje, eu estou como coordenadora do Programa Mais Educação na Escola José Néu de Carvalho. E aí, eu autorizo com a condição de me dar material para mim ver.

– Qual é o teu sonho? Vamos falar de sonhos, de desejos... pessoal ou coletivo – ou se achas que essas duas coisas se misturam, nesses teus desejos sonhos... fala-me dos teus sonhos. Nem que seja os sonhos que tinhas, como é que o sonho te foi acompanhando também ao longo da vida.
– Ai meu Deus do céu. Sonhar não paga, né? Não vai pagar nada.
Um sonho meu é, realmente na questão das artes. Eu gostaria muito, um sonho meu, de ser professora ou de ser oficineira de artes. Aí, é um dos desejos, assim, que eu tenho muito. De um dia eu poder tar fazendo, tipo, como se fosse palestra mas ensinando oficina, sabe? Dando oficina de bonecas, oficina de colares, oficinas... oficina, um monte de, assim, são várias coisas que eu sei fazer, graças a deus, e aí gostaria muito de estar contribuindo. Já tive dando palestra em relação a oficina mostrando algum trabalho meu e vi em localidades pessoas assim: "Lourdinha se eu te chamar de novo para cá, você vinha dar uma oficina?", eu digo, "Vou, me chame que eu vou, dar oficina". Então assim, vejo localidades que as pessoas tem desejo, de oficina. É uma das coisas que eu penso porque esse sonho meu é uma realização minha e ajuda as pessoas, que se alguém aprende aquilo que eu tou ensinando, então ela vai também mutiplicar, vai se beneficiar daquilo que eu tou ensinando. Eu digo assim, na questão das artes a gente precisa... as pessoas não valorizam muito a arte se aquela pessoa também que faz a arte ela não botar uma vida, se não mostrar aquilo que é a arte, porque é assim, o que eu faço, acho que é porque eu sou muito apaixonada pela arte. O que eu faço eu boto aqui eu saio de perto e olho, 'meu deus como é lindo! Que coisa bacana'. Mas a questão de valorizar, entre valorizar e valorizar, assim, até você passar aquele valor sentimental e o valor financeiro para aquelas pessoas. Tem pessoas que compreende rápido mas tem outras que não valoriza. Eu já fui para a FNArte – Feira Nacional do Recife, lá em Olinda, onde tinha pessoas que chegavam no stand e perguntava 'quanto é esse colar?'. Aí na época o colar era doze reais. 'Nossa, é caro. A gente compra lá um real e vinte e cinco, um colar.', aí eu disse, 'tá, mas não é um colar desse, porque esse colar, cada bolinha dessa é passada pelas mãos e tem um processo muito grande. O valor sentimental da pessoa que vai lá arrancar o barro, na dificuldade, na localidade para trazer, distante, só um pouco, em cima de um jumento que não dá para trazer uma carga grande e quando chega, você vai tratar daquele barro, pisar, peneirar, molhar, deixar o barro bem consistente e depois fazer as bolinhas, botar para secar, depois assar, depois você fazer a cordinha pra fazer isso.' então aí a própria pessoa já chegou a dizer pra mim 'pois se fosse você, não vendia por esse preço não, vendia mais caro'. Tá entendendo? Quando percebe o trabalho que dá. Então é assim, é uma coisa que eu não deixo passar, é de estar sempre contando a história da peça. Porque a pessoa chega assim 'ai num-sei-o-quê', e eu digo 'não, isso aí não é isso! e a gente faz assim', 'como é que faz?'. A pessoa investiga ali e eu vou dizendo. Então, termina eu dizendo assim, que às vezes a gente não vende a peça, a gente vende a história. A história é bem profunda, tem pessoas bastante importante que fazia aquilo ali – só tem fulano-de-tal – a dificuldade que é! Só a pessoa que sabe arrancar aquilo ali. Assim, é uma das coisas que eu sonho muito é nisso. Tem até uma outra coisa

que eu penso também, é de, essa arte, eu poder tar fazendo num local também aqui na comunidade, um local, também, onde eu possa expor minhas artes e botar em site. Quando vier pessoas visitar a comunidade, visitar o espaço de arte, que ali foi que eu fiz aquelas coisas que eu fiz, aí se alguém encomendar eu faço, para mostrar e para dar oficina. Eu gosto muito.

– Aqui na comunidade existem vários mestres que fazem arte. Consideras que também é arte ou artesanato?

– *Me parece que as pessoas acha mais artesanato, né?*

– E tu? O que é que tu achas?

– *Eu, eu falo sempre em arte.*

– E esses mestres?

– *Os mestres... o que eu acho dos mestres?*

– Sim, o que é que tu achas da produção que é feita. Por exemplo, tou a pensar nas bonecas, também falaste das bonecas, do barro...

– *Aí é assim, na questão da produção, eu penso que por exemplo as bonecas que eu já comecei a fazer são bonecas negras feitas de pano. Aqui, agora, tem duas pessoas que faz, porque sou eu e outra pessoa que eu ensinei ela a fazer. Aí a gente faz essas bonecas negras e eu penso assim, que eu preciso fazer melhor ainda. Gosto muito da história que eu criei, por conta que, nos mercados, nas lojas por aí a gente não encontra boneca negra. Raro. Quase, quase difícil. E aí a gente termina, por isso que o racismo e o preconceito tá ali e a pessoa nem percebe. Porque a pessoa compra a boneca branca para a filha negra. Aí ela vai cuidar, chama ela de 'minha filha' – porque a criança brinca como se fosse a mãe – 'eu sou a mãe', aí ela é a mãe de uma boneca branca. É difícil a gente encontrar uma boneca negra. Aí muitas vezes, as próprias crianças, elas preferem as bonecas branca porque elas num vêem... difícil, né? eu gosto de ter aí essa parte de trabalhar com a boneca negra, eu vejo lá na frente uma possibilidade grande de organizar e fazer bonecas negras com valor sentimental da arte de fazer a boneca negra de Conceição das Crioulas.*

– Tu vendes essas bonecas lá no CPA?

– *Vendo.*

– Junto com as bonecas de caroá? Tens uma boneca que é a Lourdinha. Existe uma boneca já, que se chama Lourdinha.

– *É boneca, de caroá. A boneca Lourdinha, de caroá. Aí é assim, a gente uma vez teve uma discussão no artesanato, que é assim, que a gente bota lá. Até tem um outro olhar, por isso tem coisas que é assim... eu penso coletivo, eu penso mas individual também, por conta que essas bonecas ela não é de caroá, não é daquela matéria que a gente faz. E é assim, eu consigo imaginar que ela tem tudo a ver com a nossa história, porque eu faço a nossa boneca de pano de algodão. E a nossa história começou com o algodão. Mas eu não consigo ver que as pessoas vejam que tem o mesmo valor de artesanato, sabe? Aí, para mim, eu faço e as pessoas me encomendam e eu já levo, às vezes bota lá também, a pessoa que faz também de lá, acho que faz, acho que até tem bonecas dessa lá. E as minhas tou pra encomendar, tenho até que fazer uma ligeiro pra entregar pra Marta que ela quer uma boneca e assim, eu faço de encomenda, penso mais lá na frente ainda, imagino assim um dia uma loja cheia de boneca negra.*

– Como é que começou a ideia de fazer a boneca de caroá?

– *A boneca de caroá? 2001 a gente começou com o artesanato diferenciado aqui. Que a gente já tinha a história de Conceição. Tem tudo a ver com artesanato, com a história de Conceição, desde o início que tem a ver. As mulheres plantavam o algodão e faziam os novelos e vendiam nas casas de*

Flores. Aí 2001 a gente começou a fazer o trabalho com caroá, com um rapaz que é de Salgueiro, que mora em Recife. O curso dele pediu, na finalização do curso dele, para desenvolver uma atividade numa comunidade e aí ele escolheu a Conceição. E aí veio trabalhar a gente com caroá. Aí pediu para a gente levar tudo, algo que a gente soubesse fazer. Aí, a gente levou. As pessoas levaram uma bolsa de caroá, um negócio assim totalmente diferente, eu nessa época levei até um pano feito de crochet que eu até sei fazer mas era de linha. Aí ele disse que o que ele queria era tudo de matéria-prima, aí o meu não servia para aquela hora ali não, porque era para a gente contar a história da comunidade. E a linha Cléia que na época não tinha nada a ver com a história. Então, a gente começou com artesanato em 2001.

Em 2002 a gente começou a fazer umas bonequinha, até esse rapaz disse assim... que eu gosto muito de fazer uns penteados assim, uns cocozinhos, umas bolinhas, e aí eu tava assim. Sempre quando eu faço tem aqui e acolá uma pessoa que diz 'parece uma bonequinha a Lourdinha'... aí ele foi e disse 'a gente pode fazer boneca de caroá também'. 'Vamos fazer boneca de caroá?' – aí a gente começou a fazer as bonequinha e depois surgiu a ideia das bonecas a gente dar nomes. 'A gente vai dar nomes às bonecas!'.

Aí teve boneca, foi dado a ideia de fazer boneco também de caroá, foi até feito também, e aí ele levou para Recife bem uns vinte nomes de pessoas da comunidade. E aí lá, foi escolhido dez modelo de boneca, dez nome de mulheres para ser homenageada. E foi daí, desse estudo dele, que a gente começou a fazer essas bonequinhas. Aí eu fui uma das premiadas também.

Eu assumo. Eu digo que sinto muito orgulho em ter sido homenageada, mas não é só a minha pessoa que foi homenageada porque é assim, a gente foi homenageada por categorias. Eu represento as professoras, eu fui homenageada enquanto professora. Aí é assim, quer dizer que eu... nome é como se a gente dissesse assim 'saúdo a mesa em nome de fulano de tal', e assim, eu ali estou saudada em nome de todas as professoras. Aqui tem também várias mulheres que são parteiras, aí teve uma, que foi uma parteira homenageada. Pessoas que trabalham com barro, várias pessoas que trabalham com barro, aí uma foi homenageada. Francisca Ferreira, uma das mulheres que chegaram à comunidade que deram nome à Conceição das Crioulas, eram seis mulheres que chegaram aqui em Conceição, aí, uma era Francisca Ferreira né? Então foi homenageada em nome das outras mulheres. Eram seis mulheres e Francisca Ferreira foi homenageada, então, ela foi a mulher mais velha da comunidade a ser homenageada.

Hoje temos viva, Lourdinha, que sou eu, tem Generosa que é uma das mulheres que foi homenageada, Madrinha Lourdes, Leosa, Josefa e Anabela. Temos seis mulheres vivas e quatro que já morreram. Já morreu Tia Toinha, Júlia, Francisca Ferreira e... quem foi a outra? Não, sim, nós temos sete. Três mulheres que morreram e sete viva. Hoje nós somos essas mulheres que fomos homenageadas, isso é mais, muito bom.

– Desses sonhos que é que tu achas que já conquistaste? Que passos já foram...

– Acho que é assim, o caminho se faz ao caminhar, né? Já caminhei muito mas parece que tem mais ainda pra caminhar. Ainda quero ter essa possibilidade de ser uma, como diz uma colega minha que ela sempre me incentiva, Lúcia, ela diz que me vê como uma professora das professoras, mas parece que vou ter que sair daqui para poder fazer isso. Que às vezes não é todo mundo que percebe não, tá entendendo? Eu vejo assim, que quando a gente faz aquilo que a gente gosta, a gente faz melhor. Se a gente pudesse, cada professora – não pode, né? – 'eu gosto de matemática.' e ela fosse a professora de matemática...

– E não pode aqui?

– Até agora a gente tá assim... às vezes a gente tá mais porque assim... a pessoa tá desempregada, precisam mesmo... assim era muito melhor.

– Mas uma das conquistas que foi já realizada aqui na comunidade é o facto de ter a escola e as professoras de cá serem todas quilombolas, certo?

– Aí aqui esse sonho, uma dessas realizações é essa. Na comunidade já passaram mais de setenta pessoas. A gente sofria muito e os alunos também sofria muito porque eles ficava sem aula, porque vinha professor distante, até fora do Município de Salgueiro. A gente ainda tem professora que é de fora mas tá bem menos, bem pouquinho, que antes era muito, então é assim, é uma grande conquista. Hoje é muito visível porque até noventa e cinco, foi o primeiro ano de 5ª à 8ª série – quem queria estudar tinha que ir para a cidade de Salgueiro – então é um passo muito grande que a gente já deu na questão da educação, porque tem pessoas na comunidade que já chegaram a fazer a 4ª série quatro vezes para não ficar sem estudar. Não era porque não passasse não! Não. Passou. Mas, 'agora que é que vou fazer? Não vou para Salgueiro.' Aí, estudava de novo. Depois estudava de novo. Aí hoje, a gente tem, assim, essa é uma grande conquista de ter uma escola de 6º ano ao 9º, que a gente fala agora, e de ensino médio. Agora só tá saindo as pessoas que vão estudar ou cursinho, que não tem na comunidade, ou faculdade. São as pessoas que saem. Então, pra gente é uma grande conquista, foi com muita luta porque no início dessa construção dessa escola, tinha pessoa, dos nossos mesmo, que nem acreditava, até dizia assim 'a gente nem precisa, para quê essa escola desse tamanho?', que era a escola José Mendes. E ela já foi ampliada, e a gente acha ela pequena. Aí é assim, ela folgou esse ano de 2012 porque foi tirado as pessoas do ensino médio para a escola nova, que é outra conquista da gente. A gente vem dando passos, é difícil, é! Mas a gente tem-se unido muito para tar buscando, isso tem sido uma grande conquista para a gente.

– Então, daqui até cada professor dar a aula que quer é só mais um passo.

– Pois é, acho que as coisas mais difícil a gente já conseguiu, né?

– E a tua oficina, não pode ser dentro da escola? Oficina de artes, não pode ser dentro da escola?

– Noutra escola?

– Nesta aqui da comunidade.

– Assim, isso é um sonho meu. Porque é assim, por exemplo, na escola, tem as professoras que elas ensina tudo, Português, Matemática, ela ensina tudo. Agora, se um dia, na aula de arte, essa professora não desse aula de arte mas fosse eu...

– Mas aí é só até ao 5º ano. A professora que dá tudo é só até ao 5º ano. E na José Mendes, e na Rosa Doralina, não há disciplina só de Artes?

– Tem, na escola lá tem. Só que não tem...

– Tu não podes dar aulas na José Mendes e na Doralina? Ou podes?

(risos)

– Eu não sei, eu estou a perguntar.

– Meu deus do céu. Lá na Rosa, eu não sei como é que funciona lá, que ali é a escola que eu tinha muitos sonhos. Até imaginava; uma das coisas que cheguei babando que eu vim lá em Portugal, que eu vi aquela escola, que até eu esqueci, Serr... serr..

– Serralves? Serralves é um museu. Soares dos Reis, Árvore?

– Acho que é da Árvore... É que tem, onde os alunos fazem livros, tem oficina de costura, tem de barro, de peças de ouro, de prata que eles fazem. Meu Deus, que eu pensei na arte que na escola Rosa, que é um espaço grande que tem, dá para fazer uma sala, um espaço assim grande que dava pra ser só espaço de Arte.

– E não dá para fazer um cursinho de ensino médio só em artes. A Árvore é uma escola só de ensino médio. Nós terminamos, lá em Portugal o ensino fundamental, para nós o ensino básico. A Árvore é de ensino médio, só que tem cursos de arte. Quem terminou o ensino médio já termina com uma especialização em arte, por isso é que tem todas essas oficinas. E já levaste essa discussão para a comissão de educação?

– É bom é.

– Não levaste. E então esse sonho, mulher de luta. Artista e professora.

– Vou buscar né? Para ver se é possível.

– Alguma coisa que te desiluda de perseguir o sonho?

– Meu deus do céu. Acho que falta, o que eu vejo mais que falta é a questão de querer, porque aí não é só o meu querer. Até a escola Rosa, como a gente já ouviu agora falar, que o próprio gestor da GRE da cidade, disse que não vê diferença nela pras outras escolas. Aí eu digo, então tá na hora da gente fazer coisas diferentes. Buscar coisas diferentes, uma arte; 'não, não existe essa coisa de arte'. Não existe em outras mas a gente podia buscar, podia tar fazendo... quem sabe, né? Quem sabe possa ser por aqui que eu possa realizar meu sonho.

– Vamos sonhar! Agora podes fazer perguntas. Como é que podemos fazer um curso de artes ali para a escola Rosalina? O próprio nome da escola: ela era uma professora e era também uma artesã. E uma artesã que era uma referência. Ela criou muita roupa que eu vi, eu tenho um vestido feito por ela. Portanto, o próprio nome da escola tem uma história.

– É, certeza. Ela dizia, assim que, teve um ano de dois mil e nove ou foi dois mil e dez mesmo. Dois mil e nove, a escola José Mendes chamou ela para ir, fazer, dar oficina. Aí ela foi, ficou tão alegre que tinha ido, ela disse 'até que enfim a escola viu que era interessante, tinha tanto medo de morrer e as pessoas não aprenderam a fazer o que eu sei fazer'. Aí é assim, era uma coisa que ela, e foi dar oficina a mulheres que estava trabalhando com artesanato noutras localidades. Era uma coisa assim muito boa que ela... um orgulho que ela tinha de morrer e as pessoas não aprendessem o que ela sabia. Então, isso é muito forte. Ela não tá viva mais, a carne, mas espiritualmente, nas lembranças e o querer dela, a vontade dela, conta muito, né. O nome dela ter sido escolhido para aquela escola não foi simplesmente porque ela morreu há pouco tempo e a gente tava, a escola, já em discussão para qual era o nome. Porque ela também tava em reunião, que a gente tava discutindo qual era o nome que a gente botava. Ela participou ainda de reunião. Qual será o nome que a gente dá a essa escola? A gente poderia dar o nome de uma mulher porque a gente já deu o nome, já tem o nome de homens nessa comunidade, só tem nome de homem. Então a gente poderia dar um nome, aí ficou que tinha morrido uma pessoa que era aluna, era Auxiliadora. Tinha morrido, e tinha outro que a gente tava em discussão. Era Auxiliadora e Totô, que é pai de Andrelino. A gente ainda não tinha fechado, tava discutindo qual era o nome que a gente colocava nessa escola. Então, assim, foi unânime, quando Rosa morreu pessoa disse, o nome de Rosa agora. A gente bota o nome dela, que é assim, era uma professora e tem tudo a ver. Tudo a ver pra botar o nome dela. Então houve muito interessante, a gente ter uma discussão em relação a isso, muito interessante. A gente pode tar puxando essa discussão.

Que a questão de arte, de valorizar arte, eu acho que ela... não, se por acaso fosse uma coisa que pudesse, que a gente não bota o nome de uma escola, nome de uma rua, de uma pessoa viva... aí, se fosse o caso, para dizer assim, enquanto Rosa estava viva botasse o nome de Rosa naquela escola eu tenho a certeza que ela ía querer que aquela escola tivesse coisas de arte.

– Com certeza, eu também acho.

– É, chega dá vontade de chorar.
É assim, eu gosto tanto que, por exemplo, quando eu trabalhava na coordenação do PETI, eu dava oficina lá no meu horário livre. Eu trabalhava de segunda a sexta-feira. Aí tinha o dia que eu era livre, era meu dia de eu tar em casa, de eu resolver alguma coisa na cidade. Então se fosse uma coisa que eu poderia mandar uma pessoa comprar, fazer uma coisa para mim, aí eu não ía para mim ficar dando aula de arte lá no PETI. Que eu gosto. Já fiz, já dei o dia todinho trabalhando com arte aqui debaixo da cobertura da casa de Valdeci. Pras criança. E as crianças cobram 'Lourdinha, que dia nós vamos fazer de novo?' tá entendendo? São coisas que eu gosto de fazer, e tem crianças que querem aprender e tem pessoas grandes que querem aprender também, tá entendendo? E ficam alegre. Tem interesse de aprender as coisas. E eu assim, gosto muito de fazer as coisas. Gosto muito de fazer as coisas. A primeira pessoa a fazer um colar de cerâmica na comunidade fui eu, e aí, é tanto que eu perdi muitas bolinhas porque eu não tinha noção de como fazer e aí eu furei o buraquinho com uma agulha. Eu não tinha experiência com o barro para coisas pequenininha. Aí furei com agulha e quando o barro seca ele cede mais um pouquinho. Aí quando eu assei e fui colocar a linha para fazer o colar, não cabia que ficou bem apertadinho que ele se fechou. Ai é isso. Então da próxima vez já sei o que eu faço, vou fazer maior o buraco e aí fui fazendo. Então assim, gosto de criar, de descobrir.

Márcia Jucilene do Nascimento
(esta conversa/entrevista aconteceu na cozinha da casa de Márcia enquanto a sua futura casa era construída ao lado. 2012)

Márcia Jucilene do Nascimento, tenho 38 anos, sou Educadora, sou Professora Educadora do Quilombo de Conceição das Crioulas há, vou fazer 18 anos já que estou nesta profissão e neste trabalho, na verdade é uma missão aqui em Conceição termina sendo uma missão, não é só uma profissão, né? E autorizo a minha entrevista para Mónica usar no trabalho da faculdade, desde que a gente tenha acesso a todo o documento para as nossas pesquisas.

– Qual é o teu sonho, o que é para ti o sonho? Em termos individuais e até mesmo coletivos. Como é que tu encaras essa pergunta? O como é o sonho, e qual é o teu sonho?
– É o meu individual? Então. Na verdade, desde criança, meu sonho, minha vontade era de estudar! Certo? Sempre tive, estudar, ser independente poder ajudar a minha família, e tal. Até chegar em Conceição, né? Morava como falei ontem, inclusive ali, né? Eu moro vizinho à área, geograficamente demarcada pelo território, assim, o limite vai próximo, só que aí, eu sou quilombola pela questão da territorialidade, a questão de se expandir, a questão da... tudo isso que acontece aqui, fora da linha que não existe, né? Existe só pró governo, na verdade. Então, assim, eu saí de casa pra Salgueiro com doze anos. Minha mãe foi minha professora, foi quem me alfabetizou e eu repeti três anos a mesma série, porque não tinha de quinta em diante. Só tinha até à quarta. Então fiquei repetindo, repetindo.
– Mas lá, no...
– Lá no Cruzeiro do Sul. Assim, eu fui muito cedo pra escola, na época a gente só ía com sete anos, né? Eu chorava pra ir pra escola. Chorava, chorava, chorava, chorava. Aí, mamãe deixava eu ir, né? Com seis anos, eu aprendi a ler com seis anos. No mesmo ano que eu fui eu aprendi a ler, né? Mas a gente só era matriculado com sete, que era pela lei só podia ser com sete anos, né? Eu, com sete anos, eu fui. Aí terminei. Com doze anos fui para Salgueiro pra fazer a quinta série, né? Morava na

casa de um primo, na verdade, de família. Só que a gente tem que trabalhar que só a gota. Trabalhar, trabalhar, pra poder ir pra escola, né? Aí, a sobrinha da mulher do meu tio, na verdade. Acho que é tio, primo. Primo legitimo da minha mãe, há quem diga que é tio, há quem diga que é primo. Essa coisa. Aí, assim, eu fui uma das primeiras de lá a fazer isso. Acho que, uma das primeiras mesmo, foi em oitenta e sete, acho que por conta dessa vontade de... porque a gente enfrenta, na época, eu enfrentei muita descriminação na cidade, muita, muita, muita.

– Em Salgueiro.

– Na escola, lá, né? Assim, eu não tinha muita preparação na questão da auto-estima, mesmo, né? Da questão de ser negra. Aí, a gente sofre muito, muito mais, né? Quando a gente se identifica a gente sofre bem menos. Que é diferente. As reacções, o jeito de tratar as coisas, é muito diferente, né? Vê por um outro olhar. Quando foi no último ano do funadmental, oitava série, eu já tinha mudado de casa, fui pra uma casa de uma outra tia, prima da minha mãe também, eu terminei sendo reprovada. Começou as amizades e tal, terminei, fui reprovada. Mamãe disse, "você não vai mais estudar, vem se embora". Aí, vim embora, né? Não deixou eu estudar não, porque eu tinha sido reprovada. Vê só. Aí, eu fiquei aperreando ela, agoniando, agoniando. O povo dizia, "Não, deixa ela estudar, bota a menina na escola de novo". E ela deixou, com muita peleja, ela deixou. Aí, ela me botou lá no Riacho Pequeno que é um distrito como aqui só que num outro Município. Eu já comecei no final de Abril, lembro como se fosse hoje, no dia vinte e nove de abril, até o dia em que mataram o padre de Salgueiro, isso marcou na minha mente. Foi, comecei estudar de novo, daí pra cá não fui mais reprovada e terminei. Voltei pra Salgueiro de novo, fiz o magistério lá.

– Mas então lá no Riacho...

– Pequeno...

– No Riacho Pequeno tu fizeste o ensino médio?

– Não. Terminei a oitava, que eu não tinha concluído lá.

– Terminaste a oitava, exacto.

– Eu parei na oitava eu fui reprovada, então. Aí voltei pra Salgueiro fazer o magistério, em Salgueiro. Na escola Carlos Penafilho, né? Terminei em noventa e quatro. Noventa e cinco, em Janeiro eu fiz o concurso público, da Prefeitura. E eu não queria fazer 'não, não vou fazer não' que eu não queria ser professora.

– E é? (risos)

– É. Eu queria estudar e tudo, mas eu não tinha em mente o que era que eu queria ser realmente, só queria estudar pra ter uma profissão, fazer algum trabalho pra me sustentar financeiramente, e também poder ajudar minha família, que o meu sonho era esse também, né? Aí mamãe disse, 'não. Cê vai fazer, faz, faz'. Aí terminei fazendo e vim pra cá pra Conceição. Assim, na verdade Conceição era, sempre foi, sempre não, muito tempo atrás, né? Sempre foi mal vista, assim, as pessoas, por conta da descriminação, do preconceito e tudo 'não, aquele lugar é ruim isso e aquilo, tá entendendo? Então eu não tinha muito vontade de morar, a gente vinha em época de festa e tal. Aí terminei vindo pra cá. E aí, foi até Givânia, no dia treze de Junho de noventa e cinco a gente veio pra cá, eu e outras professoras da cidade, pra assumir aqui em Conceição, na escola José Néu. A gente veio com Givânea, a gente já tinha contato, de muito... não muito próximo né? Mas assim, já conhecia a família e tudo e aí Givânia foi quem disse 'não,você vai pra lá', terminei vindo, né? A partir daí fui aprendendo muito, com essa comunidade com Givânia e tudo e aí terminei ficando até hoje. Hoje o meu sonho eu vejo diferente já, né? Porque o meu sonho, assim, continuar estudando,

eu quero fazer Mestrado, fazer Doutorado, mas para ajudar também a comunidade, eu não penso em sair daqui.
Meu sonho é esse, que a gente possa, cada um da sua forma, e do seu jeito, com seu estudo, com suas aprendizagens, poder ajudar a comunidade. Poder crescer, poder entender um monte de coisa e tal, então, mais ainda, né? Desenvolver e abrir os olhos pra um monte de coisas que a gente não via, era meio que cego de um monte de coisas, ainda tem gente ainda hoje né? por uma série de outras questões, né? Mas principalmente eu coloco assim, na questão da educação escolar. Que a educação da comunidade, na família, ela leva pra algumas atitudes, a questão do respeito e tal. Mas a questão de ir buscar seus direitos, de coisas boas que a gente faz, lutar pela terra, pela saúde, acho que a escola ela faz melhor isso, por entender que isso é importante, por as pessoas terem tido esse conhecimento, né? Ter ido buscar e aprendido, na escola a gente tem tentado fortalecer isso. Meu sonho hoje é esse. Ter uma casa, aqui, o povo dizia ' fazer uma casa em Conceição, porque não faz em Salgueiro?', minha tia mesmo, dizia, ' não, não quero em Salgueiro'. 'gastando o seu dinheiro numa casa dessa em Conceição?' eu digo ' não, minha vida é lá. Vou continuar lá. Quero viver numa casa bonita e confortável pra morar lá' que eu não penso em sair daqui, acho que é meio, é por aí, pra eu poder ajudar as pessoas a crescer, e hoje eu acho que é assim, eu tento fazer bem, assim, da melhor forma possível é trabalhar na escola, na sala de aula, na educação, acho que minha vida é essa agora.
– neste momento tás...
– Actualmente eu tou gestora da Mendes, enquanto diretora e estou em sala de aula na Rosa Doralina, que é a primeira escola quilombola de ensino médio aqui em Conceição, acho que no Brasil talvez, né? Não conheço outra escola dessa, né? Acho que a gente tem condições, na sala de aula, de contribuir muito com esta juventude com esse povo que está aí que é quem vai dar continuidade a esse processo de luta que a gente vem tendo, mais sistemático, mais fortalecido, pelas leis, inclusive. Mas por conta disso, hoje a gente tem lei que garante o direito, tem organizações que contribui, então a gente hoje tem mais condições de avançar mais ainda. Não pode esquecer a história das Crioulas, das primeiras negras, de outras personagens importantes que brigaram, que brigaram mesmo, de arma na mão, fisicamente. Que na época era mesmo assim, hoje é diferente a briga, mas a briga continua, né? De outro jeito mas continua. Então, assim acho que é um pouco isso.
– Depois do sonho. Há alguns momentos que se conquista. A própria história que acabaste de contar, em alguns momentos acontece essa conquista. Dessas conquistas que já viveste, não sei se foram todas positivas, que sentimentos provocam. Se foi uma conquista imediata, um percurso em que não... desanimo, mais desanimo, mais força, menos força... que sentimento é que te provoca as expectativas que o sonho te coloca, e depois quando realmente a coisa acontece, o que é que isso é? Era tal e qual como tu sonhaste? Era diferente? Impele-te a continuar a lutar? Esse sentimento de conquista...
– Assim, na verdade (eu digo muito na verdade, na verdade). O sonho coletivo ele é diferente do sonho pra mim, né? Primeiro é um sonho de muita gente, de muitas pessoas. Eu acho que ele é muito maior, de uma dimensão muito maior e mais importante do que o meu sonho pessoal. Dependendo de quem esteja sonhando, o sonho pessoal ele se transforma no sonho coletivo. Ele vem contribuir com o sonho coletivo. Todas as lideranças... uma coisa que eu acho, que eu me sinto importante em Conceição, porque eu posso contribuir com uma série de coisas. Assim, uma conquista é uma coisa que você luta para acontecer aquilo, né? Mas a liderança não é assim, não vai conquistar ser liderança. As coisas que você vai fazendo no dia a dia, né? Elas é que vão tornando você uma liderança. Os fazeres, você faz uma coisa, faz outra, então você não, nasce e então, as pessoas,

a comunidade, a partir do que você vai vivenciando, você vai se tornando nessa pessoa, vista e importante e chamada e acreditada na comunidade. Então assim, o seu fazer vai participando, vai se tornando um sonho, fazendo parte do sonho coletivo da comunidade. Qual é o sonho da comunidade? É ter terra, um território desintrusado, é ter uma educação melhor. E quem é que vai tar à frente disso? São as lideranças da comunidade, né? Pensando junto com as outras pessoas que não estão no dia a dia algumas acções pontuais. Tem horas em que a gente fica meio desanimado, sim. Uma coisa que é desafiador – acho que o termo melhor é esse – é um desafio né? É conquistar pessoas para essa luta, né? Sensibilizar. Só dizer o quanto é importante não atinge as pessoas, então são outras coisas juntas que as pessoas vão percebendo e valorizando e dizendo 'não, eu também quero tar, fazer parte disso, do seu jeito, eu quero me envolver' é isso que às vezes desanima a gente, tem poucas pessoas ainda pelo tamanho que é, e pela dimensão que é o sonho de Conceição. É assim, a lentidão das coisas, principalmente da questão dos processos burocráticos do governo é muito lento, mas assim, essa fase, por exemplo, que a gente recebeu agora, então a gente se anima em dizer que agora né? Doze anos de luta mais concreta da AQCC e tudo, então, uma fazenda já foi desintrusada, né? A gente acredita que é possível mesmo. Que vai, nem que seja daqui a mais dez anos, vinte anos e aí, pra esse sonho continuar tem que ir preparando as outras pessoas, porque aí a gente não está mais. Então, é assim, quando eu falava da questão de conquistar mais pessoas, sensibilizar as pessoas é vendo isso, é que a gente vai... às vezes um vai pró canto, como Cida mesmo, né? Nem que volte, mas assim, mas isso é importante porque se uma pessoa sair outra fica, até porque ninguém é insubstituível, porque há outras pessoas que podem tocar pra frente as coisas né? Mas analisando as coisas, a gente fica meio assim... quando a Givânia saiu. Foi pra Brasília, a gente pensava 'ica, meu deus do céu agora acabou tudo. Como é que vamos ficar sem Givânia'

– até porque Givânea foi de facto a primeira... grande...

– *Foi. Grande liderança que jogou a gente, ela jogava mesmo em 'você vai...'*

– Conquistou pessoas

– *é. Mas ela conquistava assim 'você vai fazer isso. Você é capaz, você vai fazer'. Não queria saber se ela chorava, se não dizia nada. Eu lembro a primeira vez, eu cheguei aqui neste território em noventa e cinco, em noventa e seis ela me empurrou mesmo 'cê vai pró Piauí, pra uma reunião da CONAQ da coordenação nacional' Gente,eu não abri a boca, né? Tinha chegado em Conceição tava com um ano praticamente. Não conhecia muitas coisas e ela já era, né? A CONAQ já tinha nascido... assim, eu entendi tudo, que estava acontecendo e anotei e tudo mas eu não tava preparada, né? Mas aí, a gente se foi preparando e ela é muito assim. E hoje a gente só tem o que agradecer mesmo a ela, que foi muito, muito bom assim e hoje ela é um símbolo, símbolo da reunião. (risos)*

Entrou quem? O Baião... (risos)... a questão de Givânia, né? Mas os desânimos são esses, nesse ponto mais as questões do humano. De ter mais gente, de envolver mais gente.

– Tu até tavas a dar o exemplo quando Givânia saiu...

– *Sim, ah. Quando Givânea saiu pensava 'meu deus do céu e agora como vamos viver sem Givânea', mas assim ela já tinha preparado, né? Ela já tinha conquistado, já tinha sensibilizado, já tinha preparado mesmo monte de gente para tar onde está. E essa escola é um marco importantíssimo na comunidade. Inclusive não deixo de dizer pros meus alunos hoje, né? Lá na outra escola mesmo. 'Ó, vocês', primeira turma, né? 'vocês é a primeira turma dessa escola, tem que dar exemplo, tem que ser porque hoje a marca de muitas coisas aqui é de ver aquela escola. Primeira turma daquela escola ali, a gente sabe o quanto nos deu os alunos e sabe onde eles estão hoje, Martinho, Adalmir, Cem que foi uma importante liderança, todos eles foi fruto dessa primeira turma, que Givânia foi a primeira*

diretora, que tiveram as primeiras professoras, em que algumas que não eram daqui mas a maioria eram, e aí assim, viu que vestiu a camisa que concorou essa luta e a partir daí foi começando a discutir e a construir as acções, as coisas que hoje tem muita coisa que a gente vê, né? Eu acho que essa escola fundamental, a escola José Mendes. Fundamental pra tudo isso. A gente demarca o tempo, a partir de noventa e cinco e antes de noventa e cinco, a gente sempre faz esse marco. Depois quando veio Cida. Só que quando Cida saiu agora, a gente chorou muito a ida dela pra S.Paulo, mas já tinha muita gente, muito mais pessoas, já. Liderança, muita pessoa jovem e tudo. Mas é difícil, a gente fica assim, meio que apegada aquela pessoa, meio que dizer 'não e aí, tem fulano de tal, tem que estar aqui pra né? Pra... mas depois a gente vê que tem outras pessoas que faz esse trabalho, que tão meio que à frente das coisas, né? A gente tem a hora 'vamos sentar as lideranças pra discutir alguma coisa', então a gente já sabe quem é que vai estar, fulano de tal, fulano de tal, fulano de tal, tem que tar, né? E aí, com o passar do tempo vai chegando mais pessoas, né? Porque é assim, se criar liderança não é de noite pró dia como já falei, né? É que um dia tem mais, e tudo tem, é um processo longo de envolvimento, de internalizar aqui mesmo dentro da gente, pai diz muito 'mas professora não vão pra formação, num sei o quê' enquanto a pessoa não achar que aquilo é importante, que você também é importante pra aquilo, pra contribuir com aquilo, você não tá nem aí. Na medida que você consegue se ver assim, então você vai-se embora. Vai-se embora e vai, e é muito difícil de sair, é muito difícil você dizer 'não, agora largar tudo, não' no mesmo dia disse já foi muito, 'não quero mais sair desse negócio não'. Mas é a vida da gente, né? É a vida, e não pode deixar um pedaço da vida, né? Senão a gente é outra pessoa, não tem como você, de repente... acho que é mesmo isso.

– A Givânia foi vereadora, depois dela foi o Zé João...

– *Foi candidato, mas não ganhou...*

– Não ganhou. E agora nestas últimas eleições, o Andrelino, que é uma grande liderança cá da comunidade também não ganhou, né? Andrelino perder estas eleições, dos votos da comunidade, né? E como estavas a falar das conquistas das pessoas a respeito... o que sentes nesta fase, em que Cida não está, Givânea não está, se existe um certo adormecer, não é um desistir, nem um parar, mas como o exmplo que deste, da Fazenda Velha, conquistou-se e até já parece tão natural, né? Até que ponto existe um certo, achar que as coisas já se conquistam por si... estas são as coisas que eu fico a pensar. Achas que isto é um momento para se pensar, a partir do resultado destas eleições...

– *Não. Assim, quando a Givânia foi candidata primeira vez, ela tirou trezentos e poucos votos, ela não foi eleita, foi candidata a segunda vez, ou foi quinhentos e poucos, uma coisa assim, foi candidata a segunda vez tirou oitocentos e vinte e alguma coisa, perdeu por um voto. Quando foi candidata a terceira vez ela foi a segunda mais votada do Município. Quando Zé João foi candidato, ele teve muito voto, quinhentos e tanto também, acho que mais que Givânia da primeira vez, mas não foi eleito, né? Agora, a gente, foi lançado dois candidatos, nenhum foram eleitos. Então, tem muito essa história assim, das pessoas conhecerem... que a gente não elege infelizmente ainda, um candidato só com os votos daqui de dentro. É uma triste realidade, né? Pela quantidade de eleitores e pessoas da comunidade, a gente poderia fazer, a gente... poderia não, se as pessoas tivessem um outro processo de consciência, muita gente, a gente conseguiria isso. E é assim, eu acho que vendo a questão, de outras pessoas que nasceram no movimento, a estratégia política partidária é uma, um jeito de fazer campanha, um jeito de fazer diferentemente de pessoas que têm por exemplo, muito dinheiro, que têm uma outra intenção, então é mais fácil ganhar eleição. Lula, por exemplo, Lula teve que ser candidato três vezes para poder ganhar, as pessoas acreditarem e tal. Acho que é um pouco isso, aí você vai tentando, vai conquistando um aqui outro acolá, conquista três aqui, não*

conseguiu mas na próxima vai conquistando... então é um processo longo de conquista mesmo das pessoas, dando visibilidade à sua luta, quem você é, o que é que você quer. É mais ou menos por aí, essa questão, pra gente que é do movimento, que defende uma causa, por exemplo. Pra outras pessoas, como eu já falei, que tem outro projeto, usa de outras estratégias que é mais... são mais rápidas, são mais fáceis. Não são as melhores, a meu ver, mas são mais fáceis. Isso é o que acontece aqui no território, é a minha leitura. Esse ano mesmo, foi um absurdo, assim gente 'ficou muito' que usaram de estratégias que a gente jamais usaria, estratégias... a gente sabe ainda que a maioria dos votos não é consciente, a gente sabe disso. Há muita a questão da venda dos votos, né? As pessoas em tempo da seca, principalmente, né? Passando necessidades, se vêem na situação e termina entrando por esse caminho aí, né? De vender o voto, de trocar o voto, na verdade. Muitas gente não faz, muita gente ainda faz. Depende de quem chegar e da forma que chegar. Então houve muito isso, coisas assim absurdas.

– E é essa consciência que também ainda tem que ser trabalhada?

– É, ainda a consciência tem que ser muito trabalhada ainda. Bastante trabalhada. Muita gente tem raiva 'não, não gosto de política', né? Não gosto de política, muitas não entendem que a política, historicamente foi usada dessa forma, né? De fazer esse tipo de coisas, né? Muita gente não gosta por isso, né? De se envolver e tal, porque tem essa série de questões aí. Questões das inverdades, das pessoas que chegam, né? Conceição foi vista durante muito tempo, na época da campanha, só pra questão do voto mesmo. Teve uma época, que assim, foi uma coisa muito forte, mas as pessoas diziam 'ai, os negros de Conceição são trocados por barra de sabão', pessoas de Salgueiro, o povo lá, da elite lá branca que sempre tirou voto aqui, dizia isso. Houve uma mudança muito grande que era mais maioritariamente era de direita, então, mas assim, já há uma consciência muito grande, porque primeiro Distrito aqui no Município a eleger um presidente de esquerda foi Conceição das Crioulas, foi Lula, né? Aí, vem-se construindo. Mas esse ano foi muito forte. O candidato que se dizia daqui, né? Tem dinheiro, deu outras coisas que envolve na hora, questões da juventude, usou metodologias, estratégias, e aí terminou e a gente ficando... foi uma derrota para a gente, mas eu acho assim, que não foi uma derrota nossa, infelizmente.

– Não foi uma derrota do partido, é isso?

– Nem das pessoas de Conceição, a gente fez a nossa parte, trabalhamos, e fizemos o que achamos que devíamos fazer da nossa forma, colocando nosso projeto. Tentando dizer pras pessoas qual o nosso projeto, qual o projeto deles. Então, a gente fez essa parte. Infelizmente as pessoas ainda não tão consciente do que é isso, então. É preciso paciência, a gente tem que ter, continuar.

Uma coisa que eles fazem, como para eles é muito importante essa história das legislaturas, das candidaturas e dos cargos legislativos, eles começam muito cedo a trabalhar isso. Quatro anos eles começam, trabalhando, fazendo uma coisa aqui, aparecendo ali... e a gente termina assim, vendo outras coisas, não dando muita importância pra essas questões partidárias e aí, quando a gente vai discutir em cima do tempo, aí pra mim foi isso, né? Mas não acho que assim, que ainda hoje seja a saída de Givânea e Cida que tenha ocasionado isso, porque é um tema difícil essa história da politica partidária. Para quem é pobre, pra quem é negro, pra quem mora em Conceição principalmente, e para quem tem a favor deles outras coisas, né? Que a gente não admite, e não – como é que eu digo- não trabalha dessa forma, com essas coisas.

– Na verdade, é a conquista que falas. Desde o inicio que é preciso conquistar as pessoas e ainda é preciso continuar porque a história repete-se...

– Mas aqui é assim, em outro tempo, antes de dois mil era diferente, não tinha esse conflito entre

aspas, esse conflito, em relação à identidade. Quando a AQCC é criada em dois mil por conta do título do território, que foi um dos requisitos importantes para se gerir o território e fazer a gestão do território. Ía ser a AQCC, Associação Quilombola, e aí os fazendeiros, né? Que estavam na comunidade e que ainda estão começaram a usar estratégias para coptar pessoas nossas, pessoas quilombolas, pessoas de Conceição pra ter uma outra identidade, não a de povo negro, nem de povo quilombola, essa história aí é que tem dificuldade bastante. Foi exactamente depois da criação da AQCC por conta do título, aí se viram assim, se sentiram ameaçados, né? Agora eles vão ficar, tomar tudo, tomar o que é nosso, nunca vi né? Aí foi muita gente, tá mais ameno, mas é muito forte isso aqui, então é uma questão que tem deixado a gente muito impotente na hora, sem saber o que fazer porque afinal de conta é o povo de Conceição, são a própria familia, os parentes, são os irmãos, irmão de sangue mesmo, não é só irmão de luta, que estão se dividindo entre aspas né? Então, um conflito que não é nosso, que foi criado pela gente, né? Principalmente na questão da política partidária é isso. Quem se identifica com uma outra etnia vota no partido de direita, então assim, quase todo o mundo. Lógico que articulado e mobilizado pelo fazendeiro, né?

– sim, ainda tem uma força muito grande.

–É.

– Saindo do sonho e da conquista...

– Não sei se falei das conquistas, assim, a gente conquistou muito em pouco tempo. Givânia disse um coisa, acho que tá na monografia dela, na tese dela, e eu fiquei muito tempo pensando nisso, um amigo dela falou pra ela, estudando né? Vendo a tese dela, que Conceição fez uma revolução na educação. E a gente olhando é verdade, né? Quando eu fui pensar direitinho, realmente foi uma revolução. Até noventa e quatro não tínhamos escola, só tínhamos escola até à 4ª série que era a escola do fazendeiro, basicamente porque era a mulher do fazendeiro, o nome da escola é do fazendeiro, criou-se dessa forma, né? Aí a gente começa a trabalhar na escola José Mendes e basicamente todo o mundo começa da 5ªsérie, fora eu e Givânea que já tínhamos estudado fora, né? Mas assim, toda a galera que entrou, toda começa a partir dali, hoje a gente tem quase setenta por cento, dos professores daqui do território, da escola do território com curso superior, ou pós-graduação, ou especialização em alguma área e todos os outros na faculdade, inúmeras de pessoas já se formaram já tem esse quadro muito grande, então é uma revolução. A educação, ela tem esse poder, de fazer isso, a escola teve essa força, é uma imagem crescendo crescendo, então, assim, é histórico, é uma conquista enorme, fora as outras coisas, né? Na questão – como é que eu digo- da consciência mesmo, que disse que precisa de conquistar mais, né? Mas já tem muita gente que já tá na luta, já entende, já fala, já discute, já briga, já num sei que, já assim...

– Já que falaste da revolução, já que falaste nesse assunto, vou alargar mais um bocadinho.... Nós estamos a trabalhar a parte das expressões artísticas, já desde que, de uma forma informal, desde 2003, pelo menos é a parte que me sinto envolvida, que contribui, me sinto mais próxima, o resto são conversas que vamos tendo, sendo que as expressões artísticas tenho outro envolvimento, começo a ter opinião, no que diz respeito a esse envolvimento da comunidade no trabalho das expressões artísticas... não sei se alguma vez paraste a pensar o que é que esse movimento da parte da escola e dos professores, com a prefeitura a opiar a formação, antes de ser formação, os nossos encontros começou por ser uma oficina aberta para as crianças, que acabou por se extender a toda a comunidade, em 2005, Crioulas Vídeo, oficina da praça... acabamos por fazer a formação... materiais específicos desta experiencia. Já pensaste em termos, se isso contribui para dentro da escola, se isso foi motivo de algum motivo de consciência, de uma mudança e a que nível é que aconteceu

– Eu acho assim, tem hora que a gente fica meio angustiada, eu sou meia agoniada, todo o mundo já

sabe, né? Que a gente acha que o resultado das coisas, de uma formação é imediata, você trabalha hoje, faz uma oficina hoje, você conversa sobre isso hoje, amanhã já é para tar todo o mundo, não é assim. Eu acho que a gente aprendeu muito, eu mesma aprendi muito, até entender que, essa história principalmente da questão da arte, é um processo que ela não acontece tem que ser todo o dia ali 'não, vou fazer isso, vou fazer isso, vou fazer', mas aos poucos, de forma natural, ela acontece. Só o facto de a gente entender que, por exemplo, botar um quadro na parede de alguém da comunidade, por exemplo, isso a gente foi aprendendo nas oficinas que é arte, não fomos nós que fizemos, não foi, mas uma fotografia por exemplo, que é uma arte da comunidade, que a escola precisa de começar a valorizar isso. Um aluno desenhar, criar, pensar numa coisa que vai ser o futuro pra comunidade, isso é arte, né? Até de você criar, imaginar, eu acho que é fruto disso, é o que eu imagino, não sei se é por aí. Hoje tem Celiane, que não passou por essa formação, ela é artesã em tudo mas ela faz trabalhos de oficina na sala de aula, se precisar a gente diz 'faz isso' ela já faz isso naturalmente.

– Ela já era artesã? Já era...

– *Ela já era artesã*

– Tem o seu jeito de fazer

– *Já tem o seu jeito de fazer e tudo. Mas tem outras pessoas que vão buscar outras pessoas pra fazer, as próprias artesãs pra fazer. Até no jeito de pensar, a forma de pensar 'vou fazer isto ali, vou fazer isso ali', se a gente tá dizendo 'não faz isso' eu quero que fulano faça isso em tal dia, a tal hora, mas não é assim. As coisas elas vão, as apresentações ali, no dia 20, eu tava vendo ali, ali é pura arte, cultura arte, não tem como...*

– Separar.

– *Então a capoeira, por exemplo, a capoeira é uma coisa que tá acontecendo na escola e tal, não precisa de ir dizer, 'não, vamos fazer isso porque a consciência negra vem aí' não, tá entendendo? Vamos passar pra apresentar. O grupo Baobá ele já tá na comunidade, é uma coisa da comunidade, então vamos fazer os passos para apresentar no dia. Era isso que eu tava dizendo às meninas 'não, a gente não vai fazer isso não. Vamos formar um grupo, oficina só pra consciência' não. Vamos pegar as coisas que já tem na comunidade. Que já existe, de forma, que já tá aí e tudo, então vamos trazer pra escola, vamos trazer... que se não, não é a cultura, não é a arte, é uma coisa que você faz só pra aquele momento, não tá dentro da vida, não acontece de forma, né? Então eu acho que essas formações, elas ensinaram isso à gente. Como eu tava dizendo, tem aquela história do vídeo, hoje os alunos já. Agora a pesquisa da liderança, da minha turma, que a gente ficou de pensar uma liderança, e era pra escrever um texto, né? Uma biografia, e os meninos não querem de jeito nenhum escrever, eles querem... filmaram, foram lá entrevistaram Cida, né? E querem apresentar, eu digo 'não gente, vamos escrever', 'não, a gente quer apresentar no telão', porque eles fizeram filmagem de Cida, de Andre e a biografia é contada, contar a história, de outra forma que não deixa de ser a história da vida da pessoa. Mas outra pessoa contando a vida de outra pessoa. Então, assim, eu acho que é meio isso, a gente foi aprendendo e eles, Vítor por exemplo, que até é do Crioulas e tudo, então ele já aprendeu aquilo, mesmo que eu querendo fazer outra coisa, eles 'não, a gente quer fazer isso'.*

Vou embora mas levo-te comigo. Até já.

caminante, son tus huellas
el camino y nada màs;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.

al andar se hace el camino,
y al volver la vista atràs
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.

caminante no hay camino
sino estelas en la mar.
(António Machado[1])

O caminho faz-se ao caminhar, relembra a Lourdinha, assim como outros poetas e sonhadores denunciaram, assim como hoje precisamos de continuar a relembrar, a declamar, para nós e para todos e todas aquelas que não param nunca de sonhar e de fazer caminho.

Esta pesquisa permitiu, com quem se envolveu nela, pensar a escola do século XXI. A caminho de casa percebo com alguma rapidez, que esta escola que queremos aqui no Ocidente para o século XXI é a escola que a Conceição das Crioulas já tinha antes de conquistarem o seu lugar na gestão das escolas quilombolas. E que, mesmo depois de terem conquistado esses direitos, de ter escola, de fazer parte da gestão, de poder construir o PPP, de aplicar o currículo diferenciado, mesmo quando esse direito já é mais permeável continuam a lutar hoje por terem esse seu direito de ensinar a aprender a desaprender.

Chegada à escola Bevenuto, sou recebida pela Marinalva, e depois dos cumprimentos de boas vindas a todas as pessoas que ali se encontravam surge a pergunta: 'Mónica, você conhece José Pacheco? Ele é lá de Portugal, de uma escola da Ponte, sabe? E é lá no Porto?'. Pessoalmente não conheço, mas conheço o projeto da Escola da Ponte, e já li alguns livros escritos por ele.
Então revisitei "Setembro" em "Cartas a Alice" escrita pelo próprio José Pacheco.

"(...) Também descobrirás que não é fácil lidar com utopias quando elas são reais.
E que a mentira muitas vezes repetida mata a possibilidade da alegria
diante da beleza de uma utopia concretizada."
(Pacheco,2008,52)

[1] Trata-se de uma estrofe, a XXIX de «Proverbios y cantares» do seu livro «Campos de Castilla» cuja primeira edição data de 1910. "Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais; caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar. Ao andar faz-se o caminho, e ao voltar a vista atrás vê-se a senda que nunca se tem de voltar a calcar. Caminhante não há caminho senão estelas no mar." Tradução da autora.

José Pacheco é para mim, desde que conheci o seu projeto e os seus escritos, um dos que gosta de aprender a desaprender. E, por isso desde que ouvi falar da Escola da Ponte que me identifiquei. É uma escola com a qual a Marinalva pode identificar-se também, tendo em conta a semelhança pela luta do seu currículo alternativo, pela conquista de autonomia para as suas escolas, pela luta da colocação dos professores com o perfil de educador próprio para aquele currículo diferenciado.
Fiquei feliz com esta revisitação, esta relembrança que a Conceição das Crioulas me dava. Este ensinamento do tempo em que as aves falavam, como numa conversa de ave para ave. E assim continuamos a conversar. Ela conta-me que o conheceu numa conferência lá no Brasil. Nessa conferência, a sua fala consistiu em apresentar a educação quilombola, e para além da construção do PPP Quilombola falou da escola Bevenuto Simão de Oliveira. Uma das dificuldades que ela referiu ser necessário ultrapassar na escola Bevenuto era a questão da sala multiseriada. Quando José Pacheco foi falar, ele disse que discordava da Marinalva, a dificuldade não está na sala multiseriada porque aí reside a riqueza da aprendizagem, assente nas diferenças. A dificuldade é exatamente a outra sala, que procura ensinar a todos como se fossem só um, ao mesmo tempo, o mesmo conteúdo e onde, normalmente a aprendizagem é mais unilateral, de um para muitos. Marinalva partilhou comigo então como isso mudou a sua visão e levantou uma série nova de questionamentos. A partir desse dia olhou de maneira diferente para a sala multiseriada. Na comunidade, no dia a dia, a educação acontece sem essas observações, mas para a escola é necessária toda essa organização, não é mesmo? Quem dá essa formação, de como se organiza a escola? Para a gente poder ser professor? Para poder fazer concurso? Enquanto não chega o concurso específico para professor quilombola, aquele que a comunidade discute, pensa, e precisa, toda a gente faz o concurso para professor, e onde aprende a ser professor? Nas escolas que já existem, nas escolas da cidade. É primeiramente dali que vem a orientação que devemos e temos que seguir para termos uma escola bem sucedida, por isso durante muito tempo, as educadoras e os educadores quilombolas escreviam uma coisa no papel e na prática faziam outra coisa. Precisamos questionar continuamente as construções que vamos fazendo. Conceição está ligada ao mundo, comunica.

A proposta que a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas faz a si própria e aos outros é que o mundo precisa ser mais questionado, não tomado como certo, a vida é um processo e para vivê-la é precisa ouvi-la e estar com ela, nesse processo.

Chegada ao Porto, penso na alegria diante da beleza de uma utopia realizada. Fui à Conceição das Crioulas aprender sobre como se transforma um sonho em realidade, podia partir de um sonho meu, mas estava também a aprender a pensar um sonho coletivo. Como é isso possível? Educar para a liberdade? Aprendi que a liberdade que a Conceição ensina não é apenas pessoal, ou coletiva, é uma liberdade universal. É uma utopia. A Conceição das Crioulas ensinou-me a ver-me a mim, a contar a minha história e a viver a minha realidade. Aprendi a recontar a história e a relembrar que existem utopias que se realizam e que por isso passam a ser utopias realizadas.
Não encontrei o José Pacheco por estes lados, mas gosto de ouvir, nos meus sonhos, a conversa possível entre dois realizadores de utopias, e na luta por não deixar a distopia prevalecer.

Até já
eu só vou para poder voltar. A despedida é sempre um corte obrigatório. Aqui se concluiu uma etapa fixa pelo tempo, na esperança que o movimento inevitável me renove.

Bibliografia

AAVV (2010). *Às artes, cidadãos! Fundação de Serralves.* Porto: Fundação de Serralves

AAVV (2008). *Alagoas: história de vidas.* Peso da Régua: Garça Editores

Abbot, Edwin A. (1993). *Flatland O país plano.* Lisboa: Gradiva

Águas, Carla Ladeira Pimentel (2012). *QUILOMBO EM FESTA: Pós-colonialismos e os caminhos da emancipação social.* Tese de doutoramento na Faculdade de economia da Universidade de Coimbra.

António, Ana Sofia (2004). *O outro lado do espelho: sentimentos, vivências, imaginários. Professores no lugar do morto.* Porto: Edições ASA

Apple, Michael W. (2004). *Ideology and Curriculum.* New York and London: +Routledge Falmer

Aranha, Maria Lúcia de Arruda (2006). *História da Educação e Pedagogia: geral e Brasil.* São Paulo: Moderna

Araújo, Marta (2008). "Racismo.pt" *in* Teresa Cunha and Sandra Silvestre (eds.) *Somos Diferentes, Somos Iguais: Diversidade, Cidadania, e Educação.* Santa Maria da Feira: Acção para a Justiça e Paz, 25—49

Augé, Marc (1998). *A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção.* Oeiras: Celta Editores

Avé-Lallement, Robert (1980). *No Rio Amazonas.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo

Avé-Lallement, Robert (1980). *Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe: 1859.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo

Águas, Carla & Rocha, Nilton (2010). "Cerrados rebeldes: A festa e os rostos da resistência no Planalto Central" *in O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES*

Bauman, Zygmunt (2003). *Amor líquido.* Lisboa: Relógio D'Água Editores

Benjamin, Walter (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e politica.* Lisboa: Relógio D'Água Editores

Berger, Guy (2009). "From the epistemology of seeing to the epistemology of hearing" *in Educação, Sociedade & Culturas*, no. 28. CIIE/Edições Afrontamento, 175—192

Brandão, Carlos Rodrigues (2013). *O que é Educação?* Coleção Primeiros Passos; 20. São Paulo: Brasiliense

Brasil (1988). *Ato das Disposições Constitucionais Transitórias*

Britto, Jomard Muniz de (1992). *Bordel Brasilírico Bordel: antropologia ficcional de nós mesmo.* Recife: Comunicart

Calheiros, Felipe (2009). *Extensão Rural, Identidade Quilombola e Vídeo: um estudo do caso de Conceição das Crioulas (Salgueiro-PE).* Tese de Mestrado na Universidade Federal Rural de Pernambuco FEUC/ FLUC.

Canário, Rui e Nóvoa, António (1999). *Educação de Adultos, um Campo e uma Problemática.* Lisboa: Edição de Educa

Carneiro, Moaci Alves (2014). *LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo.* Petrópolis, RJ: Vozes

Cashmore, Ellis (2000). *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais.* São Paulo: Selo Negro

Castro, Josué de (1975). *Geografia da fome.* Porto: Brasília Editora

Chakrabarty, Dipesh (2000). *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference.* Princeton: Princeton University Press

Couto, Jorge (1997). *A Construção do Brasil.* Lisboa: Edições Cosmos

Couto, Mia (2002). *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.* Alfragide: Leya, SA

Cunha, Euclydes (2000). *Os Sertões.* Edição Livros do Brasil

D'Salete, Marcelo (2015). *Cumbe.* Lisboa: Rui Brito, Edições

Deleuze, Gilles (2011). *Lógica do sentido.* São Paulo: Perspectiva

Dreyfus, Dominique (1996). *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga.* São Paulo: Ed.34.

Fanon, Frantz (s/d). *Pele Negra, Máscaras Brancas.* Porto: A. Ferreira

Fanon, Frantz (s/d). *Os condenados da terra.* Lisboa: Ulmeiro

Fanon, Frantz (1980). *Em defesa da revolução africana.* 1ª Edição, 1969. Lisboa: Livraria Sá da Costa

Ferreira, Manuela Sanches; Santos, Milice Ribeiro dos (1994). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender.* Porto: Edições Afrontamento

Fontanel-Brassat, Simone; Rouquet, André (1975). *L'éducation artistique dans l'action educative, A educação artística na acção educativa.* Coimbra: Livraria Almedina, 1977, tradução de Maria Leonor Fernandes Antunes

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra

Freire, Paulo (1987). *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra

Freire, Paulo (1978). *Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em Processo.* Rio de Janeiro: Paz e Terra

Freire, Paulo; Guimarães, Sérgio (2008). *Sobre educação: lições de casa.* São Paulo: Paz e Terra

Freire, Paulo; Shor, Ira (1986). *Medo e Ousadia O cotidiano do professor.* Rio de Janeiro: Paz e Terra

Gândavo, Pero de Magalhães de (2004). *A primeira história do Brasil: História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.* Lisboa: Assírio & Alvim

Gil, José (1996). *A Imagem-nua e as Pequenas Percepções.* Lisboa: Relógio D'Água

Glissant, Édouard (2011). *Poética da Relação.* Porto: Sextante Editora.

Goody, Jack (2012). *A domesticação da Mente Selvagem.* Petrópolis: RJ: Vozes

Grande, Sandy (2004). *Red Pedagogy: Native American Social and Political Thought.* Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers Inc.
Gusmão, Neusa (2004). *Os filhos da África em Portugal.* Lisboa: Ed. Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Hemeline, Daniel (1999). "O educador e a acção sensata" *in Profissão Professor.* Porto: Porto Editora

Hoggart, Richard (1973). *As utilizações da Cultura 1. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora.* Lisboa: Editorial Presença.

Holanda, Sérgio Buarque de (1979). *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro: J Olympio

Krishnamurti, Jiddu (s/d). *A Mente e o Medo.* Rio de Janeiro: Ediouro

Le Breton, David (2001). "O adeus ao corpo" *in* Paulo Cunha e Silva (org.) *Corpo Fast Forward.* Porto: Porto 2001, 196—211

Leite, Carlinda; Pacheco, Natércia (1995). "Os dispositivos pedagógicos na educação multicultural" *in Actas do II Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.* Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
Leite, Maria Jorge dos Santos. "Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política" *in Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana.

Lèry, Jean de (2007). *Viagem à Terra do Brasil.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia

Lévi-Strauss, Claude (1952). *Raça e História.* Lisboa: Editorial Presença

Levinas, Emmanuel (1980). *Totalidade e Infinito.* Lisboa: Edições 70

Lima, Heloísa Pires; Lemos, Mário; Gneka Georges (2005). *A semente que veio da África.* São Paulo: Salamandra

Lopes, João Teixeira (2000). *A Cidade e a Cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas.* Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto

Machado, Alvaro (org.) (2000). *Mestres-artesãos.* São Paulo: Escola de Reeducação do Movimento Ivaldo Bertazzo

Marcondes, Lucas (s/d). *A História de um Fantástico Encontro num lugar a vir a ser Brasil.* O Norte - Oficina de Criação

Martins, Vítor (2007). "Teses sobre a Arte em Regime Intercultural, seguidas de 10 Teses sobre o "IDENTIDADES"", *in* GESTO (org.) *ID10*. Porto: Gesto Cooperativa Cultural, CRL

Martins, Catarina S.; Terrasêca, Manuela; Martins, Vítor (org.) (2012). *À procura de renovações de estratégias e de narrativas sobre educação artística.* Porto: Gesto Cooperativa Cultural, CRL

Mendonça, Caroline Farias Leal (2012). *Insurgência Política e Desobediência Epistêmica: Movimento Descolonial de Índigenas e Quilombolas da Serra do Arapuá.* Tese de Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA).

Montaigne, Michel de (1998). *Ensaios-Antologia.* Lisboa: Relógio D'Água

Moura, Clóvis (1992). *História do Negro Brasileiro.* São Paulo: Editora Ática S.A.

Moura, Mário (2008). *Design em Tempos de Crise.* Porto: Braço de Ferro

Moraga, Mario; Solórzano, Héctor (2005), "Cultura Urbana Hip-Hop: Movimiento Contracultural Emergente en los Jóvens de Iquique" *in Ultima Década*. 13(23), 77—101

Nascimento, Abdias (2009). "Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população Afro-brasileira" *in* Elisa Larkin Nascimento (org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, 197—218

Nascimento, Elisa Larkin (org.) (2008). *Cultura em Movimento.* São Paulo: Selo Negro

O'Dwyer, Eliane Cantarino (org.) (2002). *Quilombos identidade étnica e territorialidade.* Rio de Janeiro: Editora FGV

Pacheco, José (2004). *Cartas a Alice.* Porto: Edições ASA

Pacheco, Natércia (2007). "Do si como outro aos lugares de confronto do outro" *in* Rosa Bizarro (Org.), *Eu e o Outro: Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s), e práticas interculturais.* Porto: FLUP, 103—111

Pacheco, Natércia (1997). "Interculturalismo e Formação de Professores" *in* M. Santos, & A. Carvalho (Dirs.), *Interacção cultural e aprendizagem.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 45—51

Pacheco, Natércia (1996). *Tempos de sozinhez em Pasárgada. Estratégias identitárias dos estudantes dos PALOP em Portugal.* Tese de doutoramento em Ciências da Educação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Pacheco, Natércia; Rocha, Cristina; Leite, Carlinda (1995). *O investigador colectivo no quadro da Investigação-Acção. Actas do II Congresso da Sociedade de Ciências da Educação.* Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

Paiano, Enor (1996). *Tropicalismo bananas ao vento no coração do Brasil.* São Paulo: Scipione

Paiva, José Carlos de; Martins, Catarina S. (org.) (2011). *Investigar a partir da acção intercultural.* Porto: Gesto Cooperativa Cultural, CRL

Paiva, José Silva (2009). *ARTE/desENVOLVIMENTO.* Tese de Doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Pardue, Derek (2012), "Cape Verdean Creole and the Politics of Scene-Making in Lisbon" *in Journal of Linguistic Anthropology*, 22.2, E42—E60

Pereira, Amílcar Araujo; Monteiro, Ana Maria (orgs.) (2013). *Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas.* Rio de Janeiro: Pallas

Perniola, Mário (2005). *A Arte e a sua Sombra.* Lisboa: Assírio & Alvim, 2006

Perrenoud, Philippe (1994). *Métier d'élève et sens du travail scolaire, Oficio de alunno e sentido do trabalho escolar.* Porto: Porto Editora, 1995, tradução de Júlia Ferreira e José Claúdio

Perry, Marc D. (2009), "Hip Hop's Diasporic Landscapes of Blackness" *in* West, Michael O.; Martin, William G. Wilkins, Fanon Che (eds.) *From Toussaint to Tupac: the Black International Since the Age of Revolution.* Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009: 232—258

Ramos, Graciliano (1973). *Vidas Sêcas.* São Paulo: Martins

Rancière, Jacques (2010). *O Mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual.* Lisboa: Edições Pegaso, Lda.

Rancière, Jacques (2010). *Estética e Política, A partilha do Sensível.* Porto: Edição Dafne

Rancière, Jacques (2010). *O espectador emancipado.* Lisboa: Orfeu Negro

Ribeiro, Darcy (1996). *Diários Índios.* São Paulo: Companhia das Letras

Ribeiro, Darcy (2012). *Confissões.* São Paulo: Companhia das Letras

Ribeiro, Darcy (1975). *Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos.* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A.

Santiago, Eliete; Silva, Delma; Silva, Claudilene (2010). *Educação, Escolarização&Identidade Negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE.* Recife: Ed. Universitária da UFPE

Santos, Boaventura de Sousa (2009). "Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes" *in* Boaventura de Sousa Santos and Maria Paula Meneses (eds). *Epistemologias do Sul.* Coimbra, Portugal: Editora Almedina, 23—71

Saviani, Dermeval (2013). *História das Ideias Pedagógicas no Brasil.* Campinas, SP: Autores Associados

Saviani, Dermeval (2013). *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.* Campinas, SP: Autores Associados

Scott, James C. (2013). *A dominação e a arte da resistência, discursos ocultos.* Lisboa: Letra Livre

Segato, Rita (2011). "Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial" *in* Bidaseca, Karina, Laba, Vanessa Vazquez (comps.), *Feminismos y poscolonialidad.*

Descolonizando el feminismo desde y en América Latina. Buenos Aires: Ediciones Godot (Colección Crítica)

Sérgio, António (1984). *Educação Cívica.* Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora

Silva, Givânia Maria da (2012). *Educação como processo de luta política: a experiência de 'educação diferenciada' do território quilombola de Conceição das Crioulas.* Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação.

Silva, Paulo Cunha e (2001). *Corpo Fast Forward.* Porto: Porto 2001

Souza, Vânia Rocha Fialho de Paiva e (2002). "Conceição das Crioulas, Salgueiro (PE)" *in* Eliane Cantarino O'Dwyer (org.), *Quilombos identidade étnica e territorialidade.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 109—140

Sefa Dei, George J. (1999). "Knowledge and Politics of Social Change: The Implication of AntiRacism" *in The British Journal of Sociology of Education*, 20.3, 395—400

Smith, Linda, (2012). *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples* (2nd ed.). New York: Zed Books
Stiles, Kristine; Selz, Peter (1996). *Theories and Documents of Contemporary Art.* Los Angeles: University of California Press

Vilela, Ilca. *As bonecas pretas do quilombo Conceição das Crioulas: o discurso da sustentabilidade.* Início: 2011. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de São Paulo.

Bibliografia consultada no local de pesquisa

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC. *AQCC Associação Quilombola de Conceição das Crioulas*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC. *Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Quilombolas de Conceição das Crioulas, Salgueiro, Pernambuco*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC (2003), *Jornal Crioulas: a voz da resistência*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC (2004), *Jornal Crioulas: a voz da resistência*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC (2005), *Jornal Crioulas: a voz da resistência*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC (2006), *Jornal Crioulas: a voz da resistência*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC (2007), *Jornal Crioulas: a voz da resistência*

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC (2009), *Jornal Crioulas: a voz da resistência*

Centro de Cultura Luíz Freire, *Sertão quilombola: a formação dos quilombos no sertão de pernambuco*

Centro de Cultura Luíz Freire, *Princípios da educação Quilombola*, da Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco

Centro de Cultura Luíz Freire, *Educação Quilombola: um direito a ser efetivado*

MEC, Brasília. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*

MEC, Brasília. *Uma história do Povo Kalunga*

Professoras Truká (org.). *No Reino da Assunção, Reina Truká*

Grupo de antropólogos brasileiros que não podem revelar os seus nomes por agora, dado o regime fascista existente no Brasil (1976). *A Política de Genocídio Contra os Índios do Brasil*

Videografia

Aïnouz, Karim (2006). *O céu de Suely.*

Britto, Jomard Muniz (2011). *JMB, o famigerado.* Versão desautorizada.

Calheiros, Felipe Peres (2010). *Acercadacana.*

Calheiros, Felipe Peres (2007). *Até onde a vista alcança.*

CrioulasVídeo (produtor) (2006). *Serra das Princesas.*

Gomes, Marcelo (2007). *Cinema Aspirinas e Urubus.*

Tankalé (produtor) (2009). *Comunidades Quilombolas de Conceição das Crioulas, Contendas e Santana.*

Waddington, Andrucha (2001). *Eu, Tu, Eles.*

Pesquisa realizada na internet

Bidaseca, Karina, Laba, Vanessa Vazquez (comps.) (2011). *Feminismos y poscolonialidad. Descolonizando el feminismo desde y en América Latina.* Buenos Aires: Ediciones Godot (Colección Crítica).
http://www.edicionesgodot.com.ar/sites/default/files/ediciones-godot-feminismos-poscolonialidad.pdf

Houssaye, Jean (2007). "Prazer" *in Currículo sem fronteiras*.
http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/houssaye.htm

Nóvoa, António (2008). "O lugar dos professores: terceiro excluído" *in Educação e Matemática* nº50. Associação de Professores de Matemática
http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50_3.htm

Pacheco, Natércia (2000). "Do confronto de culturas às relações interculturais" *in Educação, Sociedade e Cultura*, nº 13, 119—139
http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc

A imagem da capa foi cedida amorosamente pela Joana Mateus, que a pintou quando chegou da comunidade em 2010, a tinta da china, e logo fiquei encantada.

Todas as fotografias utilizadas nesta tese sem crédito, foram gentilmente cedidas pelo Movimento Intercultural IDENTIDADES.

Adenda

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Elisabete Mónica Moreira Faria

Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história.

Aprender fazendo com/para/na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas

Tese apresentada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em Educação Artística

Orientadores
Professor Doutor José Carlos de Paiva, FBAUP
Professora Doutora Natércia Pacheco, FPCEUP

Índice

6 **Anexo I**
Quadro cronológico dos encontros realizados no Brasil, Portugal e Cabo Verde a partir do movimento intercultural IDENTIDADES

8 **Anexo II**
Apontamentos de Um Dia (des)apontamentos de Um Diário

17 **Anexo III**
O Mestre e a Aprendiz

24 **Anexo IV**
Apontamentos de Um Dia (des)apontamentos de Um Diário (cont.)

27 **Anexo V**
A Instituição que Há em Mim

38 **Anexo VI**
A ouvir é que a gente se entende

43 **Anexo VII**
Mugunzá ou *Cachupa*: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica

50 **Anexo VIII**
Education and the Right to Difference: Across Lands, Between Knowledges and Among Peoples

57 **Anexo IX**
Formação com o movimento intercultural IDENTIDADES. Projeto: "Expressões artísticas nas escolas da Comunidade de Conceição das Crioulas"

60 **Anexo X**
Eu não sou Um nem sou o Outro

61 **Anexo XI**
Livro 2006

66 **Anexo XII**
(des)afio/abafo

70 **Anexo XIII**
Gestão Escolar Diferenciada

78 **Anexo XIV**
Livro 2007

118 **Anexo XV**
ID. Relatório Maio de 2009 em Conceição das Crioulas

122 **Anexo XVI**
André Alves. Relatório Agosto de 2009 em Conceição das Crioulas

126 **Anexo XVII**
Correspondência de Felipe Calheiros sobre o acidente com vítimas fatais na BR 116

128 **Anexo XVIII**
Nota da Direção Estadual do MST em Pernambuco em Solidariedade à Comunidade de Conceição das Crioulas

129 **Anexo XIX**
Expressões Artísticas nas Escolas da Comunidade do Quilombo de Conceição das Crioulas

132 **Anexo XX**
Par ti tu ra: início de uma tentativa de apresentar um todo a uma só voz.
As artes na escola e na sociedade: estudo de caso nas escolas da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas

145 **Anexo XXI**
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações

ANEXO I

QUADRO CRONOLÓGICO DOS ENCONTROS REALIZADOS
NO BRASIL, PORTUGAL E CABO VERDE
A PARTIR DO MOVIMENTO INTERCULTURAL IDENTIDADES

ENCONTRO REALIZADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS, PERNAMBUCO, BRASIL

2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Agosto Mónica, Tiago, Helena, Carla (Portugal) António (Cabo Verde)	**Agosto** Mónica, Tiago, Carla, Paiva, Rita, Cátia (Portugal)	**Agosto** Mónica, Tiago, Carla, Paiva, Rita (Portugal)	**Maio** Mónica, Paiva (Portugal)	**Fevereiro** Mónica, Paiva (Portugal)	**Janeiro** Mónica, Carla (Portugal)			**Abril** Paiva, Tiago, Patrícia (Portugal)
			Agosto Mónica, Tiago, Carla, André, José (Portugal)	**Agosto** Mónica, Joana (Portugal)			doutoramento	
			Maio Mónica, Paiva (Portugal)	**Fevereiro** Mónica, Paiva (Portugal)		**Setembro Dezembro**	**Setembro Dezembro**	**Janeiro Dezembro**
Artes Plásticas, Vídeo, Dança	Artes Plásticas para professoras(es), Vídeo, Cerâmica	Artes Plásticas para professoras(es), Arte Pública, Vídeo	Artes Plásticas para professoras(es), Arte Pública, Vídeo	Artes Plásticas para professoras(es)	Artes Plásticas para professoras(es)			

ENCONTRO REALIZADO NA CIDADE DO PORTO, PORTUGAL

			Junho Lourdes Lena Tico (Brasil)	**Junho** Felipe (Brasil)	**Setembro** Felipe (Brasil)			
			Batik, Vídeo	Mostra de documentários	Mostra de documentários			

ENCONTRO REALIZADO NA CIDADE DE MINDELO, CABO VERDE

				Agosto Márcia (Conceição das Crioulas)				
				Agosto Mónica, Joana (Portugal) Márcia (Conceição das Crioulas)				
				Comunicação sobre educação diferenciada				

ANEXO II

Apontamentos de Um Dia
(des)apontamentos de Um Diário[1]

> "A educação tem de ser global o ensino deve ser interdisciplinar"
> Simone Fontanel-Brassat e André Rouquet[2]

Este trabalho insere-se no âmbito da unidade curricular de Actividades de Iniciação à Prática Docente, do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, parceria da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
A partir do diário de apontamentos sobre as aulas interpretando as leituras, a matéria leccionada e questionando-me sobre o papel do conhecimento, do professor, do aluno, do currículo, da especificidade das disciplinas e dos métodos de ensino, e qual a prática transversal a todas as disciplinas a assumir. Isto é, sobre o conflito que existe no ofício do aluno e do professor dentro da escola e fora dela.
Decidi então fazer uma análise que se centre nas tensões e motivações que podem surgir no confronto e na comunicação entre os vários agentes de ensino: professor, aluno, escola, família, comunidade, Estado e onde se situa cada um destes agentes? Como podem se relacionar?

Neste momento, coloco-me no lugar de aluno. Chego à sala de aulas e ocupo uma cadeira, um lugar. Sento-me, ouço, tento perceber, alinhavar, apontar estratégias e ideias, ou ideais. Na esperança de ser uma professora. Um dia! Quem sabe!
Mas este lugar de aluno define-se na medida em que reflicto a aluna que sou e a professora que quero ser. Qual será então o lugar que ocupo em cada um destes papéis? Ou qual será o papel que ocupo nesses lugares? Como posso responder aos dilemas e ansiedades que esta dialéctica me coloca?

A partir do método do triângulo pedagógico de Jean Houssaye procuro analisar as posições, tensões e relações, que existem entre o aluno, o professor e o saber. Onde se situa o lugar do saber? Que lugar ocupam os professores? Existe um lugar a ser reclamado?
Jean Houssaye apresenta o triângulo pedagógico em torno de três vértices: professor, aluno, saber. A partir destes pontos, vão se estabelecendo relações privilegiadas entre dois vértices, colocando o outro no "lugar do morto". Dessa forma, é possível construir uma análise em torno de três modelos pedagógicos.
Ao longo do texto falarei de cada um desses modelos, expondo algumas análises em relação ao prazer e ao confronto das relações que se criam com cada um dos sujeitos nas diferentes posições do "jogo", na posição de ensinar e de aprender. Para fazer esta análise servir-me-ei da minha biografia enquanto aluna, tentando compreender, a partir de uma experiência particular, as tensões e problemas existentes numa sala de aula.

[1] Faria, Mónica (2009). Actividades de Iniciação à Prática Docente I. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

[2] Fontanel-Brassat, Simone; Rouquet, André (1975). *L'éducation artistique dans l'action educative, A educação artística na acção educativa.* Coimbra, Livraria Almedina, 1977, tradução de Maria Leonor Fernandes Antunes

Mais uma reflexão: As qualidades imprescindíveis do professor

> "Como educador eu jamais deixei de ser um homem político (...)
> o professor é um político e um artista, jamais um técnico"
> Paulo Freire[3]

Ao longo das aulas foi-nos sugerido várias vezes que fizéssemos o exercício de nos questionarmos: Quais as qualidades imprescindíveis do professor? Porque queremos nós ser professores? Porque estamos aqui?
É sempre possível chegar a algumas respostas com a consciência que qualquer resposta pode e deve ser rebatida e reformulada. E é aqui que encontro o primeiro lugar de conflito que preciso de explicar. Enquanto aluna, sei as exigências que me são feitas. Conheço, ao fim de um percurso académico os diferentes requisitos que me foram pedindo nas diferentes disciplinas que fui tendo. A necessidade e a dificuldade de dar respostas, de as encontrar e de serem as respostas certas. Para responder às perguntas que foram feitas, ainda durante as aulas baseei-me na minha intuição e experiência enquanto aluna - na avaliação que fiz dos professores que conheci e a vontade de reclamar um lugar para mim - qual poderá ser hoje o modelo de professor que sirva de exemplo para a minha futura carreira docente?
Essa avaliação consistiu sempre na relação directa do professor em relação a mim, ou à turma em que estava inserida, na sua relação com o conhecimento e a forma como o transmitia. Todos os professores eram diferentes uns dos outros, no entanto encontrava qualidades iguais em alguns deles, e é a partir dessas referências que volto a ponderar um novo modelo.

Generoso. Acima de tudo o professor deve ser generoso, dar o que tem e pode dar - o que tem um professor para dar? O seu conhecimento. Como se dá, como se transmite o conhecimento? Como é que é possível sistematizar o conhecimento? Na medida em que ocupa uma posição de poder[4] o professor deve ter a noção da presença do outro. O professor serve "*objectivos que vão mais além dos seus interesses pessoais*"; reconhece os limites, seus e do outro, tem de "*ter a consciência bem lúcida, para reconhecer os limites da gente*" (FREIRE (1921-1997).
Flexível. Pôr-se em questão e na medida em que se põe em questão, ser curioso. Nunca e em caso algum a mesma disciplina será dada na mesma forma, nunca terá o mesmo grupo de alunos, com o mesmo entendimento, a mesma densidade de interacção. É preciso fazer o exercício de entender o meio que constantemente se renova, "*diante do óbvio, temos que assumir a posição de quem procura rompê-lo, para olhar de dentro, descobrir que o óbvio não é tão óbvio quanto se pensa*" (FREIRE (1921-1997).

Implicado. É um assunto do qual faz parte. Não pode ser um viajante, um turista, não pode ter a postura de quem passeia, de quem vê de fora como um mero observador que pensa algumas coisas sobre o assunto. Tem de ter a noção de que todos os assuntos que dizem respeito às relações e ao saber que acontecem dentro da sala e também fora dela, lhe dizem

[3] Freire, Paulo; Guimarães, Sérgio (1921 – 1997). *Sobre educação: lições de casa.* S.Paulo, Paz e terra, 2008

[4] Por poder entenda-se o papel que o professor desempenha na sala de aula em relação aos alunos. *A autoridade é hierarquizada, aceite como legítima e representada como inerente à função educativa* (Ferreira, Manuela Sanches E Santos, Milice Ribeiro dos, p.31). É importante acrescentar que, na prática educativa, (e em relação ao método de estudo, o triângulo pedagógico em que o professor surge num dos vértices, e mesmo quando está no "lugar de morto" pode reclamar esse lugar, pondo em jogo "cartas" que desrespeitem a boa harmonia da toda e qualquer relação proposta por este modelo) a relação que o docente estabelece com o(s) educando(s) deverá existir sempre no respeito à autonomia. *O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético (...) que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais ténue sinal da sua rebeldia legítima (...) que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.* (Freire, 1920, p.66)

respeito. Torna-se responsável por essa construção e faz parte dela, os alunos esperam essa participação. Estar implicado implica, ao mesmo tempo uma posição de desconfiança, precisa de constantemente fazer uma análise às situações que encontra, que provoca e que recebe, é uma relação constante entre o saber e o fazer. É obrigatoriamente uma construção na medida em que se renova. Não pode ser estanque essa construção.
Político. Não na medida em que se assume como partidário, mas sim na percepção que tem de si com o saber, com o meio que está inserido. Qual a sua posição e participação no tecido social? Ter consciência que faz parte de uma comunidade, que participa nela. O professor não é um alienado, sabe quem é. Não pretende parecer-se com outro.

Artista, na medida em que o artista tenta sempre atingir a universalidade, mas só o consegue a partir da sua localidade, da sua regionalidade, da sua nacionalidade. A autenticidade de perceber de que se é feito, e dessa forma, entender num constante exercício, como somos feitos.

Mário Dionísio[5], apresenta o seu melhor professor como aquele que possuía uma enorme capacidade de ensinar ou simplesmente conviver, não anula contudo a importância que os maus professores provocaram no seu entendimento de mundo, de escola e da prática pedagógica quando decidiu exercer essa profissão, a de ocupar o lugar de professor.
Proponho-me a um outro exercício, para isso tendo a necessidade de usar referências. Expondo-me, exponho a minha experiência de aluno em relação ao professor que me sirva de exemplo. De exemplo, tomo também o modelo do triângulo pedagógico proposto por Jean Houssaye, as possíveis relações de ensino a partir da metáfora do "lugar do morto" no jogo de *bridge*. Exercito relações possíveis entre a experiência vivida e a teoria. A respeito desse exercício reparo que o professor que mais me marcou, o exemplo mais vivo na minha memória, foi aquele que me fez perceber aquilo que eu não quero.

O professor que me serve de exemplo

O primeiro ciclo, é sempre uma experiência muito marcante. São os primeiros anos de trabalho, o oficio de ser aluno. Andamos durante algum tempo a ouvir falar dessa fantástica aventura que é a escola, e claro, fazemos planos, fantasiamos sobre essa escola de acordo com as nossas aspirações de adultos pequenos. Mas essa realidade, quando surge é sempre muito diferente. Primeiro, ficamos sem os pais, sem o nosso ambiente confortável, onde já aprendemos signos e de onde já adquirimos os símbolos de uma linguagem que nos permite situar em relação ao exterior. O sentimento de injustiça surge quando os pais nos oferecem a esse mundo de desconhecidos com outros códigos e territórios para conquistar. Em casa, conhecemos bem os agentes de autoridade, o pai, a mãe, os avós, tios e irmãos, uma hierarquia com a qual nos relacionamos desde o principio da nossa existência. Na escola, surge uma nova autoridade, o professor.

A minha professora primária, que deu inicio à minha orientação e que projectou a minha visão de escola e de mundo durante os primeiros quatro anos da minha vida académica, foi - dentro da sala de aulas - quem me fez perceber a grande diferença e confronto que havia entre mim e os meus colegas - no recreio depressa vim a descobrir que essa diferença não era assim tão marcada.
O lugar de aluno era um vasto leque de cadeiras onde cada um ocupava o seu lugar. O lugar que me coube, colocava-me à distancia do quadro (saber), da professora (autoridade do saber), e dos outros alunos (partilha do saber).
Na minha perspectiva, foi-me incutido aquele lugar, onde eu estabelecia uma relação entre mim e os outros.

[5] Dionísio, Mário (1987). *Autobiografia*. Lisboa: O Jornal

O triângulo pedagógico

Professor – aluno, com o saber no "lugar do morto"

Analisando o modelo proposto por Jean Houssaye, do triângulo pedagógico. A relação professor - aluno enquanto relação privilegiada com o saber no "lugar do morto", existe enquanto processo de formar. As regras surgem durante a relação professor - aluno e é durante essa construção que se define como é integrado o saber. É aqui que reside o perigo de o aluno desmotivado, sem prazer em aprender, passar a assumir o lugar do morto. O professor tem aqui um papel de poder, dentro de uma hierarquia escolar, aceite como legítima. "*Os professores representam para a criança os primeiros adultos, fora da família, mais intensamente investidos*" (Ferreira, Manuela Sances E Santos, Milice Ribeiro dos, p.31). Embora a relação com o professor seja diferente das relações familiares, é hábito assistirmos à transposição dos mesmos padrões afectivo-comunicacionais da família para a escola. "*Mas não são só os alunos que projectam, nas relações interpessoais, emoções arcaicas*" (Ferreira, Manuela Sanches E Santos, Milice Ribeiro dos, p.31), o professor muitas vezes projecta a criança que foi.

O prazer existe consoante as expectativas, que os alunos criam em relação ao professor e que o professor cria em relação ao(s) aluno(s). Essas expectativas podem levar ao desprazer de aprender ou de ensinar, no momento em que qualquer uma destas partes se recusa a aceitar as regras de estruturação desse processo, ou, por sua vez, falha a expectativa que cada um terá feito do outro. O professor pode, de um momento para o outro, fazer uso da sua autoridade repreendendo os alunos de não conseguirem organizar-se, de não conseguirem aprender de modo correcto. Os alunos, podem reclamar uma posição de morto. Colocando as suas "cartas em jogo" renunciam a relação directa com o professor, sem necessariamente renunciar a relação do saber. Passam a ter uma postura muito menos envolvida, bem mais distanciada observando a relação do professor com o saber.

A sala de aula

> "a insatisfação faz parte da construção pedagógica"
> Jean Houssaye[6]

A forma como se organiza a disposição espacial da sala de aula, reflecte o constrangimento dos alunos a um lugar muitas vezes pré-estabelecido. Aqui estabelece-se um outro patamar hierárquico – à relação de distância do aluno para com o saber, acrescenta-se a hierarquização para com os colegas.

A minha sala de aulas era organizada em "três filas" perpendiculares ao quadro. A primeira fila era ocupada pelos meninos órfãos, que possuíam apoio quase nulo fora da escola, muitas vezes desprotegidos resistiam (os que resistiam) e iam fazendo a escola até completarem a quarta classe, sem nunca conseguirem ocupar o lugar de alunos. A segunda fila era destinada àqueles que tinham algum apoio fora da escola. Nesta fila havia ainda outra divisão social em função da actividade profissional dos pais. Este factor revelava-se importante na aprendizagem do aluno, naquilo que o aluno já sabia e na sua capacidade para evoluir com os novos dados que lhe iam acrescentando. Estes, ao longo do tempo, nunca saíam da sua fila, mas transitavam, ora mais para a frente ora mais para trás, consoante o sucesso ou insucesso das fichas de trabalho. Na terceira fila, estavam os alunos que inquestionavelmente foram, desde o inicio até ao fim, os exemplos da sala. Aqueles que ocupavam o lugar onde todos queriam estar. Era possível

[6] Houssaye, Jean (2007). "Prazer" *in Currículo sem fronteiras*.
http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/houssaye.htm

observar que a posição social e estabilidade do agregado familiar destes alunos era extremamente relevante - no apoio que forneciam aos seus filhos e no facto do seu capital cultural ser valorizado pela escola, ao contrário do que acontece noutros estratos sociais.

O triângulo pedagógico

Aluno – saber, com o professor no "lugar do morto"

Voltando a analisar o triângulo pedagógico, na relação do aluno-saber, com o professor no lugar do morto. O processo inerente a esta situação é o de aprender. Na relação do eixo principal, o prazer surge com o professor enquanto mediador, numa participação indirecta.

Se a relação com o saber é uma forma de relação com o mundo, com um meio e esse meio é o mundo, que ele partilha com outros como define Bernard Charlot (Charlot, 2000), então "*pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos"* (Freire, 1920) .

O desprazer surge quando o professor ocupa demasiado, não compreendendo ou não aceitando a posição que tem neste lugar, reprovando constantemente a "procura" do aluno ou dificultando o processo de trabalho tornando documentos inacessíveis ou de difícil compreensão. Neste caso, surge uma disfunção no processo de trabalho e o prazer de aprender desaparece.

O ambiente escolar

> "Ensinar não é transferir conhecimento"
> Paulo Freire[7]

Hoje, fazendo o exercício de análise do que foi a escola primária, reconheço a violência e opressão que o tipo de organização hierárquica desenvolvida pela minha professora primária representava para os alunos. Já naquela altura parecia-me descabido toda aquela forma de nos organizar em filas consoante os nossos saberes. Estávamos no nosso lugar previamente atribuído, éramos alunos conscientemente distribuídos dentro de uma hierarquia social que apontava inequivocamente a relação de cada um com o saber e afirmava a posição social de cada um. Desta forma, ficávamos a saber o nosso lugar. Éramos educados a aceitá-lo.

Os meus pais foram chamados várias vezes, para reuniões pessoais com a professora. Pelo meu comportamento rebelde e de difícil trato, por apenas responder quando queria e não quando era preciso. Por eu querer sentar-me ali e não aqui, por sair da sala de aula com a desculpa de ir à casa de banho e não voltar, escondendo-me algures, e só voltar quando me apetecia. Toda esta zaragata que eu causava nas suas aulas impedia a professora de fazer um bom trabalho e por isso era preciso os meus pais tomarem medidas comigo. Estas reuniões, sem dúvida, surtiam os seus efeitos.

O que eu reparava no recreio, onde aquela imagem de autoridade não existia, era que todos nós tínhamos a mesma capacidade de sobreviver e aprender, ora reinavam uns ora reinavam outros. Depressa aprendi a não respeitar aquela imagem de professora inquestionável. Confrontava-a com as armas que tinha, a inocência de não perceber as consequências das minhas acções, para o mal e para o bem, que depois advinham das minhas atitudes.

[7] Freire, Paulo (1920). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. S.Paulo, Paz e Terra, 1996

O triângulo pedagógico

Professor – saber, com o aluno no "lugar do morto"

Analisarei agora o triângulo pedagógico, focalizando a relação professor-saber no eixo principal com o aluno no "lugar do morto". O processo inerente a esta preposição será o de "ensinar". Partindo deste princípio, será importante compreender o risco que o aluno corre ao não reconhecer na figura do professor a única fonte e autoridade do saber, já que terá muitas dificuldades em distinguir a figura deste, da figura da Escola e do Saber. Desta forma o aluno vê as suas expectativas transformarem-se em desilusão, correndo o risco de estabelecer uma relação de desprazer e incomunicabilidade com a Escola e os seus agentes.

Por outro lado poder-se-á estabelecer uma relação de prazer se o aluno aceitar o "lugar de morto", e ao mesmo tempo aceitar o lugar do professor enquanto portador do conhecimento.

O desprazer surge então numa disfunção, quando o aluno reclama para si outro lugar, recusando- se a participar na situação pedagógica. Ele naturalmente abandona-a, ou estando fisicamente presente, conversa para o lado e ocupa muito espaço.

"A ligação da escola à vida"

Até agora apresentei duas imagens de autoridade marcantes e essenciais nas minhas decisões em prosseguir os estudos, e qual a minha posição no seio da Escola – a minha professora e família. Falta ainda apresentar a imagem de autoridade presente no médico de família. Julgo importante falar desta imagem porque é aquela a quem aprendemos a confiar a nossa saúde e o nosso bem estar, aprendendo a ter uma relação de confiança e de segurança na transformação que vamos sentindo ao longo do nosso crescimento físico e psicológico.

No momento de seguir os estudos, a médica de família, para além de tratar da minha saúde, também era quem confirmava e atestava as despesas fixas que a família tinha com a saúde. Nessa altura, os apoios do estado para prosseguir estudos eram atribuídos consoante os rendimentos dos pais e para tal foi necessário proceder ao pedido desse comprovativo. A resposta que recebi foi - "quem não pode estudar que não estude". Foi aqui que compreendi que a educação, e as possibilidades de estudar se alargavam a um campo mais extenso não apenas determinado pela minha prestação na sala de aula.

António Teodoro, no prefácio do livro "O outro lado do espelho" de Ana Sofia António apresenta a escola como não constituinte do único espaço de formação e de produção de conhecimentos. Tentando agora compreender de forma sistematizada os vários aspectos e limites do papel da Escola na aprendizagem do aluno, continuo a utilizar o triangulo pedagógico analisado por António Nóvoa[8], como modelos da situação em que a escola se encontra no momento actual. O tema "ligação da escola à vida" levanta uma série de problemáticas e novos pontos de discussão que pretendo apresentar nos pontos que se seguem.

António Nóvoa. O triângulo político

António Nóvoa levanta algumas reflexões e preocupações a partir da análise do triângulo pedagógico situado no modelo aluno- saber com o professor no "lugar do morto". Sobre este modelo, o autor adverte para o problema da tecnologização do ensino. Na sua análise, o autor pretende centrar-se no alerta para o reaparecimento de movimentos que defendem uma mecanização do ensino, sem criticar as situações pedagógicas.

[8] Nóvoa, António (2008). "O lugar dos professores: terceiro excluído" *in Educação e Matemática* nº50. Associação de Professores de Matemática. http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50_3.htm

António Nóvoa desta forma, propõe um novo triângulo, o *triângulo politico*, cujos vértices são compostos por: professor, Estado, pais ou comunidade. Aqui também os professores ocupam o "lugar do morto", onde os sujeitos do eixo principal - Estado, pais - "jogam" em relação directa. A privatização do ensino, remete para a educação ao "serviço do cliente", onde os pais ocupam um novo papel na gestão dos assuntos educativos e onde o "*ciclo histórico dos Estados docentes, e dos professores-funcionários, está a chegar ao fim*" (Nóvoa, 2008).

A escola

Ainda sobre a reflexão – "a ligação da escola à vida" António Teodoro afirma que na transição do século XVIII para XIX a escola passou para um espaço de integração social e de formação para o trabalho, isso implicou uma mudança de papel na escola. A escola passou então a ser um espaço onde todos os problemas sociais se tornam problemas escolares e onde a base para conseguir dar resposta a esta situação é a de *ensinar a muitos como se fosse a um só* (António,2004), também Rui Canário no livro "Educação de Adultos" sublinha o que foi dito anteriormente e acrescenta, segundo os autores que ele refere no seu texto (Vincent, Lahire e Thin), que a organização pedagógica escolar tem a sua génese na passagem de uma relação aluno-mestre, em que torna o espaço da escola distinto das restantes relações sociais. Mais tarde, essa relação sofre uma alteração para mestre-classe e é nessa perspectiva que passa a ser uma preocupação e tema recorrente da "ligação da escola à vida". Também este factor veio levantar dois problemas que António Teodoro refere[9] - de "*regulação*", porque a escola não cumpre o seu papel de agente de integração social e de "*emancipação*", porque não cumpre o papel social que as famílias esperam no sentido em que os cursos constituíam a melhor ferramenta para dotar os seus filhos, de forma a serem melhor inseridos no mercado de trabalho. É neste campo, que a questão da produção do saber e o papel do sujeito são essenciais.

De acordo com a tentativa de resposta à solução do caso apresentado, como dar respostas "individuais" num sistema de *ensinar a todos como se fossem um só*, Joaquim Azevedo em entrevista à revista "Escolhas"[10] sobre os cursos técnico profissionais refere que a escola para as famílias de mais baixo "*capital cultural*" é uma imposição da sociedade, acrescenta ainda que para a família a verdadeira escola é o trabalho assalariado e por isso na primeira oportunidade fogem para a verdadeira escola, visto que na escola não se aprende nada. De certa forma, se eles abandonam a escola é porque a escola já os abandonou a eles, e lá fora existe *algo mais atractivo para fazer*. Sobre este assunto, Perrenoud fala do oficio de aluno reforçando a ideia de que "*eles têm outros desafios, outros projectos, que os mobilizam muito mais e que lhes parecem bem mais significativos que a ficha de matemática ou a composição que lhes é imposta*" (Perrenoud, 1994) não é por falta de capacidade e apatia que os alunos abandonam os seus lugares.

Joaquim Azevedo, afirma também que "*as crianças não são da escola, nem o Estado é o Educador!*" (Azevedo, 2005) a família continua a ser o pilar mais importante na decisão dos filhos se manterem na escola. Cabe à família a última decisão, se ficam ou não, por isso é muito importante a comunicação da escola com a família. Esta análise volta-nos de novo para a análise do triângulo proposto por António Nóvoa em que a escola, o Estado e os pais/comunidades existem nos vértices, e em que o papel do professor ocupa mais uma vez o "lugar do morto". Mas neste caso, não estará o Estado a ocupar o "lugar do morto", existindo uma relação directa entre escola e pais/comunidade?

[9] António, Ana Sofa (2004). *O outro lado do espelho: sentimentos, vivências, imaginários. Professores no lugar do morto.* Porto, Edições ASA, 2004. António Teodoro, prefácio.

[10] Azevedo, Joaquim (2005), "Entrevista à Revista "Escolhas"" *in Revista Escolhas* nº20
http://www.joaquimazevedo.com/Pesquisa/Pesquisa.asp?Tipo=4

António Nóvoa. O triângulo do conhecimento.

António Nóvoa apresenta ainda um outro triângulo, *o triângulo do conhecimento*, cujos vértices se centram no saber e são compostos por: saber da experiência (professores), saber da pedagogia (especialistas em ciência da educação), saber das disciplinas (especialistas dos diferentes domínios do conhecimento). Mais uma vez aqui, refere o autor, os professores correm o risco de ocupar o "lugar do morto". A racionalização do ensino através da afirmação do campo do saber da pedagogia (dos especialistas em ciências da educação) contém "*elementos de uma deslegitimação dos professores como produtores de saber*" (Nóvoa, 2008). O autor não ignora contudo outros movimentos que agem em sentido contrário. O que o autor procura aqui mostrar é uma sugestão "*com a intenção de estimular um pensamento critico sobre a profissão docente*" (Nóvoa, 2008).

O que é a pedagogia?

Surge ainda outra pergunta "o que é a pedagogia?". Jean Houssaye define-a como sendo a "*reunião mútua e dialéctica da teoria e da prática educativas pela mesma pessoa*" (Fernandes, 2006).

Houssaye fala ainda da questão do prazer na acção pedagógica enquanto prática de medida, se os princípios que determinam o estabelecimento e o funcionamento de um quadro educativo são respeitados, o método é respeitado e o prazer acontece. "*é então na relação teoria-prática em educação que se cria, inventa e renova a pedagogia*" (Fernandes,2006). A partir do momento em que a área da ciência de educação reclama o lugar de acreditar a formação dos professores e a validar modos de experienciar a prática pedagógica que o lugar prático-teórico na educação passou a estar anulado, "*poder-se-ia afirmar então que o nascimento da ciência de educação afirmou-se sobre a morte da pedagogia*" (Fernandes,2006).

O professor. O aluno. O saber.

No início do semestre, os apontamentos do diário iniciam-se com a pergunta "quais as qualidades imprescindíveis de um professor?" e no fim deste ciclo termina com a pergunta "o que é isto de ser professor?". Desta forma, gostaria de encerrar este meu estudo voltando a tentar responder à mesma pergunta. No entanto, perspectivo a tentativa de resposta utilizando os vértices do triângulo: o saber, o professor e o aluno, apresentando uma nova análise do professor, do aluno e do saber isoladamente.

A partir da interpretação dos textos apresentados na aula (Manuela Terrasêca, "*Que Devem Saber os Professores*") a representação do que será um professor surge do profissional que este procura ser, o *professor instruído* que domina os saberes, o *professor técnico* que utiliza os saberes-fazer técnicos sobre os quais tem domínio, o *professor artesão* que pelo seu exercício adquiriu modos de agir adequados a esse terreno, o *professor prático reflexivo*, que também adquiriu os seus saberes através da prática mas de uma forma sistemática que lhe permite teorizar e transmitir os seus conhecimentos, o *professor actor social* que tem consciência das implicações, de ordem antropológica e social, activos na sua prática, colocando-se em projectos colectivos, o *professor pessoa*, aquele que se encontra em desenvolvimento e em construção de si próprio, encontrando essa construção numa interacção com os outros.

Como foi possível observar, a representação do que poderá ser o aluno, tendo em conta que este tem que responder à imposição da escola obrigatória, é apresentada dois modelos de alunos. O aluno que entende a escola como um trabalho dentro dos modelos e valores da sociedade, que assume essa responsabilidade e por isso responde o mais positivamente que pode às suas tarefas, à procura do saber através de modelos normativos e o encontro da resposta

como sendo a resposta certa, a resposta que tem se saber. E, o aluno que não entendendo o papel da escola, procura fugir e sobreviver o melhor e mais rápido possível a essa tarefa, estabelecendo uma relação prática com o saber.
Quanto à posição do saber, apresento duas definições que o saber ocupa dentro da escola. A representação do saber enquanto centro da identidade da escola, enquanto componente de uma relação mais global, onde cada um de nós mantém com o saber e os saberes uma relação prática e emocional. E por outro lado o saber escolar que é mais ou menos estável, construído e explicito, numa relação mais normativa que analítica.

Conclusão

Continuo a partir deste ponto a construir o diário de apontamentos sobre as aulas. Continuo a sentar-me na cadeira dentro da sala de aula e a debater-me com as leituras, a matéria, o conhecimento, o professor, os métodos de ensino, com as disciplinas, o aluno, o currículo, a especificidade das disciplinas. Isto é, continuo a viver o conflito que existe no ofício do aluno e do professor dentro da escola e fora dela. Ao escolher analisar as tensões e motivações que surgem no confronto e na comunicação entre os vários agentes de ensino, posso concluir que encontro alguns caminhos possíveis de traçar essa construção de relações, mas não a dou por encerrada. Talvez nunca a venha a dar por encerrada. Espero continuar a debater questões que foram aqui abordadas e a viver o conflito de novas abordagens que aqui não mencionei ou que ainda não foram mencionadas. Na esperança de continuar a usufruir de uma melhor construção para vir a ser professora.

Bibliografia

António, Ana Sofia (2004). *O outro lado do espelho: sentimentos, vivências, imaginários. Professores no lugar do morto.* Porto: Edições ASA

Canário, Rui; Nóvoa, António (1999). *Educação de Adultos, um Campo e uma Problemática.* Lisboa: Edição de Educa

Ferreira, Manuela Sanches; Santos, Milice Ribeiro dos (1994). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender.* Porto, Edições Afrontamento

Fontanel-Brassat, Simone; Rouquet, André (1977). *L'éducation artistique dans l'action educative, A educação artística na acção educativa.* Coimbra, Livraria Almedina

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* S. Paulo: Paz e Terra

Freire, Paulo; Guimarães, Sérgio (2008). *Sobre educação: lições de casa.* S. Paulo: Paz e Terra

Perrenoud, Philippe (1995). *Métier d'élève et sens du travail scolaire, Oficio de alunno e sentido do trabalho escolar.* Porto: Porto Editora

Sérgio, António (1984). *Educação Cívica*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora

Pesquisa realizada na internet

Azevedo, Joaquim (2005). "Entrevista à Revista "Escolhas"" *in Revista "Escolhas"* nº20

http://www.joaquimazevedo.com/Pesquisa/Pesquisa.asp?Tipo=4

Charlot, Bernard (2000). "A relação com o saber: conceitos e definições" *in Porto Alegre: Artes Médicas*, 2000. (77—86), tradução de Bruno Magne

http://pedagogia.incubadora.fapesp.br/portal/DISCIPLINAS%20-%20Elie%20Ghanem

Fernandes, Ana Lúcia Cunha (2006). "Education Review, a journal of book reviews, Resenhas educativas, uma revista de resenhas de livros" *in* http://edrev.asu.edu/reviews/revp46index.html

Houssaye, Jean(2007). "Prazer" *in Currículo sem fronteiras*
http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/houssaye.htm
Nóvoa, António (2008). "O lugar dos professores: terceiro excluído" *in Educação e Matemática* nº50. Associação de Professores de Matemática
http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50_3.htm

ANEXO III

O Mestre e a Aprendiz[11]

> "O narrador – nome que nos é tão familiar – já não tem, actualmente, uma intervenção viva e eficaz. Ele está já um pouco distante de nós e distanciar- se-á cada vez mais."[12]

Este trabalho insere-se no âmbito da unidade curricular de Metodologias de Investigação e Intervenção em Educação Artística (MIIEA), do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3o Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (MEAV), parceria da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Não consigo evitar falar da forma como começa o trabalho de investigação sobre o "Narrador" de Walter Benjamin e, por isso, quis eu mesma que o meu texto começasse assim, pelas mesmas palavras. Eu precisei de citar, abrindo aspas e paginando como deve ser, dando evidência às palavras de um sábio (reconhecido por todos, obviamente). Mas na verdade, adoraria tê-lo feito de outra forma. Da seguinte forma: uma vez ia eu distraída à procura de um livro para oferecer quando, de repente abri numa página onde um senhor chamado Walter Benjamin dizia que "quando alguém manifesta o desejo de ouvir uma história, é cada vez mais frequente surgir o embaraço entre as pessoas que o rodeiam." (BENJAMIN,1992:28) dizia lá que perdemos *uma capacidade* que nos parecia *a mais segura de todas*, a capacidade de trocar experiências. É claro que dá vontade de ler todo o livro, dá mesmo vontade de oferecer toda uma citação. Mas, em vez disso, a pergunta ecoa na minha memória: *qual a minha experiência?* Neste caso em concreto, aluna de mestrado, com formação em escultura e professora muito pouco praticante.

Este trabalho é mais do que tudo, um exercício de *troca de experiência* entre professor(es) e aluno(s). Não utilizei por isso métodos mais habituais nas pesquisas em ciências humanas e sociais, como entrevistas ou inquéritos, e não me pude socorrer de referências mais ou menos estabelecidas para o estudo destes assuntos. Contudo, que utilizei um método pessoal sugerido pelo exercício da memória e pelo confronto que tenho com o presente, pelo receio que tenho do futuro e pela vontade de aprender a melhor forma de ensinar. Não comecei este trabalho com o objetivo claro de ser este o método que iria assumir. Chegou aqui por uma série de dados e acontecimentos, diálogos traçados entre mim com outros, e de facto, por essas várias trocas de experiências. Deixou de ter sentido que este trabalho não tivesse este carácter de confissão, de partilha, de exposição de forma a declarar a sua construção, de conversas, de reacções.

[11] Faria, Mónica (2009). *Trabalho de Metodologias de Investigação e Intervenção em Educação Artística.* Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação/Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

[12] Benjamin, Walter (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política* (p.27). Lisboa: Relógio D'Água Editores.

I. Carta de intenções

Boa tarde,

Estou a escrever-lhe a respeito do trabalho para a disciplina de MIIEA. Na verdade quando conversámos no outro dia, eu estava ainda muito perdida em relação à vasta opção de temas por onde podia recorrer. Apresentei-lhe dois que considerei mais relevantes na altura.

No fim da conversa voltei para casa certa de que já sabia o que queria desenvolver.

No entanto, às vezes parece que os assuntos é que nos escolhem a nós. Ou então, eu consigo ser traiçoeira comigo mesma.

Na verdade, quando comecei a tentar trabalhar, continuei a partir do que havíamos conversado (mas depressa divaguei), forçando-me a desenvolver o trabalho que analisava o texto de David Le Breton com a minha experiência na Conceição das Crioulas. De facto digo forçar, porque todas as tentativas de falar sobre esse assunto pareceram-me forçadas. Não que não me interesse o que dali poderia ser reflectido, descoberto e concluído, mas neste momento e, de uma forma mais natural o trabalho a respeito da fundição assalta-me e impulsiona-me a reflectir sobre ele.

Na altura posso não ter referido (talvez porque ainda não percebia o porquê da vontade de querer falar sobre um trabalho que fiz há alguns anos atrás), outros pontos por onde a reflexão a respeito do acto de fundir percorre (esta percepção tenho-a agora mais clara). Não me lembro bem se referi a importância dos textos do Zygmunt Bauman para esta reflexão, nem me lembro se referi a importância de ter sido o primeiro professor neste mestrado a assumir, quase violentamente perante uma turma que reflectiu durante todo o primeiro semestre sobre o que é ser professor de artes visuais e num momento final do primeiro ano lectivo, de que é preciso ser-se primeiro artista e depois professor. Também não me lembro se na conversa que tivemos sublinhei o impacto que estas duas situações tiveram para mim.

Não posso deixar de parte, a importância que a Conceição das Crioulas tem para mim, nem tão pouco a hipótese de trabalhar sobre a possível comparação entre um tempo onde a velocidade e a presença da tecnologia é a mais valia, é o futuro, é a evolução (a partir da visão distópica apresentada pelo David Le Breton em "O Adeus ao corpo") para um tempo onde a chuva e o sol definem o dia-a dia, o futuro e a evolução dos acontecimentos. Mas talvez por sentir que ainda não é o meu tempo para falar sobre isso, mas que já era tempo de falar sobre um outro assunto que ficou para trás. Por isso, e de forma a não o surpreender muito resolvi escrever esta carta, a tentar explicar o tema do meu trabalho. Sobre a fundição não exploro o caos, nem tão pouco a sua teoria, o que exploro é a relação enquanto artista, enquanto método criativo, e enquanto a relação que estabeleço com esta técnica, esta arte de fundir. Fundir assuntos que são estimulados pela leitura que faço do livro "Amor líquido" de Zygmunt Bauman, sobre as relações que se mantêm (que se confrontam), a partir do momento em que a fundição é por mim reflectida (não sei se acrescentei a informação de que o meu pai é fundidor, e tudo o que possa ser dito, feito, reflectido exista, realmente, à volta da sua existência, enquanto pessoa e enquanto técnico da arte de fundir). Sobre as relações que existem, que se estabelecem na era da pós-modernidade e em relação à ideia de modernidade.

Sobre a minha prática no uso desta técnica (a fundição - produção intelectual em preparação) pretendo que a reflexão seja feita a partir de mim e da minha experiência. O meu pai, cuja profissão é metalúrgico, sempre teve em casa uma pequena oficina de fundição, e eu sempre cresci a vê-lo trabalhar. Muitas vezes participava no processo ajudando-o como podia. Muito pontualmente. Fui para escultura (embora na altura o meu interesse fosse a pintura), e no quarto ano escolhi a técnica de metais com o intuito de desenvolver o meu projecto a partir da fundição. Por motivos de relações pessoais com o professor que leccionava na altura a cadeira de metais, vi-me forçada a abandonar este projecto, que

nunca mais desenvolvi na prática, mas que nunca me abandonou, em vez disso assalta-me muitas vezes de uma forma quase vital.
Hoje, sinto que é tempo de dar mais um passo no seu desenvolvimento, ou em direcção à necessidade que sinto de lhe dar corpo, de solidificar a ideia.
Desta forma (em forma de carta), apresento-lhe as minhas intenções a respeito de uma pequena mudança ocorrida desde o tempo que conversámos até à data em que lhe escrevo.
Obrigada pela paciência desta leitura, apresentação do tema e do método de projecto, e peço desculpa se me alonguei demasiado,

mónica faria

II. Resposta e resposta à resposta

"Olá Mónica. Agora só falta ver o resultado do teu esforço. Uma coisa é certa, partilho por inteiro a ideia que antes de tudo somos artista o resto são as contingências exteriores que o determinam com no caso das aulas. Um abraço e bom trabalho.
FJP Nota: estou a escrever do Iphone e não dá para muito mais."[13]

Boa tarde,
Obrigada pela resposta, rápida e breve, mas bastante pertinente, mais uma vez, para mim. É por isso que lhe volto a escrever (ou, apenas o faço para acrescentar em forma de resposta) sobre o assunto ao qual reagiu, o que deu como resposta a respeito das decisões que apresento em relação ao rumo que o meu trabalho começou a levar. Esta necessidade surge porque, tenho algum receio de no meu trabalho não estar a dar importância suficiente a uma das muitas abordagens possíveis de fazer quando me refiro ao trabalho de fundição.
Pareceu-me que poderia ser descontextualizado situar este parágrafo (que em muito pouco reflecte a análise da prática oficinal que pretendo) com tanta pertinência, como vou fazer a seguir (porque reflecte uma outra análise importante e à qual não consegui ficar indiferente).
Quando digo que falou de uma forma "quase violenta" a respeito de ser preciso ser primeiro um artista e só depois professor, só o digo porque durante todo o ano lectivo ouvimos constantemente que o professor deve ser primeiro professor e só depois professor de uma determinada disciplina e neste caso, em concreto, da disciplina de artes. Falamos tanto sobre isso que quase já nem há paciência para continuar a desenvolver esse assunto (a repetição de um assunto muitas vezes esgota o mesmo). Para me proteger, muitas vezes sinto a necessidade de não me assumir enquanto artista. Sabemos de alguma forma (ou então por não sabermos de forma alguma), ser artista não é um título que eu pudesse atribuir a mim próprio (presunção do artista) mas em lugar disso, deve ser atribuído por alguém que sabe o que é ser artista (presunção de alguém), da mesma forma que alguém que sabe tanto da matéria é capaz de definir o que é arte e o que não é.
No entanto afastando-me um pouco desta preocupação, penso que é um assunto realmente importante, de um lado porque se não fosse tão importante assim não o teríamos discutido durante todo o ano lectivo e por outro porque de todo o conteúdo que a carta referia, foi isso que acabou por sublinhar (voltou a sentir a necessidade de frisar bem essa parte).

[13] resposta à carta que escrevi ao professor Fernando José Pereira, no dia 17 de Julho de 2009.

Quando na carta anterior referi os dois momentos que me marcaram nestas aulas e que esses dois momentos foram os que me levaram a desenvolver, ou a despertar um assunto que se encontrava suspenso há alguns anos, o projecto da fundição, não desenvolvi em concreto a relação entre o tema e os dois pontos de ligação ao tema.

A apresentação da reflexão entre o mundo moderno, e a constante preocupação pela procura da perfeição, o sólido, e a análise de Zygmunt Bauman da pós- modernidade, o líquido, lembrou-me o contraste rígido entre a prática do meu pai e a minha prática no uso da mesma arte, a arte de fundir (sem querer definir se é a arte que forma o artista, ou se é o artista que forma a arte).

Posso também aqui, perder-me um pouco numa leitura um pouco mais rebuscada sobre a diferença de idades entre os dois, e de rapidamente apresentar a dificuldade que o meu pai sente (talvez marcado pelo pensamento moderno) quando o meu dia-a-dia parece ser marcado por esse mundo líquido, e dessa forma, a nossa relação ficar muitas vezes e ao mesmo tempo, comprometida e distante.

Não penso que seja essa a força onde reside esta comparação, mas de uma forma mais imediata comparo o método explorado pelo meu pai e o meu método. O objectivo do meu pai era o de reproduzir a matriz uma série de vezes, a sua procura consistia na forma de rentabilizar o tempo, para mais rapidamente atingir o resultado. O meu objectivo era explorar a parte em que o método do meu pai falhava e reproduzir as vezes necessárias várias matrizes.

Mas, a respeito desta resposta, gostaria de focalizar a preocupação de ser primeiro artista e depois professor, de arte. Esta frase remete-me para a relação que se estabelece dentro da oficina, a de mestre e a de aprendiz (neste caso, atribuo eu estes papéis aos sujeitos que provocam esta narrativa: o meu pai enquanto o mestre e eu enquanto aprendiz). Sem o peso da responsabilidade de ensinar alguém a fazer qualquer coisa (e bem feita!), o meu pai ensinava-me o que fazia, preocupado e interessado em repassar o conhecimento que ele já havia adquirido. Como essa tarefa era da maior importância, explicava-me tudo ao pormenor. O que ele queria fazer, porquê e como o iria fazer. Eu observava com alguma atenção.

Enquanto aprendiz havia muitas partes do processo que me eram restritas, mas as que eu podia fazer, fazia. Esperava pela minha vez, e enquanto o tempo passava, observava o ambiente que existia dentro da oficina. Com a curiosidade suficiente de quem sabe que está dentro da oficina que pertence ao lugar de produção do pai, do mestre. Até que, muitas das vezes apanhada de surpresa, chegava a minha parte, aquela que me era autorizada. Quase como um teste, uma avaliação, eu tentava esforçadamente aplicar todo o procedimento direitinho da explicação que tinha recebido. Mas ainda era aprendiz, e o corpo não obedecia, por isso eram muitas as falhas técnicas. Era preciso praticar. Para praticar precisava de repetir. Para repetir, precisava de copiar, e para tal precisava da matriz, o meu pai.

Sendo o meu pai a matriz, eu transformava-me na sua cópia vezes sem conta. Pela repetição dos seus gestos, constantemente copiados, a minha performance melhorava e eu ficava cada vez mais perfeita. Perfeita, na medida em que me tornava autónoma, até ao ponto de não precisar de ser corrigida. Nesse caso, poderia eu tornar-me uma matriz? Ou a minha reprodução, cada vez mais perfeita apenas permitia que a produção das reproduções na fundição fossem cada vez mais perfeitas? Ou, a minha cada vez mais perfeita performance serviria apenas para diminuir as falhas de todas as reproduções.

Na verdade, corria o sério risco de estar a repetir uma matriz não muito perfeita. Quem validava o seu método, a sua técnica, sem ser ele mesmo? Quem avaliava a aprendizagem que eu fazia dentro da sua oficina? Que reprodução era eu? Tentava ser igual ao mestre ou ansiava por aprender para desaprender as ordens do mestre (meu pai)? Na verdade, e de uma forma menos figurada, menos dramática, eu fazia aquilo para o ajudar, ele aproveitava a ajuda e acrescentava mais informação à minha formação de menina, e afinal era tudo assim tão simples, era uma questão de relação.

Acontecia muitas vezes, o processo falhar. *Intempéries do acaso*, dizia o meu pai. Mas no fim, quando o trabalho acalmava e começávamos lentamente a arrumar a oficina, era o momento de conversa, sobre o que o erro tinha produzido, porque é que tinha acontecido, o que fazer para não voltar a acontecer, mas entretanto isso deixava de ser preocupação, e divagávamos um pouco para além das regras rígidas e obrigatórias (de quem usa uma técnica onde o erro pode, e por isso onde a distracção não é permitida, muitas das vezes pôr em risco a vida da pessoa) que éramos obrigados a cumprir. Nestas conversas era possível conversar sobre tudo, sobre as manchas de desenho que o metal fazia no chão quando conseguia fugir aos limites impostos, o porquê das cores diferentes de cada metal, os seus componentes, o cadinho (vulcão) que derrete o metal, as ligas, a sonoridade desta liga, a resistência da outra, os graus que cada uma precisa para derreter, para passar de sólido a líquido, as vantagens de fundir, as desvantagens, os objectivos, os resultados.

Nestas conversas, intrigava-me esta repetição de letras e nomes, palavras, de *Jesus na cruz* aos montes, das decorações das campas, da existência dos cemitérios. Aquilo que era trabalho, existia desprovido de conteúdo. Mas no momento de fazer a matriz, ela tinha conteúdo, é a *matriz*, não é qualquer coisa. No momento de fazer *um só Jesus na cruz* todo o cuidado era pouco. Cresci com estas observações.

Hoje olhando para a oficina do meu pai, compreendo que no uso que faço da técnica acrescento-lhe o prefixo *com* (confundir) e misturo tudo o que há para misturar. É nesta confusão que as obras saem, reproduções diferentes umas das outras, mas unas pela base que as sustentam. É nesta confusão que se baseia o meu método.

Eu não fui a única aprendiz na oficina do meu pai. O meu irmão também foi, assim como outros meninos que começaram por aprender ali a arte de fundir, e com todos eles o meu pai tinha o mesmo cuidado, o mesmo método. Não ensinava com o objectivo de fazer de nós fundidores, mas de alguma forma queria que conhecêssemos a sua arte, e sabia que acrescentava alguma coisa

na nossa formação aquela aprendizagem. Ele não tinha a mínima dúvida. Por ser um artista na arte de fundir, ele tinha o domínio, e por isso preferia repassá-lo.

III. A oficina

O objectivo conhecido para aplicar na técnica de fundição consiste em ter um objecto que se pretende ver reproduzido, na máxima precisão possível, perfeito. Tira-se o molde na técnica de areia, a que me é familiar, ao objecto que serve de matriz. O vazio, que fica entre a matriz e as paredes da caixa, enche-se de areia. Separa-se a caixa e retira-se o objecto. Substitui-se o vazio anterior pelo vazio do objecto que queremos ver reproduzido. Volta-se a fechar a caixa. O que liga o exterior ao interior da caixa é um buraco que permite entrar o metal líquido para preencher o vazio, e dessa forma reproduzir o original as vezes que fôr preciso.

Esta técnica procura a repetição, multiplicando a matriz as vezes que fôr preciso. Da arte do meu pai, conheço a reprodução dos nomes, o que ele repete são frases e frases, nomes e nomes. Cristos e objectos que decoram as campas. Separando-me disso, o que mais me liga a esta arte é a capacidade de assistir a uma rotina, dura pela matéria de que é composta e do fim que lhe destina. A passagem de um estado a outro. Enquanto filha que assiste e colabora no processo, participo no momento em que o metal volta a ficar sólido e entre a areia, já desfeita da caixa, despejada no chão, procuro e retiro as letras, palavras que se escondem no meio da terra (areia) quente.

Durante o processo, assisto frequentemente ao momento do erro. A falta de controlo do metal enquanto líquido que percorre todo o espaço que conseguir. Nunca consegui me distanciar desses momentos, tristes porque significava

mais trabalho e ricos pelo diálogo que provocavam. O metal que conseguia fugir aos limites impostos estendia-se pelo chão, desenhando manchas de cor até ficar frio, e portanto sólido.
O forno que derretia o metal, qual vulcão pequeno que me encanta e entorpece. Era e é o momento auge da magia. O deslumbramento por este momento sempre me fez questionar sobre a força, muitas vezes desafio ao ser humano pela incapacidade de domesticação. E que ao meu pai ficava entregue, a colher que colhe o metal, o transporte até à caixa, momentos suspensos ao qual assisto de longe pelo perigo que significam. Como eu gostava de manter sempre aquele fascínio e aquele momento antes da matéria ser forma.
Fui parar ao curso de escultura sem saber o que isso significava, e via o método da fundição existir sobre regras precisas que eu queria explorar, quando tive oportunidade de me inscrever em metais, não hesitei, o momento que eu queria era o estado líquido, e era desenhar tridimensionalmente com ele.

Arrumando a oficina...

O tempo que passou. Só fazendo este exercício compreendo o tempo que ficou suspenso, através do exercício da memória (do passado só posso contar as partes das quais não me esqueci) posso lembrar-me da desarrumação gerada na oficina onde eu aprendi como fazer determinada coisa com o meu pai e que, algures, por alguma razão ficou inacabado. Ficou por encher. Por agora consigo perceber o que recolho na hora de arrumar a oficina, resta-me continuar a analisar esta recolha. A partir deste ponto (quando a oficina começa a estar arrumada), tento perceber o que quero fundir e o que precisa ser confundido.

Bibliografia

Bauman, Zygmunt (2003) *Amor líquido*. Lisboa: Relógio D'Água Editores
Benjamin, Walter (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água Editores
Le Breton, David (2001). "O adeus ao corpo" *in* Paulo Cunha e Silva (org.) *Corpo Fast Forward*. Porto: Porto 2001, 196-211
Silva, Paulo Cunha e (2001). *Corpo Fast Forward*. Porto: Porto 2001

Sites a consultar

http://www.cclf.org.br/
http://www.crioulasvideo.org/
http://www.identidades.eu/

Colocar os objectos na caixa de areia.

Nivelar.

Dividir a caixa. Abrir os buracos por onde vai entrar o metal líquido.

Pormenor do forno, cadinho.

Caixa pronta para receber o metal.

Desfeita a caixa, tirar os objectos.

Matriz.

ANEXO IV

Apontamentos de Um Dia
(des)apontamentos de Um Diário (cont.)[14]

Este trabalho insere-se no âmbito da unidade curricular de Actividades de Iniciação à Prática Docente, do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, parceria da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
Para esta disciplina foi-nos proposto que trouxéssemos problemas concretos, específicos da prática docente enquanto professores do agrupamento 600.
Para me apresentar dentro deste problema, confronto-me com outro problema: como falar de pedagogia? Como relacionar a teoria e a prática?
Por um lado sinto-me em construção teórica a absorver teorias e a procurar relacionar-me com elas. Por outro, sinto uma distância enorme da prática que me poderia elucidar ou ainda confundir mais. Numa primeira leitura, sinto a falta de espaço para experimentar esta relação, teoria-prática na educação. Espaço que possibilita que a pedagogia se experimente, se invente e se renove. Entrego-me desta forma a um exercício de simulação.

Para o trabalho do primeiro semestre desta mesma disciplina, concentrei-me numa análise a partir da minha memória sobre o(a) professor(a) que me serviu de exemplo: a professora do primeiro ciclo.
Sem fazer uma observação exaustiva da personalidade da professora em concreto mas, centrando-me na relação que existia dentro da sala de aula com todos os seus intervenientes, baseei-me na análise do método do triângulo pedagógico apresentado por Jean Houssaye. Sei contudo, que esta mesma análise quando aprofundada apresenta outros factores que influenciam comportamentos e estudam uma rede complexa de todo o acto pedagógico. No entanto com este exemplo, procurei entender espaços de prazer/desprazer a partir de representações de relações possíveis de acontecer centradas em três vértices: professor(a), aluno(a) e saber. Este triângulo apresenta-nos a análise de três modelos pedagógicos. Formar, ensinar e aprender.
Pensei, e penso ainda enquanto aluna. Qual o oficio de aluna? Qual o espaço de negociação entre estes dois ofícios, o de professora e o de aluna?
Na primeira aula deste semestre foram colocadas algumas perguntas. Que aluna fui e sou? Que professora poderei vir a ser? Qual o modelo pedagógico que queremos construir? Nestas aulas foi possível experimentar o modelo: o aluno em relação directa com o saber, com o professor a ocupar o lugar de morto. O processo inerente a esta situação é o de aprender, enquanto modelo de risco, pois depende do aluno construir a sua aprendizagem com o professor a servir de moderador.

Responder

[14] Faria, Mónica (2009). Actividades de Iniciação à Prática Docente II

Re: AIPD

por Mónica Faria - Sábado, 13 Junho 2009, 20:04

1.

Neste segundo semestre, como não lecciono, fiz o mesmo esforço. Lembrar-me de problemas concretos que senti quando leccionei.

Se a minha memória me atraiçoa (do passado só posso contar as partes das quais não me esqueci), as únicas situações que me deixaram a pensar quando ía para casa no final da aula, eram os problemas que existiam na relação directa entre o(a) professor(a) – aluna(o). Entre mim e determinado aluno(a). Independentemente da matéria em causa, o verdadeiro elemento de jogo centrava-se neste confronto de procura de prazer e desprazer pelas regras que nos ditavam o jogo. A escola, que dita as regras, é um lugar de aprendizagens para todos os que nela se inserem. Muitas vezes analisada sob o ponto de vista de espaço violento e imposto ao(à) aluno(a), muitas vezes também o é para o(a) professor(a). Ele não é imune e superior à teia que se gere à sua volta.

Quando digo que a memória me atraiçoa é porque quando me esforço por pensar no que devo referir como um problema sobre o qual quero conversar com os meus colegas nas aulas, lembro- me da menina que dormia, do menino que subia às janelas, da menina que queria atenção e monopolizava toda a aula, entre outros. Raramente me lembro que era professora do "agrupamento 600", ou no meu caso concreto professora de Artes Plásticas nas Actividades de Enriquecimento Curricular. No entanto, quando não faço esse esforço, lembro-me de numerosas situações que foram um problema para mim resolver e que eu poderia ter referido. Esses momentos (que fui buscar às memorias) aconteceram muitas vezes quando falávamos dos problemas uns dos outros, e eu dava um ou outro exemplo mais concreto da dificuldade de aplicar determinado assunto nas aulas e tomava consciência da dificuldade de produzir determinado conhecimento. Com o decorrer das aulas ía levantando algumas perguntas para comigo. Deveria ter apresentado outros problemas? Deveria ter mudado o meu problema para um outro problema, mais válido? Não vive o(a) professor(a) a angústia de não conseguir transmitir o saber (sabendo que ele ocupa um dos vértices do triângulo), conseguindo uma relação de prazer e equilíbrio entre os três e capaz de produzir conhecimento? O que aprendi com as conversas? Aprendo mais quando converso ou quando escrevo sobre as conversas? As dúvidas ficam na certeza que fica também a construção da aprendizagem, ao nosso ritmo, o ritmo de cada um. Preferi não o fazer. A memória atraiçoa-me mas não me sinto atraiçoada pela memória.

Mostrar mensagem ascendente | Responder

Re: AIPD

por Mónica Faria - Sábado, 13 Junho 2009, 20:04

2.

O problema que apresentei tinha como objectivo, mais do que falar do problema da menina em causa e da preocupação de resolver o seu problema, falar da importância da gestão de sentimentos como a frustração e a incapacidade que o professor sente perante situações similares. Esta questão remete também o sentido missionário que o(a) professor(a) muitas vezes carrega na responsabilidade que lhe é atribuída. Ou a responsabilidade a que se atribui. Responsabilidade que se multiplica conforme o número de alunos(as) que encontra dentro da sua sala de aula, e que ao mesmo tempo são um só, a turma.

Tinha também como necessidade referir a presença de outros problemas que aqui chamo camuflados. Por um lado existem casos tão notórios que o professor identifica imediatamente e se debruça prontamente na tentativa de os resolver. Por outro, com essa dedicação não correrá o risco de perder assuntos invisíveis, que se apresentam camuflados? Pelo próprio aluno ou pelo caso que se apresenta tão visível? Muitas vezes nunca chega a ter noção que eles existem. Ou quando se denunciam ser tarde demais.
A defesa de uma educação inclusiva, a capacidade de tratar de cada aluno(a) com as suas necessidades particulares, de acompanhar cada um(a) no seu ritmo. Preocupo-me também com a pressão de ao(à) professor(a) estar atribuída uma capacidade de omnisciência ou diria antes de falibilidade. A essa pressão o medo de falhar, ou apenas de não corresponder às expectativas, suas ou às dos outros.
Deste exercício afinal apercebo-me que tenho como objectivo principal a tomada de consciência. O professor é sempre pessoa.
Deste problema que apresentei, durante os debates, no moodle e nas aulas, juntando aos problemas apresentados pelos colegas, sublinhou-se a necessidade de comunicação com os outros agentes da educação: a família e o corpo docente. Este aspecto relaciono-o com um dos assuntos abordados no primeiro semestre, "A ligação da escola à vida". À escola surgiram outros agentes que ainda não existiam na minha tomada de consciência, como as instituições sociais intervenientes, e a policia, as quais a escola pode e deve recorrer quando em casos concretos e extremos sinta a necessidade disso.
O(A) professor(a) não existe sozinho na sua sala de aula.

Mostrar mensagem ascendente | Responder

Re: AIPD
por Mónica Faria - Sábado, 13 Junho 2009, 20:05
3.
Do triângulo pedagógico de Jean Houssaye transporto para esta experiência o aluno em relação directa com o saber, com o professor a ocupar o lugar de morto. A avaliação.
A análise participativa que posso tirar desta experiência, na qual parti com uma grande expectativa, e onde cada um assumiu o seu papel, serve-me para reflectir este modelo pedagógico, ainda na posição de aluna. Numa primeira leitura houve prazer na prática deste modelo, mas não se tirou o desconforto e o confronto necessário, mas antes coube a cada aluno(a) construir a sua aprendizagem sem se sentir desamparado(a). Serve-me de experiência futura, assim como me serve outros modelos, quer pela positiva quer pela negativa. Ou poderia dizer, serve-me como análise de que todos os modelos existem para se porem em prática mas sempre doseado pela capacidade de quem o aplica, sem fingimentos, ou seja, enquanto professora e a utilizar este modelo pedagógico teria que saber as implicâncias que tal modelo me exige e ser honesta ao utilizá-lo. Com a prática deste modelo pedagógico, já não chego à aula para me sentar e ouvir, absorver o que o professor tem para me dar. Eu chego à aula para ouvir e tentar dar. Cada um dá o que tem, mas para expor as ideias é preciso entender o que se quer dizer.
O risco deste modelo parte da necessidade de definir as regras do jogo e saber respeitá-las. É exigido que todos sejam responsáveis pela sua própria aprendizagem e pela dos colegas. No inicio, as regras são definidas pelo professor, para começar a jogar e passar a ser o moderador, mas é aqui que as expectativas aumentam, esperamos a participação de todos ao mesmo nível. O apoio de todos e procuramos apoiar todos. Mas como? E é aqui que o desprazer acontece,

quando entendemos o jogo. Mas a prática revela-nos outras jogadas que não estavam previstas. É preciso dominar as ansiedades, as frustrações, repensar tudo, voltar a pensar nas regras do jogo e voltar a jogar para que se encontre novamente o prazer na jogada.
A mais valia é o espaço que cada um tem para manter o seu ritmo, a sua individualidade, que é aceite por todos.

Mostrar mensagem ascendente | Responder

Re: AIPD
por Mónica Faria - Sábado, 13 Junho 2009, 20:05
4.
Desta forma, encontrei espaço para uma possível compreensão do meu problema: A frustração do(a) professor(a). Ela não vai deixar de existir, é um exercício prático como outros quantos exercícios, é necessário não deixarmo-nos de relacionarmo-nos com os problemas. Eles vão sempre lá estar e nós também. Existem sempre diversas formas de agir. Temos que nos questionar.

ANEXO V

A Instituição que Há em Mim[15]

Este trabalho insere-se no âmbito da unidade curricular de Psicossociologia das Instituições Educativas, do Mestrado em Ensino de Artes Visuais do 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, parceria da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
Para este trabalho resolvi voltar à análise de um espaço que experimentei criar há seis anos atrás, a partir de uma experiência prática de uma possível instituição para mim. Iniciei esta reflexão este ano, no primeiro semestre, para a disciplina de Psicologia de Educação Artística. Embora na altura existissem várias reflexões que retirávamos da experiência que estávamos a viver, sempre com a grande proximidade (que muitas vezes nos impede de focar) de quem está implicado, e por principalmente ter que agir mesmo sem tempo para grandes reflexões. Hoje, passado três anos que a experiência acabou e embora tenha passado pouco tempo desde que iniciei esta reflexão ("*fiiu* - laboratório de educação artística"), tenho dúvidas se estes desabafos e apresentações se integrava enquanto resposta à disciplina de psicologia de educação artística. No entanto parece pertinente na proposta lançada para a realização deste trabalho, nesta disciplina de psicossociologia das instituições educativas, voltar a rever esta matéria na procura que existe da vontade de exercitar a consciência da instituição que há em mim.
Como continuidade de um segundo trabalho iniciado, também, no primeiro semestre "Apontamentos de Um Dia (des) apontamentos de Um Diário" gostaria de lhe dar continuidade de forma a apresentar um outro professor que me marcou, que também serve de análise à forma como vivo certa instituição.

[15] Faria, Mónica (2009). *Psicossociologia das Instituições Educativas.* Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e Faculdade de Belas Artes da universidade do Porto.

fiiu – laboratório de educação artística

Confrontados com o término do curso e preocupados com o que fazer, quais as possibilidades de trabalho e investigação de quatro alunos de belas artes, eu e mais três colegas decidimos pôr em prática um projecto que nos permitisse responder a estas ansiedades e onde pudéssemos criar um espaço de reflexão sobre as questões que nos interessavam, sobretudo ligadas ao ensino da Arte. Todos nós estávamos próximos de uma forma ou outra a esta área e parecia-nos possível agrupar o entusiasmo e dúvidas de todos, num espaço concreto de discussão e experimentação. Desta forma demos inicio ao *fiiu* – laboratório de educação artística.

Este trabalho parte de uma necessidade individual de reflectir e sistematizar esta experiência de dois anos, ocorrida entre 2003 e 2005. No entanto, neste momento centro-me mais na experiência obtida no ano lectivo de 2003/2004.

Apresentação descritiva do projecto.

Como surge, quem o concebe e porque o concebe.

O projecto *fiiu*, surgiu no ano de 2003 por quatro alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, na altura a frequentar o quarto e o quinto ano do curso de pintura e escultura: Helena Reis, Inês Azevedo, Mónica Faria e Nuno Guedes. Em 2004 Helena Reis participa no programa Erasmus e é substituída por David Saraiva, aluno da Faculdade de Belas Artes a frequentar na altura o quinto ano do curso de escultura. O projecto termina em 2005. Quando iniciamos o projecto fazíamos parte do projecto *Identidades*, projecto de intercâmbio artístico com Brasil, Cabo Verde e Moçambique desde 2000, paralelamente costumávamos trabalhar nas férias em outras instituições ligadas à educação artística tais como: *Cavaleiros Andantes; Chapim Azul; APCC- Associação para a Promoção Cultural da Criança*, entre outros. Tendo todos nós alguma experiência ligada ao ensino das artes sentíamos a necessidade de aprofundar experiências nesta área e de sermos nós a por em prática um projecto que respondesse às nossas dúvidas, relacionadas com a produção artística e com a educação de arte no contexto escolar e para além deste. Enquanto colegas de escola, tínhamos por hábito conversar e pôr em questão os conflitos que iam surgindo, comparando experiências, opiniões, projectos e investigações. Numa dessas conversas apercebemo-nos de que todos partilhávamos de uma vontade de ter um espaço próprio para trabalhar, pôr em prática as ideias e as opiniões que apresentávamos uns aos outros. Enquanto participantes no projecto de intercâmbio cultural *Identidades*, tínhamos também a experiência prática de trabalhar em conjunto. Em 2001 participamos no projecto de arte pública no Bairro do Hulene, bairro situado na periferia de Maputo, em Moçambique, tendo para tal organizado conferências sobre o tema de arte pública e trabalho com comunidades. Por todas estas razões, decidimos arriscar e enfrentar as nossas dúvidas.

A sua localização, espaço geográfico e físico

Os meus pais vivem em Brito, uma localidade da Freguesia de S. Félix da Marinha. Em Brito existe uma escola primária, onde a maior parte dos alunos não chega a terminar a escola obrigatória, onde os professores a maior parte das vezes não aguentam todo o ano lectivo e onde o nível de vida social dos habitantes é baixo ou muito baixo. Interessava-nos trabalhar na periferia com crianças carenciadas de informação e este pareceu-nos por questões práticas e sociais o melhor sítio para localizar o *fiiu*.

A garagem de casa dos meus pais era grande e eles cederam-nos uma parte dela, praticamente toda. Ali criamos uma divisão, levantamos paredes, colocamos portas e janelas. Pintamos as paredes e o tecto com cores quentes, que abrissem mais o espaço. Decoramos o tecto com a instalação eléctrica, o que nos permitia distribuir a luz por toda

a parte da sala, tentando economizar a energia. Para o chão colocamos linóleo, um material facilmente lavável e ao mesmo tempo confortável para podermos tirar os sapatos e estar mais à vontade quando fosse preciso. Recheamos a sala com duas mesas leves, para ser fácil transportar. Compramos seis cadeiras de madeira que pintamos, num jogo de cores que criasse um ritmo cromático alternado. Havia uma prateleira onde se guardavam os materiais básicos para trabalhar e onde se começou a construir a biblioteca. Havia ainda um pequeno móvel com um rádio disponível e uma pequena discoteca. Deixamos as paredes livres, era o espaço reservado para a construção do dia a dia, aí se afixavam os trabalhos, dúvidas, regras de jogo, o quadro da auto-avaliação que era mudado mensalmente. Era um espaço em constante mutação.
Do lado de fora da sala ficavam os cabides, onde cada um fez e colou o seu nome e onde ficava pendurado o saco do material individual. Havia uma prateleira com o material ao qual recorríamos pontualmente e um móvel de cozinha para guardar mais material e a louça para o lanche.

Os Objectivos

Objectivos Genéricos

Questionar a prática artística na educação: tomar consciência da importância da área das artes visuais na formação integral do aluno;
Questionar a qualidade de aprendizagem: desenhar estratégias pedagógicas para se aplicarem no contexto de uma sala multifuncional;
Questionar os valores sociais como um dos factores primordiais para o sucesso escolar pessoal e social: estabelecer objectivos pedagógicos para cada nível escolar dos alunos e o contexto social em que se insere;
Pensar de que forma um espaço essencialmente ligado à prática das artes visuais poderia fornecer meios auxiliares ao desenvolvimento e formação da criança em áreas distintas.

Objectivos Particulares

Desenvolver a destreza manual e motricidade fina;
Experimentar a manipulação de materiais, formas e cores: as diversas possibilidades de se misturarem cores, materiais e formas;
Explorar sensações - tacto, olfacto, audição, gosto, visual: estabelecer uma relação entre a experiência e a representação dessa experiência;
Dominar progressivamente e pessoalmente a plasticidade e a resistência dos materiais: trabalhar a capacidade de transformação e criação de novos objectos e linguagens;
Desenvolver o raciocínio abstracto enquanto pensamento criativo: criando formas e espaços a partir da imaginação de cada um, explorar a associação livre como método criativo;
Pensar o desenho como actividade espontânea. Uma das actividades fundamentais que permite que a criança desenvolva a sua singularidade;
Compreender o desenho como uma técnica com inúmeras possibilidades formais;
Experimentar realizar desenhos efémeros, em grupo e individuais, construídos a partir de representações, sensações ou de imaginações;
Explorar diferentes suportes e meios riscadores;

Desenvolver um processo de trabalho partindo do registo bidimensional para o tridimensional; Desenvolver formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.

A escolha do nome para o projecto

Com muitas dúvidas acerca das possibilidades do que poderia vir a ser este espaço decidimos recorrer a uma onomatopeia, um som indefinido com múltiplos sentidos como um assobio, uma palavra que não revelava o que ali se passava numa primeira leitura.

Oralmente *fiiu* soa a fio. No primeiro contacto as pessoas entendem o projecto *fiiu* enquanto: fio de lã, de novelo, de sisal, de corda, *estar no fio da navalha*, *estar por um fio*, entre outras. Mas quando confrontados com a escrita alargam a possibilidade de entendimento da primeira leitura, para encontrar outras leituras possíveis. O som do vento em rodopio, a passar na frincha da janela, o vento que levanta a saia, que enreda o cabelo... o som do assobio, para cantarolar, para chamar o animal de estimação, o som de uma folha a rasgar, de objectos a passar, entre outras. Dessa forma, o nome era imediatamente usado e o projecto ganhava sentido logo à partida. Era inevitável não ser assunto logo nos primeiros dias de apresentação, aos encarregados de educação mas principalmente às crianças que chegavam para as primeiras aulas. Depressa partíamos imediatamente à procura de mais sons e mais palavras que representassem esses sons. Assim era inevitável a partida para o jogo lexical sem preocupações nem compromissos, onde valia qualquer coisa. Havia logo, à partida um espaço de códigos criados por todos e para todos, um novo espaço fosse ele qual fosse e possível de ser reinventado.

Ano lectivo 2003/2004

A organização do horário semanal

O *fiiu* funcionava de segunda-feira a quinta-feira, das 15h às 19h. Recebíamos as crianças à saída da escola e entregávamo-las aos encarregados de educação no *fiiu*.

Organizamo-nos da seguinte forma: às segundas, Inês e Mónica; às terças, Nuno e Mónica; às quartas Nuno e Inês. Desta forma, cada um trabalhava duas vezes por semana, conseguindo conciliar com as aulas da faculdade. Com este método era possível fazer a ponte do dia anterior com o dia seguinte.

As quintas estavam reservadas às surpresas. A Helena trabalhava com um convidado diferente
todas as semanas, seria o dia mágico porque nunca se sabia o que o convidado trazia no bolso. Este dia passou a chamar-se *zibabatibum* – de novo, a onomatopeia.

De segunda a terça-feira, uma vez por mês calendarizámos o dia *nham*, dedicado à confecção de receitas culinárias e o dia *trététéu*, de conversa. Neste dia havia tempo para expôr questões que tinham surgido nos dias anteriores mas que por falta de tempo, tinham ficado incompletos.

A organização da sala e a sua relação com o dia a dia - o horário, os rituais, as conversas, as regras, os direitos e os deveres

A chegada ao *fiiu* implicava preparar o lanche. Aqui começava o trabalho de grupo, eles tinham a função de pôr a mesa e levantar a mesa. O menu era composto por leite, com ou sem chocolate; o pão com recheio, de manteiga ou queijo, fiambre, compota ou marmelada. Se não gostavam do que havia nesse dia podiam recorrer novamente à manteiga; e uma peça de fruta, a fruta do dia. A regra obrigatória era não dizer "não gosto" sem experimentar.

Depois de tudo arrumado, fazíamos os deveres que muitas vezes era contrabalançado com outros afazeres, imposto pelo ritmo de concentração de cada um ou porque todos tinham ritmos diferentes. Dessa forma, ninguém era obrigado a ficar à espera dos outros. A regra obrigatória era não incomodar os outros e ter o trabalho pronto numa hora. Quando havia casos particulares, abria-se uma excepção alongando o tempo para a realização dos deveres.
Quando finalizados os deveres, fazia-se um ponto de situação das propostas a realizar. Se era o inicio da proposta introduzíamos o assunto. Se era a continuação da proposta, cada um apresentava onde se encontrava na fase de trabalho e falávamos sobre as opções que estavam a tomar, o que faltava fazer, o tempo que tinham para fazer, o atraso que tinham em relação aos outros fazendo uma análise dos porquês de todas as respostas. A hora seguinte era para executar a proposta, consoante a actividade de maior ou menor concentração, eles tinham a opção de vaguear, dentro do possível, e ir contrabalançando com outros afazeres. Quando isso acontecia, a regra era respeitar os momentos uns dos outros sem incomodar o ambiente de trabalho.
Quando terminava o tempo dedicado à proposta e depois de tudo arrumado, fazíamos o balanço do dia. Cada um pensava no dia, e qual tinha sido a sua prestação e desenhava no quadro de comportamento a cara que achava que correspondia ao seu desempenho. A cara podia ser qualquer uma, o que denunciava o seu comportamento era a cor que utilizavam, o verde, o amarelo e o vermelho. Muitas vezes desenhavam caras vermelhas com sorrisos, outras verdes com pormenores de brincos, sobrancelhas, óculos, às vezes desenhavam o corpo, o desenho era livre. Depois seguia-se a opinião de todos, se concordavam ou não com essa avaliação.
E, assim terminava o dia, com os encarregados de educação à espera.

A apresentação das crianças, o seu contexto familiar e social

As crianças foram aparecendo progressivamente, o máximo que podíamos receber era seis. Como fizemos um preço simbólico para ajuda de custos diários, como o lanche, o preço era ainda mais reduzido se fossem irmãos, para não sobrecarregar a família. As inscrições que recebemos foram três pares de irmãos: O Diogo Faria e o Domingos Faria; a Liliana Pinto e a Jessica Pinto, a Cátia Santos e Bruno Santos.
O Diogo e o Domingos viviam com os avós. A mãe viúva, vivia com o namorado, ambos toxicodependentes, noutro sítio e com o filho dos dois.
A Liliana e a Jessica viviam com os pais. O pai tinha o sexto ano, escola obrigatória na altura e a mãe a quarta classe.
A Cátia e o Bruno viviam com a avó. A mãe foi viver com o namorado para outra cidade. Neste caso, fomos contactados pela Conferência Mista de S. Vicente de Paulo de S. Félix da Marinha, Gabinete de Acção Social da Freguesia de S. Félix da Marinha.
Todos os pais são de Brito e todos frequentaram a mesma escola primária.

O programa

O programa que idealizamos sofreu alterações tendo em conta o decorrer das actividades. Iniciamos com o tema brinquedo, porque é bom brincar. À brincadeira juntou-se o sabor do vento. E desta mistura fabricamos cata-ventos e papagaios de papel. Os cata- -ventos foram expostos no quintal e os papagaios foram lançados na praia.
Ao tema brinquedo, seguiram-se mais brincadeiras. Organizamos uma gincana de actividades, onde não havia meio de nos parar, e onde havia meios para arriscar e riscar em vários suportes, de vários tamanhos e feitios e feitos, grandes feitos. Depois de tanta energia, não era possível ver tanto trabalho quieto. E foi uma animação. Demos vida aos desenhos no computador e em filme digital e representamos os desenhos num teatro improvisado.

Da improvisação passamos à acção e foi assim que terminamos o ano com a actividade "A nossa casa é um teatro" uma oficina promovida pelo Teatro Campo Alegre, que abriu as suas portas para nos receber.

Os convidados que vêm ao *fiiu* e os convites para conhecer outros espaços

Todos estes temas foram-se seguindo uns aos outros, pelas respostas que o primeiro tema nos sugeriu e principalmente pela participação dos convidados do dia *zibabatibum*.

A colaboração do professor Moura Pinheiro, professor de cenografia na ESMAE incentivou vivamente a nossa decisão para os inscrever na oficina de teatro. A colaboração da assistente social Olga Guedes de Oliveira, a trabalhar no Centro António Cândido do Porto com a oficina de língua gestual, mostrou-lhes a importância dos gestos que eles passaram a usar no teatro improvisado. A colaboração da professora Maria Dalila Reis, professora de Matemática e Ciências na Escola EB 2,3 Domingos Capela com a oficina à descoberta da natureza despertou-os para a existência de outros universos e realidades. Todas as oficinas eram, sem dúvida, importantes e traziam sempre algo de novo a acrescentar, mas foram principalmente estas que nos convidaram a sair à rua.

Quando nos dirigimos ao Teatro Campo Alegre e apresentamos o projecto com as condições que tínhamos, a conversa foi simples, o interesse em colaborar connosco muito grande e foi dessa forma que fizemos do teatro a nossa casa.

As preocupaçoes que foram surgindo e as relaçoes que se mostraram necessárias de estabelecer – com a família, com a escola e com o teatro

A ligação que estabelecemos com o teatro transformou-se numa relação importante para lá do espaço do *fiiu*. O contacto com outras crianças vindas de outros contextos, mais citadinas, trouxe outras influências e despertou outros assuntos de conversa nos quais também nós participavamos. Os ensaios, a preparação da peça para apresentar ao público, as dificuldades que isso causou principalmente nos rapazes, e a própria apresentação ao público levou-os a uma dimensão de trabalho, maior do que ao que estavam habituados.

Tentamos sempre que a família fosse participativa no espaço do *fiiu*, para nós os familiares deveriam sempre ser as figuras fundamentais na educação das crianças e lutávamos para que tal acontecesse. Por esta razão organizávamos festas de final de trimestre e mostras de trabalho, eram os momentos em que as crianças passavam a ser os professores, explicando o que tinham feito, como tinham feito e quando tinham feito. Esta relação existia para além da preocupação do dia a dia do *fiiu* e da escola. Mantínhamos conversas regulares com os avós e pais para melhor compreender as fases que atravessavam, muito influenciadas pela volta da mãe para casa ou pela saída da mãe de casa para outro lugar no caso do Diogo e do Domingos.

A esta preocupação de integrar a família no processo educacional das crianças existia paralelamente a preocupação de procurar profissionais de áreas às quais não podíamos sozinhos responder, por esta razão procuramos que o Diogo e o Domingos tivessem acompanhamento psicológico profissional, que a Cátia tivesse consultas no dentista e que a Jessica tivesse uma alimentação equilibrada.

Outra ligação importante foram as conversas com a escola e com as professoras da Escola EB 1 de Brito. Manter este diálogo ajudava-nos a entender os progressos e retrocessos que eles tinham. Quais as dificuldades que eles sentiam na sala de aulas e quais as matérias em que se sentiam mais à vontade. Algumas recomendações, como por exemplo, a Jessica e a Liliana terem sempre muito sono quando estavam nas aulas levavam-nos a falar com os pais para elas se deitarem mais cedo. Eventos como este permitiam-nos ter uma análise conjunta entre a escola e os encarregados de educação, insistindo nos cuidados básicos das crianças. Por causa desta proximidade que mantínhamos com a escola

vimos que esta nos encaminhava mais crianças, porém lamentávamos o facto de não as podermos receber devido à pequenez e informalidade do *fiiu*.

Reflexão a partir do projecto

Hoje, passados quatro anos faço uma apresentação e uma reflexão escrita dessa experiência concreta de ocupar o papel de professora - na medida em que era reconhecido esse papel pela família, como responsável pela educação daquelas crianças no horário estabelecido, e também na medida em que era reconhecido esse papel por parte das instituições a quem nos dirigíamos ou que a nós se dirigiam.

Por descuido, falta de método ou pelas mudanças que aconteceram até hoje em cada um de nós, muitos documentos registados ficaram perdidos pelo caminho ou não foram ainda encontrados, por isso em alguns momentos recorro às memórias, através dos dados que os apontamentos do dia a dia feitos nessa altura me relembram.

O porquê da necessidade em criar um espaço alternativo aos espaços já existentes

Quais as possibilidades de trabalho que existem para pessoas licenciadas em artes plásticas? O que se espera de uma pessoa que fez a sua formação numa área relativa à produção artística? Em que medida é que a análise destes processos pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada do que é a educação das artes no nosso país e qual pode ser o seu envolvimento com a esfera pública da sociedade?

Enquanto alunos prestes a terminar a faculdade e prontos para ingressar no mercado de trabalho, questionávamo--nos sobre todo o percurso que tínhamos feito na escola desde a primária até à faculdade, sobre a importância atribuída às matérias artísticas e sobre formação que tínhamos recebido.

No nosso caso, ponderávamos imensas vezes sobre a falta de educação artística no 1º ciclo, que se resumia a colorir e picotar fichas pré-estabelecidas. Cuja responsabilidade de desenvolver a educação artística – musical, plástica, visual, teatral - ficava inteiramente entregue à família. Sendo assim, quais eram as famílias capazes de compreender essa necessidade? No caso de compreenderem como podiam oferecer esta componente educacional sem recorrer ao ensino privado?

Fui, em 2007, professora de artes plásticas nas actividades de enriquecimento curricular (AEC) em três escolas do 1ociclo em Vila Nova de Gaia e por isso não consigo deixar de abrir um parágrafo para falar um pouco sobre o que essa minha experiência revelou-me a respeito da prática do ensino artístico no currículo português. As respostas (que são dúvidas) às perguntas que nos colocávamos quando criávamos o espaço *fiiu* e que se mantêm com outras problemáticas após esta experiência. Hoje, como tentativa de resposta à necessidade de formar alunos mais completos colocam as áreas artísticas na primária, mas continuam a colocar o ensino artístico à margem do currículo obrigatório nas escolas públicas. Porque é que remetem a colocação dos professores para estas actividades à responsabilidade das Câmaras? E porque são chamadas de enriquecimento curricular? Não são todas as áreas de educação um enriquecimento curricular, na medida em que o enriquecimento é o da educação dos alunos, formando assim cidadãos mais instruídos e mais completos? E não é importante desenvolver o pensamento abstracto e visual tão importante como desenvolver o pensamento cientifico e o raciocínio lógico-verbal? Se pensarmos que a educação artística não serve para formar artistas, mas sim para formar cidadãos públicos e actuantes capazes de intervir socialmente e culturalmente sobre o real e com consciência do valor da representação da imagem e do simbólico, porque não colocam estas disciplinas no mesmo patamar que as outras?

No momento em que ponderamos realizar o projecto *fiiu*, não existiam as AEC's e era no primeiro ciclo que

queríamos trabalhar. Motivados pela energia do surgimento de espaços alternativos para a prática artística onde é possível produzir e desenvolver trabalho para uma futura carreira artística, pensamos criar o nosso próprio espaço à margem dos outros espaços institucionalizados onde fosse possível produzir e confrontar as dúvidas de uma futura prática docente. Essencialmente o *fiiu* era um laboratório de experimentação pessoal e colectiva comprometido social e emocionalmente com um grupo de seis crianças que aumentava consoante o agregado familiar de cada um.

A posição de ocupar o lugar de professor fora do espaço escolar e dentro de um espaço alternativo

Interessava-nos trabalhar com crianças carenciadas a nível de formação e informação, por um compromisso ideológico pessoal e por sentirmos que era também junto delas que o nosso trabalho poderia ser mais frutífero. Sabíamos também que em S. Félix da Marinha as pessoas seriam mais receptivas em estabelecer este tipo de relação informal, por não terem fácil acesso a actividades desta natureza e porque as opções que existem necessitam de uma componente financeira, à qual a família não consegue dar resposta. Quando os serviços são gratuitos, existem principalmente no centro das cidades dificultando um acesso diário, pois a deslocação é complicada para crianças.

A pergunta que se coloca é: e agora, sou professora ou não sou?(uma problemática que se manteve quando fui colocada a dar aulas nas AEC's) Assim como também se pode colocar a pergunta: sou artista ou não sou? Todos nós éramos estudantes e ao colocarmo-nos num papel que é geralmente entregue à figura do professor, fora do ambiente escolar sentíamo-nos protegidos dessa catalogação e por isso todos se chamavam pelo nome próprio, não havia distinção e isso nunca pareceu uma barreira. Para a família éramos vistos como professores, porque as crianças iam ali para aprender e quem ensina é professor. Havia a certeza por parte dos familiares de que a responsabilidade pela educação daquelas crianças era nossa. Isto levantou outra questão: como me desligo, depois de terminado o horário com o qual nos comprometemos, dessa responsabilidade, a de educar?

Existe espaço e possibilidade de desligar depois de terminada a aula quando os alunos saem para a rua e vão para casa? O que pode fazer um professor quando tem mais que um aluno com uma carência tão grande em diversos níveis - psicológico, social, económico? Nós estávamos completamente implicados nas preocupações do dia a dia daquelas crianças, quer porque os familiares recorriam a nós, quer porque nós próprios sentíamos que era necessário fazer ainda mais por eles. Tivemos a completa noção de que o professor é sempre professor, a tempo inteiro.

O papel da educação artística dentro da escola: "a ligação da escola à vida"

António Teodoro afirma que na transição do século XVIII para o século XIX a escola passou para um espaço de integração social e de formação para o trabalho, isso implicou uma mudança de papel na escola. A escola passou então a ser um espaço onde todos os problemas sociais se tornam problemas escolares e onde a base para conseguir dar resposta a esta situação é a de *ensinar a muitos como se fosse a um só* (António,2004), também Rui Canário no livro "Educação de Adultos" sublinha o que foi dito anteriormente e acrescenta, segundo os autores que ele refere no seu texto (Vincent, Lahire e Thin), que a organização pedagógica escolar tem a sua génese na passagem de uma relação aluno-mestre, em que torna o espaço da escola distinto das restantes relações sociais. Mais tarde, essa relação sofre uma alteração para mestre-classe e é nessa perspectiva que passa a ser uma preocupação e tema recorrente da "ligação da escola à vida". Também este factor veio levantar dois problemas que António Teodoro refere[16] - de "*regulação*", porque a escola não cumpre o seu papel de agente de integração social e de "*emancipação*", porque não cumpre o papel social que as famílias esperam no sentido em que os cursos constituíam a melhor ferramenta para

[16] António, Ana Sofa (2004). *O outro lado do espelho: sentimentos, vivências, imaginários. Professores no lugar do morto*. Porto, Edições ASA, 2004. António Teodoro, prefácio.

dotar os seus filhos, de forma a serem melhor inseridos no mercado de trabalho.
De acordo com a tentativa de resposta à solução do caso apresentado, como dar respostas "individuais" num sistema de *ensinar a todos como se fossem um só*, Joaquim Azevedo em entrevista à revista "Escolhas"[17] sobre os cursos técnico profissionais refere que a escola para as famílias de mais baixo "*capital cultural*" é uma imposição da sociedade, acrescenta ainda que para a família a verdadeira escola é o trabalho assalariado e por isso na primeira oportunidade fogem para a verdadeira escola, visto que na escola não se aprende nada. De certa forma, se eles abandonam a escola é porque a escola já os abandonou a eles, e lá fora existe *algo mais atractivo para fazer*. Sobre este assunto, Perrenoud fala do ofício de aluno reforçando a ideia de que "*eles têm outros desafios, outros projectos, que os mobilizam muito mais e que lhes parecem bem mais significativos que a ficha de matemática ou a composição que lhes é imposta*" (Perrenoud, 1994) não é por falta de capacidade e apatia que os alunos abandonam os seus lugares.
Joaquim Azevedo, afirma também que "*as crianças não são da escola, nem o Estado é o Educador!*" (Azevedo, 2005) a família continua a ser o pilar mais importante na decisão dos filhos se manterem na escola. Cabe à família a última decisão, se ficam ou não, por isso é muito importante a comunicação da escola com a família.
A nossa constante ligação e implicação para com a família mostrou-nos ser muito importante. É realmente ela quem tem o papel principal nas decisões da educação das crianças. Nós desenvolvíamos o projecto quatro dias por semana, os outros três dias não tínhamos contacto com eles, e na maior parte das vezes ao longo de todo o ano a segunda-feira era dia para voltar a lembrar tudo de novo, modos de estar, de agir, os deveres e os direitos, o respeito pelo outro que já estavam interiorizados na quinta-feira anterior.

O que aprendi?

Pessoalmente o *fiiu* serviu-me para me consciencializar da importância de um projecto deste género na formação da Criança e levou-me a querer seguir estudos mais aprofundados na área da educação pela arte e seguir a carreira docente. Aprendi, contudo que por mais que um professor se esforce não consegue ser decisivo nas decisões que a família e a criança opta, contudo pode marcar uma grande diferença e uma grande mudança nessas decisões.
A escola e os professores ainda ocupam um papel preponderante na formação de cidadãos, e não podem enquanto cidadãos deixar de sentir a responsabilidade que este trabalho implica.
Este trabalho e este estudo serve-me para tomar consciência efectiva do papel das artes no ensino. As artes visuais e outras não vivem à margem das outras disciplinas, nem em função delas. É possível falar da disciplina de português partindo da base artística, e vice-versa. É possível falar de qualquer disciplina usando como suporte outra qualquer. Para mim esta experiência foi suficiente para perceber que o currículo escolar só é completo se respeitar e conviver harmoniosamente com todas as áreas do saber das disciplinas.

O professor que me serve de exemplo

Chegou as férias grandes, o alívio de terminar mais um ano lectivo, o nervosismo já passado de saber que o ano foi passado e que agora resta-nos esperar umas férias grandes para reiniciar um outro ano lectivo.
Outro na medida em que a proposta é que vá para uma nova escola, porque é um ciclo normal. Todos vão para a escola primária, e terminada a escola primária vão para o ciclo. As expectativas de ir pela primeira vez para a escola são muitas e existe a vontade de desvendar o mistério, mas quando se passa para o ciclo, as expectativas são diferentes. Algo foi acrescentado à ideia de escola, e a primeira experiência serve de exemplo. Serve como um espelho para o

[17] Azevedo, Joaquim (2005), "Entrevista à Revista "Escolhas"" *in Revista Escolhas* nº20
http://www.joaquimazevedo.com/Pesquisa/Pesquisa.asp?Tipo=4

que se encontra à frente, como aquilo a que chamamos de futuro. Para além de termos já consciência que crescemos. De facto, a primária foi transportada para o ciclo. Na escolha para a continuação dos estudos, havia uma grande escolha que me lembro de ter que fazer para passar para o ciclo. A escolha da segunda língua para aprender. O Inglês ou o Francês. Eu queria o Inglês, era o que a maioria dos colegas queriam. Mas a professora aconselhou os meus pais a inscreverem-me em francês e assim, a minha primeira grande escolha era nitidamente recusada e a presença da professora primária mantida.

As férias grandes foram um martírio, não que me lembre de facto de grande coisa, mas pela narração feita pela minha mãe. Nunca passei um verão tão agitado na minha meninice. Perguntava constantemente como é que eu podia ter nove professores, se eram todos como a professora que eu conhecia. Como é que eu ía fazer amigos, sabendo pela experiência do meu irmão que naquela escola eram muitos mais e de vários sítios, bem como a carga horária, que aumentava. Aparentemente, eram só desvantagens. Provavelmente ía só querer fazer a escola obrigatória, que no meu caso consistia em fazer o 6º ano, depois ía trabalhar. Mas o único motivo pelo qual queria tanto isso era porque a escola só me trazia problemas que eu queria ver-me livre, sem sequer questionar o que era isso de ir trabalhar.

Esse foi um ano de transição, a escola obrigatória passava para o 9º ano, mas eu tinha o direito a ficar apenas com o 6º, por isso, podia mesmo ir trabalhar.

Chegou o dia, eu não dormia, nem comia.

Passadas as férias, fui para o primeiro dia de aulas. Tinha o horário da manhã, o que era uma mais valia. *Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer*, como defendiam os meus pais. Não cresci muito em altura, mas cresci muito, de facto.

O primeiro dia de aulas, foi saltar de aula em aula e ser apresentada à turma e aos professores. Na sala tinha quatro colegas que vinham da minha sala da primária, aqueles para quem o inglês era difícil de aprender segundo a opinião da primeira professora. E, dessa forma, eu ía riscando a quantidade infindável da lista de professores a conhecer. Eram todos diferentes. Eu tinha um número. O número 4, o que fazia com que me sentasse ao lado no número 3. o Bruno, que não conhecia.

Começaram as aulas.

O segundo ciclo mostrou-me outra escola que eu não imaginava. O leque de professores era completamente diferente, mas isso era bom, havia a imagem de professor autoritário, de flexível, de amigo, de indiferente. Eu e os meus colegas éramos vistos como iguais. Os meus pais deixaram de ser chamados à escola. E, tinha o meu irmão que frequentava o terceiro ciclo, logo ali ao lado, por isso criou-me uma estabilidade inicial emotiva para com o ambiente de recreio, que passou a ser mais amiúde e de menor tempo. Havia também as adversidades no meio disto tudo, mas eram mais evidentes as vantagens. Agora, era possível fugir de casa para ir para a escola, muito ao contrário do que acontecia no primeiro ciclo.

Cada vez mais separada do grupo de amigos do meu irmão, começo a constituir o meu, que ainda assim foi-se alterando ao longo do ano. No início os meus amigos eram os repetentes, não sei bem porquê, mas acabei por fazer parte de todos os grupos que por ali foram-se constituindo, mais intensivamente nuns momentos do que noutros, e os que ficavam ou deixavam passou a ser uma selecção natural. O ambiente da escola era um pouco mais familiar também, ao mesmo tempo que todos tomavam conta uns dos outros, funcionários, professores, alunos, deixavam-nos andar com alguma liberdade, saíamos e entravamos quando queríamos do edifício da escola. Quando o professor faltava andávamos por ali a fazer algumas malandrices e eu dava-me muito bem com a gestão desta liberdade.

De todos os professores houve uma professora em particular que se destacou, a directora de turma. Numa reunião, a meio do 6oano (ano decisivo para mim) convidou o meu pai a ficar para o final da reunião de pais, porque queria ter

uma conversa em particular com ele sobre mim. Lembro-me perfeitamente de ficar agoniada o resto da reunião. O meu pai que olhava para mim com olhos de quem "já fizeste asneira, e tavas a portar-te tão bem!" "não acredito que vais voltar a pôr-me nesta situação!" e a minha cabeça que não parava de girar à procura de todos os males que eu poderia ter feito e pelos quais o meu pai era obrigado a ficar para uma conversa particular com a professora. Até que chegou o grande momento. Saíram os pais presentes, e o momento da grande conversa começava. Eu fui convidada a ficar para a conversa (coisa nova para mim), e o grande mal que eu tinha feito acabou por se revelar ser uma mudança de comportamento, pelos vistos, segundo a professora a minha prestação nas aulas havia mudado, eu andava menos participativa e mais tristonha, nos intervalos acontecia ela encontrar-me mais isolada e mais pensativa (surpresa para mim, uma professora observar-me nos intervalos sem ser para me repreender), sabia que eu constantemente dizia que fazia o 6oano e deixava de estudar, não conseguia dizer o que ía fazer, mas era certo que não ía estudar, e que na opinião dela isso não era uma boa decisão, que eu era uma menina inteligente e com grandes capacidades, era perspicaz e que principalmente era notório que conquistava a amizade de todos por ser muito generosa. Se não foram estas as palavras, pelo menos é como recordo de as ter ouvido. Eu não acreditava no que ouvia, não era a melhor aluna da turma, mas também não era a pior. Não entendia muito bem o que ela dizia. Nem tão pouco o meu pai, que respirava de alivio, e que se mostrava todo pronto para ajudar a perceber com a professora o que se passava comigo, que sendo assim havíamos de conversar em casa sobre tudo e mais qualquer coisa, e que principalmente, no que diz respeito a continuar a estudar seria uma decisão minha.
Sem dúvida, terminou o 6oano e a professora dava-me os parabéns e o maior sucesso para os anos que se iriam seguir. E eu tinha, realmente, tomado uma decisão.

Conclusão

Para este trabalho fui buscar o exercício que fiz de criar uma instituição que me servisse, baseada na leitura que outras instituições, nas quais me fui inserindo, me ensinaram e me deram a ler. Todo o projecto *fiiu*, reflectiu, na prática, a experiência (confronto meu com os meus colegas) das escolas que frequentei e das realidades que vivi. Portanto, é o reflexo delas.
Hoje, enquanto aluna de mestrado em ensino das artes visuais defronto-me todos os dias com todas estas realidades que tenho vivido e acrescento a experiência deste mestrado. Aqui, observo muitas vezes a falta de capacidade de misturar disciplinas, saberes, mas vivo a observar a vontade que este estudo (entre professores e alunos) provoca de misturar estas barreiras e de entender o estudo das artes no ensino.
A experiência, importante de referir, da mistura entre a faculdade de belas artes e a faculdade de psicologia e ciências da educação que no confronto das suas individualidades, vão encontrando soluções para as dificuldades que advêm desta mistura. Acredito que esta é a mais valia de um suposto Tratado de Bolonha que em muito ainda tem de ser pensado e questionado, para melhor usufruirmos das partes boas, do que das más.
Da experiência do projecto *fiiu*, transporto para este trabalho as preocupações de estar envolvida num projecto de construção de um currículo para ser implementado na realidade da comunidade
de Conceição das Crioulas no Brasil. É uma preocupação na medida em que numa altura em que é tão importante assumir competências, questiono a minha incompetência para me implicar em tal projecto, numa geografia que não sei se é tão distante da minha. Mas por tentar constantemente fazer o exercício de pensar as várias realidades que habito é que me esforço por fazer parte nestas construções.
Este trabalho parece-me ser o termo final deste primeiro ano de mestrado, por ser a última entrega, porque resume

assuntos que misturo em várias disciplinas quer do primeiro, quer do segundo semestre e porque a proposta foi de fazer uma análise às instituições que frequentamos. Contudo, não consegui separar-me da forma como comecei o ano lectivo (pela análise do que foi a instrução primária) decidindo concluir na continuação dessa observação.
Mas como está implícito, este é apenas o fim do primeiro ano lectivo, o que obrigatoriamente significa viver o segundo.

Bibliografia

AAVV (2008). *Alagoas: história de vidas.* Peso da Régua: Garça Editores

António, Ana Sofia (2004). *O outro lado do espelho: sentimentos, vivências, imaginários; Professores no lugar do morto*. Porto: Edições ASA

Canário, Rui; Nóvoa, António (1999). *Educação de Adultos, um Campo e uma Problemática.* Lisboa, Edição de Educa

Ferreira, Manuela Sanches; Santos, Milice Ribeiro dos (1994). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender.* Porto: Edições Afrontamento

Fontanel-Brassat, Simone; Rouquet, André (1975). *L'éducation artistique dans l'action educative, A educação artística na acção educativa.* Coimbra: Livraria Almedina

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* S. Paulo: Paz e Terra

Freire, Paulo; Guimarães, Sérgio (2008). *Sobre educação: lições de casa.* S. Paulo: Paz e Terra

Gil, José (1996). *A Imagem-nua e as Pequenas Percepções.* Lisboa: Relógio D'Água

Lopes, João Teixeira (2000). *A Cidade e a Cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas.* Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto

Moura, Mário (2008). *Design em Tempos de Crise.* Porto: Braço de Ferro

Perrenoud, Philippe (1995). *Métier d'élève et sens du travail scolaire, Oficio de aluno e sentido do trabalho escolar.* Porto: Porto Editora

Perniola, Mário (2006). *A Arte e a sua Sombra.* Lisboa: Assírio & Alvim

Sérgio, António (1984). *Educação Cívica.* Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora

Stiles, Kristine; Selz, Peter (1996). *Theories and Documents of Contemporary Art.* Los Angeles: University of California Press

ANEXO VI

A ouvir é que a gente se entende[18]

A medo

Começo esta escrita com medo.

Acontece, por vezes, dizer em voz alta tudo aquilo que vou escrever mas quando começo a tarefa da escrita as minhas mãos tremem e suam, a caneta escorrega, o pensamento acelera e dilui-se a certeza do que tenho para dizer. É nessa incerteza que se desenvolve esta apresentação. Quando o texto surge, sou capaz de ficar horas a observar os espaços vazios entre as palavras que compõe a forma, na procura do sentido do que está dito e o que falta dizer. Um exercício constante entre o pensamento, a mão e a escrita. Atrevo-me a dizer, a medo, que a busca de sentido na escrita existe

[18] Comunicação apresentada na Califórnia, 2012

algures entre o sentimento, o dizer, o ouvir e a sua interpretação. A escrita surge assim como um desafio que ao desenrolar-se se descontrola mas que a posteriori se domina através da revisão, correcção e na reescrita. Qualquer coisa muito próxima entre a vida, a memória e a imagem, construção visual que retrata a vida.

Foi na comunidade quilombola[19] da Conceição das Crioulas que conheci Paulo Freire. Conheci-o sem o encontrar, esse conhecimento travou-se devagar, ao longo do tempo, e encontrei-o na voz da comunidade.

Tento afincadamente contar da maneira mais profunda, mais sincera, mais completa a força e a luta desta comunidade, no entanto é neste esforço que encaro a dificuldade de *fazer ouvir* aquilo que só a presença permite. De forma que qualquer conto que aqui apresento só se completa numa visita à terra que fala e pede para ser ouvida.

Em movimento

Tudo começou em 2003 numa viagem que aproximou o Porto, Portugal e Salgueiro no Estado de Pernambuco, Brasil. Nessa altura eu frequentava a licenciatura em artes plásticas, escultura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e começava os meus primeiros passos dentro do movimento intercultural IDENTIDADES, um movimento que a Universidade acolhe como espaço de partilha de conhecimentos e experiência teórico-prática e que se estende a Cabo Verde, Moçambique e Brasil. O IDENTIDADES conheceu e envolveu-se a partir deste momento com esta comunidade a convite do Centro de Cultura Luiz Freire, sediada em Olinda no Estado de Pernambuco, neste primeiro contacto este intercâmbio foi representado por mim, pela Iva Viana, ambas do Porto e Rogério Manjate de Moçambique.

Nesse ano, na Conceição das Crioulas, discutia-se 'que escola queremos nós?', lembro-me de ver vários grupos em reunião, as lideranças que comecei aos poucos a conhecer, que se compõem pelos mestres, as pessoas mais respeitadas da comunidade, foram chamadas a dar a sua opinião e estavam lá, todas presentes. Mas não pude ficar para ouvir, assisti o pouco que pude, curiosa pela energia que sentia latente num 'alguma coisa acontece.' Nos quinze dias que ali passámos, orientei com a Iva uma oficina livre de artes plásticas para crianças, jovens e adultos, ou seja, para quem quisesse participar.

(http://www.i2ads.org/blog/article/mugunza%C2%A0ou%C2%A0cachupa-o-direito-a-conquista-e-a-descoberta-de-uma-nova-receita-pedagogica/).

O Rogério orientou uma oficina de teatro que culminou na apresentação da história da formação da comunidade da Conceição das Crioulas. Remeto estas várias situações, agora, para a conversa de despedida que tivemos, despedida que surgia mais como vontade para voltar. Quando nos sentámos para conversar sobre um possível futuro entre nós a frase que retive foi 'queremos ser nós a contar a nossa própria história, queremos aprender a gravar e a editar filmes para saltarmos para a *net* e abrir as portas da nossa terra. Queremos autonomia e contar o que sabemos.'. Se calhar não foi bem por esta ordem de palavras, mas foi assim que eu retive a força das palavras do que ouvi e é assim que a memória recria.

O que acabou por acontecer, a partir do contacto que mantivemos nos dois anos seguintes, foi que em 2005 nesta parceria, organizámos uma oficina de vídeo que fez nascer o 'CrioulasVideo', uma equipa de documentaristas

[19] Quilombo ou comunidades quilombolas
Em termos históricos, é possível estudar a definição de quilombo ou de comunidades quilombolas referindo a sua formação ao período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), em que os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros em igual situação em locais escondidos e fortificados no meio das matas. Estes locais eram conhecidos como quilombos. Estas comunidades crescem através do resgate da cultura africana e, dessa forma, contribuem para a formação da cultura afro-brasileira. No entanto, podemos ler em "Quilombismo: Um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira" no livro organizado por Elisa Larkin Nascimento 'AFROCENTRICIDADE uma abordagem epistemológica inovadora', que para Abdias Nascimento "Quilombo não significa escravo fugido. *Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.*" e é nesta sustentação que deve ser hoje referida a comunidade quilombola.

quilombolas que ainda hoje se mantém activa e que dá formação noutras comunidades quilombolas, contando diariamente a sua história através dos relatos dos seus habitantes (http://crioulasvideo.org/).

Sei que é desde 2003, e é uma certeza, que tomo consciência, participo, assimilo, observo, questiono, distancio-me, da importância que esta comunidade tem para o meu crescimento enquanto artista, professora, estudante mas fundamentalmente enquanto pessoa social e interventiva. O ritmo com que se mostra este lugar é marcado pelo dia, pelo sol, pela noite e pelo céu estrelado, em conversas longas e pausadas, cantadas, prolongadas. Tudo ali é um conto e um canto. É assim que ela se apresenta, cresce, se mostra firme, madura e árvore. E é assim que enfrento o medo, nesta certeza e com este registo, o de aprender a ouvir, com a certeza que a consciência de estar alerta leva à transformação.

A partir das leituras que vou fazendo, gostaria de transportar para aqui algumas palavras de Krishnamurti, autor e teósofo hindu, na sua publicação *A Mente e o Medo* onde podemos ler 'Acredito, o importante é que "escutemos" a revelação desse estado, absorvendo-a como quem contempla um belo quadro, ou como quem ouve o canto de um pássaro; e se sabemos escutar verdadeiramente, o próprio escutar, a própria percepção realiza algo radical.'. Para o meu crescimento enquanto pessoa mas também enquanto investigadora, tendo em conta que na prática me movo constantemente em contextos interculturais e interdisciplinares, atravessar vários pensamentos que se encontram no mesmo espaço de partilha na busca da sabedoria, sublinha o espaço intercultural que pode ser encontrado na leitura e enquanto sustento para a minha investigação teórica.

Houve tempos em que de forma tão séria e sincera absorvi a vontade da comunidade sem entender que o verdadeiro sentido do direito à liberdade de pensar, é um lugar que permite o direito de cada um contar a sua própria história, ou seja, não me senti com o poder de eu mesma ser autora, e com isso, ter o direito de contar a minha própria história. O medo, ou a incapacidade de me ouvir dentro da mesma paisagem provocou um sentimento ou uma voz que me dizia que seria uma espécie de falta de respeito se o fizesse, dessa forma sempre me coloquei distante de narrar a história que fizemos juntos, em que participei. Como se esta não fosse a minha história, mas a partir do momento em que abro os meus ouvidos, os meus olhos, as minhas mãos fica difícil manter a boca fechada. Encontrei um sentido e abri-me à pertença daquele lugar, daquela história e qualquer coisa mudou em mim.

Defendi o Mestrado em Ensino das Artes Visuais em 2010 na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto com a camisola que as professoras da comunidade vestem no dia a dia na escola e que tem escrito 'cada um tem o direito de contar a sua própria história' e foi desta maneira que comecei a encontrar-me frente a um público que recebia a experiência que obtenho da partilha que tenho do mundo. Foi assim que comecei a contar o que aprendi e a transformação que deixei fosse operada em mim.

Este percurso de transformação pessoal senti-o a ganhar forma em 2008 quando juntas organizámos um programa para a formação de professoras para pensar o currículo das expressões artísticas dentro das escolas da comunidade que permitisse pensar o currículo diferenciado, intercultural e identitário dentro do Projecto Politico Pedagógico. Em 2010, no Encontro Internacional sobre Educação Artística que aconteceu em Cabo Verde, M_EIA (Escola Internacional de Artes no Mindelo) eu, a Joana Mateus do IDENTIDADES e a Márcia Nascimento da Conceição das Crioulas apresentámos algumas das nossas reflexões sobre este programa (ver http://eiea.identidades.eu/eieahtml/arquivo/2010/index5d78.html?q=pt-pt/node/91). Um programa dirigido às professoras e a todos os intervenientes que desenham o caminho que a escola pretende assumir na comunidade.

Pensei que ouvia desde a primeira vez que lá fui, mas na verdade percebo hoje que quando parei para realmente escutar, vi que a comunidade cresce numa busca descendente, em direcção às suas origens e às suas raízes. Ela sabe que fortalecidas na base se ramificam com mais vigor, com mais força e que se torna mais resistente às adversidades

temporais. É uma luta constante o seu dia-a-dia. Pelo direito à terra (que suporta a raiz), à educação (que orienta o crescimento) e à saúde (que garante a continuidade). Desta forma, não se prende apenas aos seus costumes, assimila o mundo que a rodeia procurando reinventar-se todos os dias nessa partícula global. Entendi assim que escutar, como refere Guy Berger no artigo publicado na revista *Educação, Sociedade & Culturas* nº 28 no capítulo 'da epistemologia do olhar à epistemologia da escuta' "... a escuta não existe sem uma relação, sem uma ligação entre dois sujeitos." é a forma de estar com o *outro* numa relação de aprendizagem e de estar no *lugar do outro* enquanto espaço de identificação, no encontro da forma de sentir. Se nos ouvimos todos os dias temos a capacidade de nos questionarmos, de nos entendermos e de nos orientarmos na mesma direcção. Crescer na busca de saber é o que nos torna conscientes e críticos. Conceição das Crioulas procura, constrói e reconstrói a sua identidade e oferece a sua sabedoria ao mundo e dele absorve.

Desta forma e com esta aprendizagem também procurei conhecer as minhas raízes. Venho eu de uma família contadora de histórias, de um meio rural, onde a família era composta por todos os habitantes da rua. Ao crescer mudei-me para a cidade para continuar os meus estudos e aos poucos fui assimilando outro tempo de estar no mundo. Não me apercebi que na cidade existe muito pouco tempo para escutar, a falta de silêncio é a ocupação central na actividade do dia-a--dia, estamos sempre a ser bombardeados por informação, que resulta na falta dessa mesma informação, saltamos de teoria para teoria, numa busca incessante de estar em todo o lado ao mesmo tempo, de falar de qualquer assunto com toda a capacidade aglutinadora de um resumo que apresente um domínio dos acontecimentos, passados, actuais e futuros. Todos os dias conhecemos alguém novo que surge e desaparece com a mesma rapidez com que surgiu, aos poucos esquecemo-nos da nossa própria raiz, da nossa própria identidade. Consideramo-nos cidadãos do mundo e esquecemos a casa que sustentamos, fica ela perdida ficamos nós também. Quando ingressei na escola, deixando de ser estudante para ser professora dei-me conta da angústia desta profissão diária, e quando voltei para fazer o Mestrado e completar a minha formação com a pedagogia que faltava apercebi-me ainda mais da surdez com que se fundamenta esta profissão. Numa relação escolar com aqueles que decidem, as directrizes impostas pelo Ministério da Educação colocam os professores num papel de burocratas, reduzindo a importância das suas acções ao preenchimento de um conjunto de papeladas e burocracias. A preocupação maior é ocupar o tempo de cada um a fazer uma coisa qualquer sem a preocupação que seja ela relevante. Por sua vez, esta obrigatoriedade, esta obsessão *ocupatória* transita do professor ao aluno que está na escola, este não pode nunca sonhar e divagar em assuntos que lhe preocupa, consoante a sua idade e os seus interesses e muito menos contar e contar-se a sua história, é necessário ocupá-lo, enchê-lo de papéis para preencher impedindo assim que se atinja um estudo que seja algo mais profundo. Existe uma verdadeira educação quando tanto o professor como o estudante tem a liberdade de ser educado ao mesmo tempo.

Uma pequena história

A minha mãe foi das primeiras contadoras de histórias que conheci. Essas histórias falam de um crescimento de luta e de conquista, de dor e de medo, numa constante transformação de olhar para as coisas que temos com um olhar novo re conhecendo a partir da memória mas re construindo a realidade no presente que se mostra orgânico no futuro. Numa das histórias que a minha mãe contava encontrei uma similitude à árvore que encontrei na Conceição das Crioulas.

O meu avô foi em tempos guardador de árvores, num tempo em que a electricidade era pouca ou quase nenhuma e a paisagem era pontuada por uma casa aqui, outra acolá. A casa onde a família se fixou ficava dessa forma isolada e

rodeada de árvores. No inicio foi divertido, passavam horas a brincar por ali, a ver como se comportavam os coelhos bravos que abriam túneis fantásticos entre as raízes das árvores por onde muitas vezes eles, os filhos, se deixavam engolir, divertindo- se. Passado algum tempo, num outro tempo o meu avô começou a beber sem controlo, passando a viver a partir daí, esquecido. À noite quando regressava a casa, acontecia procurar a sua esposa com agressividade e encontrava nela a razão suficiente para libertar a sua raiva. Era noite, em frente à casa havia um lampião que iluminava um pouco a casa e o pinheiro, que ficava entre a casa e o portão da rua. A minha avó encontrava assim um ponto de abrigo. Ao fugir, a sua fuga consistia em sentar-se encostada ao pinheiro, na sombra que a luz provocava na árvore, e ali ficava estática entre o olhar a sua casa e o desolhar do marido, até que este se cansava e desistia.

Diva é hoje professora na escola Professor José Mendes, na Conceição das Crioulas e é uma das iniciadoras do movimento da escola na comunidade. Ela tem a sua casa num sítio território limite entre o território quilombola e o território indígena. Ali mesmo tem uma árvore, um umbuzeiro, abrigo, sala, ou lugar iniciador das primeiras reuniões para o estudo e os encontros de partilhas de saberes. Na altura da demarcação do território indígena, a linha limite do território passava mesmo no meio do umbuzeiro, a ordem que receberam foi que tinham que abater a árvore. Até que chegou o dia, e a Policia acompanhou o processo de abate do umbuzeiro, o marido de Diva saiu de casa em defesa da árvore argumentando que servia para cuidar do gado que tinha ali, mas os argumentos não serviam para demover das ordens que havia. Não sendo possível entortar a linha que marcava o território, ele pediu que cortassem o umbuzeiro assim mesmo, na vertical. Hoje, o lado que ficou no território indígena desapareceu, mas o que ficou no território quilombola cresceu e hoje é o ponto de encontro dos artistas e das artistas, que se juntam para tocar e dançar.

A ouvir

A consciência activa a liberdade que precisamos de ter para poder ver tudo como novo. A nossa memória é um óptimo instrumento de recolha, selecção, acumulação, capaz de provocar medos e ansiedades, muitas vezes levando--nos a procurar sistemas de maior protecção fechando-nos a capacidade de *re olhar*, *re ouvir*, *re sentir* como algo que se re nova e se apresenta como se fosse a primeira vez. A informação que guardamos na nossa memória permite-nos sobreviver face as adversidades da vida, mas impede-nos muitas vezes de nos renovar. Essa defesa provoca-nos um sentido de procurar métodos e modelos como sendo a forma mais eficaz de nos orientarmos, de nos definirmos, de nos fazermos entender, limitando muitas vezes a nossa capacidade de actuar.

A liberdade da gestão do tempo. 'Para ler é preciso estar parado' e para ouvir? É na pausa, na contemplação, no parar, é nesse movimento que se encontra o 'eu' e com ele o sentido social, o estar *entre*. Na tentativa de estar constantemente ocupado perde-se também o sentido de comunidade, perde-se a noção de grupo, a pertença do contexto e do texto em que nos lemos. Na procura de definições buscamos constantemente um método, muitas das vezes encaramos esse método como sendo fixo, que permite a cópia e a repetição constante. Motivados pelo desejo de resolver uma dor ou uma situação pontual, avançamos com a rapidez de encontrar um lugar seguro, prendemo--nos a fórmulas procurando assim atingir o objectivo de dar respostas seguras a um poder que se mostra dominante. Seja ele um poder político, económico, social ou pessoal. É no entanto na abertura, na pausa, no exercício de manter a consciência activa de perceber o real que se baseia e que se encontra a arte do encontro, do crescer e da identidade que se procura. Termino por hoje sabendo que quando encaramos um grupo novo, uma situação nova, o medo encontra-se lá também. E é nessa incerteza que se desenvolve o contacto, as mãos suam, a voz parece que não quer sair, o pensamento acelera, o coração também. E é entre pausas e silêncios que se marca o ritmo, a vontade, a partilha.

Esse espaço vazio permite entender o que se diz. E é aqui que acontece a transformação.
A sala de aula não é um dado adquirido, a escola também não. A constante aproximação/afastamento, falar/ouvir, espaços vazios/cheios é o que define o meio em que nos colocamos. Atrevo-me a sair, a medo, na busca de um sentido na construção da escola que se assente entre o sonho, o dizer, o ouvir e a terra. A educação surge assim como um desafio que ao desenrolar-se se descontrola mas que a posteriori se domina através da re visão, do re olhar, do re ouvir. Qualquer coisa muito próxima entre a vida, a memória e a imagem, construção visual que retrata a vida.

Ali conheci Paulo Freire porque muito provavelmente foi ali que Paulo Freire se tornou ouvinte.

ANEXO VII

Mugunzá ou Cachupa: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica.[20]

O texto que aqui apresento reflecte uma visão parcial do que é transversal ao projecto que o movimento intercultural IDENTIDADES promove na comunidade do sertão pernambucano, Conceição das Crioulas, Brasil.
A conquista pelo direito à educação, prevê a construção de um Projecto Político Pedagógico. Na procura da demarcação desse território enfrenta-se a solidificação e a sistematização dos conhecimentos das expressões artísticas da comunidade para as escolas.
A conquista pelo direito à educação, prevê a construção de um Projecto Político Pedagógico. Na procura da demarcação desse território enfrenta-se a solidificação e a sistematização dos conhecimentos das expressões artísticas da comunidade para as escolas.
As perguntas que se pretende reflectir são: como trabalhamos na nossa escola e de que forma ela pensa e vive a comunidade em que nos inserimos? Como trabalha ela no sentido do reconhecimento das outras comunidades que nos paralelam? Qual o contributo da arte na educação e na consciência das identidades?

Introdução

> "(...) 8. Visando o quilombismo à fundação de uma sociedade criativa, ele procurará estimular todas as potencialidades do ser humano e sua plena realização. (...) As artes em geral ocuparão um espaço básico no sistema educativo e no contexto das actividades sociais." (Nascimento,2009:213)

A comunidade do Quilombo de Conceição das Crioulas luta pela restituição e posse da terra, pelo direito à educação e à saúde, procurando um melhor sentido de vida, organizando-se no exercício por uma democracia participativa. A conquista de uma destas tomadas, significa a conquista de todas as outras, como uma rede que une os vários laços, onde fortificando um fortalecem-se os outros. O todo que define a identidade da Conceição das Crioulas é todo o cruzamento e o fortalecimento dessa rede. A restituição do território quilombola efectua-se com base em laços familiares fundados num espaço intercultural, de cruzamento entre índios, entre negros descendentes de escravos africanos, entre descendentes de colonos europeus. A escola transpira preocupações ao mesmo nível e integra

[20] Artigo apresentado em Berlim

todas as problemáticas da comunidade. É uma importante ferramenta de emancipação da própria comunidade.
Nesse contexto de luta, no campo da educação a comunidade implica-se na construção de um Projecto Político Pedagógico (PPP), onde se contempla uma Educação Específica, Diferenciada e Intercultural Quilombola. Nessa busca procura-se estabelecer uma forte presença das expressões artísticas no currículo da escola, opção que pretende reforçar e fortalecer a identidade cultural da comunidade. Conceição das Crioulas torna-se pioneira e, por isso mesmo, um exemplo e referência para outras comunidades, pelo sentido que confere ao caminho que traça e que desenha para o futuro.

Conhecer

Em 2003, eu, a Iva Correia, ambas viajando do Porto, e o Rogério Manjate de Moçambique tivemos a oportunidade de visitar e conhecer a comunidade através do 'movimento intercultural Identidades', a convite do Centro de Cultura Luís Freire (CCLF) e da Associação Quilombola da Conceição da Crioulas (AQCC) para realizar uma oficina de artes plásticas, principalmente para a faixa etária infantil e juvenil. O Rogério Manjate orientou uma oficina de teatro. A data escolhida foi a grande festa da 'Nossa Senhora da Conceição' a santa padroeira da comunidade, em pleno agosto sertanejo. A festa durou quinze dias e durante esse tempo organizaram-se várias oficinas: teatro, contação de histórias, história da África, artes plásticas, dança e percussão.

A primeira manifestação

Conhecer a comunidade nesta condição exige uma (des)confiança carregada de uma expectativa determinante para o inicio de qualquer relação. Ao segundo dia, já estava apaixonada – soube-o depois – o que naquele momento reconhecia era a presença de uma energia contagiante, de uma identificação ou de uma contradição inquietante, que denunciava uma vontade enorme de dar e de receber tudo o que fosse possível nos poucos dias que sabíamos ir lá estar, para aproveitar este encontro.
Na oficina de artes plásticas, o desenvolvimento das actividades sugaram-me no momento em que lá me encontrava. Não foi necessário procurar um tempo para apresentação do trabalho, exercício ao qual me haviam acostumado enquanto estudante de belas artes - os resultados finais de uma oficina desta natureza serviria também como validação e avaliação da minha competência, provocando a sensação de trabalho cumprido. Mas até neste ponto fui surpreendida. Ganhava relevância o processo e o progresso que se sentia partilhado desde a manhã até ao final de um dia de trabalho, feito de experiências empenhadas, de descobertas, ainda que muitas delas efémeras. Dia após dia acontecia este registo. Inevitavelmente, o dia seguinte exigia outras coisas, outras trocas, outras acções que implicavam e não estavam separadas da vontade de conhecer o Outro, de nos deixarmos encantar e experimentar juntos. E assim foi durante as duas semanas de actividade. Quem participava agia assim, mas quem não participava da oficina agia do mesmo modo. A comunidade nunca teve a preocupação de 'procurar' o objecto final, remetido para uma apresentação especial de último dia. No entanto encantavam-se, e por isso assimilavam todas as descobertas como suas - todos esses 'objectos finais' que as crianças e jovens transportavam diariamente da oficina para a rua (que é o mesmo que casa).
O último dia da oficina, foi usado pela confecção de máscaras. E foi marcado por ser isso mesmo, por ser o último dia. O presságio do '*e agora que há-de ser de nós?*' depois de um tempo tão intenso. À noite os festejos terminaram com a novena. E terminaram com a despedida do 'hoje soube-me a pouco, portanto, hoje soube-me a muito'. As oficinas de teatro, dança e precursão apresentaram o resultado do seu trabalho. Magia para mim, foi o momento em que as

crianças, espontaneamente, apareceram com as suas produções oficinais desse dia – as máscaras - o que causou um certo burburinho alegre da parte de toda a gente que viveu intensamente o dia-a-dia do resultado daquela oficina. Havíamos de voltar a marcar encontro, essa era a certeza.
E assim foi. O encontro marcado pelo 'momento zero', meses mais tarde. Uma conversa longa o suficiente, para se entender que comum, segundo Rancière, poderia existir entre nós. Que espaço, que tempo, que distância, que proximidade, que sensibilidades se estabelecem entre nós e como estávamos prontos para enfrentar esse caminho em conjunto. E em 2005 voltávamos para o 'momento um', conscientes que queríamos construir uma relação contínua.

Confiar

A oficina que se realizou em 2005, contou com a participação de professoras e crianças, ainda que todas estudantes. Repetíamos a experiência, mas desta vez com um objectivo em concreto – construir a praça em maquete. Pretendia-se realizar um trabalho que se amarrasse ao local, que estabelecesse um modo de interpretar o espaço todos os dias vivenciado. Observar e ver o lugar onde nos encontrávamos e como o representávamos. O corpo como medida. A folha como medida. O desenho como meio de expressão. O levantamento de uma representação bidimensional e a sua transformação em tridimensional. Ali aprendíamos todos uns com os outros, experimentando e desenvolvendo novos métodos e novas perspectivas de aprendizagem observando e aprendendo com o meio envolvente. Entendendo o lugar de modo partilhado, questionando-o.
As oficinas que se seguiram, nos anos seguintes, 2006 e 2007 resultaram em dois livros: o primeiro, uma compilação do resultado da oficina de impressão (linogravura, decalque, xilogravura, entre outras técnicas); o segundo '12 anos de história da AQCC' maioritariamente efectuado com as professoras que faziam parte também da sua comissão de comunicação da associação, um livro composto por textos então redigidos e ilustrações inventadas. Em 2008 produziu-se de modo participativo um teatro de sombras, usando um retroprojector: ' As seis negras' e 'A escola José Mendes', foram as histórias criadas, dramatizadas e teatralizadas através de sombras do corpo e de elementos visuais recortados. As oficinas começaram a ficar restritas às professoras tendo em conta a necessidade de se desenvolver material crítico e teórico a partir da prática, e os mesmos exercícios poderem ser transportados e aplicados na sala de aula pelas mesmas.

Cúmplice

Em 2008 pensamos em dar um passo mais consistente. Existia já muita coisa em comum, e por isso questionávamos sobre o currículo diferenciado que a comunidade procurava para as suas escolas especificando a presença das artes nesse currículo. Destas conversas estabelecemos uma parceria com comunidade e com a Prefeitura de Salgueiro para a organização de um projecto com a duração de dois anos, 2009-2011 - 'expressões artísticas na comunidade da Conceição das Crioulas', que contava com encontros formativos em Portugal, na cidade do Porto. O projecto centrava-nos na procura de um currículo das artes a incluir no processo de construção do Projecto Político Pedagógico. Entendemos que era altura de abrir as nossas casas à Conceição das Crioulas, que aprende com o mundo conquistando passo a passo a sua presença e a sua voz nesse espaço global.

Projecto Político Pedagógico - Educação diferenciada

> "... nunca em nosso sistema educativo se ensinou qualquer disciplina que revelasse algum apreço ou respeito às culturas, artes, línguas e religiões de origem africana."
> (Nascimento,2009:198)

A construção da identidade de cada instituição escolar passa pelo entender da necessidade, e da existência, de um *currículo diferenciado*. Por *currículo diferenciado* entenda-se a afirmação da individualidade de cada instituição, tentando dessa forma retirar qualquer factor preponderante de algum currículo em relação a outros. Cada escola deveria procurar aplicar de forma diferenciada o mesmo *currículo formal*. O *currículo formal* é uma imagem da cultura digna de ser transmitida, com a codificação e a formalização correspondente a esta intenção didáctica (Perrenoud, 2001). Na comunidade da Conceição das Crioulas, reclama-se o direito de um *currículo diferenciado* tendo como comparação o *currículo formal* que é visto como sendo externo e global anulando dessa forma a validação de outras imagens de cultura dignas de serem transmitidas e o esquecimento do interno e particular da sua cultura. No entanto, todos os currículos têm como objectivo, promover a educação para a cidadania, para a cultura democrática e a abertura ao Outro. Todos exigem o direito à sua existência, individualidade e pertença à rede global e ao tecido social. É necessário ter presente o esforço que deve ser feito por todos e no espaço da escola, espaço por excelência educativo, por compreender primeiramente a urgência da necessidade de trabalhar a consciência crítica do lugar que ocupamos e como nos encontramos em comunicação e na identificação, ou na definição, com o colectivo. O *currículo diferenciado* procura deste modo manter a base formal curricular proposta a nível nacional, mas estabelecendo com o *currículo formal* uma forma de interpretar e de valorizar ' o que é nosso' e o que é local, enquanto elemento central do currículo, definindo, assim, a abertura de novos capítulos na história. Na construção do PPP (Projecto Político Pedagógico), desenvolvem-se os parâmetros a respeito da educação diferenciada. Nesta proposta torna-se pertinente prestar atenção à importância da escola ter professoras que sejam da própria comunidade, conhecedoras e sujeitas da história e da sua luta. Por um lado a professora da comunidade trabalhará com o currículo diferenciado a partir de dentro, compreendendo e dominando os valores culturais e apoiando os objectivos com os quais a comunidade luta. Só desta forma a escola cumpre o seu dever e o seu papel na causa e na comunidade quilombola, reforçando o colectivo. Por outro lado faz-se urgente chamar a atenção do acesso à comunidade, cujas vias de circulação encontram-se em muito mau estado e dificultam o transporte até à cidade mais próxima, Salgueiro. As professoras que não são da comunidade muitas vezes não conseguem ir para a escola causando uma situação instável no ritmo diário da escola.

Projecto Político Pedagógico - Educação intercultural

Como referido anteriormente, a comunidade estabelece-se numa relação contínua de cruzamento entre índios locais, descendentes de negros e de europeus. Dessa forma, situa-se num campo complexo, muitas vezes, controverso. Com uma forte consciência política, a comunidade define-se enquanto quilombola, mas tem consciência que a sua convivência se constrói lado a lado com diversas culturas. Se o PPP se define enquanto quilombola, na escola a prática revela outras participações e abre outras discussões. O reflexo dessa diversidade apresenta-se desse modo como respeitando uma outra cultura que se mostra e que revela modos próprios de habitar em pleno sertão, rural, com os meios de subsistência que acabam por se afastar de clichés criados a respeito do que é a cultura africana

ou indígena. Um factor preponderante nesta análise, e que se mantém em comum é o valor comunitário e a procura por uma vida melhor, mais respeitada. Esse é o ponto forte identitário que se respira nas tomadas de decisão. Decide-se o melhor para a comunidade, e toda a gente tem o seu lugar, opinião e voz na hora de se tomar decisões.

Tradução

Neste contexto, as professoras são mães, tias, avós, portanto família. Seguindo as leituras de Jacques Rancière, a experiência que aqui se constrói assenta-se numa base onde todos são 'Mestre Ignorante' - as professoras são também estudantes, aprendem entre elas e com a comunidade. No entanto, a questão da tradução que existe no 'Mestre Ignorante' a nível linguístico, segue na direcção de traduzir recursos, leituras, produção de imagens e produtos. A tradução é uma constante: de fora para dentro, de dentro para fora, de dentro para dentro. Esta situação exige uma constante demonstração de perspectivar o olhar e entender o contexto, o método, a potência da sensibilidade e da inteligência. Valorizando e reforçando a identidade da comunidade.

Partindo da complexidade do conjunto de actividades com que a comunidade se faz apresentar, procuramos isolar uma das suas acções que podemos denominar como pertencente ao grupo das aprendizagens manuais: uma linha de artesanato com a qual se representa, a nível cultural e identitário, no âmbito nacional e internacional - bonecas, malas, jogo americano, entre outros, que produzem com o algodão e a fibra cárua que retiram do plantio, e tigelas, pratos, panelas que produzem com o barro que extraem da terra. Serve-nos este isolamento e esta prática para entender e analisar a força que existe, distante do fazer artístico, mas importante para fortalecer a identidade que é transposta para o currículo artístico na escola, focando a premissa do currículo diferenciado. A comunidade aprende com a comunidade e com quem chega cheio de olhares exteriores.

Focando as suas produções - a 'boneca', objecto representativo das pessoas que fortaleceram a luta quilombola torna-se, desta forma, num símbolo de homenagem, de memória, de identificação, enquanto os outros objectos, jogo americano, malas, tigelinhas, panelas, de cariz utilitária transmitem modos e usos próprios de quem habita e utiliza tais instrumentos na sua prática diária. Fica assim presente, os meios de estar, conviver e do modo de ser. Tais instrumentos começam também a perder o seu lado mais utilitário acompanhando o ritmo e a evolução dos dias que se vivem. Substitui-se os objectos de barro por louças e panelas que, pela melhoria das condições, já são adquiridos na cidade mais próxima, Salgueiro. Com esta mudança, por um lado surte o receio de se perderem características e conhecimentos adquiridos e praticados por muito tempo, por outro, estes objectos, muito apreciados por quem visita a comunidade, criam um potencial de geração de renda levando à necessidade de produção em série e de repassar esses conhecimentos que estão mais enraizados pela geração mais velha.

Observando todas as ferramentas que a terra oferece, trabalha-se no sentido de conferir o reconhecimento-do--conhecimento já adquirido mas não consciencializado na exploração do domínio que existe no saber-fazer do mestre. Procura-se crescer no entendimento daquilo que já se domina para acrescentar novos entendimentos e novos modos do fazer, entregues aos olhares das crianças e jovens que fazem parte deste processo e crescem num outro tempo, com novos estímulos. Absorvendo e traduzindo a realidade e a pertença da sua cultura, transmitida por códigos decifrados e dominados por quem os produz e cria.

A necessidade de repassar esses conhecimentos, que os mais velhos são portadores e detentores, aos mais novos pensou-se na escola enquanto veículo para trabalhar essas aprendizagens. Não no sentido de 'formar' artesãos, mas mais no sentido de reforçar conhecimentos culturais da comunidade, assim como desenvolver a manualidade (motricidade fina) e conservar conhecimentos históricos, no sentido da fundação da comunidade e culturas – tendo

em conta que com esses trabalhos e a venda dos mesmos foi o que permitiu comprar as terras onde habitam – no sentido da tradição e da renovação. Assim sendo, a geração mais velha vai à escola.

EJA – Educação de Jovens e Adultos

"Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial." (Nascimento,2009,204)

Uma das lutas com as quais o quilombo desde sempre se deparou foi o acesso à educação. A alfabetização durante muito tempo esteve associada ao direito de voto. Apenas quem era alfabetizado poderia votar. Este tipo de descriminação social sempre determinou, conferiu e manteve o poder económico, social e cultural distante do povo e próximo à classe de elite dominadora. Paulo Freire foi um pedagogo defensor da igualdade de direitos e da conquista pela educação para as classes sociais de minoria e pobre. O primeiro passo era alfabetizar essas classes, "alfabetizar é conscientizar" (Freire,1972).

A filosofia pedagógica de Paulo Freire abre espaço e promove um movimento de educação tangível a toda a gente. Fortalecendo e favorecendo a possibilidade de mudanças sociais que só poderiam ser instauradas pela própria classe oprimida e alfabetizada. Entenda-se que não se pretende fechar essa classe ao quilombo, mas sim a todas as sub--culturas dos proletários e dos marginais. Essa demanda nunca pretendeu apenas adquirir conhecimentos práticos de descodificar códigos próprios da leitura e escrita, mas sim alargar a compreensão do conhecimento ao pensamento e à força da palavra, do contexto no campo político, tentando conferir poder a todas as classes. Não quer isto dizer que o poder mudou de lugar, mas sofreu alterações ao longo do tempo.

A filosofia pedagógica de Paulo Freire ainda hoje se mantém bastante actual, as classes dominadoras persistem e a pedagogia da autonomia é ainda um bem necessário, no entanto ocupa hoje uma outra posição, a classe oprimida tem, nem que seja aparente, uma voz porque está já consciente do mundo que o rodeia e sabe situar-se perante ele, politicamente.

Por esse mesmo motivo, a escola do quilombo da Conceição das Crioulas ainda hoje tem a Educação de Jovens e Adultos, tendo em conta a quantidade de pessoas que ainda não vão à escola em criança porque ainda existe muita necessidade de apoiar em casa o trabalho que garante a subsistência familiar.

Projecto Político Pedagógico - Educação específica

O adulto é também convidado a ocupar o lugar de mestre na escola. Ao mesmo tempo que repassa os seus conhecimentos reforçando os valores culturais da comunidade, é também aprendiz reforçando o seu conhecimento individual para dessa forma adquirir força no colectivo.

Inevitavelmente cria-se uma analogia com a experiência de Joseph Jacotot, no livro 'O Mestre Ignorante' de Jacques Rancière. Na procura de soluções para aplicar neste contexto e pela excessiva quantidade de fórmulas desadequadas aos interesses da comunidade oferecidas pelo *currículo formal*, está implícito no ritmo diário da escola e na relação comunidade-professor(a) partir à procura das suas próprias traduções e fazer as suas descobertas. De sublinhar que neste exercício na comunidade vive-se todos os dias uma **aventura intelectual**. A exemplo de Joseph Jacotot, encontrando-se perante uma situação que poderia surtir um efeito de impasse, de desilusão ou até mesmo de incompatibilidade entre a sua tarefa e os objectivos a atingir, ele recria um método que provoca uma experiência prática única entre o problema e a resolução deste. Apresenta-se, desta forma, toda a complexidade do ser individual no colectivo. Toda a comunidade é mestre, aprendiz e autor.

Projecto 'expressões artísticas na comunidade da Conceição das Crioulas'

A tarefa não é fácil. Na certeza de reforçar as artes no currículo diferenciado existe a procura e a tentativa de desenvolver a igualdade, valorizar a identidade e reconhecer a individualidade no colectivo. Por um lado, deparamo-nos com as diversas culturas que existem num mesmo sítio, por outro a complexidade que existe nas aprendizagens locais do colectivo para a complexidade do colectivo global. Mas no tocante às experiências que vivenciamos sabemos agora da possibilidade de operar mudanças internas que a comunidade procura sempre em direcção ao trabalho de grupo e a partir das expressões artísticas.

Quero aqui contar uma pequena história talvez para sublinhar o reconhecimento-do-conhecimento que primeiramente existe no conhecimento empírico. Numa das nossas análises de grupo na formação de professoras(es) fizemos um levantamento de 'dinâmicas e brincadeiras', enquanto exercício lúdico-pedagógico de intervenção e conhecimento do corpo que temos e da relação este estabelece com o outro corpo - focando as vantagens e desvantagens de determinado jogo, os objectivos a atingir com aquela brincadeira, o desenvolvimento que poderia ser evidenciado com determinada actividade nas diferentes idades... Marinalva é directora da Escola Bevenuto São Simão do Sitio Paula, Conceição das Crioulas, uma senhora calma, com um sorriso disponível e bastante interventiva. Ela expressamente revelava a dificuldade de trabalhar com as crianças da sua escola, multi-seriada (o que significa trabalhar várias matérias, várias idades, vários ritmos sempre em simultâneo, na mesma sala de aula) essa dificuldade partia simplesmente do facto de as crianças não saberem lidar com o afecto, com o tacto e nomeadamente com o corpo, de maneira que só conheciam um gesto capaz de comunicar com os outros: *à porrada*. No tempo lectivo que se seguiu aplicaram uma temática – 'Brinquedos e Brincadeiras' - a ser trabalhada por toda a escola. Desde então, a base de qualquer aprendizagem assenta nas expressões artísticas. Seguem um tema onde abordam todas as outras áreas, despertando e trabalhando todos os sentidos (olfacto, visão, tacto, audição, paladar) para desenvolver a compreensão e o conhecimento de todas as matérias, aplicando nos hábitos do local onde as crianças habitam. Tudo isto porque motivadas as crianças para a construção dos brinquedos e transportando para a escola todas as suas brincadeiras, estas foram elaboradas cuidadosamente para desconstruir as barreiras da comunicação corporal. Tendo sido ultrapassado este problema, a relação entre as crianças melhorou e a interacção entre as crianças aumentou desconstruindo barreiras que marcavam as diferenças para o entendimento das semelhanças. Uma certeza temos, inevitavelmente aprenderemos!

> "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire,1972)

Mas não acreditem em tudo que digo, porque esta é apenas uma das possíveis traduções da minha experiência.

Bibliografia

Cashmore, Ellis (2000). *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais.* São Paulo: Selo Negro.

Freire, Paulo (1972). *Pedagogia do Oprimido.* Porto: Afrontamento

Nascimento, Abdias (2009). "Quilombismo: Um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira" *in* Elisa Larkin Nascimento (Org.), *AFROCENTRICIDADE uma abordagem epistemológica inovadora*. S. Paulo: Selo Negro, 197-218

Rancière, Jacques (2010). *O Mestre ignorante.* Porto: Edições Pedago

Rancière, Jacques (2010). *Estética e Política A partilha do Sensível.* Porto: Edição Dafne

ANEXO VIII

Education and the Right to Difference: Across Lands, Between Knowledges and Among Peoples[21]

Knowledge in Movement and Knowledge in Dialogue

We cannot discuss our work without first informally presenting ourselves as eternal students and researchers. As young researchers we have had the opportunity to learn the art of migrating and moving among peoples, places and knowledges. It was during one of these movements that we came into contact at the VIII International Meeting of the Paulo Freire Forum at the University of California, Los Angeles in 2012. From that day forward we have discussed our research in depth, sharing relationships of learning so central to our work. Dialogue is also foundational – whether between "myself" and "you" or "you" and "myself", we learn about ourselves. We acquire knowledge from relationships of exchange, be they at home with family or within a community, or among others. Nevertheless, knowledge derived from non-formal educational experiences – so intricate to us as individual beings and as part of a collective – is often marginalized.

In these pages, we undertake a broad-reaching effort to interrogate the politics of knowledge across continents and within different historical legacies to create dialogue between places as distinct as the San Francisco-Oakland Bay Area, USA and Lisbon, Portugal, where Miye's research was conducted, and Conceição das Crioulas in Brazil, where Monica's research was conducted. Perhaps there is little that can be compared between settler colonial nation-states, such as the USA and Brazil, and a post-colonial metropoles, such as Portugal. However, by inverting the discussion and examine an "Other" side to these national projects, we can observe common struggles among Native American communities and members of the African Diaspora in Portugal and Brazil: the right to education is not only central to achieve the promise of democratically inclusive and just societies in the countries and contexts we examine, but to also affirm their human right to difference.

Education, schooling and knowledge-production compose sites of struggle against, resistance to and transformations of Western epistemology that has historically excluded the knowledge of peoples from outside the Western tradition. Schools have come to be regarded as a beacon of democracy, social inclusion and social mobility, yet they have neither been egalitarian nor purely emancipatory. Since the seminal work of Pierre Bourdieu, which was published in the 1970s, for instance, literature from the Sociology of Education has explored the role schools play in reproducing social relations. The institutionalized and standardized criteria of assessment which benefit some students over others, for what is considered "official" or "legitimate knowledge" at the level of curriculum, pedagogy, and forms of classroom (and national) evaluation may more often disqualify or marginalize the knowledge, histories, languages, and cultures of others (Apple [1979] 2004). It also may be argued that racial/ethnic "othering" is inherent in modern schooling and associated academic discourses (Dei 1999). Should we consider Araújo's (2008) observation that each Western country has its own depoliticizing myths of anti-racism often deeply embedded in colonial discourses, how are these debates taken up in various national contexts and among the communities in question?

As opposed to merely "studying" the communities in question, our work necessitated an approach that could dialogue with varying perspectives, subaltern histories, cultures and age groups, which, historically speaking, have rarely appeared at the level of academic inquiry. Through our different trajectories as researchers specializing in Education, a shared goal was to locate and describe methods to challenge monocultures of knowledge.

[21] http://alice.ces.uc.pt/coloquio_alice/wp-content/uploads/2015/08/Livro_DH.pdf página 206

Conceição das Crioulas, Pernambuco Brazil

As a researcher, Mónica (Portuguese) challenges the model of schooling that she came to know during her training as an educator, as it offers a repeated collection of knowledge associated with a culture that is imagined to be "worth" transmitting.

She has continued to critically reflect on this model in her research on differentiated curricula, which she conducted with the quilombola community, Conceição das Crioulas in the state of Pernambuco, Brazil. In her experiences, the words of the political leader of PAICG[22], Amílcar Cabral remain pertinent to this very day. His thought largely defines the struggle for liberation that belongs to the colonized and colonizer:

> "I can have my opinion about many themes, about the way to organize the fight [for liberation/anti-colonial struggle]; of organizing a party, an opinion that I create from within. For example, in Europe, in Asia or even in other countries in Africa, according to books, documents and meetings that influenced me. I cannot organize a party, a struggle from my ideas alone. I must do so from the concrete reality of my country"
> (apud Freire, 1978: 4)[23] [24]

Nearly forty years later, the imposition of Western culture has not waned in what is, at least historically and politically speaking, the post-colonial era. The West embodies a monoculture of knowledge, which continues to preserve the invisibility of the "Other" by applying hierarchies of knowledge, and refuses to recognize the knowledge of the "Other" as valid (Santos, 2009). This "Other" remains the listener and never a speaker – a factor that needs urgent revision in order to engage diverse knowledges in dialogue. As Guy Berger (2009) notes: "hearing does not exist without a relationship, a bond between two subjects" (p. 190). If we listen to each other everyday, then we gain the ability to ask each other questions, to understand each other and to keep moving in the same direction. We become conscious and critical as we grow in the search for knowledge – a practice that can be taken at various levels.

The community of Conceição das Crioulas is comprised of African descendants (Quilombo) and Indigenous peoples (Atikum). In historical terms, it is possible to study the definition of quilombos or quilombola communities. Quilombo communities were established by escaped slaves who were able to flee to well-hidden and fortified locations in the wilderness during the 17th and 18th centuries, which was the peak of African slavery in Brazil. In AFROCENTRIDADE: uma abordagem epistemológica inovadora (2009), we can read about "quilombismo" as an innovative epistemological approach developed by Elisa Larkin Nascimento. As her late husband, Abdias Nascimento, stated: "Quilombo does not mean a runaway slave. Quilombo means a free and fraternal reunion, solidarity, intimacy, existential communion." (p. 204). The remnants of African culture preserved in quilombos have contributed greatly to the formation of Afro--Brazilian culture. Monica refers to the quilombola community according to this definition to acknowledge this cultural and historical legacy.

Conceição das Crioulas is composed of various sítios (hamlets). As indicated in its name, Vila Centro is the heart of the community, where the Associação Quilombola da Conceição das Crioulas (AQCC), the Casa da Juventude Girlene Rosa, the Afroindigenous Library, market, cemetery, church and craft center are located. Three of the four quilombola

[22] Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

[23] As the opening quote to Paulo Freire's book, *Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em Processo*, we find it important to note that, while Freire never personally met Amílcar Cabral, he had a deep admiration and appreciation for the revolutionary, anti-colonial thinker.

[24] Translation made by authors.

schools are also found in Vila Centro: the primary schools, José Néu de Carvalho, the Professor José Mendes School, and the secondary school, Quilombola Rosa Doralina Menses, which is the first public quilombola high school in Brazil. The fourth school, Bevenuto Simão de Oliveira, is an elementary school in Sítio Paula, which is about six kilometers from Vila Centro.

The schools' Political Pedagogical Project – or the development of differentiated curriculum – is constantly constructed and elaborated by community members. Everyone is heard and everyone has a right to give their opinion regardless of their age or profession. This is because differentiated curriculum is based on quilombola culture, history and values as determined by the older community members who seek to pass this knowledge on to younger generations. Conveying traditional knowledge requires a "mode of teaching-learning" that emphasizes the voices and perspectives of young people to ensure they remain engaged in their education and within the community.

Differentiated curriculum also involves the management of quilombola schools tailored to the material realities of the quilombola (e.g. the schedule, infrastructure, meals, and sharing knowledges, etc.). The classes may vary in time or take place outside of schools because the students are dispersed in different sítios outside of Vila Centro and Sítio Paula. School meals, which are also a cultural and pedagogical reflection, continue to be prepared by community members. School meals also might be the only complete meal that some students eat in a day. Quilombola schools nevertheless belong to a circuit of public schools. There appears to be little to differentiate quilombola schools from other public schools created by the government despite these unique pedagogical methods and forms of organization. Schools may appear more "mainstream" in terms of class records and reports that are overseen by the Municipal government, which has a difficult time accepting the approaches of quilombola schools. Those who frequent quilombola schools, however, experience this difference on a daily basis.

Mónica's research specifically focuses on the schools and how the community believes differentiated curriculum based on artistic expression is is essential not only for the conveyance of traditional knowledge, but for their struggles for land rights. The struggle to exist is also a struggle to challenge dangerous colonial discourses, such as those perpetuating an image of quilombola residents as unwilling to integrate into and partake in the Brazilian national project. The evolution of this narrative must come from the reality of their people, hence exhibiting how quilombola communities have contributed to Brazilian national history.

Art and multimedia help create a space where young people can speak and consciously participate in community struggles. Such was the incentive behind the 2005 project "Crioulas Video," which was headed by a team of six young documentary filmmakers. The filmmakers remain active with the project today. In 2008, quilombo educators created a "continued training in arts" with help from the Secretary of Education of Salgueiro and the University of Porto. The incentive, which was developed for the community, also sought to create didactical material so that this history could be incorporated in school textbooks. Community members of Conceição das Crioulas have continued to bring their ideas to fruition by working collectively and through dialogue. As these stories gain visibility in the national political landscape they construct knowledge about Afro-Brazilian history and the survival of African knowledge in Brazil, which community-based approaches of Conceição das Crioulas seek to maintain through differentiated curriculum.

Members of quilombo communities have themselves embarked on a journey to interact and dialogue with other peoples from Africa and of African descent. In 2009, the Faculty of Fine Arts, University of Oporto (where Monica was studying) held an exchange with arts educators from Mozambique, Cape Verde and Brazil in which three young quilombo professors participated. Following the exchange, a quimlombola educator went to Cape Verde in 2010 to participate in the First International Encounter on Arts Education at MINDELO International Art School. Young

quilombola community members will continue to make connections that will contribute to the needs of their community, especially in the education of children and youth. Finally, these encounters allow educators to share their ideas and to develop heir thought on a geographical space so inherit to quilombola identity, bringing unique contributions to the development of differentiated curriculum. Monica contends that dialogue and personal participation help deconstruct hegemonic knowledge – a process in which everyone can participate.

Global Hip-Hop Culture as a Means of Dialogue

Miye is a researcher of Russian and Native American descent (Paiute and Pomo) who was raised in the urban Native American environment of Los Angeles, California. She speaks from a set of historical experiences in which schools were used as much as efforts to attract Native American populations to cities as they were used as tools for ethnocide – to isolate, "de-tribalize" and assimilate them into mainstream society. In these cases where "primitive" cultures and languages were eradicated through such state-sanctioned measures for assimilation in the name of modern progress, research can be an important tool to undo some of the impacts of history.

Bearing these historical experiences in mind, Miye places education at the center of a post-colonial critique of knowledge to challenge the idea of a single macro-educational project. On one hand, she brings forth Indigenous challenges to "decolonize" and reclaim knowledge of and for communities (Smith, [1999] 2012) while, on the other hand, she acknowledges and seeks to create dialogue within the diversity of knowledges for which translation is central (Santos, 2009). Her doctoral work used the trans-local medium of hip-hop culture to explore youth-centric practices that translate various socio-historical experiences and forms of resistance based on young peoples' demands for an "Other" knowledge not taught in schools, especially for creating alternative models of education.

Hip-hop is a cultural movement that emerged from experiences of marginalization among African Americans (and other racial/ethnicized "minorities") in the post-civil rights United States (Perry, 2009). Rap music (its oral, storytelling element) impressed much of the mainstream society as a cultural manifestation of urban decadence, criminality, misogyny and materialism. Hip-hop and rap music are nevertheless about claiming voice and speaking out against oppression. While it is situated within global framings of Black Identity, hip-hop also transcends a single ethnic or racial identity because it identifies with what has been stigmatized in American society and creates space to interrogate and identify with socio-economic injustices as well as with other historically marginalized groups throughout the world. As an approach, it could undercut the colonial metanarrative of knowledge wherein proclaiming presence and asserting the right to difference – among members of the urban Native community in the USA and among African-originary (predominantly Cape Verdean) communities in Lisbon – took place beyond the confines of formal schooling.

In the urban Native community of the San Francisco-Oakland Bay Area, Miye focused on two projects: SNAG Magazine (Seventh Native American Generation), a Native youth magazine/multimedia project, and S.A.V.A.G.E. Family (Standing Against Violent Adversaries and Genocidal Environments), a "headless and faceless" movement that used rap music to speak as one united voice. Both projects shared in their efforts to speak and teach from the contemporary presences and realities of Native American communities. The question of youth and community were placed at the center of these projects, and, in the spirit of hip-hop, so was claiming voice. The co-founder of SNAG Magazine, Ras K'Dee (Pomo) melded his love of music, radio programming, youth/street culture, and youth media into community dynamics. Young people from different tribal affiliations, many of who in addition to being Native American, also come from various ethnic/racial backgrounds could claim and take part in a dynamic, urban

inter-tribal Native American community. As a part of the Bay Area ambience, there were plenty of activities, e.g. magazine workshops, magazine events, performances by Ras K'Dee (and his group, Audiopharmacy), powwows[25], weekly powwow dance practice[26], a film festival, etc. Their presence in the city was not silenced.

SNAG Magazine offered outlets that nuanced various afterschool and counseling programs available to Native youth. As Grande (2004) notes, issues facing Native America are often "culturalized" into mere questions of "Indianness" and identity. On this basis the approaches of S.A.V.A.G.E. Family sought to reflect upon, recover, revive and reimagine Indigenous ways of being by re-creating a sense of family that many young people lacked. Founders of both projects were highly critical of problems afflicting young people, especially the potential ramifications of young people not being heard. Although Hip-hop could never replace traditions, the insertion and use of hip-hop and/or street culture into their approaches nevertheless helped young people build their knowledge of "self." Through incentives to help youth and Native communities at large to reflect up who "we" are as peoples, what "we" have become today and "who" we are "meant to be" both projects sought to offer youth the tools necessary to confront the day-to-day hardships and isolation they experienced at home, in school or among their peers.

Miye wanted to explore these themes through the lens of other historical legacies (both past and present) under the conviction that, should this discussion merely focus on one side the picture, Europe remains, in the words of Chakrabarty (2000), a "sovereign theoretical subject" or abstract and imagined entity from which profound global inequalities and ongoing forms of violence have been contrived.[27] Turning her gaze to the enduring colonial question in Lisbon, Miye's research focused on how hip-hop and the production of rap music were used in Portugal as part of a national program directed towards "social integration."[28] At the time of her study there were a number of State-sponsored studios in neighborhoods that made the production of rap music accessible and supported local community shows and workshops that MCs from different neighborhoods would attend, participate in and/or direct. The institutionalization of hip-hop created an infrastructure of access for the arts, for producing rap music and local shows; however, the politics of its use remained debatable. The national program was primarily a means of crime prevention directed towards disfavored classes, immigrants and descendants of immigrants, as well as ethnic minorities; hence, negatively associated these populations with crime (Maeso et. al, 2010).

The use of hip-hop as a means of intervention initially started among MCs living in the greater Lisbon area or peripheries of Lisbon as they came to perceive it as a tool for education and community development. One MC, Chullage, stated that hip-hop was his first sociology course as it helped him perceive his situation and those of other Black youth in Portugal. For Chullage and others, hip-hop was a means of re-education that could construct positive self-esteem among youth while also recovering "Our History, our Black History" and sense of culture. Finally, most of the rap produced in Lisbon's peripheries largely consists of rap in Creole (or kriolu) due to the high concentration Cape Verdean communities, although non-Cape Verdean practitioners may also produce rap in creole, including other youth and young adults of African descent (e.g. Angolan), Portuguese youth, and even one

[25] Powwows originated from the peoples of the Plains. In contemporary times, they have become a form of intertribal social gathering (if not pan-Indian popular culture) that includes dance, drum music, and the selling of goods.

[26] While powwows were not traditional to many of the youth's trobal origins in the San Francisco-Oakland Bay Area context, learning to dance and putting a dance outfit togeher was a relatively free space of interaction.

[27] According Chakrabarty's argument for the provincialization of Europe, Europe is "an imaginary" enmeshed in all plitical and institutional facets of modernity – the modern nation-state and hegemonic conceptions of race, place, belonging and citizenship. As the birthplace of the "modern", Europe remains the center of all histories. To provinciale Europe and expose these asymmetrical ignorances involves a "subaltern historiography" that pluralizes histories of global power.

[28] The enduring legacies from colonial contact in the Portuguese-speaking world to be virtually absent from "mainstream" discussions on colonialism in the US academy, wich tend to emphasize clichéd references to Spanish conquest and, at least how I perceived it at the time, identity politics recycled to exhaustion from the Civil Rights Era. Brigdes needed be constructed to expand the conversation.

MC of Romani/Gypsy ethnicity. These linguistic distinctions also created rifts between national mainstream and underground hip-hop.

According to the analytical perspective of Pardue (2012) rap kriolu is not only articulated from local sociolinguistic realities, but reflects forms of continuity based on complex experiences of "dis(em)placement." That is to say, its producers articulate experiences of difference at the same time they claim presence and seek political, social and cultural recognition and inclusion in Portugal. The use of kriolu claimed an unapologetic presence – for as a number young MCs asserted: it was Cape Verdeans who rebuilt Lisbon when, upon joining the European Union in 1986, Portugal imported workers to modernize and "catch up" to other European member-states. They had a right to be in Portugal and, rather than aspiring to be ethnically Portuguese, they could create their own ways of being – and to do so in a language which, at the time of research, was not included in schools.

MCs in Lisbon expose what Chakrabarty's calls the "asymmetrical ignorances" by which metropolitan "Europe remains the sovereign theoretical subject of all histories [...and] as the scene of the birth of the modern, continues to dominate the discourse of history" (ibid:27-28). They partake in legacies of anti-colonial struggle in a remapping of Africa through the circulation of knowledge, history and language. Hip-hop has not only framed a way of being in Portugal, but is a global pedagogy that offered a means and a medium to do so.[29] Africa remains a central point of reference in their efforts to proclaim part of what they envision to be a decolonized Portuguese society that might acknowledge and permit Cape Verdean and African-originary communities to partake in the national project – on their own terms.

Through hip-hop, youth of Cape Verdean descent in Lisbon and urban Natives in San Francisco attest to the reality of the Global South in the Global North, exhibiting that decolonization has yet to truly be undertaken in the Global North. Their relationships with hip-hop and their varied forms of participation in educational projects exhibit hip-hop as a space for translation. In other words, it created a space where dialogues based on socio-historical experiences of marginalization may take place in its practitioners search to value languages, knowledges and cultures that have been overwritten by "History" and ignored in classrooms. In their pursuit of another knowledge, young people become teachers who use the medium to re-affirm people and place. In both contexts we see how they have nevertheless struggled to be heard. Offering challenging insight, Moraga and Solorzano (2005) affirm that youth are an often-stigmatized yet important sector of society: "the unfamiliarity with and non-valorization of youth expression is a social obstacle imposed by knowledge and the institutions" (p.100).[30] Miye contends that, as part of a decolonizing approach knowledge, it is of utmost importance to explore the role youth may and do play in knowledge production.

Dialogue and Contributions of Young People to Another Knowledge

We have presented and discussed unique educational projects related to the experiences and necessities of various communities. This effort was based on the premise that education, rather than being an instrument of homogenization/assimilation, is a space of struggle and transformation. The right to education is not only central to achieve the promise of democratic national projects, but to affirm these communities' human right to difference.

While the experiences and contemporary realities of Native Americans in the USA and members of the African Diaspora in Brazil and Portugal may be distinct, education is an essential space to claims selves from historical legacies, which have suppressed, denigrated and even sought to eradicate these differences. Most importantly, we have sought to

[29] Hip-hop also had its limits. On one hand, it perpetuated the silences of Romani/Gipsy populations, another historical presence in Portugal (on the Iberian Peninsula, Europe, and worldwide) and, on the other hand, women and gender (wich are not discussed in this paper).

[30] Translation made by authors.

illustrate and acknowledge the unique role young people have in these respective communities. Youth are not only central to keeping cultures, traditions and languages alive; therein upholding their communities' struggles, but also make unique contributions that are often overlooked.

As young researchers, we admit that we find a certain sense of solidarity with the young people who have contributed to our work. A common objective that we all share has been to interrogate and challenge, in the words of Monica, the "repeated collection of knowledge associated with a culture that is imagined to be 'worth' transmitting". Taking a comparative approach, Miye's work further illustrates how young people use different mediums to gain access to knowledge, languages and histories excluded from standarized education and to convey that information.

As we find ourselves among a group of scholars whose work challenges supremacy of one knowledge system over an "Other's", we also find ourselves in a part of broad-ranging incentives to exert – in the words of Boaventura de Sousa Santos – "alternative ways of thinking about alternatives". We ascertain that youth must be engaged in this dialogue. From generation to generation, across lands, between knowledges and among peoples, our work has shown how alternative approaches through hip-hop culture, multimedia and differentiated curricula exhibit that another knowledge is not only possible, but thrives in day-to-day community dynamics. This rich community-based knowledge also continues to be developed by the participation of young people – even though they may often have to struggle to be heard. Dialogue helps us collaborate in creating a world where diversity can flourish.

Works Cited

Apple, Michael W. (2004). *Ideology and Curriculum.* New York and London: +Routledge Falmer

Araújo, Marta (2008). "Racismo.pt" *in* Teresa Cunha and Sandra Silvestre (eds.) *Somos Diferentes, Somos Iguais: Diversidade, Cidadania, e Educação.* Santa Maria da Feira: Acção para a Justiça e Paz, 25—49

Berger, Guy (2009). "From the epistemology of seeing to the epistemology of hearing" *in Educação, Sociedade & Culturas*, nº 28. CIIE/Edições Afrontamento, 175—192

Chakrabarty, Dipesh (2000). *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference.* Princeton: Princeton University Press

Freire, Paulo (1978). *Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em Processo.* Rio de Janeiro: Paz e Terra

Grande, Sandy (2004). *Red Pedagogy: Native American Social and Political Thought.* Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers Inc.

Maeso, Silvia Rodríguez; Araújo, Marta; Guiot, Olivier (2010). "(Anti-)Racism in Portuguese Policies and Institutions: 'Integration' and 'Accountability' of Immigrants/Minorities as a Solution", CES: TOLERACE Project (working paper) Accessed on 5.10.2011, at www.ces.uc.pt/projectos/tolerace/pages/en/publications/working

Moraga, Mario; Solórzano, Héctor (2005). "Cultura Urbana Hip-Hop: Movimiento Contracultural Emergente en los Jóvens de Iquique" *in Ultima Década*. 13(23), 77—101

Nascimento, Abdias (2009), "Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira" *in* Elisa Larkin Nascimento (ed.), *AFROCENTRICIDADE: uma abordagem epistemológica inovadora.* S. Paulo: Selo Negro, 197—218.

Pardue, Derek (2012), "Cape Verdean Creole and the Politics of Scene-Making in Lisbon", *Journal of Linguistic Anthropology*, 22.2, E42—E60

Perry, Marc D. (2009), "Hip Hop's Diasporic Landscapes of Blackness" *in* West, Michael O.; Martin, William G. Wilkins, Fanon Che (eds.) *From Toussaint to Tupac: the Black International Since the Age of Revolution.* Chapel Hill: The

University of North Carolina Press, 232—258
Santos, Boaventura de Sousa (2009), "Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes", *in* Boaventura de Sousa Santos and Maria Paula Meneses (eds). *Epistemologias do Sul.* Coimbra, Portugal: Editora Almedina, 23—71
Sefa Dei, George J. (1999), "Knowledge and Politics of Social Change: The Implication of AntiRacism" *in The British Journal of Sociology of Education*, 20.3, 395—40
Smith, Linda, (2012), *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples* (2nd ed.). New York: Zed Book

ANEXO IX

Formação com o IDENTIDADES[31]

Projeto: 'Expressoes Artísticas' nas escolas da Comunidade de Conceição das Crioulas.

Quilombo de Conceição das Crioulas
Escola Professor José Mendes
Dia 1/2/3/4/5 de Fevereiro 2010 | 13h30 às 16h30

A proposta de concentrar numa única disciplina a 'Educação Visual' a 'Educação Musical' a 'Dança e o Teatro' e a 'Educação Física', gerou um processo de trabalho em volta da constituição de um programa para esta disciplina/área. Esta tarefa grandiosa foi, desde logo tornada mais complexa, por nela participarem professoras(es) de todas as outras disciplinas na procura de um programa que favoreça e promova a interdisciplinaridade. De imediato se iniciaram as discussões em grupo e em plenário, estabelecendo como meta a identificação de um plano de atividade centrado na disciplina/área das 'Artes', que integrasse a participação das outras disciplinas. Este trabalho teria de atender aos diferentes níveis escolares que existem na escola (ensino fundamental e ensino médio).
Desenhava-se um conjunto de actividades, organizando um esquema estratégico que remetesse as práticas das professoras(es) para o enfrentamento dos dilemas daí resultantes. A discussão alargada promoveu um debate intenso que gerou a decisão de se promover um conjunto de atividades que permitisse a realização em 17 de Julho de uma 'Feira da Criatividade', contribuição para a festa de comemoração do 10º aniversário da AQCC. Com esta decisão o trabalho centrou- se na configuração de quatros temas aglutinadores (dois para o ensino fundamental e dois para o ensino médio), e da escolha do modelo de participação na 'Feira'. Depois de acesa discussão foi combinado realizar com (as)os alunas(os), até à data assinalada, trabalhos em todas as disciplinas mas tendo a disciplina/área das 'Artes' como motora, os seguintes eventos: exposição, sobre a temática 'Artesanato'; música/dança, sobre a temática 'território'; seminário, sobre a temática 'agro-ecologia'; teatro, sobre a temática '15 anos da Escola José Mendes'.
Esta decisão possibilitou a concentração do trabalho na identificação das contribuições precisas de cada disciplina, e de cada ano escolar, para o evento, estabelecendo-se uma nova fase de trabalho que queria assinalar os objetivos de aprendizagem que cada atividade perseguiria, em cada disciplina e para cada ano.
Reflexão: O trabalho realizado não permitiu concentrar as atenções nas questões específicas da organização da nova disciplina, sendo tomado o tempo na procura de um espaço de relacionamento interdisciplinar e de um grupo de atividades a desenvolver com (as)os alunas(os). Esta lacuna remete para os próximos tempos a experimentação, em

[31] Este texto foi retirado dos Anexos do Relatório de Mestrado, capítulo 2. "Projetos. Relatórios feitos em partilha."

contexto letivo, das decisões apenas esboçadas, endereçando a avaliação do acorrido e a sistematização de uma leitura mais interiorizada sobre a nova disciplina/área para a próxima 'formação' (Agosto de 2010).
A discussão realça a necessidade de se encontrar um(a) docente que se concentre nas 'artes', por motivação própria e que se interesse por investir na sua formação, alterando a situação de ausência de atenção existente. A comunidade desenvolve uma luta tenaz pela implementação de um currículo diferenciado que funcione como aglutinador da identidade quilombola, favoreça as suas lutas estabelecendo uma consciência histórica sobre os contextos em que se desenvolve, num quadro de promoção de uma auto-estima que reconheça os valores culturais que detém. Sobre este sentido, são claros os desígnios remetidos para a educação e visíveis, cada dia mais, os estímulos que a atualidade exerce sobre a comunidade. Cada vez menos a comunidade quilombola, presença contínua em certames nacionais e internacionais, vê sua gente sair da comunidade para estudar e trabalhar, num fluxo que vai alagando no território ansiedades de ascensão sócio-cultural, que a televisão espalha com dimensão alienante e a internet possibilita.
Sobre todas estas contradições a escola tem de ser reflexo, interessando medir a sua dimensão para um enfrentamento natural e não dramatizado.
A Escola Professor José Mendes reflete dificuldades pela estranheza da maioria das(os) professoras(es) perante as 'artes' e pela ausência de um(a) professor(a) que se assuma como a(o) responsável por esta área.

Formação com o IDENTIDADES
'Expressões Artísticas' nas escolas da Comunidade de Conceição das Crioulas.
Quilombo de Conceição das Crioulas
Escola Municipal José Néu de Carvalho e Sítio Paula
Dia 1/2/3/4/5 de Fevereiro 2010 | 8h00 às 12h30

O roteiro de trabalho permitiu, logo no primeiro dia, partilhar o trabalho desenvolvido por cada professora com os seus alunos, realizados na sequência da anterior 'formação' (Agosto de 2009). A partir da socialização dessas experiências, e estando os intervenientes 'dentro dos acontecimentos', iniciou-se o trabalho, através da utilização de métodos participativos, ora em grupos ora em plenário, em volta das possibilidades de se realizarem atividades na área das 'Expressões Artísticas' para cada fase etária (alfabetização e educação infantil; 2º e 3º anos; 4º e 5º anos), nas condições concretas das escolas da comunidade e perseguindo os objetivos que a comunidade quer imprimir ao ensino diferenciado que promove.
Uma segunda fase de trabalho foi iniciada, então centrada na tentativa de tornar evidente as aprendizagens que cada atividade poderia desenvolver nos alunos, procurando-se identificar uma consciência de programa e tornando presente o que se poderia designar por objetivos educativos, estabelecendo as finalidades formativas que se pretendem promover. Estabeleceram-se quatro grupos de objetivos (corpo - sentidos; interpretação; socialização; aprender a fazer) em volta do quais foi desenvolvida uma dinâmica de grupo de identificação das aprendizagens que se podem obter com cada atividade anteriormente analisada.
Este trabalho, de alguma complexidade epistemológica, gerou uma primeira visão curricular da presença das 'Expressões Artísticas' no decurso das aprendizagens. Mantendo o método de elaboração de 'livros de trabalho', iniciou- se a elaboração de um livro para cada grupo etário, registando-se neles as atividades adequadas à idade dos alunos e aos objetivos de aprendizagem, de modo a evidenciar o interesse educativo de cada proposta de trabalho.

Reflexão

> "Agir é um processo (...) Utilizemos, em primeiro lugar, o sentido que as metodologias de acção conferem a esta palavra: designam princípio, desenvolvimento e resultado, não como uma linha meramente contínua, mas como o entrecruzar lógico (dialéctico?) de fios que se podem desenrolar, constituindo, desde logo, indicadores de sentido."
> HEMELINE, Daniel, "O educador e a acção sensata" *in Profissão Professor*, Porto Editora,
> 1999, pp.41

As discussões havidas, ricas e participadas, evidenciaram múltiplas possibilidades de se desenvolverem atividades para cada grupo de alunos, sendo evidente o interesse progressivo das professoras em integrarem as actividades de 'Expressões Artísticas' nas suas aulas e as competências que se vão adquirindo com o desenvolvimento deste projeto. Os 'livros' elaborados que registam as atividades desenvolvidas foram analisados, salientando-se a sua importância como registo do acontecido e guia para as aulas.

Considera-se que o trabalho realizado nas anteriores 'formações', consolida uma adesão das professoras às atividades de 'Expressões Artísticas', que entendem o seu valor educativo e enfrentam as suas próprias dificuldades resultantes da insuficiência de formação própria nesta área.

Esta consciência das dificuldades corresponde a uma preocupação exercida nas 'formações' realizadas de não iludir esse campo de fraqueza sobre o domínio dos conceitos, das técnicas e dos procedimentos necessários para o exercício pleno de uma intervenção educativa em 'Artes'. Pretende-se abordar de modo progressivo aquelas questões, sem inibir a atividade letiva, ainda que se promovam, apenas, atividades que possibilitem aos alunos o desenvolvimento das suas capacidades físicas, sensoriais e cognitivas através da realização de atividades livres de 'Expressão Artística', refreando os comentários dos(as) professors(as) sobre os trabalhos dos alunos. tenta-se limitar a exposição do gosto dos professores, inibir o seu comentário 'estético'. Promove- se o desenvolvimento livre do gosto nos alunos, distante da crítica dos professores, a quem se aconselha apenas intervenção no quadro organizacional e técnico das atividades.

Perante as dificuldades sentidas, foi criado um grupo de professoras de coordenação das 'Artes' na escola, de modo a ser possível, no decurso das aulas, ser mantido o esforço de sistematização para a elaboração desejada de um programa para as 'Expressões Artísticas', para cada ano de escolaridade, e a elaboração do respetivo 'manual'.

Consideramos que este trabalho obteve óptimos resultados, sendo de registar um forte empenho das professoras participantes, perspectivando-se para a próxima 'formação' a sua efetivação em contexto preciso de aulas.

O trabalho que vem sendo desenvolvido trilha um caminho pausado mas que começa a dar seus frutos. O desafio seguinte será o de levar para o contexto preciso de aulas as possibilidades de introduzir processos didáticos que favoreçam a realização das atividades propostas, mas introduzam, objetivamente, a intervenção pertinente dos professores perante cada aluno de modo a favorecer as aprendizagens que cada um pode retirar do trabalho que realiza.

O desenho ficou esboçado. As professoras da Escola José Néu e do Sítio Paula vão dar continuidade nas escolas aos projetos tratados, o grupo de coordenação vai ajudar através da sistematização e socialização das experiências.

Em Agosto dar-se-á um novo passo para dentro das salas de aula. Considerou-se exemplar o trabalho realizado no Sítio Paula e no mesmo nível o da Escola José Néu de Carvalho.

ANEXO X

Eu não sou Um nem sou o Outro[32]

Cresci numa zona rural ladeada por alguns centros urbanos, perto de Espinho e de Vila Nova de Gaia, perto do espaço piscatório da Aguda. Uma aldeia que se construiu em volta da Igreja de S. Félix da Marinha, com poucas casas e muito pinhal, isolando essa comunidade do espaço onde tudo se passa, a cidade.

Desde pequena que me posso considerar uma verdadeira investigadora, mesmo sabendo que na altura não fazia a menor ideia do que isso significava. Nas investidas que fazia com o bando de amigos pelos campos e pinhais adentro, sentíamo-nos a descobrir umas quantas maravilhas que transportávamos para casa, onde narrávamos *tim-tim* por *tim-tim* todas as descobertas que fazíamos. Algumas dessas descobertas eram astuciosamente escondidas porque significavam desobedecer a regras que íamos percebendo pelas ordens dos pais, ou por algumas aproximações que nos faziam nos campos privados e que nós, pelo espírito da aventura, gostávamos de penetrar. Ali investigamos terrenos nunca antes descobertos, construímos histórias fascinantes induzidas pelas pessoas e lugares que por algum motivo se apresentavam estranhas e que habitavam esses espaços que ninguém ousava pisar. Quando havia uma investida no sentido de contrariar esses sentimentos, considerávamos muito corajoso e muito valente quem ousava atravessar esse lugar e voltar sem qualquer dano. Descobríamos cavernas do tempo do homem pré-histórico, esqueletos abandonados por ali e induzidos pelos factos rapidamente concluíamos que só podiam ser de animais extintos e que por isso eram possuídos de poderes sobrenaturais. Construímos um barco que nos levaria rio abaixo até chegar ao mar e cujo remo era uma colher de sopa industrial.

Isso é que era um objectivo importante, descer o rio, de barco, para o mar. Investigadores, criativos, miúdos, qualquer que fosse o nome que eu hoje possa atribuir a todas estas vivências, são verdades, mas o que é mais significativo é saber que acima de tudo éramos crianças a quem era dado tempo para vadiar por ali, aprender uns com os outros e construirmo-nos enquanto pessoas, na relação directa com o lugar que habitávamos e entre pares.

Cresci mais um pouco, entrei para a escola e o tempo passou a ser dividido entre a escola e a casa e essas descobertas começaram a ficar para o tempo entendido como fim de semana e férias escolares. Depois mudei de casa e o meu tempo para investigações começou a perder-se, a equipa de investigação tinha desaparecido, não tinha o mesmo espírito de observar, experimentar e partilhar o que tinha aprendido. Mas descobri umas outras quantas coisas. A escola abriu os meus horizontes para outros contextos e obrigou-me a passar mais tempo na cidade, local propício para uma maior variedade de gentes e de culturas.

A vontade de descobrir, o ser curiosa, explorando vários lugares e procurando sempre entender o que me envolve, leva-me hoje a entender essa característica do meu corpo de professora, o meu corpo de investigadora e o meu corpo de artista.

Ir para o terreno, investigar e sonhar e construir-me. Sempre me acompanhou essa necessidade de conhecer, de fazer investidas, de descobrir em grupo, de partilhar descobertas. Em relação à profissão docente, acredito que o professor nunca consegue esvaziar-se das suas experiências e influenciar a consciência no potenciar de situações, assim como o aluno que influencia o espaço com a presença com que se faz sentir enquanto ser individual no colectivo.

Eu não sou Um nem sou o Outro, sou uma construção constante entre o que existe em mim, na relação com os outros e dentro de um contexto.

[32] Este texto é o sub-capítulo 2.5. do Relatório de Mestrado, capítulo 2. Rede de relações estabelecidas.

Por isso, talvez não seja de estranhar todo o caminho que percorri, a pluralidade de situações e a evocação compulsiva desse jorrar de experiências, diversas, contraditórias, conflituosas, mas também convergentes, de onde emerge o sentido com que desenho a presença que pretendo, participativa e contagiante na escola e no mundo.

ANEXO XI

Livro 2006

DIREITOS
IGUAIS
?

TITULO ELEITORAL
VOTO

ANEXO XII

(des)afio/abafo[33]
um exercício de emancipação intelectual

> "Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder agir."
> (RANCIÈRE, 2010:9)

Para introduzir o trabalho de seminário que se desenvolve, devo começar por esclarecer que não consigo descomprometer-me com o facto de escrever para um leitor que me conhece, reconhece e se compromete com o meu trabalho. Sublinhe-se que escrevo para o leitor que necessita de conhecer, reconhecer e comprometer-se com a leitura do que se apresenta perante ele: um paper sobre arte contemporânea, realizado no contexto de Doutoramento em Educação Artística da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no ano de 2010; que se apresenta pela estudante Mónica Faria que concluiu o Mestrado em Ensino de Artes Visuais na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 2010; licenciada em Artes Plásticas - Escultura pela Faculdade de Belas Artes na Universidade do Porto, em 2005 e que estabelece uma significante parte da sua experiência de *saber viver*, em contínua aprendizagem, partindo do canto Sul da Europa para uma parcela do Norte da América do Sul, desde 2003.

> "Mas que uso fazer, no seio da reflexão artística contemporânea, do pensamento de um homem cujo universo artístico pode ser emblematizado pelos nomes de Demóstenes, Racine e Poussin?"
> (RANCIÈRE 2010:7)

Tendo em conta que darei início a uma narrativa que tem o foco de actuação e de reflexão determinada pela distância, esta escrita ganha significado em formato de carta. Acompanha-me constantemente a necessidade de escrever a *carta*, de dizer algo que parte de mim e que é dirigido directamente a alguém, um público presente mesmo que desconhecido. Onde não se separam conteúdo, forma, imagem, tempo e percurso. Dessa maneira orienta-se a minha investigação, passo a passo. Observo, conto e verifico/experimento. Na dificuldade de estabelecer uma ligação na relação triangular em que me situo - professora, investigadora e artista - esta é provavelmente a forma mais sincera de encontrar um centro harmonioso neste triângulo, em forma de escrita e portanto, em Carta.

Assim, defino a forma a este trabalho, onde procuro uma possível resposta para o *paper* de seminário neste doutoramento. Como sempre, em círculo, dou seguimento ao trabalho realizado no contexto de Mestrado "O Mestre e a Aprendiz" (FARIA, 2009) onde me coloquei perante uma possível leitura de entender a minha produção artística baseada no fundir e confundir gerada na oficina do meu pai. Ainda me situo num autêntico espaço de confundir tudo e tudo e com tudo. A certeza que agora coloco é: qual a relação que se estabelece no confundir *de tudo* com a contemporaneidade? Existe algo de contemporâneo nesta atitude? É a atitude contemporanea ou é uma condição social que nos é comum a todos, ao tempo que vivemos? E qual é o todo, que contemporâneo é este, que aqui nos referimos? Contemporaneidade, contemporâneo e contemporânea.

[33] Trabalho realizado para a disciplina de seminário no curso doutoral 2011

São imensas as possibilidades, são imensos os estímulos que as conversas que se desenvolvem e as reflexões que se produzem ou que se denunciam nas aulas - com professores, convidados e colegas - me provocam. São imensos os conteúdos que posso e quero e gostaria de abordar. São imensos. Contudo chega o momento em que num impulso surge o foco que sublinha a urgência de referir algo no percurso que se faz. E este é um momento em que o desafio se transforma em desafabo, se expõe, sai do seu lugar de conchego, ou seja, o momento em que *afio o abafo*.
Nesta escrita pode não estar referida, explicitamente, a palavra *política* contudo está presente em todas as palavras que escolho como parte de outra qualquer coisa. Não sei, na minha insegurança, se falo de sociedade, de mim, da minha mãe, de género, de amor, de poesia, de política ou de filosofia. Sei que o faço com a consciência de que tudo depende de quem é o sujeito e de quem é o narrador e, neste caso, se parte de mim tem que ter o significado de quem sou eu.

(des)abafo

> "É preciso um teatro sem espectadores, no qual quem assiste aprenda, em vez de ser seduzido por imagens, no qual quem assiste se torne participante activo, em vez de ser um *voyeur* passivo."
> (RANCIÈRE, 2010:10)

Numa primeira instância diria, que desde que entrei para o Mestrado em Ensino das Artes Visuais, transformei-me num *voyeur* passivo no que diz respeito ao compromisso com a produção artística, ocupando deliberadamente o lugar de espectador. Mas esse lugar, ao invés da primeira leitura que apresento, remete-me para dois anos de estudo onde a produção artística passou a existir num campo de análise e de investigação assente num dilema entre ser professora e/ou artista, uma relação que se aguça quando confrontada com a prática diária da docência e/ou com a prática diária artística. Ora, a tensão aumenta se considerar que a prática que apresento de ambos os lados são exercícios de reflexão realizados por alguém que ocupa o lugar de espectador "subtraído à posição de observador que examina calmamente o espectáculo que lhe é proposto" (RANCIÈRE, 2010:11). Assim como calmamente, despressuriza-se a tensão no conforto do papel de investigadora.
O início do Mestrado, em 2008, foi marcado pela captura das imagens de um vídeo ainda não editado - mas várias vezes apresentado a amigos, em espaços particulares contextualizados em conversas informais - intitulado "Trança". Ali retive uma narrativa que atinge o clímax no momento em que rapo o cabelo com uma tesoura, depois da minha mãe o pentear várias vezes com penteados diferentes. O cabelo que fica dessa forma em trança, desmaterializa-se e adquire um poder simbólico para se materializar num outro objecto, em peruca. Mas a técnica sobrepõe-se muitas vezes à vontade da obra e do artista, e para o objecto existir seria necessário o dobro da matéria que ali se encontrava. Assim, desde essa data que tenho vindo a deixar crescer o cabelo até este atingir novamente a medida em que o outro se encontrava, para poder voltar a rapar e fazer então a peruca que tanto desejava. Este é o tempo em que a minha obra se desenvolve, em mim. Um tempo muito impróprio à rapidez com que se necessita para ser jovem artista. Todo este acto adquire assim um outro sentido. Não é o objecto que aqui foi posto em causa que apresenta a causa por si só, é mais o efeito que carrega as dualidades de espaço/tempo, simbólico/real. Ainda assim este efeito reforça o carácter performativo sem lugar, sem palco, sem público e sem actor, numa acção que se desenrola. Rege-se num processo biológico onde a matéria ganha corpo com a força e a energia natural imposta pelo dia a dia. Ora se eu acordei, se eu comi, se eu vesti, se eu corri, se eu comi e se eu dormi, então eu cresci. Este acto existe na dúvida de

uma maturação, um crescendo autómato (age por ele próprio) do qual nada pode impedir que assim se desenrole. Tudo existe assente na interrelação humana. Este compasso de espera assume principalmente um ciclo, um tempo de espera, de pausa, e por isso de um vazio cheio de tudo o que contém. Uma evolução que conhece, a partir de um saber empírico, e reconhece o culminar da forma na volta à sua origem. O rapar do cabelo, a peruca, regressa assim às mãos de quem sempre o penteou, neste caso a minha mãe. Este é um tempo marcado também pela dualidade de visibilidade/invisibilidade, apresenta-se perante as diversas fases de assimilação (na relação comigo própria), de comunicação (na relação com o outro) sobretudo no que concerne à linguagem e significado cultural - apresento-me diariamente ora de cabelo rapado, ora de cabelo comprido. Eu enquanto personagem de uma acção que se coloca perante um público não informado e por isso não cúmplice do que vê – assumindo aqui novamente uma posição de espectadora, do meio que me envolve, na procura de estabelecer pontos de relação a respeito da leitura, da importância do significado e valor que ao cabelo se atribui.

"De mim só me falto eu, senhora da minha vida."[34]
Curiosamente, o vídeo não foi editado, muitas coincidências ou intempéries acontecem. Na ausência do domínio técnico que controle o tempo. A primeira tentativa de o tornar público aconteceu este ano, na exposição realizada em Coimbra "All My Independent Women, As Novas Cartas Portuguesas". Na biografia podia ler-se: "Filha de artesãos, Augusto e Deolinda, desenvolve o seu trabalho sempre na procura da relação entre o todo que implica ser social e a prática intelectual que o *fazer* obriga. O vídeo, a escultura e o desenho servem como suporte de apresentação do reflexo das suas cartas ao Outro.". Na sinopse: "*Eu tenho uma carta escrita para ti cara bonita e não tenho por quem a mande.*" Na ficha técnica: "*Trança.* Vídeo: 42''. 2008/2010". Efectivamente o que ficou exposto foi um outro vídeo intitulado "Expiação" de 3' realizado em 2006.

(des)afio

> "Na opinião do filósofo francês não existe ser sem "ser-com" ("être-avec"); o "eu" não existe antes do "nós". Como escreve Nancy: "A existência é essencialmente co-existência".
> (AAVV, 2010:23)

Tenho como desafio procurar estabelecer uma relação com a escrita que possa a determinado momento saltar da primeira pessoa para um colectivo, um grupo. No entanto a necessidade de escrever sempre *me*, *mim*, *migo* implica o reconhecer da existência de *tu*, *te*, *sigo*. O formato de carta surge acima de tudo como uma experiência de comunicação que a partir de um espaço, pode potenciar análise de exterioridade do colectivo no qual me insiro.
E tudo isto resume-se ao desafio da tradução abrir espaço de (do eu pra fora, da experiência do produzir de arte contemporânea- por ex da obra dilatada). Se observei, se falei sobre ele, que leio do que ficou escrito? O que se aprendeu ? Qual a distância entre o que se sabe e o que se ignora? Do visível e o invisível. Enquanto professora como falar de uma obra que vive invisível, e como lhe dar forma? Aproximar o fosso que existe de um tempo desigual de maturação, do ser (professora e aluno) e do seu conceito (da matéria), implica a constante construção do saber como tratar do diálogo da arte contemporânea. Um acto de comunicação? Como explicar o *confundir* constante que existe na contemporaneidade? É aqui que a jogada se efectua, se afirma, se complica. Enquanto artista e enquanto

34 "Meu Fado Meu" Letra de Paulo de Carvalho, música de Paulo de Carvalho, intérprete Mariza.

professora, que compromisso estabeleço com a tradução que efectuo. Colocando-me enquanto espectadora, que relação construo com a imagem que se projecta destas interacções.

Prometer, é afirmar previamente o início de algo. Parte de um lado, colocando o outro na expectativa de que algo aconteça. Da mesma forma que juntei o prefixo *com* a fundir, junto também o prefixo *com* ao prometer, destacando assim o *comprometer*. A partir do que defende Rancière o compromisso, quero eu prever, aproxima a separação possível das inteligências. O compromisso que se fixa, só é possível se os dois lados entenderem em que se envolvem. Esperança para Tradução, partilha, espaço.
Esta tomada de consciência (do compromisso) precisa de tempo. Aqui remeto a contínua aprendizagem que tem vindo a acontecer com a outra parcela do Norte da América do Sul, na comunidade da Conceição das Crioulas, onde se pratica a re-afirmação da frase: "Para falar de mim só falto eu." A comunidade conquista cada dia ferramentas para construir a sua própria imagem de si (em contra peso com os antropólogos, sociólogos...do outro..) esta luta pelo poder de voz colectiva (ser narrador) é a luta política. Tendo em conta as reflexões desenvolvidas no livro *Espectador Emancipado* do já citado Jacques Rancière, ter a consciência que a aproximação de um saber a outro saber, só acontece na vontade e na disponibilidade assente na audição de ambas partes. O comprometer -se fica assente também num acto político. Não se fecha nele, abre-se no diálogo consciente de que no mesmo tempo (século XXI), os tempos/espaços se igualam e se diferenciam, e a distância dos saberes diluí-se neste comprometer constante e diário.

Para encerrar esta carta relembro o inicio da mesma, "Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder agir." (RANCIÈRE, 2010:9)
Uma outra carta se joga no interior desta mesma. Esta, cria uma jogada que iguala dois dos vértices do triângulo – professora, artista – estes dois sujeitos, igualmente narradores que estabelecem primordialmente uma atitude, a de Mestre ignorante (assim defendida por Rancière). Paralelamente eu defendo esta atitude como Professor eterno estagiário, onde a distância entre eles é pouca porque se entendem e colaboram na ideia base. Convidemos então também Paulo Freire para se sentar à mesa. E dessa forma, no compromisso que se estabelece com quem comunica, o caminho desenha-se para a origem: da autonomia, da aproximação dos saberes e da igualdade das inteligências.
Estes sujeitos, professora, artista são ambos espectadores enquanto investigador, na medida em que procuram estabelecer uma menor separação quer da capacidade de conhecer, quer do poder de agir através do compromisso que estabelecem com o que se envolvem.

A carta é imagem. A imagem é forma. A forma é texto.
Se disse isto tudo sobre mim só falta dizer quem sou.

Bibliografia

Faria, Elisabete (2009). "O Mestre e a Aprendiz". Metodologias de Investigação e Intervenção em Educação Artística.
Rancière, Jacques (2010). *O espectador emancipado.* Lisboa: Orfeu Negro.
Rancière, Jacques (2010). *O Mestre ignorante.* Lisboa: Edições Pedago.

Catálogo

AAVV (2010). *Às artes, cidadãos! Fundação de Serralves.* Porto: Fundação de Serralves.

ANEXO XIII

GESTÃO ESCOLAR DIFERENCIADA[35]

Introdução

Que a Educação Escolar precisa acontecer de acordo com a realidade local de cada escola não é uma discussão nova. Porém, como pode a escola trabalhar o local, de forma a aplicar um currículo específico, se a gestão escolar não tiver consciência do meio, autonomia e liberdade para planejar uma ação participativa, pedagógica e diferenciada?
As escolas da comunidade de Conceição das Crioulas se organizam de acordo com o seu calendário escolar específico, um dos instrumentos que marca a história de luta por uma Educação Diferenciada para o território de Conceição das Crioulas. É no planejamento do calendário escolar, que se prevê reuniões de formação para professores/as e a participação de parceiros institucionais onde, coletivamente, se pensa a relação de ensino aprendizagem para as escolas e para a comunidade.

O projeto "expressões artísticas nas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas", é um projeto pensado e realizado em parceria com o movimento intercultural IDENTIDADES. Este projeto permite às nossas escolas pesquisar sobre o MDE (Material Didático Específico) na área das Artes reforçando o conteúdo dialogante entre exterior/interior do espaço físico definido como Escola enriquecendo, simultaneamente, o ensino aprendizagem nos Espaços Educativos da comunidade: na igreja, nos terreiros, na roça, nas festas tradicionais, na biblioteca afro-indígena.

Metodologia

A Educação Escolar Quilombola em Conceição das Crioulas não se limita ao interior das salas de aula. Pesquisar sobre o local é observar, registrar e praticar com o nosso jeito de fazer, aprender e ensinar. Para isso, na Escola José Néu de Carvalho, há uma prática constante de estudos em outros espaços considerados pela comunidade como Espaços Educativos, no sentido de valorizar e ampliar os conhecimentos dos/as estudantes e também dos/as educadores/as. Vale salientar que a ideia de que a Educação Escolar torna-se mais significativa quando se considera, também, que em outros espaços da comunidade há possibilidades de ensino aprendizagem.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) pensa o currículo da escola. E neste caso o currículo proposto pela Secretaria de Educação do município não considerava os vários aspectos da realidade quilombola, como por exemplo, e mais evidente a cultura e a ancestralidade africana, ou as questões do quilombo enquanto território, ou seja, os valores sociais, culturais, históricos e econômicos pareciam dentro do território totalmente desligado das vivências das escolas, tornando o método pedagógico desconexo e sem aplicabilidade prática no dia a dia. Para o município era suficiente remeter as nossas escolas no contexto de escola rural, "isolada". Com isso, a escola Bevenuto Simão de Oliveira pertencia a um conjunto de doze escolas onde, todas elas rurais e "isoladas", eram orientadas a cumprir o mesmo currículo. A reivindicação pela construção de um PPP quilombola surge quando a teoria e a prática pedagógica burocrática não se encontram. Que é o mesmo que dizer que na teoria a escola vivência um projeto quando na realidade aplica outro. É referente a esse processo que se resolve intensificar um conjunto de pesquisas antes iniciado pela, com e na comunidade e, à constituição brasileira entende-se: a realidade da comunidade se aproxima ao currículo e, por sua vez ao PPP.

[35] Artigo apresentado no encontro no Cariri

As pesquisas às quais nos referimos, eram direcionadas principalmente para ouvir as lideranças e pessoas mais velhas da comunidade. A essas pessoas, entre tantas outras coisas, foram perguntadas: O que as escolas devem ensinar? Como devem ensinar? Quem e a quem ensinar? Onde se ensina? Onde se aprende?
As respostas dadas por esse público nos mostrou que o jeito de ensinar imposto às nossas escolas necessitava ser modificado urgentemente e que o que as escolas se propunham a ensinar não impactava positivamente na vida das pessoas.

Resultados e Discussão
O território quilombola de Conceição das Crioulas é o 2o Distrito do Município de Salgueiro, Pernambuco, fica a 42 km entre Salgueiro e a Vila Centro. Dentro do território tem, neste momento, quatro escolas quilombolas: duas de Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Escola José Néu de Carvalho, Vila Centro e Escola Bevenuto Simão de Oliveira, Sítio Paula, a 6 km da Vila Centro; uma de Ensino Fundamental – Anos Finais, Escola Professor José Mendes, Vila Centro; uma de Ensino Médio, Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina, Vila União das Crioulas, a 1 km da Vila Centro. A Escola José Néu de Carvalho oferece, no turno da noite, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) – Ciclo I e II e a Escola Professor José Mendes a EJA – Ciclo III e IV.
Para este encontro decidimos refletir com os exemplos que se concentram nas duas escolas de Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Não queremos com esta decisão dar a entender que as outras escolas não estão aqui contempladas, muito pelo contrário, queremos sublinhar que a gestão escolar diferenciada que defendemos e praticamos no nosso território é pensada como todos/as os/as gestores/as de todas as escolas. Por isso, as referências às escolas devem ser lidas como exemplos, não como exceções. Que estes exemplos nos guiem para o diálogo e para um questionamento das nossas ações, nas nossas escolas, no caminho do crescimento enquanto cidadãos e cidadãs comprometidos/as com o meio social, cultural, ambiental e econômico das nossas comunidades.

A gestão escolar hoje, praticada por educadores/as quilombolas de Conceição das Crioulas, acompanha de perto todos os avanços que a escola e a comunidade desenvolve. Participa nela e interage nela. Nesse contexto, a comunidade tem centrado esforços para que as equipes gestoras das escolas sejam compostas por educadores/as quilombolas da própria comunidade e até então tem sido uma das grandes conquistas do povo de Conceição das Crioulas. Esses/as educadores/as participam da Formação Continuada nas escolas e das formações realizadas pela principal instituição organizacional do povo quilombola de Conceição das Crioulas, a AQCC (Associação Quilombola de Conceição das Crioulas) onde são motivados a realizar pesquisas sobre a comunidade e em suas graduações, nos TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) geralmente utilizam a mesma metodologia. No processo educativo, eles/as assumem o papel de mediadores da relação escola/família/comunidade e participam ativamente na construção do PPP. Com as pesquisas que se desenvolvem é possível confirmar que foi e será um desafio constante para os profissionais de educação implantar uma gestão diferenciada, de forma participativa, onde o coletivo tem maior força de articulação.

Que o modelo de gestão escolar hierárquico e acima de tudo ultrapassado, pelo qual se organizam os sistemas de ensino em nosso país não corresponde e não representa o pensamento e nem os fazeres das populações tradicionais, não é uma constatação recente. No entanto, as ações planejadas e executadas pelos governos, em hipótese alguma sinalizam para a redução de tamanha incompatibilidade. Porém, desafiados pelas pautas de reivindicações dos movimentos sociais e em especial o movimento quilombola, bem como, os resultados de pesquisas e estudos sobre o

ensino público que resultam em vergonhosas revelações sobre as condições em que ainda se encontram enorme parte das escolas públicas brasileiras e principalmente pela colocação ocupada pelo Brasil atualmente, uma minúscula parcela dos/as gestores/as públicos/as começam a inserir tal problemática em seus discursos. Contudo, nem esses conseguem ir além da fala. Pois, os embates políticos entre lideranças/movimento quilombola e gestores/as públicos/as tem confirmado que, mesmo aqueles que verbalmente já apresentam sinais de que estariam compreendendo a gravidade do problema, nos momentos de decisões, imediatamente se reconduzem às suas posições de origens e acionam as atitudes comuns a esse segmento da sociedade. Portanto, as projeções que realmente acontecem, são exatamente aquelas que não colocam em risco a sustentabilidade de modelo de gestão escolar originário do colonialismo e que inexplicavelmente no Brasil – país que se afirma republicano – esse sobrevive intacto. Mesmo nessas circunstâncias, o povo de Conceição das Crioulas, por exemplo, por entender que as escolas do seu território necessitam de um PPP que direcione suas ações associadas aos aspectos históricos, culturais, políticos, sociais e econômicos da comunidade, assumiu o desafio de desenvolver uma forma de gestão escolar quilombola fundamentada no diálogo, nas parcerias e nas consultas à população, principalmente as lideranças. Por isso, tem procurado sensibilizar gestores/as públicos e legislativos, no sentido de que esses venham apoiar as estratégias construtivas já implementadas pelos/as quilombolas ao tempo em que provocam para a utilização de instrumentos legais já existentes que viabilizam a consolidação da forma de gestão escolar condizente com a vida e o desenvolvimento do povo do lugar. É importante dizer que os diálogos entre gestores/as públicos e a comunidade de Conceição das Crioulas, há anos são encerrados sempre com o argumento: a forma de gestão escolar desenvolvida pelo povo de Conceição das Crioulas, não tem amparo legal. Por isso, o reconhecimento da referida forma por parte do poder público é inviável! Então, estrategicamente, nos contrapomos e seguimos a lógica de que também não há leis que proíbam o povo de se organizar. É assim que, com muitas atitudes ousadas, temos conseguido avançar significativamente no que se refere a gestão escolar quilombola específica, diferenciada e intercultural. E fazemos isso, por saber que, entre tantos dispositivos legais que respaldam especificamente os direitos das populações tradicionais podemos citar a Convenção 169 da OIT publicada um Julho de 2004 e que da qual o Brasil é signatário; a Lei 10.639/03, e 11.645/88; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana de Junho de 2005; as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, de 2012. Além do que mesmo as leis que são utilizadas pelos gestores/as públicos como sendo impedimento dispõem a favor do respeito a diversidade, às formas de organizações sociais e a soberania popular. Afinal, somos conscientes de que, a empecilho principal é a falta de boa vontade política e aliada ao temor de que a "ORDEM" e o "PROGRESSO" brasileiro não sobrevivam aos impactos da desierarquização das instituições públicas por parte daqueles/as que historicamente usam dinheiro do povo para eternizar um modelo de gestão pública não mais suportado pela maioria da população.

Uma vez que a comunidade escolar ganhe autonomia para decidir sobre o melhor dia para planejar, o melhor dia para reunir com as famílias e principalmente sobre os projetos a serem vividos na escola de acordo com a necessidade da comunidade escolar e geral estaremos a educar os estudantes com a responsabilidade nas tomadas de decisões do coletivo, provocando uma mudança na sociedade. Como? Diagnosticando-se o problema pertinente no momento e a partir daí elaborar um projeto que possa ser vivido durante o mês letivo, podendo ser ampliado para os meses seguintes, caso necessite, assim o problema identificado é ultrapassado em conjunto.

Desde 2008 que o movimento intercultural IDENTIDADES, Portugal e a AQCC com o apoio da Universidade do Porto, Portugal e da Secretaria Municipal de Educação de Salgueiro, Pernambuco, estabeleceram um programa que inclui

ações de formação específica com oficinas prática-teórica para os/as educadores/as das escolas quilombolas do Município. Sendo que as oficinas aconteciam para os/as educadores/as no território da Conceição das Crioulas e mais tarde esses/as mesmos/as educadores/as seriam os/as formadores/as para o resto do Município de Salgueiro. A parceria entre o IDENTIDADES e a AQCC começou em 2003. Quem nos apresentou foi o CCLF (Centro de Cultura Luiz Freire), Olinda, parceria que a AQCC já mantinha.

Desde esse ano que estes encontros aconteceram no tempo do recesso do calendário escolar específico para o território quilombola, conquista adquirida em 2001. Mas não foi uma conquista fácil! Antes da escola Professor José Mendes o calendário era definido pela Secretaria do Município. Quando a escola inaugurou em Maio de 1995, inaugurou com o turno do dia e da noite. Os/as estudantes da noite eram maioritariamente as lideranças da comunidade, muitas delas voltavam à escola para prosseguir ou concluir os seus estudos. Em Junho, mês seguinte, levantou-se o primeiro problema: na comunidade celebra-se o S.João com recesso em dois dias, 23 e 24 de Junho enquanto que no Município apenas no dia 24. Em Julho segundo problema: o Município faz o recesso escolar de quinze dias, mas na comunidade não existe uma justificativa maior para cumprir nessas datas. Já em Agosto, para a comunidade, tem a grande festa de Nossa Senhora de Assunção, que sempre foi celebrada no período de 5 a 15 do referido mês. Esse foi o terceiro e grande problema. Os/as estudantes não foram à escola um único dia nessa data. Era preciso ir e fazer a novena, montar a feira, encontrar os amigos, as vizinhas, as visitas de outros lugares, ainda tinha o forró... Duas semanas intensas de encontros e confraternização.

Givânia Silva, diretora da escola, logo após a festa leva esta dificuldade para a sala de aula e conversa com os/as estudantes, também lideranças. Encontraram uma proposta para resolver a questão: não ter recesso em Julho mas sim em Agosto. A proposta foi apresentada à Prefeita Creuza que aceitou a mudança. De maneira que em 1996 a escola praticava pela primeira vez o calendário específico. Mas tudo muda com as novas eleições, quando ganha a oposição.

Em 1997 acontece um retrocesso nas conquistas e no papel que a comunidade começava a ocupar. Primeira providência que o novo Prefeito tomou foi tirar os/as professores/as que haviam iniciado o processo e colocar outros/as professores/asdo Município e a segunda providência, fechar o turno da noite. Os argumentos foram: a comunidade é muito violenta para ter o turno da noite, e existe a opção de estudar de dia, portanto quem não pode estudar não estuda. Mas o povo de Conceição das Crioulas é um povo de luta. E quando chegou a altura do recesso em Julho, duas professoras, Márcia do Nascimento e Silvanete Maria da Silva mantinham a escola aberta e recebiam os/as estudantes que queriam estudar nesse período, porém obrigaram à força o encerramento da escola nesse período. Quando chegou a Agosto independentemente da presença dos/as professores/as nenhum estudante compareceu. A gestão da escola terminou por retirar Silvanete Maria da Silva da escola, professora simpatizante da causa quilombola. E começaram as conversas sobre a Lei da Constituição Brasileira, a equipe gestora afirmava que a proposta que o povo quilombola apresentava era anticonstitucional, por isso era muito grave porque o calendário escolar tinha que dividir o ano em dois semestres iguais e essa atitude era punida por Lei. Mesmo assim, em 1998 foi alterado o calendário, porém assunto específico nenhum foi trabalhado, a única diferenciação foi só no recesso e mais nada. E assim ficou até ao final do ano 2000. Mas a escola é um dos instrumentos de luta na comunidade, e enquanto a equipe gestora não se altera, outros movimentos dão continuidade. Assim em 17 de Julho de 2000 inaugura-se a AQCC que entre outras demandas, como a regularização fundiária, tinha na ordem de objetivos a educação específica e diferenciada.

Chega 2001 e Creuza volta a ser eleita. Com ela a discussão volta a ocupar a prioridade, desta vez o diálogo que queríamos com o Município era sobre o calendário sócio-cultural da comunidade, com o jeito e o fazer próprios locais, cumprindo os duzentos dias letivos. Esta conversa era importante para que a escola tivesse autonomia de

se organizar de acordo com as datas importantes na comunidade, como aniversário da escola, o dia da Consciência Negra, entre outros.Neste processo de luta por uma equipe gestora quilombola que lute e represente a escola onde cumpre a sua funções sociais de acordo com a comunidade em que se insere, desde muito cedo, a comunidade escolar foi entendida como um todo, equipe gestora, professores/as, estudantes, merendeiras, vigilantes, família, lideranças, assente num processo de diálogo. Este início comprometeu de imediato a presença dos pais e das famílias nas tomadas de decisões.

Se dizemos que cada local tem a sua especificidade, dizemos também que dentro do território quilombola cada Sítio é específico e a escola Bevenuto Simão de Oliveira no Sítio Paula, mostrava uma outra realidade, pois até 2008 não havia equipe gestora. Ao invés, tinha uma coordenadora pedagógica municipal que coordenava todas as escolas multisseriadas do campo, um núcleo de doze escolas. Na maioria das vezes ou havia desencontros, ou chegava atrasada às reuniões ou, muitas vezes, não comparecia por algum motivo. A escola necessitava de um outro modelo de equipe gestora. Por isso, em 2008 a escola ganhou uma coordenação da própria comunidade, e mesmo com a nova coordenação indicada pela secretaria,ainda havia resistência da parte dos pais. Os pais acreditavam na coordenação indicada mas não acreditavam nos/as educadores/as quilombolas. Foi no diálogo e respeitando a especificidade daquele lugar que se propôs uma nova ação e a coordenação junto com os/as educadores/as traça como principal meta ter as famílias na escola nas reuniões mensais, confraternizações ou, ao menos, na entrega dos resultados dos/as estudantes.

A gestão junto com as educadoras, todas da comunidade, mudaram as estratégias das reuniões começando por ver o melhor dia e o melhor horário para os pais, a exemplo: as reuniões aconteciam de manhã e durante a semana porque era quando a antiga coordenação podia estar presente, embora não fosse o melhor horário para os pais que trabalham na roça da parte da manhã. Sendo assim a proposta encontrada seria mudar as reuniões para a parte da tarde, ao sábado ou até mesmo à noite. Para além dessa mudança, as reuniões seriam um espaço aberto para a participação de todos, não limitando só para o pai e para a mãe. Para além disso, passamos a enviar convites, pois até então eram chamados para as reuniões verbalmente através de recados. Quarta ação: organizamos a reunião com uma pauta de trabalho que os seguintes passos: acolhida, textos reflexivos, valorizando a socialização de cada participante. Nas reuniões deixamos de denunciar algumas atitudes dos/as estudantes e, em vez disso, passamos a dar ênfase às boas ações que praticavam, elogiando junto com eles/as as atividades desenvolvidas pelos estudantes, seus filhos e filhas: como tinha sido feita a atividade; o que eles/elas tinham aprendido; o passo a passo da aprendizagem, valorizando as práticas vivenciadas. As apresentações eram feitas com mostra de fotografias realizadas com os/as estudantes, nos mais diversos momentos, como: brincadeiras, momentos de aprendizagens dinâmicos e engraçados. As famílias, também, passaram a participar na prestação de contas de PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) dando opiniões do que se deve comprar, ou não porque já tinha, para a escola. Foi constituído o Conselho Escolar com a representação e a participação dos pais, anteriormente esse Conselho era constituído por um/a representante (merendeira, professora, pai) de cada uma das doze escolas consideradas Escolas Multisseriadas de Salgueiro.

Em 2008 convidamos os pais para verem os resultados dos/as estudantes no final da atividade e só apareceu um pai. Para além da confiança das famílias no método de ensino aprendizagem que nos propúnhamos, também tínhamos o objetivo de ter as famílias a participar na escola. Foi na reflexão coletiva da comunidade escolar que se traçou as metas apresentadas, para atingir em cinco anos, algumas conseguimos atingir em três anos, assim, dessa forma, conquistamos a confiança das famílias que passaram a acreditar que os/as estudantes aprendem a partir do meio ambiente onde habitam. Hoje, nem um pai falta ao convite da escola, quando falta preocupa-se em apresentar a

justificativa tendo em conta o compromisso que estabeleceu, no entanto continuamos na luta e à procura de estratégias para a falta a participação pedagógica, que ainda não é completa.
Voltamos a 2003 e aos festejos da grande padroeira da comunidade. A AQCC promovia, então, uma programação cultural com o objetivo de fortalecer a identidade étnica e elevar a auto-estima do povo de Conceição das Crioulas. Para isso, foram realizadas oficinas de História Africana, Artes Plásticas, Contação de História, Dança e Teatro. Tendo em conta que o movimento intercultural IDENTIDADES se move em intercâmbios entre comunidades em Moçambique, Cabo Verde, Brasil e Portugal, apresença da nova parceria, que surgia, dava os primeiros passos nas artes plásticas, com participação portuguesa e no teatro com a participação moçambicana.
Até 2006, as oficinas eram propostas para Jovens e Adultos, mas em Agosto deste mesmo ano, a proposta tinha o objetivo de trabalhar com as professoras das escolas quilombolas para, em conjunto pensar o formato de trabalhar conteúdos pedagógicos na área das artes e contribuir para a construção do currículo diferenciado, eram oficinas com o caráter de formação específica. O trabalho realizado nas oficinas seria transportado para a sala de aula. Contudo, de 2006 a 2008 as professoras que podiam participar eram as que moravam na Vila Centro porque as atividades aconteciam no recesso escolar de Agosto e as outras professoras que moravam longe não tinham como deslocar-se. É em 2008 que reunimos com a Prefeitura e apresentamos o projeto „ expressões artísticas nas escolas quilombolas da comunidade de Conceição das Crioulas, partindo das experiências já obtidas, das conversas e das reuniões realizadas e das expectativas que pretendíamos alcançar. Foi assim que em 2009 tivemos a primeira formação com todos/as os/as professores/as quilombolas da comunidade, nas instalações da escola José Néu de Carvalho. Em 2010, tendo em conta, que as professoras da escola Bevenuto Simão de Oliveira não tinham participado nas atividades anteriores a 2008, uma parte da formação aconteceu pela primeira vez na escola do Sítio Paula.

A escola tem que saber viver e aplicar na prática escolar o resultado dos encontros com os parceiros, para isso é preciso saber quando e como colocar. Nestes últimos cinco anos esta participação foi muito positiva. A exemplo, a proposta pedagógica que decidimos implementar, depois da formação prática-teórica em artes realizada com o IDENTIDADES em Agosto de 2010. A Escola Multisseriada Bevenuto Simão de Oliveira, Sítio Paula entendendo que as crianças de 5 anos de idade são capazes de dizer o território que temos e o território que queremos, precisou de envolver essas crianças na pesquisa do GT (Grupo de Trabalho do Território) essa discussão aconteceu no dia 12 de Novembro de 2011 no CPA (Centro de Produção Artesanal):quais são os destinos do território? E porque é que é importante as escolas participarem? Para melhorar esse entendimento num planejamento no dia 16 de Novembro de 2011 de 8h00 às 16h00 já sendo uma prática da escola reúnem-se educadores/as, coordenadora, representante de pais e de estudantes com o objetivo de procurar métodos de como realizar esse trabalho, o de ensinar o que é território de uma maneira dinâmica para um público de apenas 5 anos de idade. Logo entendemos que a oralidade, a fala e a escuta seria o ponto de partida para adquirir esse conhecimento. O quê complementaria mais ainda a valorização da oralidade? Então optamos pelas artes: o desenho e a pintura. No mesmo momento já mapeamos os locais de aprendizagem da nossa comunidade como: a igreja de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e da comunidade, a APRSP (Associação dos Produtores Rurais do Sítio Paula), o campo de futebol, riachos, açudes, lageiros e outros. Mapeamos também as comunidades a serem visitadas e mapeamos as entrevistas que íam ser realizadas às pessoas: D. Liosa, Narcinha, Maria Josefa, dentre outros. Fizemos o levantamento de alguns vídeos para serem mostrados. Estimamos um mês letivo para desenvolver estas atividades com os/as estudantes.
Em Agosto de 2010 quando foi promovida a oficina prática-teórica onde participaram educadoras, coordenadora e

estudantes, utilizou-se materiais que temos na comunidade tais como: pau, cipó, pedra, talos de plantas, terra, folhas verdes e secas, e a partir das cores primárias partimos à descoberta de todas as outras cores para contar histórias em formas de desenhos e pinturas. O grupo fez a coleta desses materiais e foi aí que surgiu a iniciativa de construir e vivenciar o projeto "Arte em Toda a Parte", que ainda hoje acontece. Nessa oficina, de coleta desses materiais, inicialmente as educadoras experimentaram as atividades a serem levadas para a sala de aula. No decorrer do projeto fizemos passeio pelo território com as crianças para junto das pessoas mais velhas recolher as histórias do nosso povo e dos lugares mais importantes do nosso território. Ao retornar para a sala de aula, os estudantes construíram maquetes desses espaços e recontaram as histórias que ouviram através de croquis, desenhos e pinturas utilizando os materiais que temos na comunidade e a partir da mistura de cores.

De acordo com o nível de cada turma as educadoras elaboraram um questionário, alguns orais outros escritos com espaço para perguntas espontâneas. O público a ser entrevistado foi, então, escolhido pelas educadoras e estudantes de acordo com o conhecimento que cada pessoas poderia ter sobre o assunto a ser pesquisado.

Para saber a história da escola elaboramos um questionário sobre a vida de Bevenuto Simão de Oliveira (falecido), homem parteiro, tocador de pífano e rezador, foi ele quem fez a doação do terreno para construir a escola. Foram entrevistados/as: sua esposa Maria Josefa, hoje com 96 anos; seu único filho morador desta comunidade, Vital Maria com 56 anos e sua nora Cleunice Maria da Silva, 45 anos. A partir desta coleta de dados os/as estudantes contaram a história em forma de desenho ampliado em papel madeira. Material esse, guardado no arquivo da escola para futuras pesquisas.

Rita Luiza da Silva, Presidente da Associação dos Produtores Rurais do Sítio Paula José Tomás da Silva (antes conhecida como APRSP) conta para os/as estudantes do 5oano-Ciclo II que no ano de 1995 foi fundada esse associação pelos próprios moradores por necessidade de se organizarem enquanto agricultores. Como não tinha sede própria, as reuniões aconteciam aos domingos na escola. Só no ano de 2008 é que ganham sede própria, com o apoio da AQCC na compra de materiais de construção através do projeto "Criança Esperança" com o parceiro ActionAid, e principalmente, com a mão de obra voluntária dos moradores da comunidade. Com o resultado dessa pesquisa os estudantes construíram a maquete da associação utilizando papelão, tinta, régua e cola. Pintaram também o Presidente que fundou a associação José Tomás da Silva (falecido) e a atual Presidente Rita Luiza da Silva, 64 anos.

Para contar a história da comunidade foram entrevistadas várias pessoas mais velhas: Abel Domingos (falecido com 92 anos, no ano de 2013); António Miguel Gomes, 64 anos; Hosana Josefa da Conceição, 91 nos. Fomos também, pesquisar nos arquivos da escola entrevistas realizadas anteriormente, como exemplo, a entrevista realizada a António Gabriel (falecido). Com o resultado dessa pesquisa os/as estudantes construíram o croqui e a maquete da comunidade. Para conhecer o território foram promovidos passeios na Vila Centro e Sítios vizinhos utilizando o transporte escolar. No retorno para a escola os/as estudantes pintaram e desenharam os pontos que acharam mais importantes como açudes, serras, riachos, árvores, bichos, casas, estradas, trajeto, campo de futebol e pessoas.

Foi feito na escola a culminância: uma exposição dos desenhos, pinturas, croquis, maquetes, fotografias e histórias dramatizadas e histórias contadas oralmente pelos/as estudantes.

Tal como o nome sugere "Arte em Toda a Parte" é uma proposta de pesquisa consolidada numa relação de saberes, nas suas diversas formas de arte, presentes na comunidade e transportadas para a sala de aula. A inspiração que alimenta esta pedagogia é que a própria comunidade possa ser criadora e autora dos seus próprios recursos e métodos de aprendizagem sem renunciar ao contacto com o exterior da comunidade. A verdade é que desta forma a identificação e a pertença ao conteúdo a tratar torna-se mais próximo da pessoa que se envolve permitindo, por

um lado a participação pedagógica com a familia, por outro obter MDE, alimentando a pesquisa de um currículo diferenciado na construção do PPP e, para além disso,criar um caminho de leitura mais acessível para outras realidades, como por exemplo, como funciona a vida em outros lugares, urbano, rural, sítio?

Com isso percebeu-se que não é suficiente desenvolver saberes e competências dentro do espaço escolar: é preciso que conheçam a história do seu povo e que este seja o contador da mesma; é preciso que compreendam como e porque é que são tomadas certas decisões no sistema de ensino; é preciso que saibam quais são as relações de poder que existe nessas decisões, com o objetivo de um processo educativo participativo democrático tanto formal quanto não formal; é preciso entender que a construção de uma gestão escolar quilombola diferenciada, participativa, implica repensar a lógica da organização e participação nas relações sociais, da qual fazem parte.
Os desafios colocados seguem nesta perspetiva, muito útil aos objetivos da gestão escolar quilombola de Conceição das Crioulas, percebendo que o modelo de gestão escolar diferenciada não está isolada do sistema social, político e cultural; assim como compreender que, enquanto profissional da educação se tem uma importante função a exercer e a oportunizar meios para uma educação diferenciada e de qualidade.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Ministério da Educação e Cultura. Plano Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.* Brasília: MEC/SECAD, 2003
_____. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de educação (CNE). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação escolar Quilombola: algumas informações.* Brasília, 2011.
CRIOULAS: A VOZ DA RESISTÊNCIA. Salgueiro, ano 1, nº 1, maio 2003
_____. Salgueiro, ano 1, nº 3, novembro 2003
_____. Salgueiro, ano 2, nº 4, maio 2004
_____. Salgueiro, ano 2, nº 5, agosto 2004
_____. Salgueiro, edição nº 12, 2009
Freire, Paulo; Shor, Ira. *Medo e Ousadia O cotidiano do professor.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. QUILOMBOLAS Direito ao Futuro. 2006. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.
Silva, Givânia Maria. *Educação como processo de luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas.* 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

Currículo resumido das autoras

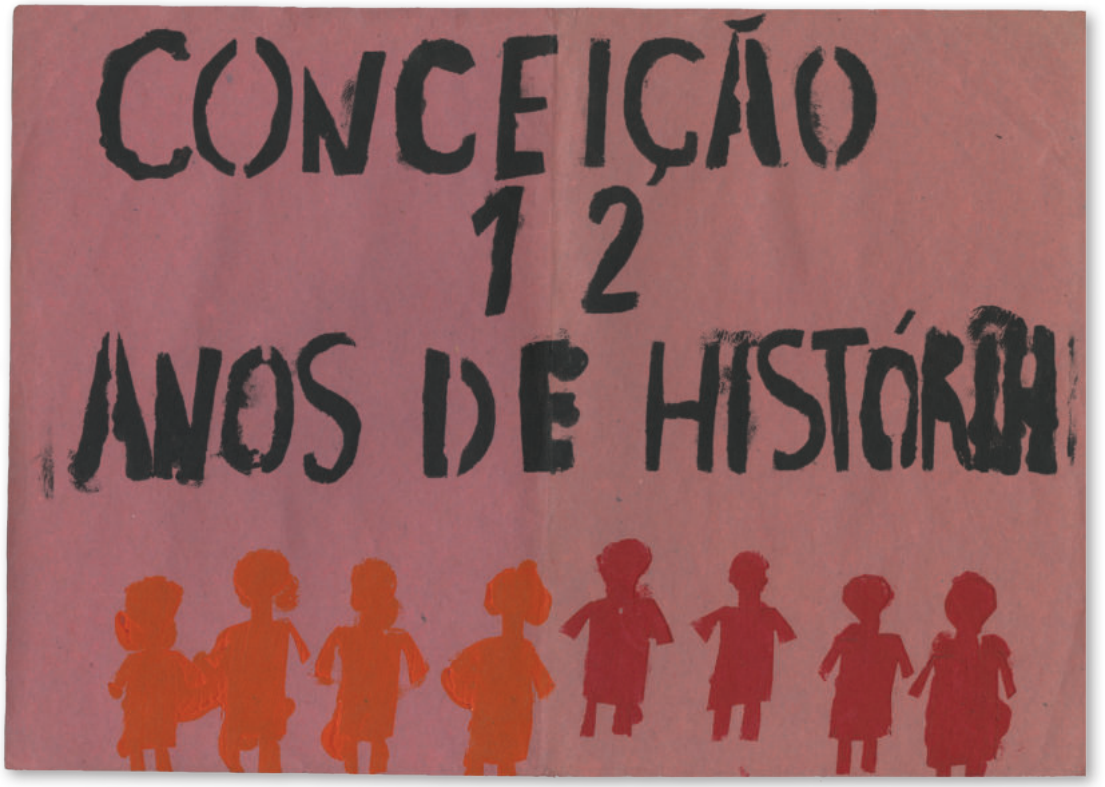
Maria Diva Rodrigues
Filha do agricultor João Umbelino e da agricultora e artesã Maria de Lourdes.
Nascida no núcleo Mulungu, onde ensinou por vários anos, bem como no núcleo Olho D'aguinha. Sua vida estudantil foi na cidade de Salgueiro, tendo sido cursista do Proformação. Como integrante da comissão de educação, integrou o grupo de trabalho criado pelo prefeito de Salgueiro para elaborar o projeto de lei que cria a categoria de professor(a) quilombola. Foi membro da coordenação da ASPAPP e AQCC. Pedagoga e especialista em programação do ensino da língua portuguesa, foi gestora da Escola Professor José Mendes. É atual gestora da Escola José Néu de Carvalho.

Marinalva Rita da Silva
Filha dos agricultores José de Osana e Rita Luiza. Nasceu no Sítio Paula e seus estudos foram na cidade de Salgueiro. Ensinou em várias escolas do Município, hoje é coordenadora da Escola Bevenuto Simão de Oliveira, no local onde nasceu. É graduada em Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central - FACHUSC.

Mónica Faria
Filha do metalúrgico Augusto Faria e da artesã Deolinda Faria. Nasceu em Espinho, Portugal. Licenciou-se em Artes Plásticas-Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Ensinou em várias escolas do Distrito do Porto. Mestre em Ensino de Artes Visuais pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Neste momento bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia, pertence ao Núcleo de Investigação de Educação Artística do i2ADS, a desenvolver pesquisa na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, doutoranda no Curso Doutoral Educação Artística, na Faculdade de Belas Artes e da Universidade do Porto.

ANEXO XIV

Livro 2007



Escola Professor José Mendes

Espaço de conquistas

A escola José Mendes
Em 95 construída
A luta foi muito grande
Pois as opiniões eram divididas

Muitas pessoas ajudaram
Muitas foram contra
Pois sempre foram ensinadas
Que na educação nada se encontra

No inicio de tudo
O espaço era suficiente
O tempo foi passando
E a comunidade consciente
A escola foi procurando

A luta não parou
Pois o ensino era até oitava
A comunidade animada
Viu que até aí não bastava

Para a implantação do segundo grau
A comunidade sempre determinada
Houve o grande investimento
E a escola foi ampliada

Apesar de só haver
Duas professoras no lugar
Os alunos eram ensinados
A cultura preservar

Muita coisa modificou
Os professores são da comunidade
E com muita resistência
Fizeram a faculdade

Diva, Givânia, Márcia e Maria
Primeiras que fizeram faculdade
Com muita determinação
Superaram as dificuldades

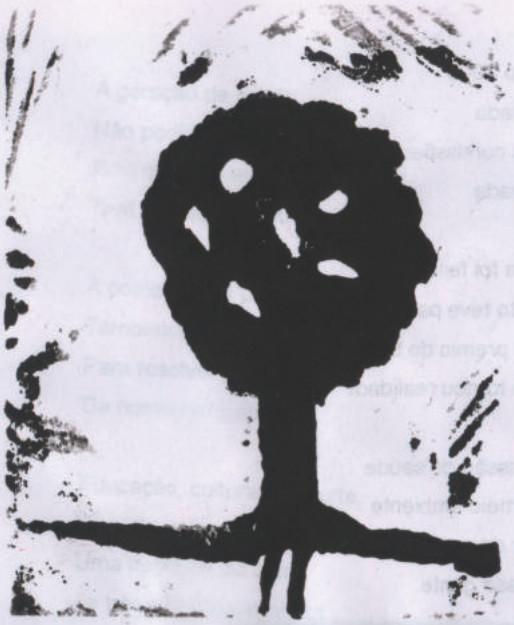
Primeiro professora
Catequista e diretora
Givânia é um grande exemplo
Ela é uma batalhadora

A uma vaga do legislativo
Givânia se candidatou
Com o apoio do seu povo
Para vereadora ela ganhou

Muito ela tem feito
Na câmera de vereadores
E com a ministra da SEPPIR
Luta contra os opressores

Em todo esse processo
Givânia está presente
Por entender que o povo
De igualdade deve ser consciente

Nina Oliveira



Meus cumprimentos, colegas.
Leiam com atenção
Que vou falar da AQCC
Pois ela tem uma grande missão

Bem no ano 2000
Ela foi fundada
Com varias comissões
Ela foi formada

Sua compra foi feita
O artesanato teve parte
Pois com o premio do banco mundial
O sonho se tornou realidade

Tem a comissão de saúde
E também meio ambiente
Para cuidar da saúde
De toda nossa gente

A geração de renda
Não podia faltar
Nela o artesanato
Tem destaque popular

A comissão de patrimônio
Também foi criada
Para resolver situações
Da nossa terra amada

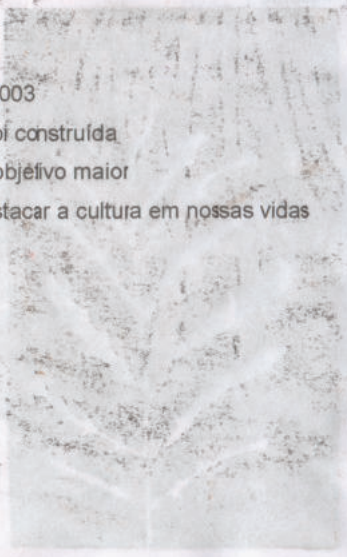
Educação, cultura e esporte.
São três coisas importantes
Uma depende da outra
As três são interessantes

A comunicação não podia faltar
Existe um grupo especial
Discutindo a comunicação do lugar

Agora vou mostrar
Algumas obras importantes
O C P A e a biblioteca
Que antes era só um sonho distante

Existe em Conceição
Um espaço privilegiado
Eu estou falando da biblioteca
E seus livros variados

Em 2003
Ela foi construída
Seu objetivo maior
É destacar a cultura em nossas vidas



Lá existem sete funcionários
Todos a trabalhar
Para que a cultura
Seja importante aqui ou em qualquer lugar

Existe o C.P.A.
Seu significado vou dizer
Centro de produção Artesanal
Para você não esquecer

Este nome é novo
Existia outro também
Era casa da comunidade
Construída por muita gente

Com o passar dos tempos
A casa ficou pequena
A AQCC e seus parceiros
Com doações financeiras
Realizaram o sonho dessa gente

Agora vou terminar
Esses meus versos improvisados
Mas, o objetivo maior.
Acredito ter alcançado
Que é apresentar para o povo
Alguns espaços conquistados

Em 1993, quando Dona Cleuza assumiu a prefeitura pela primeira vez o posto de saúde só existia o prédio e uma das metas foi fazer o posto funcionar, colocando no mesmo um médico e atendente e capacitar parteiras da comunidade para os partos urgentes que surgirem. Entre 1998 e 2000 o posto voltou a funcionar só o prédio. A partir de 2001 Dona Cleuza voltou a assumir o comando da prefeitura e o posto voltou a funcionar com um novo perfil com a equipe da saúde da família: Medico, atendente, odontólogo,

enfermeira e profissionais todos diplomados, para exercer a profissão,e também ampliou o numero de agentes, para atender as famílias no distrito.O prédio foi construído pela Fundação Nacional de Saúde e tem previsão de ser ampliado

PETI Significa: Programa de Erradicação de Trabalho Infantil

Objetivo: Resgatar a auto-estima das crianças e adolescentes

Como: Através de brincadeiras, artes e esportes

Função do PETI: Retirar as crianças do trabalho infantil

Observação: que não é o caso de Conceição das Crioulas

Com certeza:
O PETI teve inicio na vila de Conceição das Crioulas em 2001 com a equipe: Adalmir, na área de esporte; Andrelino, na área de arte; Ocelme como professora de reforço e Cicera na cantina cuidando da alimentação, servindo um lanche no inicio e almoço na saída.
No sitio Paula funciona uma extensão com a professora Cleide e tinha como coordenadora desse trabalho Maria Zélia. No inicio desse programa segunda a ex-coordenadora Maria Zélia começou com 70 alunos na vila centro e 25 no Sitio Paula. Atualmente o quadro de funcionários sofreu algumas mudanças, no esporte está Josenildo, no reforço a professora Claudineide e na coordenação a professora e artesã Maria de Lourdes.
Agora, no ano de 2007 estão com 76 alunos nas duas escolas e permanece o mesmo número na extensão no Sitio Paula, informa a coordenadora atual.
Observação: TODO O ALUNO QUE ESTÁ NO PETI PRECISA FREQUENTAR A ESCOLA.

Rádio Comunitária

A Comunicação é um instrumento de luta muito forte na comunidade, sabendo disto a AQCC tem concentrado esforços para conquistar meios de comunicação. Em parceria com OXFAM, CCLF, MDA, ACTIONAID e o grupo Identidades conseguimos construir o Jornal Crioulas, formamos o grupo Crioulas Vídeo, mas como nem todas as pessoas têm acesso aos documentários e ao jornal Crioulas estamos lutando com muita garra para conquistar uma rádio comunitária. A idéia foi abraçada por todos e todas, já percebemos que é muito difícil vencer a burocracia, no entanto aprendemos a ser insistentes para atingir os nossos objetivos.

No futuro muito em breve as pessoas residentes no território serão beneficiadas com a efetivação do direito a ouvir noticias através da rádio Crioulas FM.

Jornal Crioulas

A comunicação em Conceição das Crioulas até 2002 era através de telefonemas que nem todos tinham acesso cartas, recados, relatos, orelhão quando tinha dinheiro para comprar um cartão, enfim, funcionava mais ou menos assim, mesmo com todos esses processos a vontade que o povo da conceição das crioulas tinha para a conquista de mais um meio de se comunicar para o mundo era muito grande, foi então quando tivemos a idéia de um jornal que nele pudéssemos contar todas as nossas conquistas, isso com o objetivo de ampliar a comunicação interna e externa de conceição como também da causa quilombola, o Jornal Crioulas foi lançado em 2002 e em 2003 deu-se continuidade às oficinas de comunicação tendo como produto o Crioulas A voz da resistência, que é um informativo trimestral da AQCC, nesse período de 2003 forma lançados a 2ª edição em Agosto e a terceira em Novembro.

Crioulas A voz da resistência tem conseguido fortalecer a luta especifica da comunidade, é tanto que a comissão de comunicação da AQCC tem cada vez mais se apropriado dos processos de produção do informativo que além de ser distribuído para as comunidades quilombolas e na articulação nacional, é utilizado como instrumento de fortalecimento da identidade de conceição. Um outro avanço que esse teve com o Crioulas é que tem sido um importante subsidio nas escolas da área, tem aproximado pessoas que defendem a causa não só em conceição e em Pernambuco mas em outras regiões como o Morro do Macaco no Rio de Janeiro.

Entrevista ao Crioulas Vídeo

Penha: Como surgiu e de quem foi a idéia de se criar o Crioulas vídeo na comunidade?

Crioulas Vídeo: Surgiu em 2005 com a parceria da AQCC com o Identidades. Através de uma oficina com duração de cinco dias onde aprendemos técnicas de edição, apresentação, direção e cinegrafia.

P: Quem e quantas são as pessoas que compõem atualmente o CV?

CV: São nove pessoas: Neane, Kêka, Lena, Clécia, Marta, Tico, Cícero, Martinho e Adalmir.

P: Qual o objetivo do CV?

CV: Registrar acontecimentos dentro e fora da comunidade, resgatar a cultura dos povos tradicionais, gerar renda, fortalecer a causa quilombola e criar parceria com os simpatizantes.

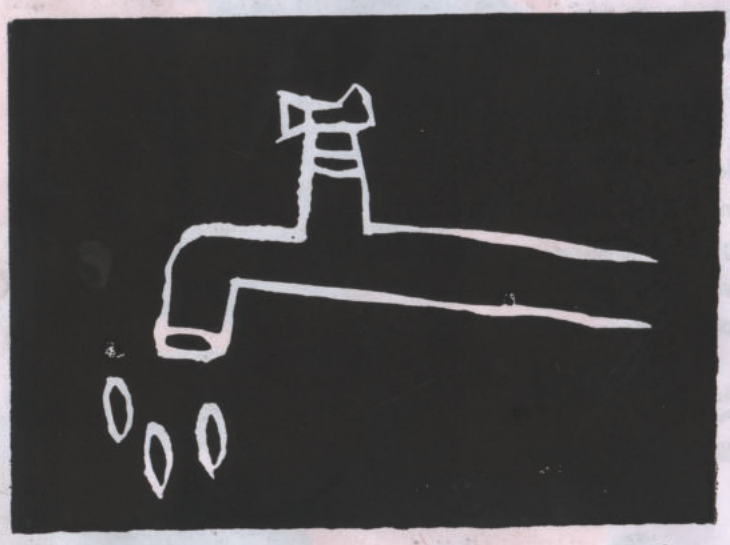
P: Quem financia o grupo CV?

CV: Não temos financiadores, é através dos documentários que fazemos daí então a remuneração fica para manutenção do CV.

Correio

O local que hoje está localizado por correio, foi inaugurado em 1986 como posto telefônico. Iniciando com os funcionários: João Evangelista e Irailde. Depois vieram outras bem como: Maria Alzira, Lúcia, Graça, Aparecida Mendes, Aparecida Silva, Ana e Maricélia. Sendo Maricélia a última pessoa que trabalhou naquele espaço como posto telefônico, isto até 1998. Quando o mesmo foi fechado por 5 anos.

E depois de algumas discussões com algumas lideranças da comunidade juntamente com representantes da prefeitura de salgueiro concluiu-se que seria instalado um correio nesse espaço e desde 2003 está funcionando sobre a responsabilidade de José Alfredo.



Adutora

A Adutora de Conceição das Crioulas, no inicio era só promessa de palanque. Entre 1997 e 2000, ele virou um projeto pequeno com uma caixa elevatória de Conceição a Riacho Pequeno e sem nenhum compromisso de manutenção da obra por parte dos governantes. Em 2001, no seu segundo mandato, Dona Cleuza voltou à procura do projeto que por sua vez estava engavetado. Dona Cleuza prefeita, Givânia vereadora da comunidade, Lula presidente e Umberto Costa ministro da saúde, e vários apoios reavivaram o projeto, que por sua vez conseguiu sair da gaveta e do papel. A obra está custando aos cofres públicos 2 milhões de reais, onde aproximadamente quinhentos mil reais foram gastos em Belém São Francisco. O governo municipal entrou com aproximadamente duzentos mil reais. Houve seminários nos sítios e comunidades que serão beneficiadas. Nesses seminários estiveram presentes lideranças como: governos municipais e federais, polícia e o povo.

O objetivo desses seminários é tentar fazer com que as pessoas beneficiadas tenham consciência de receber e conservar essa água que iremos receber.

Iniciaram-se as obras em 2005 e após várias coisas já prontas o engenheiro juntamente com as lideranças viram a necessidade de mudar algumas coisas no projeto, como por exemplo: os chafarizes que teria nos sítios Queixada, Cruzeiro do Sul, Jatobá e Barrinha, pois tendo em vista que as casas são afastadas umas das outras e que poderia haver um grande problema posteriormente de desvio de água, foi resolvido que em vez de chafariz nos sítios será colocada água em todas as residências que estão localizadas no percurso que fica entre Riacho Pequeno e Conceição das Crioulas. A obra iniciou novamente no ano passado e daqui para Setembro de 2007 esperamos receber a tão sonhada água do rio São Francisco em nossos lares.

Em 2003, Delma do Centro Luís Freire apresenta-nos a Comunidade do Quilombo Conceição das Crioulas. Nesse ano pela festa de Agosto, festa à Nossa Senhora da Assunção, participamos na semana cultural promovida pelo Centro Luís Freire e pela Associação Quilombola da Conceição das Crioulas.

Sentia-se no ar uma viragem, uma procura de mudança. Era a semana cultural e podia-se ler nas camisolas dos jovens "JOGUE LIXO NO LIXO"; eram os jovens rapazes que se inscreviam e participavam na oficina de dança afro com o Balé Majê Mole, de Olinda, "coisa com muito preconceito e que está mudando em conceição" ouvíamos dizerem; eram as crianças na oficina de artes plásticas, que nós tentávamos orientar, que já passavam para o exercício seguinte sem que fosse preciso explicar; o posto de correios que inaugurava; a novena e o trancelim que não conhecíamos e a história do surgimento da comunidade recontada na oficina de teatro orientada pelo cúmplice amigo do Identidades Rogério Manjate de Moçambique. Mas na hora de ir embora, era a simpatia, a energia e as amizades criadas tão rapidamente que nos fazia pensar apenas na hora de voltar.

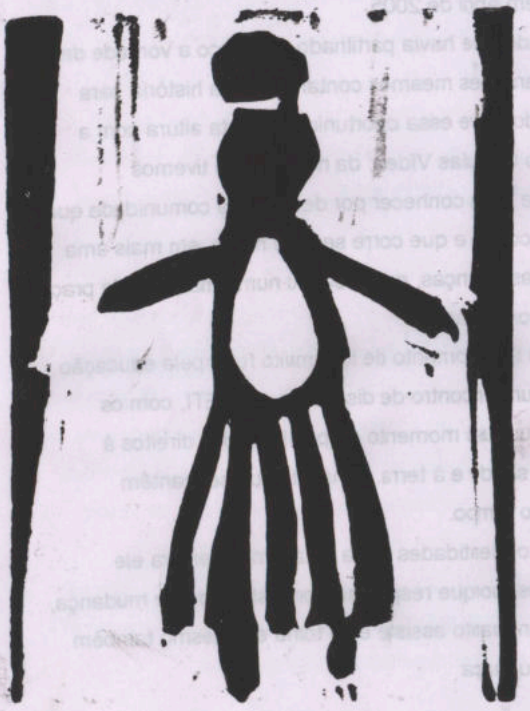
E voltamos... para nos encontrarmos numa breve conversa onde alinhavamos programas e pretextos para mais uma vez voltar e enraizar relações.

Nesse alinhavar, previmos uma visita para breve que aconteceu em abril de 2005.

A comunidade que havia partilhado connosco a vontade de ter meios para eles mesmos contarem a sua história para todo o mundo, teve essa oportunidade nesta altura com a formação do Crioulas Vídeo; da nossa parte tivemos oportunidade para conhecer por dentro esta comunidade que nunca se esconde e que corre sempre muito, em mais uma oficina com as crianças, que resultou numa maquete da praça da Vila de Conceição.

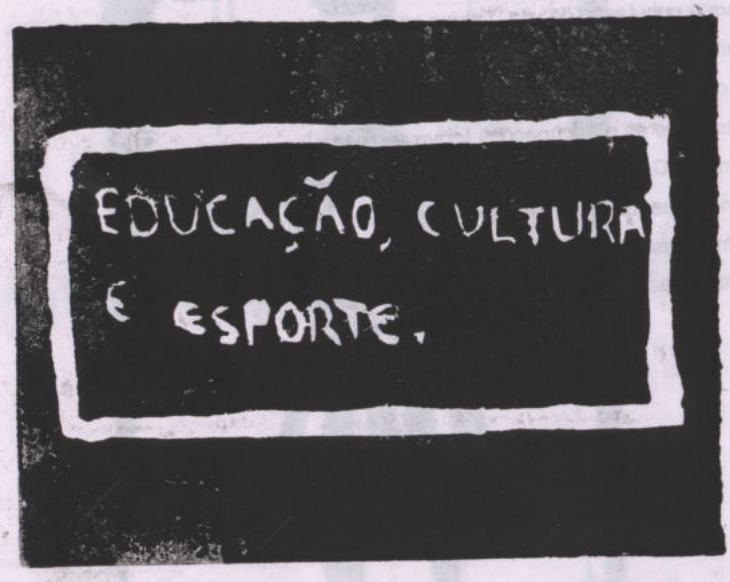
Assistimos a um momento de luta muito forte pela educação quilombola, um encontro de discussão, no PETI, com os índios Xucurus; um momento de partilha pelos direitos à educação, à saúde e à terra. Uma luta que se mantém durante muito tempo.

Sempre que o Identidades visita esta família renova ele mesmo forças, porque respira sempre esta sede de mudança, de viragem enquanto assiste e se torna ele mesmo também objecto de mudança

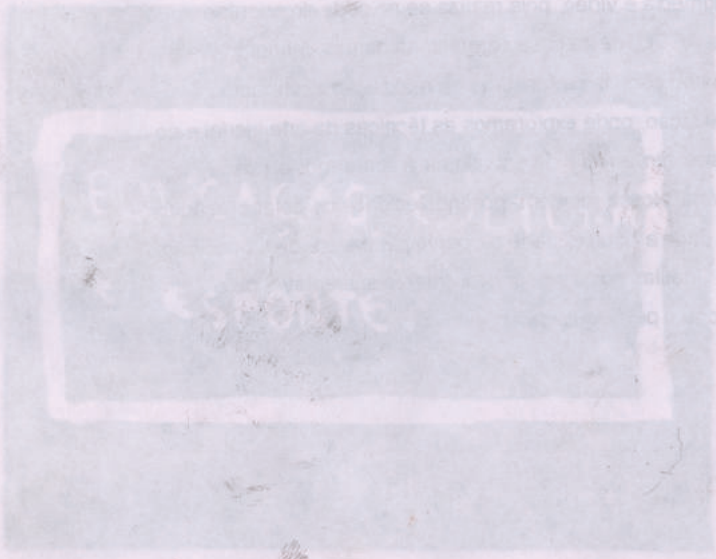


Em 2006 o Identidades regressa a Conceição das Crioulas por altura da festa maior, a de Agosto, propicia pelo clima mais ameno; dir-se-ía por conceição de frio; e pela oportunidade do grupo se introsar com os costumes locais e com a população da vila. Trouxe como convidado especial o bailarino cabo-verdeano António Tavares que realizou a oficina de dança com crianças e jovens.

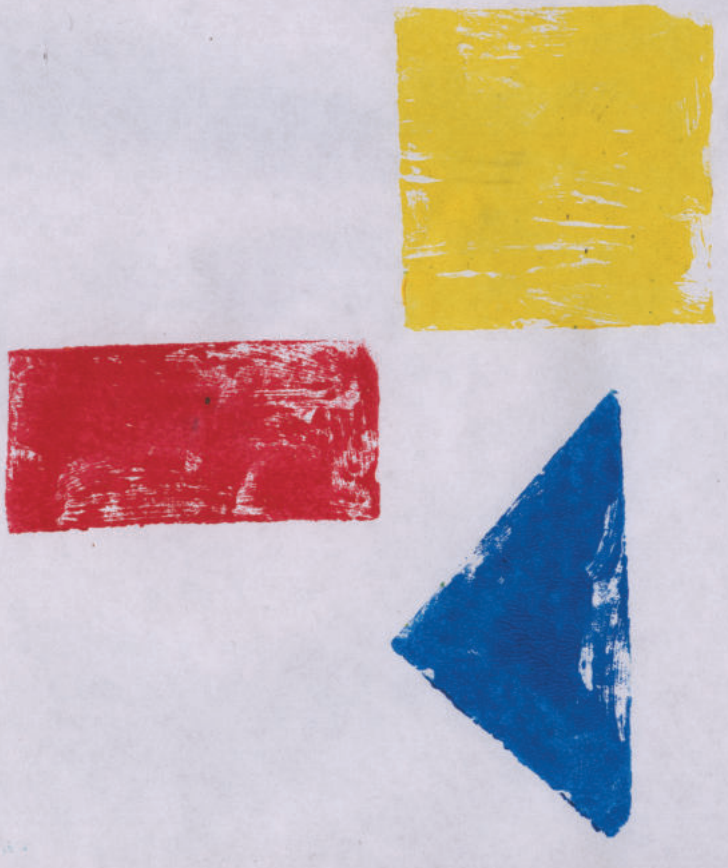
Neste ano as preocupações foram as de apoiar o recém-formado Crioulas Vídeo no sentido de solidificar os conhecimentos adquiridos e trabalhar com as professoras no campo das artes plásticas, pois estas poderiam dar continuidade ao trabalho com os seus alunos.


EDUCAÇÃO, CULTURA
E ESPORTE.

Estamos em 2007 e é Agosto, o centro de produção artesanal em construção o ano passado está concluído e em plena atividade albergando as oficinas deste ano, à excepção da de multimédia e vídeo, pois realiza-se na sede do crioulas vídeo – na AQCC, nesta casa comunitária damos continuidade ao trabalho com as professoras na realização desta auto-publicação, onde exploramos as técnicas da arte visual e ao mesmo tempo criando espaço para contarmos a nossa história. Nossa também, pois nestes anos de colaboração foi nos dada a oportunidade de participar na luta de Conceição das Crioulas por um desenvolvimento sustentável pelo diálogo e pela educação.



Francisca Marcelina de Oliveira
Maria da Penha e Silva
Especiosa Maria da Silva
Célcia Marcelina de Oliveira
Maria Lúcia da Silva



ANEXO XV

IDENTIDADES movimento intercultural
maio em Conceição das Crioulas . relatório

Chegar a Conceição das Crioulas é sempre o retomar de um diálogo que se tornou sincero perante a confiança que se construiu entre o grupo que se desloca de Portugal e a população que recebe de abraço apertado e sorriso aberto nos olhares. A emoção aquece a camaradagem estabelecida ao longo de seis anos de contactos frequentes e aprendizagens trocadas.
De novo, em Maio, jPaiva e Mónica Faria rumaram até ao interior do Sertão pernambucano, entraram nas casas oferecidas da população e nas sedes das instituições comunitárias, entregaram abraços desembrulhados desde a partida, transportaram as propostas de projecto preparadas em repetidas reuniões de 'quarta-feira-à-noite', divulgaram o que ocorreu desde a última estada, inteiraram-se da evolução das lutas da comunidade, do crescimento das suas crianças, das alegrias, ansiedades e tristezas ocorridas.

Desde o Recife que Delma Santos, amiga de sempre e representante do Centro de Cultura Luiz Freire nesta demanda, nos acompanhou, ultrapassando os quilómetros que o *ônibus* vencia pela noite fora.

Na primeira hora, aligeirados os suores da caminhada, se reuniram os viajantes com as lideranças da comunidade, traçando o *agendamento* de trabalho, afinando intenções, decidindo os rumos que deveriam orientar as discussões que se marcavam, orientadas para uma discussão participativa nos eventos que se preparavam para Junho/Julho em Portugal, para Agosto e Outubro/Novembro na comunidade.

Ao longo dos dias da estada, promoveram-se reuniões com os grupos definidos na primeira reunião orientadora:

Com o Crioulas Vídeo, dois encontros se realizaram para além das 'conversas' soltas com os vários membros do grupo, retratando a vida do colectivo, seus projectos, suas ansiedades e conflitos;
Com a Comissão de Comunicação da AQCC, estabelecendo um quadro de funcionamento regular para uma maior eficácia na divulgação da 'vida' e 'das lutas' da comunidade, através do seu espaço *on.line* (www.conceicaodascrioulas.org) e de outros instrumentos existentes e em preparação (como a edição de um jornal);
Com as Direcções das escolas da comunidade e professoras responsáveis, analisando as possibilidades de ampliação da área das 'artes' nas escolas, e traçando uma agenda de trabalho com as professoras de cada uma delas;
Com as professoras e professores da Escola José Néu (juntamente com as professoras do Sítio Paula, PETI, EJA), realizando um apanhado da sua experiência e perspectivando o 'modo' de se vir a estabelecer um programa educativo para cada grupo etário de alunos;
Com a professora da disciplina de Educação Visual, com os professores de Educação Física e com a direcção da Escola José Mendes, se traçou um plano para fundir estas disciplinas num bloco de 'expressões' que correspondesse a um programa transdisciplinar a implementar experimentalmente na escola;
Com as professoras e o professor do PETI, para reforçar um quadro especifico de actividades lúdico/pedagógicas a implementar neste regime especial de educação infantil;

Com a Secretaria de Educação do Município de Salgueiro (na presença de representante da Secretaria de Cultura) para informação do sucedido e procura de um espaço de coordenação e apoio das acções a implementar.

Com pessoas diversas da comunidade nos cruzámos, com muitas delas promovendo o seu 'registo' na plataforma ROSTO_ID (http://identidades.up.pt).

Dos encontros realizados se redigiu um programa de trabalho a fazer durante o ano de 2009, que provocará um *agendamento* subsequente em 2010):

projecto . arte nas escolas da comunidade de conceição das crioulas

1. encontro no Porto

participantes: ID + uma ou duas professoras da comunidade

a realizar entre 22 de Junho e 6 de Julho de 2009

conteúdo de trabalho: participação no intercâmbio artístico 'Identidades de verão', visitas a escolas da cidade, a bibliotecas escolares, a museus e à cidade do Porto.

2. encontro na escola José Néu

participantes: ID + todos as professoras (alfabetização: 1ª série: 2ª série: 3ª série: 4ª série) a realizar nos dias 10, 11 e 12 de Agosto, durante todo o dia

conteúdo de trabalho: que actividades podem ser feitas nas aulas, para cada grupo etário (levantamento de experiência, experienciação, organização programática).

a realizar em Outubro/Novembro

conteúdo de trabalho: (continuação) que actividades podem ser feitas nas aulas, para cada grupo etário (levantamento de experiência, experienciação, organização programática).

3. encontro na escola José Mendes

participantes: ID + professora Eliane, Professores João Vitorino e Gilmário, professora Maria Diva Rodrigues e restantes professoras e professores interessados (ensino fundamental {5ª a 8ª série} e ensino médio {1º ao 4º ano})

a realizar nos dias 17 e 18 de Agosto, durante todo o dia

conteúdo de trabalho: que actividades podem ser feitas nas aulas, para cada série/ano; estudo da agenda anual, fundindo a Educação Visual e a Educação Física (levantamento de experiência, experienciação, organização programática).

a realizar em Outubro/Novembro

conteúdo de trabalho: (continuação) que actividades podem ser feitas nas aulas, para cada série/ano; estudo da agenda anual, fundindo a Educação visual e a Educação Física (levantamento de experiência, experienciação, organização programática).

4. encontro no PETI

participantes: ID + professora Ivanilda e Aline, professor Josenildo e professora Claudineide a realizar no dia 19 de Agosto, durante todo o dia

conteúdo de trabalho: que actividades pedagógicas podem ser realizadas com os alunos? (levantamento de experiência, experienciação, organização programática).

a realizar em Outubro/Novembro

conteúdo de trabalho: (continuação) que actividades pedagógicas podem ser realizadas com os alunos? (levantamento de experiência, experienciação, organização programática).

projecto . vídeo na comunidade . crioulas vídeo

1. encontro no Porto

participantes: ID + Tico do Crioulas Vídeo

a realizar entre 22 de Junho e 6 de Julho de 2009

conteúdo de trabalho: participação no intercâmbio artístico 'Identidades de verão' - formação em vídeo, visitas a museus e visita à cidade do Porto; apresentação comentada do vídeo '4 anos do Crioulas Vídeo'

2. produção Crioulas Vídeo

participantes: CVídeo

até 20 de junho

conteúdo: produção de vídeo: '4 anos do Crioulas Vídeo'

participantes: CVídeo

de imediato

conteúdo: alimentação de informação no espaço www.crioulasvideo.org

participantes: ID + CVídeo

entre 10 e 21 de Agosto

conteúdo: realização de filme sobre intervenção em Vila União

3. formação Crioulas Vídeo

participantes: ID + CVídeo + 6 jovens da comunidade conteúdo: formação em vídeo de uma equipa de jovens

projecto . utilização ampla da internet na comunidade

1. encontro no Porto

participantes: ID + Lena do Crioulas Vídeo

a realizar entre 22 de Junho e 6 de Julho de 2009

conteúdo de trabalho: participação no intercâmbio artístico 'Identidades de verão' - formação em web design, visita a museus e visita à cidade do Porto; apresentação comentada do vídeo '4 anos do Crioulas Vídeo'

2. difusão da experiência

participantes: Lena e Tico do Crioulas Vídeo + professora da comunidade

a partir de Julho

conteúdo de trabalho: difusão para a comunidade da experiência vivenciada no Porto

3. contaminação

participantes: ID + interessados

entre 10 e 21 de Agosto

conteúdo de trabalho: utilização ampla da Internet e sensibilização a práticas de e.learning, defesa do software livre, utilização da plataforma http://identidades.up.pt

Para além dos encontros partilhados na Vila Centro, promoveu-se um encontro com a população da Vila União, onde a AQCC e o ID apresentaram um projecto de 'intervenção artística' denominado de 'pintar a união'. Numa

grande roda, entre as crianças presentes e as participativas mulheres da comunidade, o Sr. Damião (presidente da associação local) resumiu os resultados deste encontro, clarificando o compromisso aí apalavrado: que o Identidades, a AQCC e a população se comprometiam a unir esforços para se encontrarem os apoios necessários para a compra/oferta dos materiais (reboco, tintas e ferramentas); que a mão-de-obra ficava garantida pelo entusiasmo com que a proposta foi recebida e que garante a anunciada mobilização popular dos moradores.

projecto . intervenção artística em Vila União

1. levantamento

participantes: ID + AQCC + Crioulas Vídeo + UFPE + população

entre 10 e 21 de Agosto

conteúdo de trabalho: levantamento casa-a-casa das necessidades de reboco e pintura: oficina de identificação da história de cada família e procura de símbolos visuais representativos da sua identidade (registo em fotografia e vídeo); oficina de desenho.

2. pintura participativa

participantes: ID + AQCC + Crioulas Vídeo + UFPE + população

Outubro/Novembro

conteúdo de trabalho: tratamento de paredes (reboco) e pintura com cal (branco) de todas as casas: pintura dos símbolos visuais identitários em cada uma das casas (registo em fotografia e vídeo).

3. festa popular

participantes: ID + AQCC + Crioulas Vídeo + UFPE + população

Março de 2010

conteúdo de trabalho: apresentação pública em Vila União do filme do acontecimento: exposição de fotografia e desenho: discussão aberta do evento: baile popular.

Com um até breve nos despedimos de nossos amigos, com os abraços mais apertados de sempre, com o sorriso de quem sabe que nos encontraremos brevemente. Com a viagem aventureira de sempre rumamos à cidade, onde uma reunião na Secretaria da Educação da Prefeitura de Salgueiro nos aguardava. Informando do trabalho realizado e do programa do trabalho em agenda, se conquistou o apoio desta secretaria para os eventos seguintes e se declarou a importância do programa que a comunidade promove para valorização da aprendizagem de suas crianças e jovens.
Depois de uma visita pela cidade e de uma cordial despedida frente a um prato de bode ocupamos nossa 'poltrona' no ônibus que pela noite chuvosa nos transportou até ao Recife.
No Recife, depois de refrescados da viagem em casa de nossos camaradas de sempre que nos abrigam com a ternura com que se prepara a tapioca do café-da-manhã, fugindo da chuva nos deslocamos ao *Campus* da UFPE, para um encontro marcado com o Professor Sebastião Pedrosa do Centro de Artes e Comunicação. Uma conversa amistosa evidenciou o interesse, confirmado de imediato pela coordenação do CAC, a directora Professora Doutora Virginia, no estreitamento de relações académicas com a FBAUP, concretizável no imediato no espaço de formação de 2º e 3º ciclo, e na presença conjunta com o Identidades nos projectos de Conceição das Crioulas. Remetendo para uma troca de correspondência posterior entre as direcções o estabelecimento de um protocolo de colaboração entre o CAC da UFPE e a FBAUP, se estabeleceram canais de comunicação para efectivar a cooperação directa com os projectos do Identidades.
Deslocados para Olinda, nos sentamos com Delma Silva e Cida Fernandez do Centro de Cultura Luiz Freire. Relatada a

viagem e esclarecido o programa redigido conjuntamente com a AQCC para o ano de 2009, foi acordado estabelecer entre o Identidades e o CCLF um protocolo de colaboração que estabelecesse um quadro de maior coordenação dos projectos sediados em Conceição das Crioulas e permitisse envolver o identidades noutros projectos do CCLF promovidos em Pernambuco.

O tempo era de regresso. chegamos com a alegria de estar melhor preparada a volta. em breve.

ANEXO XVI

André Alves. relatório agosto de 2009 em Conceição das Crioulas

As viagens no tempo mudam a terra que conhecemos.

Uma amiga minha colecciona solo de diferentes terras. Em 2005 esqueci-me de trazer um punhado de solo arenoso de Conceição das Crioulas. Primeiro esquecimento esse que se fez continuado agora, anos após a tímida presença nesse chão. Volto a esquecer-me de trazer um pedaço de chão comigo para a minha amiga. Posso interpretar isso como um repto inconsciente à problemática da propriedade, de não sacar de terra alheia. Ou, porque da mesma maneira que me despreocupo em tirar fotos (para que as imagens do vivido se cravem mais duramente na carne), me recuso a ter coisas físicas que me tornam refém e espectador delas. Prefiro trazer essas muitas coisas comigo, que não pagam taxa em avião e que nos transformam mesmo quando não queremos.

Data de 2005 o primeiro namoro com Conceição das Crioulas ao abrigo da relação com o Identidades. Essa intimidade é solicitada pela carência de formar uma equipe de audiovisual. E assim se deu esse encontro, rápido, intenso, proveitoso. Nesta terra de secura, a minha vivência rasga trechos e funda margens. A Conceição que foi e a Conceição que espero. Regresso a Conceição, retornam as intimidades.

Quatro anos; reencontro um lugar que não tem nada no sítio certo; já não moro no mesmo varandim de onde espreitava a insólita Conceição. Sinto da sola do pé um andar diferente, acho-me com palavras e cores novas, para me falar e roubar o conforto dos outros.

Avisado à partida que as transformações eram muitas, meu queixo se empurra para a Conceição do reencontro. Nessa Conceição vive uma casa, de gente e família mesclada de vontade e empenho, a casa que acolhe as parcerias, os "forasteiros". A mesma caserna que nos serve à suspensão, para fugir à Conceição sempre voraz, por que há sempre onde meter um dedo. Nem que seja para enfiá-lo num braço, num balanço de swing, numa roda de trancelim.

Cheguei para perceber o que me fez regressar a esta Conceição que larguei. Para sentir como o seu solo acolhia a palma deste pé, que pegadas deixou nele, que pegada a terra se precipitou para engolir e qual se proibiu de engolir. Mas esta Conceição quis saber desse novo cheiro da pegada. Essa fome senti-a nos olhos que me olhavam com surpresa. A surpresa de um reencontro e da revelação de um novo espírito, adamado, estouvado, sorridente. Um murmúrio de apetite ronca da barriga dessa Conceição, um simples "bem diferente de da última vez" confirmou-me que a minha chegada a este porto, agora, dista do aportar anos atrás. Porque as viagens no tempo mudam os sítios que conhecemos, e amassam a carcaça de cipó que nos leva por aí. Não, o andarilho não é o que parte sempre, mas o que sempre chega.

Projectos educativos, Educação de projectos

O convite para reintegrar o projecto Conceição das Crioulas veio a par da vontade de voltar ao colectivo e a perceber que espaços de contribuição me seriam possíveis. A linha de convite seguiu o sentido de intervenção pedagógica, num trabalho conjunto com os professores da comunidade. Num plano de formação continuado, em que as artes plásticas (partindo de preocupações com o currículo diferenciado e com as limitações próprias da comunidade) podem vir a ter um papel reconhecido como autónomo e legítimo no contexto educativo da comunidade. Para tal há que pensar a matéria de trabalho em dois sentidos programático: a importância de se poder praticar o que se diz, e a importância de perceber os impactos do que se diz na formação das crianças e jovens. Por isso uma maior responsabilização de formadores e professores.

Estas metas marcam o nosso compromisso e evidenciam as crenças e vontades partidas. A minha dúvida secreta situa-se no desejo de partilha deste compromisso. Isto é, geralmente se não há embate, se não há luta, não há problemática. Porque é precisamente a visibilidade de um problema e o seu desconforto que nos apela à atenção. Concretizando. Momentos prévios de formação tiveram lugar com a comunidade; mas as aprendizagens ficaram "suspensas" nos formadores. Não tiveram grandes repercussões, ou reutilizações no contexto da sala de aulas. Uma ou outra experiência realizada serve como clara indicação da parcimónia reutilização. Uma das razões apontadas como responsável para a não continuidade foi a falta de material acessível.

A realização de uma actividade, no seu processo de desenvolvimento, apresenta sempre uma motivação, obstáculo, curiosidade ou interesse. O processo inicia-se, muita das vezes recorrendo a estilos de dinâmicas diferentes, adaptadas de forma a contribuir para a formulação, ou entendimento dos objectivos traçados ou a descobrir (depende da natureza da actividade). Os materiais são o recurso mais físico e elementar, mas também o mais permutável. Embora em situações específicas – como a aprendizagem de técnicas oficinais ou artesanais – a necessidade do material tem um lugar inegável. Ora, depende então do formador, do professor, do orientador, gerir se a actividade tem uma natureza de cariz técnico, na qual o material é absolutamente necessário, ou se a actividade utiliza o material como meio para a compreensão de determinadas aprendizagens.

Antecedendo esta etapa formativa, em reunião com as coordenações escolares, o Identidades apurou como necessidade de trabalho para esta etapa, algumas preocupações fundamentais: trabalhar com as gramáticas das artes plásticas, salvaguarda do currículo diferenciado, utilização de materiais de recurso fácil. Destas preocupações assumiu-se o compromisso de apresentar novas fórmulas didácticas que pudessem ser aplicadas nas escolas, tendo as professoras por sua vez que garantir a recolha dos tais recursos materiais que consideram disponíveis, acessíveis.

Escola José Néu

Olhar geral

O trabalho na Escola José Néu acontece sempre ao abrigo de um bom espírito de colaboração e entendimento. Manhãs e tardes iniciam-se sempre com dinâmicas de ordem diferentes, cuja natureza mesclada entre brincadeira e sentido objectivo, do intervalo à interpretação, à concentração e reflexão sobre a brincadeira.

As propostas por nós apresentadas através das dinâmicas utilizadas, tentam dar a perceber ao corpo de professoras, que da mesma forma que a aprendizagem da arte desenvolve a criatividade, desenvolve a subjectividade do aluno, desenvolve também a o objectividade. Tudo isto depende da orientação que nos damos às actividades, e da capacidade reflexiva do aprendizado.

Dada a escassez de material, procedemos a uma recolha de material orgânicos espontâneos ou abundantes, que pudessem ser facilmente solicitados pelos professores. Embiras, cipós, canapu, sabugo de milho, são exemplos de alguns desses materiais.

Do ponto de vista das diferentes actividades, desenvolveram-se momentos que trabalham com materiais e possibilidades diferentes: entrelaçado, pasta de papel, desenho, modelação de barro,... Procurando evitar um esquecimento das aprendizagens desenvolvidas, sugeriu-se a compilação das diferentes dinâmicas e actividades, em cadernos específicos (corpo, desenho, pasta de papel,...) que recolhem as mais-valias didáctico - pedagógicas, fazendo anotação de como proceder à realização da actividade mas também, dando espaço para que as professoras testem essas actividades na sala de aula, devolvendo comentário do resultado dessas experiências a estes livros. Desse modo cria-se um glossário de estratégias didácticas mas também uma reflexão sobre o potencial dessas.

Olhar preciso

Seguramente precisamos de considerar dinâmicas de avaliação. Ficou claro que estes cadernos devem recolher as experiências das diferentes professoras e devem crescer à medida que novas actividades forem acrescentadas. Corpo que crescerá também pelo acrescentar da reflexão sobre a aplicação das mesmas.

Considero fundamental pensar futuramente em dinâmicas de avaliação, que evitem um tipo de análise sobre a aplicação destas estratégias didácticas, como um meras descrições de resultados. Tome-se este exemplo: na oficina de entrelaçado, uma das estratégias foi a construção de estruturas geométricas simples – triângulos, quadrados, círculos. Desses, passa-se a uma construção tridimensional e introduz-se a questão do volume e da estrutura. Nesse trabalho com a estrutura, o entrelaçado é utilizado como revestimento, como pele para esse esqueleto. Ora, analisar estas etapas implica esquecer o desconforto que é ficar-se pelo "que cubo bem feito; para que serve?".

Pessoalmente julgo que o aluno não tem que considerar todas as aprendizagens possíveis, mas a professora deve estar ciente de que estas diferentes etapas podem produzir aprendizagens distintas. E por isso mesmo se consideram etapas, passos, graus diferentes. Penso que há um trabalho a fazer no campo da avaliação, na forma como as professoras fazem a interpretação de uma possibilidade didáctica e como olham a acção do estudante.

Um outro aspecto que me chamou à atenção foi o parco espírito explorador, aventureiro das professoras em relação à falta de materiais. Não haviam materiais, certo. E havia a vontade (e necessidade) de utilizar materiais disponíveis. Mas esses materiais não chegaram ao espaço de trabalho. Porque o "em redor" está a ser olhado de forma convencional, sem a percepção do que pode ser mobilizável. As professoras precisam desenvolver um olhar novo e fresco, sempre que procuram recursos novos. Ou estarão condenadas a encontrar apenas o que já reconhecem e a ignorar novas aprendizagens para si. Tudo está acessível, mas é preciso accionar um olhar atento. É precisamente por isto que a arte importa. Porque a arte trará um sentimento crescente do reconhecimento da comunidade, do território e o que nele existe; identidade comunitária é precisamente esse sentimento de reconhecimento.

O Identidades deve problematizar o seu papel como parceiro porque se não se implica para lá do trabalho de oficineiro, a continuidade da intimidade é inexistente. Por isso acho fundamental acompanhar a reflexão que se faz destas actividades; dos desconfortos sentidos por professores e alunos no contacto com elas. Por isso me parece muito valiosa a sugestão da compilação das actividades, podendo e devendo estas ser continuamente trabalhadas e adaptadas, circulando escolas de diferentes graus. Mas sem a reflexão, sem a avaliação das mesmas, estaremos meramente perante um compêndio.

Escola José Mendes

Para nós, Identidades, é fundamental perceber como a escola vem a trabalhar, a usar o que o Identidades trouxe ao longo destes anos de troca.

O trabalho com a Escola José Mendes trazia um desejo de trabalhar um espaço comum entre a educação física e a educação visual. Confesso que não me sinto muito capaz de estabelecer esta "aliança" entre os ambos os campos. Mas fomos desenvolvendo uma série de dinâmicas que trabalharam a dimensão do corpo, a dimensão do desenho e a dimensão sonora, de modo a que pudessem ser utilizadas ou de forma isolada, ou articuladas em teatro de sombra. A importância de resgatar o teatro de sombra e a ênfase dada a essa forma teatral, tem que ver com a valorização de um outro momento prévio em que o teatro de sombra foi utilizado. Ora, tendo ficado um pouco esquecida, pareceu-nos importante voltar a insistir na permanência desta estratégia, por ser amplamente complexa e rica.

A visível autonomia do grupo de trabalho surpreendeu-me muito. Aguardo que esta venha a ser uma estratégia de recurso futuro. Deste contacto ficou um desejo de formação como necessária, embora a continuidade da permanência dos professores possa ser problemática.

Confesso que senti uma diferença muito grande entre a Escola José Néu e a Escola José Mendes. Talvez o ambiente da primeira fosse mais participativo e intenso por haver mais participantes. Mas ouvi alguns dos professores da José Mendes referirem alguns problemas que me soam a conformidade. O espaço físico não é o melhor, ninguém se interessa por este projecto, alguma dificuldade em entrar em diálogo ou aceder às lideranças... enfim, pessoalmente considero que nós trabalhamos com quem está interessado. O desinteresse dos outros não deve justificar o nosso desinteresse, muito pelo contrário. Só podemos convencer os outros de que o que queremos fazer vale a pena se, de facto, houver entusiasmo e convicção.

Uma abordagem que ficou por desenvolver foi a ideia de projecto. Tínhamos pensado que a ideia de projecto poderia fazer ponte entre as diferentes áreas das artes plásticas e da educação física. Mas o pouco tempo de trabalho para a concretização e reflexão das actividades desenvolvidas, impediu o início desta fase.

ANEXO XVII

Correspondência de Felipe (membro do ID) sobre o Acidente com vítimas fatais na BR 116

Date: 2010-11-14 18:35 GMT+00:00
Boa tarde a todos,
Acabo de falar com Antonio, que veio acompanhando sua esposa, Fabiana, até o Hospital da restauração, em Recife, para tratamento e cirurgia nos próximos dias.
Valdeci passou por exames que identificaram uma lesão na medula e tb deve passar por cirurgia essa semana.
Estou indo pro Hospital daqui a pouco para encontrar o pessoal e prestar uma assistência de transporte para a rodoviária e ver no que posso mais colaborar.
Estamos arrecadando doações de quem puder colaborar com esses custos de viagem Recife- Salgueiro e alimentação dos acompanhantes nesse período urgente de tratamento.
Existe tb a possibilidade de depósito na conta do Centro luiz freire
BANCO DO BRASIL
Agência:2365-5
Conta Corrente: 15.871-2
Titular: Centro de Cultura Luiz Freire
Quem puder colaborar aqui em recife com algo dessa natureza, como transporte, alimentação, por favor se manifeste.

Abs,
Felipe Peres Calheiros
http://www.coletivoasterisco.blogspot.com
http://l3brasil.blogspot.com/
http://identidades.up.pt/

De: Felipe Peres Calheiros
Meus amigos, boa tarde.
Acabo de falar com Adalmir e o panorama é o seguinte em Salgueiro: Lena e Nei tiveram alta, Zé Alfredo tb já se sente melhor, mas ainda está sob observação, assim como Fabiana (esposa de Antonio) que ainda se sente mal, mas aparentemente fora de risco.
Sen continua na UTI em Petrolina, e Adalmir não tem maiores informações.
Valdeci está no HOspital da restauração, e preocupa porque até agora ela não conseguiu mexer as pernas, depois do acidente. Falei com Izabel, que junto com Cinara, estão acompanhando Val, de longe, porque, não podem entrar no ambulatório. Passei meu contato pra elas, e elas me disseram que estão com apoio na casa de uma pessoa de Salgueiro perto da Restauração. Estamos vendo um revezamento pra acompanhar noticias de Val. E elas me disseram que o atendimento tem sido muito bom por lá. Ela aguarda para fazer uma tomografia para ter mais informações sobre o trauma.

Vamos torcer e pensar positivo pela recuperação plena dos nossos amigos de Conceição. QUando tiver mais informações, compartilho com todos.
Abs,

De: Felipe Peres Calheiros <perescalheiros@yahoo.com.br>
Meus amigos,
Algo muito sério aconteceu ontem em Conceição das Crioulas.
Ontem à noite falei com Adalmir, completamente abalado. Acho que ele não estava no carro. Antonio Sen está numa UTI em Petrolina, Valdeci veio pra Recife e estava com dificuldades de locomoção após o acidente,e e Lena está em observação num hospital em Salgueiro. Momento muito preocupante. Mesmo enquanto as lágrimas caem, tento manter vcs amigos informados e estou tentando localizar Valdeci aqui em recife para ver no que podemos ser úteis nesse momento.
desculpem dar uma notícia dessas por email... enfim, hora de solidarizar
Assunto: Acidente trágico em conceição
meus amigos, uma notícia muito trágica. Um acidente em conceição das crioulas nessa tarde de hoje, fiquei sabendo que lena e valdeci estão entre os acidentados.
estou muito preocupado, e ainda não consegui novas informações.
é hora de rezar, mandar ennergia, fazer o que vc acredite, pq ao que parece o negócio foi bem sério por lá.
sabendo algo mais mando notícia.
Acidente com vítimas fatais na BR 116
Na manhã de hoje (Quarta 10), por volta das 08:30hs, uma D-20 de cor branca, placa LXR 5045 da cidade de Brejo Santo no Ceará, capotou na descida da Serra do Boi Morto, entre Salgueiro e o Posto Vila Bela no Muricí. Três mulheres morreram na hora do acidente. Outros sete passageiros que vinham no veículo, foram encaminhados ao Hospital Regional de Salgueiro. As vítimas eram do Distrito de Conceição das Crioulas e vinham a cidade de Salgueiro participar de um evento. Das três vítimas fatais, duas já foram indentificadas. Rosa Doralina, professora, e Luíza Ana, artesã.
No momento da chegada da nossa equipe de reportagem, encontramos os corpos ainda no local. As polícias Militar, Civil e Rodoviária Federal já estavam no local. As causas do acidente ainda não foram indentificadas. Populares comentavam que as causas do acidente poderiam ser a derrapagem do veículo na brita do asfalto ou uma tentativa de ultrapassagem. Nada ainda foi confirmado.

ANEXO XVIII

Nota da Direção Estadual do MST em Pernambuco em Solidariedade à Comunidade de Conceição das Crioulas

Data: 17 de novembro de 2010 23:43:35 GMT+00:00

NOTA DA DIREÇÃO ESTADUAL DO MST EM PERNAMBUCO EM SOLIDARIEDADE À COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vem aqui se solidarizar com toda a comunidade de Conceição das Crioulas, que sofre com a perda de três das suas lideranças em um trágico acidente de carro ocorrido no último dia 09 de novembro.
Levamos nosso sentimento e solidariedade às famílias das companheiras Rosa Doralina Mendes, Luiza Maria da Silva e Girlene Rosa, que faleceram em virtude do acidente.
Levamos toda a nossa força e oferecemos nosso apoio às famílias da companheira Valdeci e do companheiro Antonio Cem, que continuam em estado grave e em tratamento nos hospitais da Restauração e de Petrolinda, respectivamente, e a todos/as os/as companheiros e companheiras que ainda se encontram hospitalizados/as. Nossos companheiros e companheiras Sem Terra que vivem nessas regiões estão à disposição para ajudar no que for possível.
Nossa solidariedade se mostra também na forma de denuncia. Esse triste acidente não pode ser tratado como um mero acaso. Ele é consequência do descaso dos governos Estadual e Municipais em relação às populações do campo, que vivem muitas vezes isoladas, sem acesso à transporte público de qualidade e dependentes de transporte alternativo, a maioria sem condições mínimas de segurança.
Aliado a isso, a falta de escolas e de atendimento à saúde obriga as comunidades rurais, inclusive nossas crianças, a um deslocamento diário, colocando-as sob risco constante de "acidentes" como esse.
"Acidentes" como esse não podem mais ser admitidos. Por isso nos unimos a todos os companheiros e companheiras de Conceição das Crioulas na sua dor e também na sua luta, que é também a nossa luta: a luta contra o latifúndio, contra a exploração, contra o preconceito, e por uma vida digna a todos os povos do campo.
Sabemos que a melhor forma de honrar a memória das companheiras vitimadas por esse "acidente" é mantermos firmes nessa luta, que era também a luta delas.

Com todo o nosso apoio e solidariedade,

Direção Estadual do MST – Pernambuco --
Cassia Bechara
Direção Estadual MST-PE
Setor de Comunicação e Cultura tel.: 81-9751 2508

ANEXO XIX

Expressões Artísticas nas Escolas da Comunidade do Quilombo de Conceição das Crioulas[36]

Conceição das Crioulas é uma comunidade do sertão pernambucano com uma forte consciência política e identitária, apoiada em valores discutidos de forma a encontrar métodos e estratégias ágeis para construir e afirmar a identidade quilombola.

Conceição da Crioulas é uma comunidade pertencente ao município de Salgueiro, situado a cerca de 600 km da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, no Brasil. Segundo relato dos moradores mais velhos de Conceição das Crioulas, que em meados do século XVIII, seis negras livres, chegaram à região e fixaram moradia naquela lugar, com a produção e fiação do algodão que vendiam na cidade de Flores conseguiram pagar e arrendar a terra, uma área de 3 léguas em quadra, o que equivale a aproximadamente 17 mil hectares e conseguiram o direito de posse. Em 1802, as crioulas receberam a escritura com o carimbo da Torre, contendo dezesseis selos.

Essa história é contada nos mais diversos sítios, ligando a identidade de Conceição das Crioulas à descendência de suas fundadoras, que tiveram a iniciativa de legitimar o terreno, antes mesmo dos homens que também aqui vieram. Um deles de nome Francisco José, fugido da guerra, trouxe uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Junto com as crioulas, tiveram a idéia de construir uma capela e tornar a santa a sua padroeira, pagando uma promessa feita pela graça concedida. Doaram parte da área para construir uma capela, que abrigou a imagem trazida por Francisco José. Surge assim o nome: Conceição das Crioulas.

A comunidade visa a restituição e posse da terra pelo direito à educação e à saúde, por uma democracia participativa, procurando um melhor sentido de vida. Esse objectivo passa pela conquista de um Projecto Político Pedagógico que contempla uma Educação Específica, Diferenciada e Intercultural Quilombola.

O modelo de escola a ser implantado na comunidade está em discussão desde 1995, com a implementação do ensino fundamental de 5a a 8a série, tendo em conta a sua especificidade cultural. O estudo da história da comunidade, quanto às origens, os aspectos sócio-culturais, a territorialidade, a vida do povo foi levantado não só na escola mas em toda a comunidade. Aí se percebeu como a auto-afirmação enquanto grupo étnico é muito importante para as crianças e as pessoas mais velhas compreenderem que detêm um saber fundamental que complementa o ensino do sistema educacional escolar.

Em 2001, com a maioria dos professores pertencente à comunidade, o processo tomou força com Givânia Maria da Silva que apresentou na Câmara Municipal de Salgueiro um Projecto de Lei criando o sistema municipal de educação diferenciado para as comunidades quilombolas de Salgueiro, regulamentando o que a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação e a convenção 169 da OIT- Organização Internacional do Trabalho asseguraram para esses grupos. Até hoje, o projecto não foi apreciado. Esta situação demonstra que deve ser incentivado o debate sobre as questões étnicas e sobre a resistência dos grupos privilegiados da nossa sociedade em pensar as políticas públicas em benefício da população negra.

A descendência de determinadas famílias tradicionais é sempre resgatada de forma a confirmar o pertencimento e a participação na história de Conceição das Crioulas. No entanto, ao contrário da luta de outras comunidades negras pelo reconhecimento como “remanescente de quilombos”, Conceição não se utiliza de elementos que reportem à condição de escravos para a definição da sua identidade. O poder da autonomia e a articulação entre os

[36] Artigo apresentado em Cabo Verde em 2010.

sítios, que reforça o seu sentido de unidade e capacidade política-organizativa, é reflectido na imagem das crioulas. Tudo isso torna o povo de Conceição ciente da sua condição e do seu papel na sociedade, trazendo comprometimento com a construção de um novo futuro para a comunidade quilombola. Após o reconhecimento do território quilombola de Conceição das Crioulas em 1998 e a titulação no ano de 2000, por parte do Governo Federal, cria-se a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas-AQCC, que a sua estrutura organizacional é formada por diversas comissões temáticas e uma delas é a Comissão de Educação que tem como finalidade principal lutar por uma Educação, Diferenciada, Específica e Intercultural. Por esse motivo tem sempre buscado parcerias para contribuir com a gente nesse sentido.

Os grupos do Identidades que se deslocaram a Conceição das Crioulas apresentaram-se sempre perante a população como artistas. Esta particularidade foi entendida no contexto das actividades que foram desenvolvidas, denominadas 'oficinas artísticas': a expressão plástica, as técnicas de impressão, a cerâmica, o desenho e o vídeo.

No entanto, o conceito de arte no nosso sentido contemporâneo e ocidental não aparece na comunidade. Na população não se afirmam artistas. A identidade da comunidade expressa-se no artesanato e as artes populares como a dança, a música e a culinária são vividas no quotidiano. O entendimento da arte prende-se somente com o modo como a prática artística é capaz de servir a comunidade e, portanto, a arte funde-se com os seus desígnios.

A distância entre o nosso conceito de arte e o entendimento de 'arte' em Conceição é um exemplo localizado de uma incomunicabilidade em relação a um sentido da prática artística que se verifica em termos globais. Existe muita dificuldade em estabelecer essa comunicação a partir do conceito erudito e cosmopolita que se utiliza nas sociedades urbanizadas. Consideramos necessário analisar o conceito de artista erudito, para o entender na comunidade Quilombola e questionamos: como é que aqui se irá desenvolver o conceito de artista?

As iniciativas de relação intercultural do grupo Identidades foram entendidas como um meio de dotar a comunidade de instrumentos que permitem outras formas de participação no ambiente e outras estratégias de uso do seu território, que contribuem para o reconhecimento da sua cultura e para o reforço da auto-confiança identitária.

O colectivo Crioulas Video, foi constituído a partir de uma primeira formação de vídeo de nove dias dada a seis jovens escolhidos na comunidade. Foi adquirido um domínio da mensagem através de um domínio tecnológico: desde então, com um computador, uma câmara de vídeo pessoal e um microfone, o grupo tem realizado, de forma autónoma tanto ao nível técnico como narrativo, um conjunto de documentários em vídeo, com o objectivo de apoiar a luta da comunidade e divulgar aspectos da vida das comunidades vizinhas. Em 2007 foi promovida uma formação em software livre junto de dois jovens do Crioulas Vídeo, para a criação de um espaço de divulgação do projecto do colectivo na Internet: www.crioulasvideo.org.

Também em 2007, foi dinamizada uma oficina de cerâmica para mobilizar outras pessoas interessadas em prosseguir essa técnica artística que tem um uso no artesanato da região. Essa actividade fez parte de um conjunto de oficinas realizadas nas Escolas, abertas a alunos(as) e professores(as), nas quais se exploraram diversas técnicas artísticas. Com estas iniciativas percebemos na relação estabelecida na comunidade com o fazer e o saber artístico um forte enquadramento tecnológico.

Paulo Freire defende que, como educador jamais deixou de ser um homem político, porque "o professor é um político e um artista, jamais um técnico" (FREIRE: 2008).

Existe a percepção de que a presença da tecnologia constituirá a evolução que permitirá romper com a organização sazonal da vida da comunidade e fugir a essa dependência. Reconhecemos a importância do domínio da técnica mas estamos convictos de que é preciso ir além do saber técnico que se domina e entender o que se concebe e o que se vê.

O objectivo da formação de professores(as) na área artística está na possibilidade de permitir à população da

comunidade de Conceição a descoberta gradual das qualidades da prática das expressões artísticas no crescimento equilibrado das crianças e dos jovens. Um programa educativo que inclua o currículo artístico em várias áreas de expressão, irá contribuir para o desenvolvimento de capacidades inesperadas nos(as) alunos(as); será capaz de imaginar a transversalidade de conteúdos de diversas áreas programáticas e de mobilizar para a participação cívica; contribuirá para gerar capacidades de organização, de planificação e de execução do trabalho; servirá para ampliar a sensibilidade dos(as) alunos(as) pelo exercício da manualidade e do sentido crítico.

Neste momento, a acção mais urgente é o trabalho que tem de ser efectuado com os(as) professores(as). Centra-se na aquisição das competências mínimas necessárias nas várias áreas da expressão artística e, ao mesmo tempo, no desencadear de um processo colaborativo, num processo de cruzamento intercultural com o Identidades, de estruturação de conteúdos programáticos e estratégias pedagógicas a serem integrados nos diversos níveis do programa de aprendizagem dos(as) alunos(as). Há a necessidade de se formar um grupo de professores(as) que tenham a vontade de investigar e apostar nesta acção. A problemática desta tarefa incide na sua falta de referências artísticas.

Que professores(as) se procuram na comunidade? Como trabalhar as potencialidades da educação artística se não há artistas na comunidade nem professores(as) com uma formação na área?

Esta circunstância poderá ser entendida como uma abertura e um terreno propício para uma investigação sobre as consequências da não especialização porque a falta de autoridade do(a) professor(a) sobre o conteúdo que lecciona poderá ter um efeito de resposta positiva nos(as) alunos(as), relativamente à criatividade, autonomia crítica e irreverência. A partir daí, será possível discutir sobre os limites desejáveis da intervenção dos mediadores na formação de professores(as) e na educação artística dos(as) alunos(as). No entanto, estamos também perante o risco de uma construção do conceito de artista estritamente ligada a um saber técnico e a uma resposta ilustrativa às questões da realidade.

O projecto Expressões Artísticas nas Escolas da Comunidade visa elaborar uma construção participada de um Currículo nas Artes. Pressupõe uma busca constante do auto-conhecimento pela experimentação e pelo exercício poético e realiza-se em momentos pontuais de entendimento sobre a experiência. A formação de professores(as), tal como a educação dos(as) alunos(as), deverá orientar-se sempre no sentido de criação da autonomia, do pensamento e da acção.

Nesse sentido, será fundamental para o(a) professor(a) da comunidade ultrapassar o senso comum e ser capaz de criar os meios e os caminhos para a necessária problematização do objecto, o objecto como coisa viva que se sente e que forma pensamento, tanto por si, educador(a), como pelos(as) educandos(as).

A construção do(a) professor(a) é o desafio que encaramos colectivamente. No processo de formação em educação artística dos(as) professores(as) de Conceição das Crioulas, que professores(as) queremos ser e que formação procuramos para os(as) alunos(as)?

Márcia do Nascimento, Mónica Faria e Joana Mateus

ANEXO XX

Par ti tu ra: início de uma tentativa de apresentar um todo a uma só voz.
As artes na escola e na sociedade: estudo de caso nas escolas da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas[37]

Partitura. Quando procuro sobre a palavra que compõe o título desta investigação, encontro várias definições. Cinco linhas paralelas que compõe uma partitura, com quatro espaços entre elas. Ou pentagrama, que forma uma estrela com cinco rectas que cria cinco pontas, que dá origem a um pentágono, que por sua vez pode ser lida numa palavra composta por cinco sílabas, como por exemplo, comunidade ou ainda diversidade.
Par ti tu ra surge assim como uma definição diversa, como quem expõe o **início de uma tentativa de apresentar um todo a uma só voz** perante um sistema diverso. Uma exposição que permita uma leitura com diversas análises, que apresente um grupo de diversas possibilidades. Agora, esta escrita surge numa pauta composta por uma das visões possíveis **das artes na escola e na sociedade** a partir do **estudo de caso nas escolas da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas**, que se pretende reflexo ou projecção identificadora, que se reproduz num círculo que se mostra global.

ÍNDICE
Introdução e resumo do capítulo 'Antes'
Para hoje: 'Como explicar a minha tese à Joana'
|. **Par** ti tu ra
||. Par **ti** tu ra
|||. Par ti **tu** ra
||||. Par ti tu **ra**
Depois
Alguma bibliografia

Introdução e apresentação do capítulo 'Antes'
Esta investigação tem um *antes* que remete a análise sobre a experiência realizada a partir do projecto de intercâmbio intercultural IDENTIDADES, 2003 a 2011. Ao projecto comum, entre IDENTIDADES e Associação Quilombola da Conceição das Crioulas, que na construção do currículo diferenciado incluído no *Projeto Político Pedagógico* se centrou na formação de professoras em áreas artísticas intitulado 'expressões artísticas nas escolas da comunidade da Conceição das Crioulas', 2009 a 2011 e na proposta de projecto-tese de investigação, 2011.
Algumas dessas reflexões podem ser consultadas:
Relatório de mestrado de ensino de artes visuais 'RE(L)ATAR: RELATAR, REATAR PONTOS E NÓS, Relato (in)fiel de uma ou várias situações de estágio', realizado na Faculdade de Belas Artes e Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto, 2010.
No livro 'À PROCURA DE RENOVAÇÕES DE ESTRATÉGIAS E DE NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO ARTÍSTICAS, escritas posteriores ao encontro internacional em Cabo Verde' organizado por Catarina S. Martins, Manuela Terrasêca e Vítor Martins, 2012; o texto 'Expressões Artísticas nas Escolas da Comunidade do Quilombo de Conceição das Crioulas'.

[37] I Encontro de Práticas de Investigação em Educação Artística. i2ADS, Nea, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 15 de Fevereiro de 2013

No livro 'INVESTIGAR A PARTIR DA ACÇÃO INTERCULTURAL, ID_CAI (Colectivo de Acção e Investigação)' organizado por José Carlos de Paiva e Catarina S. Martins, 2011; o texto '*Mugunzá* ou *Cachupa*: o direito à conquista e à descoberta de uma nova receita pedagógica'.

Coloco aqui dois artigos apresentados no ano 2012 ainda não publicados.

1.

II Encontro Internacional sobre Educação Artística (2EI_EA), cujo tema geral centrava-se na implicação da acção na construção de narrativas contemporâneas, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em Abril de 2012. Foi proposta uma comunicação em formato 'Oficina de carácter prático' a realizar na Casa da Imagem. Apresentada em conjunto com Inês Azevedo e Joana Mateus.

"Oficina de Si: por uma educação artística auto-reflexiva".

Questão chave

Como habitar e construir, de forma colaborativa e incidindo nos sentidos pessoais de cada um, uma Casa que vive de práticas artísticas e educativas sobre e com imagens?

Esta Oficina divide-se em dois momentos.

Num primeiro momento será apresentada uma prática resultante da experiência de construir e de habitar a Casa da Imagem concretizada pelas pessoas que lá trabalham diariamente e que compreende uma dialética constante entre produção de imagens, o registo das mesmas e os sentidos que estas promovem para quem as faz.

Esta apresentação pretende fomentar uma reflexão sobre ações de um mesmo processo do fazer: a prática e o seu registo e reflexão que, por sua vez, são também elas práticas.

A partir deste diálogo, propõe-se chamar ao discurso e ao fazer a convivência entre a prática artística, o trabalho educativo e o comprometimento destes com uma procura de sentido de si, que invocam o pensamento sobre o fazer, a ação mediante utilização de dispositivos e as relações afetivas e culturais envolvidas nesse processo criativo.

Esta oficina propõe-se objetivar e problematizar esta relação a partir da noção de Arquivo e da produção que dele resulte. Assim, apresenta-se, sob forma de Arquivo visual e sonoro, a construção e o habitar da Casa da Imagem.

Sendo o Arquivo o suporte e a imagem o objeto, a Casa da Imagem estabelece como proposta metodológica de relacionamento com a imagem, o trabalho a partir dos conceitos de pareidolia, enquanto capacidade e predisposição de atribuir sentido a elementos desconexos e, de informe, enquanto campo expandido de reinvenção da forma que contempla a emoção e a cultura. A razão desta abordagem metodológica prende-se com a possibilidade de criar imagens em confronto, isto é, de explodir as imagens e as relações formais, culturais e afetivas, que com estas se possam criar.

Ao longo de três semanas uma equipa da Casa da Imagem confrontou-se com o resultado da remodelação física do seu edifício, preservando as marcas daquilo que era (uma oficina de tipografia) e acrescentando- lhe as expetativas daquilo em que se iria tornar: um espaço de trabalho sobre a imagem. Realizaram-se registos da transformação e da nova ocupação da Casa pela equipa. Esta ocupação foi sendo feita na procura de uma permanência mas em constante tentativa de se afirmar enquanto recusa de ser estrutura estável e fixa. Deparando-se com os registos dessa transformação que se foi realizando, a equipa relacionou-se com as formas anteriores, com a desconstrução do que havia e com um agora transformado em algo que surgia como informe.

"Transgresser les formes ne veut donc pas dire se délier des formes, ni rester étranger à leur site. Revendiquer l'informe

ne veut pas dire revendiquer des non-formes, mais plutôt s'engager dans un travail des formes équivalent à ce que serait un travail d'accouchement ou d'agonie: une ouverture, une déchirure, un processus déchirant mettant quelque chose à mort et, dans cette négativité même, inventant quelque chose d'absolument neuf, mettant quelque chose au jour, fût-il le jour d'une cruauté au travail dans les formes et dans les rapports entre formes - une cruauté dans les ressemblances. Dire que les formes "travaillent" à leur propre transgression, c'est dire qu'un tel "travail" - débat autant qu'agencement, déchirure autant que tressage - fait se ruer des formes contre d'autres formes, fait dévorer des formes par d'autres formes. Formes contre formes et, nous allons vite le constater, matières contre formes, matières touchant et, quelquefois, mangeant des formes. Et ce qui aura fait l'enjeu d'un tel "travail", d'un tel conflit fécond, n'était rien d'autre qu'une nouvelle façon de penser les formes, processus contre résultats, relations labiles contre termes fixes, ouvertures concrètes contre clôtures abstraites, insubordinations matérielles contre subordinations à l'idée: or, cette nouvelle façon de penser les formes était l'oeuvre même des avant-gardes artistiques et théoriques pendant les années vingt, oeuvre dont Georges Bataille, autant que Carl Einstein ou Michel Leiris, avait découvert et compris l'incomparable valeur de bouleversement." Didi-Huberman, Georges - La ressemblance informe: ou le gai savoir visuel selon Georges Bataille. Macula. França: 1995. p- 21-22.

"[Teoria dos Maniqueus sobre a matéria]

VI, 6. Se eu, porém, te confessar, Senhor, com a minha boca e a minha pena, tudo o que me ensinaste acerca dessa matéria - ao ouvir o seu nome, sem o entender, da parte daqueles que mo explicavam, sem o entenderem - confesso-te que a representava com formas inúmeras e variadas, e por isso não a representava; o meu espírito revolvia formas repugnantes e horríveis, em completa desordem, mas, apesar de tudo, formas, e chamava-lhe informe, não porque carecesse de forma, mas por ter uma forma tal que, se fosse visível, o meu espírito a afastaria, como coisa insólita e desordenada, e perturbar-se-ia a minha fraqueza de homem; aquilo, porém, que eu me representava era informe, não por privação de toda a forma, mas por comparação com as coisas mais formosas, e a recta razão persuadia-me a que, se eu quisesse imaginar um ser inteiramente informe, devia retirar-lhe qualquer espécie de resíduo de qualquer forma, e eu não conseguia; com efeito, mais depressa julgava inexistente o que estava privado de toda a forma do que concebia um ser entre a forma e o nada, que não fosse nem forma nem nada, um ser informe próximo do nada." Santo Agostinho - Confissões. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa: 2004. p323-324 Pareidolia - do grego para, junto de ou ao lado de, e eidolon, imagem, figura ou forma.

Perante esta experiência a equipa encontrou-se num espaço de desconforto emotivo. Um espaço num estado transitório, materialmente instável e com um habitar indefinido, feito de elementos que deslizam e escapam, com o caráter próprio do informe. A vivência intrincada com essa indefinição do espaço, das matérias e das ideias, resultou na explosão dos sentidos e dos significados. Uma fruição pelo deixar fluir dos sentidos e das relações, da disponibilidade com o desvio e a deambulação atenta que se deixa atrair por aquilo que há-de ser. Esta perspetiva não resulta de uma indefinição de objectivos: esta é a manifestação própria de uma forma de se construir e habitar um lugar. O registo e o regresso ao formal é inevitável num campo de prática das artes visuais, em que se concretizam objetos. Mas esses objetos pretendem-se abertos à interferência do tempo e dos participantes que com eles se relacionam, desejando a interligação com o que vem de fora, com o estranho porque, dessa forma, se disponibiliza o retorno ao informe encontrado no início da construção da Casa.

Desta forma, chama-se a colaboração dos participantes na Oficina para continuarem o jogo iniciado. Para participarem da construção da Casa como um ninho que se apoia nos beirais dos telhados ou uma teia de aranha presa aos cantos dos quartos da Casa.

Propõe-se a todos os que se inscrevam nesta Oficina que manipulem e interfiram no Arquivo de registos feitos pela equipa da Casa da Imagem, isto é, que vivenciem, que joguem, que "pareidolizem" e que produzam novos sentidos e novas imagens para o trabalho registado e para as construções feitas previamente.

2.

VIII Encontro Internacional Fórum Paulo Freire: Imaginar um mundo onde é mais fácil amar, 19 a 22 de Setembro de 2012 organizada pela Universidade da Califórnia Los Angeles.

"A ouvir é que a gente se entende"

A medo

Começo esta escrita com medo.

Acontece, por vezes, dizer em voz alta tudo aquilo que vou escrever mas quando começo a tarefa da escrita as minhas mãos tremem e suam, a caneta escorrega, o pensamento acelera e dilui-se a certeza do que tenho para dizer. É nessa incerteza que se desenvolve esta apresentação.

Quando o texto surge, sou capaz de ficar horas a observar os espaços vazios entre as palavras que compõe a forma, na procura do sentido do que está dito e o que falta dizer. Um exercício constante entre o pensamento, a mão e a escrita. Atrevo-me a dizer, a medo, que a busca de sentido na escrita existe algures entre o sentimento, o dizer, o ouvir e a sua interpretação. A escrita surge assim como um desafio que ao desenrolar-se se descontrola mas que a posteriori se domina através da revisão, correcção e na reescrita. Qualquer coisa muito próxima entre a vida, a memória e a imagem, construção visual que retrata a vida.

Foi na comunidade quilombola[38] da Conceição das Crioulas que conheci Paulo Freire. Conheci-o sem o encontrar, esse conhecimento travou-se devagar, ao longo do tempo, e encontrei-o na voz da comunidade. Tento afincadamente contar da maneira mais profunda, mais sincera, mais completa a força e a luta desta comunidade, no entanto é neste esforço que encaro a dificuldade de fazer ouvir aquilo que só a presença permite. De forma que qualquer conto que aqui apresento só se completa numa visita à terra que fala e pede para ser ouvida.

Em movimento

Tudo começou em 2003 numa viagem que aproximou o Porto, Portugal e Salgueiro no Estado de Pernambuco, Brasil. Nessa altura eu frequentava a licenciatura em artes plásticas, escultura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e começava os meus primeiros passos dentro do movimento intercultural IDENTIDADES, um movimento que a Universidade acolhe como espaço de partilha de conhecimentos e experiência teórico-prática e que se estende a Cabo Verde, Moçambique e Brasil. O IDENTIDADES conheceu e envolveu-se a partir deste momento com esta comunidade a convite do Centro de Cultura Luiz Freire, sediada em Olinda no Estado de Pernambuco, neste primeiro contacto este intercâmbio foi representado por mim, pela Iva Viana, ambas do Porto e Rogério Manjate de Moçambique. Nesse ano, na Conceição das Crioulas, discutia-se 'que escola queremos nós?', lembro-me de ver vários grupos em reunião, as lideranças que comecei aos poucos a conhecer, que se compõem pelos mestres, as pessoas mais respeitadas da comunidade, foram chamadas a dar a sua opinião e estavam lá, todas presentes. Mas não pude ficar para ouvir, assisti o pouco que pude, curiosa pela energia que sentia latente num 'alguma coisa acontece.' Nos

[38] Quilombo ou comunidades quilombolas

quinze dias que ali passámos, orientei com a Iva uma oficina livre de artes plásticas para crianças, jovens e adultos, ou seja, para quem quisesse participar. (http://www.i2ads.org/blog/article/mugunza%C2%A0ou%C2%A0cachupa-o-direito-a-conquista-e-a-descoberta-de-uma-nova-receita-pedagogica/).

O Rogério orientou uma oficina de teatro que culminou na apresentação da história da formação da comunidade da Conceição das Crioulas. Remeto estas várias situações, agora, para a conversa de despedida que tivemos, despedida que surgia mais como vontade para voltar. Quando nos sentámos para conversar sobre um possível futuro entre nós a frase que retive foi 'queremos ser nós a contar a nossa própria história, queremos aprender a gravar e a editar filmes para saltarmos para a net e abrir as portas da nossa terra. Queremos autonomia e contar o que sabemos.'. Se calhar não foi bem por esta ordem de palavras, mas foi assim que eu retive a força das palavras do que ouvi e é assim que a memória recria.

O que acabou por acontecer, a partir do contacto que mantivemos nos dois anos seguintes, foi que em 2005 nesta parceria, organizámos uma oficina de vídeo que fez nascer o 'CrioulasVideo', uma equipa de documentaristas quilombolas que ainda hoje se mantém activa e que dá formação noutras comunidades quilombolas, contando diariamente a sua história através dos relatos dos seus habitantes (http://crioulasvideo.org/).

Sei que é desde 2003, e é uma certeza, que tomo consciência, participo, assimilo, observo, questiono, distancio-me, da importância que esta comunidade tem para o meu crescimento enquanto artista, professora, estudante mas fundamentalmente enquanto pessoa social e interventiva. O ritmo com que se mostra este lugar é marcado pelo dia, pelo sol, pela noite e pelo céu estrelado, em conversas longas e pausadas, cantadas, prolongadas. Tudo ali é um conto e um canto. É assim que ela se apresenta, cresce, se mostra firme, madura e árvore. E é assim que enfrento o medo, nesta certeza e com este registo, o de aprender a ouvir, com a certeza que a consciência de estar alerta leva à transformação.

Em termos históricos, é possível estudar a definição de quilombo ou de comunidades quilombolas referindo a sua formação ao período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), em que os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros em igual situação em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas. Estes locais eram conhecidos como quilombos. Estas comunidades crescem através do resgate da cultura africana e, dessa forma, contribuem para a formação da cultura afro-brasileira. No entanto, podemos ler em "Quilombismo: Um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira" no livro organizado por Elisa Larkin Nascimento 'AFROCENTRICIDADE uma abordagem epistemológica inovadora, que para Abdias Nascimento "*Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial*." e é nesta sustentação que deve ser hoje referida a comunidade quilombola.

A partir das leituras que vou fazendo, gostaria de transportar para aqui algumas palavras de Krishnamurti, autor e teósofo hindu, na sua publicação A Mente e o Medo onde podemos ler 'Acredito, o importante é que "escutemos" a revelação desse estado, absorvendo-a como quem contempla um belo quadro, ou como quem ouve o canto de um pássaro; e se sabemos escutar verdadeiramente, o próprio escutar, a própria percepção realiza algo radical.'. Para o meu crescimento enquanto pessoa mas também enquanto investigadora, tendo em conta que na prática me movo constantemente em contextos interculturais e interdisciplinares, atravessar vários pensamentos que se encontram no mesmo espaço de partilha na busca da sabedoria, sublinha o espaço intercultural que pode ser encontrado na leitura e enquanto sustento para a minha investigação teórica.

Houve tempos em que de forma tão séria e sincera absorvi a vontade da comunidade sem entender que o verdadeiro sentido do direito à liberdade de pensar, é um lugar que permite o direito de cada um contar a sua própria história, ou seja, não me senti com o poder de eu mesma ser autora, e com isso, ter o direito de contar a minha própria

história. O medo, ou a incapacidade de me ouvir dentro da mesma paisagem provocou um sentimento ou uma voz que me dizia que seria uma espécie de falta de respeito se o fizesse, dessa forma sempre me coloquei distante de narrar a história que fizemos juntos, em que participei. Como se esta não fosse a minha história, mas a partir do momento em que abro os meus ouvidos, os meus olhos, as minhas mãos fica difícil manter a boca fechada. Encontrei um sentido e abri-me à pertença daquele lugar, daquela história e qualquer coisa mudou em mim.
Defendi o Mestrado em Ensino das Artes Visuais em 2010 na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto com a camisola que as professoras da comunidade vestem no dia a dia na escola e que tem escrito 'cada um tem o direito de contar a sua própria história' e foi desta maneira que comecei a encontrar-me frente a um público que recebia a experiência que obtenho da partilha que tenho do mundo. Foi assim que comecei a contar o que aprendi e a transformação que deixei fosse operada em mim.
Este percurso de transformação pessoal senti-o a ganhar forma em 2008 quando juntas organizámos um programa para a formação de professoras para pensar o currículo das expressões artísticas dentro das escolas da comunidade que permitisse pensar o currículo diferenciado, intercultural e identitário dentro do Projecto Politico Pedagógico. Em 2010, no Encontro Internacional sobre Educação Artística que aconteceu em Cabo Verde, M_EIA (Escola Internacional de Artes no Mindelo) eu, a Joana Mateus do IDENTIDADES e a Márcia Nascimento da Conceição das Crioulas apresentámos algumas das nossas reflexões sobre este programa (ver http://eiea.identidades.eu/eieahtml/arquivo/2010/index5d78.html?q=pt-pt/node/91). Um programa dirigido às professoras e a todos os intervenientes que desenham o caminho que a escola pretende assumir na comunidade.
Pensei que ouvia desde a primeira vez que lá fui, mas na verdade percebo hoje que quando parei para realmente escutar, vi que a comunidade cresce numa busca descendente, em direcção às suas origens e às suas raízes. Ela sabe que fortalecidas na base se ramificam com mais vigor, com mais força e que se torna mais resistente às adversidades temporais. É uma luta constante o seu dia-a-dia. Pelo direito à terra (que suporta a raiz), à educação (que orienta o crescimento) e à saúde (que garante a continuidade). Desta forma, não se prende apenas aos seus costumes, assimila o mundo que a rodeia procurando reinventar-se todos os dias nessa partícula global.
Entendi assim que escutar, como refere Guy Berger no artigo publicado na revista Educação, Sociedade & Culturas no28 no capítulo 'da epistemologia do olhar à epistemologia da escuta' "...a escuta não existe sem uma relação, sem uma ligação entre dois sujeitos." é a forma de estar com o outro numa relação de aprendizagem e de estar no lugar do outro enquanto espaço de identificação, no encontro da forma de sentir. Se nos ouvimos todos os dias temos a capacidade de nos questionarmos, de nos entendermos e de nos orientarmos na mesma direcção. Crescer na busca de saber é o que nos torna conscientes e críticos. Conceição das Crioulas procura, constrói e reconstrói a sua identidade e oferece a sua sabedoria ao mundo e dele absorve.

Desta forma e com esta aprendizagem também procurei conhecer as minhas raízes. Venho eu de uma família contadora de histórias, de um meio rural, onde a família era composta por todos os habitantes da rua. Ao crescer mudei-me para a cidade para continuar os meus estudos e aos poucos fui assimilando outro tempo de estar no mundo. Não me apercebi que na cidade existe muito pouco tempo para escutar, a falta de silêncio é a ocupação central na actividade do dia-a-dia, estamos sempre a ser bombardeados por informação, que resulta na falta dessa mesma informação, saltamos de teoria para teoria, numa busca incessante de estar em todo o lado ao mesmo tempo, de falar de qualquer assunto com toda a capacidade aglutinadora de um resumo que apresente um domínio dos acontecimentos, passados, actuais e futuros. Todos os dias conhecemos alguém novo que surge e desaparece com

a mesma rapidez com que surgiu, aos poucos esquecemo-nos da nossa própria raiz, da nossa própria identidade. Consideramo-nos cidadãos do mundo e esquecemos a casa que sustentamos, fica ela perdida ficamos nós também.
Quando ingressei na escola, deixando de ser estudante para ser professora dei-me conta da angústia desta profissão diária, e quando voltei para fazer o Mestrado e completar a minha formação com a pedagogia que faltava apercebi-me ainda mais da surdez com que se fundamenta esta profissão. Numa relação escolar com aqueles que decidem, as directrizes impostas pelo Ministério da Educação colocam os professores num papel de burocratas, reduzindo a importância das suas acções ao preenchimento de um conjunto de papeladas e burocracias. A preocupação maior é ocupar o tempo de cada um a fazer uma coisa qualquer sem a preocupação que seja ela relevante. Por sua vez, esta obrigatoriedade, esta obsessão ocupatória transita do professor ao aluno que está na escola, este não pode nunca sonhar e divagar em assuntos que lhe preocupa, consoante a sua idade e os seus interesses e muito menos contar e contar-se a sua história, é necessário ocupá-lo, enchê-lo de papéis para preencher impedindo assim que se atinja um estudo que seja algo mais profundo. Existe uma verdadeira educação quando tanto o professor como o estudante tem a liberdade de ser educado ao mesmo tempo.

Uma pequena história

A minha mãe foi das primeiras contadoras de histórias que conheci. Essas histórias falam de um crescimento de luta e de conquista, de dor e de medo, numa constante transformação de olhar para as coisas que temos com um olhar novo re conhecendo a partir da memória mas re construindo a realidade no presente que se mostra orgânico no futuro. Numa das histórias que a minha mãe contava encontrei uma similitude à árvore que encontrei na Conceição das Crioulas.
O meu avô foi em tempos guardador de árvores, num tempo em que a electricidade era pouca ou quase nenhuma e a paisagem era pontuada por uma casa aqui, outra acolá. A casa onde a família se fixou ficava dessa forma isolada e rodeada de árvores. No inicio foi divertido, passavam horas a brincar por ali, a ver como se comportavam os coelhos bravos que abriam túneis fantásticos entre as raízes das árvores por onde muitas vezes eles, os filhos, se deixavam engolir, divertindo-se. Passado algum tempo, num outro tempo o meu avô começou a beber sem controlo, passando a viver a partir daí, esquecido. À noite quando regressava a casa, acontecia procurar a sua esposa com agressividade e encontrava nela a razão suficiente para libertar a sua raiva. Era noite, em frente à casa havia um lampião que iluminava um pouco a casa e o pinheiro, que ficava entre a casa e o portão da rua. A minha avó encontrava assim um ponto de abrigo. Ao fugir, a sua fuga consistia em sentar-se encostada ao pinheiro, na sombra que a luz provocava na árvore, e ali ficava estática entre o olhar a sua casa e o desolhar do marido, até que este se cansava e desistia.
Diva é hoje professora na escola Professor José Mendes, na Conceição das Crioulas e é uma das iniciadoras do movimento da escola na comunidade. Ela tem a sua casa num sítio território limite entre o território quilombola e o território indígena. Ali mesmo tem uma árvore, um umbuzeiro, abrigo, sala, ou lugar iniciador das primeiras reuniões para o estudo e os encontros de partilhas de saberes. Na altura da demarcação do território indígena, a linha limite do território passava mesmo no meio do umbuzeiro, a ordem que receberam foi que tinham que abater a árvore. Até que chegou o dia, e a Policia acompanhou o processo de abate do umbuzeiro, o marido de Diva saiu de casa em defesa da árvore argumentando que servia para cuidar do gado que tinha ali, mas os argumentos não serviam para demover das ordens que havia. Não sendo possível entortar a linha que marcava o território, ele pediu que cortassem o umbuzeiro assim mesmo, na vertical. Hoje, o lado que ficou no território indígena desapareceu, mas o que ficou no território quilombola cresceu e hoje é o ponto de encontro dos artistas e das artistas, que se juntam para tocar e dançar.

A ouvir

A consciência activa a liberdade que precisamos de ter para poder ver tudo como novo. A nossa memória é um óptimo instrumento de recolha, selecção, acumulação, capaz de provocar medos e ansiedades, muitas vezes levando-nos a procurar sistemas de maior protecção fechando-nos a capacidade de re olhar, re ouvir, re sentir como algo que se re nova e se apresenta como se fosse a primeira vez. A informação que guardamos na nossa memória permite-nos sobreviver face as adversidades da vida, mas impede-nos muitas vezes de nos renovar. Essa defesa provoca-nos um sentido de procurar métodos e modelos como sendo a forma mais eficaz de nos orientarmos, de nos definirmos, de nos fazermos entender, limitando muitas vezes a nossa capacidade de actuar.

A liberdade da gestão do tempo. 'Para ler é preciso estar parado' e para ouvir? É na pausa, na contemplação, no parar, é nesse movimento que se encontra o 'eu' e com ele o sentido social, o estar entre. Na tentativa de estar constantemente ocupado perde-se também o sentido de comunidade, perde-se a noção de grupo, a pertença do contexto e do texto em que nos lemos. Na procura de definições buscamos constantemente um método, muitas das vezes encaramos esse método como sendo fixo, que permite a cópia e a repetição constante. Motivados pelo desejo de resolver uma dor ou uma situação pontual, avançamos com a rapidez de encontrar um lugar seguro, prendemo-nos a fórmulas procurando assim atingir o objectivo de dar respostas seguras a um poder que se mostra dominante. Seja ele um poder político, económico, social ou pessoal. É no entanto na abertura, na pausa, no exercício de manter a consciência activa de perceber o real que se baseia e que se encontra a arte do encontro, do crescer e da identidade que se procura.

Termino por hoje sabendo que quando encaramos um grupo novo, uma situação nova, o medo encontra-se lá também. E é nessa incerteza que se desenvolve o contacto, as mãos suam, a voz parece que não quer sair, o pensamento acelera, o coração também. E é entre pausas e silêncios que se marca o ritmo, a vontade, a partilha. Esse espaço vazio permite entender o que se diz. E é aqui que acontece a transformação.

A sala de aula não é um dado adquirido, a escola também não. A constante aproximação/afastamento, falar/ouvir, espaços vazios/cheios é o que define o meio em que nos colocamos. Atrevo-me a sair, a medo, na busca de um sentido na construção da escola que se assente entre o sonho, o dizer, o ouvir e a terra. A educação surge assim como um desafio que ao desenrolar-se se descontrola mas que a posteriori se domina através da re visão, do re olhar, do re ouvir. Qualquer coisa muito próxima entre a vida, a memória e a imagem, construção visual que retrata a vida.

Ali conheci Paulo Freire porque muito provavelmente foi ali que Paulo Freire se tornou ouvinte.

Agora

Procuro assim, neste momento focar a preocupação que me envolve neste período de trabalho após uma estadia na comunidade entre Outubro e Dezembro de 2012. Dessa forma, enquanto transcrevo as entrevistas realizadas, vou reflectindo e avançando na escrita. Aqui segue uma parte do desenvolvimento da escrita da tese.

Faço intenções que a escrita desta tese repense escritas anteriores a ela e, por isso, uma continuação dos trabalhos realizados. Que a escrita possa apresentar um pensamento em diálogo. Um antes para um agora, ou talvez, para um depois. Escrever torna-se assim, um processo não mecânico. Em vez disso escrever é um exercício assente na prática de ler onde se num momento incido o pensamento num ponto que me parece menos desenvolvido, possa numa leitura seguinte acentuar um outro ponto.

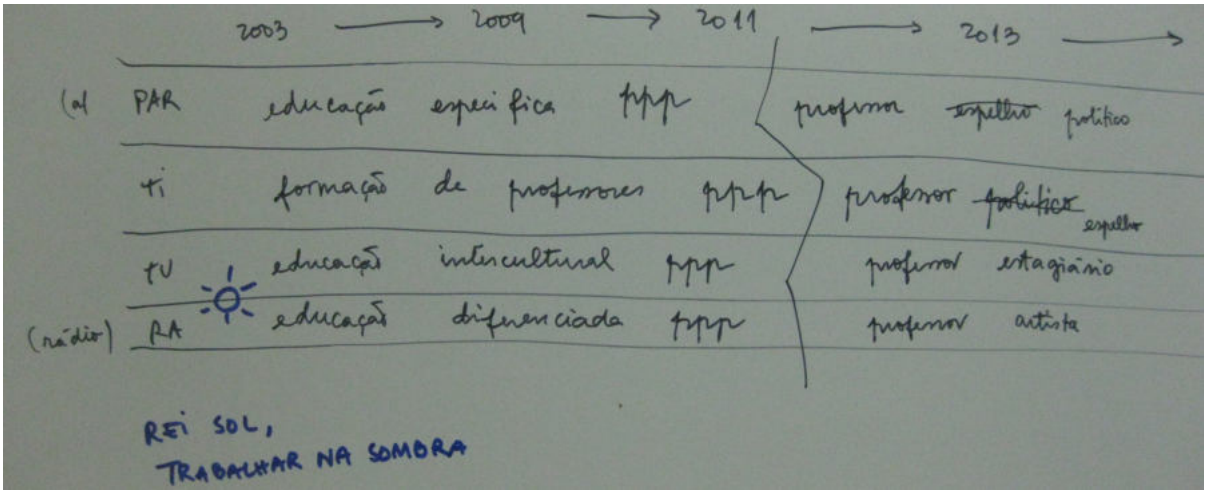
Acima de tudo que esta escrita procure mostrar o ver, antes de uma outra qualquer procura, não apenas enquanto o exercício visual de construção de imagens, mas ver enquanto um exercício de análise crítica de um modo de fazer ver.

Cada análise abre-se com atenção aos contextos onde cada experiência se incidiu, se em contexto de mestrado, na

comunidade da Conceição das Crioulas, na comunidade académica e cientifica ou na comunidade que compreendo como cidade do Porto, que compreende o projecto de intercâmbio IDENTIDADES. Percebendo o contexto em que determinada situação foi posta em observação, em contraste com o contexto em que de novo se coloca o olhar. Ao reflectir sobre o que foi analisado, que se torne possível intervir a pesquisa de uma investigação cada vez maior em direcção à realidade e não no sentido oposto, ao de fechar os olhos.

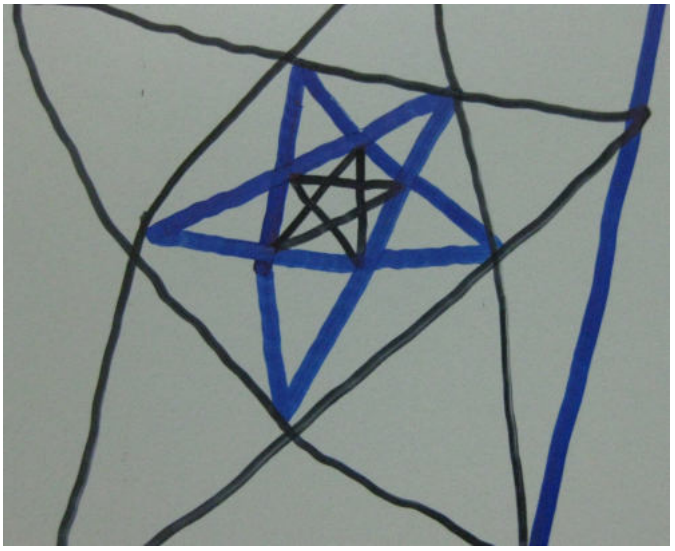
Para hoje: 'Como explico a minha tese à Joana'

Depois de apresentar o que estive a fazer, vou tentar explicar onde estou agora e como está a decorrer o meu estudo.
A grande questão em que me encontro, perante este desafio, é o de querer explicar tudo. Mas como explicar tudo por partes? Se explicar tudo será que se percebem as partes? E se explicar as partes, será que se percebe tudo? Nestas tentativas, comecei a desenhar gráficos, como se fossem esqueletos, ou índices.
Desenho mapas ao mesmo tempo que transcrevo as entrevistas.

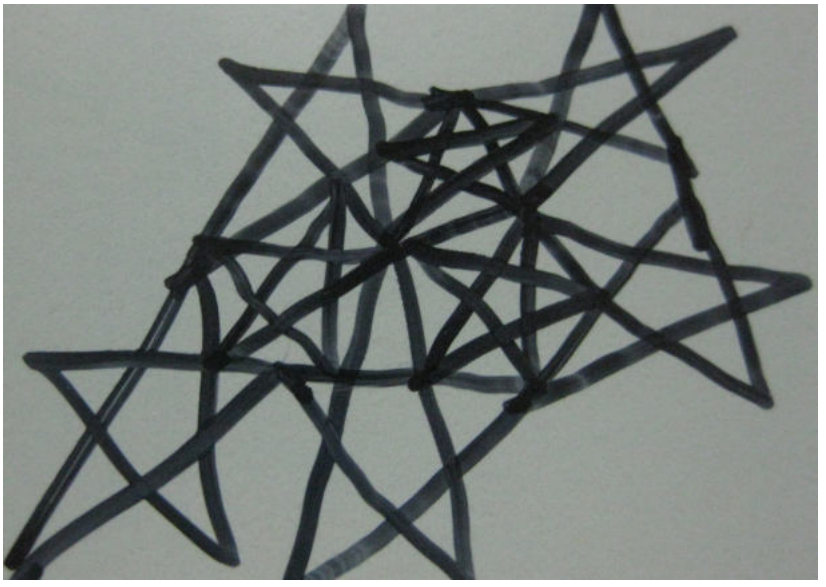


Procuro desta forma esclarecer. Este mapa surge a partir das cinco rectas horizontais que compõe uma pauta. Os espaços entre as rectas paralelas são ocupados pelas secções de análise teórica Par ti tu ra. Sem ter a certeza se esta é a ordem, arrisco uma relação entre os assuntos e a melhor secção onde os colocar. Desta forma, quando falo de educação específica quererei falar do contexto, da comunidade, do par com quem habitamos e trabalhamos. Analisar determinada realidade para dentro de uma estrutura escolar assente na construção do Projecto Político Pedagógico (PPP). Ainda procurar pensar o professor nas suas mais diversas funções. Como exemplo, desenvolver a ideia que é acompanhada pelo pensar o professor político. Hesito. Provavelmente o conceito professor político ficaria mais desenvolvido se o colocasse na secção ti, onde quererei falar sobre a formação de professores e onde procuro apresentar uma análise que pense o outro, o comunicar, o fazer contigo. A questão agora é, então como é que estruturo? Exploro primeiramente o significado de qualquer termo, palavra, ideia e depois saberei onde colocá-la? Exploro cada uma das ideias, continuando, com o exemplo do professor político em todos os campos, e em todos os campos exploro essa relação? Aceito esta diversidade? Os assuntos andam realmente ao lado uns dos outros, a saltar de um lado para o outro? Ou cruzam- se? Ou são todos o mesmo?

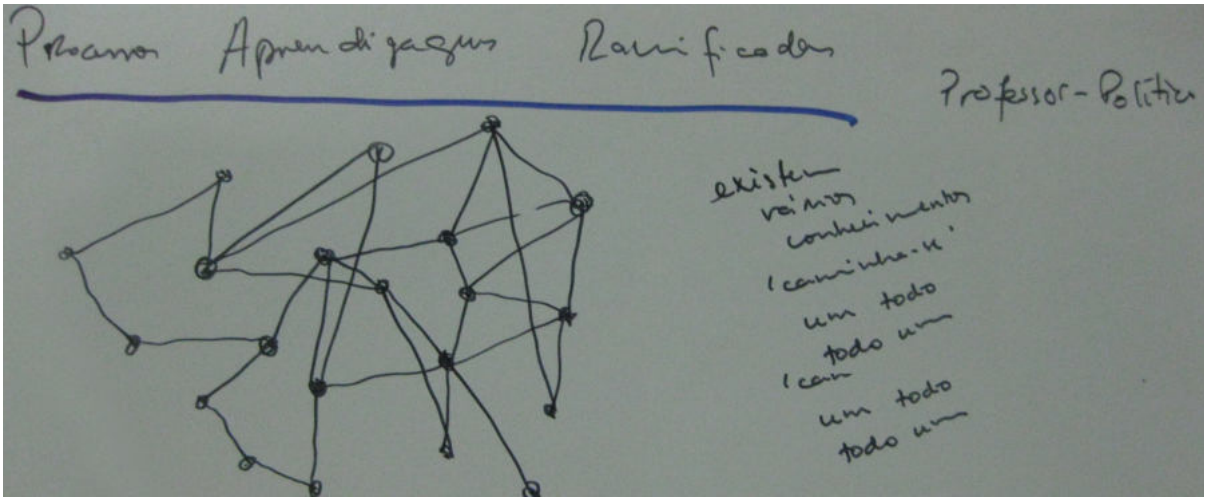
Vejo demasiada organicidade. Como se organiza uma comunidade orgânica?
E se as rectas se cruzam? Cruzei as rectas. O resultado foi uma estrela de cinco pontas. Um pentágono, com um centro pentagonal. E se continuar a desenhar micro? E se continuar a desenhar macro?
Desenho mais um mapa.



Reparo que ao cruzar assuntos, temos um espaço interior em que o assunto não se separa. Posso vê-lo como uma comunidade? Se sim, dentro de cada comunidade, existe uma outra comunidade, que por sua vez teve origem numa outra comunidade. Cada vez maior, mais diversa, mais complexa, ou cada vez menor e tão diversa quanto complexa.
Desenho outro mapa.



Neste caso, se forem comunidades, temos para além de micro e macro, um padrão uniforme que se expande para ambos lados.
Mas se os pontos forem pontos que se unem sem uma relação contida.



Desenho mapas ao mesmo tempo que transcrevo entrevistas.
Nas entrevistas de formato aberto, em jeito de conversa, falamos do sonho, das conquistas, de relatos pessoais que narram experiências obtidas e vividas através da formação escolar e das aprendizagens do conhecimento obtido nesse percurso numa estrita relação com a vida e o espaço comunitário.
As rectas nos desenhos, ainda não tinha mencionado, não sei se são barreiras que se querem diluídas, demarcadas ou presentes apenas. Se é pela vontade de organizar, de focar, de assumir um 'isto termina aqui logo começa aqui'. Sei que podem ser barreiras do analfabetismo, desconhecimento, informação, fronteira, rio, cerca... Sei que pode ser tudo isso, porque é o que me indicam as conversas. No entanto vejo que todas as conversas dizem 'eu quero falar do mundo, mas só posso falar a partir de mim e nessa fala que o mundo se pense e que a partir de mim, ele fale'.
Apresento de seguida um pouco do que cada assunto percorre.

| **Par** ti tu ra
A par com a comunidade.
A par com a diversidade.
A par com o mundo.
Nesta investigação procura-se apresentar um espaço de discussão composto por várias discussões. De um grupo que se compõe por vários grupos. No inicio desta proposta utilizei a referencia exercício de um estafeta. Eu passo o testemunho a outro, que passa o testemunho a outra, que passa o testemunho a mim e eu passo o testemunho a outra. A corrida foi a imagem que encontrei como uma melhor ilustração de mostrar o movimento do decorrer da investigação. Numa corrida, não em comparação com os outros que correm mas como processo interior, onde todos correm. Neste espaço, comunidade da Conceição das Crioulas, existem conhecimentos que se denunciam através da tradição oral e do testemunho pessoal, que foram a base de transmissão cultural e identitária durante anos.

É, nesta forma, uma matéria orgânica que se ramifica sem um completo controlo, antes pelo contrário, existe dentro de um todo composto pelas partes.
Quando a corrida existe em comparação com os outros, Aparecida Mendes, liderança da comunidade, quando falamos da dificuldade de ocupar espaço no ensino superior, apresenta a seguinte reflexão - Não se pediu para alguém parar, nunca se pediu isso. Alguém tem que parar pró outro acompanhar. É tipo: dois atletas correndo na mesma velocidade quando um começa bem à frente do outro, não vai acompanhar se não houver um processo de aceleramento.
Dentro do Projecto Político Pedagógico é de Educação Específica que falo. O adulto é também convidado a ocupar o lugar de mestre na escola.

|| Par **ti** tu ra
Neste capítulo, de ti, pensar o outro como elemento fundamental no processo de aprendizagem. Educo-me com que finalidade? A pensar no outro, em nós. Numa perspectiva de professor espelho (divagar um pouco mais sobre isto). Que coloca em análise o conceito de currículo diferenciado como o objecto a atingir, perceber, dominar. Que transformações ocorre, que filtros, que linguagens se desenvolvem e que interacções constroem.
Dentro da comunidade as professoras são tias, mães, portanto família, é um processo assente constantemente no fazer contigo e não de mim para ti.
Ao longo deste capítulo a análise discorre a partir de duas leituras: o livro de Paulo Freire 'Professora, sim; tia, não - cartas a quem ousa ensinar' e o livro de Jacques Rancière 'Mestre Ignorante'.A experiência que aqui se constrói assenta-se numa base onde todo são 'Mestre Ignorante' – as professoras são também estudantes, aprendem entre elas e com a comunidade, traduzindo o conhecimento empírico em conhecimento científico. No entanto, a questão da tradução que existe no 'Mestre Ignorante' a nível linguístico, segue na direcção de traduzir recursos, leituras, produção de imagens e produtos. E a noção de professora-tia em Paulo Freire segue no sentido de conferir uma profissionalização crítica, consciente e livre. As professoras são também neste contexto, mães, tias, avós, portanto família.
Dentro do Projecto Político Pedagógico é de formação de professores(as) que falo. Coloca-se a questão: as professoras quilombolas só concorrem para as escolas quilombolas, as professoras do território quilombola concorrem para qualquer escola.

|| Par ti **tu** ra
Neste espaço tu procura uma análise do outro, do eu, do nós e do vós. Eu, quem sou? Investigar onde e o quê? Com quem? Como?
O reflexo da diversidade coloca cada um como ser individual e apresenta-se desse modo como respeitador de uma outra cultura, intrínseca em cada um, que se mostra e que declara modos próprios de habitar em pleno sertão, rural, com os seus meios de subsistência como a falta de água, ausência de electricidade, situações de isolamento.
Dentro do Projecto Político Pedagógico, é da Educação Intercultural que falo. A comunidade estabelece-se numa relação contínua de cruzamento entre índios locais, descendentes de negros e de europeus. Dessa forma, situa-se num campo complexo, muitas vezes, controverso. Com uma forte consciência política, a comunidade define-se em volta da unidade quilombola, mas tem consciência que a sua convivência se constrói entrelaçado com várias culturas. Se o Projeto Político Pedagógico se define enquanto quilombola, na escola a prática revela outras participações e abre outras discussões. Qualquer tentativa de simplificar um discurso surge assim como uma imposição do próprio discurso, e se uns se identificam nessa simplificação, outros consideram-se oprimidos dentro da sua própria comunidade. Como

pode uma escola manter-se singular, na construção de um discurso amplo e complexo, numa preocupação constante, de forma a fazer-se entender numa comunidade global que procura entender sempre um todo num tempo eficaz. A escola do ensino médio depara-se com uma demanda: qual a diferença desta escola em relação às outras?

||| Par ti tu **ra**

Nesta secção ra procuro entender a presença de manifestações ou expressões artísticas presentes na comunidade, nos modos de fazer. Da presença de diversas linguagens e do cruzamento do conhecimento que, entre elas, se potencia. Dentro do Projecto Político Pedagógico, é da Educação Diferenciada que falo. Como se constrói o currículo diferenciado, com exemplos e demonstrações práticas, entre a teoria e a prática. Falo de desenho, de escrita, de oralidade, de fotografia, de cerâmica, de têxtil, de uma sistematização do ensino.

Depois

Continuo. Continuo a pensar questões. Continuo a transcrever entrevistas. A procurar o lugar onde cada pode ser referenciada. A estruturar a próxima acção. A preparar as oficinas com professoras e alunos a realizar na comunidade. A relacionar a diferença do mundo de um ponto global para o particular ou de um ponto particular para o geral.

Alguma bibliografia

Abbot, Edwin A. (1993). *Flatland O país plano*. Lisboa: Gradiva

Augé, Marc (1998). *A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção*. Oeiras: Celta Editores

Britto, Jomard Muniz de (1992). *Bordel Brasilírico Bordel: antropologia ficcional de nós mesmo*. Recife: Comunicart

Dreyfus, Dominique (1996). *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo: Ed.34.

Freire, Paulo; Shor, Ira (1986). *Medo e Ousadia O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra

Lévi-Strauss, Claude (1952). *Raça e História*. Lisboa: Editorial Presença

Krishnamurti, Jiddu (n/d). *A Mente e o Medo*. Rio de Janeiro: Ediouro

Machado, Alvaro (org.) (2000). *Mestres-artesãos*. São Paulo: Escola de Reeducação do Movimento Ivaldo Bertazzo.

Martins, Catarina S.; Terrasêca, Manuela; Martins, Vítor (org.)(2012). *À procura de renovações de estratégias e de narrativas sobre educação artística*. Porto: GESTO Cooperativa Cultural

Nascimento, Abdias (2009). "Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico- cultural da população Afro-brasileira" *in* Elisa Larkin Nascimento (org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro

Paiano, Enor (1996). *Tropicalismo bananas ao vento no coração do Brasil*. São Paulo: Scipione

Paiva, José Carlos de; Martins, Catarina S. (org.) (2011). *Investigar a partir da acção intercultural*. Porto: GESTO Cooperativa Cultural

Ramos, Graciliano (1973). *Vidas Sêcas*. São Paulo: Martins

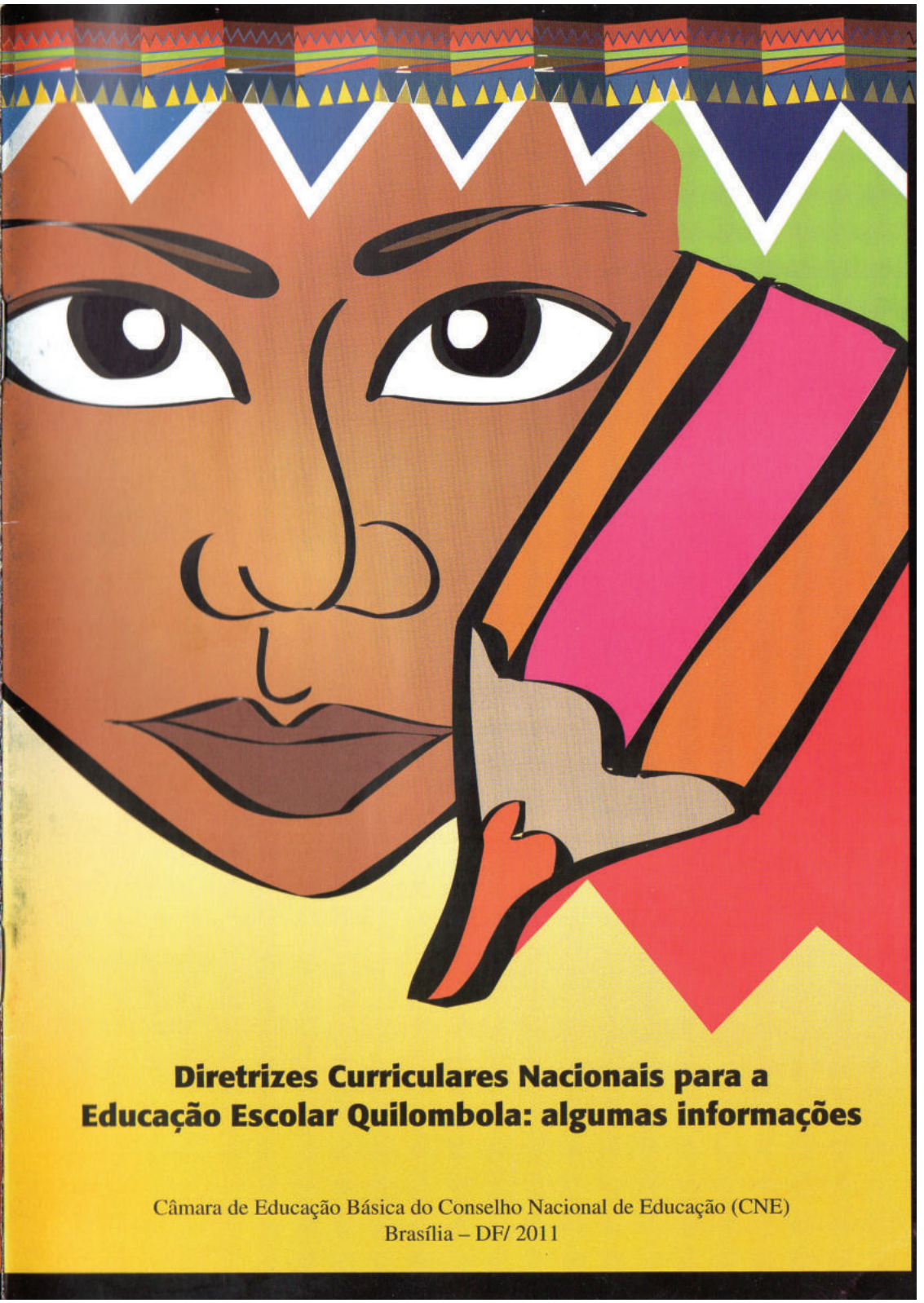
Outros documentos de consulta (consultados nos locais onde se desenrola a investigação)

1.Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

2.Princípios da Educação Quilombola

3.Educação quilombola: um direito a ser efetivado

ANEXO XXI


Diretrizes Curriculares Nacionais para a
Educação Escolar Quilombola: algumas informações
Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE)
Brasília – DF/ 2011

Iniciando nossa conversa

A Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) iniciou, em 2011, o processo de elaboração ***das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola***.

Estas diretrizes vão orientar os sistemas de ensino para que eles possam colocar em prática a Educação Escolar Quilombola mantendo um diálogo com a realidade sociocultural e política das comunidades e do movimento quilombola.

Por que elaborar
Diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola?

A Conferência Nacional de Educação (CONAE) ocorrida em Brasília, em 2010, realizou um debate sobre a 'diversidade' no campo da política educacional. As discussões da CONAE resultaram na inclusão da **educação escolar quilombola como modalidade da educação básica** no Parecer CNE/CEB 07/2010 e na Resolução CNE/CEB 04/2010 que instituem as Diretrizes Curriculares Gerais para a Educação Básica. Isso significa que a regulamentação da Educação Escolar Quilombola nos sistemas de ensino deverá ser consolidada em nível nacional e seguir orientações curriculares gerais da Educação Básica e, ao mesmo tempo, garantir a especificidade das vivências, realidades e histórias das comunidades quilombolas do país.

Deverá seguir, também, as orientações do Parecer CNE/CP 03/2004 e Resolução CNE/CP 01/2004 que instituem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos das escolas públicas e privadas da Educação Básica, bem como as demais orientações e resoluções do CNE voltadas para a educação nacional.

Como esse processo de elaboração das diretrizes vai acontecer?

Trata-se de um processo longo que envolverá a realização de três audiências públicas que estão previstas para acontecer no Maranhão, na Bahia e no Distrito Federal. Nessas reuniões serão ouvidos quilombolas, educadores, pesquisadores, representantes de movimentos sociais e dos setores do poder público (governo) que vão discutir e refletir sobre alguns temas que vamos apresentar aqui. Somente após todo esse trabalho é que o texto final das diretrizes será concluído.

A partir do momento em que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola forem discutidas, finalizadas e homologadas pelo Ministro da Educação, os sistemas de ensino e os cursos de formação inicial e continuada de professores da Educação Básica de todo o país deverão cumprir com o dever e a responsabilidade de colocá-las em prática.

Para isso deverão considerar vários aspectos da realidade dos povos quilombolas, tais como: **o que se entende por quilombo, quilombo como território, as lutas da comunidade quilombola, a relação entre quilombos e trabalho, cultura e ancestralidade africana, os avanços e limites do direito dos quilombolas na legislação brasileira e a educação escolar quilombola.**

O que se entende
atualmente por quilombos?

Desde 1988, a Constituição Federal, em seu Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT/CF), garante: *"aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos"*.

De acordo com o Decreto 4.887/2003, os **quilombos** são: *grupos étnico-raciais segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida"*. (Art. 2º do Decreto 4887, de 20/11/2003).

Algumas características das comunidades quilombolas

As comunidades quilombolas no Brasil são múltiplas e variadas e se encontram distribuídas em todo o território nacional. Em algumas regiões elas são mais numerosas e em outras não. Há comunidades que ficam no campo (rurais) e outras que ficam nas cidades (urbanas); que se constituem por meio de fortes laços de parentesco e herança familiar ou não; que receberam as terras como doação e que se organizaram coletivamente e adquiriram a terra.

Para os quilombolas, pensar em território é considerar um pedaço de terra como algo de uso de todos da comunidade (é uma terra de uso coletivo) e algo que faz parte deles mesmos, uma necessidade cultural e política da comunidade que está ligada ao direito que possuem de se distinguirem e se diferenciarem das outras comunidades e de decidirem seu próprio destino. Eles vivem em territórios que podemos chamar de **tradicionais**:

"Os territórios tradicionais são espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária(...)". (Artigo 3, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto 6.040 de 07 de fevereiro de 2007).

Educação escolar quilombola:

reflexões que deverão ser aprofundadas nas diretrizes

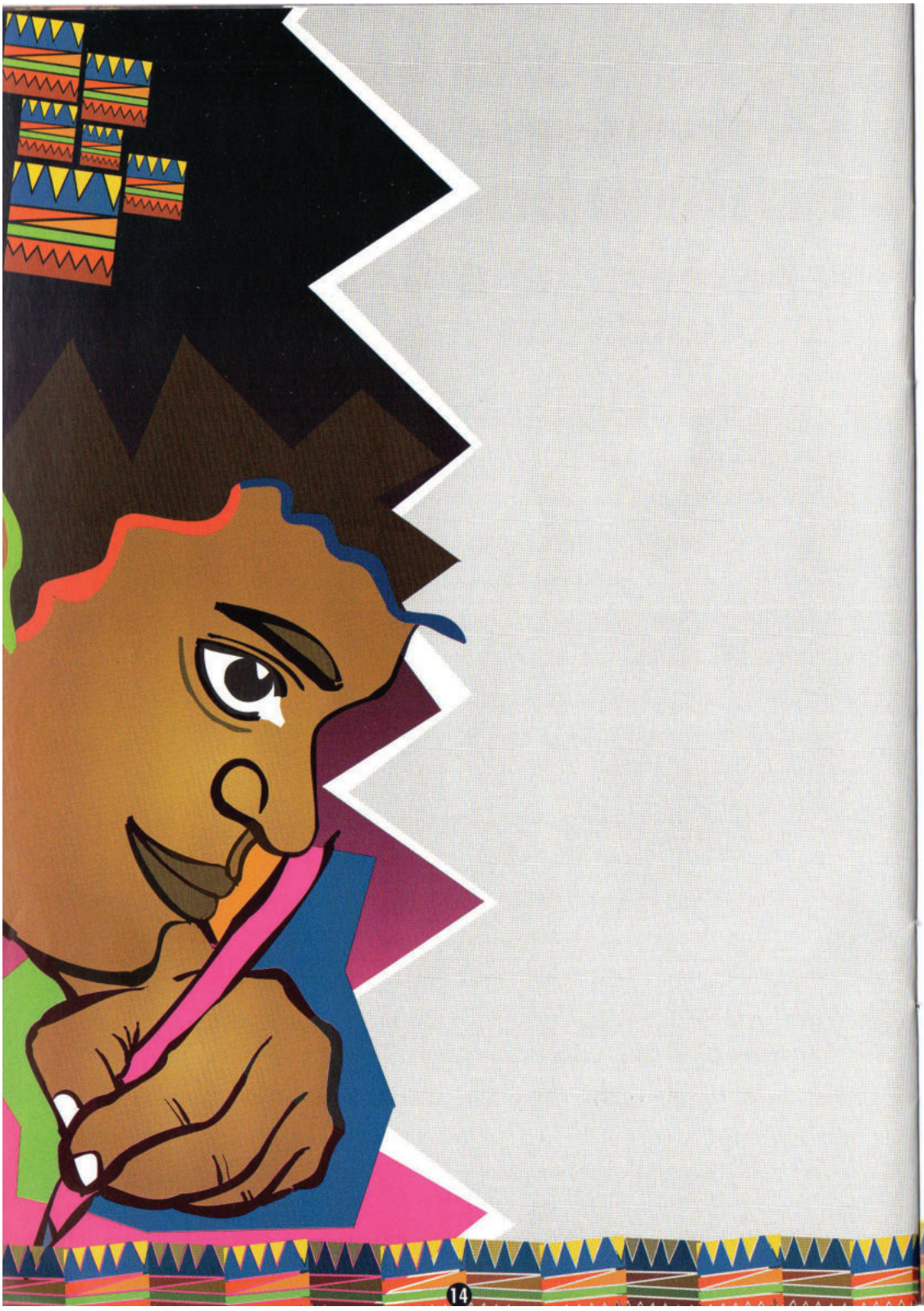
No Brasil, existem hoje, segundo os dados da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura, 3.754 comunidades remanescentes de quilombos, identificadas com maior concentração nos estados do Maranhão, Bahia e Minas Gerais. De acordo com outras fontes, esse número pode chegar a cinco mil.

Existem no Brasil, em áreas remanescentes de quilombos, 1.561 escolas de ensino fundamental e 57 de ensino médio (INEP/2009). Estas informações sobre a realidade das escolas de Educação Básica localizadas em regiões quilombolas ou que atendam essa parcela da população ainda são insuficientes.

É dever do Estado superar essa lamentável situação e da sociedade civil pressionar para que o mesmo implemente políticas públicas que garantam o direito à especificidade da educação escolar quilombola.

A educação escolar quilombola deve ter **como referência valores sociais, culturais, históricos e econômicos dessas comunidades**. Para tal, a escola deverá se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorize o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território.

Portanto, a escola precisa de currículo, projeto político-pedagógico, espaços, tempos, calendários e temas adequados às características de cada comunidade quilombola para que o direito à diversidade se concretize. Essa discussão precisa fazer parte da formação inicial e continuada dos professores.



O que é afinal,
a educação escolar quilombola?

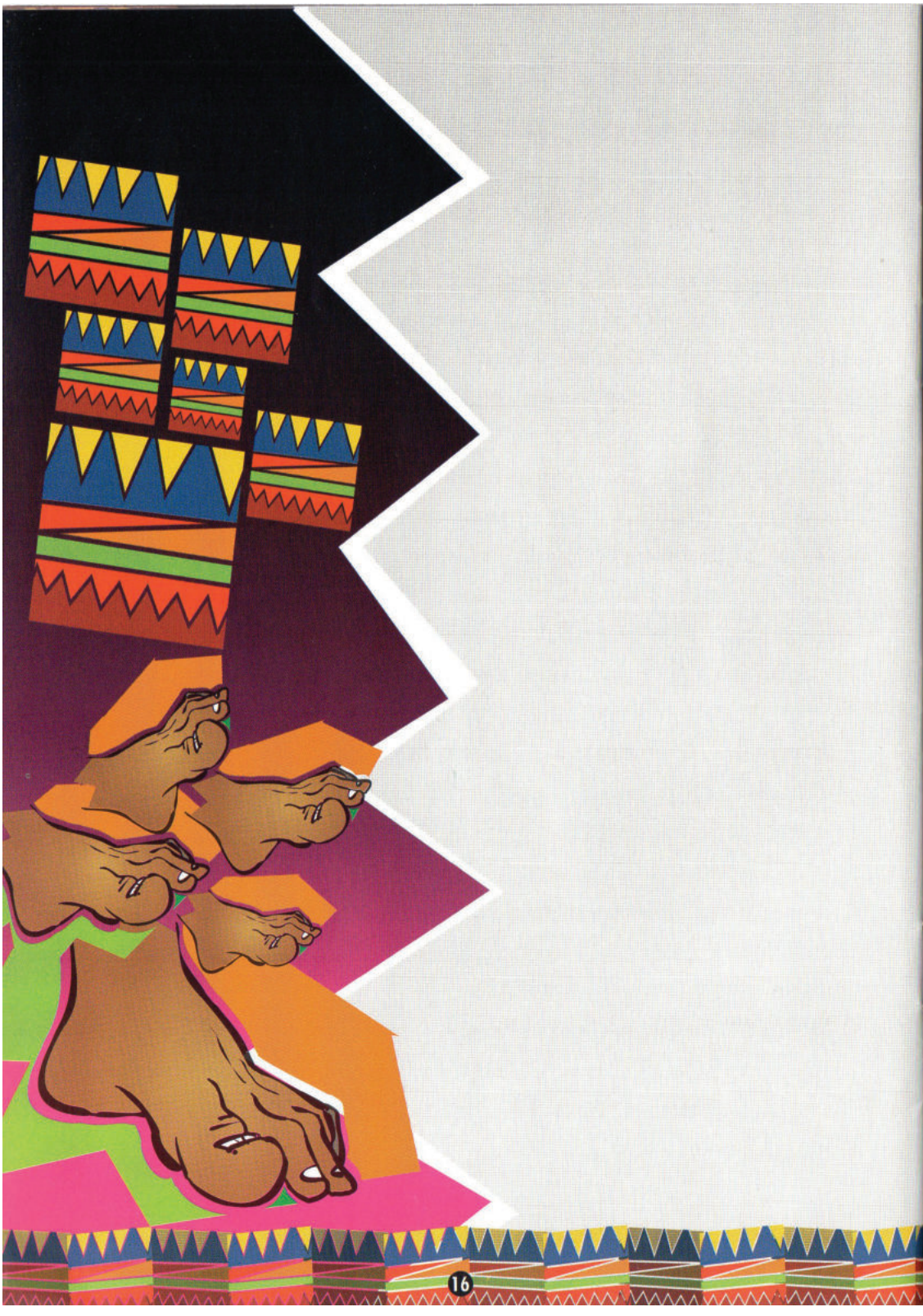
Para responder a essa pergunta será necessário ouvir as comunidades remanescentes de quilombos a fim de conhecer os diferentes pontos de vista, explicitar, conceituar e regular a educação escolar quilombola como modalidade da educação básica. Esse processo poderá contribuir não só para definir melhor o que, de fato, chamamos de Educação Escolar Quilombola, bem como orientará a gestão pública e os sistemas de ensino em relação às necessidades dessa modalidade, tais como: financiamento, arquitetura escolar, condições de trabalho do professor, formação de professores, alimentação escolar, formas de ensinar e aprender e o processo didático-pedagógico. Assim, para garantir a educação escolar quilombola como um direito, o poder público deverá implementar políticas públicas em articulação com o movimento quilombola.

Além do mais, três outros pontos merecem destaque:

1. a construção **do Projeto Político Pedagógico (PPP) e da proposta curricular da escola** deverá ser espaço de troca de conhecimentos e experiências de todos aqueles envolvidos na oferta dessa modalidade de educação em articulação com a comunidade local.

2. a **formação inicial e continuada dos professores** com base na realidade da comunidade quilombola na qual a escola está inserida, sem perder de vista a relação entre o local e o nacional.

3. a **gestão da escola** deverá se efetivar autônoma e democraticamente para que o atendimento à especificidade dessas comunidades seja um dos eixos da educação igualitária, exigindo dos sistemas de ensino a garantia efetiva do direito à educação escolar quilombola.



Um passo importante:
conjugação de forças

A construção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola é um passo importante para a concretização de uma Política Nacional de Educação Escolar Quilombola, mas não é o único.

A **situação das comunidades remanescentes de quilombos** no Brasil é **muito séria e tensa e vai além da educação**. Ela tem sido uma história de luta contra a opressão e a violência. Nos tempos da escravidão essa luta se dava em relação ao regime escravista. Na atualidade, ela se dá em relação à posse indevida das terras quilombolas por grupos com poder político e econômico resultando, inclusive, em assassinatos e outras formas de violência.

Portanto, a tarefa da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) precisa se dar, prioritariamente, em diálogo com os próprios quilombolas - sujeitos centrais desse processo - e sua organização política e cultural.

Expediente

Conselho Nacional de Educação

Presidente

Antônio Carlos Caruso Ronca

Presidente da Câmara de Educação Básica

Francisco Aparecido Cordão

Vice-presidente:

Adeum Hilário Sauer

Comissão da Câmara de Educação Básica:

Adeum Hilário Sauer

Clélia Brandão Alvarenga Craveiro

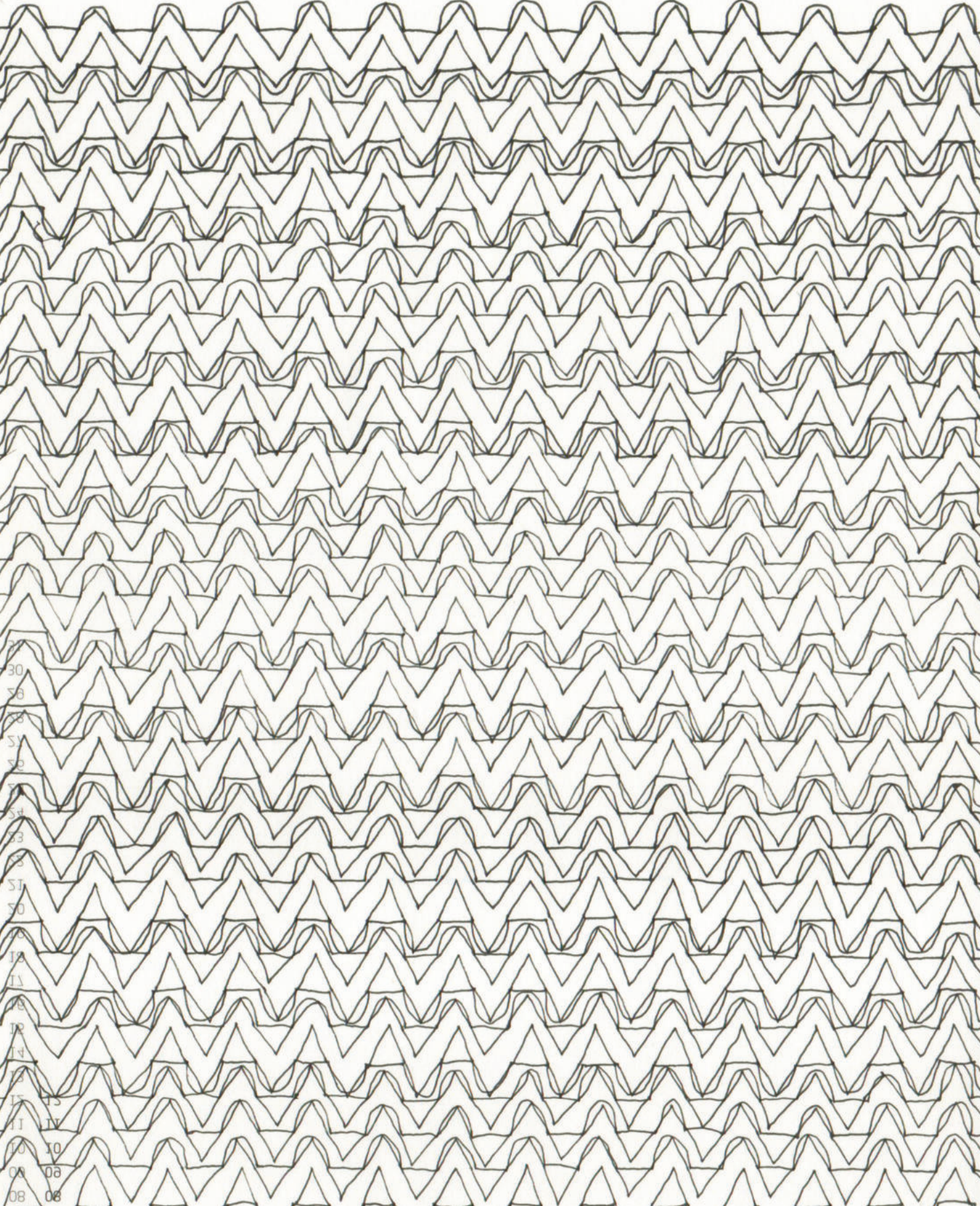
Nilma Lino Gomes *(relatora)*

Raimundo Moacir Mendes Feitosa

Rita Gomes do Nascimento *(presidente)*

Consultora

Maria da Glória Moura

Produção Gráfica

Arte Contexto Ltda